

matriz para um poema

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da  
Biblioteca Central/UEDESC,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Oliveira, Sebastião Gaudêncio Branco de  
Hugo Mund Júnior: Arquivo e gesto artístico / Sebastião  
Gaudêncio Branco de Oliveira. -- 2019.  
504 p.

Orientadora: Rosângela Miranda Cherem  
Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa  
Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-graduação em Artes  
Visuais, Florianópolis, 2019.

1. Hugo Mund Júnior. 2. História da Arte Catarinense. 3.  
Arquivo. 4. Gesto. 5. Linguagem. I. Cherem, Rosângela Miranda .  
II. Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes,  
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. III. Título.



**Sebastião Gaudêncio Branco de Oliveira**

**HUGO MUND JÚNIOR:  
ARQUIVO E GESTO ARTÍSTICO**

Dissertação apresentada ao curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Orientadora Prof<sup>ª</sup> Dra. Rosângela Miranda Cherem

**FLORIANÓPOLIS  
2019**



**SEBASTIÃO GAUDÊNCIO BRANCO DE OLIVEIRA**

**HUGO MUND JÚNIOR:  
ARQUIVO E GESTO ARTÍSTICO**

Dissertação apresentada ao curso de mestrado do Programa de Pós-graduação  
em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina,  
como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Florianópolis, 30 de julho de 2019.

**Banca examinadora:**

Orientadora: \_\_\_\_\_

**PROF<sup>a</sup> DRA. ROSÂNGELA MIRANDA CHEREM (PPGAV/UDESC)**

Membro: \_\_\_\_\_

**PROF<sup>o</sup> DR. ROGÉRIO ROSA (PPGH/UDESC)**

Membro: \_\_\_\_\_

**PROF<sup>a</sup> DRA. TELMA SCHERER (DLLV/UFSC)**

Suplente: \_\_\_\_\_

**DRA. LUCIANA BITTENCOURT TISCOSKI (PPGAV/UDESC)**

Suplente: \_\_\_\_\_

**PROF<sup>a</sup> DRA. DEBORAH ALICE BRUEL GEMIN (EMBAP/UNESPAR)**



Dedicado à Isadora Stähelin,  
Hugo Mund Júnior, Rosângela  
Miranda Cherem, estudantes,  
professores, pesquisadores e  
artistas do Brasil.



## AGRADECIMENTOS

Aos meus entes pelo apoio incondicional; aos amigos de infância; à Dora pelo amor, carinho e amparo durante a pesquisa; à Rosângela Cherem pela paciência e confiança no processo de orientação; aos colegas de mestrado Anna Moraes, Rafaela Maria Martins, Mário Oliveira e Flávia Person por toda vivência de diálogo, respeito e troca de ideias; a todos que não mencionei – colegas de mestrado e amigos de banda – mas que exerceram influência em meu processo de aprendizado.

Agradecimentos especiais à Clive Mund por sua atenção; a Eliane Prudêncio por mediar o diálogo com a família; ao Álvaro Henrique Fieri por abrir a reserva técnica do MASC; à Susana Bianchini por autorizar o acesso ao Museu; ao Marcos e Gabi que encontraram imagens; ao Fabiano Garcia que auxiliou com as fontes; à Tina Merz que fortaleceu o contato com a cultura gráfica; à Ana Luiza Andrade que me apresentou Beti e à Editora Noa Noa; à Virginia Alves por enviar as imagens da coleção de sua família; ao Onor Filomeno pela conversa esclarecedora; ao Beбето Oliveira por comentar seu contato com o artista; à Mariana e Renato de Brasília por irem à UnB retirar o livro de Mund; à Ana Carolina Lima e Gabriel Villas pela diagramação e edição; à Telma Scherer, Rogério Rosa, Luciana Tiscoski e Deborah Bruel que aceitaram participar como banca examinadora; ao Frederico Moraes e ao Professor Antônio Miranda por retornarem às solicitações que enviei.

À equipe de servidores das Oficinas de Arte e do Museu de Arte de Santa Catarina que me possibilitam desenvolver estudos artísticos em níveis de formação docente, ampliação de repertório artístico e de pesquisa documental.

À equipe do Museu Nacional de Brasília e do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro pelo ágil envio de material.

À equipe da Biblioteca Central da UDESC e do Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas da FAED, bem como aos servidores da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina pela liberdade de acesso aos dados importantes para a pesquisa. Principalmente pela dedicação em tornar disponível saberes relevantes à cultura catarinense.

Ao artista Hugo Mund Júnior por sua incrível produção artística e docente que revelam muito sobre as artes gráficas em Santa Catarina.

Por fim, agradeço ao Programa de Pós-graduação em Artes Visuais (PPGAV/UDESC) pela oportunidade de ampliar saberes e por conceder via Programa de Bolsas de Monitoria de Pós-graduação (PROMOP) o fomento para desenvolver este trabalho, cujo aporte financeiro possibilitou a conclusão do mesmo.



## RESUMO

Esta investigação, de caráter biográfico-documental, reúne, sistematiza e discute aspectos da vida e obra do artista brasileiro Hugo Mund Júnior (Mafra/SC, 1933), com objetivo de reconhecer um arquivo de referências e identificar os principais gestos em sua produção gráfica. A primeira parte consiste em delinear seu percurso artístico, a partir de três perspectivas que levam aos gestos de ilustrador e editor: seus primeiros repertórios de leitura; a atuação em movimentos artísticos modernistas, em paralelo à formação acadêmica; e a criação da editora Edições do Livro de Arte. A segunda parte aborda a elaboração do repertório de Mund e discute suas soluções formais através de dois eixos de produção: a ilustração figurativa e a poesia visual. A face ilustrativa, apresenta cenas cotidianas em figuras e símbolos fúnebres e sinestésicos, enquanto o eixo da poesia visual reduz-se a gráficos, projetos e textos que operam leis de uma comunicabilidade lógica, objetiva e universal. Os gestos de ilustrador e editor revelam um arquivo dedicado a ver, intervir e transmitir um programa poético de estruturas linguísticas construídas pela imagem e a palavra.

**Palavras-chave:** Hugo Mund Júnior. História da Arte Catarinense. Arquivo. Gesto. Linguagem.



## RESUMEN

Esta investigación, biográfico-documental, reúne, sistematiza y discute aspectos de la vida y obra del artista brasileño Hugo Mund Júnior (Mafra / SC, 1933), con el objetivo de reconocer un archivo de referencias y identificar los principales gestos en su producción gráfica. La primera parte consiste en una delineación de su carrera artística, desde tres perspectivas que conducen a los gestos de ilustrador y editor: sus primeros repertorios de lectura; su actuación en movimientos artísticos modernistas en paralelo con la formación académica; y la creación de la editorial Edições do Livro de Arte. La segunda parte presenta la elaboración del repertorio de Mund y discute sus soluciones formales a través de dos ejes de producción: la ilustración figurativa y la poesía visual. El lado ilustrativo, presenta escenas cotidianas en figuras y símbolos funerarios y sinestésicos, mientras que el eje de la poesía visual se reduce a gráficos, proyectos y textos que operan las leyes de la comunicabilidad lógica, objetiva y universal. Los gestos del ilustrador y editor revelan un archivo dedicado a ver, intervenir y transmitir un programa poético de estructuras lingüísticas construidas por la imagen y la palabra.

**Palabras clave:** Hugo Mund Júnior. Historia del Arte Catarinense. Archivo. Gesto. Lenguaje.



## SUMMARY

This biographical-documentary research gathers, systematizes and discusses aspects of the life and work of the Brazilian artist Hugo Mund Júnior (Mafra / SC, 1933), aiming to recognize a file of references and identify the main gestures in your graphic production. The first part consists of a delineate of his artistic career, from three perspectives that lead to the gestures of illustrator and editor: his first reading repertoires; acting in modernist artistic movements, in parallel with academic formation; and the creation of the publisher Edições do Livro de Arte. The second part deals with Mund's repertoire and discusses his formal solutions through two axes of production: figurative illustration and visual poetry. The illustrative face presents everyday scenes in funeral and synesthetic figures and symbols, while the axis of visual poetry is reduced to graphics, projects and texts that operate the laws of logical, objective and universal communicability. The gestures of illustrator and editor reveal an archive dedicated to seeing, intervening and transmitting a poetic program of linguistic structures constructed by image and word.

**Keywords:** Hugo Mund Júnior. History of Santa Catarina Art. File. Gesture. Language.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mund Júnior, Hugo. Desenho em carvão. S/T. 1959.	35
Figura 2 – Mund Júnior, Hugo. Página do livro <i>Germens</i> . 1967-1977.	37
Figura 3 – Fotografia. 2º ano do curso científico do Colégio Catarinense, 1950.	44
Figura 4 – Mund Júnior, Hugo. Desenho. <i>Ternura</i> . 1949.	45
Figura 5 – Mund Júnior, Hugo. Desenho em página da Revista Sul. 1950.	46
Figura 6 – Jornal Ô Catarina nº 30. 1998.	50
Figura 7 – Mund Júnior, Hugo. Página do livro <i>Germens</i> . 1967-1977.	51
Figura 8 – Mund Júnior, Hugo. Experiência de linoleogravura. 1952.	56
Figura 9 – Jornal do Commercio. Amazonas. 28 abr. Xilogravuras. 1968.	62
Figura 10 – Mund Júnior, Hugo. Xilogravura. S/T. 1955.	69
Figura 11 – Capa do livro de Nataniel Dantas. <i>Veias Desatadas</i> , 1961.	71
Figura 12 – Capa do livro de Braga Montenegro. <i>As Viagens</i> , 1961.	71
Figura 13 – Capa do livro de Gunnar Myrdal. <i>Subdesenvolvimento</i> , 1970.	74
Figura 14 – Convite da exposição individual Mund: desenhos e gravuras. 1959.	77
Figura 15 – Convite da exposição individual Mund: desenhos e gravuras. 1959.	77
Figura 16 – Mund Júnior, Hugo. Xilogravura. <i>Sorriso interior</i> . 1961.	80
Figura 17 – Wladimir Dias Pino. Detalhe de livro <i>A ave</i> . 1956.	90
Figura 18 – Mund Júnior, Hugo. Página de livro <i>Palavra e Cor</i> , 1988.	90
Figura 19 – Neide Sá. S/T. <i>Nanquim e letyraser sobre papel vegetal</i> . 1967.	92
Figura 20 – Mund Júnior, Hugo. Página de livro <i>Germens</i> . 1967-1977.	92
Figura 21 – Haroldo de Campos. <i>Nasce Morre</i> . 1958.	95
Figura 22 – Mund Júnior, Hugo. <i>Morrer Nascer</i> . 1993.	95
Figura 23 – Anexo 1 Mund Júnior, Hugo. Desenho. <i>Ternura</i> . 1949.	119
Figura 24 – Anexo 1 Mund Júnior, Hugo. Desenho. S/T. 1950.	
Figura 25 – Anexo 1 Reprodução de desenho. <i>Dor</i> . 1954.	
Figura 26 – Anexo 1 Mund Júnior, Hugo. Desenho. S/T. 1951.	
Figura 27 – Anexo 1 Mund Júnior, Hugo. Desenho. S/T. 1952.	
Figura 28 – Anexo 1 Mund Júnior, Hugo. Desenho. S/T. 1951.	
Figura 29 – Anexo 1 Mund Júnior, Hugo. Desenho. <i>Terra</i> . 1952.	
Figura 30 – Anexo 1 Mund Júnior, Hugo. Desenho. Capa. <i>Sul</i> nº17. 1952.	
Figura 31 – Anexo 1 Experiência <i>Revista Sul</i> nº 17. 1952.	
Figura 32 – Anexo 1 Mund Júnior, Hugo. Desenho. Capa. <i>Sul</i> nº18. 1952.	
Figura 33 – Anexo 1 Experiência <i>Revista Sul</i> nº 18. 1952.	
Figura 34 – Anexo 1 Mund Júnior, Hugo. Desenho. <i>Mercado Público Florianópolis</i> . 1951.	
Figura 35 – Anexo 1 Desenho para livro <i>A ponte de Antônio Paladino</i> . 1951.	
Figura 36 – Anexo 1 Mund Júnior, Hugo. Desenho. <i>Pescadores</i> . 1957.	
Figura 37 – Anexo 1 Mund Júnior, Hugo. Desenho. S/T. 1954.	
Figura 38 – Anexo 1 Mund Júnior, Hugo. Linoleogravura. S/T. 1954.	135
Figura 39 – Anexo 2 Mund Júnior, Hugo. Peça. <i>O louco</i> . <i>Revista Sul</i> nº10. 1949.	137
Figura 40 – Anexo 2 Mund Júnior, Hugo. Peça. <i>O louco</i> . <i>Revista Sul</i> nº10. 1949.	
Figura 41 – Anexo 2 Mund Júnior, Hugo. Peça. <i>O louco</i> . <i>Revista Sul</i> nº10. 1949.	140
Figura 42 – Anexo 3 Mund Júnior, Hugo. Conto. <i>No bar e café “expresso”</i> . <i>Revista Sul</i> nº18. 1952.	141

- Figura 43 – Anexo 3 Mund Júnior, Hugo. Conto. *No bar e café “expresso”*. Revista Sul nº18. 1952.
- Figura 44 – Anexo 3 Mund Júnior, Hugo. Conto. *No bar e café “expresso”*. Revista Sul nº18. 1952.
- Figura 45 – Anexo 3 Mund Júnior, Hugo. Conto. *No bar e café “expresso”*. Revista Sul nº18. 1952.
- Figura 46 – Anexo 3 Mund Júnior, Hugo. Conto. *No bar e café “expresso”*. Revista Sul nº18. 1952. 146
- Figura 47 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Linoleogravura. Recanto de estância. 1955. 147
- Figura 48 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Experiência de linoleogravura. 1952.
- Figura 49 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura. *Descanso*. 1955.
- Figura 50 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura. *Descanso*. 1955.
- Figura 51 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura. S/T. 1955.
- Figura 52 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura. Menino dormindo. 1956.
- Figura 53 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura. Abandonados. 1956.
- Figura 54 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura. Sob o caramanchão. 1956.
- Figura 55 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura. Pescadores de caju. 1956.
- Figura 56 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura. Barco encalhado. 1957.
- Figura 57 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura. Casa. 1957.
- Figura 58 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura. Jardim. 1957.
- Figura 59 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura. Velho Portão. 1957.
- Figura 60 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura. Sobrado. 1957.
- Figura 61 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura. A grande sede. 1961.
- Figura 62 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura. Sorriso interior. 1961.
- Figura 63 – Anexo 4 Jornal Boi de Mamão Especial Cruz e Sousa, 1980.
- Figura 64 – Anexo 4 Jornal Boi de Mamão Especial Cruz e Sousa, 1980.
- Figura 65 – Anexo 4 Jornal Ô Catarina nº46 maio, 2001.
- Figura 66 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. *Xilogravuras com 7 pranchas*. 1958.
- Figura 67 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro *O Vigia e a Cidade de Silveira de Sousa*, 1960.
- Figura 68 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro *O Vigia e a Cidade de Silveira de Sousa*, 1960.
- Figura 69 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro *O Vigia e a Cidade de Silveira de Sousa*, 1960.
- Figura 70 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro *O Vigia e a Cidade de Silveira de Sousa*, 1960.
- Figura 71 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro *O Vigia e a Cidade de Silveira de Sousa*, 1960.
- Figura 72 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro *O Vigia e a Cidade de Silveira de Sousa*, 1960.
- Figura 73 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro *O Vigia e a Cidade de Silveira de Sousa*, 1960.
- Figura 74 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro *O Vigia e a Cidade de Silveira de Sousa*, 1960.
- Figura 75 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro *O Vigia e a Cidade de Silveira de Sousa*, 1960.
- Figura 76 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro *O Vigia e a Cidade de Silveira de Sousa*, 1960.

- Figura 77 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro *O Vigia e a Cidade* de Silveira de Sousa, 1960.
- Figura 78 – Anexo 4 Pereira, Maura de Senna. Capa do livro *País de Rosamor*, 1962.
- Figura 79 – Anexo 4 Pereira, Maura de Senna. Folha de rosto *País de Rosamor*, 1962.
- Figura 80 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro *País de Rosamor* de Maura de Senna Pereira, 1962.
- Figura 81 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro *País de Rosamor* de Maura de Senna Pereira, 1962.
- Figura 82 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro *País de Rosamor* de Maura de Senna Pereira, 1962.
- Figura 83 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro *País de Rosamor* de Maura de Senna Pereira, 1962.
- Figura 84 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro *País de Rosamor* de Maura de Senna Pereira, 1962.
- Figura 85 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro *País de Rosamor* de Maura de Senna Pereira, 1962.
- Figura 86 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro *País de Rosamor* de Maura de Senna Pereira, 1962.
- Figura 87 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro *País de Rosamor* de Maura de Senna Pereira, 1962.
- Figura 88 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro *País de Rosamor* de Maura de Senna Pereira, 1962.
- Figura 89 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro *País de Rosamor* de Maura de Senna Pereira, 1962.
- Figura 90 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro *País de Rosamor* de Maura de Senna Pereira, 1962.
- Figura 91 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro *País de Rosamor* de Maura de Senna Pereira, 1962.
- Figura 92 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro *País de Rosamor* de Maura de Senna Pereira, 1962.
- Figura 93 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro *País de Rosamor* de Maura de Senna Pereira, 1962.
- Figura 94 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro *País de Rosamor* de Maura de Senna Pereira, 1962.
- Figura 95 – Anexo 4 Convite da exposição *Mund: desenhos e gravuras*. Hotel Querência/SC. 1959.
- Figura 96 – Anexo 4 Convite da exposição *Mund: desenhos e gravuras*. Hotel Querência/SC. 1959.
- Figura 97 – Anexo 4 O Jornal/RJ, 27 de novembro de 1959.
- Figura 98 – Anexo 4 Jornal do Brasil/RJ, 4 de dezembro de 1963.
- Figura 99 – Anexo 4 Fotocópia de Jornal desconhecido com foto e desenho.
- Figura 100 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Desenho. S/T. 1957.
- Figura 101 – Anexo 4 Registro de obra. S/T.
- Figura 102 – Anexo 4 Detalhe em livro com dois desenhos de 1958.
- Figura 103 – Anexo 4 Convite da exposição *Mund, desenhos e aquarelas*, Galeria Vila Rica/SP. 1962.

- Figura 104 – Anexo 4 Registro de desenho. S/T.
- Figura 105 – Anexo 4 Reprodução de desenhos. S/T. 1961.
- Figura 106 – Anexo 4 Registro de desenho para livro *Carmel* de Paim da Luz. 1963.
- Figura 107 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. *Cavador do infinito*. 1981.
- Figura 108 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 109 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 110 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 111 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 112 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 113 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 114 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 115 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1962.
- Figura 116 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 117 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1962.
- Figura 118 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 119 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 120 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1962.
- Figura 121 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 122 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 123 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1962.
- Figura 124 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 125 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 126 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 127 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 128 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 129 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 130 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 131 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 132 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 133 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 134 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 135 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. *Anjo da decomposição*. 1961/62.
- Figura 136 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 137 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 138 – Anexo 4 Convite da exposição *Desenhos de Mund*. Aliança Francesa de Brasília, 1963.
- Figura 139 – Anexo 4 Convite da exposição *Desenhos de Mund*. Aliança Francesa de Brasília, 1963.
- Figura 140 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 141 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 142 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 143 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961.
- Figura 144 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 145 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 146 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 147 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.

- Figura 148 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 149 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 150 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 151 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 152 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 153 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1962.
- Figura 154 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 155 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 156 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 157 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. *Última discussão*. 1961/62.
- Figura 158 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961.
- Figura 159 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 1961/62.
- Figura 160 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Pintura. S/T. 1957.
- Figura 161 – Anexo 4 Mund Júnior, Hugo. Pintura. S/T. 1964. 264
- Figura 162 – Anexo 5 Mund Júnior, Hugo; UnB. *Desenho de observação*. N/D. 265
- Figura 163 – Anexo 5 Mund Júnior, Hugo; UnB. *Desenho de observação*. N/D.
- Figura 164 – Anexo 5 Mund Júnior, Hugo; UnB. *Desenho de observação*. N/D.
- Figura 165 – Anexo 5 Mund Júnior, Hugo; UnB. *Desenho de observação*. N/D.
- Figura 166 – Anexo 5 Mund Júnior, Hugo; UnB. *Desenho de observação*. N/D.
- Figura 167 – Anexo 5 Mund Júnior, Hugo; UnB. *Desenho de observação*. N/D.
- Figura 168 – Anexo 5 Mund Júnior, Hugo; UnB. *Desenho de observação*. N/D.
- Figura 169 – Anexo 5 Mund Júnior, Hugo; UnB. *Desenho de observação*. N/D.
- Figura 170 – Anexo 5 Mund Júnior, Hugo; UnB. *Desenho de observação*. N/D.
- Figura 171 – Anexo 5 Mund Júnior, Hugo; UnB. *Desenho de observação*. N/D. 291
- Figura 172 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Serigrafia s/ papel. S/T. N/D. 294
- Figura 173 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Guache s/papel. Composição. 1981.
- Figura 174 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Pintura acrílica s/tela. S/T. 1984.
- Figura 175 – Anexo 6 Registro de pintura em acrílico s/tela. 1984.
- Figura 176 – Anexo 6 Registro de pintura em acrílico s/tela. 1984.
- Figura 177 – Anexo 6 Registro de pintura em acrílico s/tela. 1984.
- Figura 178 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Capa de livro *Gráficos*. 1968.
- Figura 179 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Página de livro *Gráficos*. 1968.
- Figura 180 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Página de livro *Gráficos*. 1968.
- Figura 181 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Página de livro *Gráficos*. 1968.
- Figura 182 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Capa de livro *Palavras que não são palavras*. 1969.
- Figura 183 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Página de livro *Palavras que não são palavras*. 1969.
- Figura 184 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Página de livro *Palavras que não são palavras*. 1969.
- Figura 185 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Página de livro *Palavras que não são palavras*. 1969.
- Figura 186 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Página de livro *Palavras que não são palavras*. 1969.
- Figura 187 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Página de livro *Palavras que não são palavras*. 1969.
- Figura 188 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Página de livro *Palavras que não são palavras*. 1969.
- Figura 189 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Página de livro *Palavras que não são palavras*. 1969.
- Figura 190 – Anexo 6 Convite de exposição *Projetos Visuais*. Museu Amador B. da Veiga/SP. 1969.
- Figura 191 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Diagrama desconhecido. 1973.
- Figura 192 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Capa do livro *Germens*. 1967-1977.
- Figura 193 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Páginas do livro *Germens*. 1967-1977.
- Figura 194 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Páginas do livro *Germens*. 1967-1977.

Figura 195 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Página do livro *Germens*. 1967-1977.  
Figura 196 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Página do livro *Germens*. 1967-1977.  
Figura 197 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Página do livro *Germens*. 1967-1977.  
Figura 198 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Páginas do livro *Germens*. 1967-1977.  
Figura 199 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Páginas do livro *Germens*. 1967-1977.  
Figura 200 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Páginas do livro *Germens*. 1967-1977.  
Figura 201 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Páginas do livro *Germens*. 1967-1977.  
Figura 202 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Páginas do livro *Germens*. 1967-1977.  
Figura 203 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Páginas do livro *Germens*. 1967-1977.  
Figura 204 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Página do livro *Germens*. 1967-1977.  
Figura 205 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Página do livro *Germens*. 1967-1977.  
Figura 206 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Páginas do livro *Germens*. 1967-1977.  
Figura 207 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Página do livro *Germens*. 1967-1977.  
Figura 208 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Página do livro *Germens*. 1967-1977.  
Figura 209 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Página do livro *Germens*. 1967-1977.  
Figura 210 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Página do livro *Germens*. 1967-1977.  
Figura 211 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Página do livro *Germens*. 1967-1977.  
Figura 212 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Página do livro *Germens*. 1967-1977.  
Figura 213 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Página do livro *Germens*. 1967-1977.  
Figura 214 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Página do livro *Germens*. 1967-1977.  
Figura 215 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Página do livro *Germens*. 1967-1977.  
Figura 216 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Página do livro *Germens*. 1967-1977.  
Figura 217 – Anexo 6 Registro de poemas visuais de livro *Germens*. 1977.  
Figura 218 – Anexo 6 Registro de poemas visuais de livro *Germens*. 1977.  
Figura 219 – Anexo 6 Registro de poemas visuais de livro *Germens*. 1977.  
Figura 220 – Anexo 6 Jornal Boi de Mamão, nº00, nov. 1979.  
Figura 221 – Anexo 6 Jornal Boi de Mamão, nº00, nov. 1979.  
Figura 222 – Anexo 6 Folha de rosto de livro *Medusas*. 1985.  
Figura 223 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Capa do livro *Palavra e Cor*. 1988.  
Figura 224 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Páginas do livro *Palavra e Cor*. 1988.  
Figura 225 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Páginas do livro *Palavra e Cor*. 1988.  
Figura 226 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Páginas do livro *Palavra e Cor*. 1988.  
Figura 227 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Páginas do livro *Palavra e Cor*. 1988.  
Figura 228 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Páginas do livro *Palavra e Cor*. 1988.  
Figura 229 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Páginas do livro *Palavra e Cor*. 1988.  
Figura 230 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Páginas do livro *Palavra e Cor*. 1988.  
Figura 231 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Páginas do livro *Palavra e Cor*. 1988.  
Figura 232 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Páginas do livro *Palavra e Cor*. 1988.  
Figura 233 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Páginas do livro *Palavra e Cor*. 1988.  
Figura 234 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Páginas do livro *Palavra e Cor*. 1988.  
Figura 235 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Páginas do livro *Palavra e Cor*. 1988.  
Figura 236 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Páginas do livro *Palavra e Cor*. 1988.  
Figura 237 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Páginas do livro *Palavra e Cor*. 1988.  
Figura 238 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Páginas do livro *Palavra e Cor*. 1988.  
Figura 239 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Páginas do livro *Palavra e Cor*. 1988.  
Figura 240 – Anexo 6 Processo 2. Lara Lemos e Neide Sá. 1969.  
Figura 241 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Poema visual. *Ego*. 1969.

Figura 242 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Poema visual. <i>Ego</i> . 1969.	
Figura 243 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Poema visual. <i>Escrituras</i> . 1969.	
Figura 244 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Poema visual. <i>Escrituras</i> . 1969.	
Figura 245 – Anexo 6 Mund Júnior, Hugo. Carimbo. <i>Realização de Hugo Mund Júnior</i> . 1969.	381
Figura 246 – Anexo 7 Imagens e currículo resumido. 1993.	384
Figura 247 – Anexo 7 Mund Júnior, Hugo. Poema visual. Limites do olho. 1993.	
Figura 248 – Anexo 7 Mund Júnior, Hugo. Poema visual. Contato. 1996.	
Figura 249 – Anexo 7 Mund Júnior, Hugo. Poema visual. Morrer nascer. 1998.	
Figura 250 – Anexo 7 Mund Júnior, Hugo. Poema visual. Falar ouvir. 1998.	388
Figura 251 – Anexo 8 Minha experiência em gravura. Relato atribuído. N/D.	390
Figura 252 – Anexo 8 Centro de criatividade de Brasília. Fotocópia de documento datilografado. N/D.	
Figura 253 – Anexo 8 <i>Germens</i> : não dar o fogo, mas a faísca. Depoimento em jornal incompleto. N/D.381	
Figura 254 – Anexo 8 Mund Júnior, Hugo. Texto em convite de exposição Desenhos de Luis Carlos Farias. S/T. N/D.	
Figura 255 – Anexo 8 Fotocópia de jornal de Brasília. N/D. Assinado por Luiz Antônio Alves e <i>Hugo Mund Jr</i> .	
Figura 256 – Anexo 8 Mund Júnior, Hugo. Texto em convite de exposição Vinhetas de Paulo Vecchietti. MASC. 1993.	
Figura 257 – Anexo 8 Carta de Mund a Aldo Nunes. Brasília, 28 de setembro de 1978.	396
Figura 258 – Anexo 9 Lago, Fernando. D'aquém e d'além mar Hugo Mund Filho: um novo valor. 1959.	398
Figura 259 – Anexo 9 Andrade Filho, João Evangelista. Mund Júnior: a seriedade do fazer e o desenho da alma. N/D.	
Figura 260 – Anexo 9 Cardoso, Lúcio. S/T. Sem fonte. N/D.	
Figura 261 – Anexo 9 Jean, Yvonne. Exposição de Hugo Mund. Correio Brasiliense. 1963.	
Figura 262 – Anexo 9 Pereira, Maura de Senna. Mund. Gazeta de Notícias/RJ. 1962.	
Figura 263 – Anexo 9 Silva, Quirino da. Um desenhista. Diário de São Paulo. 1962.	
Figura 264 – Anexo 9 Vieira, José Geraldo. Mund. 1962.	
Figura 265 – Anexo 9 Gramacho, Jair. <i>Desenhos de Mund</i> . Convite de exposição na ACFB. 1963.	
Figura 266 – Anexo 9 Pinto, José Nêumanne. <i>Hugo Mund Júnior</i> . 1973.	
Figura 267 – Anexo 9 Miranda, Alcides da Rocha. <i>Desenhos de Mund</i> . Convite de exposição na Galeria Verseau/RJ, 1964.	
Figura 268 – Anexo 9 S/A. Currículo e comentário datilografado. N/D.	
Figura 269 – Anexo 9 S/A. Destaque: <i>Hugo Mund Júnior</i> . Florianópolis. 1978.	
Figura 270 – Anexo 9 Ayala, Walmir. Poema gráfico. Jornal do Brasil/RJ. 1967.	
Figura 271 – Anexo 9 S/A. <i>Hugo Mund Jr</i> . N/D.	
Figura 272 – Anexo 9 S/A. <i>Hugo Mund Júnior</i> , Brasil. N/D.	
Figura 273 – Anexo 9 Mund Júnior, Hugo. 1970.	
Figura 274 – Anexo 9 S/A. As não-palavras de Mund. Correio Braziliense. 1969.	
Figura 275 – Anexo 9 Costa, Bianor Paulino da. O corte semiótico em Hugo Mund. A Margem/RN, 1993.	
Figura 276 – Anexo 9 Souza, Silveira. Apresentação de livro Flauta de Espuma. 1986.	

- Figura 277 – Anexo 9 Horta, Anderson Braga. Do risco à palavra. Prólogo de livro Ícones da Terra, 1985.
- Figura 278 – Anexo 9 Ayala, Waldir. Apresentação de livro Espelho Ardente. 1985.
- Figura 279 – Anexo 9 S/A. Poesia e mais poesia. N/D.
- Figura 280 – Anexo 9 S/A. Versos clássicos de Hugo Mund. Diário Catarinense. 1992.
- Figura 281 – Anexo 9 Bell, Lindolf. Rubens Oestrom, *Hugo Mund Júnior*, hoje. Jornal de Santa Catarina. 1987.
- Figura 282 – Anexo 9 S/A. Todo espaço aos poetas. 1987.
- Figura 283 – Anexo 9 Wolff, Joca. E agora, qual será o futuro do museu em 88? O Estado/SC. 1987.
- Figura 284 – Anexo 9 Brüggemann, Fábio. Rompendo novamente com o marasmo. A Notícia. 1989.
- Figura 285 – Anexo 9 Moraes, Maria Helena de. Fim do amadorismo. Diário Catarinense. N/D.
- Figura 286 – Anexo 9 Iensen, Jacqueline. 50 anos de diversidade. A Notícia. 2008.
- Figura 287 – Anexo 9 Iensen, Jacqueline. Cinco décadas de arte na Ilha. Diário Catarinense. 2008. 427
- Figura 288 – Anexo 10 Página de currículo datilografado com dados até 1993. 430
- Figura 289 – Anexo 10 Página de currículo datilografado com dados até 1993.
- Figura 290 – Anexo 10 Página de currículo datilografado com dados até 1993.
- Figura 291 – Anexo 10 Página de currículo datilografado com dados até 1993.
- Figura 292 – Anexo 10 Página de currículo datilografado com dados até 1993.
- Figura 293 – Anexo 10 Página de currículo datilografado com dados até 1993.
- Figura 294 – Anexo 10 Fotocópia de exposição Internacional de Novíssima Poesia/69.
- Figura 295 – Anexo 10 Convite de exposição Momentos do Acervo: núcleo inicial – 1949/1951. 2008.
- Figura 296 – Anexo 10 Termo de transcrição de dados. Reitoria UnB. 12 de fev. de 1979.
- Figura 297 – Anexo 10 UnB. Ato da Reitoria nº87, UnB. 11 de mar. de 1966.
- Figura 298 – Anexo 10 UnB. Ato da Reitoria nº442. 21 de ago. de 1966.
- Figura 299 – Anexo 10 UnB. Ato da Reitoria nº25. 14 de jan. de 1967.
- Figura 300 – Anexo 10 UnB. Ato da Reitoria nº338. 30 de mar. de 1968.
- Figura 301 – Anexo 10 Governo do DF, Secretaria de Educação e Cultura, Coordenação de Educação Média. Resolve elogiar *Hugo Mund Júnior*. 16 de dez. de 1970
- Figura 302 – Anexo 10 Carta de Augusto Rodrigues Correa à Hugo Mund. 13 de dez de 1987. 445

## LISTA DE ABREVIATURAS

A3	Tamanho de papel 29,7 x 42 centímetros
A4	Tamanho de papel 21 x 29,7 centímetros
ASS.	Assinado
C.I.D.	Canto inferior direito
C.I.E.	Canto inferior esquerdo
Circa	Data aproximada
CM	Centímetros (unidade de medida)
Cr\$	Cruzeiro (moeda)
C.S.D.	Canto superior direito
C.S.E	Canto superior esquerdo
N/D	Não datado
P/B	Preto e branco
S/	Sobre
S/A	Sem autor
S/T	Sem título



## LISTA DE SIGLAS

ABL	Academia Brasiliense de Letras
ACL	Academia Catarinense de Letras
ACAP	Associação Catarinense de Artistas Plásticos
ACFB	Associação de Cultura Franco Brasileira de Brasília
AESC	Associação Profissional dos Escritores de Santa Catarina
ALESC	Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina
BN	Biblioteca Nacional
CAM	Círculo de Arte Moderna - Grupo Sul
CEART	Centro de Artes - UDESC
CIC	Centro Integrado de Cultura Professor Henrique da Silva Pontes
DAV	Departamento de Artes Visuais - UDESC
DDD	Diretoria de Documentação e Divulgação - MEC
DF	Distrito Federal
DLLV	Departamento de Língua e Literatura Vernáculas - UFSC
EAB	Escolinha de Artes do Brasil - Niterói/RJ
EDLA	Editora Edições do Livro de Arte
EMBAP	Escola de Música e Belas Artes do Paraná
ENBA	Escola Nacional de Belas Artes - UFRJ
FACIBRA	Feira de Artes e Ciências de Brasília
FAED	Centro de Ciências Humanas e da Educação - UDESC
FCC	Fundação Catarinense de Cultura
FCDF	Fundação Cultural do Distrito Federal
GAPF	Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis
GET	Grupo Experimental de Teatro do Colégio Dias Velho
IBEU	Instituto Brasil Estados Unidos de Santa Catarina
ICA	Instituto Central de Artes - UnB
IDCH	Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas - FAED
MAB	Museu de Arte de Brasília
MAJ	Museu de Arte de Joinville

MAMAN	Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães
MAMF	Museu de Arte Moderna de Florianópolis (atual MASC)
MAM/SP	Museu de Arte Moderna de São Paulo
MAM/RJ	Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
MASC	Museu de Arte de Santa Catarina
MASP	Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MHSC	Museu Histórico de Santa Catarina
MNBA	Museu Nacional de Belas Artes
MUN	Museu Nacional da República - Distrito Federal
ONEA	Organização Nacional dos Estudantes de Arte
PPGAV	Programa de Pós-graduação em Artes Visuais - UDESC
PROMOP	Programa de Bolsas de Monitoria de Pós-graduação
SESC	Serviço Social do Comércio unidade Bom Retiro/SP
TAC	Teatro Álvaro de Carvalho
TECAM	Teatro Experimental do Círculo de Arte Moderna
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UnB	Universidade de Brasília
UNESPAR	Universidade do Estado do Paraná
UNISUL	Universidade do Sul de Santa Catarina
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>31</b>
<b>2</b>	<b>I PARTE: IMPRECIÇÕES BIOGRÁFICAS: RASTROS DE UMA FORMAÇÃO, VESTÍGIOS DE UM PERCURSO .....</b>	<b>39</b>
2.1	PERDAS E SUBLEVAÇÕES NA INFÂNCIA E JUVENTUDE .....	41
2.2	RECATADO DA PROVÍNCIA E EXPANSIVO NA METRÓPOLE .....	53
2.3	AMOR AOS LIVROS .....	65
<b>3</b>	<b>II PARTE: TEXTOS E INTERTEXTOS .....</b>	<b>75</b>
3.1	O EIXO DA ILUSTRAÇÃO FIGURATIVA .....	75
3.2	O EIXO DA POESIA VISUAL.....	83
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>95</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>99</b>
	<b>PUBLICAÇÕES E ENTREVISTAS DE HUGO MUND JÚNIOR .....</b>	<b>105</b>
	<b>PERIÓDICOS .....</b>	<b>107</b>
	<b>ANEXO 1 - FORMAS PRIMÁRIAS, 1949-1957.....</b>	<b>119</b>
	<b>ANEXO 2 - PEÇA <i>O LOUCO</i>, 1949.....</b>	<b>137</b>
	<b>ANEXO 3 - CONTO <i>NO BAR E “CAFÉ EXPRESSO”</i>, 1952.....</b>	<b>141</b>
	<b>ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES, 1952-1981.....</b>	<b>147</b>
	<b>ANEXO 5 - PLANO DE DISCIPLINA <i>DESENHO DE OBSERVAÇÃO</i> .....</b>	<b>265</b>
	<b>ANEXO 6 - POEMAS VISUAIS, 1968-1988.....</b>	<b>293</b>
	<b>ANEXO 7 - FORMAS ÚLTIMAS, 1993-1998.....</b>	<b>383</b>
	<b>ANEXO 8 - TEXTOS ASSINADOS .....</b>	<b>389</b>
	<b>ANEXO 9 - CRÍTICAS IMPRESSAS .....</b>	<b>397</b>
	<b>ANEXO 10 - DOCUMENTOS .....</b>	<b>429</b>
	<b>APÊNDICE 1 - CRONOLOGIA DE HUGO MUND JÚNIOR: 1932-2019 ...</b>	<b>445</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação consiste em uma investigação sobre o artista, poeta, editor e professor Hugo Mund Júnior (Mafra/SC, 1933). O ponto de partida está no trabalho de levantamento documental, que objetiva localizar e refletir acerca dos textos relacionados a este artista catarinense. O trabalho considera que acervos não alcançam a dimensão de uma vida dedicada à arte e por isso, a dissertação realiza-se somente através do recorte que envolve dois eixos de sua obra gráfica: a ilustração figurativa e a poesia visual.

Ao trabalhar com levantamento documental, cabe aqui delimitar quais espécies de documentos foram encontrados e selecionados para fazer parte desta dissertação. São estes: documentos institucionais, correspondências, convites de exposições, entrevistas, currículo datilografado, orelhas de livros, notas e releases em jornais e revistas, críticas em periódicos, menções em livros e publicações na internet, obras do artista em acervos e bibliotecas.

Estes dados diversos auxiliam na composição de um sistema de sentidos que se configura na ideia de “texto”. Ou seja, o objeto da pesquisa constitui-se na medida em que textos-escritos e textos-imagens permitem reconhecer os principais gestos que caracterizam Hugo Mund Jr. e a sua atuação como artista e homem de letras.

A pesquisa não está orientada no sentido do que foi dito sobre a obra e a vida do artista, seus determinantes psicológicos, sociológicos, físicos, mas sim, nos vetores, tangências e leituras comparadas que possibilitam um entendimento daquilo que é tão pouco conhecido na história da arte catarinense: a sua obra relacionada a um processo gráfico.

Antes, é importante destacar que alguns detalhes técnicos foram escolhidos. Primeiro, a escrita é desencadeada por partes e a sequência levanta questões de formação e de gestos de criação. Segundo, o problema da morte, o problema do moderno e o problema do livro foram os escolhidos, dentre tantos outros possíveis. Terceiro, a pesquisa, durante o processo de qualificação, delimitava-se pelas cidades onde o artista habitou e produziu, mas isso tornou-se inviável, dado a vasta documentação encontrada. Com isso, Florianópolis ganhou maior destaque, seguido do Rio de Janeiro e depois, de Brasília.

Outra escolha relacionada a estrutura da dissertação foi a inclusão de referências sempre em rodapé, com objetivo de limpar o texto. As palavras estrangeiras e os títulos foram escritos em Itálico, em detrimento de aspas e negrito. Em relação as imagens, optamos por agrupá-las em coleções na parte de anexos e por vezes, utilizar algumas selecionadas também, de maneira repetida, ao longo do texto. Os documentos foram fotocopiados e tratados como imagens, dada a característica e formato desta mídia. A escolha destes procedimentos visa facilitar um objetivo específico da pesquisa: a reunião de trabalhos, documentos e críticas sobre o artista.

Através dessa ampla documentação foi possível compreender que Hugo Mund Júnior teve acesso, desde muito cedo, a variados tipos de materiais impressos. Oriundo de uma família

de servidores públicos de classe média<sup>1</sup> conviveu desde a infância com livros, mapas, atlas, desenhos, pinturas e música. Sua mãe,<sup>2</sup> descendente uruguaia, nasceu em Tubarão/SC e o seu avô materno nutria-o com livros de viajantes e fábulas, a ponto de o artista destacar este repertório que sempre o instigou. Seu pai, descendente de alemães, foi engenheiro geógrafo do Estado e estimulou a imaginação do filho ao permitir acesso à uma ampla biblioteca, enquanto saía em frequentes viagens a trabalho.<sup>3</sup>

A trajetória artística de Mund é transpassada por acontecimentos sócio-políticos que exerceram desvios ao seu percurso. Alguns serão mencionados nos capítulos, embora a delimitação da pesquisa privilegia apresentar os aspectos formais e estéticos de sua obra. Os esforços de leitura se dão em pensar sobre as reverberações de seus trabalhos e os circuitos artísticos em que frequentou. Assim, perceber a importância de operações, dispositivos e procedimentos utilizados por ele e avaliar a relevância da sua trajetória ao campo do saber Artes e Letras.

Onor Filomeno<sup>4</sup> (1962-) deu-nos uma resolução sobre a esfera psicológica e física do artista, ao comentar que Mund é um sujeito *calmo, sereno, metódico e muito responsável, possui um ritmo próprio para o trabalho.*<sup>5</sup> Isso nos leva a crer que é obstinado e comprometido com aquilo que se dedica a produzir e essa característica é confirmada ao longo de sua carreira. O primeiro registro de trabalho encontrado data de 30 de outubro de 1949 e o encerramento de suas participações ocorre em 2008, com a doação de desenhos ao acervo do Museu de Arte de Santa Catarina (MASC). A partir da doação, passa a ser um dos artistas com mais obras na instituição.

A datação não deve ser considerada estanque, já que as informações de currículo reforçam as realizações e os sucessos. A parte obscura e falha da vida humana - como a dor, os fracassos e as críticas - não estão expostas na sua linha do tempo, mas impressas nos textos que compõe, sejam estes, textos desenhados, gravados, editados ou escritos.

Em algumas circunstâncias, o trabalho de Mund é exposto sem uma necessária presença do artista, como no caso da mostra *História da Poesia Visual Brasileira*<sup>6</sup> que apresenta o seu livro *Germens*. Este fato nos mostra que a sua obra circula por uma esfera que extrapola o

1 MUND JÚNIOR, Hugo; JUNKES, Lauro. *Poesia Reunida*. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 1997. p. 25. RICCIARDI, Giovanni. *Entrevistas com escritores do sul*. v.7. Palhoça: Ed. Unisul, 2009, p.84.

2 Conforme o blog da família, Elita Coiroló Mund é da 5ª geração e casou com Hugo Mund. Tiveram os filhos: Hugo Mund Júnior, Clive Mund, Rosedali Mund e Josefina Mund já falecida. Disponível em: <http://familiacoirololalvariza.blogspot.com/2014/09/familia-coirololalvariza.html>

3 Na década de 30 e 40, era comum o registro dos viajantes a trabalho no jornal, e Hugo Mund, o pai, é mencionado diversas vezes.

4 Artista, gravador, pintor, natural de Florianópolis. Responsável pelo curso de gravura e litogravura das oficinas de arte de 1981 a 1982, quando era na Alfândega, e de 1983 a 1988 no CIC juntamente com Jayro Schmidt. Ambos fundaram Clube de Gravura em 1982. Participou como diretor das Oficinas de Arte e atuou com Hugo Mund na reestruturação dessas em 1987, criaram os estúdios de Plano, Cor e Volume, conforme Bortolin (2010).

5 Conversa com Onor Filomeno no Café Ouro Preto no centro de Florianópolis no dia 07/11/2018.

6 Exposição ocorrida no Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM/PE) de 01 de junho a 25 de julho, criada a partir do acervo de Paulo Bruscky com curadoria dele e de Yuri Bruscky. Recentemente em 30 de maio de 2019 o SESC unidade Santo Amaro/SP inaugurou mostra compacta. O livro *Germens* faz parte da mostra.

âmbito da sua própria vida, no que diz respeito às suas intenções ou decisões individuais. Ao considerar a ampla circulação dos seus trabalhos, elaboramos uma cronologia, de acordo com a disponibilidade documental, a fim de identificar e localizar os textos recorrentes e perceber as relações que Mund criou e onde seu trabalho pôde ser desdobrado.

A cronologia disponível no apêndice 1 foi desenvolvida como um compêndio de informações para entender os círculos de relações criados pelo artista e contextualizar seus trabalhos em correntes estéticas. Por um lado, há textos de Mund como artista plástico, como é o caso do *Indicador Catarinense das Artes Plásticas*,<sup>7</sup> de caráter descritivo curricular, e por outro lado, há uma fusão de entrevistas e sua obra literária escrita<sup>8</sup>, como é o caso da *Poesia Reunida*.<sup>9</sup>

No primeiro momento da pesquisa, para a cronologia, foram consultados acervos de bibliotecas e museus presencialmente e pela internet. A partir dessas consultas, as fontes primárias do artista foram mapeadas e descritas: seus livros publicados, livros que editou, desenhos, xilogravuras, linoleogravuras, serigrafias, pinturas, poemas gráficos e registros fotocopiados de obras. Esta etapa, delineada cronologicamente, possibilitou perceber materiais e interesses do artista e as transformações da sua obra ao longo dos anos. Serviu também, para reconhecer os esforços de preservação dos bens e da memória do artista, promovido pelo MASC, Museu Nacional de Brasília (MNU), Museu de Arte de Brasília (MAB), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade de Brasília (UnB), Universidade de São Paulo (USP) e Editora Noa Noa.

Os livros do acervo da UDESC possuem a inscrição “doação do autor”, que demonstra um interesse do artista em fazer-se lido ou lembrado. A doação de obras ao MASC em 2008 indica um reconhecimento do artista para com as instituições onde trabalhou, encarregadas da preservação e difusão da produção artística catarinense. Notamos, ao verificar o sistema *pergamum*<sup>10</sup> de bibliotecas, que a UDESC, a UFSC e a UnB detêm grande parte de sua produção em formato livro, enquanto o MASC<sup>11</sup> possui o maior acervo de suas imagens em desenho, gravura e pintura. Portanto, esta dissertação exerce o papel de reunião de materiais, já que sua obra está fragmentada em coleções que não possuem comunicação entre si.

Além de suas obras, procuramos citações, menções, referências e sugestões sobre o horizonte de sua atuação profissional em periódicos e acervos documentais. A Hemeroteca Digital Nacional da Biblioteca Nacional (BN) e a Hemeroteca Digital Catarinense concederam maior volume

7 BORTOLIN, Nancy Therezinha. *Indicador Catarinense das Artes Plásticas*. Florianópolis: FCC Edições, 2010. Disponível em: <<http://cultura.sc.gov.br/espacos/masc/indicador-catarinense-das-artes-plasticas>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

8 Lauro Junkes exclui os quatro livros de poesia visual de Hugo Mund Jr. São eles: *Gráficos, Palavras que não são palavras, Germens e Palavra e Cor*. Abordados no subitem 3.2.

9 MUND JÚNIOR, Hugo; JUNKES, Lauro. op. cit.

10 Nas Bibliotecas das Universidades Públicas encontramos os livros: UDESC (15 - 2 artigos) UFSC (11), UnB (11), UFRJ (9), UFMG (5), UFG (4), USP (3), UFPR (3), UFES (2), UFRGS (1). A Câmara de Deputados e o Senado Federal possuem 2 exemplares cada.

11 O MAB possui 3 obras. Não encontramos trabalhos de Mund em outra reservas públicas de obras.

de textos, com mais de 300 ocorrências em seu nome, descritas e incorporadas à cronologia e ordenadas por ano, considerando também, as pesquisas sobre o artista já realizadas por Nancy Bortolin e Lauro Junkes.

As Revistas Sul, na plataforma online Biblioteca Digital de Literaturas em Língua Portuguesa da UFSC, e o Suplemento Cultural *Ô Catarina*, assim como, seus antecessores *Cultura* e *Boi de Mamão* da Fundação Catarinense de Cultura (FCC), e outros em menor escala, foram conferidos em sua integralidade. Tal como os jornais da BN, as revistas possibilitaram: confirmar e demarcar inconsistências, perceber parte dos circuitos artísticos e pedagógicos do artista, identificar sua relação com grupos e academias, e, principalmente, perceber que a sua produção possui como elemento marcante: o traço, a palavra e a interação de estruturas formais. Estas características aparecem nos momentos em que trabalhou como ilustrador, quando exerceu a criação de projetos gráficos e quando passou a dedicar-se exclusivamente como escritor.

A atual arte educadora do MASC, Eliane Prudêncio, cedeu o contato do irmão de Hugo Mund, o Clive Mund, que gentilmente, nos informou sobre o artista: hoje possui 86 anos, vive em Brasília/DF e não exerce atividade artística. O irmão colocou-se a disposição para conversas e esclarecimentos, até que trocou de telefone e recuperamos o diálogo poucos dias antes do fechamento da dissertação. Desse modo, o acervo da família e o próprio Hugo Mund não foram consultados, sendo a pesquisa construída com as fontes disponíveis.

As etapas da pesquisa que culminaram na Cronologia de Hugo Mund Júnior são utilizadas como suporte informacional para a formulação dos capítulos. Estes, compostos em duas partes, expõem um panorama geral de momentos da vida e da produção do artista em dois eixos: formação na parte 1 e criação na parte 2.

Percebemos, por sugestão do artista e do professor Lauro Junkes, que sua obra é dividida em três momentos, a partir do início de suas primeiras publicações. São três blocos com 4 títulos referentes a obra em livro. Junkes a chama de *Poética visual, Tetralogia dos Elementos e Plenitude Poética*.<sup>12</sup> Sua produção literária escrita não será abordada nesta pesquisa. Visto isso, pretendemos discutir obras não publicadas em livros e incluídas em exposições de arte, agrupadas em grandes séries, representadas nos anexos e subitens a seguir: Formas Primárias (anexo 1), corresponde aos primeiros desenhos publicados em periódicos, tratados no item 2.1; Ilustrações (anexo 4), corresponde a gravuras e desenhos, discutidas no item 3.1; Poemas visuais (anexo 6) e Formas Últimas (anexo 7), sugerido por Junkes e não abordado na obra reunida, está no item 3.2.

Nesta pesquisa a produção que não está na obra literária ganha ênfase para reconhecer e considerar a vertente do pensamento de Mund como artista gráfico. Seu repertório ótico, literário e conceitual é expresso em suas interferências sobre os materiais com determinadas operações. Os repertórios de Mund aparecem no que chamamos aqui de eixo: ilustração figurativa e poesia visual, que dizem respeito a duas posturas gestuais distintas, mas que possuem marcas em

---

12 MUND, H.; JUNKES, Lauro. op. cit.

comum. Por isso, a noção de arquivo, enquanto repertório singular, e a noção de gesto, como atitude que o caracteriza, são articuladas nos capítulos de modo entrelaçado.

A primeira parte *Imprecisões Biográficas* procura responder as seguintes perguntas: em quais contextos Hugo Mund construiu seus primeiros acervos? De quais circuitos artísticos Mund participou? Que tipo de reconhecimento ele alcançou? Nessa parte, há um panorama de considerações sobre um primeiro bloco de imagens, aproximadas à comentários do artista e de periódicos da época. As imagens estão agrupadas como Formas Primárias no anexo 1 e abrangem trabalhos de 1949 a 1957. A peça de teatro *O louco*, no anexo 2, e a literatura relacionada à formação de suas primeiras leituras incrementam o subitem 2.1.

Os textos justapostos são localizados como sugestão do arquivo do artista e possuem caráter inalcançável em totalidade. Na medida em que são combinadas: as relações de perda na infância e juventude (subcapítulo 2.1), o contato com as vanguardas modernistas e academias (subcapítulo 2.2) e o amor aos livros (subcapítulo 2.3), estes itens tornam-se enunciatários do arquivo de Mund. Além disso, contribuem para entender seu *repertório visual e conceitual, plástico ou teórico, processado no interior de seu trabalho enquanto referências, noções operatórias, construções poéticas, soluções matéricas e de fatura*.<sup>13</sup>

Há predomínio do aspecto ilustrador e desenvolvimento de figuras em séries, mesmo não as chamando desse modo. Mund elabora trabalhos a outros artistas e concomitantemente realiza exposições individuais, sobretudo colabora com periódicos de arte e de jornal. Em O Jornal/RJ de 27 de novembro, o artista e crítico Quirino Campofiorito (1902-1993) reproduz desenho em carvão de Mund e fala que o desenho *confirma a força com que nosso artista se expressa pelos valores singelos do preto e branco*.<sup>14</sup>



Figura 1 – Mund Júnior, Hugo. Desenho em carvão. *Sem título*. Fonte: O Jornal/RJ, 27 nov. 1959, p. 3. Em: [http://memoria.bn.br/DocReader/110523\\_05/81319](http://memoria.bn.br/DocReader/110523_05/81319)

13 GUASCH, Anna Maria. *Arte y Archivo, 1920-2010: genealogias, tipologias y discontinuidades*. Ed Akal, Madrid, 2011. ANNA MARIA GUASCH. Universidad de Barcelona. *Os lugares da memória: a arte de arquivar e recordar*. Revista Valise, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p.237-264, jul. 2013. Semestral. Tradução de Daniela Kern. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/RevistaValise/article/view/41368/26241>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

14 CAMPOFIORITO, Quirino. *Desenhos de Mund Jr*: O Jornal. Rio de Janeiro, 27 nov. 1959. Artes Plásticas, p. 3-3. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=110523\\_05&pagfis=81319](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=110523_05&pagfis=81319)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

A segunda parte *Textos e Intertextos* privilegia as obras ao lado de artistas como Cruz e Sousa, Neide Sá, Wladimir Dias Pino e Haroldo de Campos. Objetiva-se encontrar *um espaço entre a intenção do artista e a sua realização, ou seja, o que permanece inexpresso, embora intencionado e o que o artista consegue realizar, embora não de modo completamente consciente e premeditado*.<sup>15</sup> Tanto para remover rótulos estilísticos, quanto para desenvolver um entendimento de arquivo em sua obra. Isso é possível pela identificação de dois atos específicos: o gesto de ilustrador (subitem 3.1) e o gesto de editor (subitem 3.2).

Com a primeira mudança de eixo relacionado à formação na ENBA uma mudança se aplica na produção de Hugo Mund visível em seus trabalhos após a mudança para Brasília/DF. Esta virada é concomitante com a prática docente na UnB onde o artista leciona desenho de observação e xilogravura.<sup>16</sup> Há um abandono da ilustração enquanto aprofunda estudos em *diagramação, semiótica e informática*.<sup>17</sup>

O Rio para mim foi aquela fase em que estava muito interessado no expressionismo, aquela coisa das formas dramáticas. Em Brasília entrou um pensamento racional, frio, objetivo, influenciado talvez pela ausência de tudo – porque não havia vida cultural, não havia nada – e pelo horizonte também, porque lá tem-se uma visão de 360 graus, tudo plano, parecia que a gente estava numa nave espacial. Então tudo isso motivou uma limpeza mental e uma consciência coletiva – não mais aquela individual, de dizer o meu ponto de vista, mas uma idéia mais coletiva de uma mensagem que pudesse ser reproduzida o máximo possível e sem dramas, de forma racional.<sup>18</sup>

Este momento da produção do artista, apresentado no item 3.2, é composto por quatro publicações em livros que contém gráficos, poemas visuais, poemas-processos e livros de artista. São desenvolvidos no período de 1962-1977 e retomados em 1988 e nas últimas imagens dos anos 90 (anexo 7). O Hugo Mund editor tende à publicação de autor com fatura apurada, de tiragem exclusiva e destinada a apreciadores de livros de artista. Enquanto produto de artistas visuais, seus livros não são mais exclusivamente literários e ele se diferencia dos artistas modernistas pelo modo contemporâneo de publicação.

15 DUCHAMP, Marcel. O Ato Criador. Em: BATTCOCK, Gregory. *A Nova Arte*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

16 Há fotografia em artigo de Liege Sieben Puhl de 2016 que retrata aula de xilogravura com Hugo Mund Jr. na imagem.

17 WOLFF, Joca. *Hugo Mund Júnior: Palavras que não são palavras*. Ô Catarina. Florianópolis, jun. 1993. Suplemento 3, p. 8. Disponível em: <<http://cultura.sc.gov.br/publicacoes/ocatarina/edicoes/1356-jornal-o-catarina-n-03?format=html>>. Acesso em: 21 jun. 2019. p. 8.

18 MUND JÚNIOR, Hugo; JUNKES, Lauro. op. cit., p. 35.

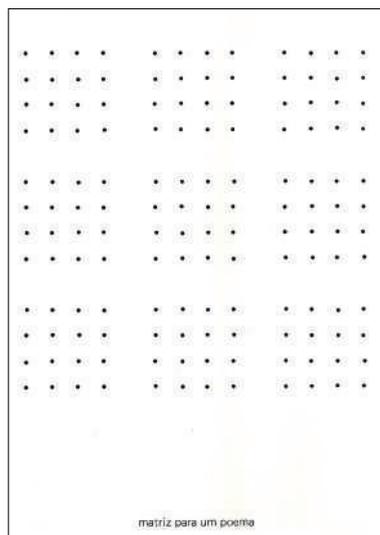


Figura 2 – Mund Júnior, Hugo. *Matriz para um poema*. Fonte: Livro Germens, 1977. Foto do autor.

Há diálogo do artista com a poesia neoconcreta, principalmente com a poesia visual e revela composições sugestivas, racionais e objetivas, conforme a figura 2. O artista afirma que seu interesse volta-se *sobretudo, pela arquitetura e pelo design, tendo como paradigmas Le Corbusier e a Bauhaus*.<sup>19</sup> Após o Golpe Militar de 1964, ele cria diálogo de colaborador com o grupo Poema/Processo:

Nunca participei de grupos fechados. Sou um artista de vanguarda, mas sempre recusei o ranço da vanguarda, respeitando a importância do concretismo e do poema-processo. Dentro da técnica da poesia no Brasil, os poetas que me interessam são os concretistas e os que fizeram poesia visual.<sup>20</sup>

A atuação no Instituto Central de Artes (ICA) da UnB, na Fundação Cultural de Brasília (FCDF) e na Diretoria de Documentação e Divulgação (DDD) do Ministério da Educação e Cultura (MEC), lhe conferem vivências nas artes gráficas, que culminam em uma retomada ao processo de escrita. Predomina nesta fase, o diálogo com Neide Sá, Ézio Pires, José Edson Gomes, Dailor Varela Nataniel Dantas e Gregori Warchavchik. O artista tangencia outros importantes artistas vinculados ao poema-processo, como Álvaro de Sá, Falves Silva, Moacyr Cirne e Wladimir Dias-Pino, além de outros internacionais, como Clemente Padin, Dick Higgins, Julien Blaine, Luciano Ori, Guy Brett e Mary Vieira.

Do ponto de vista da História da Arte Catarinense Hugo Mund Júnior ainda não foi lido em suas múltiplas faces de atuação. Predominam fragmentos de estudos breves e pequenas notas que não permitem uma visão total de sua marca como artista. Para que seu legado não permaneça escondido em acervos privados esta dissertação reúne a sua fortuna crítica e reproduções de seus trabalhos, possibilitando conhecer quem é o artista, que circuitos ele frequentou e como sua produção evidencia sua poética sinestésica e racional.

<sup>19</sup> RICCIARDI, Giovanni. op. cit., p. 96.

<sup>20</sup> MUND JÚNIOR, Hugo; JUNKES, Lauro. op. cit., p. 38.



## 2 IMPRECIÇÕES BIOGRÁFICAS: RASTROS DE UMA FORMAÇÃO, VESTÍGIOS DE UM PERCURSO

Imprecisões biográficas apresenta uma combinação de acontecimentos na vida e no currículo artístico de Hugo Mund Jr como uma revisão bibliográfica das fontes disponíveis em coleções públicas. É possível elencar problemas, soluções estéticas escolhidas, circuitos artísticos ocupados e transformados pelo artista. Optamos por um ponto de vista geral, amplo, que pretende configurar um território sensível, onde a obra do artista torna-se ora protagonista, ora figurante na História da Arte Brasileira.

Esta etapa é decorrente da cronologia elaborada pelo autor (apêndice 1) e compõe um arquivo documental sobre Mund. É importante demarcar que estamos lidando com dois níveis de arquivo. O primeiro sentido para arquivo, está pautado em uma concepção de evidências documentais, onde a fortuna crítica, às narrativas em jornais e revistas, os vestígios de documentos oficiais, as obras do artista e os relatos nas entrevistas publicadas, confabulam esforços para localizá-lo no tempo.

A estrutura no tempo de Cronos constitui-se no palpável e exerce uma movente fonte para perceber diferentes contatos e relações do artista. Tanto com grupos de artistas das artes visuais e literatura, quanto sobre sua experiência docente. Para não cairmos no erro de uma diacronia temporal, ou seja, justificar os acontecimentos exclusivamente pela descrição de todos os fatos, procuramos no conceito de tangência um significado não linear, ainda factual, para entender o segundo nível de arquivo explorado nesta primeira parte. Michel Leiris comenta sobre a tangência:

Assim como Deus [...] pôde ser patafisticamente definido como “ponto tangente do zero e do infinito”, encontra-se entre os inúmeros fatos que constituem nosso universo certa espécie de nós ou pontos críticos que poderíamos geometricamente representar como lugares onde o homem tangencia o mundo e a si mesmo.<sup>21</sup>

Para dar lugar ao oculto, às brechas e aos pontos cegos, a tangência (curvas que tocam ou se aproximam de uma reta) permite trabalhar a estrutura de relação de lugares, de acontecimentos, de objetos, de instituições e linhas de pensamento artístico enquanto nós e pontos críticos, ou curvas, que tocam enigmáticamente a linha da vida de Hugo Mund Júnior. Algumas curvas passam e se depositam como traço mnemônico sem retornar como uma regressão ao longo do tempo, embora presente e oculta. Enquanto outras, como sua atuação de Redator no Jornal Oásis e na Revista Sul, perduram, reaparecem e se transformam na medida em que outras curvas dele se aproximam.

O primeiro arquivo em tangência com trabalhos e registros, levou-nos a trechos de sua formação escolar na infância e juventude (subitem 2.1) e apresenta seus primeiros acervos de leitura constituídos em uma precoce iniciação artística. Essa coleção fornece base para perceber as

---

21 LEIRIS, Michel. *Espelho da Tauromaquia*. São Paulo: Cosac & Naify. 2001, p.11.

mudanças de eixo na produção do artista em relação à formação acadêmica e atuação docente (subitem 2.2); e também, coloca em evidência um sonho, que torna-se real, na fundação da editora Edições do Livro de Arte (item 2.3). Escolhemos dentre os possíveis nós ou pontos críticos a relação de Mund com o livro porque ao longo dos anos, ficou evidente o envolvimento com edição, editoração, impressão, ilustração e escrita vinculados ao formato de páginas sequenciais, múltiplas, acessíveis e capazes de circular e sensibilizar seu leitor(a).

O segundo nível de arquivo deriva de uma sintomatologia localizada no arquivo documental e de nossa leitura das obras do artista. O legado do artista, ou seja, sua arte *enquanto arquivo*<sup>22</sup> é transpassada por uma história cultural complexa. Ela vem à tona a partir de elementos significantes em suas imagens/textos, como consequências de suas operações de fatura, seus gestos. Quando Hugo Mund ilustra, cria gráficos e escreve, deixa exposto índices de seu arquivo. Os espaços/tempos que habitou e agora ocupa suas imagens.

Anna Maria Guasch localiza uma tendência da obra de arte enquanto arquivo como esforço em encontrar significado no sistema conceitual e minimalista de onde os artistas se colocaram. Segundo a autora isso ocorre porque uma geração de artistas partilha de interesse pela *arte da memória, tanto a memória individual como a memória cultural*. Guasch coloca esses artistas como operadores dos recursos de *índice, aos sistemas modulares, à fotografia objetiva, à coleção, à acumulação, à sequencialidade, à repetição, à série*, e afirma que estes procedimentos, não são estritamente tautológicos, mas buscam transformar *o material histórico oculto, fragmentário ou marginal em um fato físico e espacial*.<sup>23</sup>

A obra no campo do arquivo jamais se dá por encerrada e *forma o horizonte geral a que pertencem a descrição das formações discursivas, a análise das positivities, a demarcação do campo enunciativo*.<sup>24</sup> Entendemos as formações discursivas desta parte como: o arquivo documental como campo de evidências; as obras enquanto gestos que refletem seu arquivo vivencial. Este capítulo dedica-se ao território de uma história cultural traduzida pela interferência de Hugo Mund na matéria gráfica. Índícios de um repertório singular que se pronunciam sobre o passado no presente.

---

22 GUASCH, Anna Maria. Os lugares da memória. A arte de arquivar e recordar. In: *Revista Valise*, Porto Alegre, v. 3, n.5, ano 3, julho de 2013, p. 238.

23 *Idem*. p. 238-239.

24 FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 149.

## 2.1 PERDAS E SUBLEVAÇÕES NA INFÂNCIA E JUVENTUDE

este rio aprofunda a infância  
 solenes e sombrias margens aquecidas  
 próximas ao coração amendoado  
 carmim de puro afeto pela água  
 a escorrer viscosa entre limo  
 areia e aroma de flores esquecidas

Hugo Mund Júnior, Flauta de espuma, 1986, p. 20.

Este subitem pretende expor falas do artista em relação a sua infância no que diz respeito ao ambiente familiar, a sua formação escolar primária e secundária, e o contato com a literatura e as imagens que constituem seus primeiros acervos. Supõe-se que alguns elementos auxiliam a entender fatores que o levam a produzir imagens reconhecidas por uma dramaticidade fúnebre. Pretende-se construir uma relação de experiências de seus temores e perdas, como argumento para entender uma peça de teatro, um conto e as primeiras imagens publicadas pelo Círculo de Arte Moderna (CAM), via Revista Sul, Edições Sul e Teatro Experimental do CAM (TECAM).

Este compilado de associações corresponde a um eixo de produção do artista, ainda imaturo, carregado de elementos que se estendem ao longo de sua carreira. São eles: experiências em contraste branco e preto, consideração do suporte todo como informação visiva (vazios e cheios), interesse na editoração e nos objetos livros, prática de escrita textual e massas de cor. Outras vivências não se repetem, como atuação em teatro e roteiro de peça, no entanto, a questão do roteiro reaparece na produção de poesia visual no capítulo 3.2. Uma espécie de narrativa com sequencialidade das imagens/textos parece advir da vivência cênica.

A vivência de uma perda é capaz de fazer o sujeito desejar novamente. Isso é possível após viver o luto e toda a experiência que nos deixa imobilizados e arrasados. Após sentir o luto de uma perda, a consciência direciona-se a um gesto de reerguer-se para criar um novo território para seus desejos. Como hipótese primeira, procuraremos perceber o gesto de elaboração do luto a partir dos primeiros trabalhos de Mund. (ver anexo 1, 2 e 3).

As experiências de perda, morte e luto, são localizadas pelas postagens de jornais, como é o caso da falsa notícia de sua morte em 1960. Ocorre queda de avião da Real Transportes, voo 435 de Brasília a Belo Horizonte em 24 de junho, e nome Hugo Mund é citado como um dos mortos. O Estado/SC de 26 de junho informa que Hugo Mund (pai) morre no acidente e deixa viúva, assim como Max Souza. Outros jornais divulgaram: O Repórter/MG; Diário do Paraná; Diário da Noite/RJ; Diário de Natal/RN; Jornal do Dia/RS. O Jornal do Brasil/RJ47 confirma a morte do gravador.

Em 1960, o Rio de Janeiro ainda era a capital do Brasil e Hugo Mund Jr. um reconhecido gravador, a ponto de despertar o interesse da mídia da época ao noticiar em diversos Estados a tragédia do avião, ora com seu pai, ora com ele. Provavelmente amigos e familiares ficaram consternados ao ler as notícias e ele próprio poderia entender com ironia, mas pouco comenta o assunto. Vale recordar que o artista trabalhou em jornais ao chegar no Rio e provavelmente

esta vivência tornou-o conhecido entre as redações que se multiplicavam na década de 50.

Hildebrando Giudice esclarece a notícia com o verbete *Mund não morreu, mas Ney sim*.<sup>25</sup> O jornalista afirma que o nome noticiado era do pai do artista gravador e acrescenta o nome de um arquiteto no acidente. Ney Fontes Gonçalves segundo colocado no plano-piloto de Brasília, faleceu nesta tragédia. Ele foi autor do projeto da Super Quadra 43 e das residências dos Ministros de Estado na nova Capital. Esta proximidade coloca Mund em tangência de um importante nome na História da Arte Brasileira.

A falsa notícia de sua morte e a perda de seu pai, revela certa proximidade com nomes importantes de um circuito artístico nacional, vinculado a instituições. Isso demarca no tempo um espaço entre o jovem da província colhendo os sucessos na capital por seu talento nas artes gráficas como um sujeito expansivo. Fernando Lago escreve em *D'aquem e D'além mar*<sup>26</sup> sobre a importância de difundir as realizações de indivíduos cujo valor não tenha sido suficientemente reconhecido em determinada cultura. Progride dizendo que alguns realizadores à margem, tal como Mund, levam tempo para receber reconhecimento. Conclui que o artista por talento, disciplina e trabalho tem a promessa de muitas portas abertas.

Para perceber se o artista cumpre a promessa de reconhecimento e importância, olharemos outras circunstâncias onde há perdas e ganhos e também abandonos e mudanças. Em 1993 a entrevista de Mund à Joca Wolff é reproduzida no Suplemento Cultural Ô Catarina nº3, e, em outubro de 1995, Hugo Mund Júnior concede entrevista a Giovanni Ricciardi, publicada no livro *Biografia e criação literária* (2009). Esses dois ocorridos compõem os principais textos disponíveis que contêm a fala em primeira pessoa do artista expostos aqui com intuito de perceber momentos relatados em sua infância. Seus interesses e preferências, temores e fatalidades o levam a produzir textos e imagens, e compõem seu arquivo, visível nos seus desenhos em nanquim, aguados e xilogravuras. Esse gesto ilustrador reaparece no suíte 3.1 da segunda parte.

A infância é a parte dúbia da memória que revela imagens e eventos de profunda significação com o duplo poder de ferir e encantar: a água congelada na bacia esquecida no quintal durante a noite, a travessia da ponte sobre o Rio Negro saltando os moirões da estrada de ferro, a manteiga trazida em pratinhos na carroça do colono, a cúpula do céu onde a fantasia visualizava um alçapão que se abria para algo vago mas que se pressentia existente, os pinhões assados na chapa do fogão durante os invernos, a luminosidade de uma clareira num passeio ao bosque, a mais bela luz jamais vista em toda a vida, o perfume - profundo e ardente - no velório da irmã, sintetizando num só momento a dor, a perplexidade e o mistério. Por outro lado, é importante lembrar que o meu primeiro contato com o mundo se fez através de um brutal acontecimento, a guerra iniciada em 1939, que teve significativa repercussão no âmbito de nossa pequena cidade e dentro de nosso próprio lar. As notícias chegavam pelo rádio, trazendo os terrores da carnificina e os temores da insegurança. Temia, por exemplo, que meu pai fosse convocado ao combate ou que as represálias contra as pessoas com nomes alemães nos atingissem, como vieram a atingir uma família próxima que teve a casa incendiada.<sup>27</sup>

25 Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, 1 jul. 1960. Em: [http://memoria.bn.br/DocReader/154083\\_02/1955](http://memoria.bn.br/DocReader/154083_02/1955)

26 LAGO, Fernando. *Hugo Mund Filho: um valor novo. D'aquem e D'além Mar*. [s. L.], out. 1959. Cf. anexo 9.

27 RICCIARDI, Giovanni. *Entrevistas com escritores do sul*. v.7. Palhoça: Ed. Unisul, 2009, p. 85.

Se, de fato, segundo ele, a infância é uma parte dúbia da memória, passados cinquenta anos no relato acima, pode ser que suas primeiras imagens sejam duplas e compostas por uma criança que experimenta a vida com a curiosidade inventiva de quem desfruta o seu entorno, além de vivenciar a morte muito jovem com o falecimento de sua irmã Josephine. O falecimento foi anterior a ida a Florianópolis em 1944, e o acontecimento marca-o com dor, perplexidade e mistério. Entre um encantar que fere e as feridas que permanecem, haviam os temores da carnificina e da insegurança que chegava-lhe por rádio no cotidiano da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

A Segunda Guerra Mundial, os movimentos existencialista e *hippie*, as guerras da Coréia e do Vietnã, o relatório Kruschev, o golpe militar em nosso país, a queda do muro da Berlim e o advento da eletrônica foram acontecimentos que marcaram a geração de 1933 e, sem dúvida, interferiram na sensibilidade do poeta que, como cidadão do mundo, participa de suas glórias e de seus horrores.<sup>28</sup>

O imaginário da Guerra foi vivido tanto em Mafra/SC no Grupo Escolar Duque de Caxias<sup>29</sup> quanto em Florianópolis/SC no Colégio Catarinense onde cursou o ginásio (1945-48) e os estudos secundários em 1949-50. Na escola ele inicia uma amizade próspera com João Paulo Silveira de Souza (1933-) que trataremos no subitem 2.3, por hora é importante destacar que a partir de 1949 eles editam o *Jornal Oásis*<sup>30</sup> e publicam trabalhos na *Revista Sul*. Foi duradouro o contato com os artistas do Círculo de Arte Moderna, Mund como ilustrador e redator e Silveira de Souza como contista e redator.<sup>31</sup>

Encontra-se em *Imagens além do círculo*<sup>32</sup> comentário sobre a edição nº6 de janeiro de 1951 do *Jornal Oásis* e há o texto *Nunca Pintura*, assinado por Mund. A autora sugere que o artista reclama a carência de pintores sensíveis na cidade que direciona-se à 2ª Exposição Oficial da Sociedade Catarinense de Belas Artes. Em 1950, Aldo Beck (1919-1999) é premiado e o grupo foi fundado por Nilo Dias (1905-2000). Nota-se pela data que concomitante a *Revista Sul*, *Oásis* era editado e tinha certa notoriedade apesar de ser coordenado por jovens, retomando o problema dos “novos e velhos” colocado por Lina Leal Sabino e reafirmado no filme *Modernos do Sul*<sup>33</sup> de Kátia Klock.

De volta à infância antes de aproximar-se do Grupo Sul, Mund afirma que aprendeu a ler e a escrever *antes de ingressar na escola*<sup>34</sup> mas passou por um regime disciplinar *um tanto quanto severo*.<sup>35</sup>

28 *Idem*, p. 96.

29 MUND JÚNIOR, Hugo; JUNKES, Lauro. *Poesia reunida*. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 1997, p. 361.

30 Não encontramos digitalização do *Jornal*. Salim Miguel, Silveira de Souza e Luciene Lehmkuhl comentam..

31 Lina Leal Sabino divide a *Revista Sul* em 3 etapas. Mund e Silveira de Souza participaram do nº10 em diante. .

32 LEHMKUHL, Luciene. *Imagens além do círculo*: o grupo de artistas plásticos de Florianópolis e a posituação de uma cultura nos anos 50. 1996, p. 104. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/111312?show=full>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

33 MODERNOS do Sul. Direção de Kátia Klock. Roteiro: Kátia Klock. Florianópolis: Contraponto, 2004. (52 min.), son., color.

34 RICCIARDI, Giovanni. op. cit., p. 85.

35 *Idem*, *Ibidem*.

Acompanhava leituras de romances onde também desenhavam e pintavam, e suas *ocupações, escolares ou não, desde cedo, entrelaçavam a caligrafia e o desenho com a leitura dos livros de aventuras, das histórias das fadas e o manuseio dos mapas e dos atlas que proliferavam no sótão de nossa casa.*<sup>36</sup>

Permeado pelos traumas da morte da irmã e da iminência da guerra, um acervo passa a ser constituído ainda na infância, com o desenho e a pintura, a fala e a escrita, e isto antecede o contato com os artistas do Grupo Sul. Na entrevista com Ricciardi o artista realça o valor de um lugar apropriado para a leitura em todas as casas em que morou. Sua mãe recebia livros e seu pai possuía obras técnicas e coleções de literatura infantil. *Havia romances de amor, aventura, mistério e policial*<sup>37</sup> lidos ainda em Mafra, enquanto ao chegar na Ilha de Santa Catarina,

houve uma tendência a selecionar autores, fundindo-se o entretenimento à apreciação crítica e o prazer da leitura com a arte literária. Autores como Dostoiévski, Gogol, Tchecov, Maupassant, Proust, Ibsen, Sartre, Gide, Steinbeck, O'Neil, Machado de Assis, Raul Pompéia e Lima Barreto em os preferidos. A poesia foi sendo absorvida mais lentamente, graças aos livros escolares que ensinavam idiomas e que transcreviam Rimbaud, Verlaine, Shakespeare, Victor Hugo, Virgílio, Dante, Poe e Garcia Lorca. Devo a essa peculiaridade a sorte de entrar em contato com os grandes poetas através de textos originais e de comprovar a importância de se ler o poema na língua em que foi escrito.<sup>38</sup>

Dizia-se um aluno mediano que cumpria suas obrigações e procurava extrair das instituições de ensino *as especificidades que mais se ajustassem aos meandros penumbrosos de uma natureza voltada à especulação, ao devaneio e à fantasia [...]*<sup>39</sup> Procuramos rastros das notas escolares nos jornais do Colégio Catarinense entre 1944 a 1949 e a única menção ocorre em agosto de 1947. Ele e outros quatro alunos da turma C da 3ª série ginásial são reconhecidos com medalha de segundo lugar referente a suas notas. Contudo, há vestígios de interesse e investigação crítica sobre a linguagem, principalmente na literatura. Seria sua especulação simples devaneio?



Figura 3 – Fotografia de turma de 2º ano do curso científico do Colégio Catarinense, 1950. Mund é o primeiro no c. i. e. de braços cruzados. Fonte: Acervo digital do Colégio Catarinense.

36 *Idem*, p. 84-85.

37 *Idem*, p. 86.

38 *Idem*, *Ibidem*.

39 *Idem*, *Ibidem*.

Com 15 anos de idade ele conhecia o fantasma da morte, já havia lido escritores clássicos e modernistas e pôde comparar a leitura em língua portuguesa com demais idiomas. Nesse contexto estampa sua primeira aparição no mundo da arte com o desenho *Ternura*, publicado no jornal O Estado/SC em 30 de outubro de 1949, entre o texto de Élio Balltaedt e Salim Miguel, acima de Walmor Cardoso da Silva. Nessa demarcação um ponto cego da pesquisa: entende-se *ternura* como primeira imagem mas desconhecemos o conteúdo do Jornal Oasis.

*Ternura* apresenta um traçado leve e certo, sem rasuras, um retrato de figura de mulher com rosto inclinado para a esquerda e para baixo. Possui o cabelo simplificado, amarrado em um coque preso. As linhas do rosto são finas, evidentes e destacam as maçãs e os olhos fechados. Se aberto estivessem os olhos, ela olharia o texto de Salim Miguel que ressalta o CAM como um grupo aberto e disponível a novos artistas, como é o caso de Hugo Mund. O que se vê são linhas curvas, sem qualquer vestígio de retidão. Sugere-nos doçura e gentileza, pela leveza, mas também mistério e perplexidade. Seria *ternura* um retrato de sua falecida irmã?

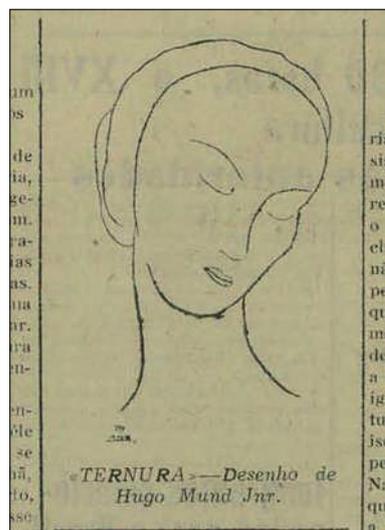


Figura 4 – Hugo Mund Júnior. Desenho. *Ternura*, 1949. Fonte: O Estado, 20 de outubro de 1949. Em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=884120&pasta=ano%20194&pesq=30%20outubro%201949%20hugo%20mund>>

Não se sabe como a imagem foi ao principal veículo de comunicação do Estado de SC na época, supõe-se pela conjuntura que o contato com o Grupo Sul ou a partir do Jornal Oasis favoreceram a publicação. Ainda com 15 anos de idade o artista publica seu segundo trabalho, agora em texto, a peça de teatro em um ato denominada *O louco*. A peça foi publicada na edição nº10 da Revista Sul e *significava um grande impulso para sua definição como artista*.<sup>40</sup> Hugo enviou a peça com pseudônimo. Mas na semana seguinte foi solicitado a autoria.

Enquanto *Ternura* era assinada *O louco* era oculto de autoria e tocou a redação da revista que publicou até 1952 seis imagens do jovem artista com estilo aproximado. Na figura abaixo a

40 RICCIARDI, Giovanni. op. cit., p. 87. No filme de Klock (2004) Adolfo Boos Júnior (1931-2014) relata empolgação ao ser publicado. Ao ser aceito o escritor acreditava estar a um passo do prêmio Nobel de Literatura.

forma feminina se repete, agora com os braços cerrados, do mesmo modo em que aparece na fotografia de sua turma. Entrecruzar os braços como se fechassem um casaco ao perceber um vento de chuva na Ilha de Florianópolis é comum nas tardes de verão na Ilha. A imagem ilustra texto de Archibaldo Cabral Neves, então gerente da Sul nº12, e apresenta um novo elemento, as retas executadas com régua. O desenho segue a respeitar uma forma esquemática humana.



Figura 5 – Mund Júnior, Hugo. Desenho. S/T. Revista Sul, ano 3, nº 12, out., 1950.  
Fonte: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27600>>

Esta imagem, cujo rosto sugere mais melancolia que ternura, é virada à esquerda e a assinada à direita, como se espelhasse ternura, mas as retas certas predominam em relação aos traços livres. Aparenta pelo olhar no cruzamento do casaco e da mão que serra, olhar algo interno, íntimo, e de uma importância tamanha a ponto de se guardar no peito. O franzir da testa impõe a expressão e linhas atrás da figura levam a um plano quase imperceptível. Um horizonte de uma estrada com árvore seca em uma das margens mescla-se com o cabelo. Perplexidade e dor estariam contidas nesta ilustração? Seria parte de uma série?

As retas compositivas desse desenho retornam em imagens de uma Florianópolis do período pós-guerra, onde as pessoas trabalham na lavoura ou no mar, vão a praça, e em residências precárias se protegem dos ventos minuanos. Ver desenhos no anexo 1: *s/título*, Sul nº13; *s/título*, Sul nº14; *mercado público florianópolis*, Sul nº14; *terra*, Sul nº15; *composição*, Sul nº16. Neles percebemos uma narração dos territórios explorados pelo artista e refletem com sinuosidade e retidão os corpos de uma cultura ilhéu, ainda provinciana. Hiedy Hassis (1926-2001) e Meyer Filho (1919-1991) veteranos em relação a Mund, também se debruçaram a retratar o cotidiano e o folclore da ilha. Como na capa da Sul nº17 e nº18 que apresentam imagens da cerâmica catarinense.

Todos esses desenhos foram feitos com dois problemas gráficos que correspondem ao ensino secundário, as linhas retas e as linhas curvas. Em um olhar formal, notamos tratar de uma série caracterizada por figuras pouco realistas, esquemáticas, sem referências visíveis, com exceção

do Mercado Público Municipal de Florianópolis que aparenta ser de observação. O desenho *Terra* sugere uma mulher puxando plantas e um homem capinando, em possível referência às pinturas de Cândido Portinari (1903-1962). Plausível considerar que, conforme O Estado/SC em 1948,<sup>41</sup> Marques Rebelo (1907-1973) trará obras de artistas e uma delas é de Portinari.

Chamaremos aqui de **formas primárias**<sup>42</sup> os desenhos iniciais que coincidem em período com a fundação e primeira exposição do Museu de Arte Moderna de Florianópolis (MAMF, 1948). Marques Rebelo trouxe para compor o acervo obras de Volpi, Tarsila do Amaral, Iberê Camargo, Portinari, Djanira, Athos Bulcão e outros artistas que Mund viria a tangenciar no futuro. Cabe-nos questionar se o artista esteve na mostra inaugural e se a *Exposição de Arte Contemporânea* o tocou em algum modo. Se ele clama por bons pintores no Jornal Oásis, conforme Luciene Lehmkuhl, acreditamos que a mostra trouxe repertório para perceber o que é ou não uma pintura de qualidade.

O esboço em carvão sobre papel kraft do Portinari no MAMF é incipiente na produção do artista ao longo da carreira e uma possível reverberação dessa imagem no repertório do jovem Mund seria nas vias de instigar a procura e a leitura de outros trabalhos. No entanto, *Terra* deixa escapar as formas de *O lavrador de café*<sup>43</sup> de 1934, com mãos, braços, pernas e pés evidentes e robustos pelo trabalho rural, enquanto no desenho *Terra* de Hugo Mund os personagens são narrados em pleno movimento e ação, o que difere do momento de respiro daquele lavrador.

Quando Ricciardi questiona Mund sobre figuras de mestres em seu período de formação, o artista reforça que nunca o teve, o que nos faz descartar a hipótese de menção intencional a Portinari, e diz não se identificar com *os diversos “ismos” das correntes literárias e artísticas*.<sup>44</sup> O esboço de Portinari no MAMF e *Terra* de Mund podem possuir similaridades como algo que escapa. Ainda mais que seu interesse percorrer a literatura, o cinema, o teatro, a música *e, de modo especial, as artes plásticas*.<sup>45</sup> O que seria esse modo especial?

A sua frutífera curiosidade da infância e o repertório conquistado em ambiente familiar levou-o aos primeiros desenhos ainda tímidos, mas sempre sintéticos, cujos personagens estão com o olhar direcionado ao chão. Seria um reflexo de sua personalidade, uma citação ou um deslize de intenção? Há nos desenhos uma resposta ao luto de Josephine? Porque seus personagens não direcionam o olhar para cima ou para o desenhista? Hugo Mund observa como ocorre em aulas de modelo vivo?

Procuramos respostas em sua aparição escrita, a única peça de teatro publicada mencionada anteriormente, *O louco*.<sup>46</sup> Ela constitui-se em um ato com apenas dois personagens: um assassino

41 O Estado de Florianópolis. Santa Catarina, 10 set. 1948. Em: <http://memoria.bn.br/DocReader/884120/57252>

42 Ordenamos seus trabalhos visuais em quatro séries nos anexos: 1 - Formas Primárias (1949-1957); 4 - Ilustrações (1952-1981); 6 - Poemas Visuais (1968-1988); 7 - Formas Últimas (1993-1998).

43 Acervo do Museu de Arte de São Paulo (MASP).

44 RICCIARDI, Giovanni. op. cit., p. 86.

45 *Idem, ibidem*.

46 Disponível no anexo 2.

e um estranho. Ambos debatem sobre as indagações do assassino sobre o quão delicioso é matar, como ele executa isso com tranquilidade e consciência, enquanto por outro lado, o estranho realça o crime como erro e questiona-o a render-se ou suicidar-se.

No meio da trama, o assassino interrompe e diz que *a inteligência é a única faculdade capaz de compreender o abstrato e sendo a consciência uma coisa abstrata, só a inteligência a pode compreender*.<sup>47</sup> Em um exercício de duelo, há um esforço de parear forças, de obedecer às leis da consciência em relação às leis da sociedade, torná-las equivalentes. No decorrer da discussão entre os personagens há uma brecha. Enquanto um exalta-se a ponto de apunhalar o outro, o sujeito estranho, versa sempre em tom estável, lúcido e por vezes teológico.

estranho:

-Eu sou a justiça do espírito. Procuo melhorar teus sofrimentos. Enforca-te, afoga-te, envenena-te... Oh! Quanta poesia, encanto, sedução possui o suicídio.<sup>48</sup>

A peça, está dividida em três páginas da revista com sequência fragmentada (p.10 meio, p.7 início, p.27 fim) que gera descontinuidade no leitor ao manusear a revista, como em Julio Cortázar no *Jogo da Amarelinha*, 1963. O livro pode ser lido sequencialmente e também nas sugestões do autor, no caso da revista sul, dos editores. A peça foi rodada no Teatro Álvaro de Carvalho (TAC) em 13 de julho de 1951, dois anos depois de sua publicação, conforme registros na Revista nº14 e no Estado/SC de 18 de julho.

Sálvio de Oliveira diz que os jovens do Grupo de Estudantes de Teatro (GET) do Colégio Dias Velho estavam preparados à apresentação dia 13 e a casa estava lotada, entende como uma vitória o sucesso do GET, *produto do esforço e da vontade indomável de seus componentes*.<sup>49</sup>

Assim, assistimos, em primeiro lugar à representação da peça de Hugo Mund Júnior - O LOUCO. Muito interessante como texto e bem defendida interpretativamente por J. P. Silveira de Souza e Sílvio José do Vale Pereira. Bela concepção de cenário, que nos pareceu não totalmente realizado. A iluminação e o tom de voz dos intérpretes dever ser observados com mais cuidado.<sup>50</sup>

A parte da crítica de não estar audível a voz dos intérpretes, é reforçada na segunda peça. Na notícia registra-se uma referência quando Mund é citado como responsável pela cenografia de *O Urso* de Anton Tchekhov. Se uma tangência consiste na aproximação de realidades distantes, inferimos que quando Mund aproximou-se de Oswaldo Goeldi anos depois, já detinha repertório de leitura dos escritores da Rússia conquistado de alguma maneira na realização do cenário para a peça.

O URSO, que podemos classificar como uma comédia-de-costumes, desenvolvida dentro de um cenário sensivelmente estilizado, de Hugo Mund Júnior, perdeu muito de sua cor local. Não achamos, porém, que constitua demérito, pois o cenário, apesar disso, estava muito bonito, bem executado, e a sátira social foi bem defendida pelos intérpretes, que provocaram, com facilidade, o riso da platéia.<sup>51</sup>

47 MUND JÚNIOR. Hugo. *O louco*. Revista Sul nº10, 1949.

48 *Idem, Ibidem*.

49 O Estado de Florianópolis. Santa Catarina, 18 jul. 1951. Em: <http://memoria.bn.br/DocReader/884120/63640>

50 *Idem, Ibidem*.

51 *Idem, Ibidem*.

Na Revista Sul nº14<sup>52</sup> assinado pela redação diz que:

Na peça de Hugo Mund Júnior., uma peça de idéias, estática, formam feitas curiosas experiências no que tange à interpretação em si e a apresentação. Hugo Mund Jr. ideou e êle mesmo juntamente com os demais colegas ajudou a construir os cenários. Bons, funcionais, **jogando sobriamente com poucos elementos, usando muito sombras, efeitos de luz.** Na direção funcionou J. P. Silveira de Souza que se saiu a contento, se bem a peça necessitasse de um melhor ritmo. Ainda na interpretação atuaram J. P. Silveira de Sousa, que fez o louco, e Silvio do Vale Pereira, na consciência, ambos em interpretações boas, especialmente o segundo.<sup>53</sup> (Grifo nosso).

Conforme Sálvio outras peças ocorreram e uma delas é *A Viúva Pepova* com Lígia Moellmann. Hugo Mund participa como ator, em único registo na cronologia, e *compôs excelente tipo no criado Luca*.<sup>54</sup> A atuação no personagem *Luca*, silenciosa e tímida mas excelente e efetiva, nos remete a um comentário do artista que diz: *vida e projeto artístico apresentavam-se entrelaçados a eventos e lugares bem definidos*<sup>55</sup> como se em cada local que habitou, pôde conviver, se experimentar, compor e frequentar renovadores circuitos artísticos, mas em alguns momentos foi relegado, ou escolheu, a um papel de figurante secundário.

Seus territórios primários compõe-se em *Infância e juventude: duas topografias, duas culturas*.<sup>56</sup> Luca, que Mund corporifica com excelência, leva-nos a perceber pouco sobre sua personalidade de *um acanhado da província*, como diz a Ricciardi, em relação a vida no Planalto Serrano e na Ilha de Santa Catarina.

A Revista Sul nº13 de abril de 1951, revela que o acanhado da província, com demais equipe, decida-se aos ensaios em fase adiantada da peça *É proibido suicidar-se na primavera escrita*<sup>57</sup> pelo dramaturgo espanhol Alejandro Casona (1903-1965). Segundo a revista a direção seria de Armando Carreirão e cenário de Hugo Mund Jr. Não encontramos dados da realização desta peça nem da cenografia. Cabe pontuar que apesar de acanhado, exerce atividades com importantes dramaturgos e diretores, e se a peça foi realizada ou não, o suicídio está presente e possivelmente seu cenário seria dramático e soturno.

Localizamos dois retornos desse problema em trabalhos posteriores. O primeiro é o seu primeiro livro editado e impresso, *Sonetos da noite*, com seleção de poemas de Cruz e Sousa, realizado por Silveira de Souza, publicado em 1958; o segundo é uma ilustração no livro *Germens* de 1977 que remete a uma narrativa biográfica de infância.

Enéas Athanázio relembra que comprou o livro *Sonetos da Noite* na Livraria Anita Garibaldi,

52 “Formam feitas” e Silveira de Souza escrito ora com s e ora com z, foram transcritos como estão impressos.

53 SUL: Revista do Círculo de Arte Moderna. Florianópolis: Museu de Arte Moderna de Florianópolis, v. 13, abr. 1951, p. 62. Em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27601>>. Acesso em: 21 jun. 2019. As peças eram ensaiadas no teatro da União Operária. Atualmente como Teatro da União Recreativa Operária (UBRO), é administrado pela Prefeitura de Florianópolis.

54 O Estado de Florianópolis. Santa Catarina, 18 jul. 1951. Em: <http://memoria.bn.br/DocReader/884120/63640>

55 RICCIARDI, Giovanni. op. cit., p. 87.

56 *Idem, Ibidem.*

57 Roteiro da peça disponível em espanhol: <http://www.stpaul.cl/biblioteca/Prohibido%20suicidarse%20en%20primavera.pdf>

conhecida como livraria do “Salim” em um canto da Praça XV de Novembro no centro de Florianópolis. O jornalista destaca que de início não gostou do livro porque achou *fúnebres as xilogravuras de Hugo Mund Jr. e tristes os poemas selecionados por Silveira de Souza*. Segue sua nota em tom nostálgico, a lamentar que adéptos da *redentora de 64* incendiaram a livraria, e nela, além de *Sonetos da Noite* que leu e releu por mais de vinte anos, comprou *estampas dos meninos de Brodowski* de Cândido Portinari. Os *tristes* poemas e as *fúnebres* gravuras, estavam tangentes a Portinari por mais uma vez.<sup>58</sup>



Figura 6 – Mund Junior, Hugo. Jornal Ô Catarina nº30, jul/ago 1998. Texto de Silveira de Sousa sobre *Sonetos da Noite*. Fonte: <<http://www.cultura.sc.gov.br/publicacoes/ocatarina/edicoes/1383-jornal-o-catarina-n-30/file>>

Silveira de Sousa comenta na matéria que realizou esta retomada a convite de Iaponan Soares, estudioso do poeta simbolista, e revela que o projeto partiu de ideia de Hugo Mund. O livro foi encaminhado pelo desembargador Henrique Fontes à Andrade Muricy<sup>59</sup> e Carlos Drummond de Andrade que elogiaram o projeto. A obra foi reeditada fac-similar em 1988 com tiragem de 1000 exemplares. Esses dados revelam o alcance que o livro tomou e a importância que Hugo Mund atribuiu ao escolher Cruz e Sousa como tema de suas ilustrações e objeto para a inauguração de uma editora. Esta obra funde os gestos de ilustrador e editor.

Outra imagem repete uma sensação fúnebre e toca na infância do artista, em narrativa e na relação com os livros. Este poema engloba legenda textual e desenho e a figura é enquadrada com aspecto de revista de quadrinhos. Nota-se um jovem sentado sobre a mesa, segurando uma faca com uma mão e o livro com a outra. O menino está despido e sua genitália é encoberta pela sombra do ambiente. Aparenta olhar, como em fotografia, diretamente ao fotógrafo com sorriso de lábios. Ao fundo tem uma janela, uma biblioteca e abaixo há um esqueleto humano.

58 ATHANÁZIO, Enéas. *Sonetos da noite*. Blumenau em Cadernos, p. 108. Em: <http://memoria.bn.br/DocReader/884634/9762>

59 SOUZA, Cruz; JUNKES, Lauro. *Cruz e Sousa simbolista*. Jaraguá do Sul: Ed. Avenida, 2008, p.28. Organizou em 1945 e 1961, *Obras Completas* de Cruz e Sousa..

A baía da faca está na mesa com outros livros. Ao ver os livros com a caveira, o sorriso e a faca retorna-se à peça *O louco*.

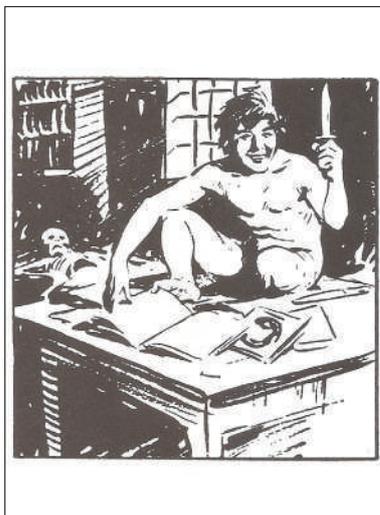


Figura 7 – Mund Júnior, Hugo. Impressão. Detalhe de página do livro *Germens*, 1977. Foto do autor.

A legenda da imagem *educação dos 7 aos 14* faz ver um jovem ousado que utiliza dos bens de seu pai, a faca e a biblioteca, em tom de brincadeira por desconsiderar um morto abaixo da estante. *Germens* contém poemas visuais e esta imagem parece solta entre as páginas. O que este desenho com legenda faz entre círculos, quadrados, triângulos, linhas e pontos?

Lauro Junkes além de reunir a poesia de Mund organizou também *Cruz e Sousa Simbolista*, e no início do estudo fala sobre o repertório do poeta simbolista a partir dos escritores franceses, como Mallarmé. Ele afirma que o *cultivo das analogias sensoriais e espirituais* estão presentes nos versos do poeta, assim como o *satanismo e as correspondências sinestésicas dos sentidos*.<sup>60</sup> As figuras fúnebres da peça, as cenografias, os desenhos (ver figuras 97 a 158 no anexo 4), e *educação dos 7 aos 14* um apreço aos resquícios do romantismo e do simbolismo? Estaria na leitura de escritos de Cruz e Sousa a matriz para a fase ilustrativa de Hugo Mund Júnior?

Estímulos e pretextos para escrever podem surgir de duas fontes: a de origem interna e a de influência externa. A fonte interna é o imenso reservatório onde se acumula tudo o que o autor viveu, experimentou e sonhou e que um dia se aglutina em função de um objetivo, por exemplo, o de escrever poemas. A fonte externa é o assim chamado mundo exterior que funciona como evidência objetiva e que tem o poder de deflagrar o poema.<sup>61</sup>

Em termos de mapeamento de enunciados das obras de Mund enquanto arquivo a incompletude se impõe como uma contingência e as recombinações são muitas. Isso coloca-nos na posição de especular possíveis bifurcações de sua trajetória artística sabendo que a combinação de dados cronológicos são fantasmagorias de um tempo que passou. Teria Mund encontrado na leitura

60 SOUSA, CRUZ; JUNKES, Lauro. op. cit., p.26.

61 RICCIARDI, Giovanni. op. cit., p. 90.

de Cruz e Sousa a celebração do luto da irmã? O luto pelo devaneio e pela fantasia aparecem em suas retas, curvas, irônias e melancólicas primeiras obras. Seus traçados narram seu entorno com uma percepção de nação ora montanhosa, ora ilhada, um sentir íntimo, e tem como fonte a leitura, para ilustrar figuras e editar jornais e livros.

## 2.2 RECATADO DA PROVÍNCIA E EXPANSIVO NA METRÓPOLE

sobrepõe-se ao fixo  
e ao úmido volátil  
a luz primordial  
contínua vibração  
de toda substância  
sem começo ou fim

ígneo - o início ativo  
junta-se ao mediador  
- fluido etéreo fixando  
a matéria - coágulo  
submetido à educação

equilíbrio é o objeto  
da arte - seja poema  
ou provação de alento  
entre a mão e a cabeça  
age o intermediário  
triade do necessário

Hugo Mund Júnior. Exercício em Branco, 1986, p. 72.

Hugo Mund recebe bolsa de estudos para estudar na ENBA e aprofunda estudos em desenho, pintura e gravura, passa a rever sua produção seus interesses e seu repertório ótico e técnico. A essa reformulação chamaremos de mudança de eixo. As novas tangências com artistas reconhecidos do modernismo no Brasil compõe um segundo território para consolidar um amor sem medida pelos livros, e o círculo de relações interpessoais potencializam a concretização deste sonho. Olharemos neste ítem como ocorre a expansão massiva de um pensamento moderno na formação autodidata e acadêmica, e como sua atuação profissional o leva a outros lugares no Brasil e no exterior.

Joca Wolff: *Você muda para o Rio em 1952. Você foi para lá ansioso, animado, entusiasmado?*

H.M: Olha, quando eu fui pro Rio eu já estava com minha cabeça feita aqui. Eu nunca tive curiosidade de conhecer pessoas e talvez seja porque passei muitos anos me alimentando de livros, de contatos mais com a obra do que com a pessoa. E quando eu fui para a Belas Artes, eu sabia bem para onde eu estava indo: para uma academia! E eu era um inimigo do academismo.<sup>62</sup>

Em Santa Catarina na década de 40, instaurou-se um movimento artístico criado por jovens agitadores que propunha renovar o modo de entender e produzir arte na sociedade catarinense após a Segunda Guerra Mundial. O Círculo de Arte Moderna<sup>63</sup> ficou conhecido como Grupo Sul

62 WOLFF, Joca. *Entrevista com Hugo Mund Júnior*. Suplemento Cultura Ô Catarina nº3. Florianópolis: FCC, jun. 1993, p. 7.

63 Em *Armazém da Província: Vida literária e sociabilidades intelectuais em Florianópolis na Primeira República*, 2014, p.20, Felipe Matos menciona em nota de rodapé que Círculo de Arte Moderna foi fundado por Salim Miguel, Eglê Malheiros, Ody Fraga, Antônio Paladino e Aníbal Nunes Pires e que, Hugo Mund se une ao grupo no decorrer do tempo.

e atuava com a Revista Sul e as Edições Sul; teve envolvimento com o cinema e produziu o longa-metragem *O preço da ilusão*, 1957; derivou no Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis que realizou salões em 1958 e 1959; nas artes cênicas tinham o CAM e o Grupo de Teatro Experimental de Florianópolis, que gerou os rendimentos para a publicação de dois exemplares iniciais da Revista Sul.

O Hugo Mund foi, de todos, o que circulou em mais áreas. Começou como artista plástico, desenhista e artista plástico. No Rio, estudou inclusive com o Goeldi. Depois andou publicando contos. Foi lecionar na Universidade de Brasília e em 64 foi afastado, só sendo readmitido em 79, 80. De repente, ele larga tudo e se dedica exclusivamente à poesia. Hoje está com uns dez livros de poesia publicados, inclusive alguns com prêmios em concursos nacionais, em Minas Gerais e outro, me parece em Pernambuco.<sup>64</sup>

Circulou em mais áreas afirma Salim Miguel, que junto com Eglê Malheiros deixaram sua biblioteca<sup>65</sup> ao acervo homônimo do Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas (IDCH) do Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED) da UDESC. Em visita ao local encontramos grande parte dos livros de Mund assinados e dedicados ao casal que tornaram-se grandes responsáveis pela promoção de artistas e trabalhos artísticos a partir de 1947. Ambos faziam solicitações de ilustrações a Hugo Mund Júnior. Pontuamos aqui o contato com um grupo reconhecido como vanguardista e isso ocorre após conclusão do ensino regular.

Corrigindo Salim, a data da anistia é 1988<sup>66</sup> e os prêmios foram em Minas Gerais (Prêmio Cidade de Belo Horizonte em 1986) e na Paraíba (Menção especial Guararapes). Antes de largar tudo e seguir para a literatura e antes da UnB e das aulas com Oswaldo Goeldi, Mund aventurou-se na escrita. Publicou na coletânea *Contistas Novos de Santa Catarina* seu primeiro conto *No bar e “café expresso”*.<sup>67</sup>

O conto narra o ambiente de um bar onde as funcionárias trabalham sem sossego e os clientes são pessoas prósperas, exigentes e arrogantes. Dois sujeitos se sentam à mesa e discutem política enquanto são servidos. Enquanto nomes com as iniciais G, F e M são mencionados o café esfria e um deles se irrita. Injuriado pela ausência do leite e suposta desatenção da atendente, o cliente reclama novo café e a funcionária é ridicularizada pela grosseria do freguês. O gerente o dá crédito ao criticar a atendente denominada de Maura.

Em outra circunstância no conto, Maura é assediada por um motorista. Sem sentir-se bem com o lugar de submissão, reage arremessando água quente na face do ousado sujeito. O motorista é defendido pelo dono do bar que procura desculpar-se aos clientes e ordena a retomada dos trabalhos. Enquanto isso, Maura esconde-se no banheiro e lá permanece trancada até que todos vão embora.

<sup>64</sup> *Idem*, p. 53.

<sup>65</sup> O Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel foi inaugurado no dia 28 de novembro de 2013. Ali está disponível o acervo do casal composto por cerca de 9.300 livros, 267 títulos de revistas, documentos e objetos pessoais. Em: <http://www.faed.udesc.br/?id=1095>

<sup>66</sup> Ver apêndice 1, 1988.

<sup>67</sup> Disponível no anexo 3.

O gerente esbanja deboche e violência contra a atendente, cega pela circunstância passo que [...] *nada percebe claramente, pois uma névoa azulada cobre seus olhos*.<sup>68</sup> É enxotada para fora, demitida e desolada, em um aceno do autor à uma trabalhadora. Maura não é agredida pelo gerente porque havia um personagem negro por perto, varrendo o chão silenciosamente anônimo. Ao fechar das portas, para Maura resta a rua noturna, cuja característica no fim do texto é de *noite fria e escura, mas mesmo assim acolhe os pobres diabos que têm fome e são humilhados*.<sup>69</sup>

Reinaldo Dias analisa em 1954 os contos da edição nº4 de *Contistas Novos de SC* e realça o esforço de diferenciação entre o gênero conto no aspecto narrativo e aspecto fotográfico. Na vertente fotográfica de tendência naturalista, que implicaria em uma temática em primeira pessoa que valer-se-ia de fazer os sentidos possíveis de um olhar fotográfico, na beira de uma crônica autobiográfica e isto implica e aparece nos autores como um *lirismo egocêntrico*. Não é o caso dos escritores catarinenses, muito embora poucos atingiram profundidade descritiva.

Os jovens de SC caminham no tratamento dos assuntos, da temática, dos casos, dos momentos, com *uma humanidade sentidamente real, quase nada aristocrática ou seletiva, profundamente autêntica nas suas raízes e, o que é melhor ainda, com um sensível tratamento de dentro; quase nenhum autor me pareceu gratuito, espectador apenas [...]*.<sup>70</sup> Sua análise aponta-nos o problema da afirmação de uma identidade local, expresso no realce da cultura florianopolitana e na preocupação com os sujeitos em uma sociedade provinciana. Um lance de sensibilidade social, tal como descreve Mário Pedrosa ao falar da segunda fase do modernismo:

Aqui se pode pegar ao concreto uma diferença marcante entre a primeira fase da Semana de Arte Moderna e a fase intermediária. Naquela trata-se de levar ao público através do escândalo ou da terapêutica de choque espécimes da revolução modernista que vai pelo mundo. Um punhado de artistas plásticos, de poetas, literatos, músicos que se proclamam “modernos” e se reúnem, em nome desse modernismo, para se apresentar ao burguês provinciano. Cada ramo de arte mostra com seus artigos seus representantes. Todos estão ali na pressuposição de que são individualidades geniais. Agora, na segunda fase, o pensamento dominante já tem certa conotação social e coletiva, e não é por acaso se o verdadeiro protagonista é o arquiteto. Na terceira fase, e das bienais, o pêndulo volta às artes individuais, e a hegemonia passa à pintura, como era na Europa.<sup>71</sup>

Ao que tudo indica o Grupo Sul, movimento provinciano que alcançou reconhecimento rapidamente no Brasil e no mundo, embarcou na tendência de proclamação moderna, e isto confirma-se no embate dos “novos e velhos”, na difusão de diálogo com artistas de outras etnias e na conotação social. Isto, se entendermos que os escritores de contistas novos, não eram *gratuitos* ou espectador conforme Reinaldo Dias.

68 MUND JÚNIOR, Hugo. *No bar e café “expresso”*. Sul: Revista do Círculo de Arte Moderna, Florianópolis, p.47-50, dez. 1952, p. 49. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27605>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

69 *Idem*, p. 50.

70 DIAS, Reinaldo. *Contistas - IV*. Crítica de rodapé. Rio de Janeiro, Jornal Última Hora, 25 de set. 1954, p.5.

71 PEDROSA, Mário. A bienal de cá para lá. Em: GULLAR, Ferreira (Org.). *Arte brasileira hoje*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1973, p. 25.

Na Revista Sul nº17 de 1952, Hugo Mund tem expressiva participação, tanto pela capa com desenho de cerâmica popular catarinense, quanto pela ilustração de capa do livro *A ponte* de Antônio Paladino. A edição traz o artista como membro da equipe de redação. Há uma experiência em linoleogravura que nos leva a perceber um indício do que está por vir em sua produção gráfica. No primeiro registro de gravura produzido pelo artista ele cria um cenário sensível à condição social da personagem Maura do conto descrito acima.

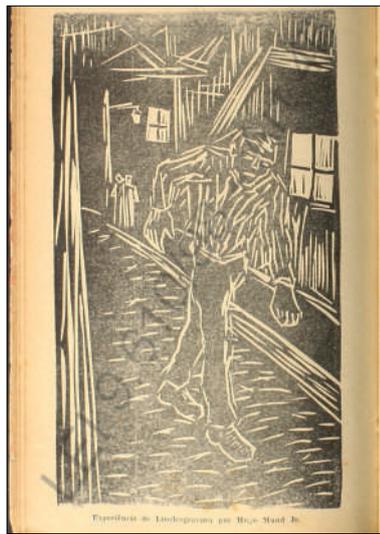


Figura 8 – Mund Júnior, Hugo. Experiência de linoleogravura na Revista Sul, ano 5, nº17, out., 1952. Ilustrou a capa desta edição, é mencionado como ilustrador em livro de Antônio Paladino e membro da equipe de redatoria. Fonte: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27604>>

Ao afirmarmos que a narrativa no conto destaca um olhar visto de dentro, e lança o cenário de Florianópolis enquanto afirmação de uma identidade local, Maura, reaparece na linoleogravura travestida de figura masculina, na *noite fria e escura*, observada por dois passantes anônimos. A figura percorre a cidade pela rua em um andar quase a atirar-se ao chão, lance típico de uma sensibilidade modernista, embebida no drama de uma solidão suburbana. Hugo parece iniciar aqui a prática do entalhe com rasgos grosseiros, distinto de seus delicados desenhos, deixando a figura humana com pernas deformadas, mas as mãos os pés e a expressão facial estão bem formadas.

Telma Scherer em *Os olhos tristes da casa, os olhos meigos do boi* escreve sobre o modernismo brasileiro a partir de três artistas do acervo do MASC e problematiza as relações entre *a ideia de progresso e modernização em contraponto com a manutenção de tradições do passado*.<sup>72</sup> A autora coloca o valor de Mund como artista que contribuiu ao modernismo brasileiro tanto como poeta quanto artista visual. Diz que sua atuação no Grupo Sul favorece a criação de um imaginário que [...] *aprofundou muitos dos temas que aqueles pioneiros lançaram para a cultura nacional*<sup>73</sup> referindo-se aos pioneiros da Semana de Arte Moderna de 1922.

<sup>72</sup> SCHERER, Telma. *Os olhos tristes da casa, os olhos meigos do boi*: Uma leitura de quatro obras do modernismo brasileiro pertencentes ao acervo do MASC. DAPesquisa, v.11, n.16, p.53-71, 2016. p. 54.

<sup>73</sup> *Idem*, p. 59.

Joca Wolff: Existia um ambiente propício para o desenvolvimento das artes em Florianópolis? como era o clima então?

Hugo Mund: O clima era de uma espécie de miniatura do que existia no Rio ou em Paris, naquele sentido dos intelectuais se reunirem nos bares e discutirem leituras. Nós nos reuníamos no Café Rio Branco aqui.

J.W.: O fato de o Modernismo ter chegado em Santa Catarina com mais de 20 anos de atraso foi muito negativo?

H.M.: Na minha experiência pessoal, nunca foi negativo, porque foi a forma como eu me encaminhei, o que para mim foi de uma oportunidade excepcional. Independente de ter sido tardio ou póstumo, a inquietação que trouxe e o que resultou disso tudo não dá para calcular.<sup>74</sup>

Ao que parece o Grupo Sul desperta um caráter de renovação e o artista reconhece o valor da atuação na sua província como uma oportunidade única de aprofundamento formativo, particular, que condiz com a hipótese de Telma Scherer. Os modernos do sul exerceram influência sobre o cenário artístico e cultural local, mesmo que de algum modo, seguissem uma tendência internacional apresentando-se a um *burguês provinciano* como apontou Mário Pedrosa.

Na entrevista com Joca Wolff, Hugo Mund realça o que Pedrosa infere sobre a tendência às artes individuais. Seria esta etapa tardia em relação a fase das bienais? A Ricciardi, Mund diz *que é uma fatalidade que o autor tenha uma terra natal*<sup>75</sup> e que precise contar com a *benevolência dos que o rodeiam*, pois a poesia em si não respeita a geopolítica nem as fronteiras dos estilos.

A Revista Sul nº17 expõe conversa com o escultor Moacyr Fernandes (1922-1977) que menciona Mund como um artista talentoso dentro da excelente equipe que a revista possui. Ele comenta que encontrou-se com Hugo Mund que mostrou-lhe os desenhos antigos e outros atuais, e pondera que eram quase iguais, o que para um artista de talento é um problema. Mesmo assim, recomenda que clamem ao governo uma bolsa de estudos na capital.<sup>76</sup>

E o que pude concluir foi que, além do valor inegável dele, da tendência pra lá de manifesta para a pintura, é preciso o aprendizado. Logo Hugo está caindo já tão cedo numa espécie de fórmula, interessante por sem dúvida, como começo, uma espécie de simplificação primária, que como início é bom, mas que, creio, acabaria por não conduzir a coisa nenhuma.<sup>77</sup>

Larissa Chagas Daniel analisa a permanência de problemas modernistas nas ilustrações das Revistas Sul criadas por Mund Jr., Hassis, Meyer Filho e Martinho de Haro. Ela destaca as palavras de Salim sobre um espírito de renovação continente nas imagens, reforça os aspectos de pesquisa e exploração de temáticas locais, e uma versão do problema da afirmação da identidade nacional proposto pelos modernistas da semana de 1922.<sup>78</sup>

A autora faz breve descrição de Mund sem mencionar que ele foi também redator das revistas. Ela se utiliza do desenho *Pescadores* para realçar a narrativa de afirmação de identidade local

74 WOLFF, Joca. op. cit., p. 7.

75 RICCIARDI, Giovanni. op. cit., p. 94.

76 SUL. 1952, p. 5. Em: <http://memoria.bn.br/DocReader/327468/612>

77 *Idem*, p.5.

78 DANIEL, Larissa Chagas. *Estética e Modernidade: urbanização cultural em Santa Catarina*. Revista Santa Catarina em História - Florianópolis - UFSC – Brasil ISSN 1984 - 3968, v.6, n.1, 2012. p.43

pela forma sintética e fluida dos pescadores com calças dobradas e chapéu. Murilo de Sousa Rosa enumera as mesmas ilustrações e destaque o cotidiano popular, marcado pelos hábitos tradicionais. Ambos confirmam os lugares como cenário de um conjunto de assuntos de interesse para os ilustradores da revista.<sup>79</sup>

Luciene Lehmkuhl e escreve em os *modernistas da ilha* que ao lidar com a documentação e olhar imagens e textos dos artistas Sul para tentar compreender os pontos de contato da diversa produção do grupo, *não foi suficiente tomar os artistas e suas obras como modernos*. Conforme a autora as reverberações dos artistas e seus trabalhos na vida cultural da cidade *é percebida na publicidade que ganhou na época e, também, a elaboração que engendram de toda uma cultura e uma maneira de ser e de estar dos habitantes de Florianópolis*.<sup>80</sup>

Como um colaborador e não como membro efetivo foi relevante para Mund viver em Florianópolis com os artistas do Grupo Sul. Ele conquistou repertório de leitura, experiência em redação de jornal, de produção textual e prática de ilustração. Pôde construir um senso de sociedade e desenvolver em seu trabalho um olhar sobre a natureza e a cultura onde está inserido. Essas vivências o acompanham ao longo da vida e serão aprofundadas em uma nova etapa de sua formação na ENBA no Rio de Janeiro.

A reivindicação de Moacyr Fernandes para uma bolsa de estudos ao artista foi atendida enquanto Jorge Lacerda<sup>81</sup> era deputado federal, e Mund comenta que *politicamente, nós tínhamos o apoio dele. Ele era um intelectual de vanguarda também e um homem muito dinâmico na área cultural, muito avançado para a época*.<sup>82</sup> Jorge Lacerda foi responsável pelo Suplemento de Letras e Artes<sup>83</sup> do Jornal A Manhã de 1946 a 1950.

Consta no currículo<sup>84</sup> de 1993 no acervo do MASC que Mund inicia os estudos na ENBA da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1953 e segue até 1957 no qual recebeu diploma de pintura registrado no MEC pelo nº 711 de 22/02/1960. De 1956 até 1958 frequentou o ateliê de gravura aos cuidados de Oswaldo Goeldi. A ENBA-UFRJ teve como gestora Georgina de Albuquerque que administrou de 1952-1955 e Alfredo Galvão de 1955-1958 enquanto Mund era discente. Sônia Gomes Pereira pontua em tópicos, marcos importantes neste período:

79 ROSA, Murilo de Sousa. *A arte e a política na obra de Willy Zumblick*. Dissertação. UDESC. Florianópolis 2015, p. 97.

80 LEHMKUHL, Luciene. Os modernistas da ilha. Em: FLORES, Maria Bernadete Ramos; LEHMKUHL, Luciene; COLLAÇO, Vera Regina Martins. *A Casa do baile: estética e modernidade em Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006, p.61

81 Jorge Lacerda foi eleito deputado federal por Santa Catarina em 1950, reeleito em 1954, e venceu o pleito ao governo do Estado em 1955. Em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/lacerda-jorge>

82 WOLFF, Joca. op. cit., p. 7.

83 Neste período dialogou com escritores: Adonias Filho, Afrânio Coutinho, Alceu de Amoroso Lima, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Ciro dos Anjos, Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Ledo Ivo, Lygia Fagundes Telles, Manuelito de Ornellas, Mário Quintana, Marques Rebelo. Jorge Lacerda foi considerado o governador que mais apoiou e incentivou a literatura e o jornalismo no Estado. Disponível em: <http://osoldiario.clicrbs.com.br/sc/economia/noticia/2014/06/acidente-que-matou-jorge-lacerda-e-nereu-ramos-mudou-rumo-da-politica-em-santa-catarina-4526220.html>

84 Vide anexo 10.

**1951** – A Lei 1512 de 19 de dezembro de 1951 criou a Comissão Nacional de Belas Artes e o Salão Nacional de Arte Moderna, dividido em dois salões: Salão Nacional de Belas Artes e o Salão Nacional de Arte Moderna. - Criação do Curso de “Especialização da Gravura em Talho–doce, da Água–forte e Xilografia” (Raimundo Cela foi indicado pela Congregação da Escola para a orientação deste primeiro curso, tendo se afastado posteriormente por motivos de saúde; em 1955, Oswaldo Goeldi é contratado, ali permanecendo até sua morte, quando é substituído por Adir Botelho).

**1952/54** – Georgina de Albuquerque exerce o cargo de Diretora da Escola Nacional de Belas Artes (ocupado pela primeira vez por uma mulher).

**1955** – Criação do núcleo “Vida–Valor–Arte” pelo professor Onofre Penteadó, objetivando uma maior integração dos professores e alunos face às pesquisas contemporâneas.

**1955/1957** – Criação do curso livre de Especialização em litografia, com a orientação de Darel Valença Lins, funcionando no espaço da Associação Atlética do Diretório Acadêmico da ENBA.

**1957** – Novo Regimento da ENBA redefine os cursos: Pintura, Escultura, Gravura, Arte Decorativa e Licenciatura em Desenho. São oferecidas 9 especializações: Cerâmica, Arte da Publicidade e do livro, Gravura de talho doce, água forte e xilografia, Indumentária histórica, Cenografia, Pintura a fresco, Mosaico, Escultura em madeira, pedras e metais e Composição de Interior.

**1958/1959** – Aprovação do projeto do Curso de Desenho e Artes Gráficas elaborado pelos professores Carlos Del Negro e Abelardo Zaluar e iniciado em 1959 (Neste novo curso, as atividades de gravura artística integram-se ao ensino oficial, passando a constar da grade curricular de formação).

**1959** – Abertura da Galeria Macunaíma pelo Diretório Acadêmico, espaço alternativo para exposições de artistas jovens e de experiências da arte moderna.<sup>85</sup> (Grifo nosso).

No MASC há uma fotocópia de seis carteiras<sup>86</sup> do Diretório Acadêmico: 10 de março de 1954 cuja matrícula é nº559; outra de 1954 com a inscrição matriculado no 2ºano de pintura; outra de 1957 e 1958 com menções à 5ª e 6ª série de pintura. Há outras duas, carimbadas, com menções a premiação em pintura, uma sem data e a outra de 1961. O Jornal O Globo exibe a chamada *Concurso de habilitação da E. N. B. A.* e apresenta ao fim, uma parágrafo que diz o seguinte:

ALUNOS PREMIADOS – No ano de 1958, foram premiados os seguintes alunos do curso de pintura: Lucila Brandão Duprat Pinto e Margarida Glôpo, Medalha de ouro; Rute Costa Tôrres, Sônia Garcia Sousa Fortes, Maria Carmen Tassi, Estela Gláucia Costa Monteiro de Barros, Hugo Mund Júnior, Ivete Bogassian e Áurea Sgarbi Astério, Medalha de Prata; Araci Reis e Silva de Queirós e Maria Gabriela Pestana de Aguiar, Medalha de bronze.<sup>87</sup>

Hugo Mund Júnior afirma que *entrar para a academia foi um desafio, mas foi muito interessante porque foi a forma de eu entrar no trabalho profissional dentro das artes plásticas*. Desafio por se dizer não-acadêmico e possivelmente pelo rigor técnico dos docentes da instituição. Ele entrou em um período de renovação da ENBA que voltava-se para novas pesquisas contemporâneas e começava a incorporar a gravura a editoração e artes do livro em sua grade. Essas correntes

85 SEMINÁRIO DO MUSEU D. JOÃO VI, 6., 2015, Rio de Janeiro. *Repensando a trajetória de 200 anos da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro: revisão historiográfica e estado da questão*. Rio de Janeiro: Eba/ufirj, 2015. Em: <<https://joaoextoseminario.files.wordpress.com/2017/01/2-sonia-gomes-pereira.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

86 Vide anexo 10.

87 O Globo. Rio de Janeiro, 8 jan. 1959.

eram “arte menores” em relação à pintura, escultura e arquitetura. Menor por historicamente estar vinculado a uma comunicação de massas, e/ou por ser vinculada à margem dos grandes gêneros acadêmicos que remontam ao período do Renascimento.

Joca Wolff: O curso no Rio foi satisfatório, conforme tuas pretensões na época?

Hugo Mund: Eu não tinha nenhuma ilusão a respeito da Escola porque eu já tava sabendo o que eu ia encontrar. Eu tive a preocupação de me abrir para todas as possibilidades do ensino tradicional e do ensino atual. Mas quem me deu a diretriz dentro das artes plásticas foi Oswaldo Goeldi, com quem trabalhei durante três anos, como aluno.

J.W.: Houve um grande impacto com a mudança da pequena província para a então capital federal?

H.M.: Do ponto de vista de vida interior, não. Aconteceu apenas o seguinte: encontrei pessoas de um outro nível intelectual, porque lá não tinha mais essa problemática do moderno, lá a coisa já estava feira. Era preciso encarar o aspecto mais profissional e se desenvolver dentro de uma profissão já definida. Mas teve outro intelectual no Rio que me ajudou muito, que foi Lúcio Cardoso, o Romancista. Nos conhecemos na Escola e ele fez a apresentação de uma exposição minha.<sup>88</sup>

É notável a importância que Hugo atribui a prática e aprendizado conquistado com Oswaldo Goeldi. Supomos que esta relação de aluno impressor<sup>89</sup> e professor proporcionou a Mund pontes para o desenvolvimento profissional. O professor Henrique Cavalleiro de pintura, em momento algum é mencionado. Notem que, na citação acima, Mund sugere que no Rio, ele direcionasse a uma atuação profissional, abrindo margem para entendermos a atuação no Grupo Sul foi contingência do círculo de relações criados, ou algo menos profissional. Mesmo assim Hugo persiste com Revista Sul até sua extinção em 1957.

O trabalho nas redações de jornal abriram caminhos para o artista que exerce atuação política na área das artes. Se o problema do moderno estava solucionado, como explicaremos envolvimento de Hugo Mund em movimento estudantil? Seriam elas reminiscências de um pensamento moderno da fase intermediária dos desdobramentos da Semana de 22, como enuncia Mário Pedrosa? Abaixo algumas delas.

Em 1955 Mund participa da delegação carioca do Congresso da Organização Nacional dos Estudantes de Arte (ONEA) ocorrido em Belo Horizonte conforme jornal Imprensa Popular/RJ. A ONEA congrega estudantes da ENBA e das presentes em outros Estados. As principais pautas foram: ampliação do intercâmbio nacional e internacional dos Artistas Plásticos; lutar pela lei que torna obrigatório decoração de edifícios públicos e contra o monopólio estrangeiro dos periódicos de arte; ampliação de salas expositivas; e moção de protesto dirigido a 3º Bienal de SP, que foi aprovada e encaminhada. Esta moção se dá, porque o regimento da Bienal aceitava somente artistas abstracionistas e deixa os figurativistas de lado. Considerando que a produção de Mund neste período era figurada, cremos que ele esteve de acordo com a solicitação.<sup>90</sup>

<sup>88</sup> WOLFF, Joca. op. cit., p. 7-8

<sup>89</sup> GOELDI, Oswaldo. *Harpia*. Xilogravura impressa em papel, assinada com as iniciais na chapa e com indicação de tiragem por Hugo Mund Júnior. Disponível em: <<http://www.soraiacals.com.br/87939?offset=189&max=21&catalogueId=156938>>. Acesso em: 12 jun. 2018. A obra foi vendida pelo leilão..

<sup>90</sup> Imprensa Popular. Rio de Janeiro, 22 jul. Em <http://memoria.bn.br/DocReader/108081/9341>

Assina no mesmo ano moção dos artistas plásticos em solidariedade ao governo interino de Nereu Ramos em apoio à eleição que elegeu Juscelino Kubitschek. O abaixo assinado é redigido após tentativa de golpe de estado<sup>91</sup>. Paulo Werneck, Honório Peçanha e Chlau Deveza<sup>92</sup> levaram à redação do jornal documento como organizadores e Cândido Portinari e Adir Botelho figuram como assinantes. Nereu Ramos faleceu três anos depois em acidente de avião com Jorge Lacerda, mesmo ano que encerra a Revista Sul, e Oswaldo Goeldi não está envolvido nestas práticas.

Posto a afirmação de identidade local e sensibilidade social, veremos na produção do artista refinamento na técnica da gravura que passa a ser produzida e multiplicada em diversos contextos. Como elemento característico desta linguagem percebe-se (ver anexo 4 e cronologia) que de 1957 até 1962 Hugo Mund figura em salões e mostras de reconhecimento local, nacional e internacional. Suas imagens se renovam e se alinham a Goeldi. Walmir Ayala escreve sobre gravura e que coloca Mund, Newton Cavalcanti (1930-2006) e Gilvan Samico (1928-2013) como herdeiros da atmosfera de Goeldi.<sup>93</sup>

De sua primeira linoleogravura em diante passa a utilizar matriz de madeira. Não sabemos que tipo, mas algumas aparentam fibras e outras não. As marcas irregulares do entalhe integram-se ao desenho que torna-se mais realista. As goivas<sup>94</sup> V e U deixam prevalecer linhas finas com áreas brancas abertas. Produz séries, e com a mesma matriz imprime diversas cópias, sem regularidade de quantidade. Faz uso exclusivamente da cor preta, diferente de Goeldi que inclui outras cores. Os tamanhos são irregulares e os tipos de papel são desconhecidos.<sup>95</sup> Não há registros de litogravura, gravura em metal e monotipia. Isso confirma um artista determinado e focado em um processo que se propõe a investigar.

A imagem abaixo destoa das demais gravuras figurativas, aparece como último registro de sua produção nessa técnica. Expõe esquema de livro *Germens* como um esboço do material do livro. Mas carrega todas as intervenções descritas anteriormente. Essas características colocam sua prática inserida na tradição da gravura expressionista alemã. Salim Miguel afirma que essa corrente era uma influência do Grupo Sul, assim como a literatura Russa.<sup>96</sup>

91 Diário Carioca. Rio de Janeiro, 23 nov. Em [http://memoria.bn.br/docreader/093092\\_04/30630](http://memoria.bn.br/docreader/093092_04/30630)

92 Gravadora integrante do Clube de Gravura do Rio com Mund e outros artistas.

93 REVISTA SHELL. AYALA, Walmir. *A música de câmara das artes plásticas*. 1969. Em: <http://memoria.bn.br/DocReader/009288/218>

94 Ferramenta para prática de xilogravura. Formato V gera linhas finas e o U linhas grossas. As facas são usadas para detalhes e os formões retos tem função de abrir grandes áreas na matriz.

95 Conforme a visualização de gravuras na reserva técnica do MASC, o papel aparenta ser de algodão, usual da prática da gravura. Porém não há como ter exatidão sem avaliação minuciosa de suas fibras.

96 MODERNOS do Sul. Direção de Kátia Klock. Roteiro: Kátia Klock. Florianópolis: Contraponto, 2004. (52 min.), son., color.



Figura 9 – Mund Júnior, Hugo. Xilogravuras. *Homem, rã, flor, pássaro*. Jornal do Commercio. Amazonas, 28 abr. 1968. Fonte: BN. Em: [http://memoria.bn.br/docreader/170054\\_01/84234](http://memoria.bn.br/docreader/170054_01/84234)

A figura 9 mostra quatro últimas xilogravuras do artista e um signo escrito está ali em palavra e forma, como nos livros que produziu com a editora *Edições do Livro de Arte*. São eles: *Sonetos da Noite*, 1958; *O Vigia e a Cidade*, 1960; *País de Rosamor*, 1962. Importa reconhecer que com a gravura, a palavra é pouco explorada e a composição narrativa ocorre por meio de figuras, não por texto. As ilustrações e seus novos impressos incluem-o no circuito nacional e internacional da gravura.

Em nível local, Ody Fraga de Melo escreve sobre a exposição do GAPF que Mund recebe prêmio principal com uma *gravura delicada, sóbria, mas sempre cheia de fortes sugestões, bastante original e séria*. Ody Fraga comenta que a exposição foi um marco para a cidade e espera que os artistas saibam aproveitar as críticas e não fiquem estagnados com a realização bem sucedida. Foi o primeiro acontecimento do gênero segundo ele.<sup>97</sup> No ano seguinte o júri composto por João Evangelista Andrade e Flávio de Aquino *achou por bem, dividir o prêmio instituído pela prefeitura entre Meyer Filho e Hugo Mund Jr*. Neste episódio, não encontramos as imagens.<sup>98</sup>

Em âmbito nacional o artista participa da 5ª Bienal de São Paulo de 21 de setembro a 31 de dezembro de 1958 com as xilogravuras *Casas velhas e Cocheiros*. O júri foi composto por Alfredo Volpi, Ernesto Wolf, Fayga Ostrower.<sup>99</sup> Aqui estabelece-se uma nova tangência com artistas reconhecidos. A Bienal foi marcada pelos trabalhos de Van Gogh e teve forte presença de arte informal. Não encontramos as imagens de Mund, pelo título supomos que estejam na linhagem do anexo 4.

A repercussão internacional vem com a participação na coletiva *Gravura Brasileira*<sup>100</sup> em

97 O Estado de Florianópolis. Santa Catarina, 15 fev. 1958, p. 1. Em: <http://memoria.bn.br/DocReader/884120/78712>

98 O Estado de Florianópolis. Santa Catarina, 13 mar. 1959, p. 2. Em: <http://memoria.bn.br/DocReader/884120/81468>

99 5ª Bienal de São Paulo. Arquivo Bienal. Em: <http://www.bienal.org.br/exposicoes/5bienal>

100 BIENAL Interamericana de Pintura y Grabado (1. : 1958 : Cidade do México, México). In: ENCICLOPÉDIA

Montevideu/URU no ano de 1957. Conforme a Enciclopédia Itaú Cultural a exposição *Grabados Brasileños* ocorreu no Instituto Cultural Uruguaio-Brasileiro e os premiados foram: Carlos Scliar, Iberê Camargo, Marcelo Grassmann e Oswaldo Goeldi. Jayme Maurício escreve *Êxito da gravura brasileira* em Montevideu com sala especial Fayga Ostrower e Marcelo Grassmann, continha 242 trabalhos de 45 artistas. Fayga fez conferência e o embaixador brasileiro Berenguer César comentou a mostra. Não encontramos com que imagem Mund está incluído.

Outra importante ocorrência foi a 1ª Bienal Interamericana do México<sup>101</sup> ocorrida em 1958 de 6 de junho a 20 de agosto. Artistas do Clube de Gravura são incluídos e outros alunos de Goeldi. Conforme documento impreciso no MASC atribuído ao Diário do Paraná<sup>102</sup> Mund participa com dois trabalhos e com 20 gravadores brasileiros. O verbete diz que o artista retornará a Florianópolis para abrir um curso de gravura com patrocínio da Diretoria de Cultura. Um interesse que não se concretizou por força de Hugo, mas em 1981 é criada a oficina de litogravura, por intermédio de Onor Filomeno e Jayro Schmidt, denominada Oficinas de Arte do MASC.<sup>103</sup>

A formação na ENBA e as exposições levam-o à prática de ensino da gravura na Escolinha de Arte do Brasil (EAB) e no Centro Educacional de Niterói/RJ. Não temos informações sobre o desenvolvimento das atividades, mas o artista foi convidado por Augusto Rodrigues coordenador da escola. O gravador Orlando da Silva ministrava gravura em metal e Mund xilogravura.

Fica visto que o jovem Mund responde a carreira promissora e conquista as artes gráficas que o levam a representar o Brasil em mostras internacionais. O recatado na província e expansivo na metrópole conquista meios, técnicas, experiência profissional e prática docente. O repertório da infância é ampliado e sua produção está prestes a ter uma nova virada de eixo. No entanto, apesar de envolvido segue como mais um entre muitos, e não podemos afirmar que seu trabalho é pioneiro e inovador, somente que é vinculado a sua bagagem.

---

Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento84276/bienal-interamericana-de-pintura-y-grabado-1-1958-cidade-do-mexico-mexico>>. Acesso em: 21 de Jun. 2019

101 GRABADOS Brasileños (1957 : Montevideu, Uruguai). In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento238524/grabados-brasilenos-1957-montevideu-uruguai>>. Acesso em: 21 de Jun. 2019.

102 Ver documento em anexo 4.

103 BORTOLIN, Nancy Therezinha. *Indicador Catarinense das Artes Plásticas*. Florianópolis: FCC Edições, 2010. Disponível em: <<http://cultura.sc.gov.br/espacos/masc/indicador-catarinense-das-artes-plasticas>>. Acesso em: 21 jun. 2019.



## 2.3 AMOR AOS LIVROS

### **A thing of beauty**

Marvellous boy, disse Wordsworth  
de Chatterton que, aos dezoito anos,  
se matou com veneno. A esse Thomas,  
Keats dedicou o Endymion:  
A thing of beauty is a joy for ever.  
Do Aleph ao Zahir, o objeto cósmico  
pode ser um ponto ou uma moeda,  
em ambos, o amor, platônico  
arquétipo, é um adorno.  
O transcendente é inconcebível,  
terrível verdade da coisa inolvidável:  
tua nudez na Vidraça me enlouquece.

Hugo Mund Júnior. *Cósmica Província*. 1992, p. 99.

Este ítem da pesquisa reconhece fatores que culminaram na criação da editora *Edições do Livro de Arte* (EDLA). Há em Hugo Mund um amor por livros em todas as etapas de sua realização: concepção, editoração, edição, impressão e distribuição. Veremos o que foi dito e trabalhos posteriores à editora que envolvem processos editoriais. Passaremos pelo reencontro com Silveira de Souza e Maura de Senna anos depois, como membros da Academia Catarinense de Letras (ACL).

O professor Paulo Silveira escreve em *A página violada*<sup>104</sup> sobre trabalhos artísticos que envolvem a noção de livro de artista. Elencamos livro literário, livro de ilustrações, livro objeto, livro-poema e poema-livro. Estas conceituações são investigadas para criar um entendimento para o livro de artista contemporâneo e perceber a produção de artistas que trabalham por influência de conceitualistas. Dois termos norteiam sua pesquisa, e olharemos a partir destes a relação que se constrói entre Hugo Mund e seus livros anteriores a 1985.

No presente trabalho, *ternura* é o gesto de preservação às conformações tradicionais, assim como aos valores institucionais do livro. É amor à forma livro, manifestada pelo zelo a essa forma, pela manutenção de sua tradição (de sua forma instituída), pela defesa de sua permanência perante as novas mídias ou pela preservação da leitura sequencial da palavra escrita. É carinho pela crença na verdade impressa. É o aceite e a dependência do fetiche.

*Injúria* é agravo ao livro. É a tentativa de sua negação. É o comentário ao suporte pela sua subversão e afronta. É o comprometimento da verdade e/ou da verossimilhança, ou o uso dessa em detrimento daquela. Injúria implica perversão. É dano físico porque presume e tenta violar a permanência temporal do livro. É dano moral porque presume e tenta violar seu legado de lei e verdade. É o esforço de ataque ao fetiche.<sup>105</sup>

No subitem 2.1 trouxemos a primeira imagem publicada por Mund e ela tinha *ternura* como título. Estava em um jornal, ou seja, um tradicional veículo de difusão de conhecimento com

104 SILVEIRA, Paulo. *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista* [online]. 2nd ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

105 SILVEIRA, Paulo. op. cit., p. 28.

formato sequencial, presente no Brasil desde o século 19. Antônio de Araújo Azevedo trouxe de Portugal uma oficina tipográfica para instaurar na colônia a Imprensa Régia, inaugurada oficialmente em 13 de maio de 1808.<sup>106</sup> Conforme Guilherme Cunha Lima, desde o século 18 haviam oficinas instaladas no Brasil, possivelmente trazidas por expedições de jesuítas e imprimiam na clandestinidade.

Desde que a imprensa instalou-se por aqui os processos se aprimoraram e as redações e gráficas se multiplicaram até a publicação de *Ternura*. Em conformidade com Paulo Silveira, Hugo Mund aceita o fetiche do formato livro ao envolver-se com as Edições Sul, a Revista Sul e o Jornal Oásis. Entretanto, suas publicações nestes veículos, apesar de seguirem uma verdade discursiva e sequencial, surgem de um ambiente de margem, profano não em sua forma, mas nos textos e imagens que apresentam.

Catarina Helena Knychala, em sua dissertação *O livro de arte no Brasil*, comenta que ocorreu em dezembro de 1940 no Rio de Janeiro a primeira Exposição Nacional do Livro e das Artes Gráficas. Comemorava-se o 5º Centenário da Imprensa e de Guttemberg. São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul eram os maiores mercados de livros. Neste sentido, Santa Catarina não é mencionada, por isso entendemos as Edições Sul como profanas, por estarem em um circuito reduzido em relação a produção nacional.<sup>107</sup>

Ainda segundo Catarina Helena, dentro da produção de livros, os artistas eram ilustradores e responsáveis responsáveis em criar figuras das mais diversas maneiras para textos literários. Os escritores detinham o maior *status*, apesar de alguns livros ganharem reconhecimento pela assinatura dos ilustradores. Os mais atuantes foram: Santa Rosa, Cândido Portinari, Clóvis Graciano, Lívio Abramo, Oswaldo Goeldi, Marcelo Grassmann, Di Cavalcanti, Luiz Jardim, Augusto Rodrigues, Carlos Leão, Fayga Ostrower e Guignard. Em muito, ainda secundários aos literatos.

A Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina foi fundada em 1934 e era a responsável pelas impressões das revistas e livros do Grupo Sul fora de seu expediente.<sup>108</sup> Em algumas gráficas, como é o caso da Editora Noa Noa de Cléber Teixeira, estagiários são encarregados de montar os clichês e os tipos, letra por letra, e cada página é feita com fontes e tamanhos diversos, inclusive os espaços em branco devem ser considerados.

Nessa época Mund se dedicava essencialmente à xilogravura. Cursava a Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, era aluno de Oswaldo Goeldi e costumava passar as férias de fim-de-ano aqui na Ilha, onde também fazia parte do Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis (GAPF). A nossa amizade vinha de longe, desde os tempos de escola secundária e já havíamos editado *Oásis*, um “jornal” cultural de periodicidade irregular. Sem dúvida esse fato contribuiu para que Mund me convidasse a fazer parte de uma editora sui generis para os padrões editoriais da época em Floripa: as

106 LIMA, Guilherme Cunha. *O gráfico amador: as origens da moderna tipografia brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2014.

107 KNYCHALA, Catarina Helena. *O livro de arte no Brasil*. Dissertação em Biblioteconomia. UnB, 1980, p. 96.

108 MALHEIROS, Eglê; MIGUEL, Salim; BRUCHARD, Dorothée de (Org.). *Memória de Editor*. Florianópolis: Escritório do Livro, 2002.

*Edições do Livro de Arte.* Em tais edições, os textos seriam vinculados, até mesmo subordinados, a um projeto artístico.<sup>109</sup>

Sobre o convite partir de Mund, é um dado colocado por Silveira revela que no contato com Goeldi, o artista pôde perceber valor na produção de seus íntimos da cidade natal e investir na ideia de produção de livros. *Via Silveira de Souza, interessado em literatura e arte. Nesse convívio surgiram os primeiros textos e desenhos com veleidades artísticas.*<sup>110</sup> Dos primeiros, partiu-se a criação da editora, investiu na diagramação, produção de imagens, impressão e distribuição. O padrão editorial em Florianópolis foi incrementado pela experiência adquirida no Rio de Janeiro. Supomos que refere-se a questão material: papel, brochura, tinta de impressão, técnica de reprodução e seus equipamentos.

O primeiro exemplar editado foi *Sonetos da Noite*<sup>111</sup> em 1958 e o adquirimos de um sebo em Florianópolis. Apresenta sete poemas de Cruz e Sousa que Silveira ficou encarregado de escolher. *Escolhi sete sonetos dentro da linha do “lirismo noturno” do Cisne Negro, tendo como prólogo um belíssimo trecho em prosa extraído de Missal.*<sup>112</sup> A disposição da sequencialidade ocorre de maneira a seguir uma tradição editorial. Página de abertura com título, página com xilogravura, e outra página com poema escrito. O título e a gravura são centralizadas e o poema é alinhado ao canto inferior direito. Esse remete ao local onde assinam-se cartas e gravuras.

A forma do livro é disposta em retrato com brochura que cobre a costura e o tamanho aproximado em 31x21cm. A folha de rosto apresenta cinco tamanhos de fontes com dois tipos diferentes, um com serifa outro sem, e o título SONETOS DA NOITE aparece em caixa alta e sem serifa. Conforme o professor Guilherme Lima as fontes não serifadas, como Helvética, foram exploradas por artistas que queriam desvencilhar-se de uma tradição tipográfica. Este dado aparece no livro da Editora como um gesto de assimetria. Há logotipo da EDLA impresso em xilogravura e ano em algarismos romanos. Não está claro se o texto foi impresso em tipografia ou *offset*, mas é evidente que as xilogravuras foram feitas manualmente precisamente impressas, sem rasuras ou manchas de impressão.<sup>113</sup>

Foi impresso na Gráfica Grajaú no Rio de Janeiro, numerado manualmente (240 exemplares), assinado por Hugo Mund. Conforme Silveira de Souza, foi impresso na gráfica de um irmão de Doralécio Soares. Esta forma de livro de poemas ilustrados, atrativa aos olhos e convidativa à leitura, consiste no primeiro livro feito por Mund. O modelo do projeto gráfico repete-se nas outras duas publicações da editora, com variações que esboçam timidamente o abandona da ternua a tradição editorial da época.

Antes da editora, é importante demarcar o repertório para fundá-la. Em 1955 Hugo Mund

109 FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. SUPLEMENTO CULTURAL Ô CATARINA. Nº30. Florianópolis, jul. 1998. Imagem no capítulo 2.1 e anexo 4.

110 RICCIARDI, Giovanni. op. cit., p. 87.

111 Vide anexo 4. Há exemplar na UDESC na UFSC e na Biblioteca Pública de Santa Catarina.

112 Ô Catarina nº 30. op. cit., 1998.

113 LIMA, Guilherme Cunha. op. cit., p. 16.

assume como 1º secretário do Clube de Gravura do Rio de Janeiro, criado em 1952, e participa de exposição coletiva organizada pelo Clube.<sup>114</sup> Esta foi a terceira mostra sendo que a primeira de gravuras de artistas gaúchos e a outra de artistas mexicanos.<sup>115</sup> Sabemos que em um ano o clube editou 12 gravuras de seus membros e os sócios recebiam uma gravura mensal. Pode vir daqui saberes sobre distribuição e circulação para *Sonetos da Noite*? Será que o artista cursou práticas do livro na ENBA?

O impresso repercutiu bem e apareceu na Revista do Livro/RJ em 1958 na edição nº12. Luiz Santa Cruz escreve que o livro *é um dos poucos clubes de livro de luxo do Brasil [...]*.<sup>116</sup> O Correio da Manhã/RJ diz: [...] *essa obra de muito bom gosto pela escolha e composição dos tipos [...]* além de comentar sobre o apoio do Instituto Nacional do Livro sobre a direção de José Renato Santos Pereira. Outro verbete no Diário Carioca de 18 de janeiro e 8 de fevereiro de 1959. Quirino Campofiorito escreve Xilos de Hugo Mund Jr. e diz que o livro *é sem dúvidas, uma atração para os colecionadores de edições artísticas*.<sup>117</sup>

No MASC há registro de que foi lançado no Paraná e a mota reforça seu reconhecimento na gravura como *um figurativista com tendência expressionista*.<sup>118</sup> O lançamento se deu em função da mostra do GAPF na galeria Cocaco. O lançamento no Rio de Janeiro ocorre na Semana Catarinense em 24 de novembro na Galeria Villa Rica. A obra foi reproduzida em 1980, 1988 e 1998, vinculada a eventos que celebram ou a vida e obra de Cruz e Sousa ou a abolição da escravatura no Brasil.

Aletea Mattes escreve que as gravuras da série *Sonetos da Noite apresentam grandes áreas negras e pequenas zonas brancas compõem imagens que podem ser mulher e noite, mas como não há contornos contínuos, as imagens podem ser partes da mesma coisa, uma massa única, uma mulher-noite*.<sup>119</sup> A ternura, ou seja, valorização a tradição da tipografia clássica é vista na composição do livro. As gravuras, existem ante-páginas do poema, criam a atmosfera de *mulher-noite*, conforme Aletea, alinhadas a Goeldi, Abramo e Grassmann, mas não adentram em realismo social comum às gravuras mexicanas. Suas composições neste livro enquanto *mulher-noite* significa, *a possibilidade irreal, onírica, descrita pelo poeta e materializada pelas mãos do artista*.<sup>120</sup> A interlocução entre texto escrito e imagem gravada/impressa, quando combinadas, produzem um terceiro aos versos do poeta.

114 Imprensa Popular/RJ. 8 dez 1955. Em: <http://memoria.bn.br/DocReader/108081/10161>

115 Em Santa Catarina as gravuras mexicanas chegam em 1961. Mais detalhes em: PEREIRA, Lucésia. *Discursos emoldurados: Reflexões sobre a história do Museu de Arte de Santa Catarina*. (Tese) PPGH-UFSC, Florianópolis, 2013. In: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/107041/320305.pdf?sequence=1>

116 Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 24 set 1958. Em: [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_14/51394](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_14/51394)

117 Jornal. Rio de Janeiro, 31 out. 1958 e reproduzido em O Estado de Florianópolis, 8 de nov.

118 Vide anexo 4.

119 Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 12 nov.; O Estado de Florianópolis. Santa Catarina, 30 nov. 1958.

120 CHEREM, Rosângela Miranda; MATTES, Aletea Hoffmeister. As Cidades Oníricas de Hugo Mund Júnior. In: MAKOWIECKY, Sandra; CHEREM, Rosângela Miranda (Org.). *Fragments construção I: academismo e modernismo em Santa Catarina*. Florianópolis: UDESC, 2010. p. 239.

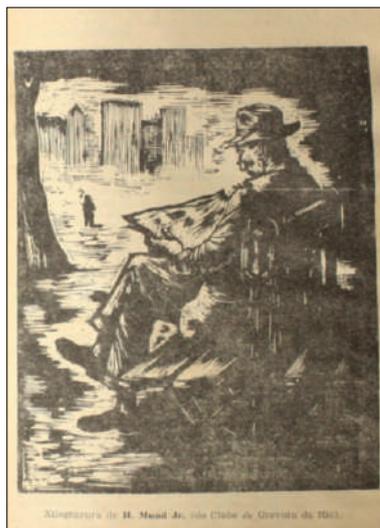


Figura 10 – Mund Júnior, Hugo. Xilogravura. Revista Sul, ano 8, nº25, ago., 1955. Há outros gravadores do clube na revista: Augusto do Santos Abranches; Regina Yolanda; Chlao Deveza; Raquel Strosberg; Iracema Joffily; Arydio X. da Cunha. Fonte: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27612>>

Esta figura em xilogravura, corresponde a uma série com quatro exemplares no MASC e outras reproduzidas na Revista Sul. Ela traz uma figura humana sentada de pernas cruzadas em um banco no primeiro plano, enquanto olha abaixo para um jornal. O sujeito está de trajes sóbrios, sapatos fechados e um chapéu, vestimenta típica de senhores do período. Nota-se que a luz invade o negro da tinta e deixa outros três planos visíveis. Uma árvore a esquerda, uma silhueta de sujeito passante e edificações composta por retas verticais e paralelas.

A imagem sugere que o momento da leitura do jornal trata-se de um instante singular, onde todos os tempos são suspensos. O sujeito dedica-se a consumir as letras e as imagens em blocos de cores e garatujas, por linhas precisas da matriz da gravura. A imagem foi publicada em uma edição onde o Clube de Gravura do Rio ocupa diversas páginas da revista, período que Hugo Mund cria uma ponte entre os gravadores cariocas e os literatos catarinenses. Ela é indício de um tema que recorre nessa série, o banco de praça. Ricos e pobres são aceitos e cada um, exerce o que pode e o que deseja nesse lugar. Quando questionado por Ricciardi sobre o processo de publicar seu primeiro livro, Mund pontua que:

Em decorrência de meu envolvimento com o Grupo Sul, na segunda metade dos anos 40, passei a me interessar pela confecção do livro, em seus aspectos gráficos, desenhando capas e ilustrações para as Edições Sul. No Rio de Janeiro, trabalhei em jornais como diagramador. Fiz também capas e ilustrações para editoras. Retornando a Florianópolis, em 1958, fundei, com o escritor Silveira de Souza, as Edições do Livro de Arte, uma pequena editora que se propunha publicar livros de boa qualidade de autores catarinenses, em tiragem reduzida, onde eu era encarregado do projeto gráfico e das ilustrações gravadas em placas de madeira e que se imprimiam juntamente com o texto.<sup>121</sup>

O texto tem um lugar e com ele está a ilustração, assim como os senhores que leem jornal e

121 RICCIARDI, Giovanni. op. cit., p. 93-94.

os meninos que repousam nestes mesmo bancos, maltratados pelo laboro diário. Neste sentido as folhas de um livro para Mund são lugares onde tudo é possível e as hierarquias devem ser rompidas e violadas, como em um gesto de injúria, voltando a Paulo Silveira pelo tema, mas não pela matéria.

Clarissa Santos Silva publica *Pés e cansaços: imagens e memórias na obra Descanso, de Hugo Mund Jr.* Em uma perspectiva Warburgiana onde a memória social e coletiva é vetor marcante de ideias e produções modernistas. Ressalta que a *Arte moderna, em suas representações e semântica, intenciona dar visibilidade aos sujeitos cotidianos, seus costumes, maneiras, gestos; recobrar os aspectos de sua cultura, especialmente naquilo que tem de coletivo.*<sup>122</sup> Nesse sentido, pelas gravuras percebemos duas intencionalidades.

A primeira no sentido de um ilustrador sinestésico de uma mulher-noite despertada pelos poemas de Cruz e Sousa e apresentada em uma luxuosa versão. A segunda com as gravuras da série de *Descanso* criadas em paralelo, que atualiza essa sensibilidade a um pensamento coletivo e expõe a desigualdade dos sujeitos dessa cultura. Portanto, mesmo com o sucesso gráfico de *Sonetos da Noite* a obra carrega características na tradição de ilustração, onde o título do poema vem primeiro e a imagem entre título e versos. Na segunda publicação da Editora o título de capítulo será incorporado à estampa gráfica e a palavra e a imagem passam a conviver juntas na página.

O *Vigia e a Cidade*, conto de Silveira de Souza, é o segundo exemplar da *Edições do Livro de Arte*, agora com 300 exemplares numerados, assinados e impressos por Hugo Mund Júnior. Desta vez a impressão ocorreu na Oficina Gráfica de Miguel Cordeiro na rua Monsenhor Topp, nº22 em Florianópolis. Possivelmente deve ser a gráfica de primo de Doralécio Soares folclorista catarinense. Não analisamos o teor do texto de Silveira, mas é visível que a forma do livro mantém-se, com exceção de dois acréscimos.

O primeiro corresponde na extinção de página de apresentação. As xilogravuras vem acima do texto e trazem o título escrito. O segundo confere a inclusão de palavra em gravura do artista. Além das palavras, Mund cria a primeira letra de cada capítulo, com matriz de xilogravura. *Texto de Silveira de Souza, Xilografias de H. Mund Jr. e o Vigia e a Cidade*, são as inscrições aliadas à imagem. Das letras de capítulo estão letra A, D, N, P com rasuras, como vinhetas. Ver figuras 67 a 77. Diferente de *Sonetos da Noite* a folha de rosto de *Vigia e a Cidade* mantém somente um tipo de fonte serifado.

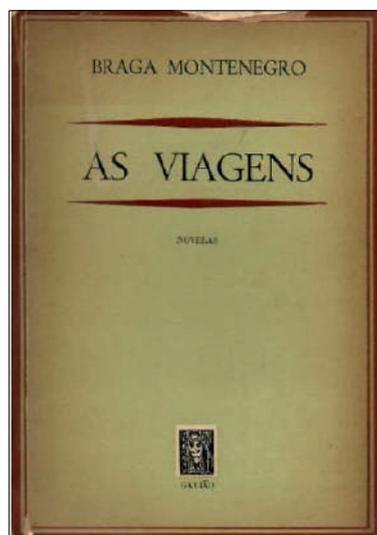
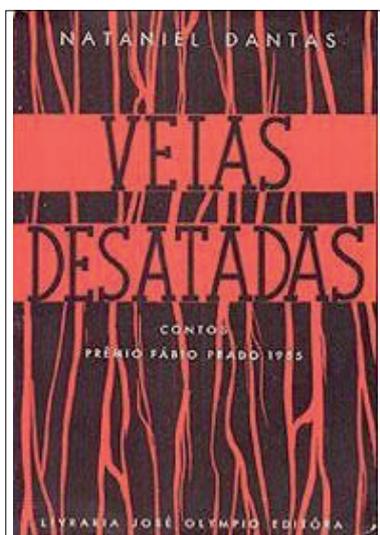
O livro de Silveira foi lançado na galeria Macunaíma da ENBA e contou com a presença dos artistas. A repercussão foi menor que o primeiro e tiveram a inscrição livro de luxo. Participou do 2º Festival do Escritor, promovido pela Associação Brasileira de Escritores, realizado no

122 SILVA, Clarissa Santos. Pés e cansaços: imagens e memórias na obra Descanso, de Hugo Mund Jr. *DAPesquisa*, Florianópolis, v. 13, n. 20, p.03-16, 10 ago. 2018, p. 8. Universidade do Estado de Santa Catarina. <http://dx.doi.org/10.5965/1808312913202018003>. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/9577>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

Shopping Center Copacabana/RJ.<sup>123</sup> Sobre as gravuras, Aletea escreve que Mund:

Deixa-se tocar pelo “dar a ver” produzido pela escrita, mas não se detém ao que ela lhe indica, pois revela também aspectos de uma cidade que não é totalmente “visível” através do texto. Essas xilogravuras são chamadas de ilustrações do texto, mas, vão além disso, pois parecem registrar momentos de uma cidade noturna, vista, até então, apenas na mente do artista.<sup>124</sup>

Ao dar a ver com uma publicação de predomínio da escrita em relação a ilustração as veleidades artísticas se destacam na fatura, a editora passa a ser vista e outros autores interessam-se em publicar. Antônio Olinto menciona que o escritor Cícero Costa de Brasília pretende publicar pela *Edições do Livro de Arte* com ilustrações de Hugo Mund Jr. e tiragem de 240 exemplares.<sup>125</sup> Outros jornais dizem que a EDLA é coordenada por Mund e Rosa Pessoa e pretende lançar livro de poesia *Mesa Posta* da autora. Em outubro é dito que sairá o livro de poesias *Vigia* de Pedro de Garcia, que pretende estreitar sua carreira com essa edição.<sup>126</sup>



Figuras 11 e 12 – Nataniel Dantas. *Veias Desatadas*, 1961. Braga Montenegro. *As Viagens*, 1961.  
Fonte: Imagens da internet.

Mund executa outros projetos como a capa do livro *Caçador de Borboletas* de Santos Moraes, pela editora Pongetti, com ilustrações da gravadora Anna Letycia, lançado em setembro de 1961.<sup>127</sup> Fez projeto gráfico e a capa para *As Viagens* de Braga Montenegro, pela editora Gavião, com capa limpa e logotipo aparentemente em xilogravura.<sup>128</sup> Rolmes Barbosa informa que o artista ilustrou *Veias Desatadas* de Nataniel Dantas, pela editora José Olympio, que recebeu

123 O Estado de Florianópolis. Santa Catarina, 6 jun. 1961.

124 CHEREM, Rosângela Miranda; MATTES, Aletea Hoffmeister. *As Cidades Oníricas de Hugo Mund Júnior*: op. cit., 236.

125 O Globo. Rio de Janeiro, 28 dez. 1959.

126 Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 21 ago.; 13 out.; 27 nov. 1959.

127 Última Hora. Rio de Janeiro, 17 ago. 1961.

128 Diário da Noite. Rio de Janeiro, 21 jan. 1961

o Prêmio Fábio Prado.<sup>129</sup> Na Revista do Livro/RJ da Biblioteca Nacional há referência de que Mund ilustrou *O pequeno Lord Fauntleroy* de Frances Burnet em adaptação de Marita Lima; e também *A tempestade* de Shakespeare em adaptação de R. Magalhães Jr.

Lúcia Benedetti comenta em jornal como foi a produção dos livros da coleção *Madrigal*, organizados pela escritora com auxílio de Marita Lima e R. Magalhães Jr. Segundo a nota, havia com ilustrações de Aluísio Magessi e Hugo Mund. Eram vendidos em caixas na Livraria Leonardo Da Vinci no Rio. Segundo ela os ilustradores foram felizes pois Aluísio Magessi *deu ao seu traço um leve toque poético, e as vezes, humorístico. Hugo Mund à suas aquarelas uns lances de melancolia.*<sup>130</sup>

O terceiro e último livro encontrado da EDLA é assinado pela poeta Maura de Senna Pereira (1904-1991), outra pessoa importante na relação de Mund com os livros. Publica em 1962 os poemas *País de Rosamor* com vinhetas de Hugo Mund. As vinhetas são pequenas, quadradas, somente em preto e permanecem no topo da página, como no livro anterior. A folha de rosto abandona as fontes serifadas e utiliza somente letras retas, mas serifas retornam nos títulos dos poemas abaixo das vinhetas. Este novo elemento, presente antes nas letras de *O Vigia e a Cidade* e na logotipo da editora será explorado por Mund no eixo da poesia visual (subitem 3.2).<sup>131</sup> *País de Rosamor* é reproduzido em fac-símile em 1978, com capa de Ely Braga e ilustrações de Quirino Campofiorito.

Recebemos o mais bonito livro de poesia do ano: País do rosamor de Maura de Senna Pereira. O mais bonito, sim, composto com o carinho de ourivesaria, uma ourivesaria singela e pura como o lirismo que nos traz. Sob orientação gráfica (certamente) de Hugo Mund Jr. e vinhetas deste grande artista plástico, o livro sai com selo das Edições do Livro de Artes, de Florianópolis, editora que vem realizando uma oportuna fusão de literatura com a arte gráfica bem cuidada.<sup>132</sup>

O pesquisador Felipe Matos comenta que Maura de Senna procurou na década de quarenta se desvincular-se da geração da academia em busca da construção de um cânone modernista local. Matos afirma que este,

O cânone modernista catarinense tornou-se uma extensão das interpretações sobre o modernismo literário brasileiro, em particular a memória instituída pela vanguarda paulista, ou seja, a de um movimento de jovens letrados que retirou a vida cultural da estagnação e do atraso.<sup>133</sup>

Maura de Senna Pereira é entrevistada por Silveira de Sousa na Revista Cultura e Silveira destaca a sorte de conhecer Maura que esteve presente no lançamento de *O Vigia e a Cidade* na

129 Suplemento Literário. O Estado de São Paulo, 11 mar. 1961

130 Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 16 nov. 1960. Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, 21 nov. 1960.

131 Jornal do Commercio. Rio de Janeiro 31 jul. 1962 notícia que receberam um exemplar do livro. A. Casemiro da Silva Escreve uma crítica sobre os poemas em 12 de maio de 1963 no mesmo jornal, Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 30 ago. em 1962 também menciona a edição.

132 Blumenau em Cadernos. Santa Catarina. 1980

133 MATOS, Felipe. *Armazém da Província: Vida Literária e Sociabilidades Intelectuais em Florianópolis na Primeira República*. 2014. 242 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014, p. 20. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/128691/328158.pdf?sequence=1>> . Acesso em: 21 jun. 2019.

galeria Macunaíma. Segundo o texto ela era *ativa militante do Centro Catarinense, que dava prestígio e cobertura às promoções culturais aqui do Estado na capital do País*.<sup>134</sup> Na entrevista ela complementa Felipe Matos e comenta sobre sua entrada na Academia Catarinense de Letras enquanto a primeira mulher neste grupo.

[...] Agora, para o Hugo Mund Júnior, eu disse a ele: se você quer, eu mando o voto porque se trata de Hugo Mund Júnior. Mas você está pleiteando um cargo que você já ultrapassou com os seus livros. Eu ia até mandar para ele uma coisa que eu li contra a Academia Brasileira de Letras [...].<sup>135</sup>

Maura de Senna, Silveira de Souza e Hugo Mund são três artistas com vínculos a um pensamento modernista e se reencontram na Academia Catarinense de Letras. Em 1989, Maura era patrona e ocupava a cadeira nº 14 e Mund e Silveira são convidados neste ano.

O Boletim da Comissão Catarinense de Folclore em 12 de outubro informa que as cadeiras da Academia Catarinense de Letras de número 33 (patrono Renato Barbosa) e 6 (patrono Vieira da Rosa) foram preenchidas. Na primeira, a convite de Lauro Junkes assumiu Silveira de Souza (33) e na segunda, chamada por Walmir Ayala, foi empossada por Hugo Mund Jr. O ato foi saudado pelo acadêmico Professor Rodrigues Correa que representava a presidência da ACL em nome de Paschoal Apóstolo Pítsica.<sup>136</sup>

A minha entrada para a Academia é justamente uma prova concreta daquilo que eu penso. Se eu admito todas as correntes dentro do pensamento atual, eu não vejo por que recusar um convite para entrar para a Academia. Nós somos tão pobres de associações, de grupos, de entendimentos entre os artistas, que qualquer iniciativa tem que ser incentivada. Esse negócio do egoísmo do artista é muito sério, porque afasta um do outro. Ele vê como uma concorrência, não como um ato de paixão pela vida. Então toda as associações e grupos são interessantes porque é uma forma de aproximação, num meio tão separado quanto é o dos artistas. Aqui há tempo estamos tentando formar a Associação de Escritores, que seria o mínimo? A associação dos Artistas Plásticos daqui é um bom exemplo de uma coisa que poderia acontecer com os escritores também.<sup>137</sup>

Aquele artista antiacadêmico que entra em embate conceitual com os cânones na literatura e nas artes, passa a ser reconhecido por uma instituição que segue tradição alheia àquela pregada nos movimentos de vanguarda. Todavia esse reconhecimento ocorre não pelos livros da EDLA, mas por sua produção estritamente literária abordada por Lauro Junkes como tetralogia dos elementos e plenitude poética. Onde mantém qualidade editorial, porém as ilustrações deixam de existir e prevalece a palavra.

134 FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. REVISTA CULTURA. 1990. Uma poeta em corpo a corpo com a vida. CULTURA. Julho 1990, p. 14.

135 *Idem*, p. 8 e 9. Acervo Biblioteca Pública de SC. Doação de Lauro Junkes.

136 Boletim da Comissão Catarinense de Folclore. Nº 41-42. 1990.

137 WOLFF, Joca. *Hugo Mund Júnior: Palavras que não são palavras*. Ô Catarina. Florianópolis, jun. 1993. Suplemento 3, p. 9. Disponível em: <<http://cultura.sc.gov.br/publicacoes/ocatarina/edicoes/1356-jornal-o-catarinana-03?format=html>>. Acesso em: 21 jun. 2019.



Figura 13 – Gunnar Myrdal *Subdesenvolvimento*, 1970. Projeto gráfico de Hugo Mund Jr.

Fonte: Imagem da Internet.

As vinhetas de *País de Rosamor* foram criadas estritamente ilustrativas às palavras de Maura de Senna, com flores, ondas, anjos e pássaros, e mantinham a ternura e o lugar da imagem em relação ao texto escrito. De outro modo, a capa de *Subdesenvolvimento* de Gunnar Myrdal foi composta em Brasília e corresponde a uma mudança de eixo com uma pesquisa de comunicação visual. Aquilo que desenvolve na EDLA deixará de existir.

A EDLA foi um sonho de quem ama os livros na desmesura, ou seja, em todas as etapas de sua construção. A fatura do papel levemente amarelado, o tamanho, as páginas como espaço livre e as fontes tipográfica deixaram de ser governadas pelo texto para assumi formas como à de Myrdal. Onde a sequencialidade de imagem/texto será visto como forma e cor, capaz de estimular a percepção a criar sentido ainda com ternura ao livro que informa a verdade do autor sobre determinado assunto.

### 3 TEXTOS E INTERTEXTOS

O capítulo anterior evidenciou o interesse do artista pela linguagem, tanto a escrita, a forma grafada, editorial e a ambiência cênica. Neste capítulo dividido em eixo da ilustração (3.1 e anexo 4) e eixo da poesia visual (3.2 e anexo 6), esforçamo-nos a não manter-se somente nos signos como uma unidade informativa. Queremos que essas variáveis ganhem um corpo de expressão *como uma função que cruza um domínio de estruturas e unidades possíveis*, e seu gesto de intervir sobre o papel faça aparecer *conteúdos concretos, no tempo e no espaço*.<sup>138</sup>

Um jogo de significados se concretiza pelos signos nos trabalhos. Isso pronúncia um gesto ilustrador e outro de editor. Os acervos constituídos pelo artista se desdobram de um arquivo mnemônico e surgem por tangência em sua obra. A combinação de sentidos feita aqui procura um entendimento sobre as escolhas de Hugo Mund Júnior com relação a seus procedimentos e qualidades estéticos-conceituais. A premeditação aparece na articulação prévia de series agrupadas por temas e processos. Sua marca sinestésica e racional esboça citação, versão e tradução nas ilustrações e transforma imagem em texto na poesia visual.

#### 3.1 O EIXO DA ILUSTRAÇÃO FIGURATIVA

##### **Linhas**

Latentes causas de vivas ressonâncias  
pânicos de infâncias premonitórias,  
que mão gravou nos espelhos seculares  
o esplendor das ilhas e dos mares ídneos?  
Expressar o que há num gesto convincente,  
imaginando as linhas do que desaparece,  
o nome não, nem a figura, mas o número  
na grandeza do estável e na cadência  
deste maio marejado de jardins ainda úmidos.

MUND JÚNIOR, Hugo. *Cósmica província*. 1992, p. 93.

É curioso o quanto a convivência nos transpassa e as fronteiras entre o eu e o outro são tênues e inverificáveis. Partimos do entendimento de que as vivências e as tangenciais que influenciam Mund a formular conceitos prévios em seus trabalhos Mas que conceitos são esses? Nesta etapa, procuraremos a partir do bloco de imagens do anexo 4, perceber e testar o quanto a significação existente para a obra gráfica de Hugo Mund é coerente ou não com sua intencionalidade. Telma Scherer comenta que a gravura *Velho Portão*<sup>139</sup> explora a intensidade das sombras e contrastes

<sup>138</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 98.

<sup>139</sup> Anexo 4, figura 59.

produzidos em branco e preto. A autora pontua que *há largas zonas escuras que retratam paisagens urbanas e semi-urbanas a intensificar o caráter onírico e mágico desses espaços que evocam ancestralidades e um sentimento de suspense*.<sup>140</sup> Telma defende a leitura de que as zonas negras da imagem abrem a imaginação. Esse aspecto onírico apreendem os conceitos de fantástico e fábula,

Em *Velho Portão*, vemos muitos elementos além do arquitetônico que dá título ao trabalho e que aparece no primeiro plano. Temos a vegetação fulgurante da mata Atlântica, tão abundante e vistosa que duvidamos que se trate de um jardim de casa, pois parece antes a abertura para uma floresta densa. Temos a escada que nos aparece levando até os pés da figura feminina que emerge da escuridão, tão hierática e concentrada que duvidamos por vezes que se trate de uma figura humana, já que sua simbiose com a mata densa é tamanha que surge a dúvida sobre se não se trata de um ser fantástico.<sup>141</sup>

A gravura de Mund Jr. mostra a mesma presença imperante da vegetação que, de modo interessante, está atrás do portão, além da rua, dentro do espaço que se configura como propriedade particular. É uma mata densa, nevrálgica, sensual e potente, com suas linhas sinuosas.<sup>142</sup>

Tendo em vista o capítulo 2.1, onde Sálvio Oliveira reforça o aspecto do jogo de luzes e sombras dos cenários de Mund nas peças do TECAM, a leitura de Telma para a gravura aponta para uma recorrência deste estudo, não mais na cenografia, agora em um processo xilográfico. A atmosfera de um cenário, torna-se uma peça, que por linhas sinuosas abre luz e leva quem olha, àquilo que para Mund parece importante, evocar uma ancestralidade e compor um estado de suspense. Concluímos que não trata-se apenas de um pedaço de papel com tinta preta, mas um espaço apto a criar uma abertura à imaginação, um estado de poesia.

João Evangelista Andrade Filho escreve *Mund Júnior: A seriedade do fazer e o desenho da alma* e apresenta discussão sobre dois artistas catarinenses emergentes, que são Mund e Meyer Filho. Acreditamos que trata de crítica referente a mostra de desenhos e gravuras de Hugo Mund no Hotel Querência em Florianópolis, na qual velho portão é aqui associada enquanto série próxima ao material da mostra.

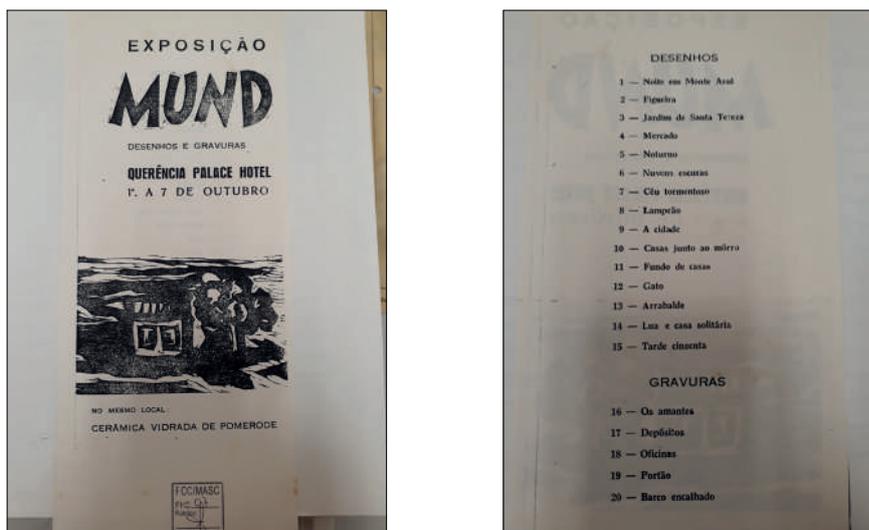
O crítico coloca o Júnior e o Filho com diferenças, pois Meyer é autodidata, ao contrário de Mund que havia *cursado com honestidade* a ENBA. Ele afirma que a academia pode ou deformar o aluno ou dar os instrumentos para resistir ao material. Segundo João, Mund é guiado por um *gosto certo* e foi encontrado por Goeldi, de onde pôde extrair saberes oportunos a ponto de *preparar sua autêntica “maneira”* como ficou visível nos desenhos e gravuras. O convite da mostra traz imagens do livro *O vigia e a cidade* de Silveira de Souza, além de listar títulos dos trabalhos. A mostra ocorreu em outubro, assim como o lançamento do livro de Silveira.<sup>143</sup>

140 SCHERER, Telma. Os olhos tristes da casa, os olhos meigos do boi: Uma leitura de quatro obras do modernismo brasileiro pertencentes ao acervo do MASC. DAPesquisa, Florianópolis, v. 11, n. 16, p.053-071, 9 set. 2016, p. 60. Universidade do Estado de Santa Catarina. <http://dx.doi.org/10.5965/1808312911162016053>. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/6907>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

141 *Idem, Ibidem.*

142 *Idem*, p. 64.

143 *Idem, Ibidem.*



Figuras 14 e 15 – Convite da exposição individual Mund: desenhos e gravuras. 1 a 7 de outubro no Hotel Querência em Florianópolis, 1959. Fonte: Acervo documental do MASC. Foto do autor.

João Evangelista expõe sua leitura sobre a unidade da mostra em três formas de ver: primeiro uma seriedade técnica, que dispensa facilidade, com economia faz pensar em simplicidade de meios. Com pequenos círculos remete a sensações nostálgicas. Sua seriedade técnica tem *capacidade de dar vida às coisas e de evocar estados de alma*. Este comentário refere-se ao desenho *Jardim de Santa Teresa*, cuja sugestão da atenção minuciosa e o laboro devotado e atento, informa sobre a habilidade de síntese do artista.<sup>144</sup>

O segundo modo de ver, corresponde a alguns desenhos recentes (entre 1957 e 1959) *mais acabados*, revelam uma ação anti-mecânica que resiste à facilidade com consistência e coesão. Para ele acabado *se entende não o retoque exaustivo dos pormenores mas a força e conclusão emocionais, a verdade com que estas ressaltam*. Esta consideração refere-se a potência de sensibilizar quem olha e coloca-nos a dúvida: desde as suas primeiras exposições com imagens figurativas Hugo Mund já pensava na participação do sujeito que observa sua imagem, tal como nos seus livros de artista?<sup>145</sup>

Para o crítico as nuvens cinzas e noturnas correspondem ao terceiro modo de ver a mostra e aponta para um desenho concebido previamente antes da execução, que *faz pensar que algo está acontecendo ali*. É como se as imagens do artista abrissem uma porta que *nos constrange a levá-la em conta: a participar dela e em outra circunstância, afirma que tudo aquilo nos fala de passado, de um passado, do seu passado, do nosso passado, do passado das coisas, das pessoas que não somos, das pessoas que somos*. Esta consideração parte da leitura de janelas atrás de casas que retornam nos livros *Germens*, 1977 e *Palavra e cor*, 1988, com nova

144 *Idem, Ibidem.*

145 *Idem, Ibidem.*

materialidade e estilo compositivo.<sup>146</sup>

Pela argumentação percebemos que estes três modos de ver delimitam o artista contraposto a Meyer Filho que *vai conquistando como uma multiplicação, o resultado final de cada trabalho*. Já Hugo Mund constrói na sobriedade, premeditação, persistência e evocação de verdadeiras conclusões emocionais, através de desenhos aguados e gravuras. Conforme a crítica é atribuído isso a hereditariedade alemã *no romantismo, no pessimismo, na intransigência*. Mas que leva-o a escolha criteriosa de cada papel para cada trabalho. Ele *só desenha, depois de ter concebido dentro de si*.<sup>147</sup>

A mostra traz um repertório pequeno em quantidade, ainda segundo João Evangelista, e integra casas, estradas, luas, carros de cavalos e *muito raramente, personagens enigmáticos e noturnos*. João reforça e destaca que o artista rejeita uma concepção decorativa e *revela-se expressionista por temperamento; não por deformação mas por síntese*.<sup>148</sup>

A aguada, técnica emprega, se presta por sua própria qualidade e uma larga variação de impressões colorísticas: mas aquele mundo, aberto pelo desenhista, contemplado por ele numa dimensão em que a melancolia, a semi-consciência e o susto se juntam, é sempre branco e preto como o mundo dos sonhos. Tudo ali se passa depois do escurecer. Como no mundo de Dostoiewski ou Fellini cujas esferas e dimensões se animam pelas sombras. Nos desenhos em que o artista se pôs a olhar para o dia (fundo de casas, arrabalde), vê-se a insegurança nervosa que sentem os seres motivados diante do sol. As linhas perdem a sua profunda marcação que não era feita apenas de contornos e se diluem, perdendo em verdade a energia expressiva.<sup>149</sup>

Dos títulos das obras no convite não encontramos imagens referentes mas no acervo do MASC há desenhos aguados<sup>150</sup> cujo as dimensões se animam pelas sombras, em estado conjunto de melancolia, semi-consciência e susto. As referências citadas são coerentes em relação ao repertório na juventude e também abrem para aproximação ao seu professor Oswaldo Goeldi, visto que Mund imprimiu *Harpia*<sup>151</sup> de seu professor. A fluidez proporcionada pela aguada extingue-se em 1962 e volta travestido em palavra no livro *Flauta de Espuma*, 1986. Neste livro o artista trabalha em homenagem a Florianópolis e a presença e influência do mar é incontestada.

Quando o crítico diz que o artista criou realidade sua em detrimento ao seu professor Goeldi, entramos em dúvida, pois os temas e a visualidade se aproximam. Talvez a importância do professor foi em diferenciar-se dele, ou esforçar-se para tal. Abandonar a ilustração e seguir carreira como escritor seria um modo de diferenciação à Goeldi? O comentário da aguada, que também aplica-se as gravuras, trazem temas explorados por Goeldi que são o temperamento onírico, síntese e objetividade no traçado e aspectos de narrativa. Frederico Morais descreve

146 *Idem, Ibidem*. Vide anexo 6. Figuras 191 a 221.

147 *Idem, Ibidem*.

148 *Idem, Ibidem*.

149 ANDRADE FILHO. João Evangelista. op. cit.

150 Vide anexo 4. Figuras 106 a 157.

151 GOELDI, Oswaldo. *Harpia*. Xilogravura impressa sem papel, assinada com as iniciais na chapa e com indicação de tiragem por Hugo Mund Júnior. Disponível em: <<http://www.soraiacals.com.br/87939?offset=189&max=21&catalogueId=156938>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

Goeldi como:

Foi, sempre, um poderoso criador de atmosferas. Suas gravuras são noturnas e soturnas, e nelas, os objetos têm grande importância, juntamente com os animais. Cães vadios perambulando por ruas vazias ou molhadas pela chuva, latas de lixo derrubadas, urubus, guarda-chuvas, cabeças de peixe sobre o cepo, ao lado do grande cutelo ameaçador, carrancas de boi, postes iluminando a noite fria com sua frágil luz ou a ventania derrubando tudo. AE entre estes objetos, cães, urubus e peixes, nas vielas e cantos de rua, solitários homens e mulheres que compõem a cena, ao mesmo tempo em que parece comentá-la. Goeldi cria diferentes planos narrativos que ampliam o pequeno espaço de suas xilogravuras e mantém atmosfera de tensa expectativa, que pode incluir, porém, pequenas notas de humor [...] ou um imprevisto lirismo, com a introdução de um azul [...]E tudo isso, Goeldi diz da forma mais econômica possível. com poucos cortes abre nesgas de luz na noite da gravura.<sup>152</sup>

Priscila Rufinoni escreve que o cotidiano impera nas gravuras de Goeldi condensados pela articulação de objetos ao acaso e que a evocação etérea, o estranhamento e o maravilhamento do trópicos são marcas de algo que correspondem a um pequeno sublime, contido nas ruas, nas pessoas e no mistério, como um ícone que aproxima arte e vida. Ao passo que Frederico Morais destaca a fatura, a autora investiga o ambiente suburbano contido nas gravuras:

O artista busca simbolizar estados de alma, e não recriá-los, não *representá-los*; sua linha reivindica qualidades expressivas e não *descritivas*. Simbolizar é estabelecer uma relação com idéias, mas o simbolista não o faz por um código de tema, por uma analogia ou alegorização, apenas a sugere pelo ar inacabado, caligráfico. E essa duplicidade do conceito de símbolo, herdada do romantismo – etimologicamente, “convergência”, “encontro” –, mantém uma ambiguidade.<sup>153</sup>

Os estados da alma, evocados pela sugestão de Hugo Mund, são definidos previamente, objetivados, intencionados por uma fatura que privilegia o domínio técnico sem sobrepor-se aos efeitos de expressão. São maiores que o sentido de um representar que encerra-se com facilidade. Frederico Morais coloca Goeldi como um ser que olha, desenha e grava, e Priscila Rossinetti pontua-o como herdeiro do simbolismo, perspicaz observador do cotidiano como matriz poética, criador do sujeito suburbano. Sendo assim, Hugo Mund, encontra Cruz e Sousa em Goeldi e também o persegue, desenvolve-se na tangência, com figuras etéreas, mas ainda ilustrativas, simbólicas.

Goeldi cria o homem do subúrbio carioca na leitura de Priscila Rufinoni e mostra seu cotidiano dentro de uma metrópole cujo cenário é saturado de contrastes e uma geografia acidentada. Se Hugo é herdeiro e trabalha uma floresta densa e noturna, repleta de sons e saliências que geram sustos, como diz Telma Scherer e João Evangelista, podemos dizer que em suas gravuras deste eixo ilustrativo, ele funda o *solitário da província noturna*. Aferimos isso, por seus símbolos,<sup>154</sup> ora femininos, ora masculinos, amplo realce da vegetação e interação com a arquitetura colonial e pós-colonial, mas principalmente, por perceber na pintura da figura 160<sup>155</sup> que ele

152 MORAIS, Frederico; SEFFRIN, Silvana. *Frederico Morais*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004, p. 37-38.

153 RUFINONI, Priscila Rossinetti. *Oswaldo Goeldi: iluminação, ilustração*. São Paulo: Cosac & Naify / FAPESP, 2006, p. 57.

154 Vide anexo 4. Figuras 47 a 62.

155 Vide anexo 4. Figura 160. Obra do acervo de Hamilton Alves.

retrata Florianópolis. Neste caso, especificamente, concebe a Paróquia de Nossa Senhora das Necessidades em Santo Antônio de Lisboa com ponto de vista de quem olha do mar.

Suas cenas falam de algo que não está ali, mas na memória daqueles que às percebe. Isso ocorre nos livros da Edições do Livro de Arte, nas séries de aguadas, nas gravuras e também nos desenhos. João Evangelista Andrade Filho acerta ao dizer que *é de se estranhar que Mund não caiu no abstracionismo*.<sup>156</sup> Não caiu, mas sintetizará estes gestos em Brasília. Yvonne Jean diz que Mund se apaixona pelas paisagens de Goiás e a imensidão e solidão aparecem nas imagens.<sup>157</sup> Será que isto já não estava por ali? A conversão da figura às formas geométricas vieram daí? Será que suas lembranças são de algo que ele vê, do que já o viu ou daquilo que imaginou?

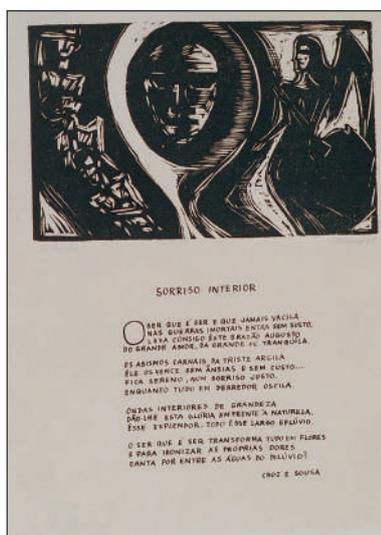


Figura 16 – Mund Júnior, Hugo. Xilogravura. *Sorriso interior*. 1961. Inclui poema de Cruz e Sousa manuscrito. Fonte: MASC.

Esta prancha impressa traz consigo um poema manuscrito de autoria de Cruz e Sousa conforme menção no mesmo e uma xilogravura na parte superior que oferta a primária interação ilustrativa de texto e imagem. Há outra no acervo do museu, denominada *a grande sede*,<sup>158</sup> de mesmo ano e formato. Partiremos aqui, a um estudo para encontrar gestos de Mund nesta imagem, e perceber a relação que pode ser criada de sua obra com Cruz e Sousa no sentido posto em título *Sorriso interior*.

O soneto *Sorriso interior* do poeta simbolista busca sentido de dar vida a um ser que existe mas oscila entre questões de real e imaginário. O paradoxo, de opostos e complementares, da relação dos seres para com aspectos do reino natural e cultural, desenvolve-se com versos métricos, em nuances da mortalidade e imortalidade.

A gravura segue esse sentido, tem aspecto sóbrio de sonho lúcido e ambíguo estado da alma

156 ANDRADE FILHO. João Evangelista. op. cit.

157 CORREIO BRAZILIENSE. Distrito Federal, 24 nov. 1963.

158 Vide anexo 4. Figuras 61 e 62.

humana. A forma narrativa traz personagens indistintos de um sorriso vago. Hugo Mund não propõe apenas uma ilustração, mas faz vibrar as palavras do poeta que lhe inspira a manter vivo o enigma de frases/imagens.

O que há de intertexto nesta justaposição esta num sentido da paráfrase e da citação por tratar de uma versão figurada que transpõe e preserva os sentidos do texto escrito. Por outro lado ocorre uma polifonia narrativa, com nova unidade formal para algo que existe. Assim, um novo sentido ao poema, ou seja, uma versão.

A página apresenta uma xilogravura impressa na parte superior da folha e o poema manuscrito abaixo, contendo título, texto e nome do autor. A gravura está assinada por Mund, fato que sugere autoralidade do poeta no texto e de Hugo na xilogravura. A imagem constitui-se com a divisão da forma em recorte de paisagem com duas interrupções que correspondem a um terço da imagem, dividido em três fragmentos. A composição é branco e preto, onde o branco advém do suporte, o papel, e o preto, da intervenção a partir de uma matriz.

Na imagem gravada vemos um retrato central com a forma de olhos fechados apresentada de modo circular cujo contorno segue pela parte de baixo da imagem. Outros retratos são percebidos: a direita uma figura com olhos vendados que olha para a figura central, e a esquerda três figuras sobrepostas desenhando uma linha curva de cima para baixo ou de baixo para cima. Cada retrato olha para um canto da imagem. Um diferencial entre os dois lados é que a figura da direita tem uma venda externa como se fosse um tampão, já a figura da esquerda apresenta seu próprio corpo como venda.

A figura à direita, com uma representação de asas é delineada pelas linhas de contorno com mãos indefinidas, sem pés, olhos vendados e asas. Já as figuras da esquerda, em tríade, são delineadas não pelo contorno e sim pelo preenchimento com o vazio que confere luz a imagem.

A fenda que separa a forma central do lado esquerdo (luz) e ao lado direito (escuro) dá um aspecto ovalado ao retrato e não faz referência a imagens do reino natural, tal como os adornos indistintos que envolvem todas as figuras.

Referente ao texto escrito em letra, vê-se um manuscrito com imprecisões de um traçado manual que conferem um traçado singular. O soneto é titulado e assinado, como se o poeta revivesse nas letras de um outro ser. O alinhamento é centralizado em relação a gravura e levemente descolada para o centro inferior da página. Por densidade e contraste, a imagem destaca-se em relação ao escrito.

*Sorriso interior* apresenta 2 estrofes de 4 versos (quartetos) e 2 estrofes de 3 versos (tercetos) na estrutura italiana do soneto. Versa sobre a existência e o ser, os desejos e necessidades humanas entrelaçadas por *Fé tranquila* e *Derredor oscila*. Sugere embate entre a glória e a grandeza do ser, de modo que se distancia de fraquezas das forças da natureza e valorização do reino dos deuses.

A tríade é o elemento de principal vínculo entre o poema (título texto e nome) e a gravura (figura central e figuras dispostas ao lado) em um texto de dualidade entre forças. Mund capta o aspecto soturno das palavras do poeta e transpõe a questão *eflúvia* ao dispor as figuras sobrepostas como

se fossem um canal ou rio, que flui em curva, ondas *interiores* no retrato central. A ambivalência de sua forma pode sugerir um broto de planta ou uma semente germinada.

Os olhos tapados das figuras dão o aspecto de sonho, em estado de dormência, um sentir que lança à escuridão no interior do ser. Não o corpóreo e sim o sensível. A figura da direita arremessa a forma central à esquerda. Este movimento gerado simboliza glória do bem sobre o mal e acentua a questão *augusta que exalta ser que é ser e que jamais vacila*. A força do anjo que impõe aos humanos o gremem para perceber a si mesmo no reino da terra, do céu e do inferno.

Flávio de Aquino escreve que Florianópolis não deixa a desejar em termos de bons artistas, e que o MAMF, com João Evangelista Andrade Filho na direção do Museu, revelou nos Salões do GAPF uma geração boa de novos artistas, ocasionado pelo pioneirismo do Grupo Sul. Na reportagem ele comenta que Hugo Mund *apesar de sua pouca idade já encontrou seu caminho e superou a fase escolar; convertendo-se num dos nossos melhores desenhistas e gravadores. e o artista tem a mesma gravidade e o mesmo sentido dramático de Goeldi mas não deixa de ter um conteúdo próprio*.<sup>159</sup>

Que conteúdo próprio seria esse? Seria um solitário da província noturna? A leitura da imagem com poema de Cruz e Sousa impõe a nós um gosto do artista que Goeldi não tinha, que é a inclusão de texto em seus trabalhos. Aparece como um ilustrador que escreve, um sorriso interior, um lugar onde sua alma se percebe, se reconhece e sorri.

Ronaldo Brito via Goeldi como um expressionista preocupado com um real que encontra nos becos *escuros uma limitação dramática, expresso nos passeio grotesco de caveiras grã-finas*, também visíveis em Mund.<sup>160</sup> Este real abarca uma *projeção transcendental do ego*, pois humanos, animais e coisas, recebem o mesmo tratamento técnico em relação ao entalhe gráfico. Já as gravuras de Hugo Mund as figuras humanas ganham mais atenção, assim como objetos relacionados com a leitura.<sup>161</sup>

Ainda segundo Ronaldo Brito, diferente da maioria dos expressionistas, Goeldi distancia-se da *nostalgia do mito, da ânsia metafísica ou da religiosidade problemática*. Por outro lado, na gravura de Hugo Mund há algo de sinestésico que enraíza-se no drama humano, como um mito que vem do barro e gera o ser, próximo de um saber cristão. Ronaldo aponta que Goeldi tem como tema *o vazio existencial da era da ciência, a miséria das relações propriamente humanas em meio ao processamento ininterrupto de relações lógicas*. E ainda acrescenta que para Oswald *o anônimo humilde e disperso assinala o último reduto do humano ante a violência da lógica*.<sup>162</sup>

159 AQUINO, Flávio. Artistas de Florianópolis. JORNAL DO COMMERCIO. 3º Caderno. Rio de Janeiro, 8 mar. 1959.

160 Ver série de desenhos no anexo 4.

161 BRITO, Ronaldo; LIMA, Sueli de (Org.). *Experiência Crítica*. São Paulo: Cosac & Naify, 2005, p. 296.

162 *Idem*, p. 296-297.

Por fim, a lógica mitológica do poema simbolista, é parcialmente negada por Hugo Mund e elaborada a partir de formas humanas, que levam-o novamente a Goeldi. Em algum modo, repetem-se em outros trabalhos seus, como personagem de um íntimo e silencioso sentir seu. O amor aos livros é retomado, vemos que sua obra gráfica, conceitua concisão, seriedade, serenidade e lançamento ao oculto, num problema mais simbolista que de fato expressionista. Os estados da alma advêm de livros e retornam aos livros, como se quisesse discordar do professor e dizer: Não é bem assim, a lógica pode também promover experiências estéticas, sem deixar de envolver o ser humano que pensa, escreve e imprime suas criações.

### 3.2 O EIXO DA POESIA VISUAL E POEMA PROCESSO

#### **UM SORRISO**

Um sorriso eletriza.  
A quem se dirige?  
Algo começa, cresce e dramatiza. Voa  
e não ultrapassa o efêmero que magoa.  
A claridade se resigna à sua presa,  
esta janela que se abre ao indeciso,  
espaço heróico na pupila do olvido.

Hugo Mund Júnior. *Cósmica província*.1992, p.22

Quando lemos em entrevista que Hugo Mund parou de ilustrar e começou a pesquisar algo nos leva a entender que este ato concentra-se em investigação sobre recursos da linguagem visual a partir da psicologia da gestalt, como forma, plano, volume. Contraste, pregnância, unidade, harmonia e equilíbrio são alguns conceitos dessa vertente que decorre da tradução de Mário Pedrosa a partir de pesquisas desenvolvidas na *Bauhaus* e *Escola de Ulm*. Diz respeito à apreensão de estruturas. Essas viriam a dar base para a Escola Superior de Desenho Industrial, em 1963, e conferem influência a artistas brasileiros como modos de pensar a forma, o sentido e a função. Essa investigação confirma um gesto de criador editor.

Este ítem da dissertação propõe elucidar como essa pesquisa aparece na produção de Mund a partir de quatro livros publicados reconhecidos por Lauro Junkes como eixo de *Poética visual*. Olharemos em que contexto isso ocorre, com que bagagem Mund trabalha, o que ele fez, o que foi dito, e por fim, o que podemos inferir sobre esta vertente de trabalho como artista editor.

Quando eu fui pra Brasília, em 1962, houve um choque muito grande, semelhante ao que tive quando cheguei aqui (Rio). A diferença é que aqui eu me encaminhei para uma coisa e lá eu reformulei tudo que eu tinha feito. Porque com a mudança da capital, o Brasil, de repente, teve uma consciência total do país, e os intelectuais abriram a cabeça não mais pro Rio ou sua cidadezinha mas para o país como um todo. Então surgiu um impulso interessante de filosofia de trabalho dentro de uma concepção de país, que durou muito pouco tempo também. Logo veio a revolução que cortou esse

caminho e imprimiu um outro. Eu tentei, na Universidade de Brasília, uma pesquisa dentro de uma linguagem gráfica universal. Quando comecei a trabalhar, como o que depois redundou na poesia visual, eu tentei trabalhar num sistema gráfico que fosse muito aberto, tanto do ponto de vista do consumidor, que podia recriar a obra com aqueles elementos, como do ponto de vista do entendimento universal.<sup>163</sup>

A pesquisadora Liege Sieben Puhl publicou dados acerca do arquiteto Alcides Rocha Miranda na qual atribui grande parcela de responsabilidade para a fundação do Instituto Central de Artes (ICA) da UnB em 1962. A autora comenta sobre a influência da *Bauhaus* e discute a estruturação do ICA como modelo nacional, descrevendo seus troncos de atuação. Com este texto, ela relata pontualmente que o arquiteto foi responsável por levar bons artistas a Brasília e Hugo Mund foi um deles.

Com a cisão Alcides não lecionou mais na arquitetura, entretanto ele recebia e ajudava alunos da arquitetura, quando solicitado e mantinha-se no conselho diretor da UnB. Alcides trouxe muito artista bom para o Instituto de Artes: Leo Barcellos Dexheimer, Alfredo Ceschiatti, Hugo Mund Júnior, Athos Bulcão, Esther Joffily, Zanine, entre outros. Quando criaram o Instituto criaram-se também nichos: o Elvin começou a fazer móveis, Bianchetti ficou encarregado dos ateliês de gravura e pintura, Athos Bulcão lecionava plástica e pintura. A ideia do curso-tronco de artes se manteve, agora dentro do ICA. Os alunos iniciantes ingressavam no curso-tronco de artes por dois anos. Após isso eles optavam por uma das Faculdades, entre elas a de Arquitetura, vinculada diretamente ao CEPLAN.<sup>164</sup>

Hugo parte da província de Florianópolis ao Rio de Janeiro e sente um choque com a efervescência cultural e oportunidade de aprimoramento educacional e profissional. Com a mudança para Brasília há um novo colapso em sua percepção e passa a deixar de pensar em um pequeno território para ter consciência do país como um todo. A cidade foi projetada por Lúcio Costa, e executada por diversos arquitetos, mas que teve a figura de Oscar Niemeyer como ícone do pensamento moderno nessa obra. Esta cidade imprimiu novos elementos no repertório de Mund que chegou para lecionar na UnB levado por Alcides da Rocha Miranda segundo o relato de Liege Sieben Puhl.

Liege Sieben elenca pontos de proximidade entre o ICA e a *Bauhaus* como instituições que *promoviam a livre criação e a qualificação da sociedade através da arte*<sup>165</sup> e repara que ambas foram *fechadas por motivos políticos oriundos de governos ditatoriais*. A integração das artes e o contato do aluno com elas se dava através da prática e com relação unida entre professor-aluno. Hugo aparece em fotografia na pesquisa da autora, assim com Esther Joffily, Zanine Caldas e Elvin Dubugras.

O artista fala que teve de rever o que havia feito, se reformular, e percebemos em seu plano de

163 WOLFF, Joca. *Hugo Mund Júnior: Palavras que não são palavras*. Ô Catarina. Florianópolis, jun. 1993. Suplemento 3, p. 8. Disponível em: <<http://cultura.sc.gov.br/publicacoes/ocatarina/edicoes/1356-jornal-o-catarina-n-03?format=html>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

164 SEMINÁRIO DOCOMOMO\_BR, 11., 2016, Recife. Arte total, ensino total: Alcides Rocha Miranda, a UNB e o Instituto Central de Artes. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2016, p. 7. Disponível em: <[http://seminario2016.docomomo.org.br/artigos\\_apresentacao/sessao%209/DOCO\\_PE\\_S9\\_PUHL.pdf](http://seminario2016.docomomo.org.br/artigos_apresentacao/sessao%209/DOCO_PE_S9_PUHL.pdf)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

165 *Idem*, p. 10.

aula *Desenho de Observação*,<sup>166</sup> documento não datado, um vestígio consistente para entender a mudança de eixo de produção entre a série de *Ilustrações* para a série de *Poesia visual*. Evidentemente esta mudança não foi abrupta, regular e bem planejada, mas há no seu plano de disciplina um vestígio.

O plano de curso básico de desenho elaborado por Mund, está diagramado de maneira objetiva, com fonte não serifada, texto centralizado, e treze páginas. Está dividido em Orientação, Programa e Prática, aberto pelo seguinte dizer: *Desenho de Observação não só funciona como meio de comunicação mas, sobretudo, como meio de conhecimento – apreensão de estruturas*. Com isso, na etapa de orientação o artista coloca que pretende-se *transmitir as noções básicas ao estudante indispensáveis a qualquer representação visual*, e por fim procura aliar à formação, a carreira que pretende-se seguir comum *à ordem artística quanto às de ordem científica*.<sup>167</sup>

Neste sentido de orientação ele alerta para que se conduza todo o *ensino em termos individuais*, a fim de *preservar a personalidade de cada um*, Hugo inscreve-se em uma nova vertente estética, a do concretismo. Tem o desenho como matriz e estruturas gráficas como recurso operatório, e as pinturas e publicações enquanto fatura. Quanto a base para ordem científica usa da escrita e formas básicas. Hugo Mund procura diferenciar-se de Goeldi por meio de um entendimento de racionalidade. Esse é seu gesto editor apesar de parecido com seus ensinadores.<sup>168</sup>

O artista confere ao desenho de observação o sentido de uma ferramenta que *deve anteceder a outros tipos de desenho*, ainda enraizado na formação na ENBA, porque propõe que esse *dado que lida com a forma objetiva, palpável*, se faz essencial ao aluno que pretende usufruir do desenho. Isso ocorre, para *suprir lacunas quanto à compreensão concreta das coisas junto ao desenvolvimento da habilidade manual*. Neste momento, o artista recorre à habilidade manual como recurso, que, posteriormente, virá a conciliar esse entendimento com fenômenos da percepção ótica universal.<sup>169</sup>

Isso coincidiu com outros movimentos que já estavam sendo feitos no Brasil, o movimento concreto e a poesia-processo. Mas a minha intenção foi fazer uma linguagem gráfica de interesse geral. Porque naquela época houve um movimento intelectual muito grande em relação ao questionamento da informação, da comunicação, a semiótica, as primeiras ideias sobre a sociedade da informática. Era um momento muito rico de possibilidades. Porque eu já não estava mais interessado em fazer uma arte moderna. A arte moderna, aliás, nunca me interessou muito, o moderno pelo moderno. E com esses elementos novos que estavam surgindo dentro da tecnologia, eu quis fazer um trabalho utilizando esses meios.<sup>170</sup>

166 HUGO MUND JÚNIOR (Distrito Federal). Universidade de Brasília. *Desenho de Observação*. Brasília: Editora Unb, 19---. Disponível na íntegra no anexo 5.

167 *Idem, ibidem*. O plano não possui paginação nem data. Yvonne Jean o curso de extensão Desenho de Observação no Correio Braziliense. Distrito Federal, 15 ago.1963.; São três aulas semanais. Correio Braziliense. Distrito Federal, 5 mar. 1965; É publicado com obra do artista no Caderno Cultural de Hugo Auler e Olívio Tavares de Araújo. Correio Braziliense. Distrito Federal, 11 nov 1967.

168 HUGO MUND JÚNIOR. op., cit.

169 *Idem, Ibidem*. Vide anexo 6. Figuras 181 a 188.

170 WOLFF, Joca. op. cit., p. 8.

O artista diz que até 1964 ainda estava desenhando, e de fato estava, a ponto de apresentar na Aliança Francesa de Brasília desenhos em carvão e grafite, que remetem ao interior de Goiás/GO, possivelmente feitos em observação.<sup>171</sup> Alcides da Rocha Miranda escreve o convite da mostra e delinea que os personagens do artista *estão desligados de qualquer ideia de tempo*.<sup>172</sup> Isso nos faz pensar que, é intencionado por Mund, desfazer-se de um território local para criar um trabalho que caminhe no sentido de algo universal, pontuado neste ítem, complementar ao primeiro capítulo desta pesquisa. Entretanto, parece, contar com a benevolência daqueles que o rodeiam.

Em 1964, Walmir Ayala reproduz relato de Mund sobre a produção dos desenhos de Goiás e diz que ele viajou pelo interior de Minas Gerais e Bahia para procurar temas a produzir. O artista afirma que seus trabalhos registram as mudanças *dramáticas* de um Goiás velho, influenciado pelo desenvolvimento de Brasília, como algo que está se perdendo. Quando questionado que técnicas trabalha na mostra, diz que eram somente desenhos, que tem vontade de trabalhar litogravura e aguarda a prensa ser montada, mas *namoro ardentemente a pintura*.<sup>173</sup> Ayala questiona como está o movimento artístico em Brasília:

A não ser pelos artistas que estão trabalhando na Universidade, como Athos Bulcão, Ceschiatti, Bianchetti e outros, a cidade não tem movimento de artes plásticas praticamente nenhum. A Universidade foi criada para dar um lastro cultural ao ambiente, e isso vem com o tempo. Mas já temos sinais evidentes de uma coisa bem encaminhada. O trabalho é feito sem pretensão de arte. As pessoas aprender a lidar com as cores, a desenhar. A Universidade proporciona os meios técnicos, a escolha de cada um virá depois. Não é como aqui no Rio, que o aluno, ao mesmo tempo que começa a aprender, já se julga um artista.<sup>174</sup>

Que estruturas são objetivadas para o aprendizado do desenho de observação? Conforme o programa inicia-se com: elementos geométricos simples, vegetais, garrafas, pedras e conjuntos de objetos. O segundo módulo traz encaixes, profundidade e informação, a partir de elementos mais complexos como jardim, peças de máquinas e paisagem. Aqui há um resquício da natureza morta apropriada por Pablo Picasso e Paul Cézanne, como recusa aos gêneros nobres da academia. O terceiro módulo inclui a figura humana e tem como grande tema o movimento. E o último, enlaça profundidade e movimento com figura humana na paisagem, até chegar aquilo que chama de desenho de memória.

A cadência de seu planejamento é coerente e lógico e complexifica ao decorrer do curso, até a observação ser incorporada à memória. Quando procuramos encontrar um artista que trabalha com a memória, é possível dizer que Mund tem clareza em relação a este conceito e o percebe como o nível conclusivo do gesto de desenhar.

Em 1968 publica em edição do autor o livro *Gráficos* composto e impresso no Instituto Central

171 Vide anexo 4. Figuras 137 e 138. Convite disponível no anexo 9 na figura 256.

172 Miranda, Alcides da Rocha. *Desenhos de Mund*. Convite de exposição na Galeria Verseau/RJ, 1964. Vide anexo 9.

173 Tribuna de Imprensa. Rio de Janeiro, 8 jan. 1964. Em: [http://memoria.bn.br/DocReader/154083\\_02/14820](http://memoria.bn.br/DocReader/154083_02/14820)

174 *Idem, Ibidem*.

de Artes da UnB. Não encontramos em coleções públicas em Santa Catarina e assim como *Desenho de Observação, Gráficos* só há no acervo da biblioteca da UnB.<sup>175</sup> Este livro, impresso em forma quadrada, com cores. exerce força de um marco, como se instaurasse o novo eixo de produção do artista.

Utiliza-se de formas circulares em quatro agrupamentos de cores, verde, vermelho, azul e preto, e constrói uma sensação de movimento no desencadear de suas páginas. Ao que parece, pelas formas, essas forças distintas por cores se aproximam, se unem, formam algo e se multiplicam como representações de um átomo, em metáfora à criação do universo. Há aqui um criacionismo científico, tanto da física, quanto da linguagem, pois a abertura do texto, em português, inglês e francês, está dito que:

Este álbum compõe-se de uma série de imagens encadeadas, uma conduzindo à outra, em sequência que se pode dizer cinética, sugerindo ao espectador a possibilidade de compor uma mensagem. Nenhuma palavra: só cor e forma exprimem o organismo total e circular, isto é, mais representando uno/todo, fim conduzindo a princípio. Tal é a intenção: dar ao espectador os elementos para que ele próprio realize a obra, para que não funcione apenas como receptor, mas que se faça criador também. Aqui se propõe a função do livro - cabe agora a diversidade inventiva de cada um aprovar ou não a validade como trabalho criativo autônomo.<sup>176</sup>

Walmir Ayala escreve no Jornal do Brasil que o artista *foi engolido por Brasília* e não se ouvia mais falar de Hugo Mund. Logo passou a receber cartas, livros e um *S.O.S*, dando notícias que *está vivo, trabalha e trabalha bem como sempre*. Afirma que recebeu *Gráficos* um livro sem *uma palavra, emocionante, tão móvel*. Comenta que não ficou-lhe claro o sentido do livro apesar do efeito visual, da sensação do ritmo e da clareza das proposições que tocam a emoção. Na mesma nota, reproduz trecho de carta:<sup>177</sup>

Mesmo sem lhe dar notícia, minha produção tem sido considerável e de um modo geral experimenta um sentido novo. Não nos libertamos daquilo que a parte incógnita do ser exige: arte, amor, ar. Uns acreditam que morri, outros que enlouqueci, mas nunca tive tão nascente, tão lógico, tão bem.<sup>178</sup>

A publicação de Walmir informa que o artista estaria com exposição no Hotel Nacional de Brasília<sup>179</sup> enquanto publica seu livro, e a mostra continha pinturas *didáticas* que proporcionam um entendimento para crianças. Eixo de trabalho que inaugura-se em *Gráficos* é resultado de uma investigação pictórica, gráfica e editorial e busca uma linguagem acessível e universal.

A partir de 1962 até 1964 eu ainda estava desenhando. Depois eu comecei a pesquisar e fiz um livro chamado *Gráficos*, que foi uma primeira tentativa de uma linguagem visual. Um livro que só tinha imagens, através das quais eu tentava transmitir uma mensagem. Eram forma que lembravam cometas, o espaço, mas possibilitando a construção de uma história que deveria ser feita pelo leitor. Uma atitude radical em

<sup>175</sup> Disponível 4 imagens no anexo 6, nas figuras 178 a 181.

<sup>176</sup> MUND JÚNIOR, Hugo. *Gráficos*. Brasília: Editora do Autor, 1968.

<sup>177</sup> AYALA, Walmir. JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 27 jun. 1968. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_08/117572](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/117572)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

<sup>178</sup> *Idem, Ibidem*.

<sup>179</sup> A mostra no Hotel Nacional em Brasília conta com o músico Guilherme Magalhães Vaz e ocorre de 15 a 24 de maio. Correio Braziliense. Distrito Federal, 10 maio. 1968. Em: [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_01/33497](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/33497)

termos da relação leitor/escritor ou desenhista.<sup>180</sup>

A mostra no Hotel Nacional é noticiada vinculada ao livro *Gráficos* e ambos tiveram repercussão nas mídias impressas em Brasília e no Rio. Em nota, jornal informa que o poeta francês Jean François Bory diz: *É um livro esplêndido e no gênero do que buscamos realizar no grupo “Approches”*.<sup>181</sup> Vera Pedrosa publica fotografia de Hugo Mund com trabalho ao fundo e escreve sobre a mostra, ela afirma que recebeu o livro *Gráficos: poema em linguagem visual, é uma experiência silenciosa, de boa qualidade técnica, com um desenvolvimento temporal*. Vera comenta que Mund solicitou o endereço da editora do livro *Kinetic* do crítico e curador Guy Brett.<sup>182</sup> Na ocasião do encerramento da exposição Hugo Auler vincula as pinturas com Marcel Mauss:

*Hugo Mund tenta introduzir uma dinâmica valendo-se do geometrismo e da cor. Na imobilidade do quadro a estruturação das linhas e a aplicação das cores puras têm por finalidade exigir do espectador o uso direto da visão, a fim de extrair do campo da atenção o movimento e o som, portanto, o ritmo e a vibração.*<sup>183</sup>

Ari Cunha escreve que a Gráfica da UnB tem impresso bons livros e que recebeu e leu *Gráficos* de Hugo Mund Jr. *Confesso que nunca encontrei coisa tão original. É um dicionário, de gosto, uma cachoeira de imaginações, uma flor de perfeição e um cristal de idéia. Formidável*. Nota-se autores como Mauss para entender fenômenos óticos, Guilherme Vaz para compor o som e as pinturas como prática do pensamento, que reverberou também no livro.<sup>184</sup> A sinestesia do gesto ilustrador estende-se aqui em um novo formato, na edição de uma mostra e de um livro.

A segunda tentativa de uma linguagem visual no formato livro-poema foi lançada em 1969, pela editora Ebrasa de Brasília, com o título *Palavras que não são palavras*.<sup>185</sup> Este exemplar impresso em *offset* somente em preto, traz desenhos, mas também palavras, e expõe um estudo da percepção visual conduzida pela palavra, como uma legenda sugestiva da imaginação. Paralelo a *Gráficos*, envolve elementos da natureza explicitamente, como a pedra, o ar, a árvore, a palavra e o horizonte.

O título é sugestivo e também objetivo, relembra *Isto não é um cachimbo*, de René Magritte, artista que explora fenômenos de figura e fundo na pintura. O título enuncia e contradiz, deixando a cargo de quem lê possibilidade de imaginação. Mund se refere ao pintor e também a si mesmo, no primeiro módulo do plano de aula, quando traz *vegetais, pedras, conjunto de objetos*.

*Palavras que não são palavras* é considerado com um livro-poema por Walmir Ayala e retoma a discussão do ítem 2.3, onde os livros da Edições do Livro de Arte tinham como ponto central

180 WOLFF, Joca. op. cit., p. 8.

181 Correio Braziliense. Distrito Federal, 14 maio 1958 Em: [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_01/33561](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/33561)

182 Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 19 maio. 1968. Em: [http://memoria.bn.br/DocReader/089842\\_07/92104](http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/92104)

183 Correio Braziliense. Distrito Federal, 14 maio.24 maio. 1968. Em: [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_01/33725](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/33725) A peça sonora de Guilherme Vaz foi *Delírio do pingo d'água dourado*

184 Correio Braziliense. Distrito Federal, 12 maio 1968. Em:[http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_01/33534](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/33534)

185 Anexo 6. Figuras 182 a 189.

interação imagem e texto. No caso atual ele age com injúria à tradição editorial nacional, e estreita a relação imagem/palavra sem partir da literatura. Walmir Ayala confirma que a pesquisa é antiga, mas o *processo é humilde, lírico, inteligente*, e Mund investiga as *relações da palavra com a imagem plástica, um caminho concreto para a percepção do ser (coisa) a partir da palavra*.<sup>186</sup>

Percebe-se três momentos no livro. O primeiro expõe as sugestões sensoriais em torno da palavra pedra e desencadeia-se em cheiro, gosto, visão, tato até que chega-se na pedra, imaginada e escrita. O segundo momento revela cálculos usando somatórios de formas geométricas como o quadrado, o círculo, o ponto e a reta, estruturas capazes de criar processos propositivas ao leitor. *Onde estiver finque uma estaca, ou, ao volante arranque*. Essa etapa volta ao universo gráfico de palavras como universo, indivíduo, campo interno, campo externo e horizonte. A terceira, uma reta em um jogo de ideias que passa pelo nome do artista e acaba com um retorno à pedra, fechando a falta aberta pelas sugestões primeiras.<sup>187</sup> Seria esta pedra uma citação de Drummond?

Joca Wolff: Qual sua opinião sobre a poesia que se tem feito hoje? (1993)

Hugo Mund: Eu discordo de se fazer poesia hoje na linha de um Oswald de Andrade, de um Drummond, de um Manuel Bandeira, que é uma tendência da juventude, porque acha que é vanguarda, mas não é. Aquilo foi a maneira da época para mostrar alguma coisa, mas hoje não tem mais sentido você estar falando com aqueles cacoetes [...].<sup>188</sup>

Hugo Auler percebe que o poema *trata-se de uma experiência destinada a provocar a participação do espectador na obra cujos gráficos são lançados, através das respectivas páginas, como sugestões em forma de signos plásticos*.<sup>189</sup> Enquanto Hugo Mund formula a EDLA nos anos 50 ocorria a Exposição Nacional de Arte Concreta em 1956, Wladimir Dias Pino publicava *A Ave* e o Manifesto Neoconcreto era lido em 1959. Dentro desse paradigma em construção o artista assume um abandono parcial da figuração, interessa-se pela informação universal em detrimento da regional e dedica sua atenção a participação do leitor na obra.

186 AYALA, Walmir. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 15 abr. 1969. Em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_08/132370](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/132370)

187 Hugo Mund Júnior. op. cit.

188 WOLFF, Joca. op. cit.

189 *Correio Braziliense*. Distrito Federal, 20 abr. 1968.



Figura 17 – Wladimir Dias Pino. Detalhe de livro *A ave*. 1956. Fonte: Kac, 2015. Em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-53202015000200006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202015000200006)

Conforme Gustavo o livro-poema *A ave* é anterior a mostra de arte concreta e foi considerado como o primeiro do gênero semiológico no Brasil. Esta obra *liga-se às virtualidades gráficas e verbo-visuais do concretismo* e sua leitura não depende mais da sequencialidade das páginas. estruturar-se como um dos *pilares sobre o qual se desenvolveu o poema/processo*.<sup>190</sup> *A ave* apresenta traçados, folhas translúcidas e palavras que encontram-se com os cantos gerados pelas linhas. É como se na primeira página ficasse visível todas as camadas de papel, linha e palavra.<sup>191</sup>

As camadas em Mund estão na pintura e nas páginas dos livros, mas sem transparência, mas veremos o problema do movimento. o que impera é a sugestividade da palavra prévia à forma, a opacidade da tinta serigráfica e a transferência da oxidação ao verso da página. A oxidação da tinta no papel é decorrente da ação do tempo, e nele abre uma fissura, pois deixa uma sombra atrás da página. *Vale e pássaro* expõe camadas de ar do bater das asas e o vento que percorre o vale.<sup>192</sup>



Figura 18 – Mund Júnior, Hugo. Página de livro *Palavra e cor*, 1988. acompanha o escrito *Vale e o pássaro*.  
Fonte: Mund, 1988. Foto do autor.

<sup>190</sup> NÓBREGA, Gustavo (org.). *Poema processo: uma vanguarda semiológica*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017, p. 11.

<sup>191</sup> Vide anexo 6. Figura 223 a 229.

<sup>192</sup> Vide anexo 6. Figura 224 a 227.

A imagem acima corresponde ao livro *Palavra e Cor* de 1988, impresso em serigrafia nas Oficinas de Arte do CIC em Florianópolis por Ricardo Maes Varela, com tiragem de 300 exemplares numerados e assinados manualmente. Não há apresentação, prefácio, orelha e ou contracapa com textos. Todo o livro ocorre em cor e palavra com opacas massas de tinta que transferem-se à página da frente e à página do verso. A interação das marcas, ocorre com as palavras, que também são cores, e com as formas, círculos, quadrados, triângulos e tiras que criam movimento.

Gustavo Nóbrega coloca que na poesia visual brasileira ocorreu três vertentes. A primeira do grupo *Noigandres*, a segunda é a corrente de Ferreira Gullar e a terceira localiza-se em torno dos trabalhos de Wladimir Dias Pino. O teor de diferenciação entre essas correntes, é tênue, e pelo círculo de relações construídos por Hugo Mund, supomos, que ele vincula-se à primeira e terceira. Isso porque Frederico de Moraes comenta duas ações do poema processo e cita Mund como membro com Álvaro de Sá, Neide Sá, Wladimir Dias-Pino, Márcio Sampaio e Moacir Cirne.<sup>193</sup>

A nossa concepção do real faz com que não aceitemos mais a província como motivador de angústias improdutivas e esquemas superados. Faremos uma poesia voltada para a concretude informacional e para a problemática da terra e do homem nordestino: uma poesia de vanguarda socialmente engajada- uma poesia capaz de agredir e violentar, partindo de elementos críticos, superando-os formalmente.<sup>194</sup>

Álvaro de Sá problematiza a informação em processos de ampliação de repertório como alerta a artistas repetem fórmulas. Para criar um poema com a concepção do real é preciso descartar tradições de uso do verso, como a metáfora, a rima, e a figuração. Fica necessário substituir o *descobrir e qualificar o belo, por ler a informação*. Sendo assim, *modifica-se a própria tradição da arte: seu objeto: seu domínio: sua problemática. Quiçá sua denominação*.<sup>195</sup>

Mund tangencia alguns importantes nomes como a *Tabu* de Dailor Varela, *Tlaloc* de Cavan McCarthy e expõe em mostras como *Ovum 10* com Clemente Padin, *Expoema 80* e *Novíssima Poesia Visiva*. Mund parece reconhecer-se nesse grupo pela formulação de linguagem que abandona os adornos e pretende signos não obsoletos. Esses, são capazes de produzir sentidos dentro de um jogo de possíveis significações que conectam-se com o repertório de quem os percebe.

A coletânea em formato de livro, *Germens*, apresenta estudos linguísticos de 1967 a 1977. É editado em pelo artista e foi impresso em Brasília. Esta obra exerce poder de germen, como um germinar gráfico por meio de imagens, projetos, gráficos, poemas e textos. Estudos desse livro desdobram-se em outros formatos como é o caso de *paisagem, janela, casa, paisagem*<sup>196</sup> que é feito em *Palavra e Cor*.

<sup>193</sup> Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 26 jul. e 13 ago. 1968.

<sup>194</sup> NÓBREGA, Gustavo. apud: FERNANDES, Anchieta. *Rio Grande do Norte: O desafio da Vanguarda*. Revista de Cultura Vozes, Petrópolis, nº10, ano 67, 1973, p.67.

<sup>195</sup> SÁ, Álvaro de. *Vanguarda: produto de comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1977.

<sup>196</sup> Vide anexo 6. Figuras 192 a 216 em relação às 224 a 239

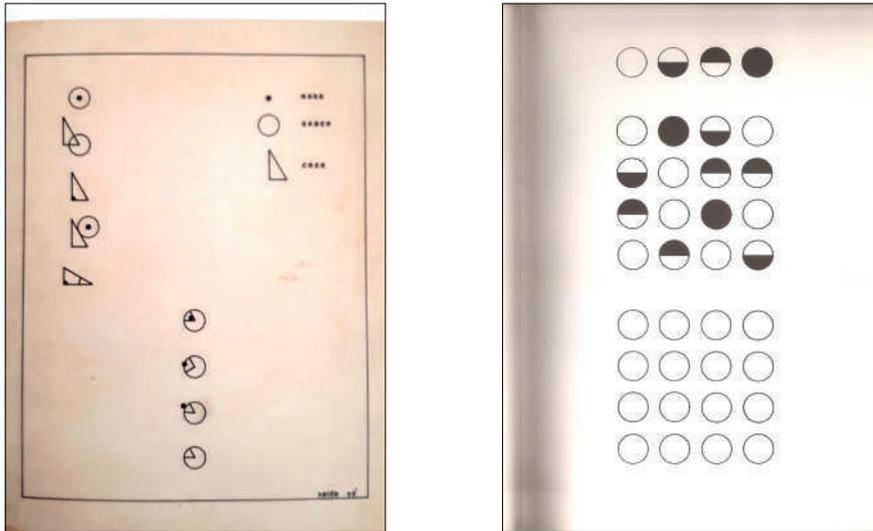


Figura 19 e 20 – A direita: Neide Sá. S/T. Nanquim e letraset sobre papel vegetal. 32x24,5 cm. 1967. Fonte: Coleção Orandi Momesso. Em: Nóbrega, 2017. A esquerda: Mund Júnior. Página de *Germens*, 1977. Fonte: Biblioteca Central UDESC.

Os micro signos semi-circulares de Neide Sá estão em *Germens*, as fotos datadas de Wladimir Dias Pino e as repetições de seis quadrados com balões de Álvaro de Sá também estão. O que difere é a narrativa, a informação a ser comunicada, como uma legenda da forma, um gérmen. Neide assina, enquadra e usa papel transparente dentro do programa instaurado em *A ave*. Mund insiste no papel fosco e ensina a preencher os campos vazios. Seria este a faísca e não o fogo?

Aprende-se muito com a vida e na prática do dia-a-dia pensando e desenhando. Sempre gostei do desenho, de linha, do traço, da mancha, da expressão que brota no papel - a mão ligada a mente. Dois pontos de referência na minha formação: o gravador Oswaldo Goeldi, com quem aprendi a consciência do ver na obra (período de 58 a 60) e o arquiteto Alcides da Rocha Miranda, com quem trabalhei intensamente entre 62 e 64 e a consciência do ver se expandiu para o todo. A partir de 64, ocupei-me com a problemática da linguagem visual, (indiscernível), é a função do criador na captação e transmissão das coisas através da imagem: o que ver e o que transmitir. Foram anos de intensa observação, introspecção e análise (64 a 67). [...] ora, minha área de atuação como artista é predominantemente visual. Portanto, é nela que deveria estar a solução e isto ocorreu por volta de 67. quando produzi três obras básicas: o livro “gráficos”, onde as imagens pretendem contar uma história, o livro “percepção”, um ensaio de relacionamento entre palavra e desenho e o poema gráfico “Guerra e paz”, o indicador real de todo trabalho posterior até o momento (77). [...] Como objetivos pessoais indico os seguintes: 1. Dizer muito com pouco [...] 2. Possibilitar o máximo de participação do leitor: versão, tradução, interpretação. 3. Não dar o fogo, mas a faísca. 4. Destinar-se a compreensão universal. 5. Registrar a essência e não o supérfluo. 6. Evitar o confessional, o ideológico e o sentimental em benefício do máximo rendimento. 7. Ser o (in) visível. 8. Fazer com que o olho cumpra sua função reflexível. 9. Adotar uma posição construtiva diante da realidade. 10. Abrir possibilidades de entendimento visual entre os seres em todos os lugares, níveis e épocas. 11. Estabelecer no homem o caminho de sua totalidade como Ser no universo.<sup>197</sup>

Nesse recorte de jornal incompleto Hugo Mund sugere seu programa: *Não dar o fogo, mas*

197 Vide anexo 9 . Figura 253.

*a faísca*. A nota exibe suas referências, os períodos e as conquistas que o fizeram produzir o que produziu em termos de linguagem visual. Mund escreve em 1977, ano de lançamento de *Germens*, e expõe os gestos tanto de ilustrador como de editor. A influência de Goeldi e Alcides retornam, outros nomes são elencados, sempre vinculados ao que produz. Também revela o sentido que atribui aos trabalhos individualmente, próximo do que chegamos aqui.

Por último Amir Brito Cadôr escreve que *Germens* revela uma espécie de manual do poema/processo. Alguns trabalhos são como diagramas para outros no livro, fora da sequência, como é o caso de *matriz para um poema*. Para Amir os projetos *ligações*, *matriz para um poema*, são as matrizes de *constelação*, onde *os gráficos isolados não formam um argumento, mas a justaposição deles em um livro estimula a comparação, e sua disposição um ao lado do outro, relaciona semanticamente por uma lógica da atribuição*.<sup>198</sup>

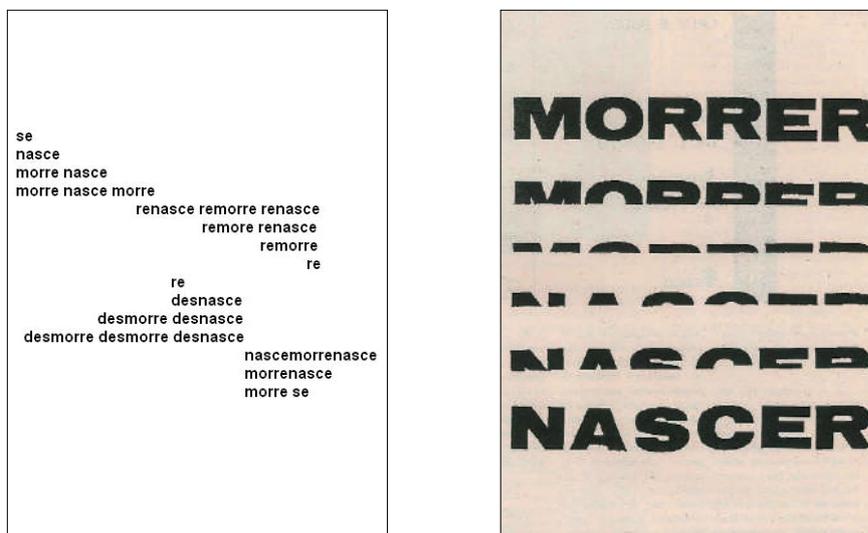


Figura 21 e 22 - Haroldo de Campos. *Nasce Morre*. 1958. Fonte: Imagens da internet. À esquerda. Mund Júnior. Hugo. *Morrer Nascer*. 1993. À direita. Fonte: Ô Catarina n°29. Em <<http://www.cultura.sc.gov.br/publicacoes/ocatarina/edicoes/1382-jornal-o-catarina-n-29/file>>

O gesto contemporâneo vibra no sentido de olhar à profundidade do excesso de luminosidade que nosso tempo é capaz de proporcionar. Procurar, na saturação das células ópticas, um espaço de silêncio no caos, capaz de refletir os sintomas, as sombras e o indiscernível dos dias em que se vive. Hugo Mund Júnior colaborou e se recusou, às amarras de vanguardas em períodos diferentes, das fases generalistas e dos programas estanques ao longo de sua produção. Busca, com a versão, a citação, a tradução encontrar o oculto dos seus dias, e expressar saberes com o lápis, o pincel, a matriz e o poema uma verdade, e essa, enuncia-se pela linguagem em palavra, grafia e cor.

198 CADÔR, Amir Brito. *O livro de artista e a enciclopédia visual*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016, p. 375.



## CONSIDERAÇÕES

O projeto de pesquisa que se materializa neste texto devolve à História da Arte uma investigação sobre caminhos artísticos do artista Hugo Mund Júnior. A dissertação disponibiliza três diferentes materiais à futuras pesquisas nas artes visuais e na literatura. O primeiro, uma cronologia de 1932 a 2019, o segundo são coleções de obras e documentos e o terceiro são reflexões em duas partes concentrados em três eixos de formação e dois eixos de produção.

As pesquisas de Lehmkuhl (1996), Lina Leal Sabino (1979) e Kátia Klock (2004) tem seu valor de documento e problematizam o “movimento sul”. Elas formam um sistema com foco no grupo e foram importantes na primeira parte, mas não conseguem debater a produção dos artistas em separado. Por isso resolvemos olhar com maior atenção a obra gráfica de Hugo Mund que estava dispersa e esquecida.

As formas primárias na primeira parte (2.1) são associadas mais ao repertório literário da infância que àquelas construídas pela formação profissional. Percebemos obras com uma seriedade melancólica e trabalham a figura humana com elemento central. Diferente da ironia de Meyer Filho, o esoterismo de Rodrigo de Haro e a fantasia em Franklin Cascaes.

Este caminho demonstra intimidade ao aspecto dramático nas imagens. O sombrio, o enigmático e o fabuloso dominam cenas figuradas que criam interlocuções com o poeta Cruz e Sousa, o Círculo de Arte Moderna de Florianópolis (CAM), o Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis (GAPF) e a criação da editora Edições do Livro de Arte.

Recatado da província e expansivo da metrópole (2.2) surge de um comentário do artista em relação a sua vivência no planalto catarinense na infância e na ilha durante a juventude. Transpomos essa noção à experiência como contista em relação à sua iniciação na gravura. Este item discute um paralelo entre uma noção de modernidade como uma tendência da época. Já a formação acadêmica foi mais rigorosa, porém, capaz de gerar uma qualificação profissional direcionada à vivência em jornal, exposições, suspensão da escrita e preparo para criar um projeto editorial.

Hugo Mund comenta que nesse período era solicitado a colaborar como desenhista e ilustrador e suas habilidades o levaram a optar pelo estudo das artes plásticas e dedica-se ao estudo do desenho, da história da arte e da gravura. Ele torna-se professor e modifica novamente sua produção. Tem como interlocutores o Clube de Gravura do RJ e artistas como Carlos Scliar, Glauco Rodrigues, Newton Cavalcanti, Trindade Leal e Oswaldo Goeldi, além dos escritores Walmir Ayala e Lúcio Cardoso.

O artista conquista novos repertórios de fatura e de sua produção, e isto culmina em uma virada de eixo em relação às Formas Primárias (subitem 3.1). É possível pensar nesse item as realizações e o reconhecimento que conquista. Mund vivencia realidades opostas

e extraí de cada projeto algo que lhe é de interesse. Aspectos da cultura e identidade local como lances de um sentir da alma.

Amor aos livros (2.3) vem de sua paixão pela leitura, pela escrita, pelas ilustrações e pelos livros propriamente dito. Ele experimenta todas as etapas de sua produção: concepção, editoração, edição, impressão e distribuição. Este item percebe as três produções da Edições do Livro de Arte ora com ternura, ora com injúria, e destaca aspectos formais, de relação imagem e palavra e proximidade ao processo da gravura.

A editora estava esquecida. Detivemo-nos a análise da forma e de como ocorre a relação texto e imagem como gesto de ilustrador e gesto de editor, unidos. Percebeu-se que cada livro se unifica pelo tamanho, pela tiragem e pela visualidade das páginas. A leitura destas publicações abre margem para discussão de modos de editar e fazer circular ideias, com imagens e palavras. Neste caso com enfoque ao texto escrito. Por último, este item demonstra o rigor do artista, a determinação, a precisão e minúcia ao ilustrar, diagramar, editar, imprimir, numerar e assinar.

Dois níveis de arquivo compunham a abertura da primeira parte. Primeiro, o arquivo de documentos, obras e sites na internet, que gerou dois problemas. Um de ordem organizacional, com a questão como apresentar? Outro de ordem conceitual que nos pergunta, o que apresentar?

Primeiro, tratamos de distinguir alguns segmentos que recorriam e agrupa-los nos anexos como: coleções de obras, textos publicados, plano de aula, críticas impressas, textos assinados e documentos. Depois, a cronologia: fatos sobre a vida, ocorrências de seus trabalhos, comentários e críticas sobre seus trabalhos, e dados que reportasse aos trabalhos sem a interferência direta do artista. No caso da cronologia, periódicos foram a maior fonte, alguns, considerados essenciais, foram incluídos os links, outros que repetiam-se em diversos jornais, foram selecionados apenas de um. O veículo e a data, quando existente, são a indicação para outras pesquisas que desejem encontrar as informações ali sintetizadas.

O arquivo no sentido segundo, dentro da literatura consultada, corresponde a algo, que está nos trabalhos do artista, como um lugar que falta. Esta falta, pode ser lida na forma. Um círculo quase fechado, porém, com um resquício de abertura. Esta abertura, por menor que seja, irá dezoar, chamar a atenção, ou abrir a percepção de quem a olha. Quando se olha essa falta, se perde, e por perder, o desejo de encontrar faz a inquietação. Essa agitação de procurar, rever o que percebia antes, entender, desfazer, querer saber mais, e se for possível, estabelecer relações e conexões entre essa falta com outras faltas. Criar elos.

Neste sentido de arquivo, como aquilo que sempre irá inquietar, ao que parece, na leitura do primeiro capítulo como um sintoma de falta, podemos inferir que: imprimir uma informação sensível por meio de experimentações gráficas que decorrem de estudos da linguagem como apreensão de estruturas (forma, palavra, traço, cor) é algo importante para Hugo Mund Júnior.

A segunda parte da pesquisa procura identificar o gesto de ilustrador e o de editor visíveis em seus textos/imagens como derivações de suas referências. O primeiro gesto de ilustração (anexo 4 e item 3.1) englobou gravuras, os livros da EDLA e as séries de desenhos e aguadas. Telma Scherer, João Evangelista Andrade Filho, Clarissa Santos e Aletea Mattes conferiram a Hugo Mund uma estética sóbria, certa, fantástica e de suspense. Esta parte é marcada por Oswaldo Goeldi.

Priscila Rufinoni e Frederico Morais apontam para Goeldi como um ilustrador do cotidiano e explora os rejeitados de uma sociedade com cenas dramáticas em um cenário noturno e soturno. Se Goeldi concebe o homem do subúrbio, Mund elabora um “solitário da província noturna”.

Há relação de Mund com Goeldi pelos temas, pelo acabamento, pela olhar. Mas, quando Mund ilustra poema de Cruz e Sousa percebemos mais que um expressionista, e sim um simbolista, principalmente pelo aspecto da sinestesia. Seus personagens e cenários são, senão, símbolos de algo a ser decifrado.

No segundo eixo de produção, da poesia visual (anexo 6 e 7, item 3.2), encontramos um Hugo Mund Júnior desconhecido em nosso meio local. O MASC não contém obras em livro desse momento. Estão na UDESC, UFSC, BPSC, UnB e USP. Este eixo aborda livros-poemas e outros trabalhos.

Neste último item, iniciamos com o plano de aula desenho de observação como um ato de rever-se para ensinar. O plano dá indícios dos interesses do artista e de sua compreensão em relação a apreensão de estruturas para o desenho, inicia com formas simples e encerra com desenho de memória.

Este eixo editor revelou pesquisas sobre forma, plano, cor e palavra enquanto ferramenta do pensamento. As escolas de Bauhaus, Ulm e Le Corbusier, exercem força de paradigma assim como a poesia concreta e o poema processo. Sua experimentação ocorre na pintura e livro-poema, agora sem o privilégio literário e ilustrativo, mas ainda sinestésico.

A citação, a tradução e a versão são gestos operatórios que incorrem não em figurações que simbolizam, mas em estruturas que sinalizam uma falta a ser completada por quem a experimenta. Isso quer dizer que quando olhamos uma sequência de obras que por unidade formal e temporal revelam um problema gráfico, o trabalho do artista não obedece mais a um símbolo de algo, sim à leis de comunicabilidade de signos mínimos.

Os signos que cunha são ainda figuras, mas não pretendem dizer, querem perguntar e/ou provocar. Busca-se um entendimento universal, acessível, simples em fatura, mas complexo na capacidade de criar elos. Este item, ainda pode abrir discussão sobre publicações de artista, relação palavra e imagem e processos de articulação entre os pensamentos, pré-elaborados como problemas, resolvidos com imagens, gráficos, textos, poemas, projetos. Seu reconhecimento ocorre na década seguinte.

Longe estamos de esgotar a investigação sobre o trabalho de Hugo Mund Júnior, principalmente sobre sua produção gráfica relacionada ao poema processo. Sua obra

pictórica, por outro lado, está toda espalhada na clausura de acervos privados, enquanto sua obra gráfica, ainda pode desdobrar-se como impressos de uma matriz.

Falamos de um artista vivo e esquecido, que desde muito cedo pôde ler, estudar, traduzir, ilustrar e escrever, como homem erudito das artes e das letras. Olhar ao seu trabalho, fazer pensar sobre como foi viver onde ele viveu, como foi interagir com os artistas que conheceu e quais problemas ele perseguiu que ainda não estão resolvidos.

Ao trazermos essa reunião, formularmos esses debates e compormos uma cronologia, podemos perceber que a pesquisa não acabou, foi interrompida. Por isso, pretende-se aprofundar o debate com a proposição de um seminário e quem sabe, uma curadoria para exposição. O(a) pesquisador(a) que encontrar essa dissertação poderá saber sobre a obra do artista, ver parte considerável de sua produção e também, reconhecer em sua trajetória um detalhe esquecido da História da Arte Catarinense.

## REFERÊNCIAS

5ª BIENAL DE SÃO PAULO. 1959. Disponível em: <<http://www.bienal.org.br/exposicoes/5bienal>>. Acesso em: 19 jun. 2019.

13º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro (1980). Metrôpoles. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/fbcb/13o-festival-de-brasilia-do-cinema-brasileiro-1980>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

14 Artistas de Brasília (1978: Brasília, DF). In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento243025/14-artistas-de-brasilia-1978-brasilia-df>>. Acesso em: 21 de Jun. 2019

A HISTÓRIA da Poesia Visual Brasileira no Mamam. 2016. Disponível em: <<http://www2.recife.pe.gov.br/noticias/01/06/2016/historia-da-poesia-visual-brasileira-no-mamam>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

ANNAMARIA GUASCH. Universidad de Barcelona. Os lugares da memória: a arte de arquivar e recordar. **Revista Valise**, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p.237-264, jul. 2013. Semestral. Tradução de Daniela Kern. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/RevistaValise/article/view/41368/26241>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

AYALA, Walmir; CAVALCANTI, Carlos (Org.). **Dicionário brasileiro de artistas plásticos**. Brasília: MEC/Instituto Nacional do Livro, 1977. (Volume 5 de Coleção Dicionários especializados)

BARBOSA, Maria Helena Rosa. **Memória e Esquecimento: Exposições do Acervo do Museu de Arte de Santa Catarina (1983-2016)**. 2018. 470 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/186100/PICH0191-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

BIENAL Interamericana de Pintura y Grabado (1. : 1958 : Cidade do México, México). In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento84276/bienal-interamericana-de-pintura-y-grabado-1-1958-cidade-do-mexico-mexico>>. Acesso em: 07 de Jul. 2019

BORTOLIN, Nancy Therezinha. **Indicador Catarinense das Artes Plásticas**. Florianópolis: FCC Edições, 2010. 958 p. Disponível em: <<http://cultura.sc.gov.br/espacos/masc/indicador-catarinense-das-artes-plasticas>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

BORTOLIN, Nancy Therezinha; LAUS, Harry (Org.). **Biografia de um museu: Museu de Arte de Santa Catarina**. Itajaí: Edições FCC, 2002.

BRASIL. Constituição (1985). Emenda Constitucional nº 26, de 27 de novembro de 1985. Brasília, DF, 27 nov. 1985. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Emendas/Emc\\_anterior1988/emc26-85.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc_anterior1988/emc26-85.htm)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

BRITO, Ronaldo; LIMA, Sueli de (Org.). **Experiência Crítica**. São Paulo: Cosac & Naify, 2005. 382 p.

CADÔR, Amir Brito. **O livro de artista e a enciclopédia visual**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

CANDIDO, Jeferson. **Dois Lados da Moeda?:** Versus, um Jornal Alternativo, e Cultura, uma Revista do MEC (1976-1978). 2008. 405 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Teoria Literária, Programa de Pós-graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/92001/252127.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

CAROL MACÁRIO. Diário Catarinense. **Academia Catarinense de Letras chega aos 95 anos com muitos planos, mas poucos recursos para realizá-los**. 2015. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:bapwdr6uDQJ:dc.clicrbs.com.br/sc/entretenimento/noticia/2015/10/academia-catarinense-de-letras-chega-aos-95-anos-com-muitos-planos-mas-poucos-recursos-para-realiza-los-4887247.html+%&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

CATÁLOGO Expoema 80: 1ª Exposição de Poemas Visuais. Disponível em: <<http://www.sebonascanelasleiloes.com.br/peca.asp?ID=5226913&ctd=23&tot=&tipo=&artista=>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

CHEREM, Rosângela Miranda; MATTES, Aletea Hoffmeister. As Cidades Oníricas de Hugo Mund Júnior. In: MAKOWIECKY, Sandra; CHEREM, Rosângela Miranda (Org.). **Fragmentos-construção I: academismo e modernismo em Santa Catarina**. Florianópolis: UDESC, 2010. p. 235-241.

CIÊNCIA na Ditadura. Disponível em: <[http://site.mast.br/ciencia\\_na\\_ditadura/letra\\_h.html](http://site.mast.br/ciencia_na_ditadura/letra_h.html)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 26., 2006, São Paulo. **O Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis e as imagens da cidade**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2007. 9 p. Disponível em: <[http://www.cbha.art.br/coloquios/2006/pdf/43\\_XXVICBHA\\_Luciene%20Lehmkuhl.pdf](http://www.cbha.art.br/coloquios/2006/pdf/43_XXVICBHA_Luciene%20Lehmkuhl.pdf)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

CONVITE Mostra La poesia degli anni 70: collezione internazionale di poesia visiva no Museu Del Castello. Itália, 1970.

CONVITE Momentos do acervo do MASC. Museu de Arte de Santa Catarina. Florianópolis, de 2008.

CONVITE Novíssima poesia. Instituto Torcuato di Tella, Buenos Aires e La Plata, 1969.

DANIEL, Larissa Chagas. **Estética e Modernidade: urbanização cultural em Santa Catarina**.

**Revista Santa Catarina em História**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p.117-123, 2010. Disponível em: <<http://seer.cfh.ufsc.br/index.php/sceh/article/view/518/174>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

DUCHAMP, Marcel. O ato criador. Em: BATTCKOCK, Gregory. **A Nova Arte**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. Cap. 5. p. 71-74.

EQUIPE PALAVREIROS DA HORA. Palavras Todas Palavras (Org.). **Poesia Visual de Hugo Mund Júnior / Brasília**. 2009. Disponível em: <<https://palavrastodaspalavras.wordpress.com/2009/08/14/poesia-visual-de-hugo-mund-junior-brasilia/>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

FAMILIA Coirolo Alvariza. 2014. Disponível em: <<http://familiacoiroloalvariza.blogspot.com/2014/09/familia-coirolo-alvariza.html>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

FLORES, Maria Bernadete Ramos; LEHMKUHL, Luciene; COLLAÇO, Vera Regina Martins (Org.). **A Casa do baile: estética e modernidade em Santa Catarina**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006. 480 p.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 244 p. (Coleção Campo Teórico). Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves.

FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO (São Paulo). **Pré-Bienal de São Paulo**. 1970. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento243003/pre-bienal-de-sao-paulo-1970-sao-paulo-sp>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

GAPF - 50 anos. 2008. Florianópolis, Exposição no Museu de Arte de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.meyerfilho.org.br/pagina/14/projetos-realizados-pelo-imf>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

GOELDI, Oswaldo. **Harpia**. Xilogravura impressa sem papel, assinada com as iniciais na chapa e com indicação de tiragem por Hugo Mund Júnior.. Disponível em: <<http://www.soraiacals.com.br/87939?offset=189&max=21&catalogueId=156938>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

GOULART, Guilherme. **O Povoamento Poético de Brasília**. [20--]. Disponível em: <<http://brasiliapoetica.com.br/o-povoamento-poetico-de-brasilia/>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

GRABADOS Brasileños (1957 : Montevideú, Uruguai). In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento238524/grabados-brasilenos-1957-montevideu-uruguai>>. Acesso em: 07 de Jul. 2019.

GRAMACHO, Jair. CONVITE Exposição Desenhos de Mund. Aliança Cultural Franco Brasileira. Brasília, 1963.

HISTÓRIA da Poesia Visual Brasileira: a exposição apresenta obras em diversas linguagens a partir do Acervo de Paulo Bruscky. 2019. Disponível em: <[www.sescsp.org.br/programacao/189010\\_HISTORIA+DA+POESIA+VISUAL+BRASILEIRA](http://www.sescsp.org.br/programacao/189010_HISTORIA+DA+POESIA+VISUAL+BRASILEIRA)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

IMAGEM de Obra Contato: Livro Sociedade Dos poetas vivos. Livro Sociedade Dos poetas vivos. 1993. Rio de Janeiro, v. 5. Disponível em: <<http://www.sol.sc.gov.br/index.php/component/>>

content/article?id=213:obras-de-mund-e-do-gapf-em-expos>. Acesso em: 12 jun. 2018.

JUNKES, Lauro (Org.). **Cruz e Sousa Simbolista Broquéis, Faróis, Últimos Sonetos**. Jaraguá do Sul: Avenida, 2008.

KAC, Eduardo. Entrevista com Wladimir Dias-Pino, poeta revolucionário. **ARS**, São Paulo, v. 13, n. 26, p.1-43, 22 dez. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ars/article/view/106064/104715>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

KLEY, Edinara. **Oficinas de arte oferecem conhecimento prático e teórico em Florianópolis**. 2014. ND Mais. Disponível em: <<https://ndmais.com.br/entretenimento/artistas-e-interessados-se-encontram-nas-oficinas-de-arte/>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

KNYCHALA, Catarina Helena. **O livro de arte brasileiro**. 1980. 207 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Biblioteconomia, Departamento de Biblioteconomia, Universidade de Brasília, Brasília, 1980. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/9607>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

LAGO, Fernando. Hugo Mund Filho: um valor novo. **D'aquem e D'além Mar**. [s. L.], out. 1959.

LAUS, Ruth; LAUS, Harry (Org.). **Harry Laus: Artes Plásticas - Comentários Sobre Artes Plásticas**. Rio de Janeiro: C. Cultural H. Laus/ Tijuca, 1996.

LEHMKUHL, Luciene. **Imagens além do círculo: o grupo de artistas plásticos de Florianópolis e a posituação de uma cultura nos anos 50**. 1996. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/111312?show=full>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

LEIRIS, Michel. **Espelho da Tauromaquia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

LIMA, Guilherme Cunha. **O gráfico amador: as origens da moderna tipografia brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2014.

MATOS, Felipe. **Armazém da Província: Vida Literária e Sociabilidades Intelectuais em Florianópolis na Primeira República**. 2014. 242 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/128691/328158.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

MALHEIROS, Eglê; MIGUEL, Salim; BRUCHARD, Dorothée de (Org.). **Memória de Editor**. Florianópolis: Escritório do Livro, 2002. 96 p. (Coleção Memória).

MATTOS, Tarcísio (Ed.). **Construtores das Artes Visuais: cinco séculos de arte em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora Tempo Editorial, 2007. 2 v.

MCCARTHY, Cavan Michael. **Tlaloc**. 22. ed. [s. l.]: Universidade da Califórnia, 1970.

MELO, Maria Albertina Freitas de. **Contrapontos: as cartas de Harry Laus e de sua tradutora francesa**. 2001. 496 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Letras, Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001. Disponível

em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/82081/180713.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

MIRANDA, Antonio. **Poesia de Íbero América:** Hugo Mund Júnior. 2008. Disponível em: <[http://www.antoniomiranda.com.br/Iberoamerica/brasil/hugo\\_mund\\_junior.html](http://www.antoniomiranda.com.br/Iberoamerica/brasil/hugo_mund_junior.html)>. Acesso em: 08 jan. 2018.

MODERNOS do Sul. Direção de Kátia Klock. Roteiro: Kátia Klock. Florianópolis: Contraponto, 2004. (52 min.), son., color.

MORAIS, Frederico; SEFFRIN, Silvana. **Frederico Morais.** Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004. 188 p.

MOSTRA Internacional de Poesia Visual e Eletrônica. [20--?]. Disponível em: <[http://arteonline.arq.br/museu/library\\_pdf/catalogogrande.pdf](http://arteonline.arq.br/museu/library_pdf/catalogogrande.pdf)>. Acesso em: 12 jun. 2018.

MOSTRA “Florianópolis através da arte” expõe obras do acervo do MASC. 2016. Elaborado por Calendário Floripa. Disponível em: <<http://desacato.info/mostra-florianopolis-atraves-da-arte-expoe-obras-do-acervo-do-masc/>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

MUSEU de Arte de Brasília. The Saatchi Gallery. Disponível em: <<https://www.saatchigallery.com/museums/museum-profile.php/Museu+De+Arte+De+Bras%C3%ADlia+%E2%80%93+M>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

NASCIMENTO, Onor. **A história de um nascimento.** 2017. Disponível em: <<https://onorfilomeno.blog/2017/11/22/a-historia-de-um-nascimento/>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

NÓBREGA, Gustavo (org.). **Poema processo:** uma vanguarda semiológica. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

**OVUM 10:** Exposicion Exhaustiva de la Nueva Poesia. Uruguai: Galería U, 1972. Dirigida Por Clemente Padín.

PEDROSA, Mário. A Bienal de lá pra cá. In: GULLAR, Ferreira (Org.). **Arte Brasileira Hoje.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973. p. 25.

PEREIRA, Lucésia. Discursos emoldurados: **Reflexões sobre a história do Museu de Arte de Santa Catarina.** (Tese) PPGH-UFSC, Florianópolis, 2013. In: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/107041/320305.pdf?sequence=1>

PEREIRA, Maura de Senna. **A dríade e os dardos:** poemas. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1978. 174 p.

PEREIRA, Maura de Senna. **Verbo Solto.** 1982. Textos literários em meio eletrônico. Disponível em: <[https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/\\_documents/verbo\\_solto-maura.htm](https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/verbo_solto-maura.htm)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

RODRIGUES, Maria Alexandrina de Souza. **A Brasília dos Pioneiros.** 2013. 577 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação da Universidade de Brasília, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <<http://>

repositorio.unb.br/handle/10482/13567>. Acesso em: 21 jun. 2019.

ROSA, Murilo de Sousa. **A arte e a política na obra de Willy Zumblick**. 2015. 268 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <[http://www.faed.udesc.br/arquivos/id\\_submenu/2025/murilo\\_de\\_souza\\_rosa.pdf](http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/2025/murilo_de_souza_rosa.pdf)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

RUFINONI, Priscila Rossinetti. **Oswaldo Goeldi: iluminação, ilustração**. São Paulo: Cosac & Naify / FAPESP, 2006. 320 p.

SÁ, Álvaro de. **Vanguarda: produto de comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1977.

SABINO, Lina Leal. **O Grupo Sul**. 1979. 293 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Letras, Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1979. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/106088/321842.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

SCHERER, Telma. Os olhos tristes da casa, os olhos meigos do boi: Uma leitura de quatro obras do modernismo brasileiro pertencentes ao acervo do MASC. **DAPesquisa**, Florianópolis, v. 11, n. 16, p.053-071, 9 set. 2016. Universidade do Estado de Santa Catarina. <http://dx.doi.org/10.5965/1808312911162016053>. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/6907>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

SEMINÁRIO DO MUSEU D. JOÃO VI, 6., 2015, Rio de Janeiro. **Repensando a trajetória de 200 anos da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro: revisão historiográfica e estado da questão**. Rio de Janeiro: Eba/ufRJ, 2015. 10 p. Disponível em: <<https://joaoosextoseminario.files.wordpress.com/2017/01/2-sonia-gomes-pereira.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

SEMINÁRIO DOCOMOMO\_BR, 11., 2016, Recife. **Arte total, ensino total: Alcides Rocha Miranda, a UnB e o Instituto Central de Artes**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2016. 10 p. Disponível em: <[http://seminario2016.docomomo.org.br/artigos\\_apresentacao/sessao%209/DOCO\\_PE\\_S9\\_PUHL.pdf](http://seminario2016.docomomo.org.br/artigos_apresentacao/sessao%209/DOCO_PE_S9_PUHL.pdf)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

SILVA, Clarissa Santos. **Pés e cansaços: imagens e memórias na obra Descanso, de Hugo Mund Jr.** **DAPesquisa**, Florianópolis, v. 13, n. 20, p.03-16, 10 ago. 2018. Universidade do Estado de Santa Catarina. <http://dx.doi.org/10.5965/1808312913202018003>. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/9577>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

SILVEIRA, Paulo. **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista** [online]. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

## PUBLICAÇÕES E ENTREVISTAS DE HUGO MUND JÚNIOR

GRAMACHO, Jair. CONVITE Exposição Desenhos de Mund. Aliança Cultural Franco Brasileira. Brasília, 1963.

HUGO MUND JÚNIOR (Distrito Federal). Universidade de Brasília. **Desenho de Observação**. Brasília: Editora Unb, 19--.

HUGO Mund Júnior. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa215055/hugo-mund-junior>>. Acesso em: 21 de Jun. 2019

MUND JÚNIOR, Hugo. **As vozes do juramento**. Florianópolis: Noa Noa, 1987.

MUND JÚNIOR, Hugo. CONVITE Exposição Projetos Visuais. Museu Histórico e Pedagógico Amador B. da Veiga. São Paulo, 1969.

MUND JÚNIOR, Hugo. **Cósmica província: poesia 1986/1991**. Florianópolis: Editora UFSC, 1992.

MUND JÚNIOR, Hugo. **Espelho Ardente**. Brasília: Thesaurus, 1985.

MUND JÚNIOR, Hugo. **Exercício em Branco**. Brasília: Thesaurus, 1986.

MUND JÚNIOR, Hugo. **Flauta de Espuma**. Brasília: Lavras, 1986.

MUND JÚNIOR, Hugo. **Gráficos**. Brasília: Editora do Autor, 1968.

MUND JÚNIOR, Hugo. **Germens: 1967-1977**. Brasília: Gráfica Brasil Central, 1977.

MUND JÚNIOR, Hugo. **Grifos & Emblemas**. Florianópolis: Editora Ufsc/FCC Edições, 1987.

MUND JÚNIOR, Hugo. **Ícones da Terra**. Brasília: Thesaurus, 1985.

MUND JÚNIOR, Hugo. **Palavra e Cor**. Ilha de Santa Catarina: R. M. Varela, 1988.

MUND JÚNIOR, Hugo. **Véspera do Coração**. São Paulo: Massao Ohno Ed.; Florianópolis: FCC Edições, 1986.

MUND JÚNIOR, Hugo. No bar e café “expresso”. **Sul**: Revista do Círculo de Arte Moderna, Florianópolis, p.47-50, dez. 1952. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27605>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

MUND JÚNIOR, Hugo. O louco. **Sul**: Revista do Círculo de Arte Moderna, Florianópolis, v. 10, p.9-12, 1949. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27598>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

MUND JÚNIOR, Hugo; JUNKES, Lauro. **Poesia Reunida**. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 1997.

PEREIRA, Maura de Senna; MUND JÚNIOR, Hugo. **País de Rosamor**. Florianópolis: **Edições do Livro de Arte**, 1962. 42 p.

RICCIARDI, Giovanni. **Biografia e Criação Literária: entrevistas com escritores do sul**. 7.

ed. Palhoça: Editora Unisul, 2009. 226 p.

SOUZA, Silveira de,; MUND JUNIOR, Hugo. **O Vigia e a Cidade**. Florianópolis: **Edições do Livro de Arte**, 1960 48 p.

SOUSA, Cruz e; SOUZA, Silveira de; MUND JUNIOR, Hugo. **Sonetos da noite**. Florianópolis: *Edições do Livro de Arte*, 1958 [46 p.]

WOLFF, Joca. Hugo Mund Júnior: Palavras que não são palavras. **Ô Catarina**. Florianópolis, jun. 1993. Suplemento 3, p. 7-9. Disponível em: <<http://cultura.sc.gov.br/publicacoes/ocatarina/edicoes/1356-jornal-o-catarina-n-03?format=html>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

## REFERÊNCIAS DE PERIÓDICOS

**A NOITE.** Rio de Janeiro, 24 set. 1956.

ANDRADE FILHO, João Evangelista. Mund Júnior: a seriedade do fazer e o desenho da alma. **O Estado de Florianópolis.** Florianópolis, 195?.

AQUINO, Flávio. Artistas de Florianópolis. **JORNAL DO COMMERCIO.** 3º Caderno. Rio de Janeiro, 8 mar. 1959.

ARAÚJO, Olívio Tavares; AULER, Hugo. **CADERNO CULTURAL. CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 11 nov. 1967.

ARAÚJO, Raimundo. **Letras, Idéias e Fatos.** 1978. Publicação na imprensa. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=10724>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

ATHANÁZIO, Enéas. **BLUMENAU EM CADERNOS.** Blumenau, 1985.

ATHÁNAZIO, Enéias. **BLUMENAU EM CADERNOS.** 1988. P. 108. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=884634&pagfis=9762>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

AULER, HUGO. **CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 18 mar. 1964. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_01/13746](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/13746)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

AULER, Hugo. **CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 24 jun. 1970.

AULER, Hugo. **CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 11. set. 1970.

AULER, Hugo. **CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 21 dez. 1974

AULER, Hugo. O desenho brasiliense hoje. **JORNAL DO COMMERCIO.** Amazonas, 10 jan. 1979.

ARAÚJO, Avelino de (Ed.). **SUPLEMENTO POEZINE DE LITERATURA EXPERIMENTAL.** n. 11, jun-jul. 1995. Disponível em < <http://www.sebonascanelasleiloes.com.br/peca.asp?ID=3073154&ctd=35&tot=&tipo=&artista=>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

AYALA, Walmir. **JORNAL DO BRASIL.** Rio de Janeiro, 24 dez. 1968. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_08/127130](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/127130)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

AYALA, Walmir. **JORNAL DO BRASIL.** Rio de Janeiro, 27 jun. 1968. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_08/117572](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/117572)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

AYALA, Walmir. **JORNAL DO BRASIL.** Rio de Janeiro, 15 abr. 1969. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_08/132370](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/132370)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

AYALA, Walmir. Cultura visual. **JORNAL DO BRASIL.** Rio de Janeiro, 3 set. 1969. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_08/140186](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/140186)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

AYALA, Walmir. **JORNAL DO BRASIL**. Rio de Janeiro, 16 jan. 1970. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_09/804](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/804)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

AYALA, Walmir. **JORNAL DO BRASIL. RIO DE JANEIRO**, 26 jan. 1970.

AYALA, Walmir. **JORNAL DO BRASIL. RIO DE JANEIRO**, 2 nov. 1970. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_09/19568](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/19568)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

AYALA, Walmir. **JORNAL DO BRASIL. RIO DE JANEIRO**, 4 dez. 1970.

AYALA, Walmir. **JORNAL DO BRASIL. RIO DE JANEIRO**, 21 set. 1971. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_09/40569](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/40569)>. Acesso em: 30 de Jun. 2019.

BALLSTAEDT, Élio (Ed.). **Conversa com o escultor Moacir Fernandes**. 1952. Sul: Revista do Círculo de Arte Moderna. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=327468&pagfis=612>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**BLUMENAU EM CADERNOS**. Blumenau, 18 abr. 1988.

**BLUMENAU EM CADERNOS**. Blumenau, out. 1989.

**BLUMENAU EM CADERNOS**. Blumenau, 1991.

**BLUMENAU EM CADERNOS**. Blumenau, 1993.

**BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE**. Nº 41-42. 1990.

BRANCO, Joaquim. Voôs experimentais. **JORNAL DO BRASIL**. Rio de Janeiro, 3 dez. 1977.

BRÜGGEMANN, Fábio. **A NOTÍCIA**. Joinville, mai. 1989.

CAMPOFIORITO, Quirino. Desenhos de Mund Jr. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 27 nov. 1959. Artes Plásticas, p. 3-3. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=110523\\_05&pagfis=81319](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=110523_05&pagfis=81319)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

CAVALCANTI, Valdemar. **Jornal Literário**. 1962. Publicação na imprensa. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=11464>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**CORREIO BRAZILIENSE**. Distrito Federal, 17 de mai. de 1962.

**CORREIO BRAZILIENSE**. Distrito Federal, 15 ago. 1963.

**CORREIO BRAZILIENSE**. Distrito Federal, 13 out. 1963.

**CORREIO BRAZILIENSE**. Distrito Federal, 24 nov. 1963.

**CORREIO BRAZILIENSE**. Distrito Federal, 30 nov. 1963.

**CORREIO BRAZILIENSE**. Distrito Federal, 31 ago. 1967.

**CORREIO BRAZILIENSE**. Distrito Federal, 5 mar. 1965.

**CORREIO BRAZILIENSE**. Distrito Federal, 19 out. 1965. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_01/20579](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/20579)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

- CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 21 out. 1966.
- CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 15 jan. 1968. p. 2.
- CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 27 jan. 1968.
- CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 9 mar. 1968.
- CORREIO BRAZILIENSE.** Caderno Cultura. Distrito Federal, 10 mar. 1968.
- CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 20 abr. 1968.
- CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 14 mai. 1968.
- CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 24 mai. 1968. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_01/33725](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/33725)>. Acesso em: 21 jun. 2019.
- CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 24 set. 1968.
- CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 30 nov. 1968.
- CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 11 dez. 1968.
- CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 25 mar. 1969.
- CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 1 jul. 1969.
- CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 9 set. 1970.
- CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 11 jun. 1970.
- CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 27 jun. 1970.
- CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 24 jan. 1971.
- CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 17 mar. 1971. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/12717](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/12717)>. Acesso em: 30 de Jun. 2019.
- CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 27 nov. 1971.
- CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 21 out. 1972.
- CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 23 out. 1973.
- CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 26 jun. 1974.
- CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 18 fev. 1975.
- CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 21 mar. 1975.
- CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 23 e 24 mar. 2004.
- CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 11 ago. 2007.
- CORREIO DA MANHÃ.** Rio de Janeiro, 16 mai. 1957.
- CORREIO DA MANHÃ.** Rio de Janeiro, 12 set. 1957. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/089842\\_06/81502](http://memoria.bn.br/DocReader/089842_06/81502)>. Acesso em: 21 jun. 2019.
- CORREIO DA MANHÃ.** Rio de Janeiro, 22 out. 1957. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/089842\\_06/83155](http://memoria.bn.br/DocReader/089842_06/83155)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**CORREIO DA MANHÃ.** Rio de Janeiro, 16 mai. 1957.

**CORREIO DA MANHÃ.** Rio de Janeiro, 12 nov. 1958.

**CORREIO DA MANHÃ.** Rio de Janeiro, 12 abr. 1960.

**CORREIO DA MANHÃ.** Rio de Janeiro, 17 abr. 1960.

**CORREIO DA MANHÃ.** Rio de Janeiro, 8 ago. 1964.

**CORREIO DA MANHÃ.** Rio de Janeiro, 8 set. 1967. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/089842\\_07/85461](http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/85461)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**CORREIO PAULISTANO.** São Paulo, 14 mar. 1953.

**CORREIO PAULISTANO.** São Paulo, 1 jul. 1956.

COSTA, Bianor Paulino. O corte semiótico em Hugo Mund. **A MARGEM.** Rio Grande do Norte, ago. 1993.

CUNHA, Ari. **CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 12 mai. 1968.

DANTAS, Nataniel. **CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 4 ago. 1972. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_02/25050](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_02/25050)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

DANTAS, Nataniel. O macrobiótico Hugo Mund Jr. **CORREIO BRAZILIENSE.** Distrito Federal, 23 jan. 1973.

**DIÁRIO CARIOCA.** Rio de Janeiro, 23 nov. 1955.

**DIÁRIO CARIOCA.** Rio de Janeiro, 11 fev. 1958.

**DIÁRIO CARIOCA.** Rio de Janeiro, 3 jul. 1960. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/093092\\_05/2343](http://memoria.bn.br/DocReader/093092_05/2343)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**DIÁRIO CARIOCA.** Rio de Janeiro, 18 out. 1960.

**DIÁRIO CARIOCA.** Rio de Janeiro, 9 dez. 1960.

**DIÁRIO CARIOCA.** Rio de Janeiro, 15 set. 1961.

**DIÁRIO CARIOCA.** Rio de Janeiro, 3 dez. 1963.

**DIÁRIO CARIOCA.** Rio de Janeiro, 19 jul. 1964.

**DIÁRIO CARIOCA.** Rio de Janeiro, 22 jul. 1964.

**DIÁRIO DA NOITE.** Rio de Janeiro, 4 dez. 1959.

**DIÁRIO DA NOITE.** Rio de Janeiro, 26 jun. 1960.

**DIÁRIO DA NOITE.** Rio de Janeiro, 27 jun. 1960.

**DIÁRIO DA NOITE.** Rio de Janeiro, 21 jan. 1961.

**DIÁRIO DE NATAL.** Rio de Janeiro, 27 jun. 1960.

**DIÁRIO DE NOTÍCIAS.** Rio de Janeiro, 12 dez. 1954. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/093718\\_03/37250](http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/37250)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

- DIÁRIO DE NOTÍCIAS.** Rio de Janeiro, 23 out. 1957.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS.** Rio de Janeiro, 24 set. 1957. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/093718\\_03/65014](http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/65014)>. Acesso em: 21 jun. 2019.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS.** Rio de Janeiro, 22 fev. 1959. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/093718\\_03/80262](http://memoria.bn.br/DocReader/093718_03/80262)>. Acesso em: 21 jun. 2019.
- DIÁRIO DE SÃO PAULO.** São Paulo, 12 ago. 1962.
- DIÁRIO DO PARANÁ.** Paraná, 10 out. 1971.
- DIÁRIO DO PARANÁ.** Paraná, 14 out. 1978.
- DIÁRIO DO PARANÁ.** Paraná, 15 out. 1958.
- DIÁRIO DO PARANÁ.** Paraná, 19 out. 1958.
- DIÁRIO DO PARANÁ.** Paraná, 30 nov. 1958. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/884120/80906>>. Acesso em: 21 jun. 2019.
- DIÁRIO DO PARANÁ.** Paraná, 26 jun. 1960.
- DIÁRIO DO PARANÁ.** Paraná, 3. out. 1969.
- DIÁRIO DO PERNAMBUCO.** Recife, mar. 1955.
- DIÁRIO DO PERNAMBUCO.** Recife, 4 ago. 1957.
- DIÁRIO DO PERNAMBUCO.** Recife, 8 jun. 1975.
- DIÁRIO DO PERNAMBUCO.** Recife, 26 out. 1972.
- DIAS, Reinaldo. Crítica de rodapé. **Jornal Última Hora.** Rio de Janeiro, 25 set. 1954.
- DISTRITO FEDERAL. Joanyr de Oliveira. Câmara Legislativa do Distrito Federal. Poetas e poesias de Brasília: suplemento cultural do Diário da Câmara Legislativa. **Revista Cultural DF Letras**, Brasília, v. 2, n. 15-16, p.10-12, maio/jun. 1995. Bimestral. Disponível em: <<http://biblioteca.cl.df.gov.br/dspace/handle/123456789/1830>>. Acesso em: 21 jun. 2019.
- FERNANDES, Anchieta. **DIÁRIO DE NATAL.** Rio Grande do Norte, 15 mai. 1971. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/028711\\_02/26802](http://memoria.bn.br/DocReader/028711_02/26802)>
- FERNANDES, Anchieta. **O POTI.** Natal, 19 dez. 1971.
- FOLHA DE S.PAULO.** São Paulo, 11 abr. 1955.
- FOLHA DE S.PAULO.** São Paulo, 25 nov. 1980. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=7506&keyword=Hugo%2CMund&anchor=4330285&origem=busca&pd=22d38bb1b2e9fdf8442b4dbb57797a1d>>. Acesso em: 21 jun. 2019.
- FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. **JORNAL BOI DE MAMÃO**, nº00. Florianópolis. 1979.
- FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. **JORNAL BOI DE MAMÃO**, Especial Cruz e Sousa. Florianópolis. 1980.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. **REVISTA CULTURA**. 1990.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. **SUPLEMENTO CULTURAL Ô CATARINA**. Nº3. Florianópolis, mai. 1993.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. **SUPLEMENTO CULTURAL Ô CATARINA**. Nº12. Florianópolis, mar. 1995.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. **SUPLEMENTO CULTURAL Ô CATARINA**. Nº16. Florianópolis, jan. 1996.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. **SUPLEMENTO CULTURAL Ô CATARINA**. Nº23. Florianópolis, 1997.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. **SUPLEMENTO CULTURAL Ô CATARINA**. Nº27. Florianópolis, jan. 1998.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. **SUPLEMENTO CULTURAL Ô CATARINA**. Nº28. Florianópolis, mar. 1998.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. **SUPLEMENTO CULTURAL Ô CATARINA**. Nº29. Florianópolis, maio. 1998.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. **SUPLEMENTO CULTURAL Ô CATARINA**. Nº30. Florianópolis, jul. 1998.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. **SUPLEMENTO CULTURAL Ô CATARINA**. Nº32. Florianópolis, nov. 1998.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. **SUPLEMENTO CULTURAL Ô CATARINA**. Nº46. Florianópolis, mai. 2001.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. **SUPLEMENTO CULTURAL Ô CATARINA**. Nº53. Florianópolis, set. 2002.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. **SUPLEMENTO CULTURAL Ô CATARINA**. Nº56. Florianópolis, set. 2003.

**GAZETA DE NOTÍCIAS**. Rio de Janeiro, 12 ago. 1962.

**IMPRENSA POPULAR**. Rio de Janeiro, 22 jul. 1955. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=108081&pagfis=9341>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**IMPRENSA POPULAR**. Rio de Janeiro, 22 jul. 1955.

**IMPRENSA POPULAR**. Rio de Janeiro, 8 dez. 1955.

**IMPRENSA POPULAR**. Rio de Janeiro, 17 mai. 1956. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/108081/11108>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**IMPRENSA POPULAR**. Rio de Janeiro, 2 ago. 1956.

**IMPRENSA POPULAR**. Rio de Janeiro, 25 set. 1956.

**IMPRENSA POPULAR**. Rio de Janeiro, 27 fev. 1958.

**JORNAL DO BRASIL.** Rio de Janeiro, 5 mar. 1955.

**JORNAL DO BRASIL.** Rio de Janeiro, 11 jun. 1958.

**JORNAL DO BRASIL.** Rio de Janeiro, 18 jan. 1958.

**JORNAL DO BRASIL.** Rio de Janeiro, 4 jan. 1959.

**JORNAL DO BRASIL.** Rio de Janeiro, 28 jun. 1960.

**JORNAL DO BRASIL.** Rio de Janeiro, 16 nov. 1960. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_08/12151](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/12151)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**JORNAL DO BRASIL.** Rio de Janeiro, 21 dez. 1960.

**JORNAL DO BRASIL.** Rio de Janeiro, 17 mai. 1962. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_08/29626](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/29626)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**JORNAL DO COMMERCIO.** Rio de Janeiro, 6 mar. 1955.

**JORNAL DO COMMERCIO.** Rio de Janeiro, 24 set. 1958.

**JORNAL DO COMMERCIO.** Rio de Janeiro, 8 mar. 1959.

**JORNAL DO COMMERCIO.** Rio de Janeiro, 11 nov. 1959.

**JORNAL DO COMMERCIO.** Rio de Janeiro, 21 ago. 1959. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_14/56606](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_14/56606)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**JORNAL DO COMMERCIO.** Rio de Janeiro, 13 out. 1959. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_14/57493](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_14/57493)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**JORNAL DO COMMERCIO.** Rio de Janeiro, 11 nov. 1959.

**JORNAL DO COMMERCIO.** Rio de Janeiro, 27 nov. 1959. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_14/58261](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_14/58261)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**JORNAL DO COMMERCIO.** Rio de Janeiro, 24 set. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_14/51394](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_14/51394)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**JORNAL DO DIA.** Rio Grande do Sul, 10 jul. 1960.

**JORNAL LETRAS DA PROVÍNCIA.** Limeira, set. 1980.

**JORNAL DOS SPORTS.** Rio de Janeiro, 22 jun. 1986.

MANOEL HYGINO (Belo Horizonte). **JORNAL HOJE EM DIA.** Brasília, além dos jabutis. 2015. Disponível em: <<https://www.hojeemdia.com.br/opini%C3%A3o/colunas/manoel-hygino-1.332583/bras%C3%ADlia-al%C3%A9m-dos-jabutis-1.367873>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

MENEZES, Carlos. **O GLOBO.** Rio de Janeiro, 9 fev. 1993.

MORAIS, Frederico de. **DIÁRIO DE NOTÍCIAS.** Rio de Janeiro, 25 mai. 1968. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/093718\\_04/74749](http://memoria.bn.br/DocReader/093718_04/74749)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

MORAIS, Frederico de. Arte depois da pop: é permitido pintar na coluna de artes plásticas. **O**

**GLOBO.** Rio de Janeiro, 31 out. 1977

MORAIS, Frederico. **DIÁRIO DE NOTÍCIAS.** Rio de Janeiro, 27 jan. 1973.

MORAIS, Frederico. **DIÁRIO DE NOTÍCIAS.** Rio de Janeiro. 5 out. 1967. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/093718\\_04/69019](http://memoria.bn.br/DocReader/093718_04/69019)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

MORAIS, Frederico. **O GLOBO.** Rio de Janeiro, 31 out. 1977.

MORAIS, Frederico. Poema no aterro: ato coletivo. **DIÁRIO DE NOTÍCIAS.** Rio de Janeiro, 26 jul. 1968. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/093718\\_04/76228](http://memoria.bn.br/DocReader/093718_04/76228)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

MORAIS, Frederico. Poema no aterro: filme e livro. **DIÁRIO DE NOTÍCIAS.** Rio de Janeiro, 13 ago. 1968. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/093718\\_04/76701](http://memoria.bn.br/DocReader/093718_04/76701)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

MOURA, Roberto. **O JORNAL.** Rio de Janeiro, 26 out. 1973.

MUELLER, Carlos Braga. **BLUMENAU EM CADERNOS.** Blumenau, 1978.

**O COLEGIAL.** Santa Catarina, agosto de 1947.

**O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS.** Santa Catarina, 5 jan. de 1932.

**O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS.** Santa Catarina, 9 mai. 1932.

**O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS.** Santa Catarina, 25 nov. de 1948.

**O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS.** Santa Catarina, 30 out. de 1949.

**O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS.** Santa Catarina, 3 jan. de 1951.

**O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS.** Santa Catarina, 8 jun. de 1951.

**O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS.** Santa Catarina, 14 de jul. de 1951.

**O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS.** Florianópolis, 18 jul. 1951. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/884120/63613>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS.** Santa Catarina, 11 fev. 1958. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/884120/78656>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS.** Santa Catarina, 15 fev. 1958. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/884120/78712>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS.** Santa Catarina, 5 ago. de 1958.

**O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS.** Santa Catarina, 30 nov. de 1958.

**O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS.** Santa Catarina, 6 jan. de 1959.

**O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS.** Santa Catarina, 13 mar. de 1959.

**O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS.** Santa Catarina, 25 set. de 1959.

**O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS.** Santa Catarina, 4 out. de 1959.

- O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS.** Santa Catarina, 6 out. de 1959.
- O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS.** Santa Catarina, 8 out. de 1959.
- O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS.** Santa Catarina, 11 out. 1959. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/884120/82752>>. Acesso em: 21 jun. 2019.
- O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS.** Santa Catarina, 16 dez. de 1959.
- O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS.** Santa Catarina, 31 mar. de 1960.
- O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS.** Santa Catarina, 23 jun. de 1960.
- O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS.** Santa Catarina, 26 jun. de 1960.
- O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS.** Santa Catarina, 18 out. de 1960. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=884120&pagfis=85034>>. Acesso em: 19 jun. 2019.
- O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS.** Santa Catarina, 6 jun. de 1961.
- O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS.** Santa Catarina, 9 set. 1965.
- O ESTADO DE SÃO PAULO.** São Paulo, 15 nov. 1986.
- O ESTADO DE SÃO PAULO.** São Paulo, 27 abr. 1986.
- O ESTADO DE SÃO PAULO.** São Paulo, 27 dez. 1986.
- O FLUMINENSE.** Rio de Janeiro, 20 fev. 1988.
- O GLOBO.** Rio de Janeiro, 08 jan. 1959.
- O GLOBO.** Rio de Janeiro, 14 abr. 1959.
- O GLOBO.** Rio de Janeiro, 3 dez. 1959.
- O GLOBO.** Rio de Janeiro, 28 dez. 1959.
- O GLOBO.** Rio de Janeiro, 4 mai. 1962.
- O GLOBO.** Rio de Janeiro, 4 ago. 1964.
- O GLOBO.** Rio de Janeiro, 20 nov. 1968.
- O GLOBO.** Rio de Janeiro, 12 ago. 1976.
- O GLOBO.** Rio de Janeiro, 25 nov. 1980.
- O Jornal. Rio de Janeiro, 19 de jun. de 1955.
- O JORNAL.** Rio de Janeiro, 26 nov. 1955.
- O JORNAL.** Rio de Janeiro, 26 fev. 1956.
- O JORNAL.** Rio de Janeiro, 30 out. 1956.
- O JORNAL.** Rio de Janeiro, 19 jun. 1955. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/110523\\_05/36042](http://memoria.bn.br/DocReader/110523_05/36042)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**O JORNAL.** Rio de Janeiro, 20 jan. 1957.

**O JORNAL.** Rio de Janeiro, 28 jul. 1957.

**O JORNAL.** Rio de Janeiro, 21 set. 1958.

**O JORNAL.** Rio de Janeiro, 31 out. 1958. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/884120/80672>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**O JORNAL.** Rio de Janeiro, 7 jul. 1959.

**O JORNAL.** Rio de Janeiro, 27 nov. 1959.

**O JORNAL.** Rio de Janeiro, 7 jun. 1960.

**O JORNAL.** Rio de Janeiro, 2 jul. 1961.

**O JORNAL.** Rio de Janeiro, 2 set. 1962.

**O JORNAL.** Rio de Janeiro, 14 ago. 1963.

**O JORNAL.** Rio de Janeiro, 26 jul. 1964.

**O POTI.** Natal, 18 ago. 1974.

**O REPÓRTER.** Minas Gerais, 25 jun. 1960.

PEDROSA, Vera. **CORREIO DA MANHÃ.** Rio jan. 19 mai. 1968. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=089842\\_07&pagfis=92104](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=089842_07&pagfis=92104)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

PEDROSA, Vera. Poesia visual. **CORREIO DA MANHÃ.** Rio de Janeiro, 16 ago. 1968. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/089842\\_07/94675](http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/94675)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

PONTUAL, Roberto. **JORNAL DO BRASIL.** Rio de Janeiro, 1980. FALTA DATA

REVISTA CIÊNCIA E CULTURA. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Nº6. P. 616-617. 1988.

**REVISTA POESIA SEMPRE Nº2.** Rio de Janeiro, 1993.

**REVISTA SHELL.** AYALA, Walmir. A música de câmara das artes plásticas. 1969. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/009288/218>>

**REVISTA TABU.** Nº6. Dailor Varela. Totem Edições. 1977.

**REVISTA VEJA.** São Paulo, 13 mar. 1969.

RONAI, Cora. **JORNAL DO BRASIL.** Rio de Janeiro, 28 nov. 1980.

SOARES, Doralécio. Desenho e Pintura: Exposição de Hassis - J. Platt - Meyer Filho - Tercio da Gama - Mund Jr. - Vecchiatti. **O ESTADO DE FLORIANÓPOLIS.** Florianópolis, p. 10-10. 18 out. 1960. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=884120&pagfis=85034>>. Acesso em: 19 jun. 2019.

**SUL: Revista do Círculo de Arte Moderna.** Florianópolis: Museu de Arte Moderna de

Florianópolis, v. 13, abr. 1951. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27601>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**SUL: Revista do Círculo de Arte Moderna.** Florianópolis: Museu de Arte Moderna de Florianópolis, v. 14, set. 1951. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/327468/429>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**SUL: Revista do Círculo de Arte Moderna.** Florianópolis: Museu de Arte Moderna de Florianópolis, v. 16, jun. 1952. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27603>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**SUL: Revista do Círculo de Arte Moderna.** Florianópolis: Museu de Arte Moderna de Florianópolis, v. 17, out. 1952. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=327468&pagfis=612>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**SUL: Revista do Círculo de Arte Moderna.** Florianópolis: Museu de Arte Moderna de Florianópolis, v. 18, dez. 1952. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27605>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**SUL: Revista do Círculo de Arte Moderna.** Florianópolis: Museu de Arte Moderna de Florianópolis, v. 19, mai. 1953. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27606>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**SUL: Revista do Círculo de Arte Moderna.** Florianópolis: Museu de Arte Moderna de Florianópolis, v. 20, ago. 1953. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27607>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**SUL: Revista do Círculo de Arte Moderna.** Florianópolis: Museu de Arte Moderna de Florianópolis, v. 22, jul. 1954. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27609>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**SUL: Revista do Círculo de Arte Moderna.** Florianópolis: Museu de Arte Moderna de Florianópolis, v. 23, dez. 1954. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27610>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**SUPLEMENTO LETRAS E ARTES.** Rio de Janeiro, 6 de jul. de 1954.

**SUPLEMENTO LITERÁRIO DE O ESTADO DE SÃO PAULO.** São Paulo, 11 mar. de 1961.

**TRIBUNA DA IMPRENSA.** Rio de Janeiro, 8 mai. 1957.

**TRIBUNA DA IMPRENSA.** Rio de Janeiro, 9 jun. 1960. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/154083\\_02/1747](http://memoria.bn.br/DocReader/154083_02/1747)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**TRIBUNA DA IMPRENSA.** Rio de Janeiro, 1 de jul. de 1960.

**TRIBUNA DA IMPRENSA.** Rio de Janeiro, 27 de set. de 1960.

**TRIBUNA DA IMPRENSA.** Rio de Janeiro, 21 nov. 1960. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/154083\\_02/3539](http://memoria.bn.br/DocReader/154083_02/3539)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

Tribuna de Imprensa. Rio de Janeiro, 8 jan. 1964. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/154083\\_02/14820](http://memoria.bn.br/DocReader/154083_02/14820)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**TRIBUNA DA IMPRENSA.** Rio de Janeiro, 6 set. 1977. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/154083\\_03/28700](http://memoria.bn.br/DocReader/154083_03/28700)>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**VIDA CARIOCA.** Rio de Janeiro, jul. 1961.

**ÚLTIMA HORA.** Rio de Janeiro, 25 set. 1954. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/386030/20739>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**ÚLTIMA HORA.** Rio de Janeiro, 21 out. 1957. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/386030/42794>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**ÚLTIMA HORA.** Rio de Janeiro, 15 jul. 1961.

**ÚLTIMA HORA.** Rio de Janeiro, 15 jul. 1961.

**ÚLTIMA HORA.** Rio de Janeiro, 17 ago. 1961. ‘

**ÚLTIMA HORA.** Rio de Janeiro, 2 mai. 1962.

**ÚLTIMA HORA.** Rio de Janeiro, 23 jul. 1964.

**ÚLTIMA HORA.** Paraná, 21 jun. 1969.

**ANEXO 1 - FORMAS PRIMÁRIAS 1949-1957**

# ANEXO 1 - FORMAS PRIMÁRIAS 1949-1957

2 O ESTADO - Domingo 30 de Outubro de 1949

# PÁGINA LITERÁRIA

ORIENTAÇÃO DO CÍRCULO DE ARTE MODERNA

Correspondência:  
Caixa Postal 384

## Novamente Goethe e os Novos

*(Continuação do domingo passado)*

Depois de tudo. Apesar de tudo. Vamos terminar como nas histórias para crianças, que finalizam sempre patentando um conceito moral.

Quando escrevamos este artigo, alguém nos sugeriu o sub-título: "Resposta a uma série de artigos entre aspas".

Mas, nem estávamos dando resposta alguma. Nem nada tínhamos a ver com a maneira daquelas citações. O que sintomaticamente nos irritou foi a evidente transformação que sofreram nossas palavras para serem criticadas. Houve verdades mulladas. Justo, portanto, tivemos-nos a apontar o que estava acontecendo. Quem quiser discutir pelo que já escrevemos, as portas da literatura estão abertas. Mas pelo que nunca dissemos, outras é que são as portas que estão abertas. Portas de porão... escuras...

FIM

"NOVOS" e "VELHOS"

Hoje, talvez mais que em qualquer outra época, é acentuada a divisão em dois grupos dos que se interessam pelas artes. Existem os que são chamados de "velhos", passadistas, "mestruados", lutando pela sobrevivência, procurando fugir ao destino que os espera; o esquecimento. E existem os "novos", os "modernos", que, muito ao contrário, não lamentam a sorte daquela gente.

Mas, que é um "novo"? Que é um "velho"? É claro que não será a idade quem os irá diferenciar. Temos o conhecimento, através da história, de artistas, pensadores, ilustres, que viveram até idades avançadas mantendo sempre, na



"TERNURA" — Desenho de Hugo Mund Júnior.

## Uma Explicação

Salim Miguel

Há uma curiosa e inverídica teoria sobre o C. A. M. e que pela insistência com que vem sendo enunciada merece explicação. É a respeito da profeta mania de que o C. A. M. é uma agremiação "fechada", que se isola e retrai, que não admite ninguém, recusa-se pertencimento todos os "novos" que a ela se queiram chegar. Nada mais absurdo, mais contra a verdade. O C. A. M. foi, e será aberta a todos, contra toda e qualquer injúria, contra os grupinhos culturais e artísticos que desejam se isolar e viver só; pois, que é indispensável contacto e troca de idéias. Nada mais prejudicial a arte, nada que a limite mais, que a confine e a faça uma coisa desligada da vida do que os grupinhos auto-suficientes. E ninguém mais contra isto do que nós.

Então, é de se perguntar, donde terá vindo, que motivo terá determinado a tal ideia do grupinho? Do nada não é possível tirar alguma coisa! Para uma explicação devemos reportar-nos há dois anos atrás, quando do surgimento do C. A. M. Eramos um rápido retrocesso para podermos chegar a uma conclusão.

O C. A. M. ao nascer, ao tentar se erguer e acompanhar este movimento de renovação artística que se está processando no Brasil, numa terra onde antes nada ou quase nada se havia feito, foi atacado por quase todos. Indistintamente, E os poucos que o acolheram eram assim como uma curiosidade, coisa de rapazes bobos e meio doidos que tentavam se divertir. (Não que hoje a opinião já tenha mudado inteiramente). E mais raras, quase contadas a dedo os que nos ajudaram. Julgava-se tudo do nosso que nós.

Conclua na 3a. página

o que é estilo e boa. Evidentemente neste momento de campanha se queria tudo. Não há tempo de verificar, mas o tempo fará a seleção, o que não podemos de maneira nenhuma, e desprezar o que se está fazendo.

Literatura, música, pintura, teatro e em outros problemas que nos preocupam e que interessam a Renato Almeida saber a nossa opinião, forma discutidos, misturados de uma maneira que se mostram... abrutados (como nos chamam) Pseudo-artistas, capazes de fazer.

Não é possível que Picasso calem brincar. Em tudo isto, há um preconceito, e beleza. A arte procura evoluir e não, a beleza.

No quadro de Portinari, a mulher chorando com barbas brancas. É um modo de expressão; os bigodes são o centro do quadro. Outro quadro, a famosa bicicleta mostra que o conceito de Alberto está fora do tempo, e eterno.

A reação contra Portinari (que foi condenado pela maioria anti-modernista para desviar a Biblioteca do Congresso em Washington) e Vitor Los (uma das maiores composições contemporâneas - cujo nome é citado em todos os compêndios de música) não é maior, porque a avaliação não é de fora!

A que atribua roças, não ter aparecido no Brasil um número de autores de dentro a altura dos músicos!

Em Renato Almeida que persistiu a Presença a motivo de não ter atingido a altura do Brasil.

## Renato Almeida e os Novos de Santa Catarina

Fig. 23 - Mund Júnior, Hugo. Desenho. *Ternura*. 1949. Fonte: O Estado, 20 de outubro de 1949. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina. Em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=884120&pasta=ano%20194&pesq=30%20outubro%201949%20hugo%20mund>>

## ANEXO 1 - FORMAS PRIMÁRIAS 1949-1957

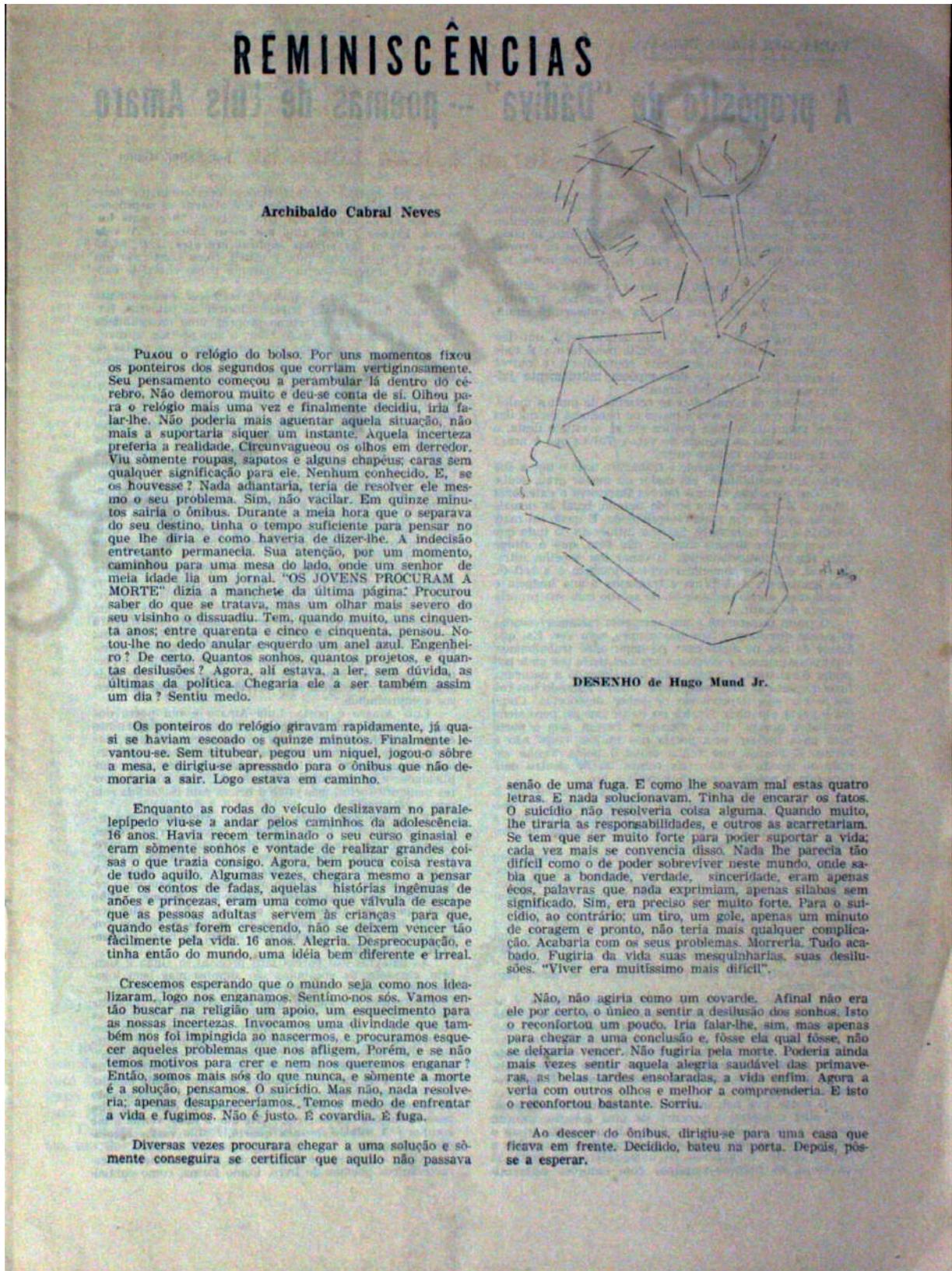


Fig. 24 - Mund Júnior, Hugo. Desenho. S/T. Com texto de Archibaldo Cabral Neves gerente da edição conforme expediente. Revista Sul, ano 3, nº 12, out., 1950. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina. Em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27600>>

**ANEXO 1 - FORMAS PRIMÁRIAS 1949-1957**

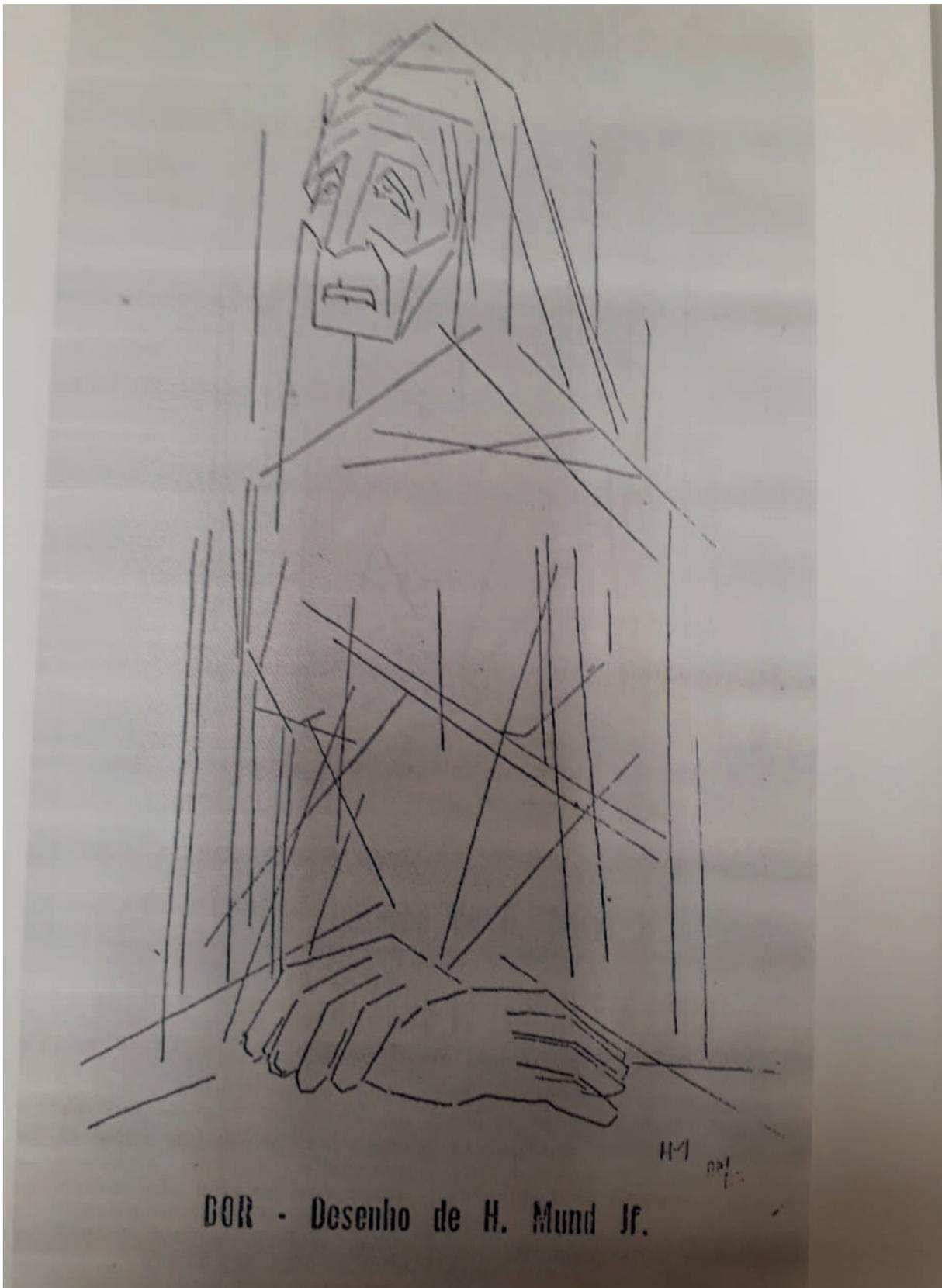


Fig. 25 - Reprodução de desenho. *Dor*: 1954. Tipografia de Revista Sul, no entanto, não encontramos a imagem em todos os exemplares do site. Fonte: Acervo Documental MASC pasta de Hugo Mund Júnior.

ANEXO 1 - FORMAS PRIMÁRIAS 1949-1957



Fig. 26 - Mund Júnior, Hugo. Desenho .S/T. Revista Sul, ano 3, nº14, ago. e set., 1951. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina. Em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27587>>

**ANEXO 1 - FORMAS PRIMÁRIAS 1949-1957**

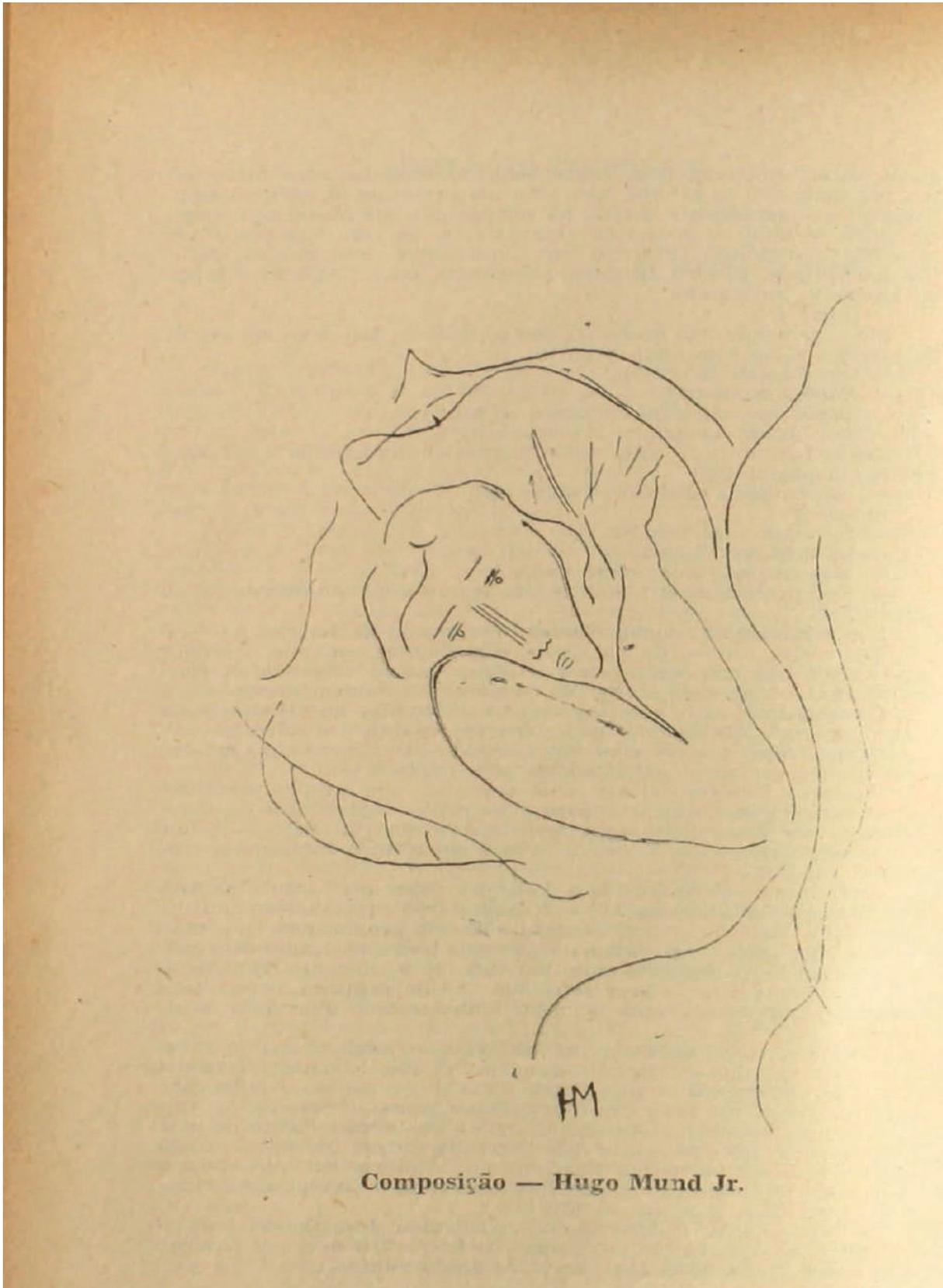


Fig. 27 - Mund Júnior, Hugo. Desenho. S/T. Revista Sul, ano 5, nº16, jun., 1952. Localizado na pág. 12 do PDF, encontra-se após conto de Silveira de Sousa. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina. Em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27603>>

ANEXO 1 - FORMAS PRIMÁRIAS 1949-1957

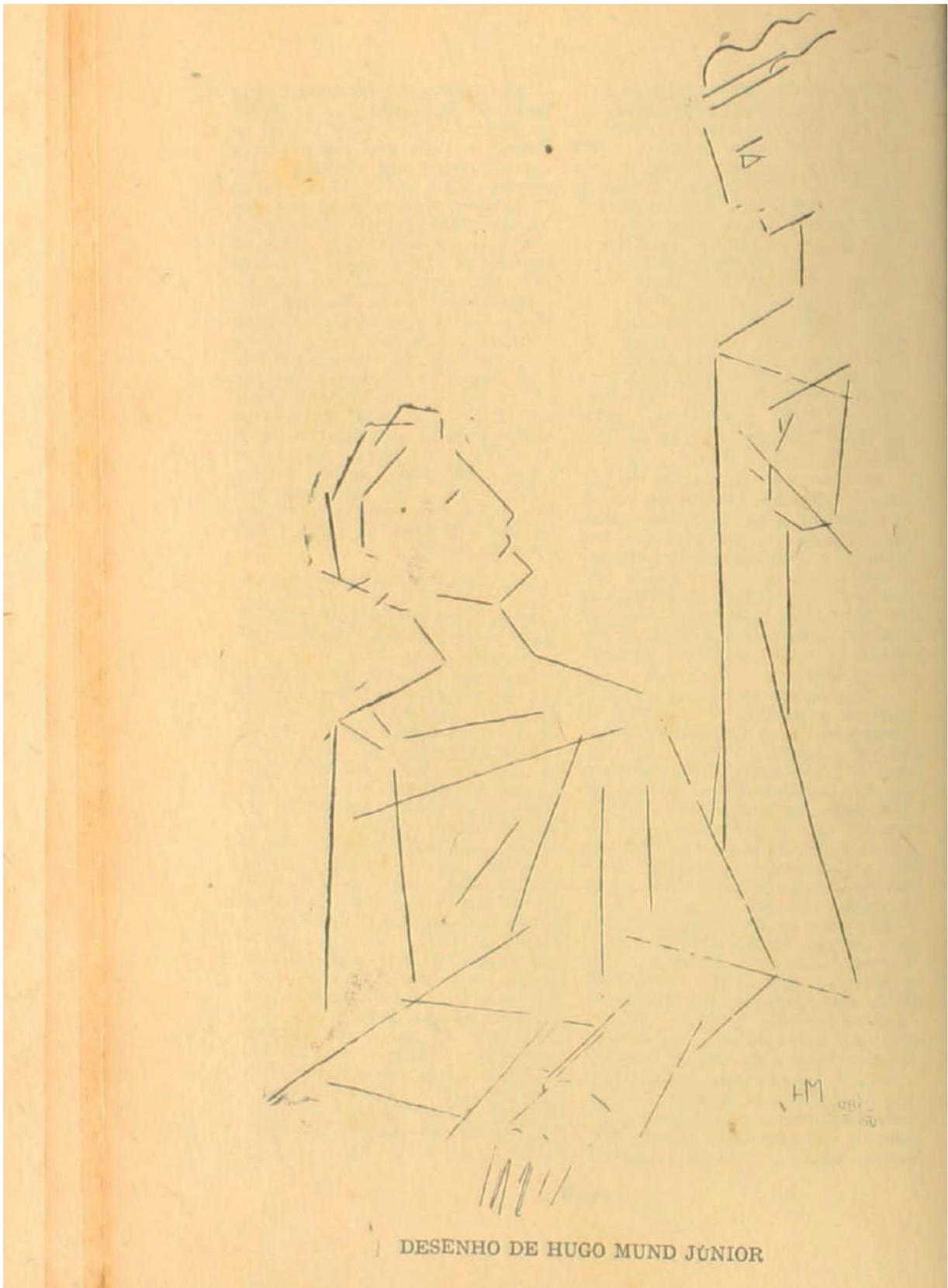


Fig. 28 - Mund Júnior, Hugo. Desenho. S/T. Revista Sul, ano 3, nº13, abr., 1951. Esta edição possui imagem de Oswaldo Goeldi. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina. Em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27603>>

ANEXO 1 - FORMAS PRIMÁRIAS 1949-1957

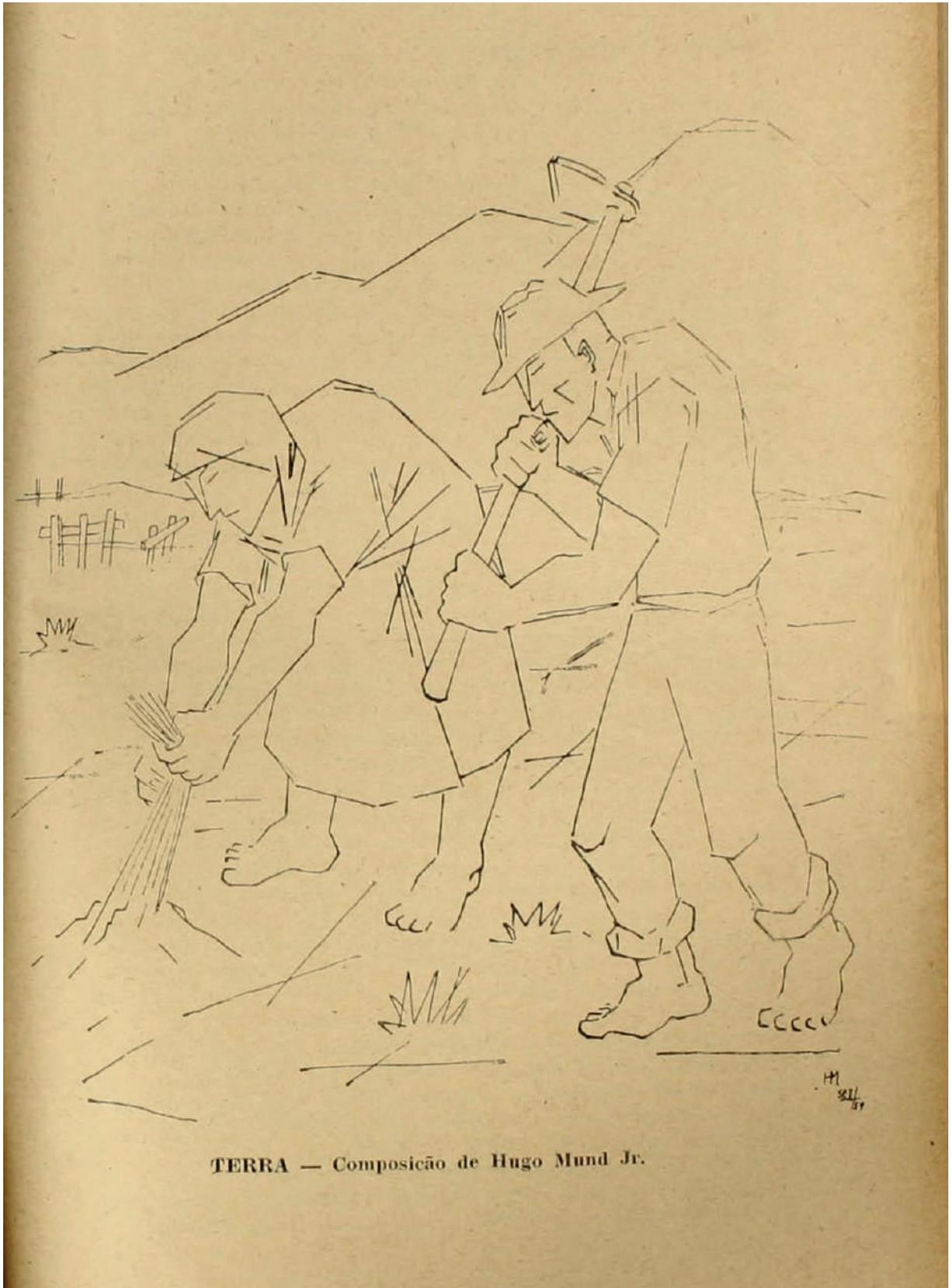
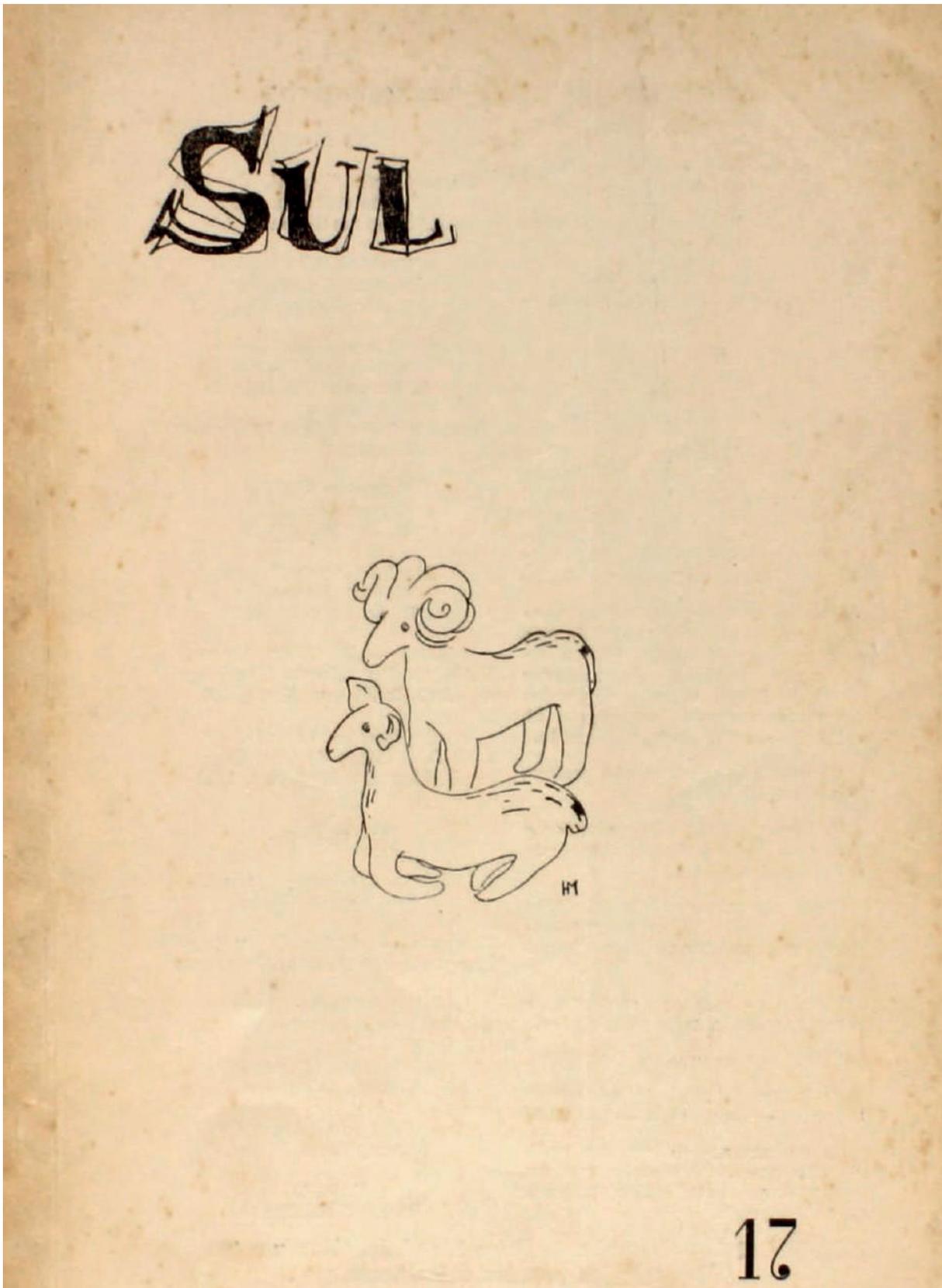


Fig. 29 - Mund Júnior, Hugo. Desenho. *Terra*. Revista Sul, ano 5, nº15, mar., 1952. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina e Acervo Documental do MASC. Em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27602>>

ANEXO 1 - FORMAS PRIMÁRIAS 1949-1957



Figs. 30 e 31 - Mund Júnior, Hugo. Desenho S/T na capa e expediente da Revista Sul, ano 5, nº17, out., 1952. A esquerda: *sobre um tema de cerâmica popular catarinense*. Membro da equipe de redatoria. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina. Em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27604>>

## ANEXO 1 - FORMAS PRIMÁRIAS 1949-1957

### EXPEDIENTE

#### SUL

Revista do Círculo de Arte  
Moderna

Ano V — Florianópolis, Outubro  
— 1952 — N.º 17

CAIXA POSTAL, 384  
Florianópolis — Santa Catarina —  
Brasil

#### Diretor:

Dr. Aníbal Nunes Pires

#### Secretário:

Walmor Cardoso da Silva

#### Redatores:

Doralécio Soares, Eglê Malheiros,  
Élio Balstaedt, Fúlvio L. Vieira,  
Hugo Mund Jr., J. P. Silveira de  
Sousa, Luís Santos, Marcos de Fa-  
rias, Odílio Malheiros Jr., Ody  
Fraga, Pedro T. Taulois, Salim  
Miguel.

Sul acolherá em suas páginas,  
com a maior simpatia, toda a co-  
laboração enviada, de qualquer  
parte do Brasil, especialmente dos  
jovens, se reservando porém o di-  
reito de escolha para publicação.

Os originais, mesmo não aceitos,  
ficam na Redação.

Todos os artigos são assinados e  
decorrem, as responsabilidades, de  
seus autores.

Todo e qualquer livro dirigido  
a esta revista, independentemen-  
te de crítica assinada, será regis-  
trado.

Desejamos manter contacto e  
permuta com outras publicações.

Preço por exemplar: Cr\$ 5,00

Assinatura Anual (4 números)  
Cr\$ 20,00 — Registrado — Cr\$ 22,00

As assinaturas podem ser pedi-  
das diretamente à direção, por va-  
le postal ou carta registrada com  
valor declarado.

NCSSA CAPA — Desenho de Hugo Mund Jr. sobre um tema  
de cerâmica popular catarinense.

### REPRESENTANTES:

#### No Brasil

Pôrto-Alegre (Rio G. do Sul)  
Antônio da Silva Filho  
R. Joaquim Nabuco, 126

Curitiba (Paraná)  
Rogério Chatagnier  
R. Dr. Keller, 384

São Paulo (São Paulo)  
Ruy Brand Corrêa  
R. Baroneza de Itú, 336

Distrito Federal (Rio de Janeiro)  
Dr. Hamilton V. Ferreira

Salvador (Bahia)  
Vasconcelos Maia  
R. Democratas, 9

Recife (Pernambuco)  
Walmir Maranhão  
R. do Peixoto, 368

Natal — R. G. do Norte  
Aluizio Furtado de Mendonça  
Av. Rodrigues Alves, 696

Teresina (Piauí)  
O. G. Rêgo de Carvalho  
R. Lisandro Nogueira, 1223

#### No Exterior

Faro — Algarve (Portugal)  
Dr. Manuel Pinto

Nampula — África O. Português  
Augusto dos Santos Abranches

Ilha das Flores (Acores)  
Pedro da Silveira

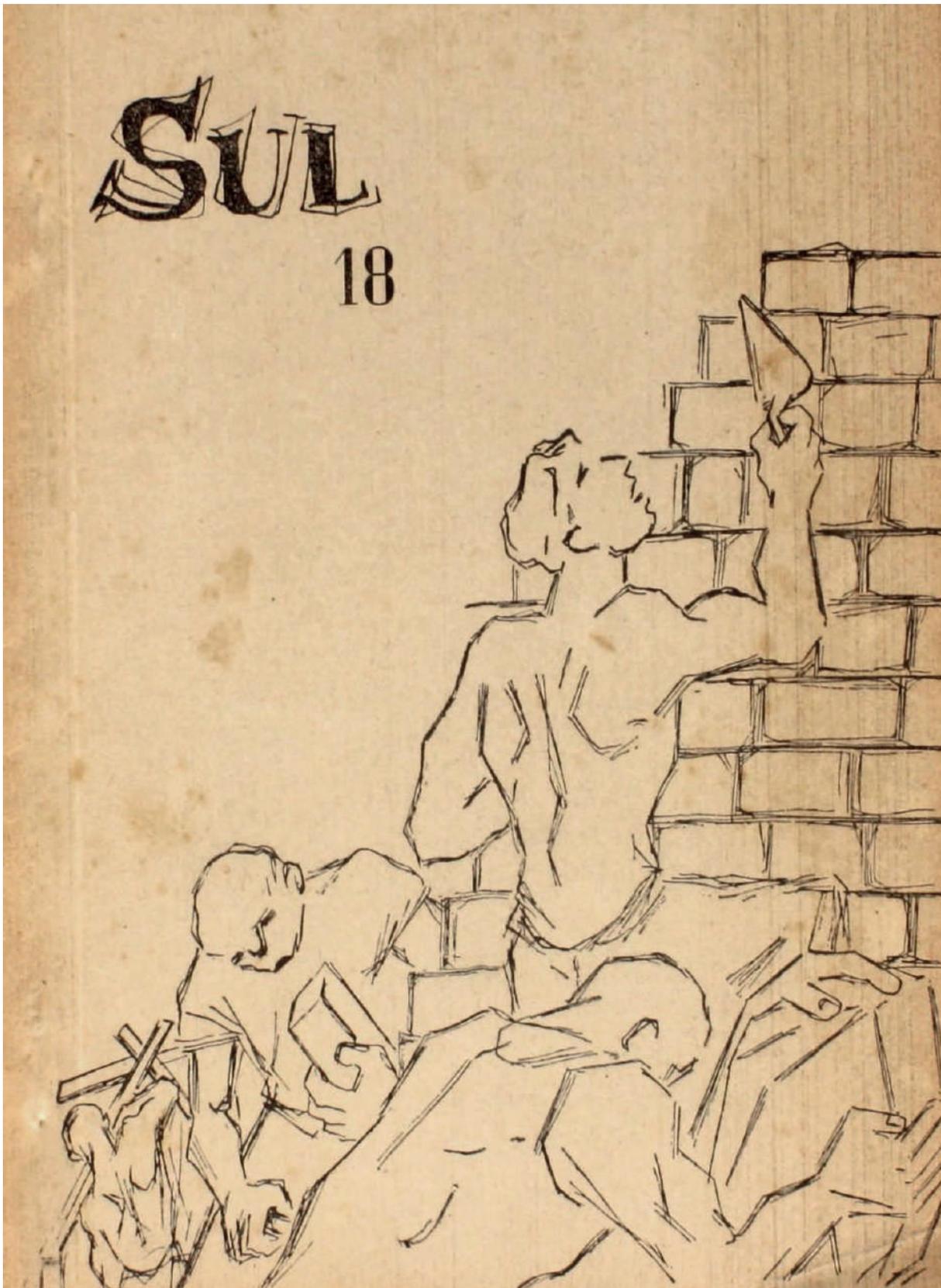
Montevideo (Uruguay)  
Matilde D'Espaux

Buenos Ayres (Argentina)  
Blanca Terra Vieira

#### U. S. A.

Richard M. Morse

ANEXO 1 - FORMAS PRIMÁRIAS 1949-1957



Figs. 32 e 33 - Mund Júnior, Hugo. Desenho. *A construção* e expediente da Revista Sul, ano 5, nº 18, dez., 1952. Há desenho de Oswaldo Goeldi nesta edição. Membro da equipe de redatores até edição nº26. A partir da nº27 passa a ser nomeado como ilustrador. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina. Em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27610>>

## EXPEDIENTE

**SUL**  
Revista do Círculo de Arte  
Moderna

Ano V — Florianópolis, Dezembro  
— 1952 — N.º 18

**CAIXA POSTAL, 384**  
Florianópolis — Santa Catarina —  
Brasil

Diretor:  
Dr. Anibal Nunes Pires  
Secretário:  
Walmor Cardoso da Silva

Redatores:  
Doralécio Soares, Eglê Malheiros,  
Élio Balstaedt, Fúlvio L. Vieira,  
Humberto Paz, Hugo Mund Jr.,  
J. P. Silveira de Sousa, Luis Santos,  
Marcos de Farias, Odílio Malheiros Jr.,  
Ódy Fraga, Osvaldo F. Melo (filho),  
Pedro T. Taulois, Salim Miguel.

Sul acolherá em suas páginas,  
com a maior simpatia, toda a co-  
laboração enviada, de qualquer  
parte do Brasil, especialmente dos  
jovens, se reservando porém o di-  
reito de escolha para publicação.

Os originais, mesmo não aceitos,  
ficam na Redação.

Todos os artigos são assinados e  
decorrem, as responsabilidades, de  
seus autores.

Todo e qualquer livro dirigido  
a esta revista, independentemen-  
te de crítica assinada, será regis-  
trado.

Desejamos manter contacto e  
permuta com outras publicações.

Preço por exemplar: Cr\$ 5,00

Assinatura Anual (4 números)  
Cr\$ 20,00 — Registrado — Cr\$ 22,00

As assinaturas podem ser pedi-  
das diretamente à direção, por va-  
le postal ou carta registrada com  
valor declarado.

**NOSSA CAPA — “A Construção” — Composição de Hugo  
Mund Jr.**

## REPRESENTANTES:

No Brasil

**Pôrto-Alegre** (Rio G. do Sul)  
Antônio da Silva Filho  
R. Joaquim Nabuco, 126

**Curitiba** (Paraná)  
Rogério Chatagnier  
R. Dr. Keller, 384

**São Paulo** (São Paulo)  
Ruy Brand Corrêa  
R. Baroneza de Itú, 336

**Distrito Federal** (Rio de Janeiro)  
Dr. Hamilton V. Ferreira

**Salvador** (Bahia)  
Vasconcelos Maia  
R. Democratas, 9

**Recife** (Pernambuco)  
Walmir Maranhão  
R. do Peixoto, 368

**João Pessoa** (Paraíba)  
Geraldo Sobral de Lima  
Rua Duque de Caxias, 413

**Natal** — R. G. do Norte  
Aluizio Furtado de Mendonça  
Av. Rodrigues Alves, 696

**Teresina** (Piauí)  
O. G. Rêgo de Carvalho  
R. Lisandro Nogueira, 1223

No Exterior

**Lisbão** — Portugal  
Octávio Rodrigues de Campos  
Rua Edison, 5 — 2.º E.

**Faro** — Algarve (Portugal)  
Dr. Manuel Pinto

**Nampula** — África O. Portuguesa  
Augusto dos Santos Abranches

**Montevideo** (Uruguay)  
Matilde D'Espaux

**Buenos Ayres** (Argentina)  
Blanca Terra Vieira

**U. S. A.**  
Richard M. Morse

ANEXO 1 - FORMAS PRIMÁRIAS 1949-1957

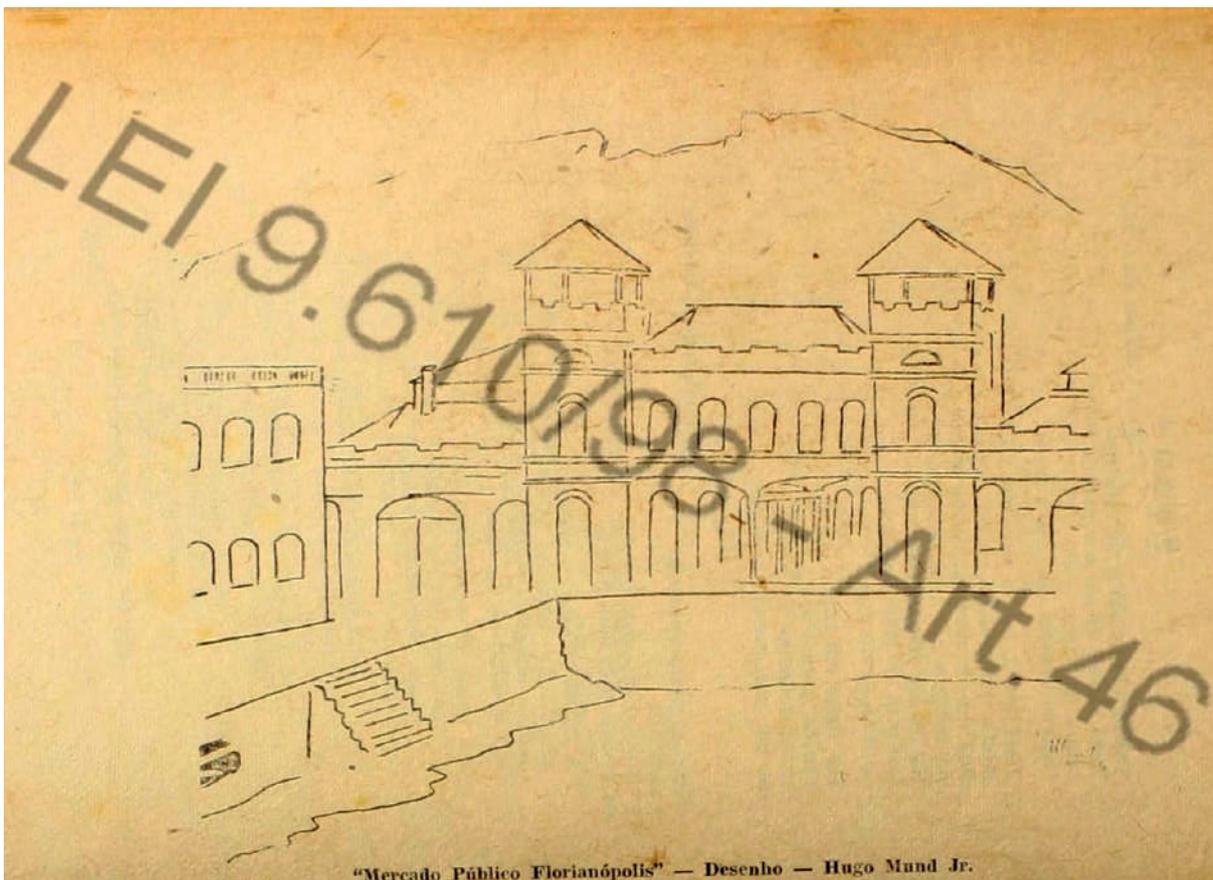


Fig. 34 - Mund Júnior, Hugo. Desenho. *Mercado Público Florianópolis* em Revista Sul, ano 3, nº14, ago. e set., 1951. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina. Em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27587>>

ANEXO 1 - FORMAS PRIMÁRIAS 1949-1957

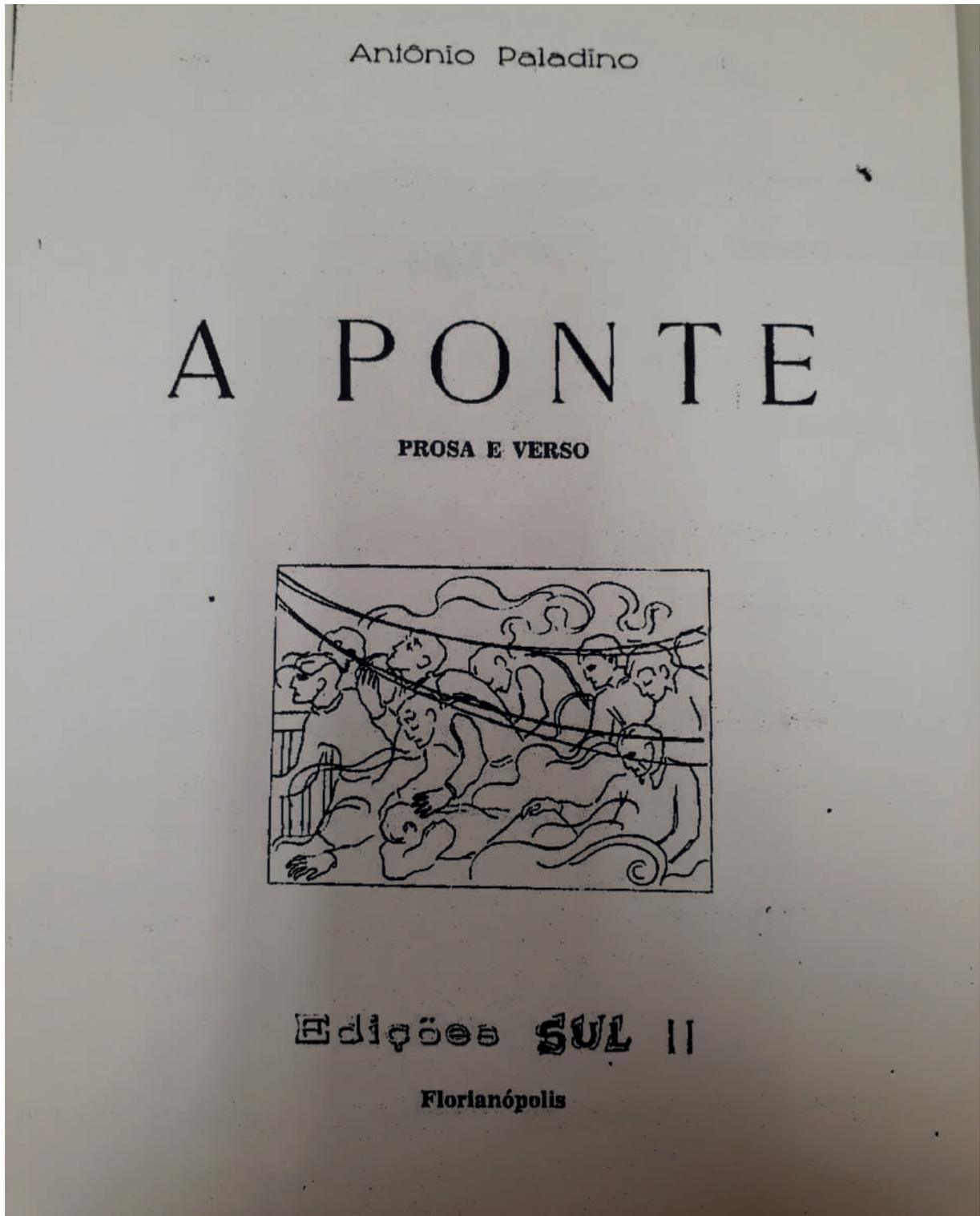


Fig. 35 - Mund Júnior, Hugo. Desenho para livro *A ponte* de Antônio Paladino. Edições Sul nº11. 1951. Fonte: Acervo documental do MASC pasta Hugo Mund.

ANEXO 1 - FORMAS PRIMÁRIAS 1949-1957

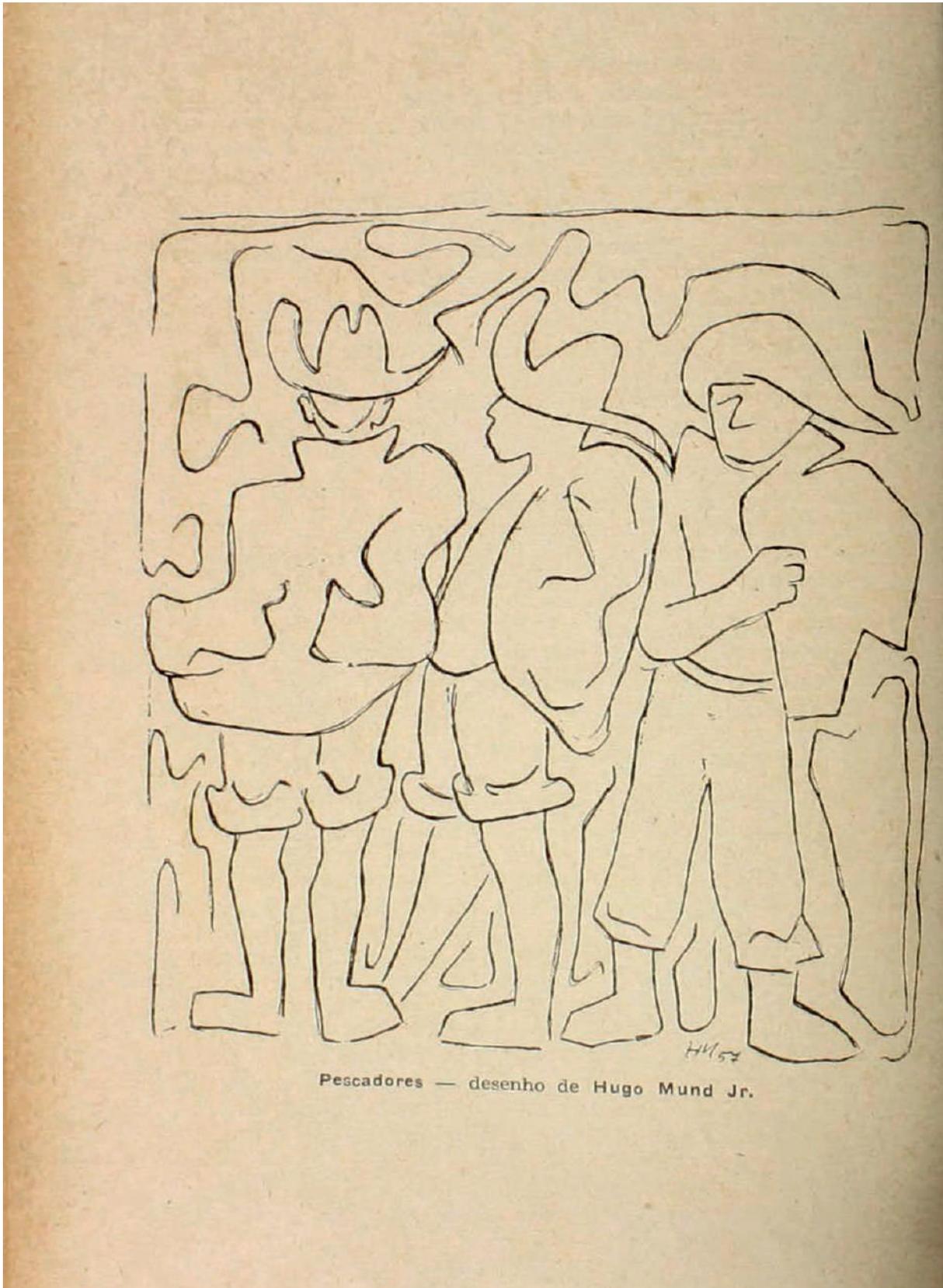


Fig. 36 - Mund Júnior, Hugo. Desenho. *Pescadores*. Revista Sul, ano 10, nº30, dez., 1957. Última edição da revista. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina. Em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27617>>

ANEXO 1 - FORMAS PRIMÁRIAS 1949-1957



Fig. 37 - Mund Júnior, Hugo. Desenho. S/T. Revista Sul, ano 7, nº23, dez., 1954. Nesta edição há desenho de Oswaldo Goeldi, Danúbio Gonçalves e Glauco Rodrigues. Membro da equipe de redação. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina. Em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27610>>

ANEXO 1 - FORMAS PRIMÁRIAS 1949-1957



Fig. 38 - Mund Júnior, Hugo. Linoleogravura. S/T. Revista Sul, ano 7, nº23, dez., 1954. Membro da equipe de redação. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina. Em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27610>  
Legendas - fonte imagemfigsfigs



## ANEXO 2 - PEÇA O LOUCO

Figs. 39 a 41 - Mund Júnior, Hugo. *O louco*. Revista Sul, ano 2, nº10, dez., 1949. Segundo entrevista a Joca Wolff, esta foi a primeira peça escrita e publicada por Mund aos 15 anos. Fonte: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27598>>

# O LOUCO

Hugo Mund Jr.

## 1 ATO

Personagens:

Assassino

Estranho

Cenário

Sala comum, desarrumada. Uma mesa nua e duas poltronas estão em primeiro plano. A única iluminação provém de uma lampada, que só ilumina uma das poltronas e a parte esquerda do palco. A outra poltrona está à direita na obscuridade.

Cena única

Assassino, parecendo meditar profundamente, sentado na poltrona iluminada. Estranho na obscura, só se distinguindo sua silhueta.

Assassino:

— Aqui estou. Acabei de cometer um crime e me sinto tão bem, tão calmo... devia estar nervoso... aterrorizado. Oh! Com é bom matar, sentir o sangue quente, fugidio e pegajoso nas mãos... retirar lentamente o punhal da ferida ver o sangue fluir, palpitando como uma fonte virgem. Nunca pensei que o assassinio fosse tão delicioso. De todos os prazeres que procuro incansavelmente, o assassinio foi o que mais me empolgou. Que agradável é brincar com a justiça, sentir-se cupado, agir às ocultas... sinistramente — (Pausa) — E a consciência até agora não me reprovou. Que me acontecerá depois? Terei remorsos? Arrependimento?

Estranho:

— O futuro o dirá. Vocês criminosos seguem todos o mesmo caminho. Após o crime, não se sentem culpados, não têm consciência nem sentimentos... Isto é devido ao superexcitamento dos nervos, da mente. No cérebro há uma confusão de idéias fúteis, que não condizem com a atualidade. Mais tarde, porém...

Assassino — (Interrompendo-o)

— A consciência é a assassina do homem. Quase todos os homens estão submetidos a ela. Quanto mais inteligente, quanto mais educação receber o homem, tanto maior é a força da consciência. A inteligência é a única faculdade capaz de compreender o abstrato e sendo a consciência uma coisa abstrata, só a inteligência a pode compreender. O homem sem consciência é um ignorante ou um anormal. Mas tu não estás nesse caso, tens educação, tens consciência... Ela não tardará a se manifestar.

Assassino

— Mas que coisa mais ridícula. Se tivesse consciência! há muito tempo devia ter aparecido. Imaginem eu, eu ter consciência! Lorotas...

Estranho

— Não se perde na tua em esgarar. Quando ela surgiu implacável, desbravada, toris que escolher entre o suicídio e a prisão.

Assassino

— Suicídio? — (Olha uma gargalhada) — Nunca pensei nisso, acho uma atitude muito tola, sem nexo algum. Quanto à prisão, por que ficar desolado, fiz a coisa muito bem... segue, muito sagaz e mais nada. Procurei de uma hora em que ele estivesse só, completamente só. Não deixei pistas, não

tenho a menor ligação com o morto. Ah! Duvido que eles me agarrem.

Estranho:

— E qual é o maior verdugo, senão a consciência? Melhor morrer, melhor apodrecer numa prisão do que enfrentar a consciência.

Assassino (Levantando-se e dando alguns passos pela sala):

— Já estive pensando em tudo isto, como já disse; na verdade, pensei minuciosamente em todos os ângulos, em todas as reações deste assassinato. Se a consciência me atormentar como dizes — coisa que não admito — enfrento-a ou entrego-me.

Estranho:

— Formidável! Sabes qual é o maior herói deste mundo? É aquele que enfrenta, sem temor algum, a consciência. Ele é que é o herói verdadeiro, que deve receber todas as honras, todos os louvores. No entanto vive só, gozando a vitória que tanto lhe custou. Bem dizem que os verdadeiros heróis são aqueles que não o mostram.

Assassino

— Tens razão. Mas este nunca a vence, foge derrotado ou vai parar num manicômio. Triste fim de um herói, não?

Estranho:

— És muito objetivo, meu amigo. O primeiro caso é verdadeiro, o segundo não. A consciência pode vencer o homem, este porém, não a pode vencer. O que luta contra a consciência e enlouquece é um caso especial. Nem a consciência, nem o autodomínio vence, simplesmente abandonam o homem que se transforma nesta besta desprezível: o louco. O demente é um ser feliz, não ambiciona nada... Contenta-se com uma cama, um prato de comida e com a solidão. Óxala todos os homens fossem loucos, tivessem este ideal belo, nobre. Quando os homens compreenderem isso, não haverá mais ambição, intriga, e desprezo... Todo o mundo devia ser louco, louco.

Assassino :

— Isto me repugna. Não estou disposto a enlouquecer; matei... que posso fazer agora? Se me entregar à polícia, se me suicidar, o homem que matei ressuscitará, reviverá? Quis provar esse gosto, esse prazer condenado pela sociedade... E como gostei.

Estranho :

— Estás completamente enganado. Devias pensar mais profundamente no caso. Cometestes um crime, uma ação abominável, condenada pela sociedade; se tiveste a ousadia de matar, por que não tens a de te entregar? Mas tu não és tão parvo assim, não vais te render. Teu caminho é outro, um caminho de glórias: o suicídio.

Assassino — (Nervoso, acendendo um cigarro):

Oh! Já te disse que não me entrego. Pare de dizer asneiras, vá embora e me deixe em paz. Deixe-me viver a vida que eu bem entender. Vá.

Estranho :

Nunca te deixarei. Nunca... Até a morte do corpo ou do espírito. Até lá sempre me verás do

Continúa na página 7

# A ESCRAVIDÃO

Matilde D'Espaux

Quem estava oculto no mar  
Chegou por longos caminhos  
Uma rosa apertada sobre o peito  
com uma estrêla por guia,  
vinha trazendo, da morte os suspiros.

Na manhã sem luz esperei,  
o vôo das andorinhas  
aos ninhos dos telhados.  
Só cheguei quem do mar  
vinha sonhando, do amor a escravidão.

Dofda senti que já para o mundo  
não tinha olhos.  
Senti a dor da pomba ferida  
Senti o chirriante ódio  
de quem perde a liberdade.

A rosa sangrou-lhe no peito...  
e eu bebi dessa torrente inimiga...  
que tinha o gosto da terra sêca...  
e do amor a côr avermelhada.

Veio do mar trazendo-me a noite,  
as espinhas nuas do silêncio  
e as lágrimas de todos os adeuses.

Tenho a esperança sobre um horizonte,  
as mãos cheias das espumas do mar,  
areia no rosto, vento nos cabelos  
e os choros das gaivotas apertados na garganta.

Longe está o branco navio  
e a canção marinheira.  
Chegou e partiu. Veio do mar  
vai para o mar.  
Uma ferida mais nas águas!  
Uma lágrima mais rolando  
nas pedras!

Montevideo — Uruguay

## POEMA

Luiz Francisco Rebêlo

*Trouxe-te a noite ou o vento para o meu lado  
Os teus braços venceram todas as distâncias  
E as minhas mãos próximas afaçam os teus cabe-  
los longínquos*

*Perto ou longe meu amor são palavras sem sentido  
Tu flutuas no ar que eu respiro e ò teu corpo  
Roga-se no meu transformado em sol em brisa em  
vento*

*A tua voz rasgou o espaço para vir ter comigo  
E no silêncio desta noite que sabe a rosas desfolha-  
das  
Apesar da distância os nossos corpos se encontram  
e se amam*

(agosto 1947)

Portugal.

# Mensagem á amada.

Sérgio Vellozo

Não quero falar-te agora.  
Minhas palavras teriam um ritmo incompreensível  
E repeliarias todas as emoções que eu te quizesse  
transmitir  
O desespero e a dor que elas levariam consigo  
Não encontrariam repercussão em tua alma alegre  
e sã.

Deixa que o Tempo  
E o próprio Destino  
Te ta'hem na face  
Os traços do sofrimento e da desilusão  
E te envolvam nesta mesma atmosfera de amargura.

Então,  
No isolamento dos nossos próprios séres,  
Uniremos nossas mãos cavadas...

Rio.



## O LOUCO

Continuação da página 10

teu lado. Suicida-te... Estás à procura de sensações  
novas, para que melhor do que o suicídio?

**Assassino** — (Tragando, ávido, a fumaça)

Não me suicida, isto é que não... Jamais —  
(Pausa) — Quem és tu afinal? Que queres?

**Estranho :**

— Eu sou a justiça do espírito. Procuro mino-  
rar teus sofrimentos. Enforca-te, afoga-te, envene-  
na-te... Oh! Quanta poesia, encanto, sedução possui  
o suicídio.

**Assassino** — (Jogando fóra o teco do cigarro):

— Enganas-te miserável. Tentas-me, és irresis-  
tível, mas eu não me renderei. Sou livre... livre.  
No entanto admitamos que eu me suicide... Que  
pensas dele?

**Estranho :**

— Oh! O suicídio... como é belo, original, in-  
discutível. O homens torpes, insensatos... pu-  
desseis vós medir vossas palavras condenando o  
suicídio, pudesseis vós compreender o suicida. —  
(Elevando a voz) — É num momento de desespero,  
de angústia, é numa fração de segundo em que o  
suicida não é homem, nem espírito e não é louco-  
nem são. Quanto não daria para saber os pensa-  
mentos d'ele entre a vida e a morte. Que força pu-  
jante impelle o homem para o abismo do incompre-  
ensível? Que força é esta que destrói todas as  
outras? — (Pausa) — Quem é aquele que tem as en-  
tranhas dilaceradas? Quem é aquele que tem as

Conclui na página 27

Conclusão da página 7

mais fantásticas ideias debatendo-se no cérebro alucinado?

O suicida é um indivíduo anormal... extraordinário. E tu és um destes, também o criminoso é um anormal. Com o crime distingue-se dos outros, da monotonia da vida, do vulgar.

**Assassino** — (Sobressaltado):

—Estarei ficando louco? Isto é real? Por favor, responde-me... Estou louco?

**Estranho** :

—Mas que absurdo, tranquilisa-te... Também já estás a dizer asneiras.

**Assassino**:

—Sim... sim, foi uma bruta asneira eu pensar em loucura — (Ri) — Imagina eu, em meu perfeito juízo, falando e pensando como todos os dias, enlouquecer de repente?! Ainda à pouco acendi e fumei um cigarro calmamente... — (Com um gesto de aborrecimento) — Como isto tudo me enfada.

**Estranho** :

—Logo mais, não terás mais que te preocupar com estas banalidades. O suicídio acalma tudo, tudo morre com o suicídio, até o próprio suicídio.

**Assassino**:

Sempre o suicídio, suicídio...

**Estranho** :

—Pretendes contar tudo à polícia, fazer uma confissão completa? Terei o imenso prazer de te ver na decomposição lenta e exaustiva, no meio da imundície, da lama, da miséria. — (ri zombeteiramente) — Já provaste de tudo, passaste por todos os obstáculos da sensação e do prazer, mas duvidando que passes por este. Pobre idiota quero-te encontrar escarrando sangue, tísico, nojento. Vai, imundo, vai... entrega-te.

**Assassino** :

—Para! Para! Nunca me vencerás monstro ignóbil. Mato-te antes disto. — (Tira um punhal do peito) — Este é o punhal que acabei de enterrar no peito dum desgraçado. Este é o punhal que se tingiu de vermelho, que provou o sangue morno e virgem dum coração. Este é o punhal que te matará cão.

**Estranho** :

—Acalma-te homem... acalma-te.

**Assassino** — (Levantando-se e ameaçando o outro com o punhal)

—Mato-te! Há pouco disseste que o homem jamais poderá vencer a consciência. — (Solta uma gargalhada) — Veremos... Veremos se tu és a consciência. Estou com um desejo doido de matar, sentir o sangue latejando e fervendo nas mãos, no corpo. Quero-te cortar aos pedaços, chupar todo o teu sangue... embriagarme. Matarei minha consciência, vou livrar-me dela para sempre... até a morte. Até lá hei de matar, matar, matar... Tomarei banho de sangue fresco e puro, depois beberei. Vais morrer consciência, depois serei livre. Não terei mais remorsos, arrependimentos. Louco? Eu louco? — (Sorri) — Tólices. Esmagarei estes vermes que chamam de homens. O que é um homem? Uma massa de carne e osso, lotado de uma inteligência escravizada pela consciência, pelos preconceitos, pela sociedade. Eu é que sou o homem, tenho vontade livre, minha mente não é escrava, faço o que quero, mato... mato!

**Estranho** :

—Então? — (Levanta-se)

**Assassino** :

—O fim! — (Atira-se brandindo o punhal contra o outro)

## POEMA - MARITIMO

- Reynaldo Baitão -

Renasçam, que alguém se torne alegre,

que alguém se torne grande!

Renasçam!

Que todos os que foram mortos renasçam outra vez!

Que as luzes iluminem todo lugar escurecido!

que eu não seja mais eu,

que eu não tenha mais pátria,

que os mitos não se tornem mais fálicos ainda,

que as preces não se prendam mais às religiões.

É preciso que as mulheres não ouçam mais os ventos,

É preciso que as crianças possam chorar...

É preciso que se acabe com aquilo em que não se crê.

É preciso que se comece tudo outra vez.

É preciso que se acredite que o mundo se vai procrever.

Fuga, exorcismo e dor — perigo de lindas madrugadas —,

Já não é possível continuar!

Nós acordaremos, todas as tardes, embriagados.

Ficarei cansado e triste ao encontrar a noite.

Sentaremos sob as árvores e contarei estírias vermelhas.

Um homem passará e não nos deixará seu rastro.

Um silêncio cairá com o imitado crepúsculo.

Nada sentiremos quando alguém nos atirar olhares.

Seremos os últimos a sentir a inevitável queda.

Impassível e só, serei tão triste

como ninguém o foi jámais.

Morte a todos os homens

e que as crianças não apareçam.

Que todas as rosas

Sejam queimadas de vez.

Já não é possível

continuar pelo perdão

Jogaremos nosso ódio insaciável

sobre os que vêm sem olhos

d'agonia.

Cansados iremos sem nos deter,

iremos tristes e sós,

pela penumbra da ponte.

(Em jardins esmaecidos

uma vez já foi meu pai)

Iremos cansados e tontos

de tanto esquecer.

(Não ouço música,

mas eu grito,

berro e choro)

Há silêncio nos passos

que todos darão.

(Vou alquebrado,

crepuscular)

Todos os homens, porém, vão morrer...

(Vou satisfeito,

quero esquecer!)

Não é possível ser alegre quando o barulho é tamanho.

Não é possível que as flores reapareçam nas ruas.

Tudo que foi, antes de mim, não será outra vez como já foi.

As cidades, hoje inanimadas, se transformam ante o in-

[sofismável.

Recai, sobre cada um, a culpa que ninguém teve na história.

É triste o cair da tarde, navio que rasga o cinzento das

[horas.

É fraco o som que paira sobre os peixes aflitos e arrepen-

[didos.

É úmido o movimento das pessoas que não se conhecem

[por contacto.

Acabrunha sentir que o impalpável não se aproxima desta vez.

Ser abstrato, invisível, neófito, imprevisível, pária, otário.

Fugir, agora de todas as convenções não formalizadas.

Não olhar para o alto com as gargalhadas nefastas de um

[Deus sem razão.

### ANEXO 3 - CONTO

Figs. 42 a 46 - Mund Júnior, Hugo. *No bar e café “expresso”*. Revista Sul, ano 5, nº18, dez., 1952. Criou o desenho *A construção* para a capa e participou como redator. Fonte: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27605>>

VIII — No bar e café "Expresso" — Hugo Mund Jr.: Nome já bastante conhecido de nossos leitores, especialmente como ilustrador, Hugo Mund Jr. publica neste número um conto que será uma surpresa para muita gente. Sem jovem ainda, Hugo também começou, da mesma forma que J. P. pelo teatro e pelo jornal "OASIS", onde além de ilustrações publicava alguns artigos. O conto presente é sem dúvida uma dos melhores que já temos publicado na revista, possui muita precisão de linguagem, com uma história bem construída e que se ergue com estranha força diante do leitor. Lembrando às vészes Tchecov, o desenhista Hugo Mund Jr. uma das esperanças das artes plásticas das novas gerações catarinenses, agora assina um conto que deixa para trás muito trabalho de veterano. Esperemos outros trabalhos dele, no gênero, para ver se confirmarão suas possibilidades.

IX — A boneca — O. F. de Melo Filho: Tendo publicados dois interessantes trabalhos sobre folclore ("Boi de Mamão" e "Terno de Reis"), especialmente interessado em música, curioso de teatro, nem por isto deixa de tentar outras modalidades de arte. E a prova de que não se vai mal é o conto presente, onde consegue, apenas sugerindo, construir com um tema aparentemente banal e batido, um conto muito sugestivo e onde, depois da leitura, permanece o tipo da menina, bem como o clima que ele tão bem soube preparar. Escrevendo com esmero, não se descuidando, mas também não caindo no gramatiquismo, possuindo boa imaginação, muito ainda se pode esperar de O. F. e prova do que ficou dito é o conto que dele apresentamos.

X — Flores — Anibal Nunes Pires — Desde o primeiro número diretor da "SUL", Anibal foi e é o incentivador — embora sendo ainda jovem — de várias gerações de outros jovens, que guiados por ele se tem interessado pelas letras. Professor que procura compreender e ser um amigo dos alunos, Anibal está sempre pronto a esclarecer dificuldades e liquidar dúvidas. Antes da saída de "SUL" o único que possuía maior número de trabalhos publicados. Poeta, tem pronto para os "Cadernos SUL" um volume, "Terra Fraca", que deverá sair em meados de 1953. Além disto Anibal escreve crítica e mui especialmente contos, sendo que alguns de seus trabalhos no gênero têm sido bem recebidos pela crítica. Sua característica principal é o tom poético e um profundo sentimento de humanidade, impregnando tudo o que escreve. Colaborou na "Antologia de contos de escritores novos do Brasil" organizada pela "Revista Branca". O trabalho que dele apresentamos é bem característico e reflete bem a tendência que acentuamos.

XI — Reflexo de uma tragédia — Arnaldo Brandão: Catarinense de Itajaí, residindo há muito tempo no Rio, onde acaba de se formar pela Faculdade de Filosofia (Curso de Jornalismo), tem já tres (3) livros publicados, sendo 2 de poesia "Bas-Fond" (Versos Existencialistas) e "Poemas de Arbran", um deles premiado em recente congresso internacional de poesia. O terceiro livro "Um brasileiro nos Caminhos da Europa" é um livro de viagens que retrata a experiência do autor durante sua recente viagem por alguns dos países do velho mundo.

Brandão também se dedica, como o mesmo carinho, à ficção. Prova é o conto que nos mandou e que aqui damos aos leitores, nesta seção que visa primordialmente mostrar os novos autores do Estado. "Reflexo de uma tragédia" mostra bem o temperamento do autor e reflete suas tendências, dando, por outro lado, uma idéia ao leitor das possibilidades deste jovem que com este trabalho estréia nas páginas de nossa revista.

## NO BAR E CAFÉ "EXPRESSO"

Hugo Mund Jr.

O movimento no Bar é intenso, um nunca acabar de gente entrando e saindo, de corpos que se espremem no balcão, de empurrões, gritos e conversas. O cafêzinho é servido desde às sete horas da manhã até alta noite. E como essa gente toma café! Ninguém dá conta do serviço e as empregadas só param mesmo pra comer e fazer as necessidades.

As mãos das empregadas são vermelhas, os cabelos num instante ficam desfeitos, os pés latejam dentro das sandálias, desaparece o brilho dos olhos. Figuras apáticas andam dum lado para outro, lavando e enxaguando xícaras, trocando fichas e servindo cafêzinhos. A água ferve e desprende vapor que se fixa nos rostos abatidos e os tornam luzidos. O calor sufoca. E os homens invadem o balcão de mármore, ávidos e sequiosos, abrindo caminho com os cotovelos, falando aos gritos, homens górdos e prósperos, homens exigentes, homens arrogantes.

Na Caixa o gerente supervisiona o bom andamento de tudo. Observa, com olhar severo e frio, as empregadas quando nota qualquer falta entre elas seus lábios se movimentam, como se praguejasse, mas não se ouve nada. Usa óculos e tem um bigode de fios duros como arame.

Um importante funcionário, de cara chupada e ossuda, cuja carreira maravilha os colegas, irrepreensivelmente trajado, gestos expansivos e teatrais, ostenta uma vaidade e uma admiração por si próprio que não procura dissimular diante de um amigo menos favorecido que, extático e risonho, não se cansa de admirá-lo.

O funcionário fala com afetação e cada vez se engrandece mais, pois sabe ser admirado e invejado pelo outro.

— Cafêzinho pra dois — diz com uma espécie de desinteresse que encanta o amigo.

A conversa gira sobre política; a opinião do funcionário é insensata, opinião de cérebro estreito, mas o amigo, apesar de pensar o contrário, concorda vivamente com tudo. E até engrossa, com comentários, afirmações absurdas.

O café é servido, quente e cheiroso. O amigo sente ganas de abocanhar a xícara, mas por delicadeza espera que o funcionário apanhe a sua primeira; o funcionário, distraído pela verbosidade, só pensa em expor idéias e mais idéias. Fala de G..., político sujo e intranigente, arrasa F..., deputado, elogia M..., hipócrita e ladrão. Discute tal projeto e conta um caso de aparência obscura que pede para não passar adiante. Por fim vê-se que o café esfria. O amigo impacienta-se:

— Com licença... — e puxa a xícara mais próxima.

O funcionário finge-se perturbado:

— Oh! o café...

E logo perturba-se seriamente, gritando:

— E o leite? Ô garôta... esqueceram o leite!

A rapariga já está longe, servindo outros freguêses, e não percebe a reclamação. Naquêlê tumulto ninguém dá a mínima atenção aos seus gritos.

Um funcionário de seu tipo deve se revoltar diante disso. E, para causar bôa impressão, nunca é demais se alterar e tornar a voz sibilante:

— Faz favor, tragam-me leite! — e para o outro — É um desafôro, não perguntam como a gente quer o café... um desafôro!...

— O sr. toma com leite? — pergunta o amigo.

— Invariavelmente. Sôfro do fígado. — e para as empregadas — Como é? Vem ou não vem êsse leite?

A rapariga traz uma leiteira e dispõe-se a servir.

— Mas sirva em outra xícara, êsse café já está gelado!

A rapariga dá de ombros.

— Paga duas! — grita.

— Como "paga duas"? se nem tomei o café...

— É ordem da casa — esclarece a rapariga, aborrecida com os modos antipáticos do sujeito.

— Isso é um abuso! Que impertinência! Chame o gerente, quero falar com o gerente! — o importante funcionário mostra-se ofendido até o fundo da alma e fuzila a pobre empregada com um olhar indignado.

O gerente, que tudo ouviu, berra da Caixa:

— O freguês tem razão, vale um café.

E para si:

— Estas estúpidas! Sempre confundindo freguêses ricos com malandros...

O descontente funcionário sai para a rua com o amigo, criticando a falta de educação e servilismo das empregadas de hoje. O funcionário cheio de si e o amigo tôdo providencial e sorridente.

— 0 —

Não há um momento de folga... comerciantes, bancários, funcionários públicos, políticos, militares, indivíduos de profissão ignorada, indivíduos magros, gôrdos, de bigodes, carecas, míopes, narigudos, simpáticos, felos, alegres, sorumbáticos... tôdos sorvem o líquido negro, os beiços estalando de quentura e prazer.

— Cafêzinho prá mim!

Um rapaz escabelado se acotovela no balcão. Sujo de graxa, calça cáqui, irrequieto e brincalhão: motorista com certeza.

Maura coloca uma xícara na sua frente e despeja café.

— Ô beleza! Tá fervendo... — e reparando na empregada — Que é que há, querêda?

— Nada.

Maura não se sente bem esta tarde. Um mau estar... uma pal-pitação no peito... decerto o calor... Nos outros dias aceita impas-sível as gracinhas que os homens soltam — porque, além de toma-rem café e discutirem, os homens gostam de se dirigir às emprega-das com palavras amáveis que sugerem muitas vezes coisas inde-centes. E hoje, enquanto serve outros freguêses, ela ouve com nójo as palavras do motorista que procura se divertir.

— Ela não qué nada contigo! — exclama um camarada ao lado.

— Dêxa que de noite, num matinho, nós se entendêmo...

Diante do motorista fica a pia onde Maura tem que levar umas xícaras.

— Olhe cá, meu bem... — começa o rapaz aproveitando a ocasião.

— Não amola, sim? Eu não estou boa hoje...

— Mas que é isso, amor? Eu não estou boa hoje...

Cansada como está, Maura não tem mais domínio sobre si. Faz as coisas automaticamente e as palavras saem quase sem ser pen-sadas:

— Vá brincar cá sua mãe!

O motorista explode. Tudo nêle é exaltado, o modo de falar e o de ofender:

— O quê, sua filha da puta! Tu pensa que mãe anda em boca de vagabunda?

A agitação em redor pára. Olhares curiosos se fixam no rapaz e na empregada. O gerente ergue-se da cadeira. Lá do fundo vem um protesto:

— Toquem pra rua êsse senvergonha!

O motorista volta-se enfurecido para um vizinho:

— Acha que eu vou deixá essa cachorra falá dêsse jeito? Eu sou hôme bastante pra quebrá os corno de quem quizer! De fêmea e macho que tóca no nome da mãe!

Maura, esgotada, deixa-se ficar quieta; nada percebe claramente, pois uma névoa azulada cobre seus olhos. O que ela vê com perfeição diabólica é o motorista com seus modos grosseiros; a mão pega mà-quinaalmente uma xícara cheia de água fervendo e num segundo a cara do engraçadinho está ardendo como fogo.

O pessoal acode. Maura corre para a privada e tranca a porta. Carregam o motorista para fóra. O gerente, preocupado com as con-sequências do incidente, procura acalmar os ânimos, dá ordens, faz as empregadas voltarem ao trabalho, desculpa-se com uns conheci-dos... Não foi nada, não foi nada. Discute-se, uns aprovam a atitu-dê da moça, outros defendem o rapaz — mas logo esgotam-se as opi-niões e tudo volta à rotina. Chegam novos indivíduos apressados e os que saem vão para suas ocupações.

Só as empregadas que passam pela porta da privada ouvem os soluços penetrantes de Maura.

— 0 —

No meio da noite as portas do Bar são fechadas. As empregadas, com exceção de Maura, vão-se embora e tudo cai num silêncio apaziguante, interrompido pelo chiar da vassoura do preito que varre o chão. O gerente, incansável, caminha a passos largos, o olhar duro e glacial por trás dos óculos. E, enquanto caminha, vai falando aos arrancos:

— Bonito trabalho!... Além de insultar o freguês joga água na cara dele! Onde já se viu tamanha asneira? Só com vocês é que acontecem tais coisas... E depois, em vez de voltar para o serviço, se tranca na privada... Nunca vi tanta estupidez!

O gerente sabe ser brutal quando se trata de insultar uma criatura fraca e indefesa. O sorriso servil, as maneiras amáveis e humanas, reservam-se para os ricos e influentes.

— Está despedida! — a voz do gerente é resoluta.

Maura, com os olhos vermelhos e inchados, os ombros sacudidos pelos soluços, aperta as mãos de encontro à barriga. Não sabe o que fazer e tem tanta coisa para dizer! Tem que dizer, por exemplo, que sustenta a casa, a mãe doente e os irmãos; que é difícil encontrar emprego em outro lugar; que tem agora fome e está morta de cansaço, que a cabeça lateja e a fronte queima de febre. No entanto, ela move os lábios e, trêmula, murmura:

— Sim... está certo... quer dizer que não preciso mais voltar?...

— Não! Está despedida. Pode ir embora.

E vendo-a tão desamparada, tão submissa, pensa: "por que vou ter consideração com esta criatura miserável e inofensiva, esta cadela, que nunca mais hei de encontrar na vida? Eu conheço essas tipas! Depois de fazer a sujeira fingem-se de inocentes e humildes... Ah! Gosto de vê-las, assim, nos seus devidos lugares, implorando, arrastando a cara no chão, sem coragem de fitar o senhor... Verdadeiramente, isso já é alguma coisa. Posso chamá-la de tudo aqui dentro, posso espancá-la, posso mesmo... sou dono deste trapo!"

O gerente tenta avançar para ela, aí avista o preito que varre e se contém. Uma nova reflexão e ele desiste de seus propósitos, desabafando o ódio em mais uma injúria:

— Vá fazer sacanagem lá na rua!

Maura está com o conhecimento muito abalado. Quase não escuta a voz do gerente, tudo lhe parece distante, sumido. Compreende mais ou menos que já são horas de ir para casa... Foi despedida... Não é preciso voltar amanhã cedo... Nunca mais. Vai andando lentamente até a porta. Por que é que jogou água? Estúpida! O patrão lhe diz tantos nomes... o patrão, um homem instruído...

A porta se fecha atrás dela. A noite é fria e escura, mas mesmo assim acolhe os pobres diabos que têm fome e são humilhados,

**ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981**

## ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 47 - Mund Júnior, Hugo. Linoleogravura. Recanto de estância. Revista Sul, ano 8, nº24, maio, 1955. Nesta edição contém texto de Walmir Ayala. Imagem reproduzida em jornal desconhecido com a chamada Exposição do clube de gravuras do D.F. no acervo MASC. Fonte: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27611>>

#### ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

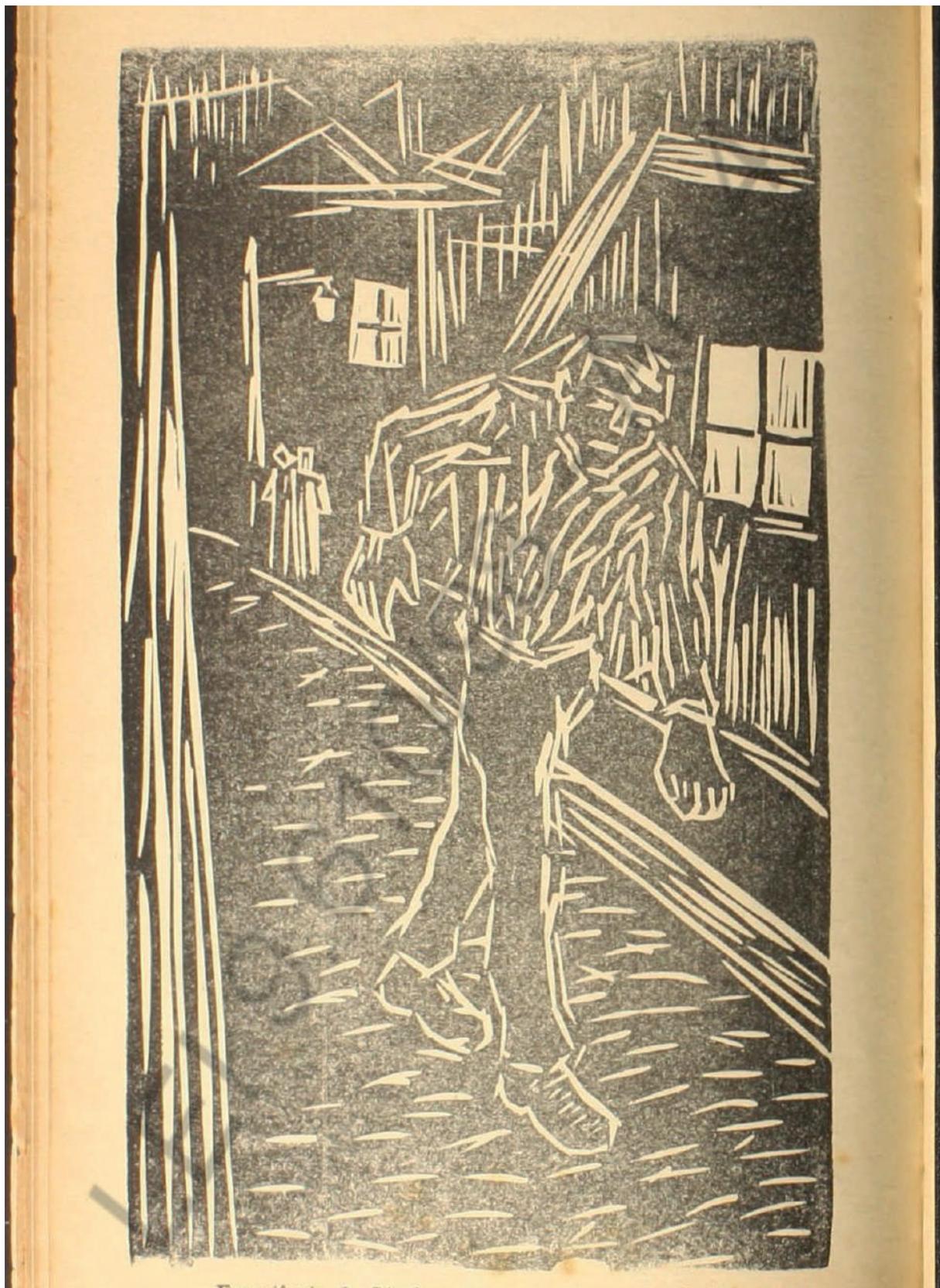


Fig. 48 - Mund Júnior, Hugo. Experiência de linoleogravura na Revista Sul, ano 5, nº17, out., 1952. Membro da equipe de redatoria. Imagem reproduzida no filme de Klock (2004). Fonte: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27604>>

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

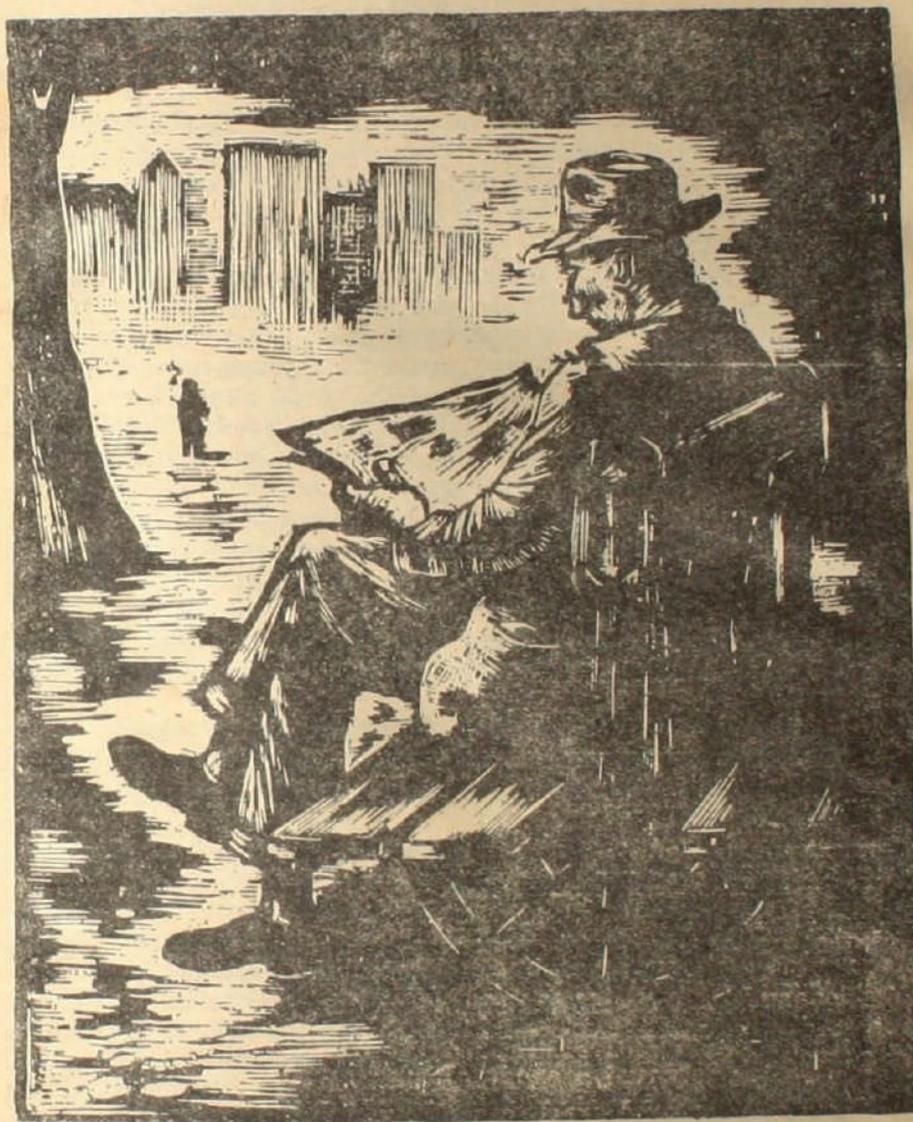


Figs. 49 e 50 - Mund Júnior, Hugo. Xilogravura. Descanso, 21 x 24 cm, 1955. Ass. c.i.d. 1/15. Tombo nº510 a esquerda. A direita exemplar 2/15, 23 x 26 cm, 1955. Ass. c.i.d. Fonte: Acervo MASC e Museu de Arte de Brasília (MAB) no Museu Nacional da República (MUN).

**ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981**



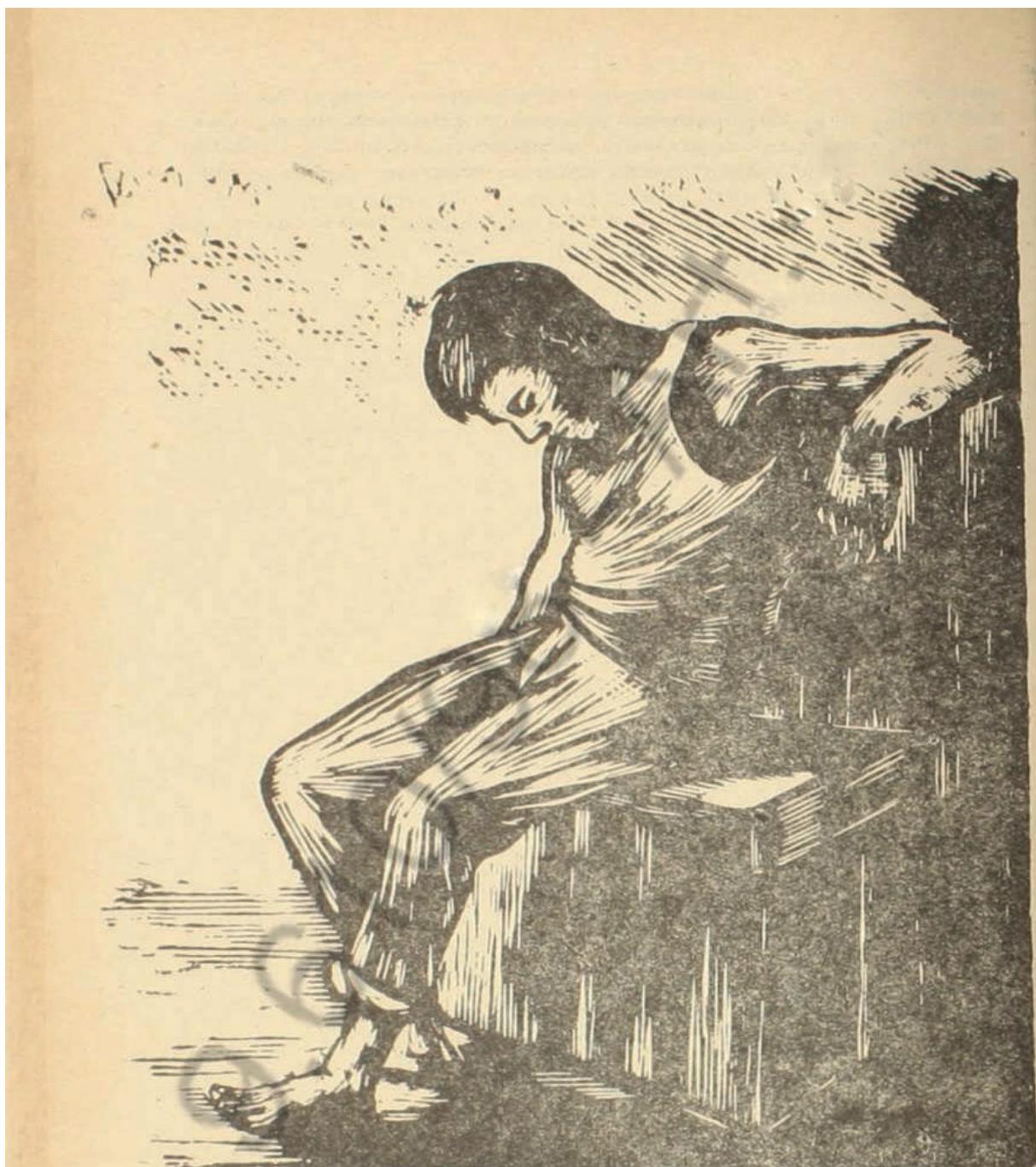
#### ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Xilogravura de H. Mund Jr. (do Clube de Gravura do Rio).

Fig. 51 - Mund Júnior, Hugo. Xilogravura. S/T. Revista Sul, ano 8, nº25, ago., 1955. Membro da equipe de redação. Menção ao Clube de Gravura do Rio fundado em 7 de setembro de 1952, conforme reportagem em pág. 31 da revista, Hugo Mund Júnior é citado como 1º secretário do clube em 1955. Há também outros gravadores: Augusto do Santos Abranches com mulheres de Moçambique; Regina Yolanda com Vida de um clube de gravura; Chiao Deveza; Raquel Strosberg; Iracema Joffily; Arydio X. da Cunha. Fonte: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27612>>

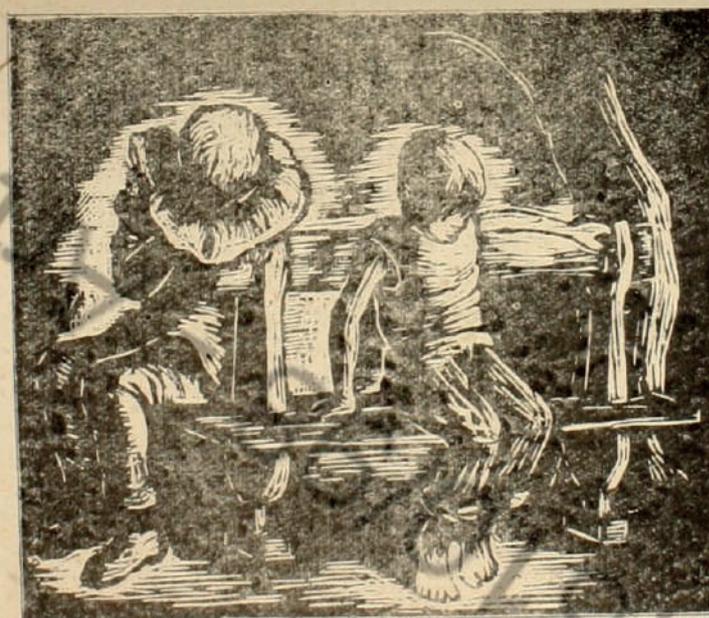
ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Menino dormindo — xilogravura de Hugo Mund Jr.

Fig. 52 - Mund Júnior, Hugo. Xilogravura. Menino dormindo. Revista Sul, ano 9, nº27, maio 1956. Primeira edição em cor e possui gravura de Glauco Rodrigues. A partir desta edição até a nº30, Mund é mencionado como ilustrador e não como membro da equipe de redação. Fonte: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27614>>

## ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Abandonados — xilografia de Hugo Mund Jr.

Fig. 53 - Mund Júnior, Hugo. Xilografia. Abandonados. Revista Sul, ano 9, nº26, fev., 1956. Há imagem de Carlos Scliar nesta edição. Membro da equipe de redação. Fonte: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27613>>

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Sob o caramanchão — xilogravura de H. Mund Jr.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Pescadores do Cajú — xilografia de Hugo Mund Jr.

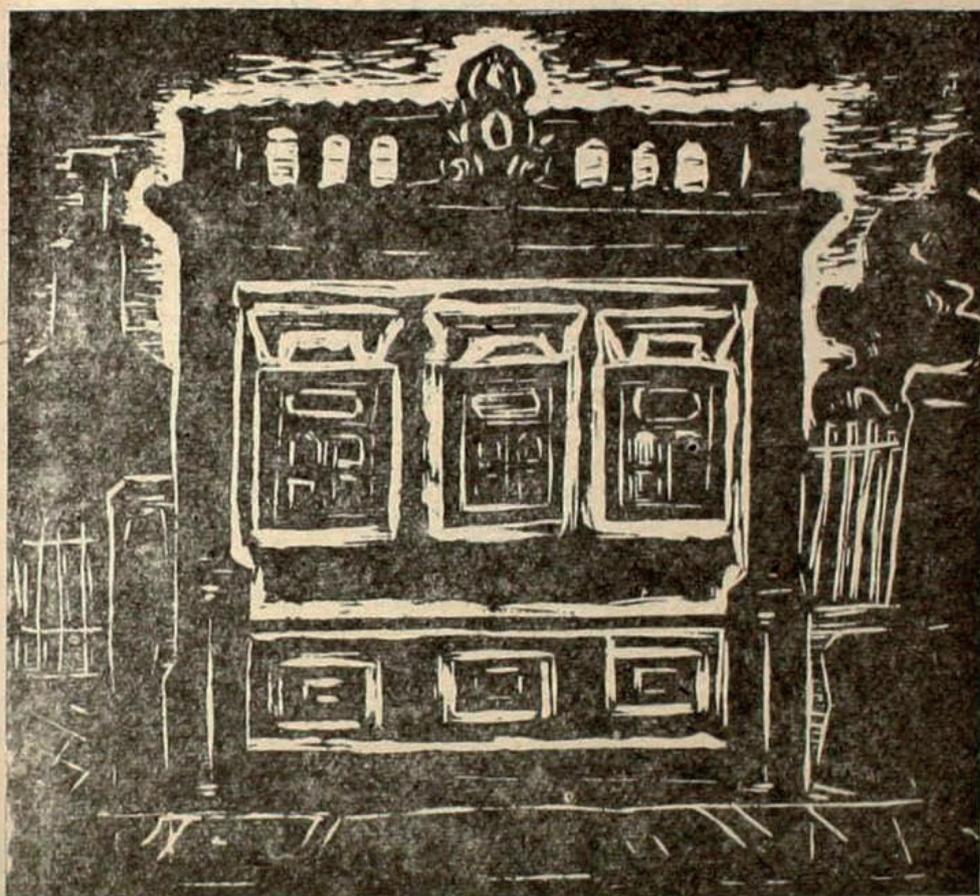
Fig. 55 - Mund Júnior, Hugo. Xilografia. Pescadores de cajú. na Revista Sul, ano 9, nº26, fev., 1956. Membro da equipe de redação. Fonte: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27613>>

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 56 – Mund Júnior, Hugo. Xilogravura. Barco encalhado. 1957. Primeiro prêmio do Salão GAPF em 1959.  
Fonte: Lehmkuhl p. 100 (1996).

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Casa — xilogravura de Hugo Mund Jr.

Fig. 57 - Mund Júnior, Hugo. Xilogravura. Casa. Revista Sul, ano 10, nº30, dez., 1957. Última edição da revista e Mund aparece como ilustrador. Mencionado em texto que fala sobre a Sul e os colaboradores em relação a história da literatura catarinense. Fonte: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=27617>>

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 58 - Mund Júnior, Hugo. Xilogravura s/papel. Jardim, 22 x 18 cm, 1957. Ass. c.i.d. 2/12. Tombo nº511. Fonte: Acervo MASC.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 - 1981



Fig. 59 - Mund Júnior, Hugo. Xilogravura s/papel. Velho Portão, 25 x 18,5 cm, 1957. Ass. c.i.d. 3/12. Tombo n°91. Fonte: Acervo MASC.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 60 - Mund Júnior, Hugo. Xilogravura s/papel. Sobrado, 24 x 21 cm, 1957. Ass. c.i.d. P.A. Tombo n°92. Em cartaz na exposição Paisagens no acervo do MASC, 2017. Fonte: Acervo MASC.

## ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



### A GRANDE SÊDE

**S**E TENS SÊDE DE AMOR E D'ESPERANÇA,  
SE ESTÁS CEGO DE DOR E DE PECADO,  
VALHA-TE O AMOR, O GRANDE ABANDONADO  
SACIA A SÊDE COM AMOR, DESCANSA.

AH! VOLTA-TE A ESTA ZONA FRESCA E MANSA  
DO AMOR E FICARÁS DESAFOGADO,  
HÁS DE VER TUDO CLARO, ILUMINADO  
DALUZ QUE UMA ALMA QUE TEM FÉ ALCANÇA.

O CORAÇÃO QUE É PURO E QUE É CONTRITO  
SE SABE TER DOÇURA E TER DOLÊNCIA,  
REVIVE NAS ESTRÊLAS DO INFINITO.

REVIVE, SIM, FICA IMORTAL, NA ESSÊNCIA  
DOS ANJOS PAIRA, NÃO DESPRENDE UM GRITO  
E FICA, COMO OS ANJOS, NA EXISTÊNCIA.

CRUZ E SOUSA

Fig. 61 - Mund Júnior, Hugo. Xilogravura s/papel. A grande sede. 29,5 x 22 cm, 1961. Ass. c.i.d. Tombo nº658.  
Com poema de Cruz e Sousa manuscrito abaixo. Fonte: Acervo MASC.

## ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



### SORRISO INTERIOR

O SER QUE É SER E QUE JAMAIS VACILA  
NAS GUERRAS IMORTAIS ENTRA SEM SUSTO,  
LEVA CONSIGO ESTE BRAZÃO AUGUSTO  
DO GRANDE AMOR, DA GRANDE FÉ TRANQUÍLA.

OS ABISMOS CARNAIS DA TRISTE ARGILA  
ÊLE OS VENCE SEM ÂNSIAS E SEM CUSTO...  
FICA SERENO, NUM SORRISO JUSTO,  
ENQUANTO TUDO EM DERREDOR OSCILA.

ONDAS INTERIORES DE GRANDEZA  
DÃO-LHE ESTA GLÓRIA EM FRENTE À NATUREZA,  
ÊSSE ESPLENDOR, TODO ÊSSE LARGO EFLÚVIO.

O SER QUE É SER TRANSFORMA TUDO EM FLORES  
E PARA IRONIZAR AS PRÓPRIAS DORES  
CANTA POR ENTRE AS ÁGUAS DO DILÚVIO!

CRUZ E SOUSA

Fig. 62 - Mund Júnior, Hugo. Xilogravura s/papel. Sorriso interior. 29,5 x 22 cm, 1961. Ass. c.i.d. Tombo nº659.  
Com poema de Cruz e Sousa manuscrito abaixo. Fonte: Acervo MASC.

## ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

Em 1958, editou-se em Florianópolis um livro em formato de álbum contendo sete poemas de Cruz e Sousa, ilustrados com xilogravuras. Foi o primeiro lançamento das "Edições do Livro de Arte", uma iniciativa pioneira nesse gênero editorial em Santa Catarina, realizada pelo gravurista Hugo Mund Jr. e pelo escritor Silveira de Souza. **SONETOS DA NOITE** – este o título do livro – impresso com gravuras originais em madeira nas oficinas da Gráfica Grajaú, de Florianópolis, teve a tiragem de apenas 300 exemplares e se constitui hoje numa raridade bibliográfica.

CRUZ E SOUZA

# SONETOS DA NOITE

Seleção de Silveira de Souza  
Xilogravuras de H. Mund Jr.



Edições do Livro de Arte  
Florianópolis — MCMLVIII

## PRÓLOGO

**E**SSE luto, essa noite, essa treva é o que eu desejo. Treva deliciosa que me anule entre a degenerescência dos sentimentos humanos. Treva que me disperse no caos, que me etérifique, que me dissolva no vácuo, como um som noturno e místico de floresta, como um vôo de pássaro errante. Treva, sem fim, que seja o meu manto sem estrelas, que eu arraste indiferente e obscuro pelo mundo afora, arredado dos homens e das coisas, confundido no supremo movimento da natureza, como um ignorado braço de rio, que através de profundas selvas escuras vai sombria e misteriosamente morrer no mar.

CRUZ E SOUZA



## ÊXTASE BÚDICO

**A**BRE-ME os braços. Solidão profunda,  
Reverência do céu, solenidade  
Dos astros, tenebrosa majestade,  
O planetária comunhão fecunda!

Ólen da noite sacrosanto, inunda  
Todo o meu ser, dá-me essa castidade,  
As azuis florescências da saudade,  
Graça das Graças (mortais oriunda!

As estrelas cativas no teu seio  
Dão-me um tocante e fugitivo enleio.  
Embalam-me na luz consoladora!

Abre-me os braços. Solidão radiante.  
Funda, fenomenal e soluçante.  
Larga e búdica Noite redentora!



## DILACERAÇÕES

**Ó** CARNES que eu amei sangrentamente.  
Ó volúpias letais e dolorosas.  
Essências de heliotrópico e de rosa  
De essência morna, tropical, dolente...

Carnes Virgens e tépidas do Oriente  
Do Sonho e das Estrelas fabulosas,  
Carnes acerbas e maravilhosas,  
Tentadoras do sol intensamente...

Passai, dilaceradas pelos zelos,  
Através dos profundos pesadelos  
Que me apunhalam de mortais horrores...

Passai, passai, desfeitas em tormentos.  
Em lágrimas, em prantos, em lamentos,  
Em ais, em luto, em convulsões, em dores...



F-4 MAMÃO

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

Figs. 63 e 64 - Mund Júnior, Hugo. Xilogravuras. Imagens de livro Sonetos da Noite, 1958 com seleção de poemas de Cruz e Sousa por Silveira de Souza. Jornal Boi de Mamão Especial Cruz e Sousa, 1980. Algumas gravuras soltas no Acervo Masc. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina. Disponível em: <<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/boidemam%C3%A3o/BOI1980cruzsouza.pdf>>

## C A B E L O S

**C**ABELOS! Quantas sensações ao vê-los!  
Cabelos negros, do esplendor sombrio  
Por onde corre o fluido vago e frio  
Dos brumosos e longos pesadelos...

Sonhos, mistérios, ansiedades, zeios,  
Tudo que lembra as convulsões de um rio  
Passa na noite cálida, no estio  
Da noite tropical dos teus cabelos.

Passa através dos teus cabelos quentes,  
Peis chama dos beijos inclementes,  
Das dolências fatais, da nostalgia...

Auréola negra, majestosa, ondeada,  
Alma da treva, densa e perfumada,  
Lânguida Noite da melancolia!



## MÚSICA MISTERIOSA

**T**ENDA de Estrelas nêvas, refulgentes  
Que abris a doce luz de alampadários,  
As harmonias dos Estradivarius  
Erram da Lua nos clarões dormentes...

Pelos raios fluidicos, diluentes  
Dos Astras, pelos trêmulos velários,  
Cantam Sonhos de místicos templários,  
De eremões e de ascetas reverentes...

Cânticos vagos, infinitos, aéreos  
Fluir parecem dos Anús etéreos,  
D'entre os nevoeiros do luar fluindo...

E vai, de Estrela a Estrela, à luz da Lua,  
Na láctea claridade que flutua,  
A surdina das lágrimas subindo...



## A M O R T E

**O** QUE doce tristeza e que ternura  
No olhar ansioso, afilto dos que morrem...  
De que âncoras profundas se socorrem

Os que penetram nessa noite escura!

Da vida aos frios véus da sepultura  
Vagos momentos trêmulos decorrem...  
E dos olhos as lágrimas escorrem  
Como faróis da humana Desventura.

Descem então aos golfos congelados  
Os que na terra vagam suspirando,  
Com os velhos corações tanzalados.

Tudo negro e sinistro vai rolando  
Báratro abaixo, aos ecos soluçados  
Do vendaval da Morte ondeando, uivando...



## SEXTA-FEIRA SANTA

**L**UA oblativa, verde, feticheira,  
Pasmada como um vício monstruoso...  
Um cão estranho fussa na esterqueira,  
Uivando para o espaço fabuloso.

É esta a negra e santa Sexta-feira!  
Cristo está morto como um vil leproso,  
Chagado e Irto, na feraz cegueira  
Da Morte, o sangue roxo e tenebroso.

A serpente do mal e do pecado  
Um sinistro veneno esverdeado  
Verte do Morto na mudez serena.

Mes da sagrada Redenção do Cristo  
Em vez do grande Amor, puro, imprevisto,  
Brotam fosforescências de gangrena!



## M O N J A

**O**LUA, Lua triste, amargurada,  
Fantasma de brancuras vaporosas,  
A tua nêvas luz ciliçada  
Faz murcheçar e congelar as rosas.

Nas floridas searas endulzadas,  
Cujas folhagem brilha fosforeada,  
Passam sombras, angélicas, nêvasas,  
Lua, Monja da cela constelada.

Filtros dormentes dão aos lagos quietos,  
Ao mar, ao campo, os sonhos mais secretos,  
Que vão pelo ar, noctúmbulos, pairando...

Então, ó Monja branca dos espaços,  
Parece que alures para mim os braços,  
Fria, de joelhos, trêmula, rezando...

## ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

### HUGO MUND JÚNIOR

Mafra, SC, 1933. Reside em Florianópolis. Desenhista, gravador, poeta e professor. Tem publicado vários livros de poemas. Participou do Grupo Sul e do Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis. Estudou com Vasco Prado na ENBA e especializou-se em xilogravura com Oswaldo Goeldi.



Xilogravura. acervo do Museu de Artes de Santa Catarina. MASC.

7 Ô Catarina

Fig. 65 - Mund Júnior, Hugo. Xilogravura. Imagem de livro *Sonetos da Noite*, 1958. *Jornal Ô Catarina* n°46 maio, 2001. Edição especial de gravura em Santa Catarina. Fonte: <<http://www.cultura.sc.gov.br/publicacoes/ocatarina/edicoes/1399-jornal-o-catarina-n-46/file>>

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 66 - Mund Júnior, Hugo. Xilogravura s/papel. S/T. Do Álbum Xilogravuras com 7 pranchas, 1958. Ass. c.i.d. Escrito monja no c.i.e. Tombo n°696. Pranchas de livro Sonetos da Noite. Fonte: Acervo MASC.

#### ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

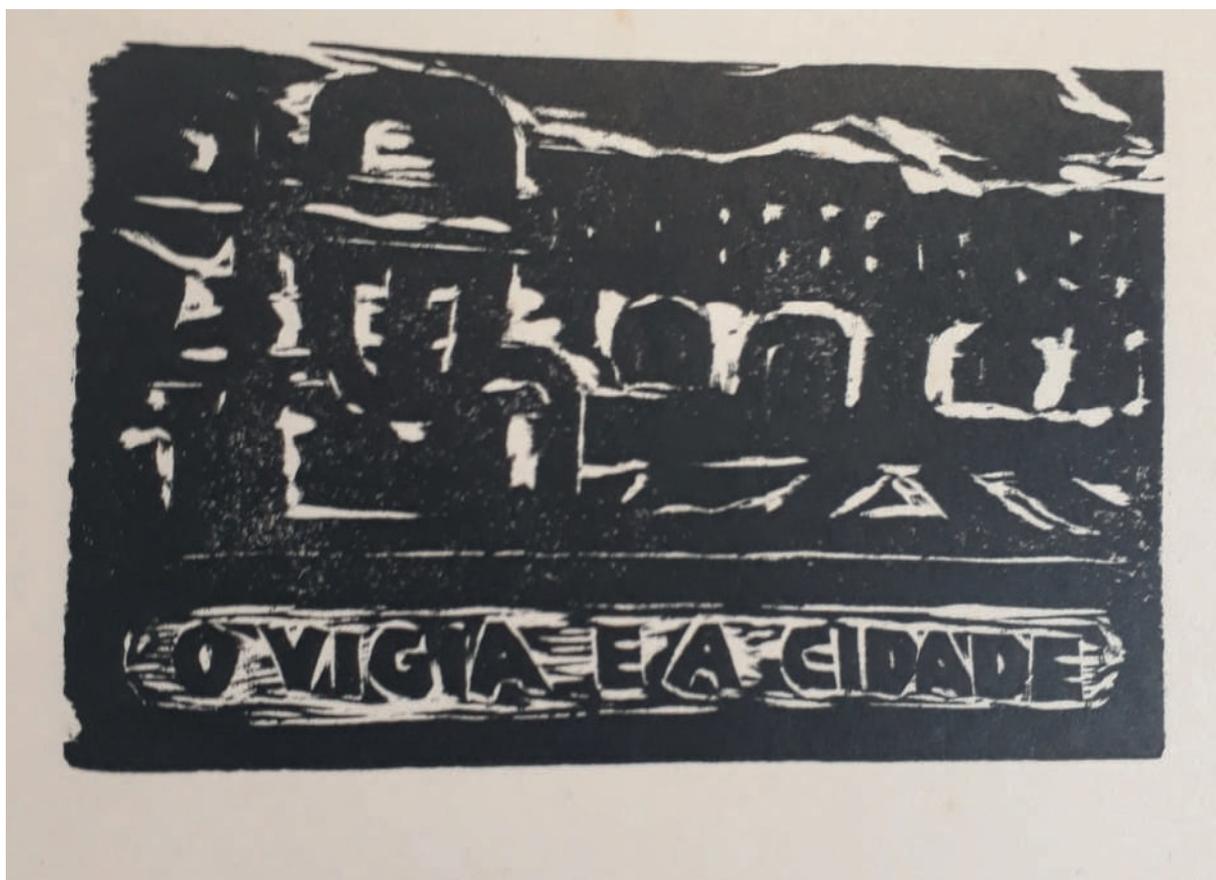


Fig. 67 - Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro O Vigia e a Cidade de Silveira de Sousa, 1960. Editora Edições do Livro de Arte, exemplar nº 270/300. Ass. Dedicado a Salim Miguel e Eglê Malheiros. Fonte: Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas FAED-IDCH. Acervo Eglê Malheiros e Salim Miguel. Foto do autor.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

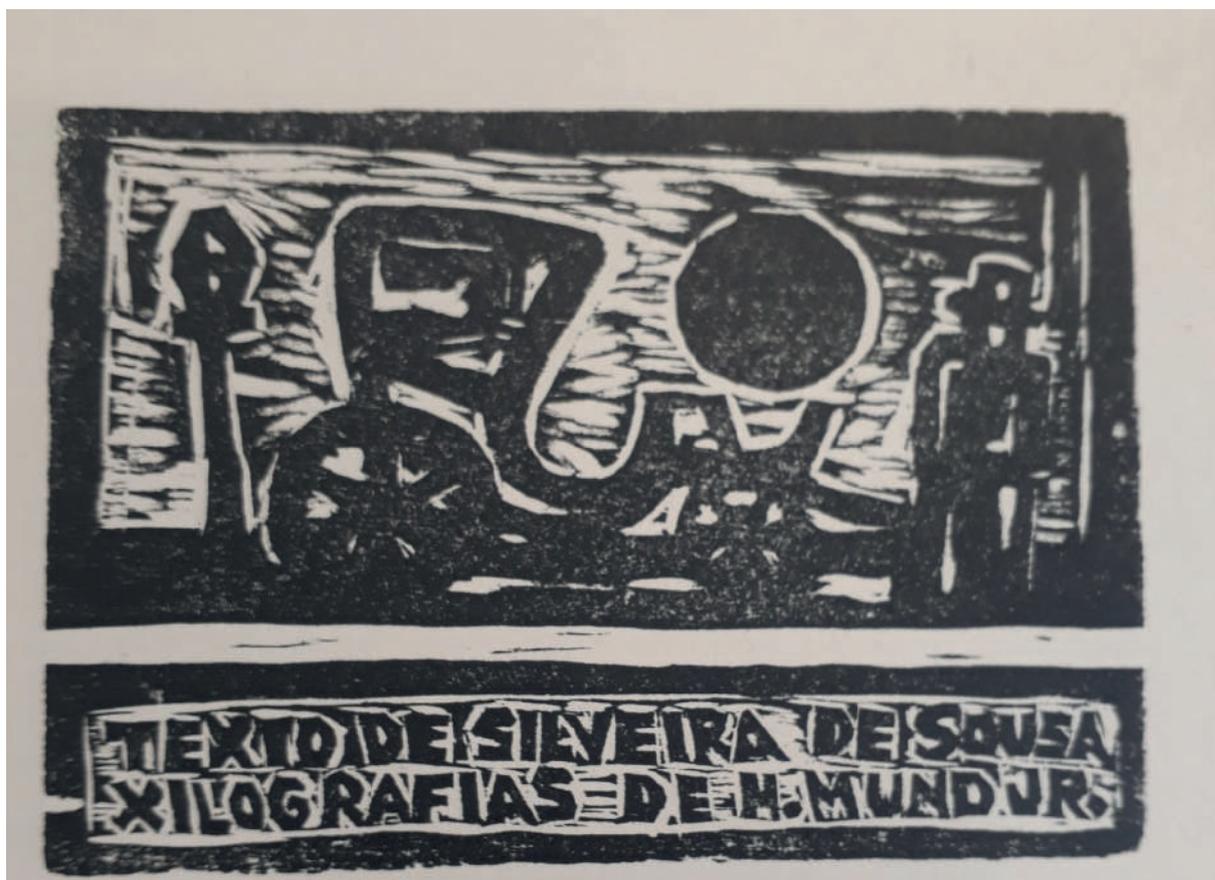


Fig. 68 - Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro O Vigia e a Cidade de Silveira de Sousa, 1960. Editora Edições do Livro de Arte, exemplar nº 270. Ass. Dedicado a Salim Miguel e Eglê Malheiros. Fonte: FAED-IDCH. Acervo Eglê Malheiros e Salim Miguel. Foto do autor.

ANEXO 1 - FORMAS PRIMÁRIAS 1949-1957

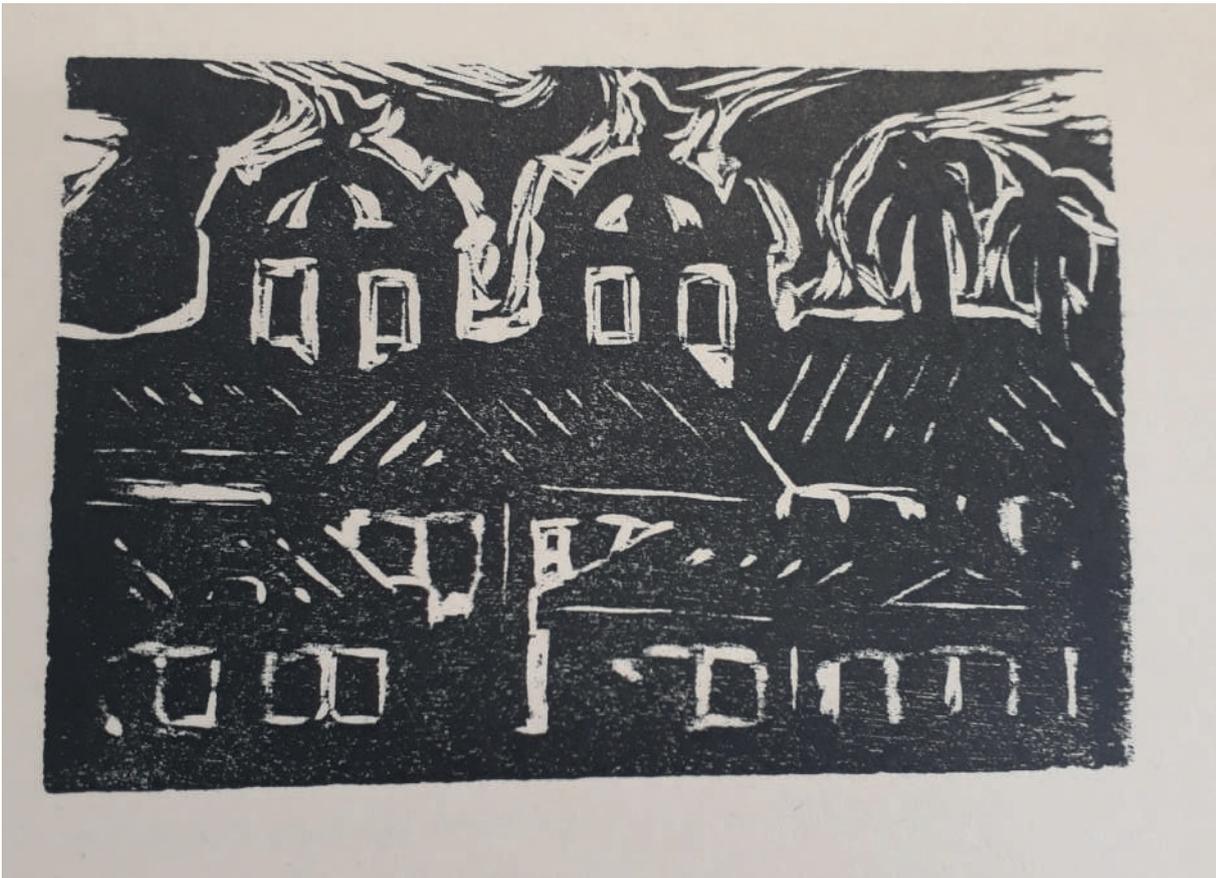


Fig. 69 - Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro O Vigia e a Cidade de Silveira de Sousa, 1960. Editora Edições do Livro de Arte, exemplar nº 270. Ass. Dedicado a Salim Miguel e Eglê Malheiros. Fonte: FAED-IDCH. Acervo Eglê Malheiros e Salim Miguel. Foto do autor.

#### ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 70 - Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro *O Vigia e a Cidade de Silveira de Sousa*, 1960. Editora Edições do Livro de Arte, exemplar nº 270. Ass. Dedicado a Salim Miguel e Eglê Malheiros. Fonte: FAED-IDCH. Acervo Eglê Malheiros e Salim Miguel. Foto do autor.

#### ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 71 - Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro O Vigia e a Cidade de Silveira de Sousa, 1960. Editora Edições do Livro de Arte, exemplar nº 270. Ass. Dedicado a Salim Miguel e Eglê Malheiros. Fonte: FAED-IDCH. Acervo Eglê Malheiros e Salim Miguel. Foto do autor.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 72 - Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro O Vigia e a Cidade de Silveira de Sousa, 1960. Editora Edições do Livro de Arte, exemplar nº 270. Ass. Dedicado a Salim Miguel e Eglê Malheiros. Fonte: FAED-IDCH. Acervo Eglê Malheiros e Salim Miguel. Foto do autor.

#### ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

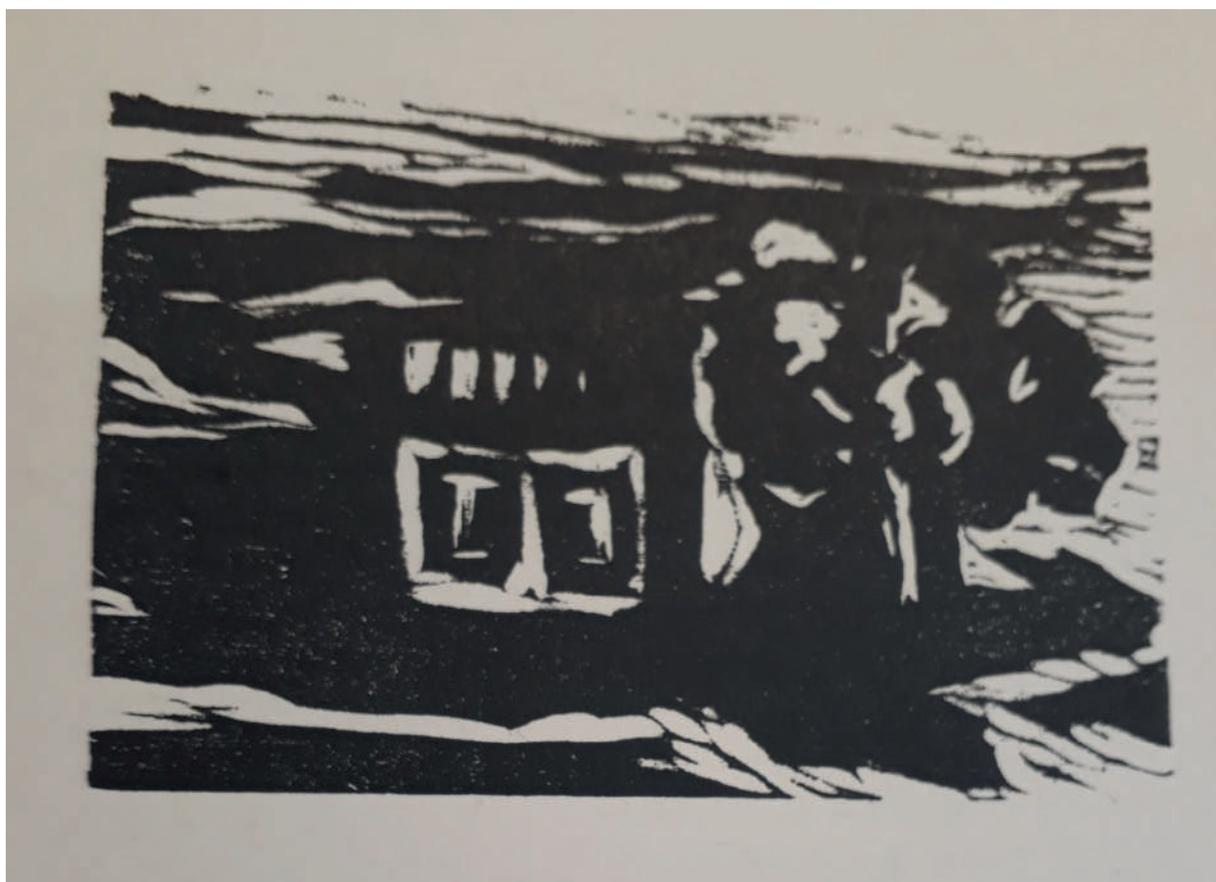


Fig. 73 - Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro *O Vigia e a Cidade de Silveira de Sousa*, 1960. Imagem no convite da exposição individual Mund, desenhos e gravuras no Hotel Querência em Florianópolis. No Acervo Masc. Fonte: FAED-IDCH. Acervo Eglê Malheiros e Salim Miguel. Foto do autor.

#### ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 74 - Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro O Vigia e a Cidade de Silveira de Sousa, 1960. Editora Edições do Livro de Arte, exemplar nº 270. Ass. Dedicado a Salim Miguel e Eglê Malheiros. Fonte: FAED-IDCH. Acervo Eglê Malheiros e Salim Miguel. Foto do autor.

#### ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 75 - Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro O Vigia e a Cidade de Silveira de Sousa, 1960. Editora Edições do Livro de Arte, exemplar nº 270. Ass. Dedicado a Salim Miguel e Eglê Malheiros. Fonte: FAED-IDCH. Acervo Eglê Malheiros e Salim Miguel. Foto do autor.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 76 - Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro O Vigia e a Cidade de Silveira de Sousa, 1960. Editora Edições do Livro de Arte, exemplar nº 270. Ass. Dedicado a Salim Miguel e Eglê Malheiros. Fonte: FAED-IDCH. Acervo Eglê Malheiros e Salim Miguel. Foto do autor.



ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

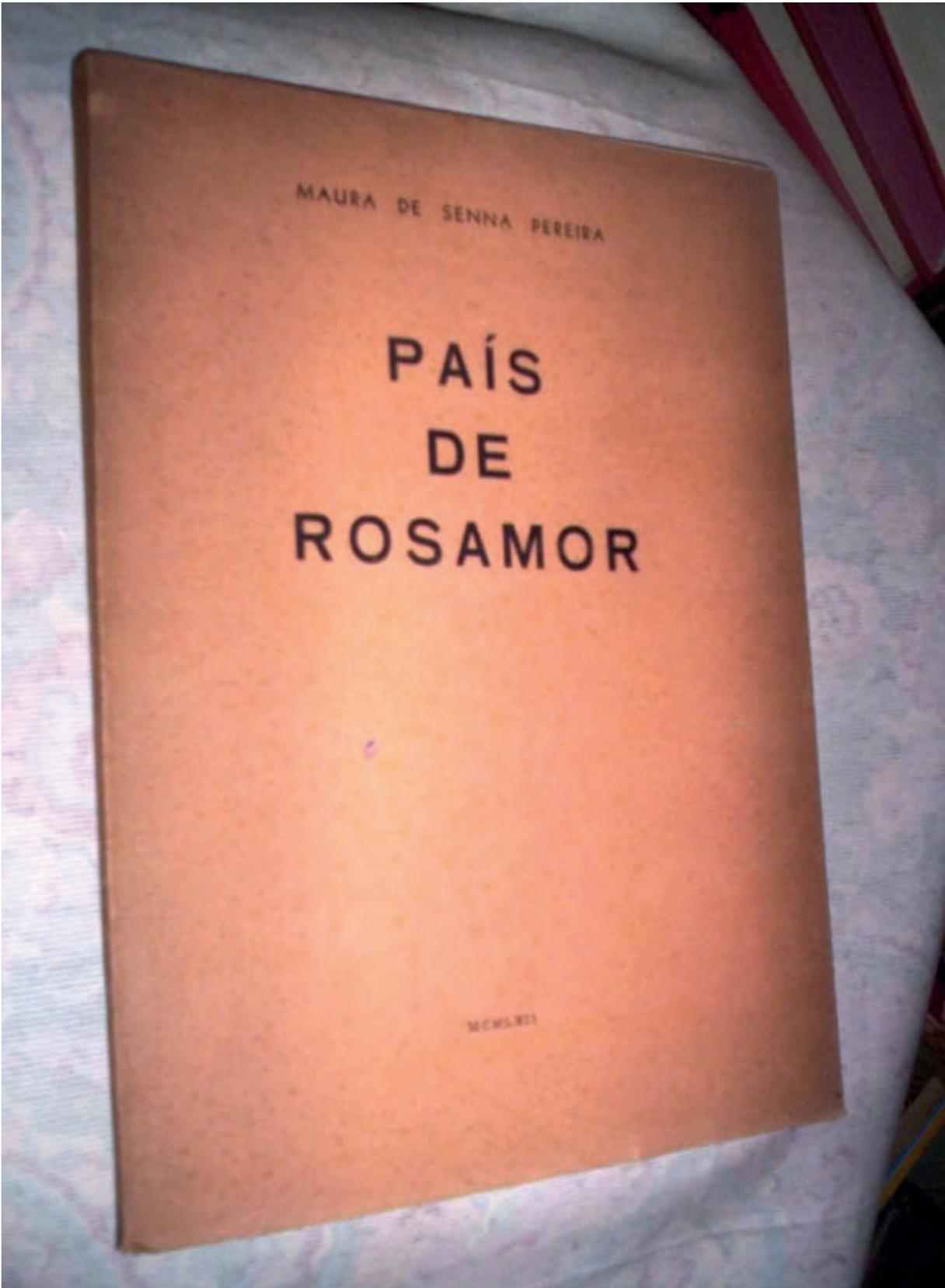


Este livro, publicação das "Edições do Livro de Arte", foi composto e impresso, com gravuras originais em madeira, nas oficinas gráficas de Miguel Cordeiro, à Rua Monsenhor Topp, 23, Florianópolis, S. C., sendo tirados 300 exemplares de luxo, numerados.

EXEMPLAR      Nº      270

Fig. 77 - Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro O Vigia e a Cidade de Silveira de Sousa, 1960. Editora Edições do Livro de Arte, exemplar nº 270. Ass. Dedicado a Salim Miguel e Eglê Malheiros. Fonte: FAED-IDCH. Acervo Eglê Malheiros e Salim Miguel. Foto do autor.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Figs. 78 e 79 - Pereira, Maura de Senna. Capa e folha de rosto do livro País de Rosamor, 1962. Editado e ilustrado por Mund pela Edições do Livro de Arte. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina e fac-símile em Pereira (1978).

MAURA DE SENNA PEREIRA

# PAÍS DE ROSAMOR

Vinhetas de H. Mund Jr.



Edições do Livro de Arte

Florianópolis - MCMLXII

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 80 – Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro País de Rosamor de Maura de Senna Pereira, 1962. Editado e ilustrado por Mund pela Edições do Livro de Arte. Fonte: fac-símile em Pereira (1978). Foto do autor.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

OS MENINOS



Fig. 81 – Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro País de Rosamor de Maura de Senna Pereira, 1962. Editado e ilustrado por Mund pela Edições do Livro de Arte. Fonte: fac-símile em Pereira (1978). Foto do autor.

## ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

### A BODA

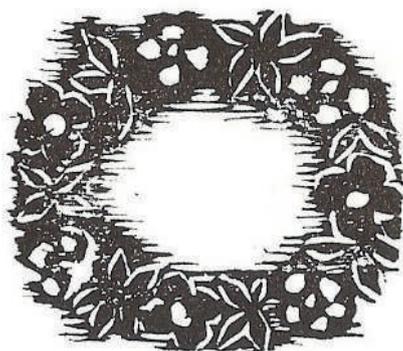


Fig. 82 – Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro País de Rosamor de Maura de Senna Pereira, 1962. Editado e ilustrado por Mund pela Edições do Livro de Arte. Fonte: fac-símile em Pereira (1978). Foto do autor.

## ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

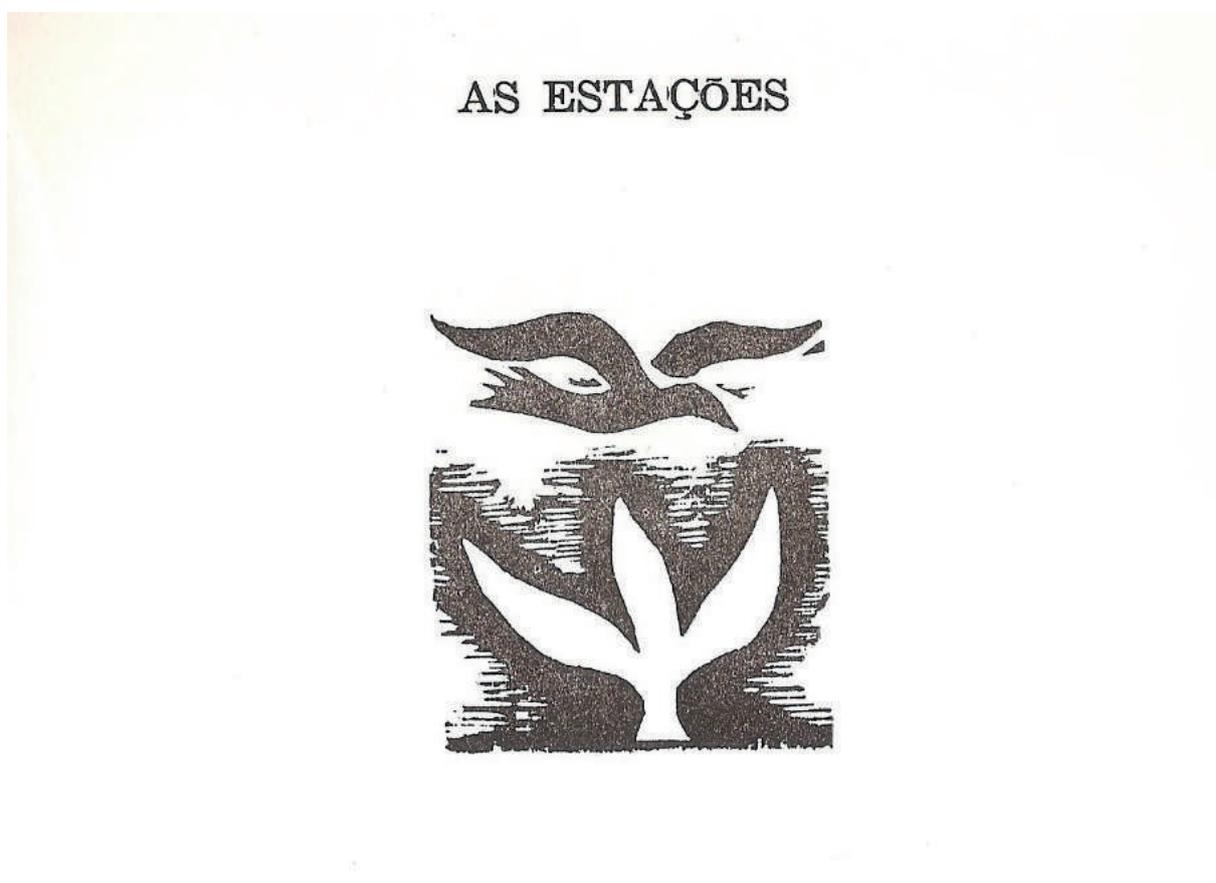


Fig. 83 – Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro País de Rosamor de Maura de Senna Pereira, 1962. Editado e ilustrado por Mund pela Edições do Livro de Arte. Há fotocópia no acervo do MASC. Fonte: fac-símile em Pereira (1978). Foto do autor.

## ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

### AS COMEMORAÇÕES



Fig. 84 – Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro País de Rosamor de Maura de Senna Pereira, 1962. Editado e ilustrado por Mund pela Edições do Livro de Arte. Fonte: fac-símile em Pereira (1978). Foto do autor.

#### ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

PASSEIO

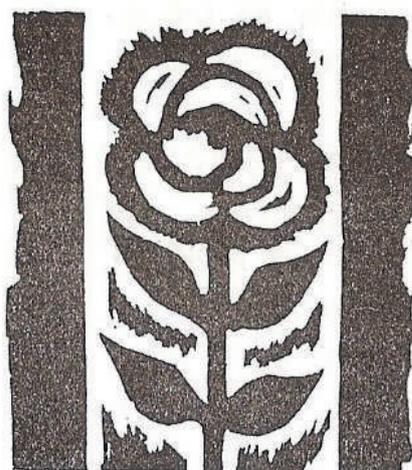


Fig. 85 – Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro País de Rosamor de Maura de Senna Pereira, 1962. Editado e ilustrado por Mund pela Edições do Livro de Arte. Reproduzido na p. 13 de revista Cultura, 1990. Fonte: fac-símile em Pereira (1978) e em: <<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/cultura/CULT1990julho.pdf>>

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

CANTO DA AMANTE AMADA



Fig. 86 – Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro País de Rosamor de Maura de Senna Pereira, 1962. Editado e ilustrado por Mund pela Edições do Livro de Arte. Fonte: fac-símile em Pereira (1978). Foto do autor.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

A FESTA



Fig. 87 – Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro País de Rosamor de Maura de Senna Pereira, 1962. Editado e ilustrado por Mund pela Edições do Livro de Arte. Fonte: fac-símile em Pereira (1978). Foto do autor.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

GRÃO-SACERDOTE



Fig. 88 – Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro País de Rosamor de Maura de Senna Pereira, 1962. Editado e ilustrado por Mund pela Edições do Livro de Arte. Fonte: fac-símile em Pereira (1978). Foto do autor.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

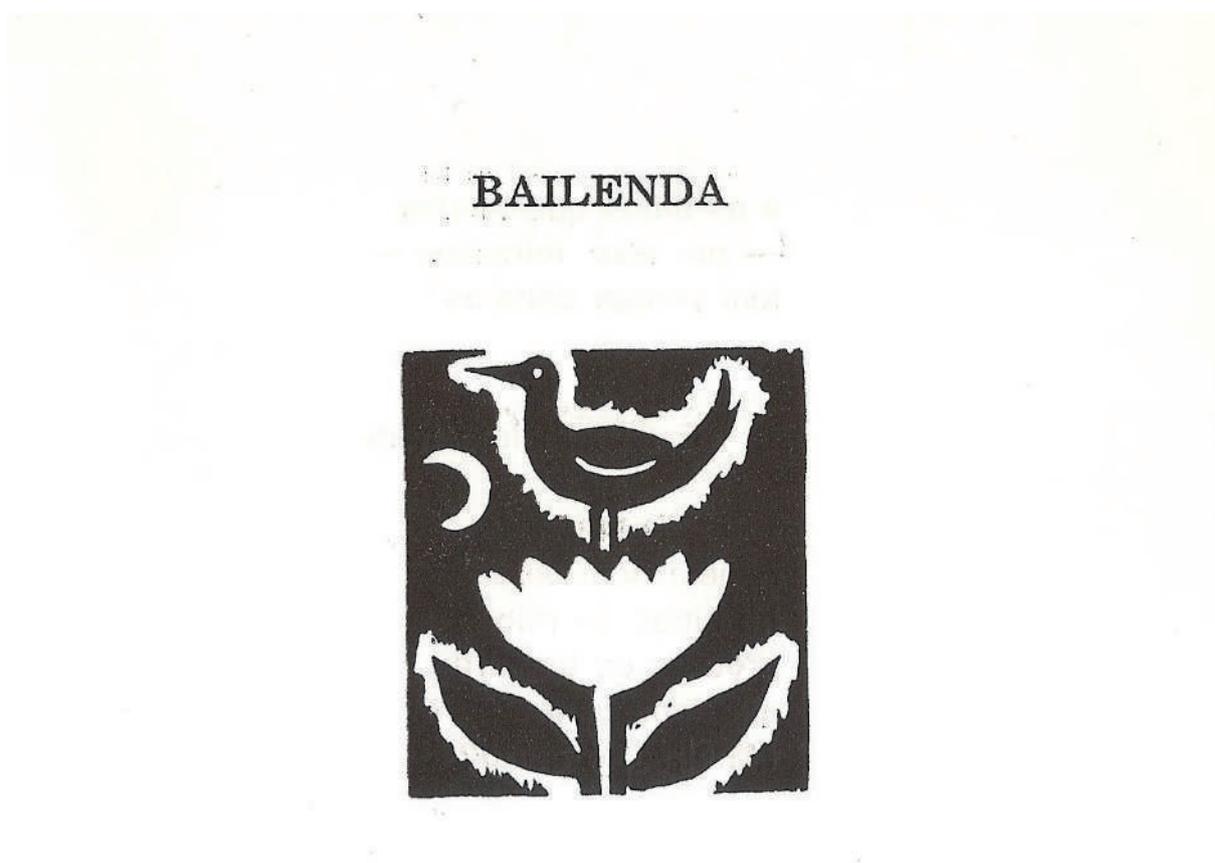


Fig. 89 – Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro País de Rosamor de Maura de Senna Pereira, 1962. Editado e ilustrado por Mund pela Edições do Livro de Arte. Fonte: fac-símile em Pereira (1978). Foto do autor.

## ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

### COLHEITA



Fig. 90 – Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro País de Rosamor de Maura de Senna Pereira, 1962. Editado e ilustrado por Mund pela Edições do Livro de Arte. Fonte: fac-símile em Pereira (1978). Foto do autor.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

LOUVAÇÃO DE JUPIRA



Fig. 91 – Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro País de Rosamor de Maura de Senna Pereira, 1962. Editado e ilustrado por Mund pela Edições do Livro de Arte. Fonte: fac-símile em Pereira (1978). Foto do autor.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

VOZES NO POMAR

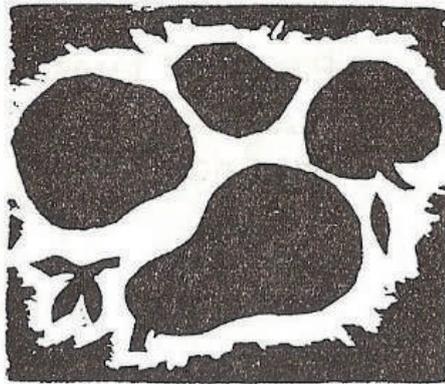


Fig. 92 – Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro País de Rosamor de Maura de Senna Pereira, 1962. Editado e ilustrado por Mund pela Edições do Livro de Arte. Fonte: fac-símile em Pereira (1978). Foto do autor.

## ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

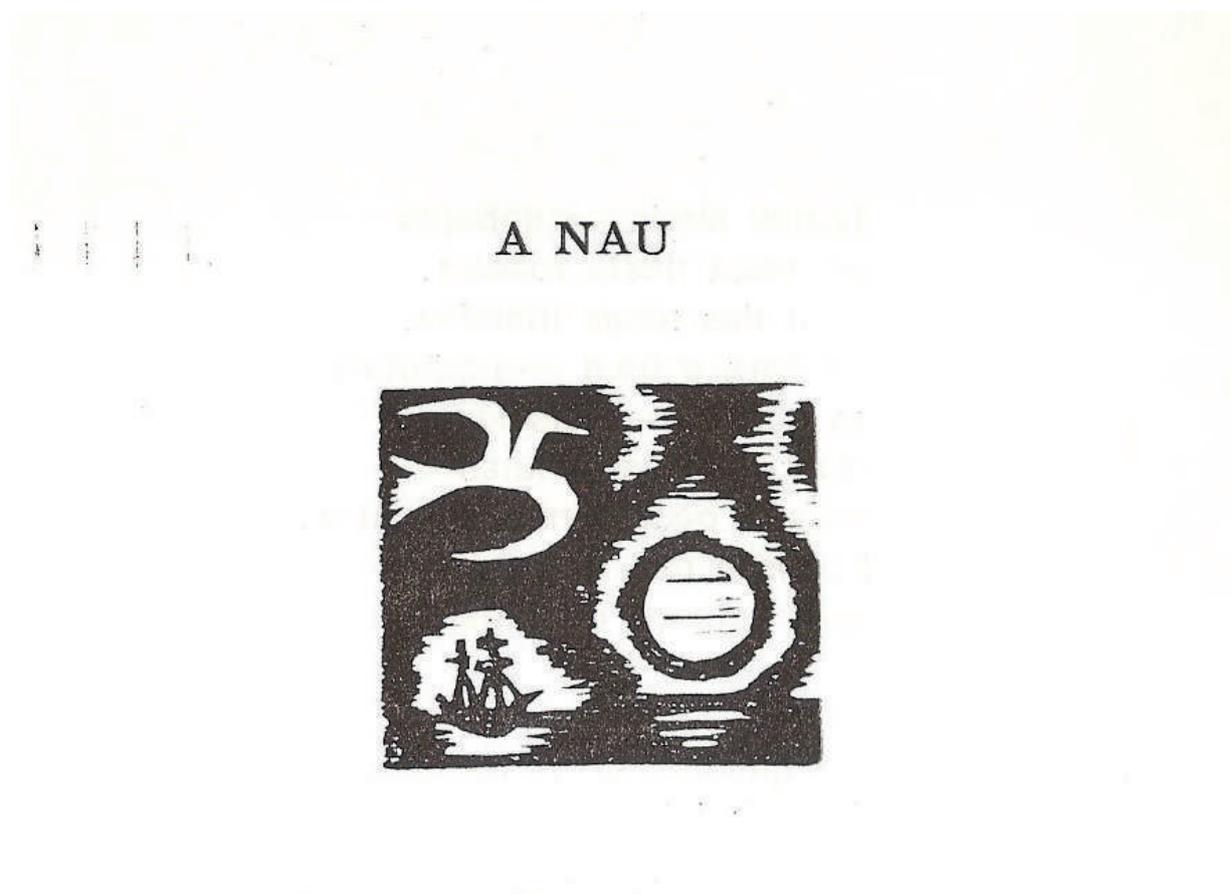


Fig. 93 – Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro País de Rosamor de Maura de Senna Pereira, 1962. Editado e ilustrado por Mund pela Edições do Livro de Arte. Há fotocópia no acervo do MASC. Fonte: fac-símile em Pereira (1978). Foto do autor.



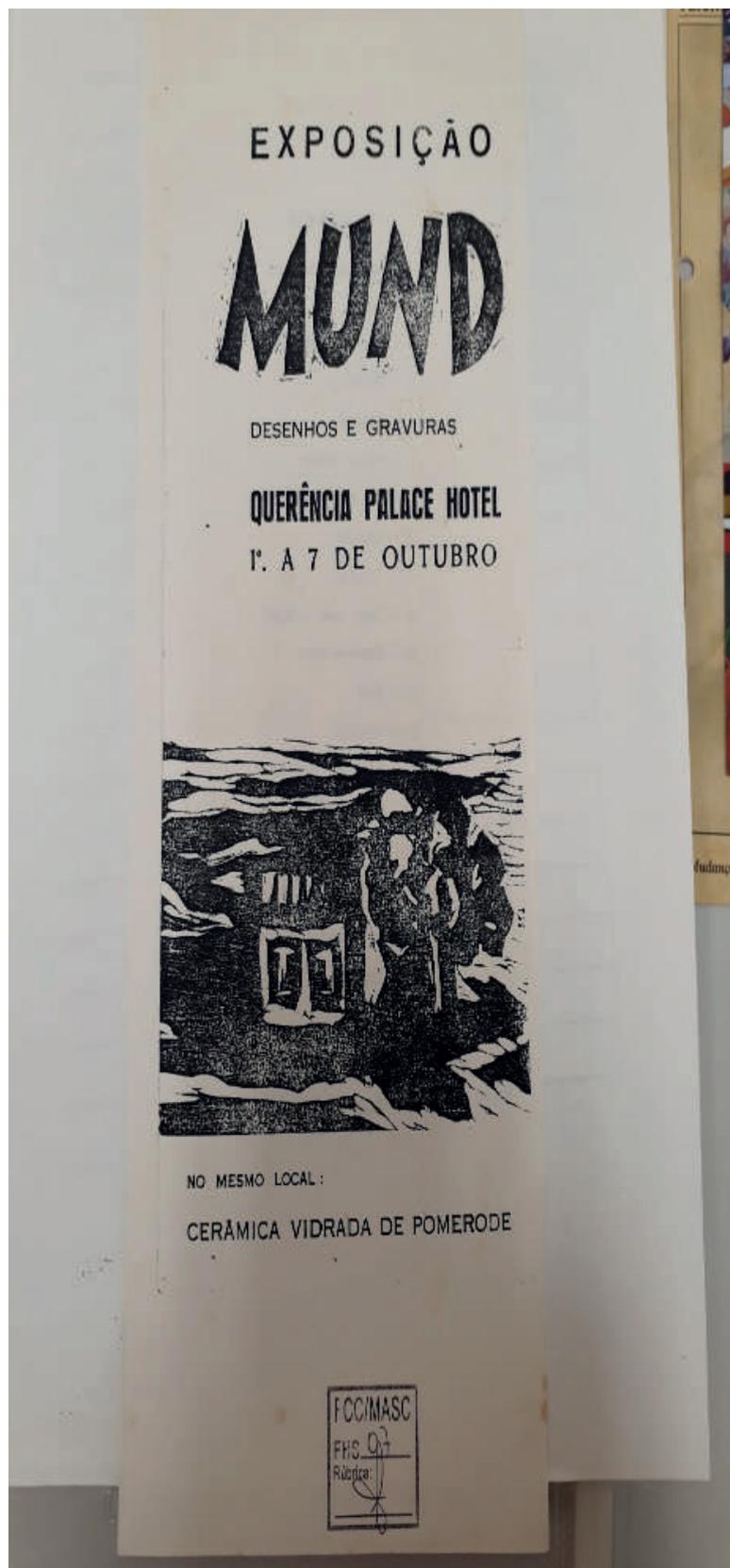
## ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

### OS ARCANJOS



Fig.94 – Mund Júnior, Hugo. Xilogravura para livro País de Rosamor de Maura de Senna Pereira, 1962. Editado e ilustrado por Mund pela Edições do Livro de Arte. Fonte: fac-símile em Pereira (1978). Foto do autor.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Figs.95 e 96 - Convite da exposição individual Mund: desenhos e gravuras. 1 a 7 de outubro no Hotel Querência em Florianópolis, 1959. Fonte: Acervo documental do MASC. Foto do autor.

## DESENHOS

- 1 — Noite em Monte Azul
- 2 — Figueira
- 3 — Jardim de Santa Tereza
- 4 — Mercado
- 5 — Noturno
- 6 — Nuvens escuras
- 7 — Céu tormentoso
- 8 — Lampeão
- 9 — A cidade
- 10 — Casas junto ao môrro
- 11 — Fundo de casas
- 12 — Gato
- 13 — Arrabalde
- 14 — Lua e casa solitária
- 15 — Tarde cinzenta

## GRAVURAS

- 16 — Os amantes
- 17 — Depósitos
- 18 — Oficinas
- 19 — Portão
- 20 — Barco encalhado

#### ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

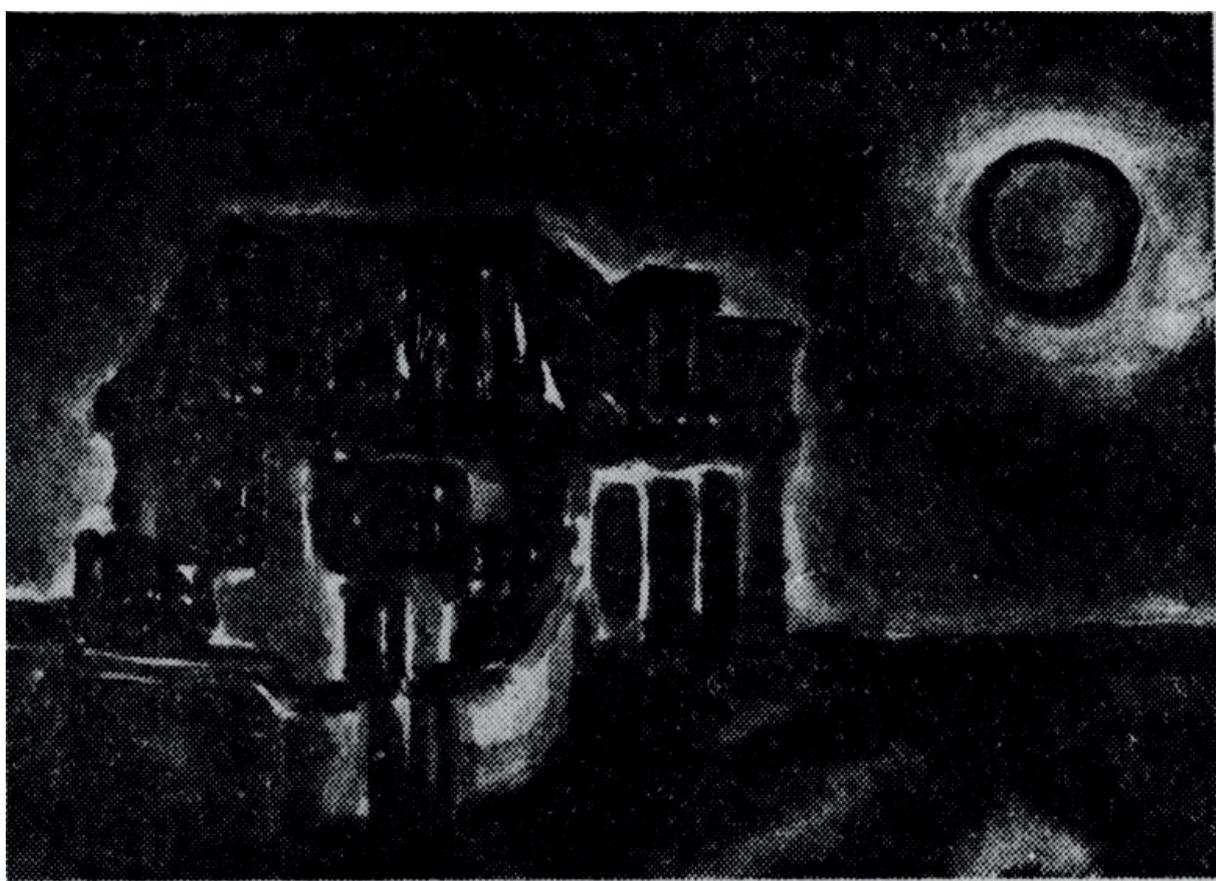


Fig. 97 - Hugo Mund Júnior. Desenho em carvão. S/T. Fonte: O Jornal/RJ, 27 de novembro de 1959, p. 3. Em: [http://memoria.bn.br/DocReader/110523\\_05/81319](http://memoria.bn.br/DocReader/110523_05/81319)

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 98 - Mund Júnior, Hugo. Desenho. S/T. Matéria de Harry Laus no Jornal do Brasil, 4 dez. 1963. Fonte: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015\\_08&pagfis=47211](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=47211)

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 - 1981



Na inauguração da exposição de Mund, aparece o artista lado a lado pela atriz Celme Silva e os senhores Rosnel Bond e Manoel Furtado.

NOTAS CULTURAIS

Um dos maiores acontecimentos culturais da semana, foi a inauguração da mostra de gravuras e desenhos de Hugo Mund Jr. renomado artista de Florianópolis. Junto aos trabalhos de Mund, encontra-se em exposição na pequena galeria o livro «Soneto da Noite», com poemas de Cruz e Souza e ilustrações do expositor.

Mund é um dos mais destacados representantes da nova geração brasileira e encontra-se entre os poucos artistas convidados a participar da I Bienal do México.

A exposição estará aberta à visitação pública, no horário comercial, até o dia 30 do corrente mês.

CONCERTO NA REITORIA

Ao inaugurar o auditório, a Reitoria da Universidade do Paraná vem realizando amplo programa artístico e cultural. Além dos concertos já realizados, serão divulgadas brevemente várias atividades e realizações musicais, teatrais e estudantis.

«Maria Stuart» em benefício da Campanha «Nenhuma Criança Com Frio»

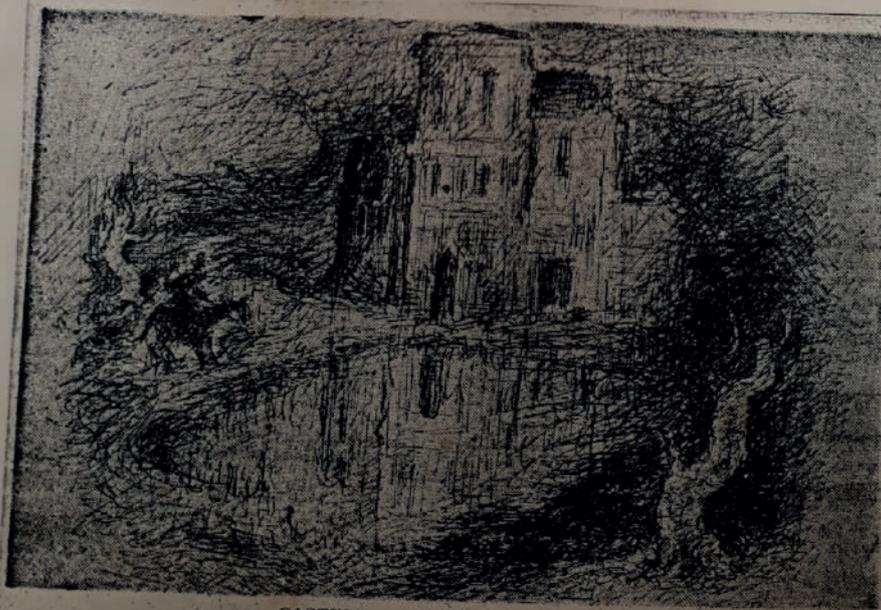
O T.C.B. encenará, dentro de algumas semanas, «Maria Stuart» de Schiller, tradução de Manuel Bandoira.

Trata-se de uma das mais valorosas peças do repertório, constituindo-se em uma das obras primas da literatura teatral.

Parte da renda da estréia de «Maria Stuart», reverterá em benefício da Campanha «Nenhuma Criança com Frio», promovida anualmente por esta fôlha.

Tratando-se de um espetáculo de grande valor, os ingressos serão vendidos com antecedência, podendo os interessados procurá-los na porta do Louvre.

OLSTADO DO PARANÁ, 23.10.58



CASTELO — HUGO MUND JR.

DIÁRIO DO PARANÁ, 19.10.58

Fig. 99 - Fotocópia de jornal impresso com fotografia onde há Mund, a atriz Celme Silva, Rosnel Bond e Manoel Furtado. Abaixo desenho Castelo. Pelo texto abaixo da nota, aparenta ser no Paraná. Fonte: Acervo Documental MASC pasta de Hugo Mund Júnior.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 100 - Mund Júnior, Hugo. Desenho. S/T. 1957. Ass. c.i.d. Fonte: Coleção particular de Hamilton Alves.  
Foto: Virginia Alves.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 101 - Registro de obra. S/T, N/D. Similar a desenho. Ass. c.i.d. Fonte: Acervo Documental MASC pasta de Hugo Mund Júnior.

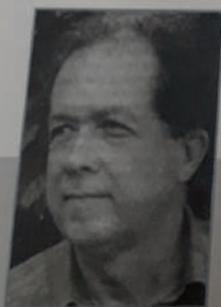
## ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Hugo Mund - Sem título, 1958.  
Nanquim sobre papel - 14 x 15,5 cm - Acervo Tércio da Gama.



Hugo Mund - Sem título, 1958.  
Nanquim sobre papel - 17,5 x 17 cm. - Acervo Tércio da Gama.



MUND, Júnior, Hugo (Mafra/SC, 1933 -)

Participou do movimento de Arte Moderna da Revista Sul, Fpolis. Membro fundador do GAFPE. Curso de pintura no ENBA; especialização em gravura com Osvaldo Goeldi. Passando a residir em Brasília, em 1962, foi professor do Instituto Central de Arte da UNB e do Centro de Ensino Unificado. 1956: Salão Paulista de Arte Moderna, SP; Salão Ferroviário, Rio. 1957: Salão Nacional de Arte Moderna, Rio; Col. Gravura Brasileira, Montevidéu, Uruguai. 1958: Cols. GAFPE no Centro Catarinense, Curitiba e Rio; Bienal Interamericana, México. 1959: BNSP; Col. GAFPE, Querência, Fpolis, Galeria Macunaima, Rio. 1964: Ind. Galeria Verseau, Rio. 1969: Cols. na Argentina, França, Uruguai e Itália. Ind. Museu Histórico e Pedagógico Amador Buena da Veiga, Rio Claro, SP. 1970: Pré-Bienal de São Paulo, Brasília. 1978: Quatorze artistas de Brasília, Galeria Funarte, Brasília; Expo 20 Anos Depois, GAFPE, Galeria de Arte do Palácio Barriga Verde, Fpolis. 1980: Col. GAFPE, MASC. 1985: IV Centenário da Paraíba. 1986: Cidade de Belo Horizonte/MG. Publicou os livros: Gráficos, Palavras que não são Palavras, Germens, Ícones da Terra, Espelho Ardente, Flauta de Espuma, Exercício em Branco, Véspera do Coração, Grifos e Emblemas, Palavra e Cor, As Vozes do Juramento e Cômica Província. Foi designado para reestruturar as atividades de ensino das Oficinas de Arte do MASC. Respondeu pela direção do MASC de dezembro/87 a março/88. 1987: Col. Ma-deira, Técnicas de Gravura, Fundação Rio, RJ. 1988: Exposição da UnB, Embaixada da França, Brasília. 1989: Col. do GAFPE, MASC. 1992: II Festival de Arte Alternativa, Olinda/PE. IV Bienal de Poesia Visual/Experimental, México DF.

Fig. 102 - Detalhe em livro com dois desenhos de 1958 e currículo resumido. Catálogo 50 de GAFPE. Fonte: Acervo Documental MASC pasta de Hugo Mund Júnior.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

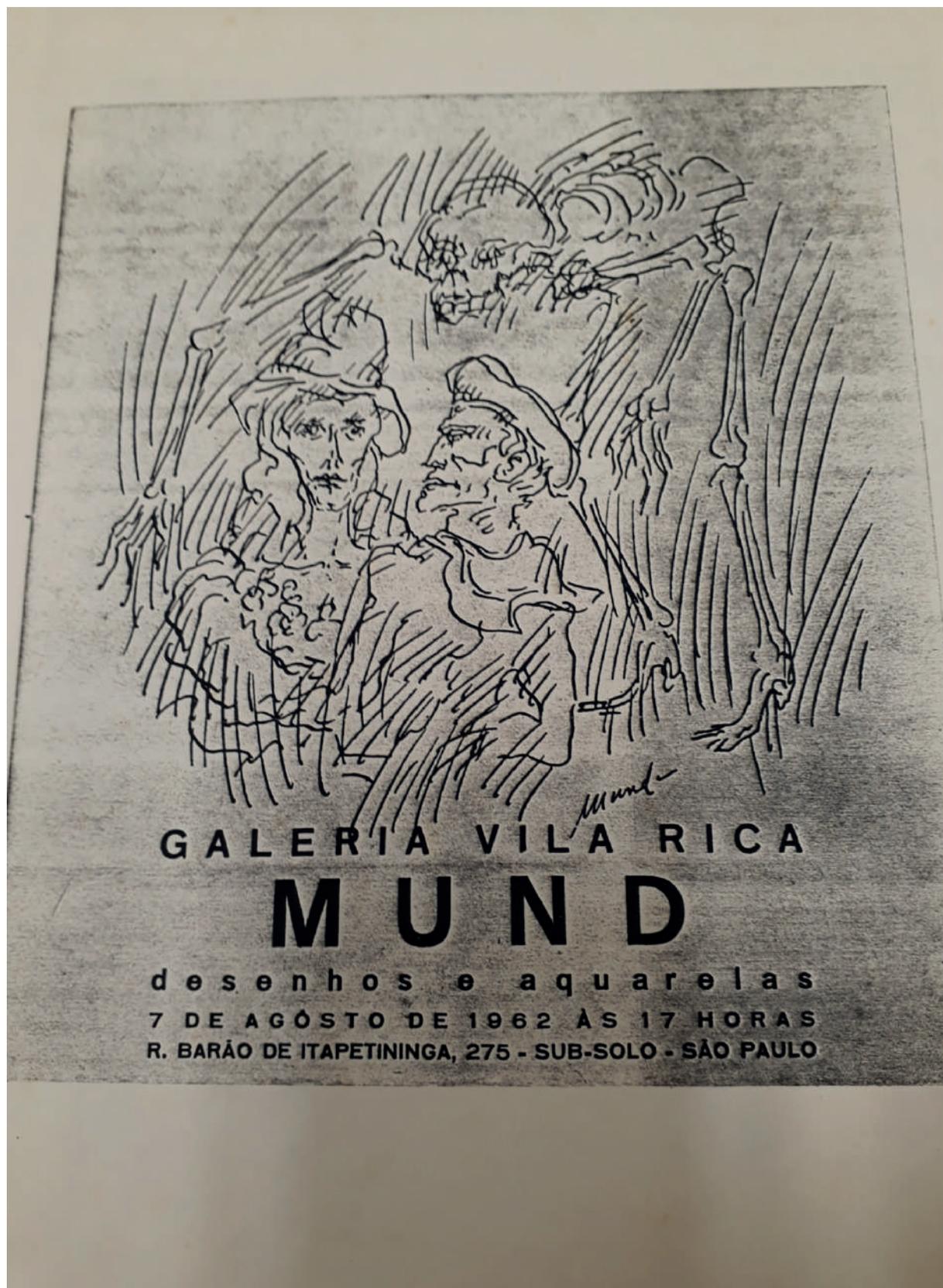


Fig. 103 - Convite da exposição Mund, desenhos e aquarelas, Galeria Vila Rica/SP, 1962. Fonte: Acervo Documental MASC pasta de Hugo Mund Júnior.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 104 - Registro de desenho. S/T, N/D. Fonte: Acervo Documental MASC pasta de Hugo Mund Júnior.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 - 1981



Rio, junho de 1961

Hugo Mund Jr.



Fig. 105 - Reprodução de desenhos. S/T. 1961. Fonte: Acervo Documental MASC pasta de Hugo Mund Júnior.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

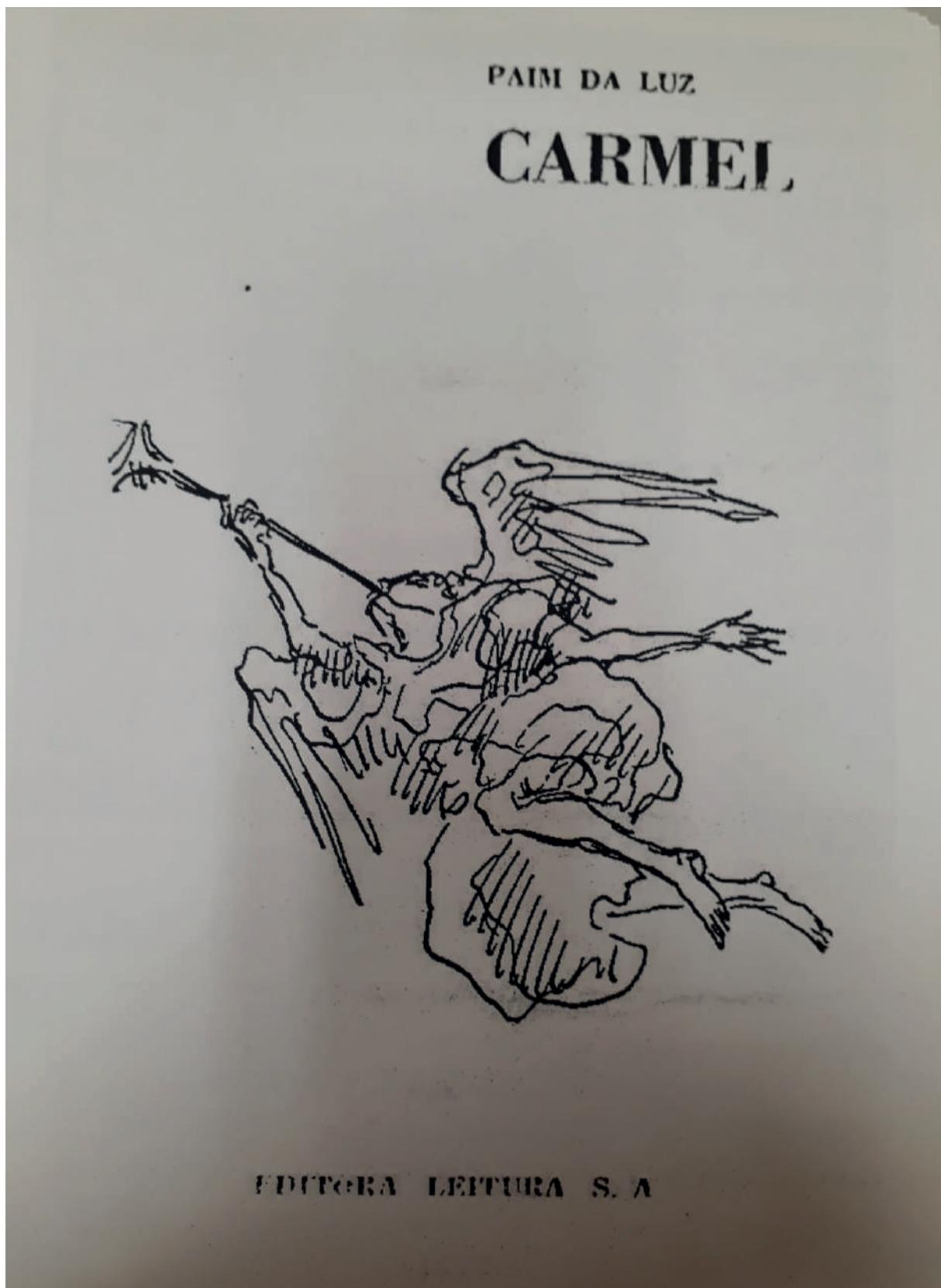


Fig. 106 - Registro de ilustração para livro Carmel de Paim da Luz. 1963. Data encontrada em site Estante Virtual, onde há um exemplar disponível a venda. Fonte: Acervo Documental MASC pasta de Hugo Mund Júnior.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 107 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. Cavador do infinito. 31 x 22,5 cm. 1981. Ass. c.i.e. Ilustração para livro Poesia Completa de Cruz e Sousa. Tombo n°647. Fonte: Acervo MASC.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

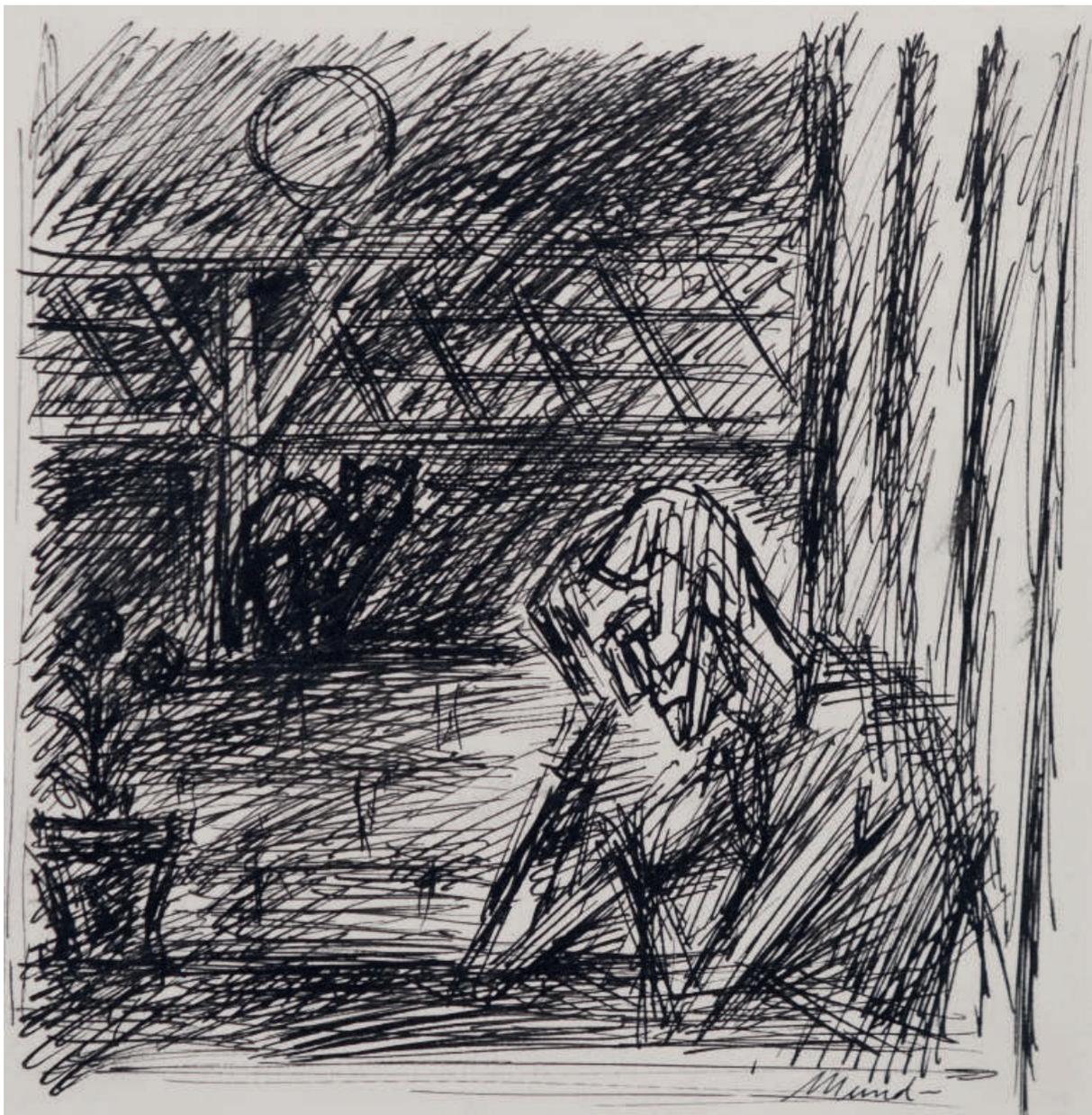


Fig. 108 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ T. 14,3 x 14 cm. 1961/62. Ass. c.i.d. Tombo nº1720. Fonte: Acervo MASC.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Figs. 109 e 110 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. A esquerda: 11,1 x 11,6 cm, ass. c.i.d. A direita: 17,5 x 10,4 cm. 1961/62. Ass. c.i.d. Tombo nº1724 e nº1723. Fonte: Acervo MASC.



ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Figs. 111 e 112 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. A esquerda: 13,4 x 9,2 cm, ass. c.i.d. A direita: 19,9 x 11, cm. 1961/62. Ass. c.i.d. Tombo nº1733 e nº1748. Fonte: Acervo MASC.



ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Figs. 113 e 114 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. A esquerda: 17,7 x 13,7 cm, ass. c.i.d. A direita: 18,5 x 12,1 cm. 1961/62. Ass. c.i.d. Tombo nº1725 e nº1765. Fonte: Acervo MASC.



ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 115 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. 18,8 x 13,5 cm. 1962. Ass. c.i.d. “plenilúnio” c.i.e. Tombo nº1731. Fonte: Acervo MASC.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 116 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. 15,3 x 10 cm. 1961/62. Ass. c.i.d. Tombo nº1732. Fonte: Acervo MASC.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 117 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. 12,8 x 15,2 cm. 1962. Ass. c.i.d. Tombo nº1734. Fonte: Acervo MASC.

#### ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Figs.118 e 119 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. A esquerda: 13,9 x 15,2 cm. A direita: 11,3 x 15,4 cm. 1961/62. Ass. c.i.d. Tombo nº1735 e nº1766. Fonte: Acervo MASC.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 - 1981



ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 120 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. 17,9 x 20,5 cm. 1962. Ass. c.i.d. Tombo nº1743. Foi reproduzido no Diário de SP em 12/08/1962 conforme acervo MNBA. Fonte: Acervo MASC.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Figs. 121 e 122 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. A esquerda: 16,5 x 13,6 cm. A direita: 14,2 x 9 cm. 1961/62. Ass. c.i.d. Tombo nº1746 e nº1749. Fonte: Acervo MASC.



ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 - 1981



Fig. 123 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. 20,1 x 17,9 cm. 1962. Ass. c.i.d. Tombo nº1750. Fonte: Acervo MASC.

#### ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Figs. 124 e 125 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. A esquerda: 10 x 15,9 cm. A direita: 11,1 x 15 cm. 1961/62. Ass. c.i.d. Tombo nº1751 e nº1756. Fonte: Acervo MASC.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 - 1981



ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Figs. 126 e 127 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. A esquerda: 20,5 x 13,6 cm. A direita: 15,9 x 12,5 cm. 1961/62. Ass. c.i.d. Tombo nº1752 e nº1753. Fonte: Acervo MASC.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 - 1981



ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Figs. 128 e 129 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. A esquerda: 14,2 x 9,3 cm. A direita: 18,3 x 12,2 cm. 1961/62. Ass. c.i.d. Tombo nº1754 e nº1755. Fonte: Acervo MASC.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 - 1981



#### ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Figs. 130 e 131 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. A esquerda: 17,5 x 18,8 cm. Foi reproduzido no Diário de SP em 12/08/1962 conforme acervo MNBA. A direita: 12,6 x 14 cm. 1961/62. Ass. c.i.d. Tombo nº1757 e nº1759. Fonte: Acervo MASC.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 - 1981



ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Figs. 132 e 133 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. A esquerda: 20 x 19,7 cm. A direita: 19,5 x 16,4 cm. 1961/62. Ass. c.i.d. Tombo nº1758 e nº1760. Fonte: Acervo MASC.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 - 1981



#### ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Figs. 134 e 135 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. A esquerda: 19,6 x 19,7 cm. A direita: Anjo da decomposição, 14 x 15 cm. 1961/62 e foi reproduzida no Diário de SP em 12/08/1962 conforme acervo MNBA. Ass. c.i.d. Tombo nº1764 e nº1745. Fonte: Acervo MASC.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 - 1981



#### ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Figs. 136 e 137 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. Reproduzida no Diário de SP em 12/08/1962 conforme acervo MNBA. A esquerda: 19,8 x 16,5 cm. A direita: 19,8 x 16,5 cm. 1961/62. Ass. c.i.d. Tombo nº1744 e nº1747. Fonte: Acervo MASC.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 - 1981



ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

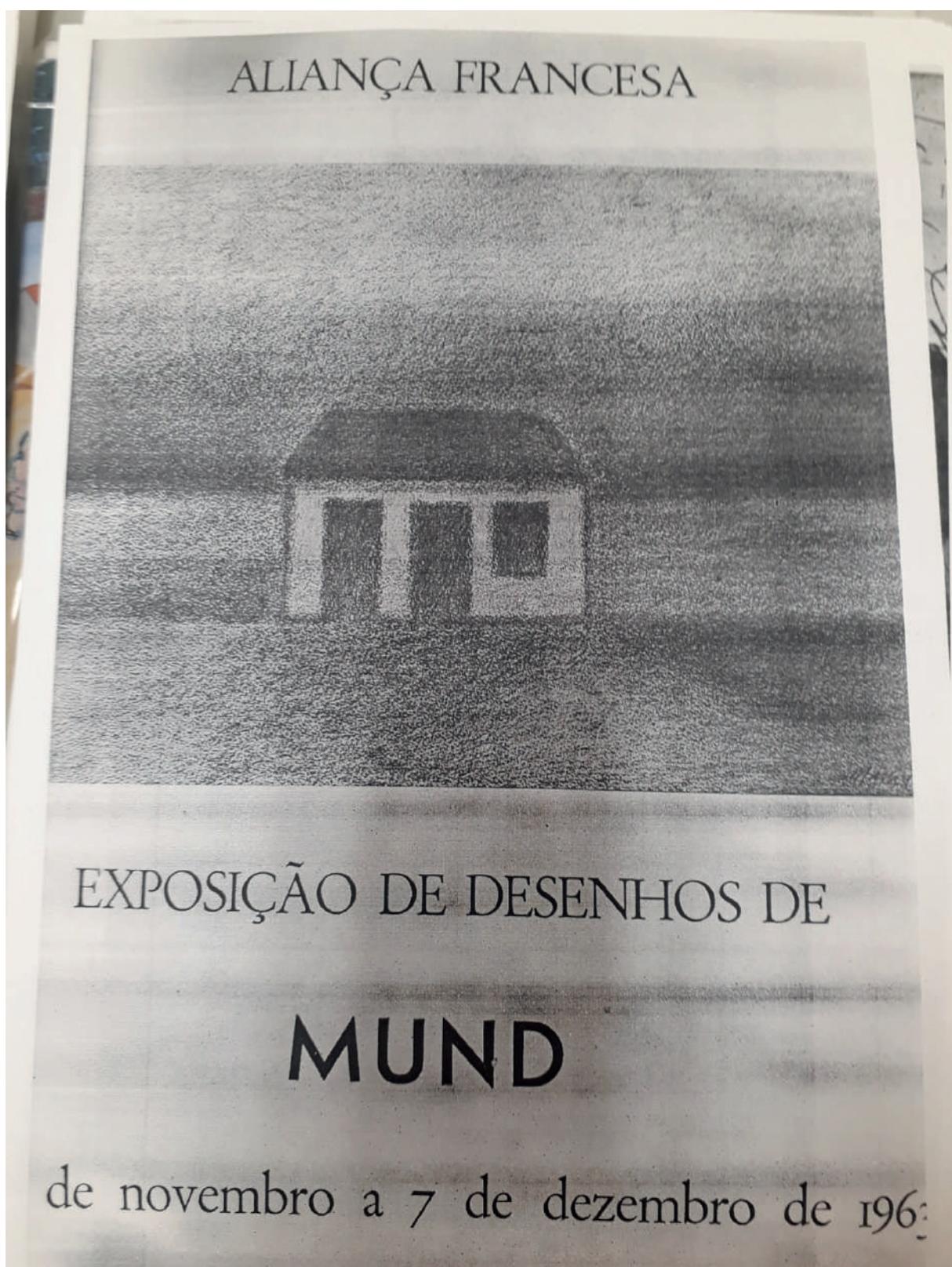


Fig. 138 - Convite da exposição Desenhos de Mund. Aliança Francesa de Brasília, 1963. Fonte: Acervo Documental MASC pasta de Hugo Mund Júnior.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

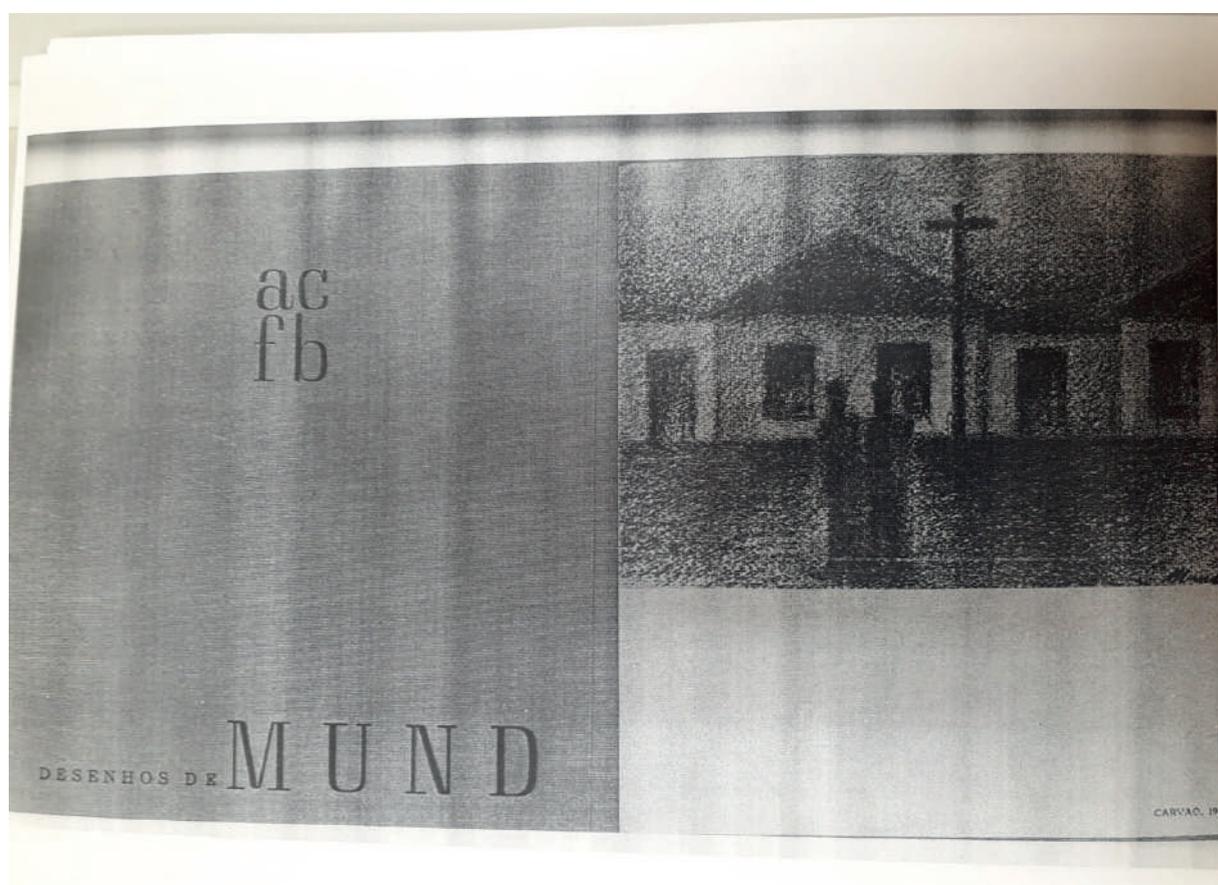


Fig. 139 - Convite da exposição Desenhos de Mund. Aliança Francesca de Brasília, 1963. Fonte: Acervo Documental MASC pasta de Hugo Mund Júnior.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Figs. 140 e 141 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. A esquerda: 16 x 10,8 cm. A direita: 8,3 x 10 cm, 1961/62. Ass. c.i.d. Tombo nº1763 e nº1718. Fonte: Acervo MASC.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 - 1981



ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 142 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. 16,6 x 20,5 cm, 1961/62. Ass. c.i.d. Tombo nº1719. Fonte: Acervo MASC.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 143 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. 13,7 x 12,8 cm, 1961. Ass. c.i.d. Tombo nº1738. Fonte: Acervo MASC.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 144 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. 15,3 x 17,4 cm, 1961/62. Ass. c.i.d. Tombo nº1741. Em cartaz na exposição Hipérboles de um Espaço-tempo, ago. a out., MASC, 2018. Fonte: Acervo MASC.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 145 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. 15 x 17 cm, 1961/62. Ass. c.i.d. Tombo nº1739. Fonte: Acervo MASC.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 146 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. 17,9 x 22 cm, 1961/62. Ass. c.s.d. Tombo nº1726. Fonte: Acervo MASC.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 147 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. 14,5 x 19,8 cm, 1961/62. Ass. c.i.d. Tombo nº1737. Fonte: Acervo MASC.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 148 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. 11,4 x 17,4 cm, 1961/62. Ass. c.i.d. Tombo nº1761. Fonte: Acervo MASC.

#### ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig.149 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. 15,4 x 19,8 cm, 1961/62. Ass. c.i.d. Tombo nº1727. Reproduzido no convite de exposição Momentos do Acervo do MASC em 8/8/2008. Documenta o núcleo inicial de 1949/1951 e doações e aquisições de 2005/2008, com destaque para Hugo Mund Júnior Desenhos. Fonte: Acervo MASC.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 150 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. 16,5 x 18,4 cm, 1961/62. Ass. c.i.d. Tombo nº1722. Fonte: Acervo MASC.

#### ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Figs. 151 e 152 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. A esquerda: 19,7 x 22,2 cm. A direita: 17,3 x 20,9 cm. 1961/62. Ass. c.i.d. Tombo nº1729 e nº1730. Fonte: Acervo MASC.



ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 153 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. 13,2 x 10,6 cm, 1962. Ass. c.i.d. Tombo nº1728. Fonte: Acervo MASC.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Figs. 154 e 155 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. A esquerda: 22,8 x 15,8 cm. A direita: 16,8 x 11,2 cm. 1961/62. Ass. c.i.d. Tombo nº1736 e nº1742. Fonte: Acervo MASC.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 - 1981



ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Figs. 156 e 157 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. A esquerda: 17,4 x 14,4 cm, ass. c.i.d. A direita: Última discussão, 11,6 x 11,1 cm. 1961/62. Ass. c.s.e. Tombo nº1762 e nº1740. Fonte: Acervo MASC.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 - 1981



ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 158 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/ título. 10,3 x 13,5 cm. 1961. Ass. c.i.e. Tombo nº1721. Fonte: Acervo MASC.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

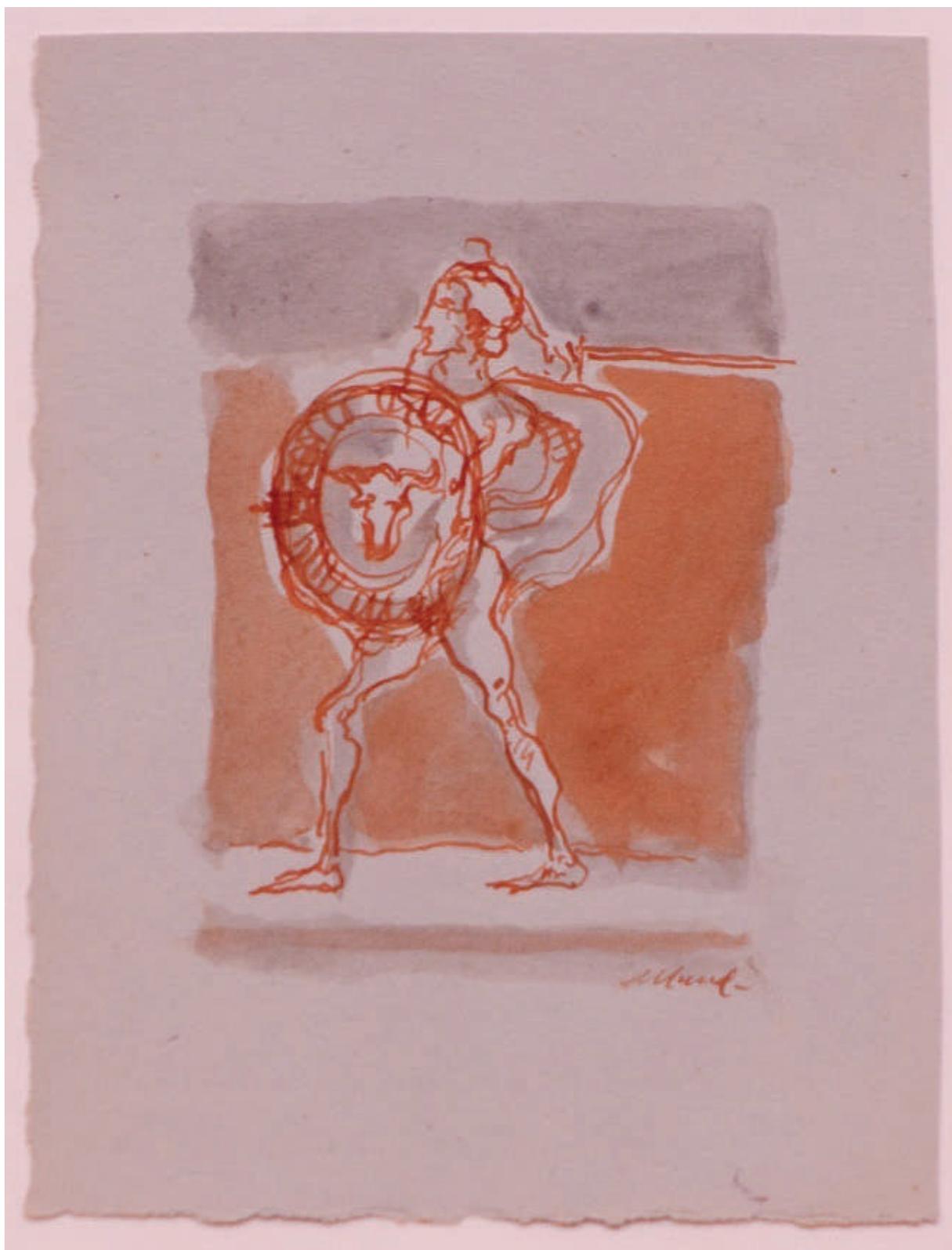


Fig. 159 - Mund Júnior, Hugo. Nanquim s/papel. S/T. 19,8 x 15 cm. 1961/62. Ass. c.i.d. Tombo nº1717. Fonte: Acervo MASC.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981

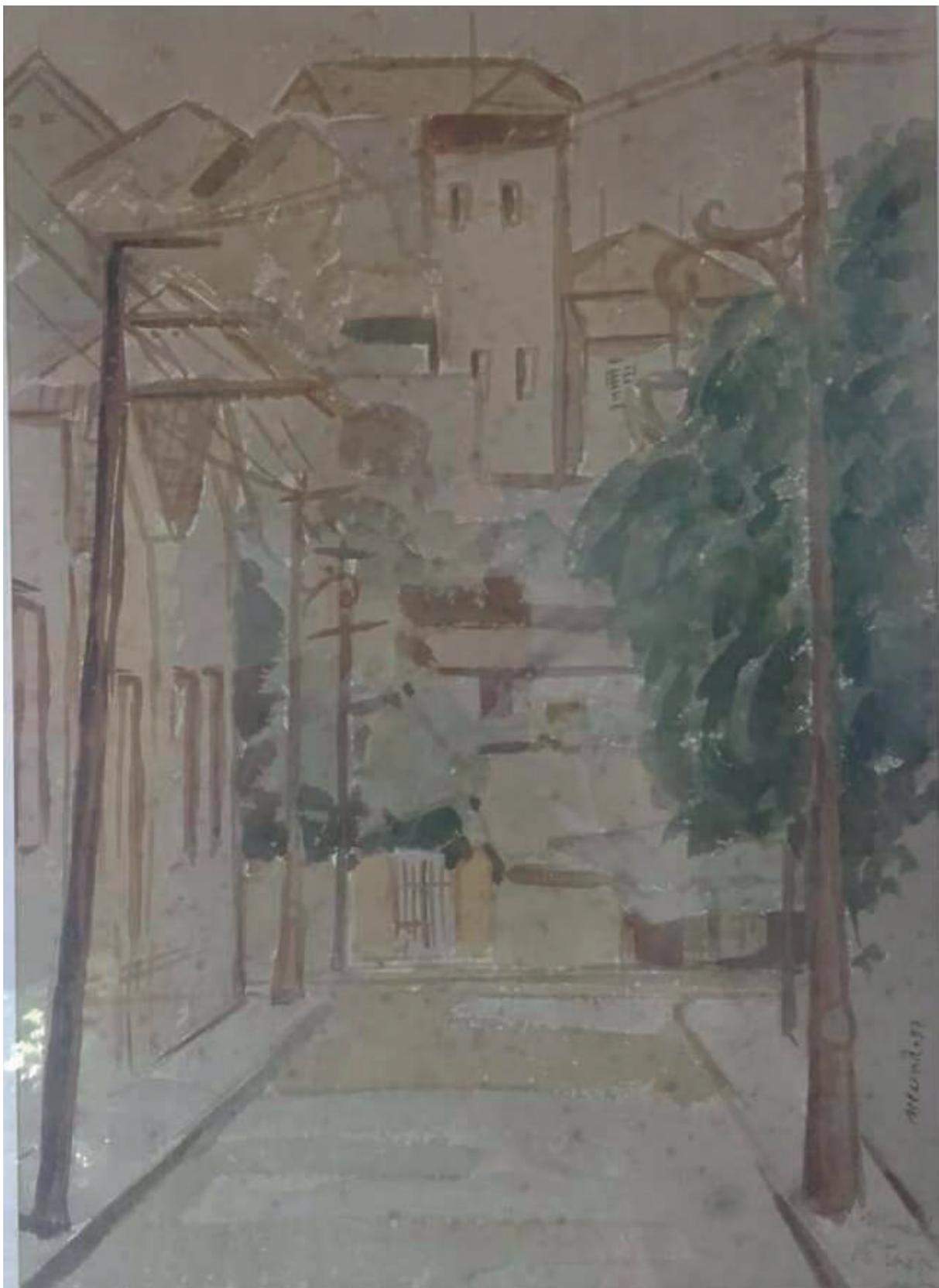


Fig. 160 - Mund Júnior, Hugo. Pintura. S/T. 1957. Ass. c.i.d. Fonte: Coleção particular de Hamilton Alves. Foto: Virginia Alves.

ANEXO 4 - ILUSTRAÇÕES 1952 – 1981



Fig. 161 - Mund Júnior, Hugo. Pintura. S/T. Ass. c.i.d. 24/12/1964. Fonte: Coleção particular de Hamilton Alves.  
Foto: Virginia Alves.

## **ANEXO 5 - PLANO DE DISCIPLINA DESENHO DE OBSERVAÇÃO**



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
Instituto Central de Artes  
Serviço de Coleções Especiais  
Seção de Publicações Regionais

Universidade de Brasília  
Instituto Central de Artes

DESENHO DE OBSERVAÇÃO

Hugo Mund Junior  
Departamento de Expressão e Representação

\*\*\*  
OAE  
UnB  
741.02  
M965d



**Universidade de Brasília  
Instituto Central de Artes**

**DESENHO DE OBSERVAÇÃO**

**Hugo Mund Junior  
Departamento de Expressão e Representação**



**Desenho de Observação não só funciona como meio de comunicação mas, sobretudo, como meio de conhecimento — apreensão de estruturas.**



## **DESENHO DE OBSERVAÇÃO**

**Curso básico de desenho do  
Instituto Central de Artes**

- 1. Orientação**
- 2. Programa**
- 3. Prática**



#### **1. Orientação**

**A orientação geral do curso é dada prevendo as diversas carreiras que o estudante pretende seguir, dentro ou fora do Instituto Central de Artes.**

**Procura-se, antes de tudo, transmitir aquelas noções básicas indispensáveis a qualquer representação visual.**

**Assim organizou-se uma didática que tivesse um elo comum entre as especialidades profissionais, tanto às de ordem artística quanto às de ordem científica.**



É importante notar que o Desenho de Observação deve anteceder a outros tipos de desenho (Desenho Técnico, Geometria Descritiva, etc.), dado que lida com a forma objetiva, palpável, possibilitando ao aluno suprir lacunas quanto à compreensão concreta das coisas junto ao desenvolvimento da habilidade manual.

É necessário contar com a pouca ou deficiente informação sobre desenho quando o aluno ingressa na Universidade. Diante disso nada resolvem os testes seletivos. Esse grau heterogêneo, de desinformação, no entanto, alerta para que se conduza todo o ensino em termos individuais, orientando caso por caso, no intuito de preservar a personalidade original de cada um.



No que se refere ao Desenho de Observação como disciplina de Integração, procura-se orientar a aula dentro do interesse das diversas profissões ( Geologia, p. ex.) organizando-se a didática em comum acôrdo com o Instituto, Faculdade ou Departamento específico.

As menções são baseadas no desenvolvimento particular de cada aluno, comparando seus trabalhos, tendo em vista um rendimento positivo dentro do estágio de conhecimentos em que se encontra.



## 2. Programa

do I elementos geométricos simples  
vegetais folhas galhos  
garrafas pedras  
conjunto de objetos

do II elementos industrializados	encaixes
jardim cristais	
conjunto de objetos	profundidade
elementos mecânicos	
peças de máquinas	
paisagem figura	informação



do III elementos humanos  
figura humana isolada  
máquinas  
paisagem

movimento

do IV figura humana arquitetura  
paisagem (urbana)  
animais  
desenho de memória

profundidade  
movimento

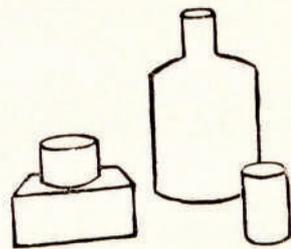


### **3. Prática**

#### **Representação de estruturas**



seja através das linhas



ou dos valores



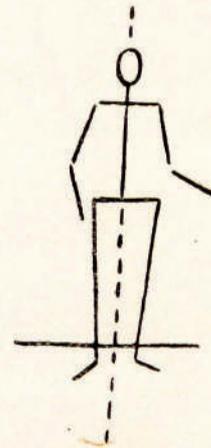


observando

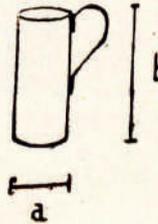
forma



equilíbrio

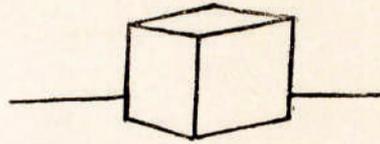


e proporção





Intercalando a construção geométrica



com a orgânica





**ANEXO 6 - POEMAS VISUAIS. 1968 – 1988**

**ANEXO 6 - POEMAS VISUAIS. 1968 – 1988**

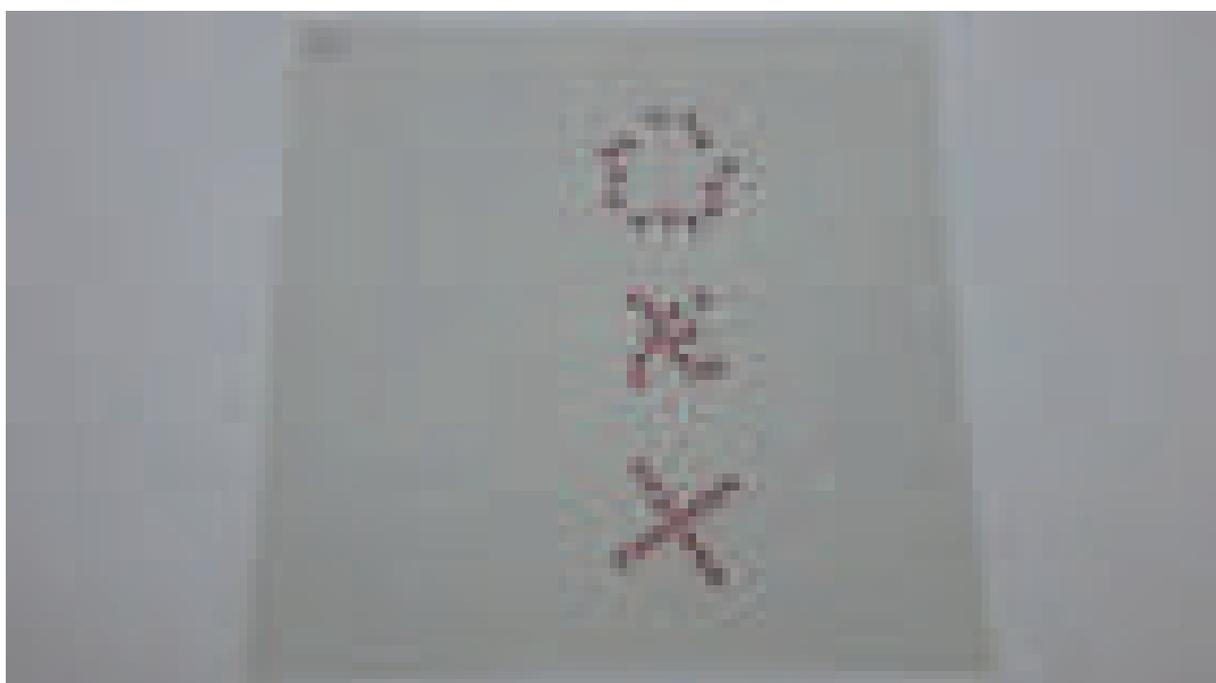


Fig. 172 - Mund Júnior, Hugo. Serigrafia s/ papel. S/T. N/D. Fonte: Acervo MUN.

**ANEXO 6 - POEMAS VISUAIS. 1968 – 1988**

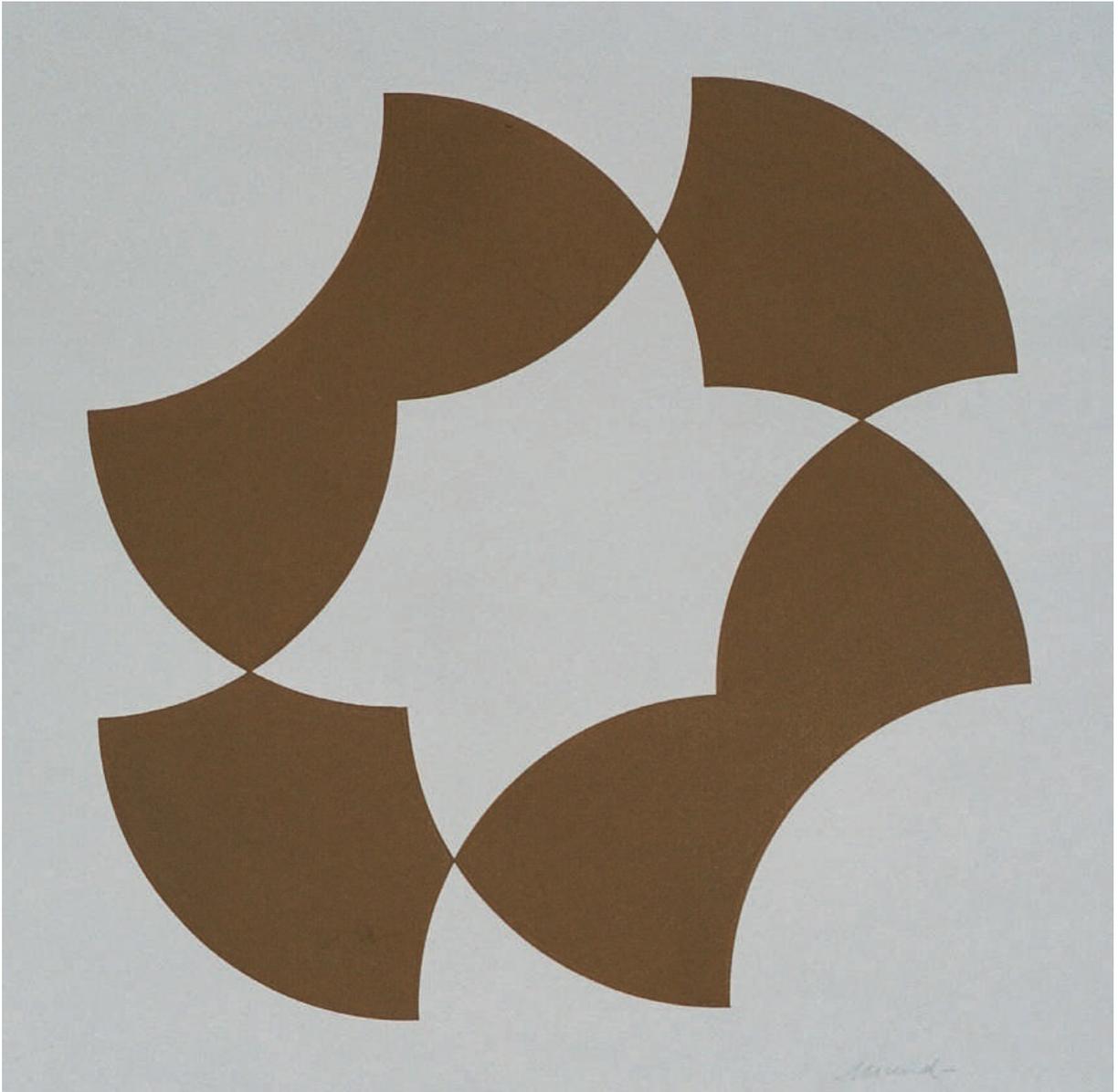


Fig. 173 - Mund Júnior, Hugo. Guache s/papel. *Composição*. 44 x 44 cm. 1981. Ass. c.i.d. Tombo nº554. Fonte: Acervo MASC.

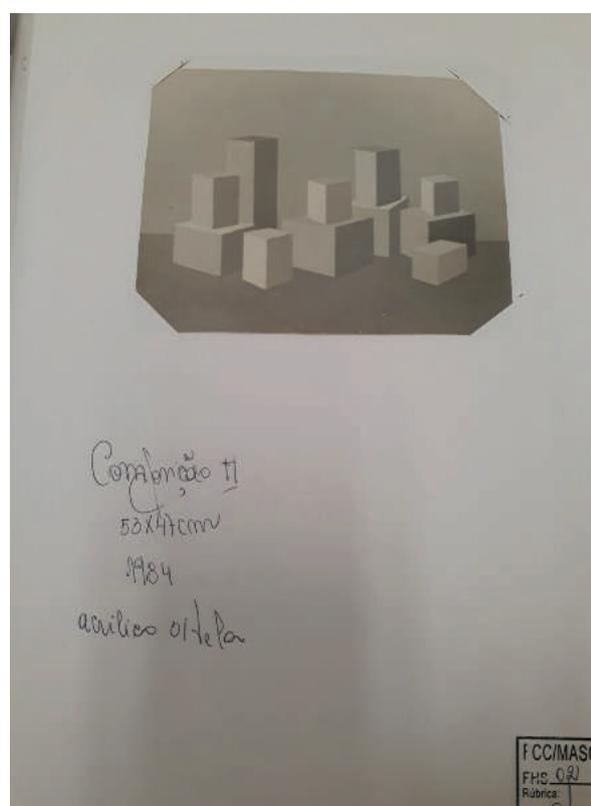
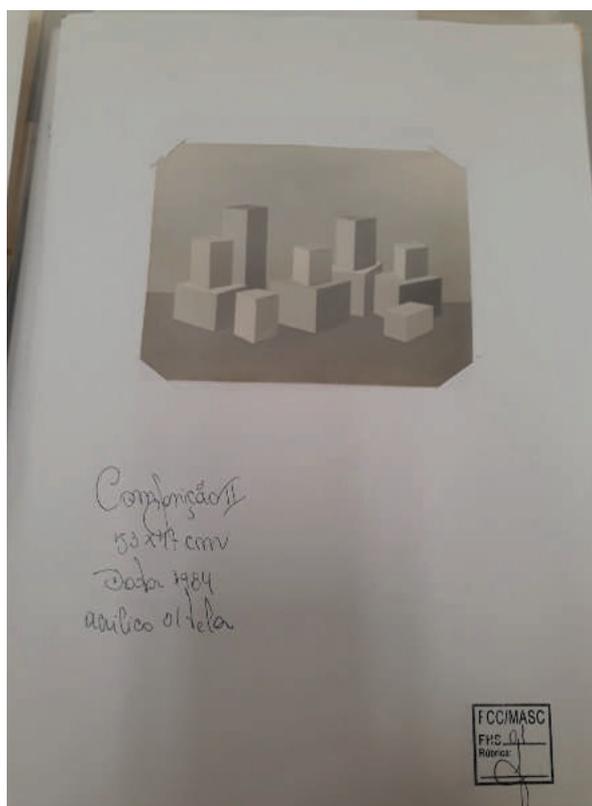


**ANEXO 6 - POEMAS VISUAIS. 1968 – 1988**

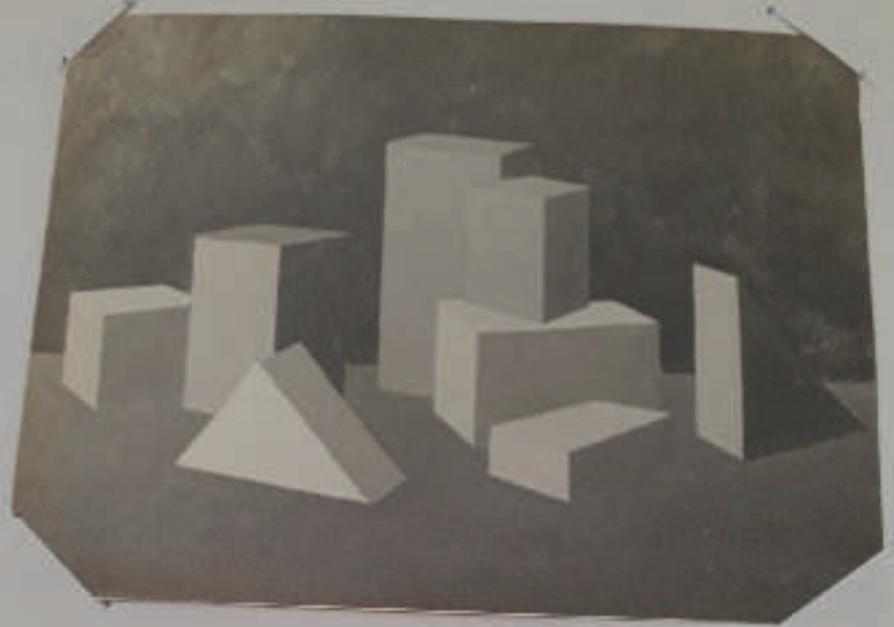


Fig. 174 - Mund Júnior, Hugo. Pintura acrílica s/tela. S/T. 30 x 75 cm, 1984. Fonte: Museu de Arte de Brasília (MAB) Acervo localizado no Museu Nacional de Brasília (MUN).

ANEXO 6 - POEMAS VISUAIS. 1968 – 1988

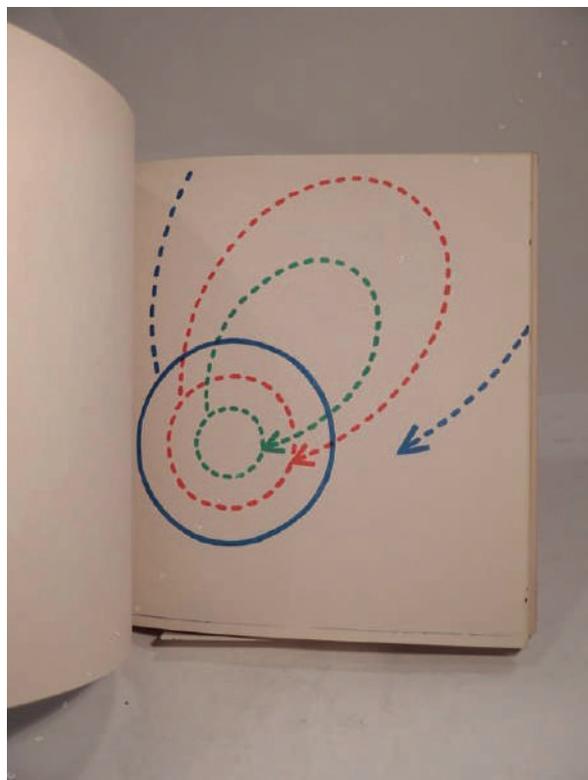
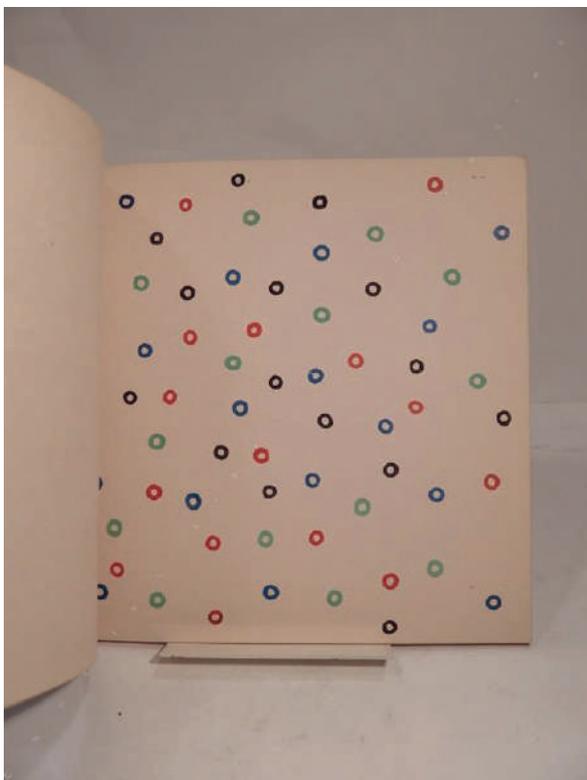


Figs. 175 a 177 - Registro de pinturas em acrílico s/tela. 1984. Fonte: Acervo Documental MASC pasta de Hugo Mund Júnior.



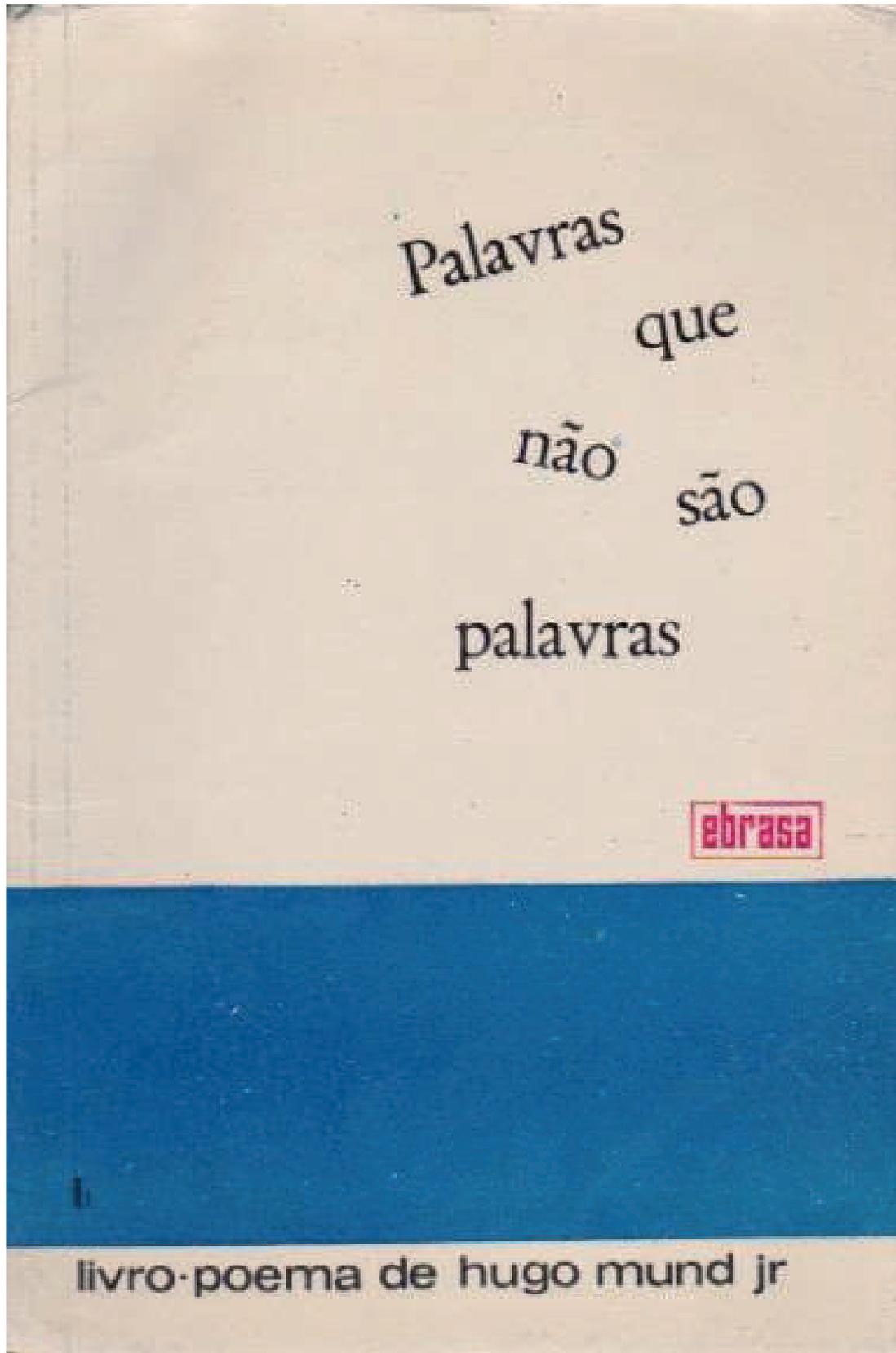
Composição I  
53 x 47 cm  
1984  
acrílico sobre tela

ANEXO 6 - POEMAS VISUAIS. 1968 – 1988



Figs. 178 a 181 – Mund Júnior, Hugo. Capa e páginas de livro *Gráficos*, 1968. Edição do autor. Fonte: Biblioteca Central UNB. Imagens de site Abebooks. <[https://www.abebooks.com/servlet/BookDetailsPL?bi=22620827223&searchurl=sortby%3D17%26an%3Dmund%2Bhugo&cm\\_sp=snippet-\\_-srp1-\\_-title3](https://www.abebooks.com/servlet/BookDetailsPL?bi=22620827223&searchurl=sortby%3D17%26an%3Dmund%2Bhugo&cm_sp=snippet-_-srp1-_-title3)>

ANEXO 6 - POEMAS VISUAIS. 1968 – 1988



Figs.182 a 189– Mund Júnior, Hugo. Capa de livro *Palavras que não são palavras*, 1969. Editora Ebrasa. Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin-USP. Foto do autor.

aqui

visão

tato

cheir

visão

audição

gosto

# A PEDRA

segure

o pêso  
a superfície

# A PEDRA

jogue no  
chão

eco de TERRA

# A PEDRA

o vento

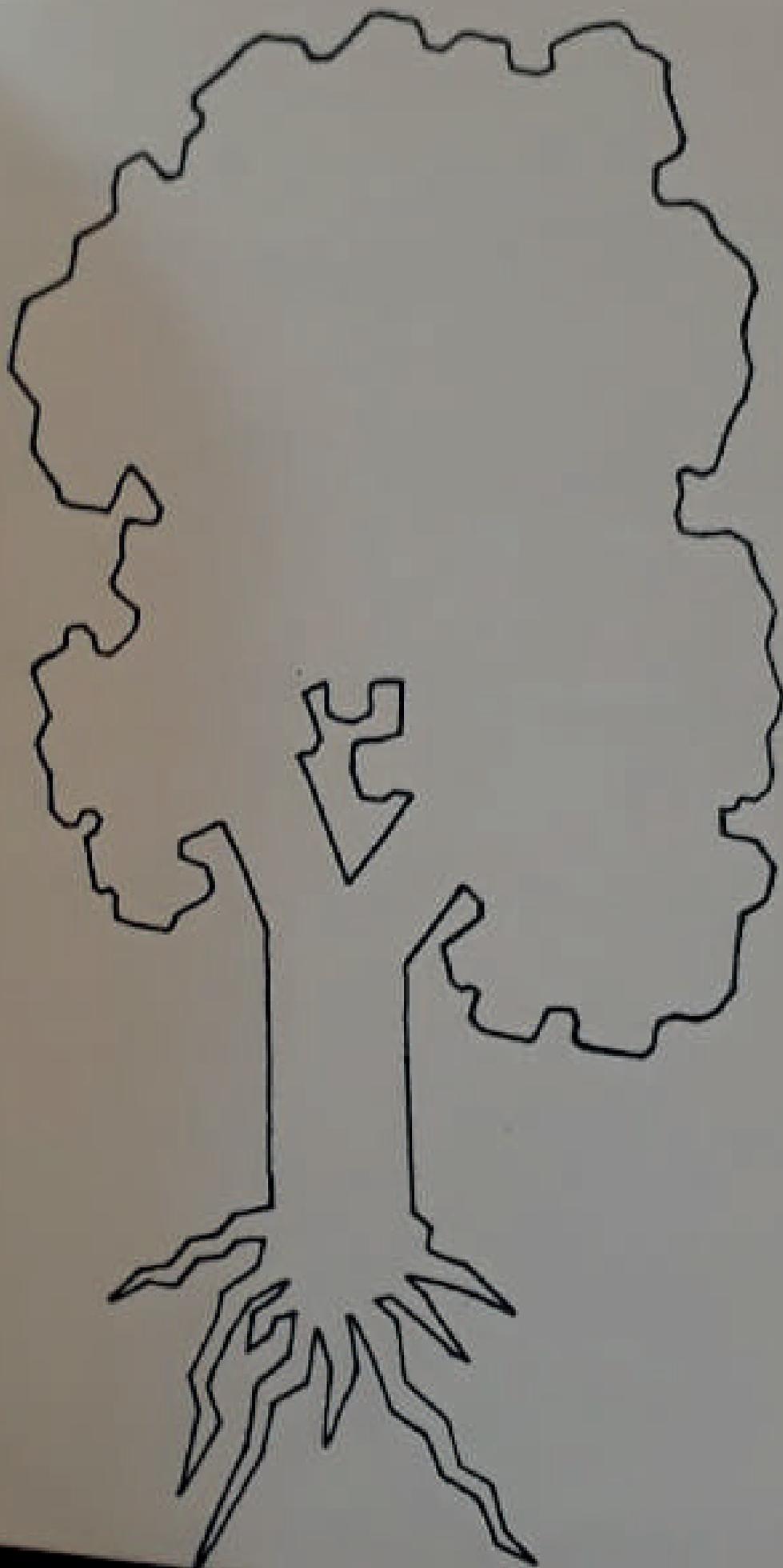
Handwritten wavy line

Handwritten wavy line

Handwritten wavy line

Handwritten wavy line





move a  
árvore

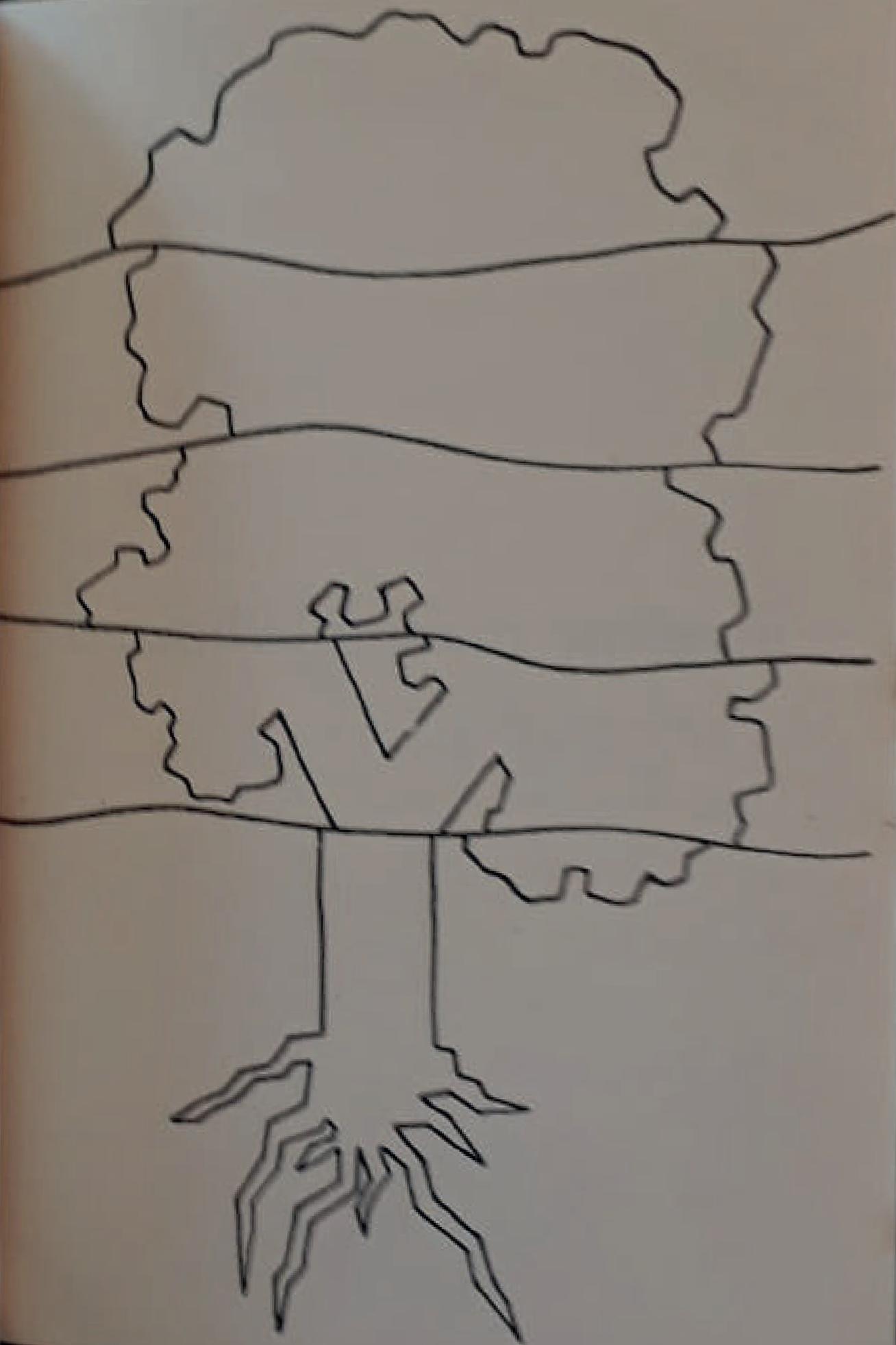


imagem mais movimento

é diferente

de imagem

ANEXO 6 - POEMAS VISUAIS. 1968 – 1988

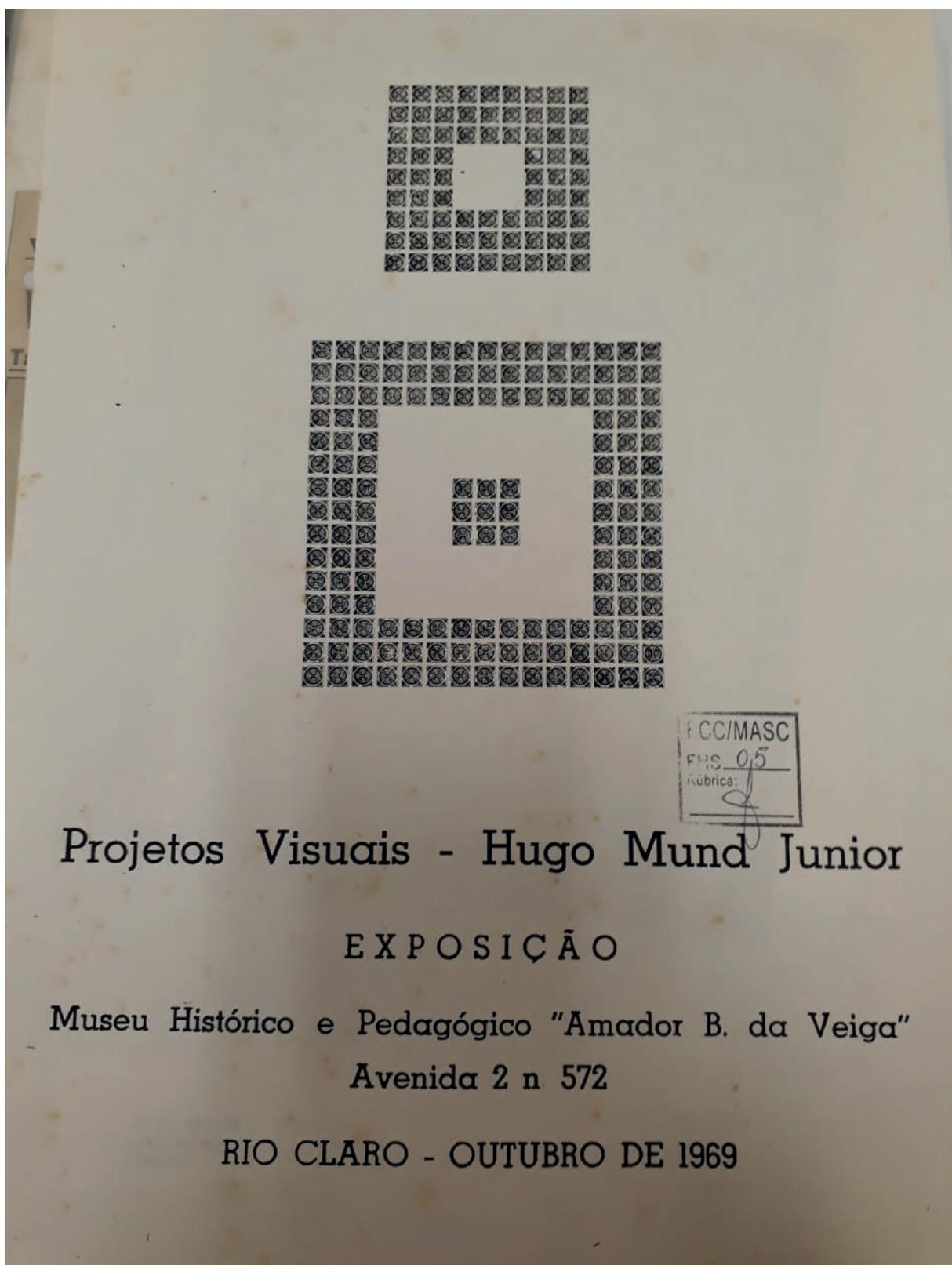


Fig. 190 - Convite de exposição *Projetos Visuais – Hugo Mund Júnior*, 1969. Fonte: Acervo Documental MASC pasta de Hugo Mund Júnior.

## ANEXO 6 - POEMAS VISUAIS. 1968 – 1988

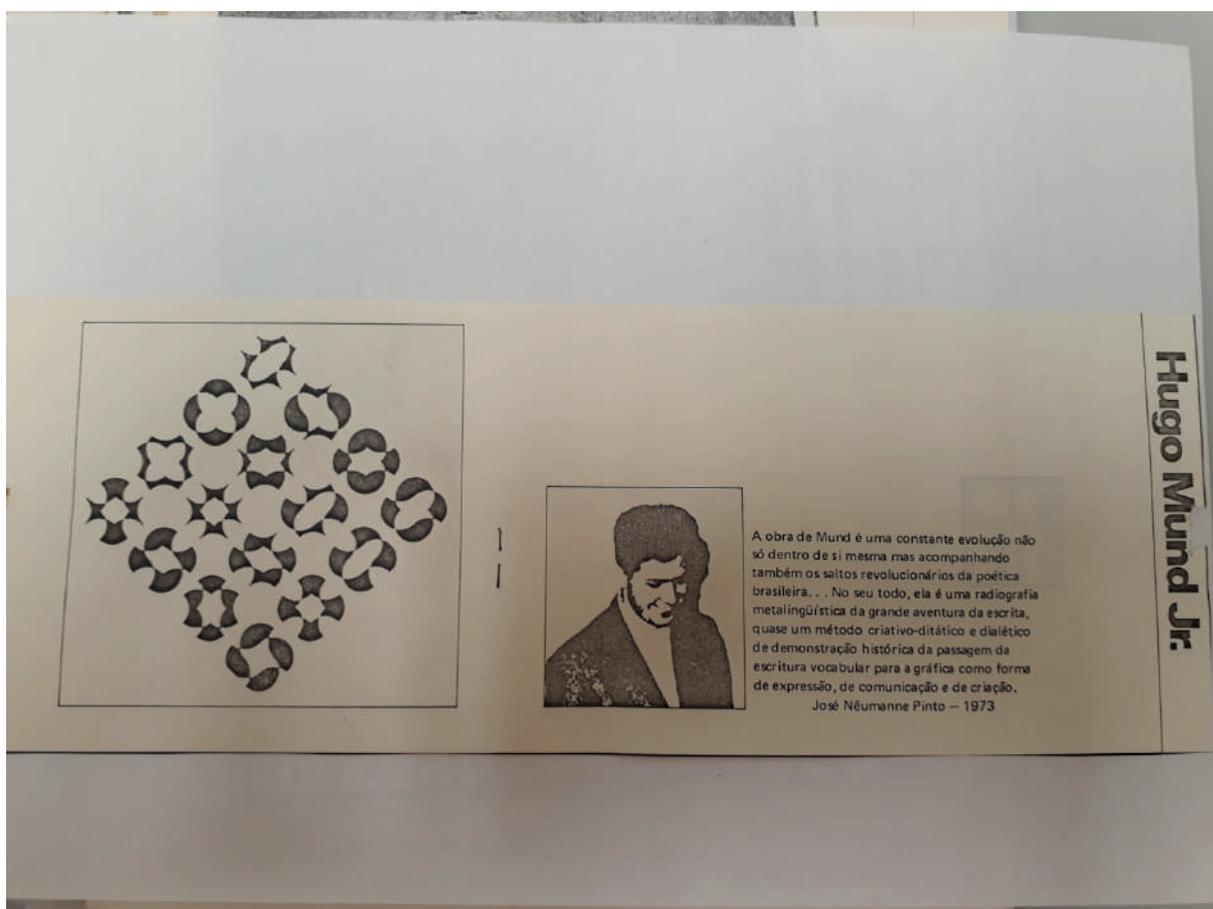
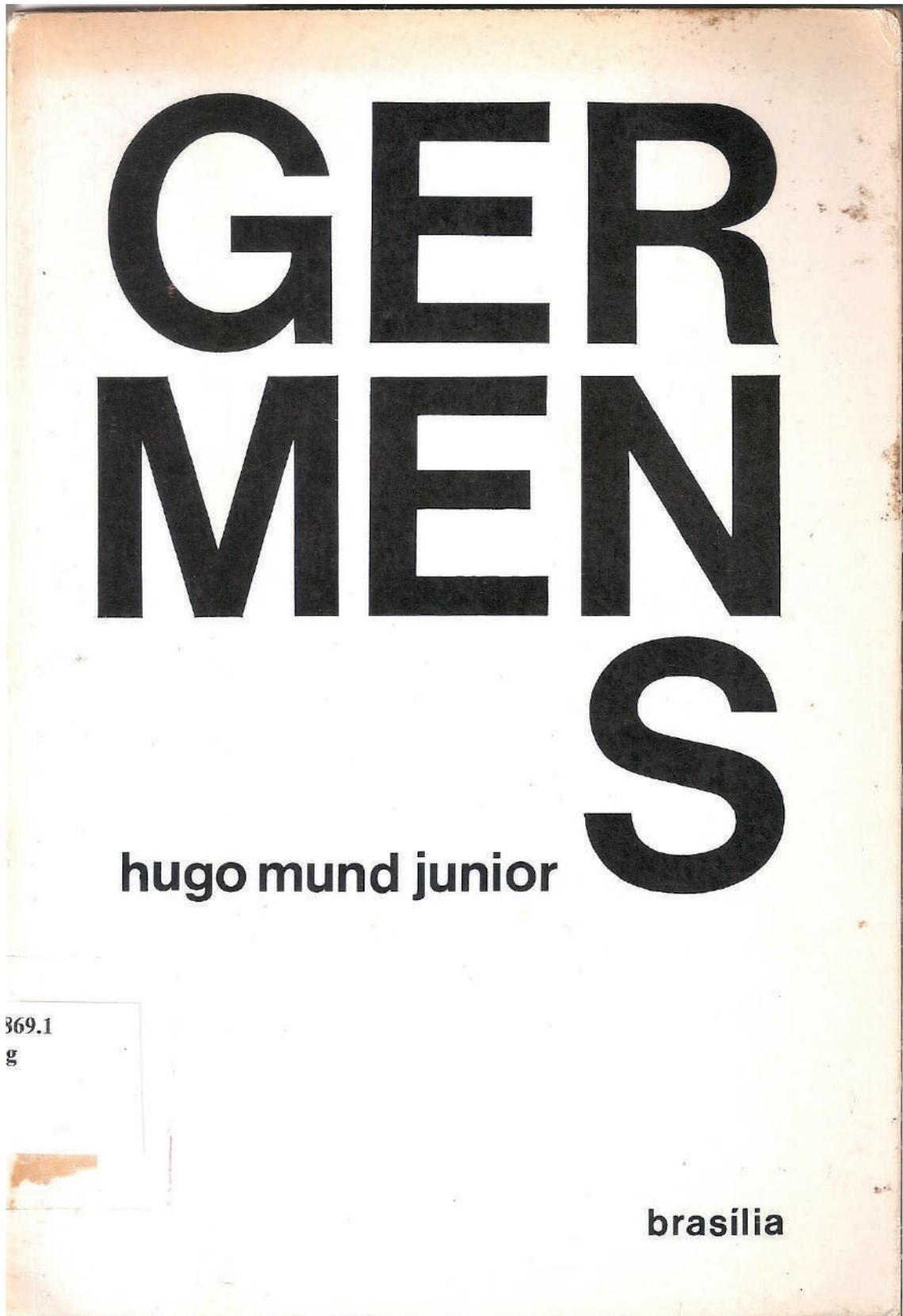


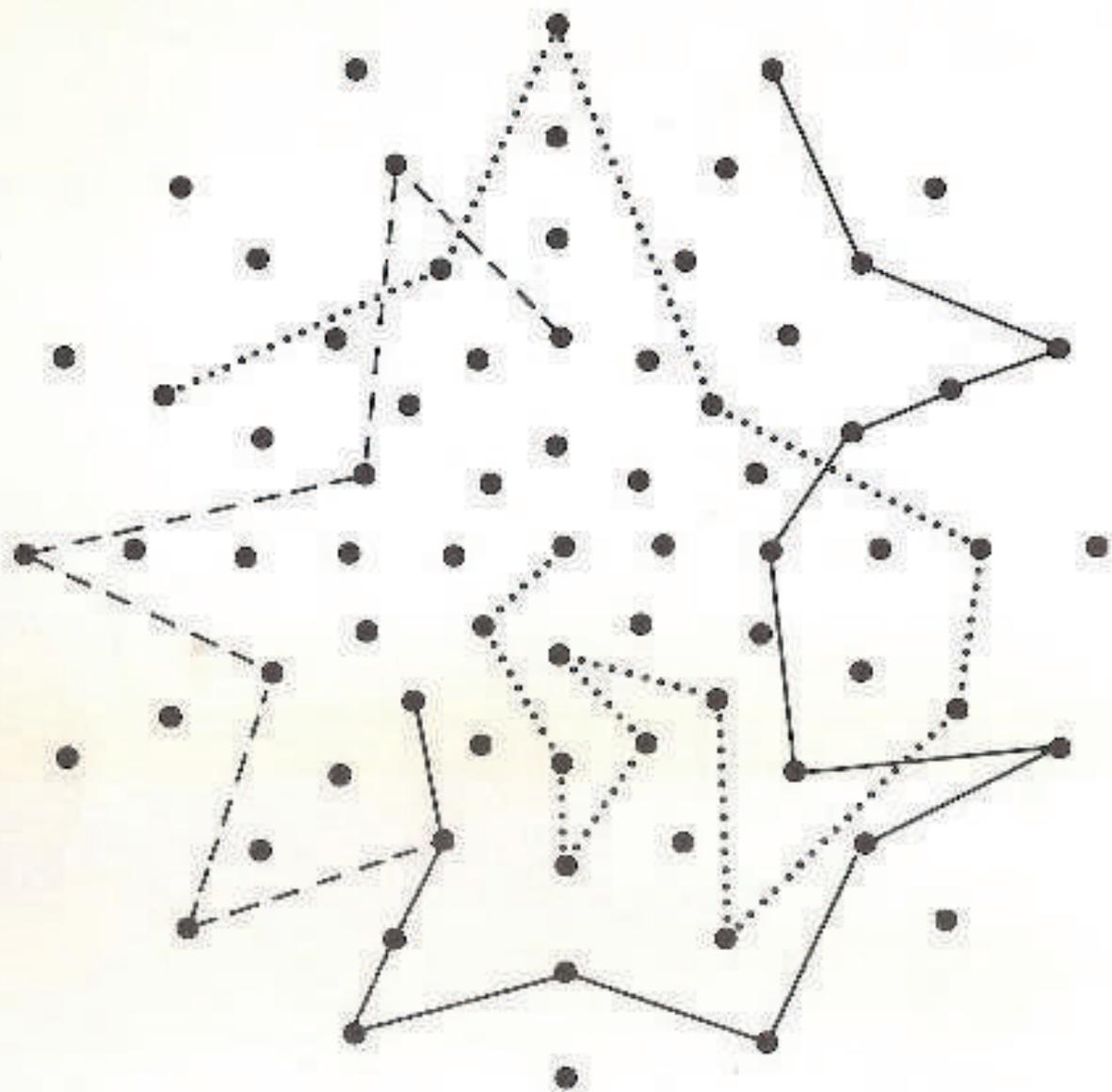
Fig. 191 – Mund Júnior, Hugo. Diagrama desconhecido, um retrato e nota de José Nêumanne Pinto, 1973. Fonte: Acervo Documental MASC pasta de Hugo Mund Júnior.



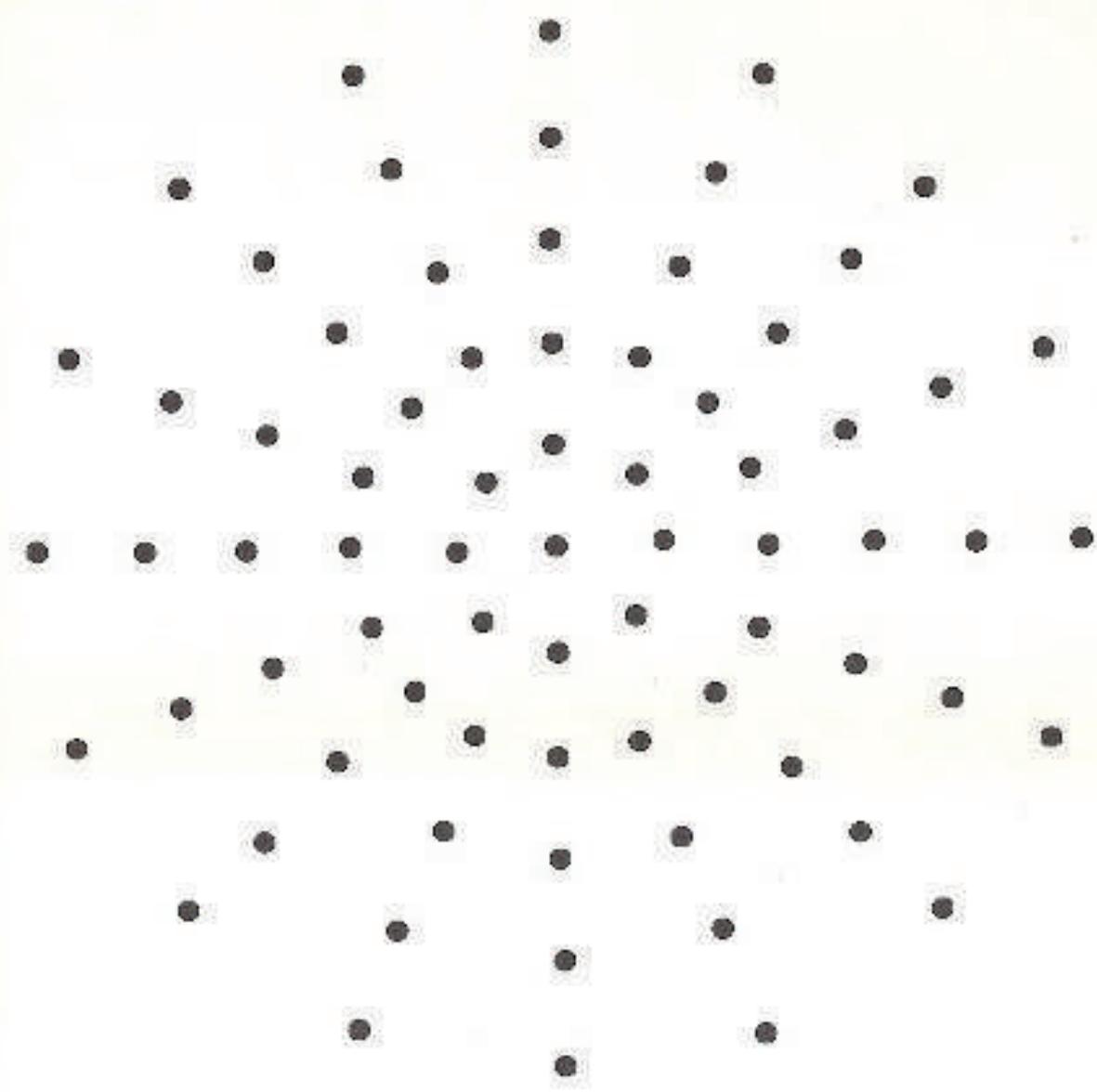
ANEXO 6 - POEMAS VISUAIS. 1968 – 1988



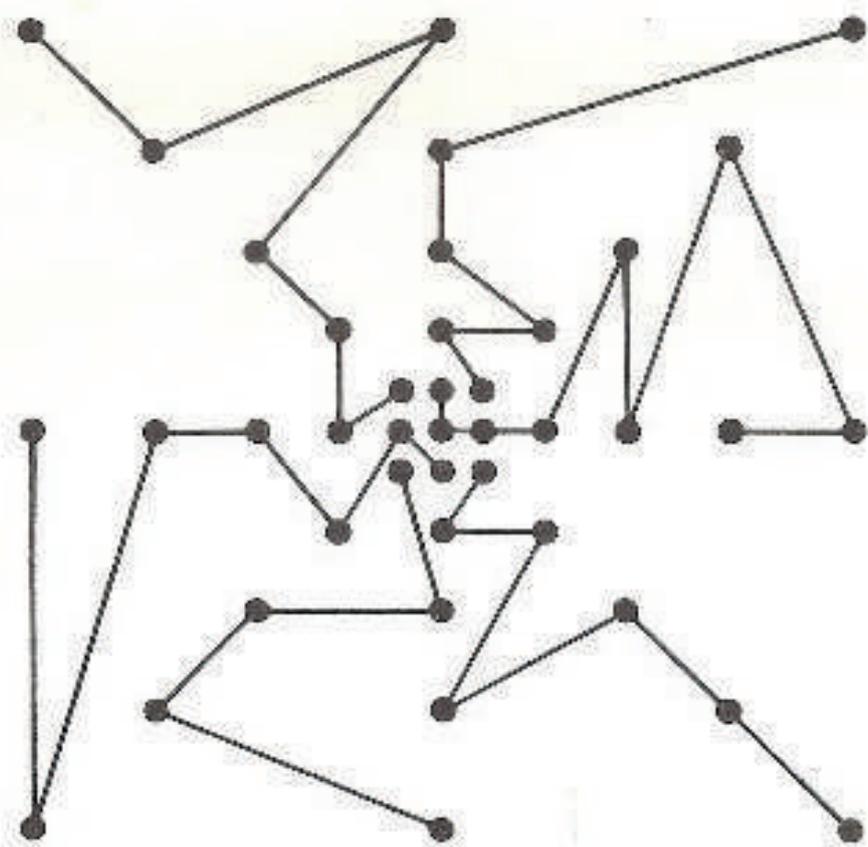
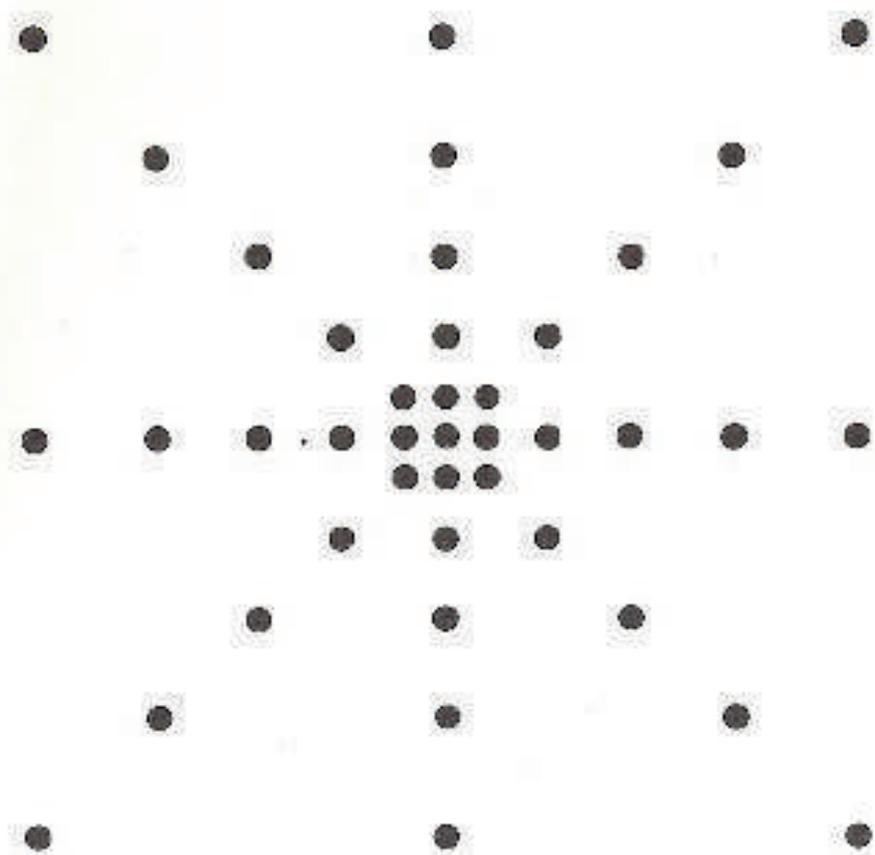
Figs. 192 a 216 – Mund Júnior, Hugo. Capa do livro *Germens*. 1967-1977. Edição de autor. Impressão Gráfica Brasil Central/DF. Fonte: Biblioteca Central UDESC. Doação do autor em 15/05/1991.



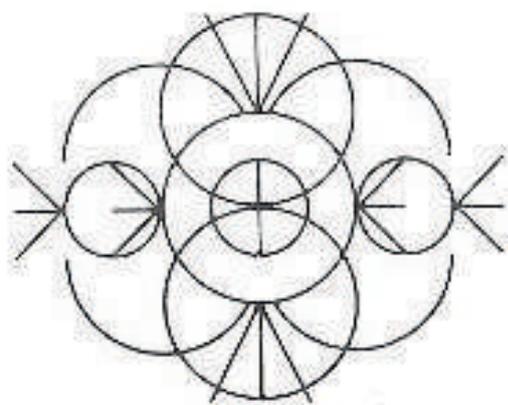
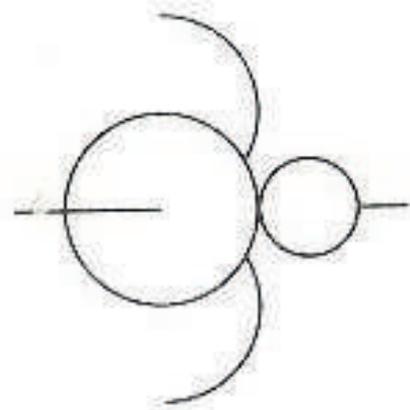
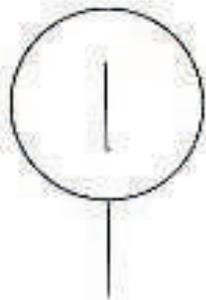
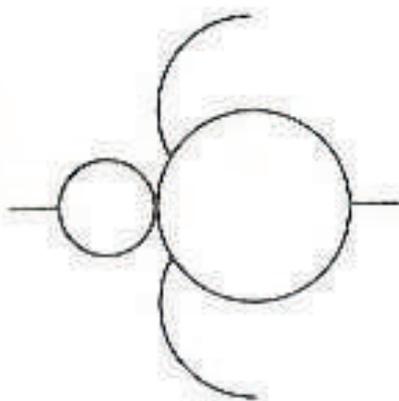
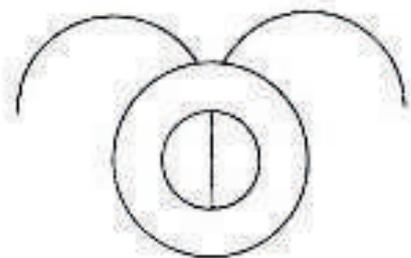
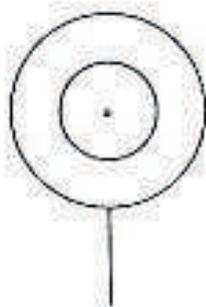
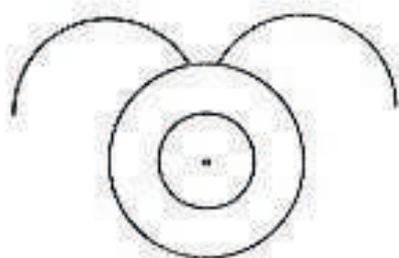
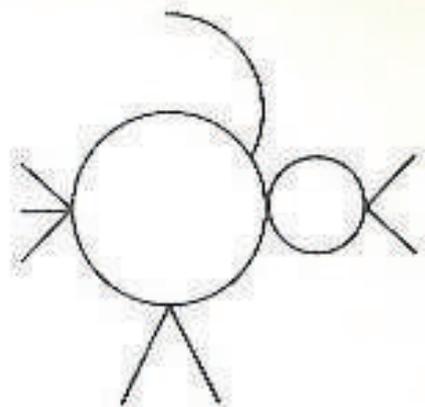
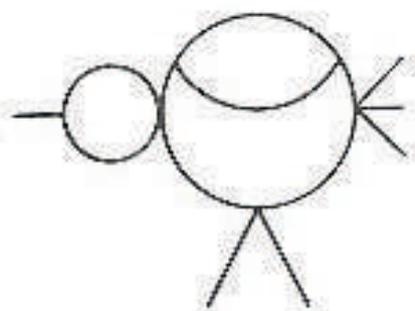
rotas



determine sua rota

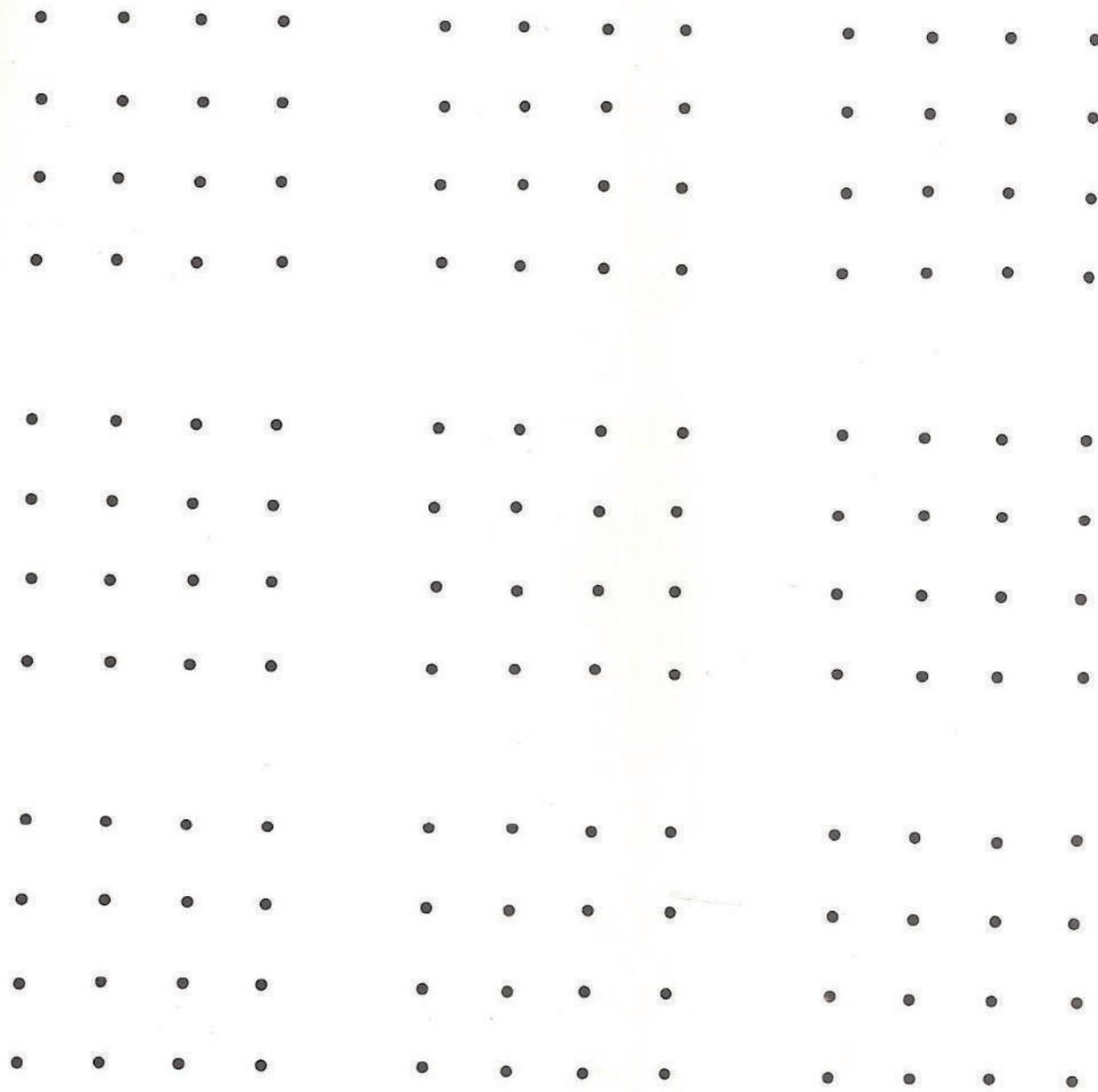


constelação

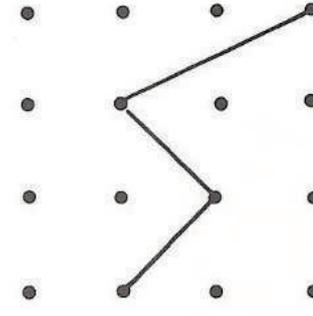
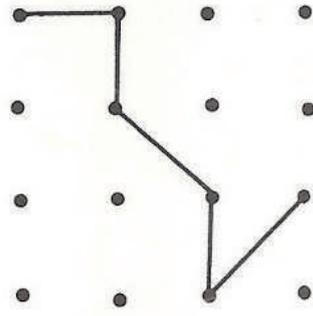
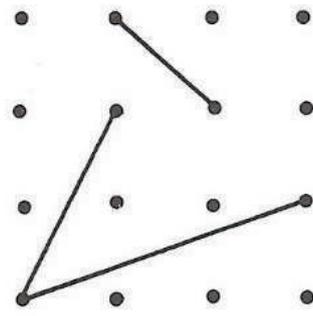
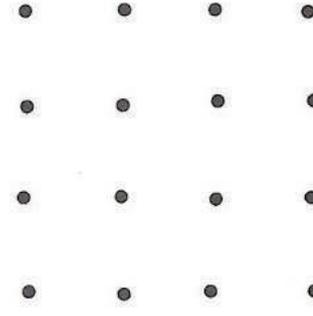
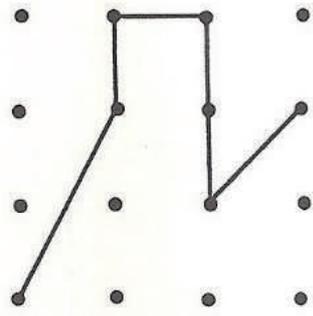
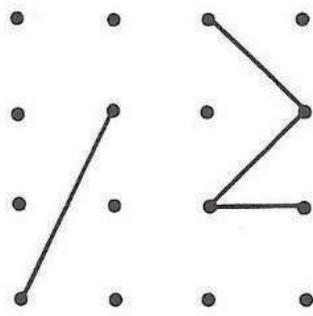
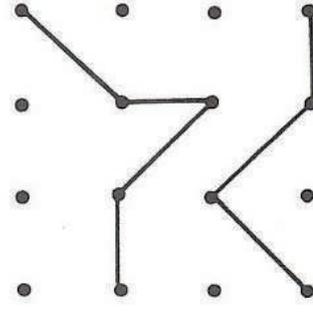
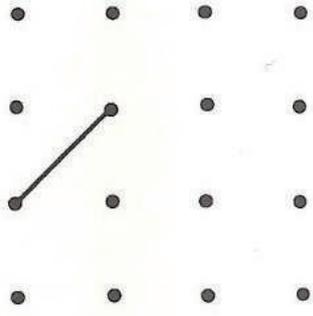
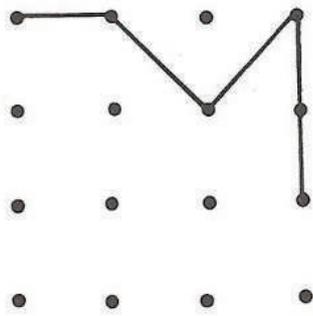


pássaro mecânico



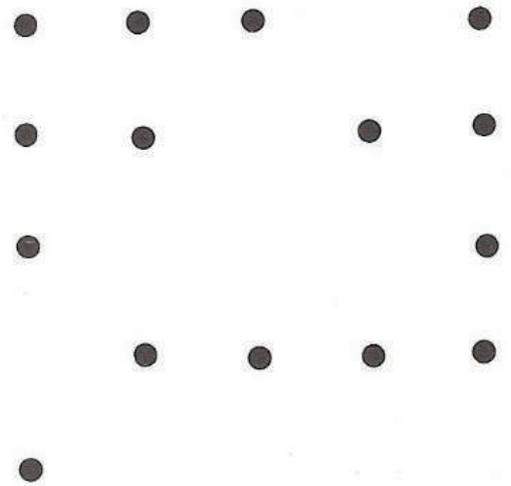
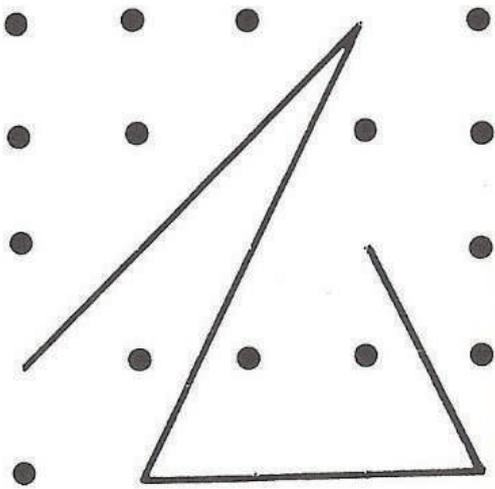


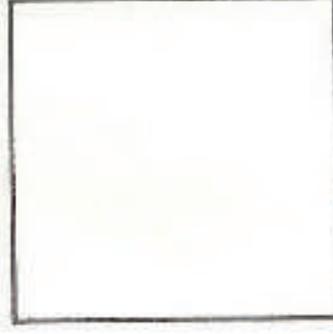
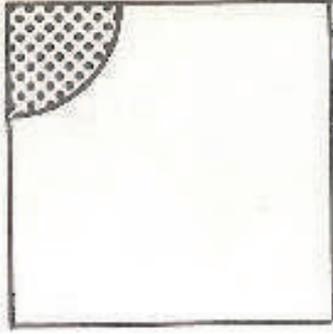
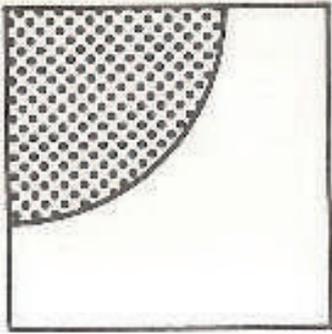
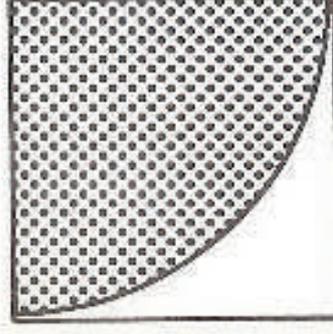
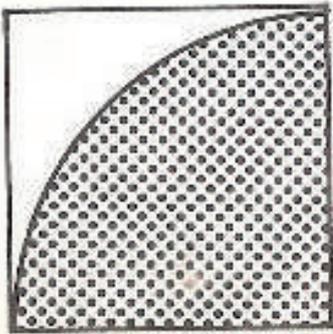
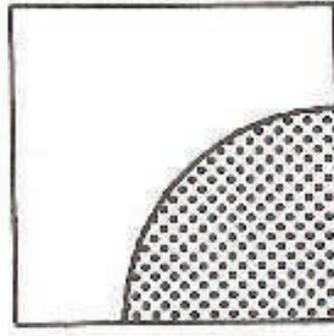
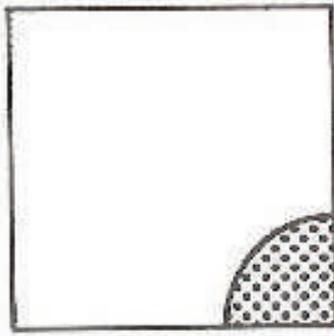
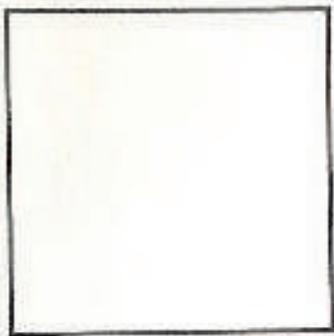
matriz para um poema

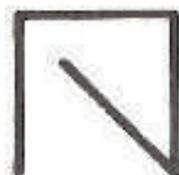


o  
a  
p e m

2  
5  
1 3 4



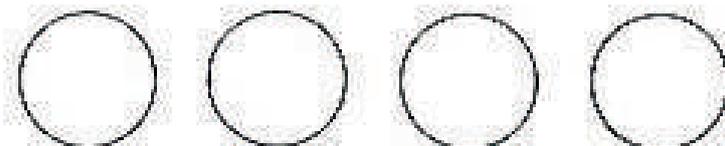
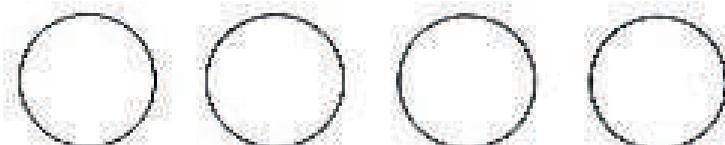
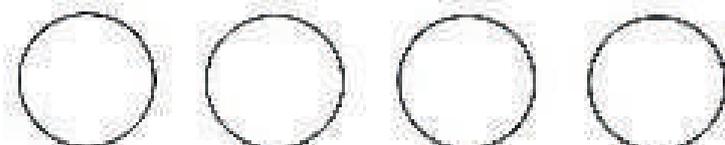
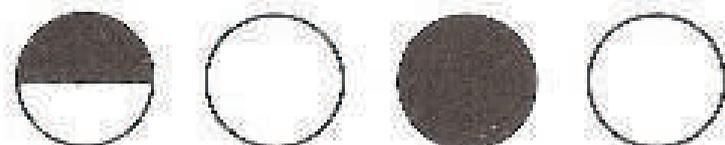
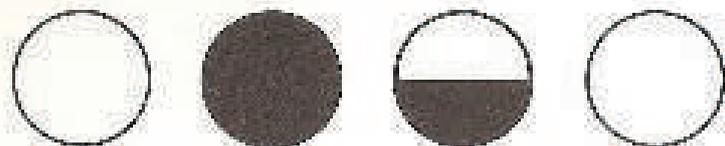
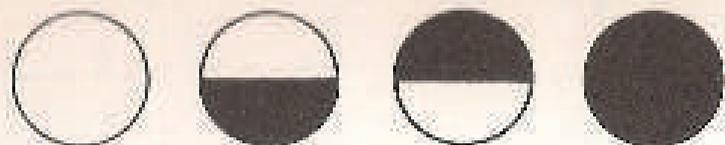


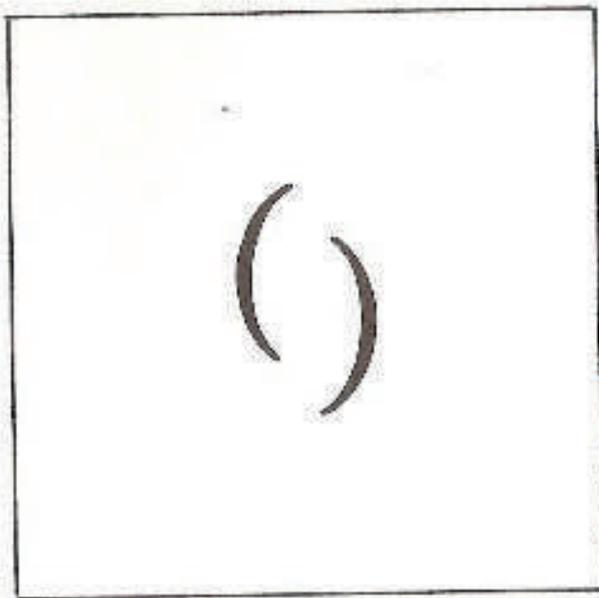


chave

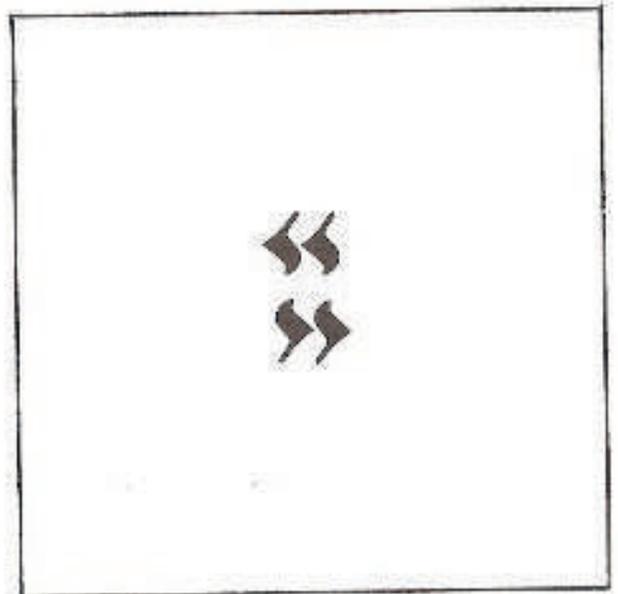
versão do autor

versão do leitor

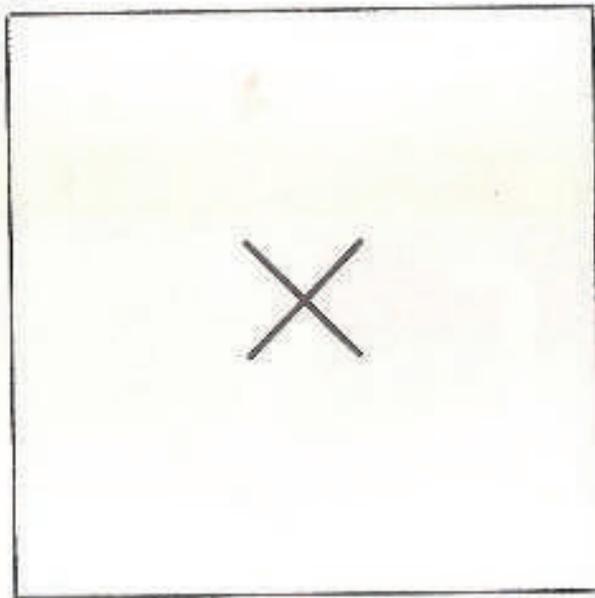




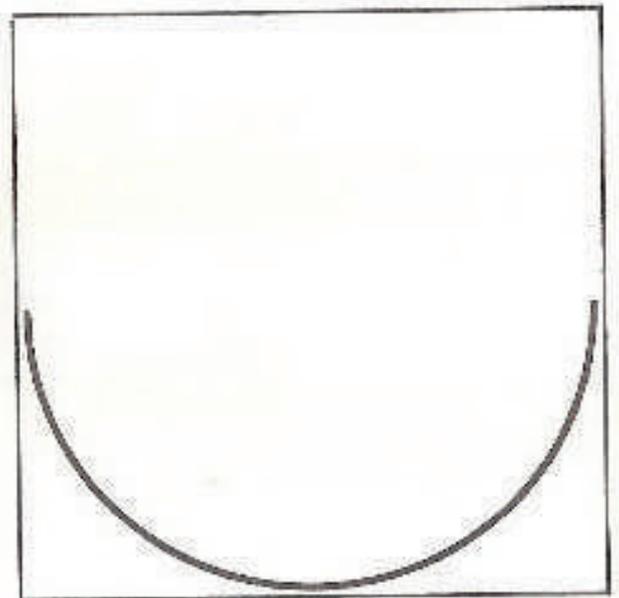
ar



fogo



terra



água



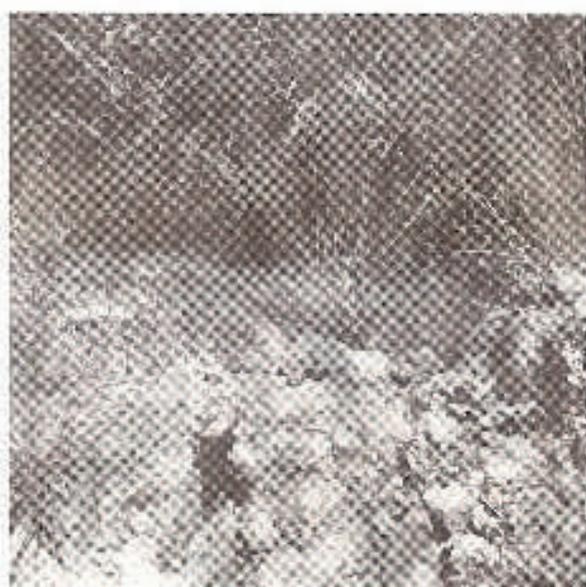
ser



éter



via



ambiente

V  
A  
I  
V  
A  
V  
E  
M  
E  
V  
V  
A  
I  
V  
A  
V  
E  
M  
E  
V  
V



S A

E V

I

L

E V

R A

S L A

E V

R I A

TODOS OS DIAS

VOCE VÊ

**GUERRA**

nao precisa mais

**HOMEM**

o lugar

nao precisa

como ter  
a certeza

**FIRME!!**

so experimentado!

**PROYE**

**AVACAO**

herói é

**CUIDADO**

**REAL**

campe

**UNIVERSAL**

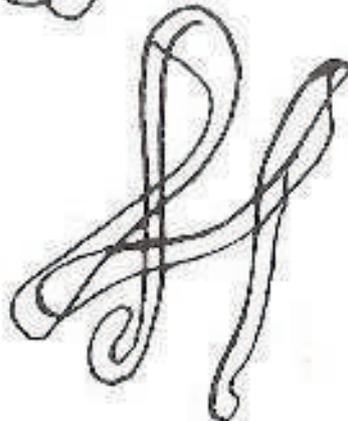
É agora?

**JOÃO**

Harig

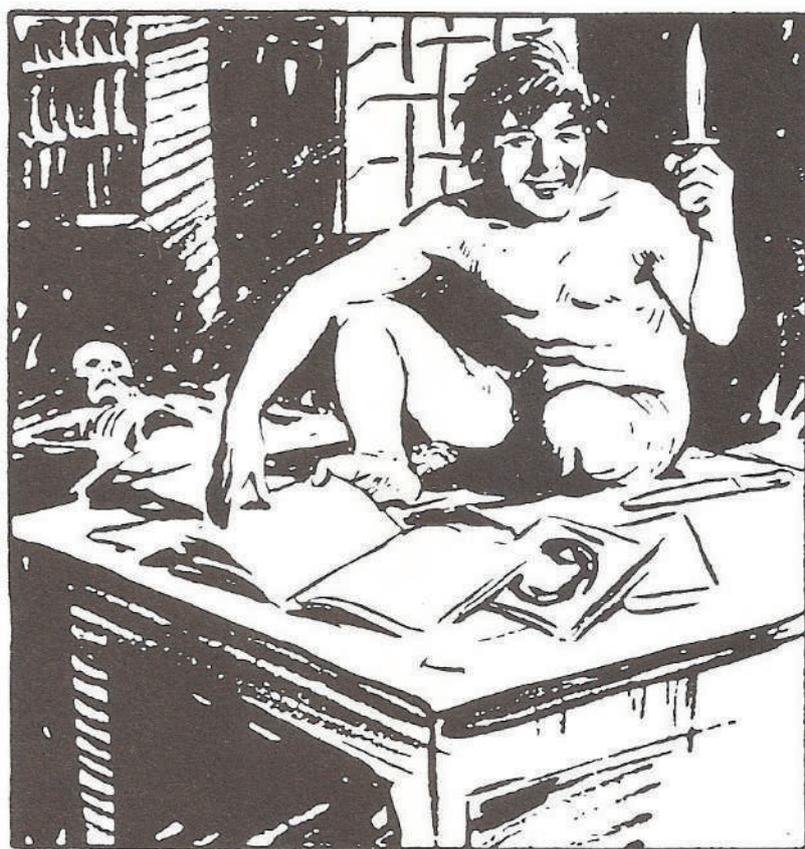


Harjo



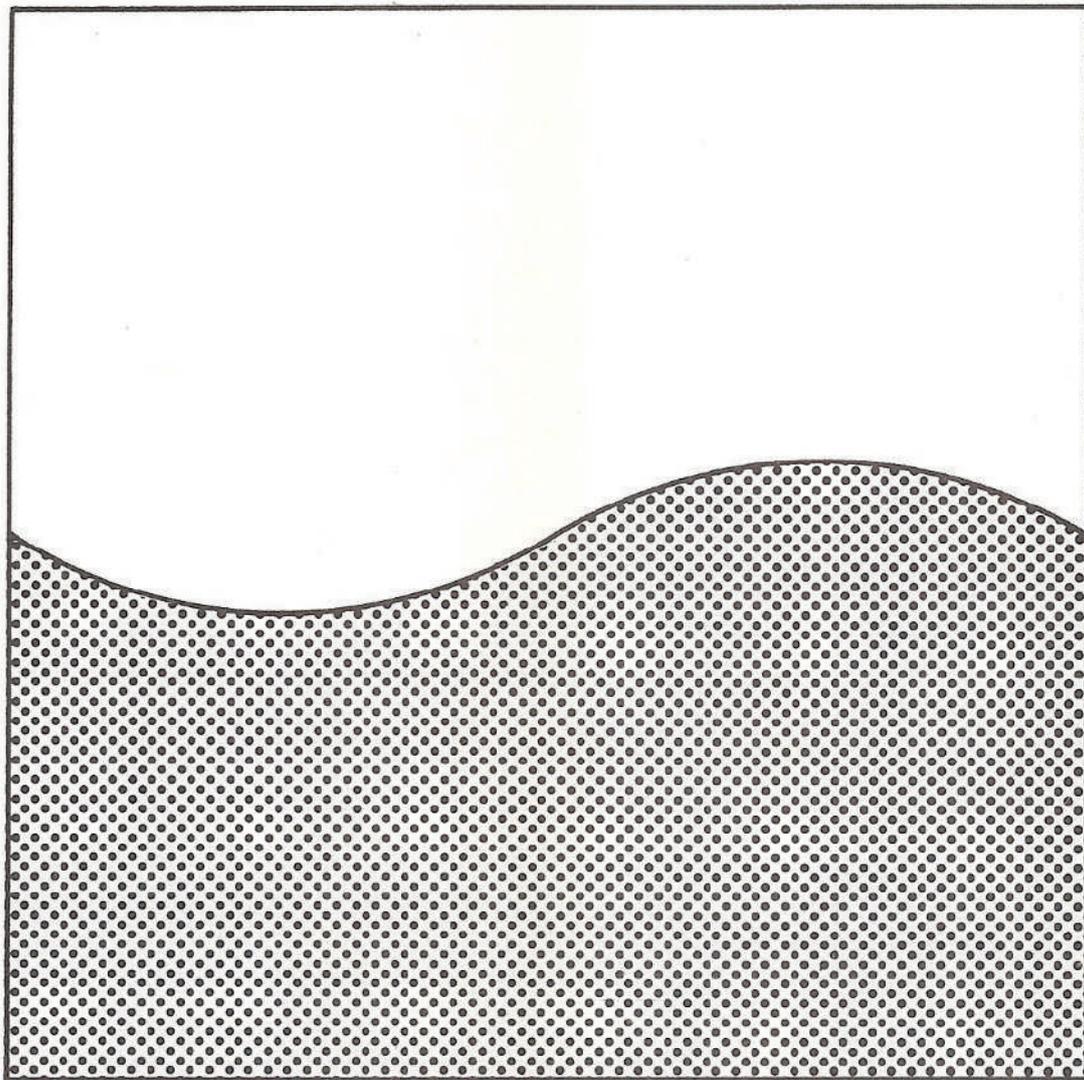
eu te amo	I love you	je t' aime	yu vx eilzzz	.. ----- .
te eu amo	love I you	te j' aime	vx yu eilzzz	----- .. .
amo te eu	love you I	aime te je	eilzzz vx yu	. .. -----
te amo eu	you love I	t' aime je	vx eilzzz yu	----- . ..
amo eu te	you I love	aime je te	eilzzz yu vx	. ----- ..
eu amo te	I you love	j' aime te	yu eilzzz vx	.. . -----



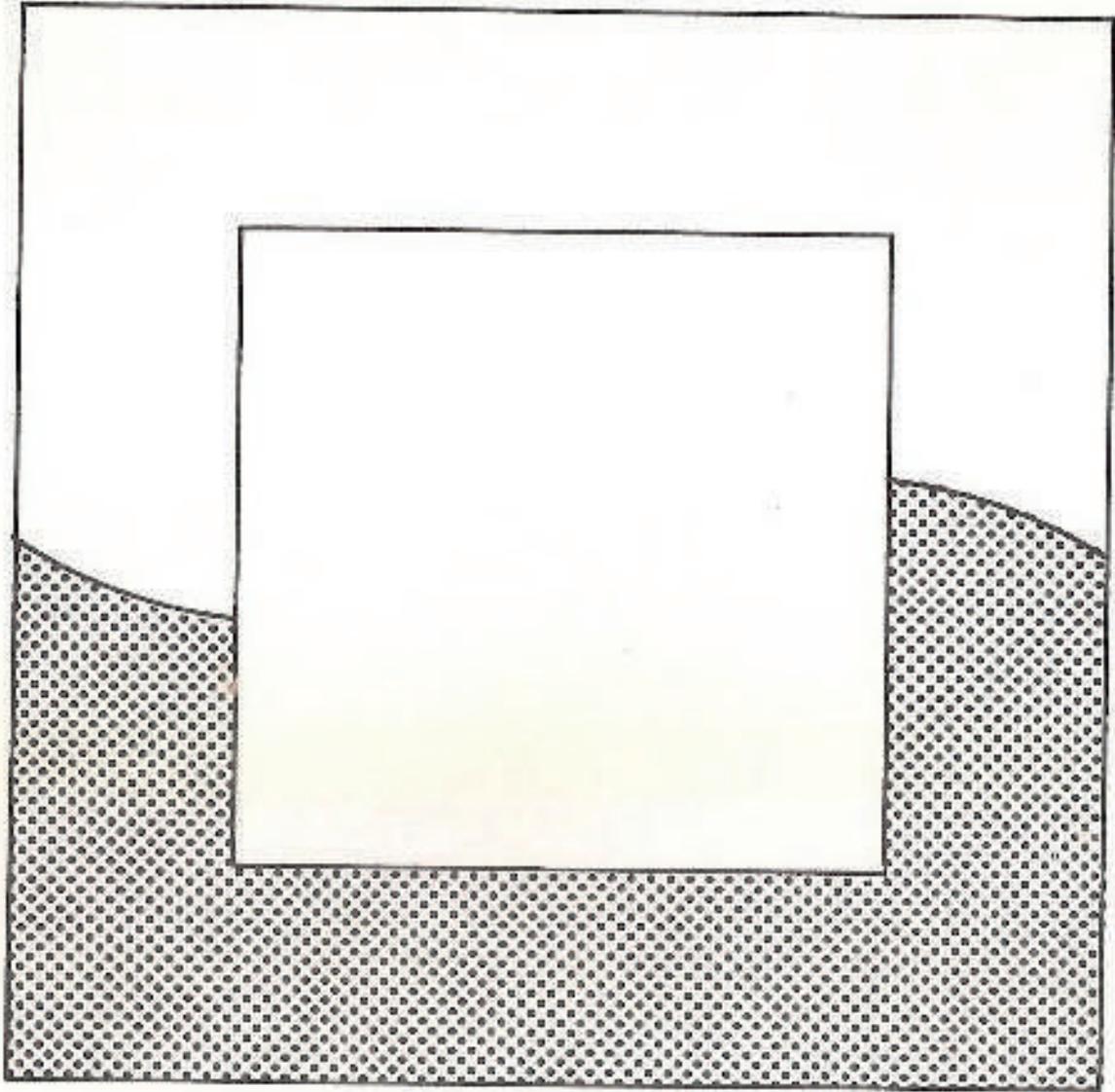


educação dos 7 aos 14

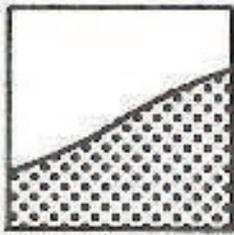




paisagem



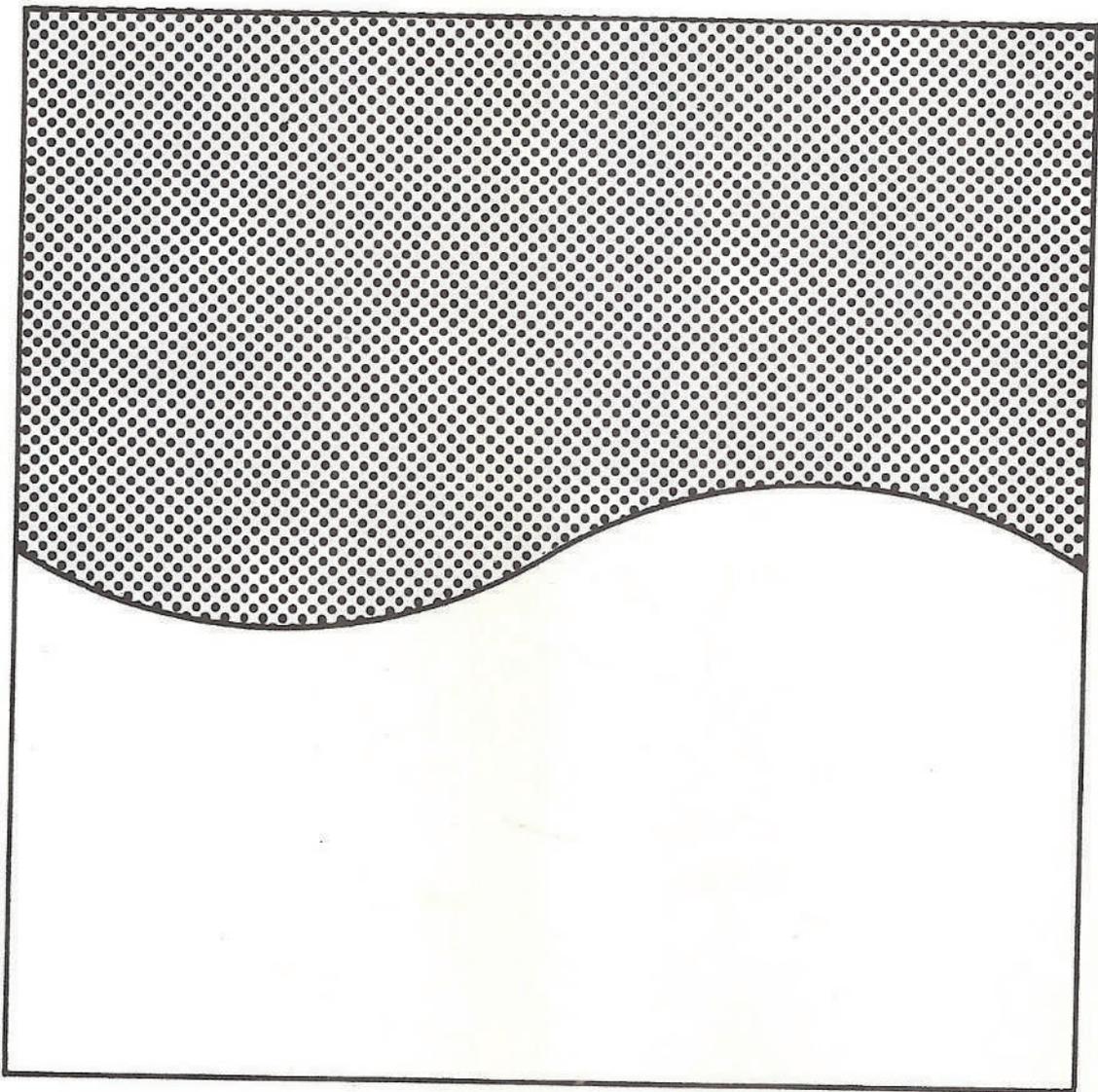
casa



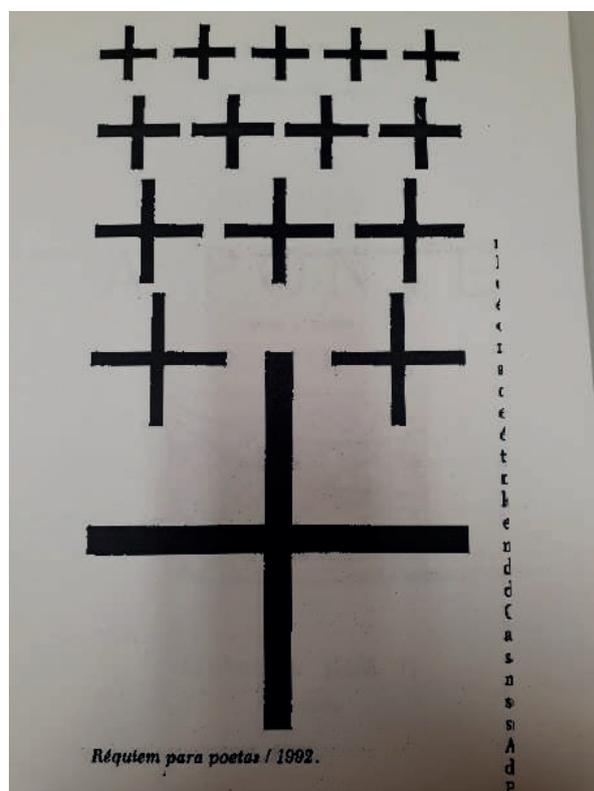
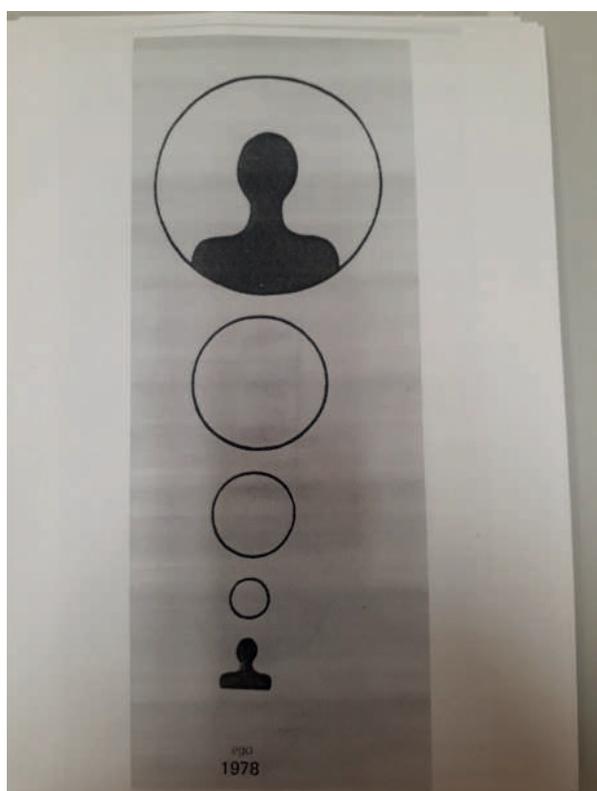
janela



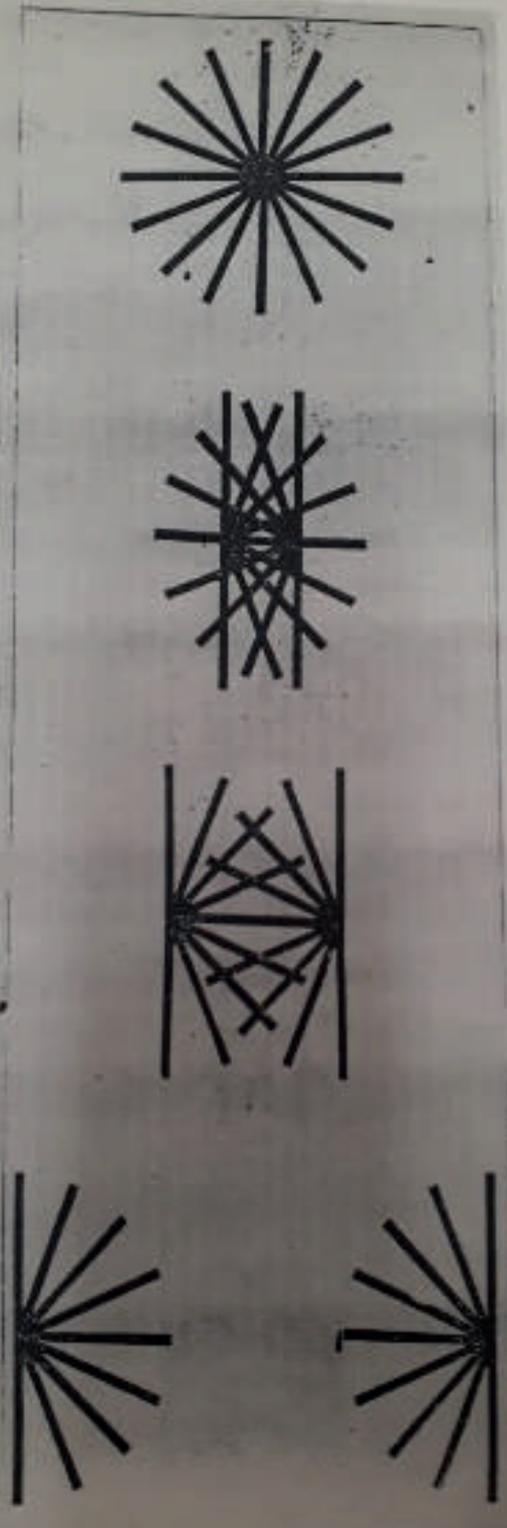
países



ANEXO 6 - POEMAS VISUAIS. 1968 – 1988

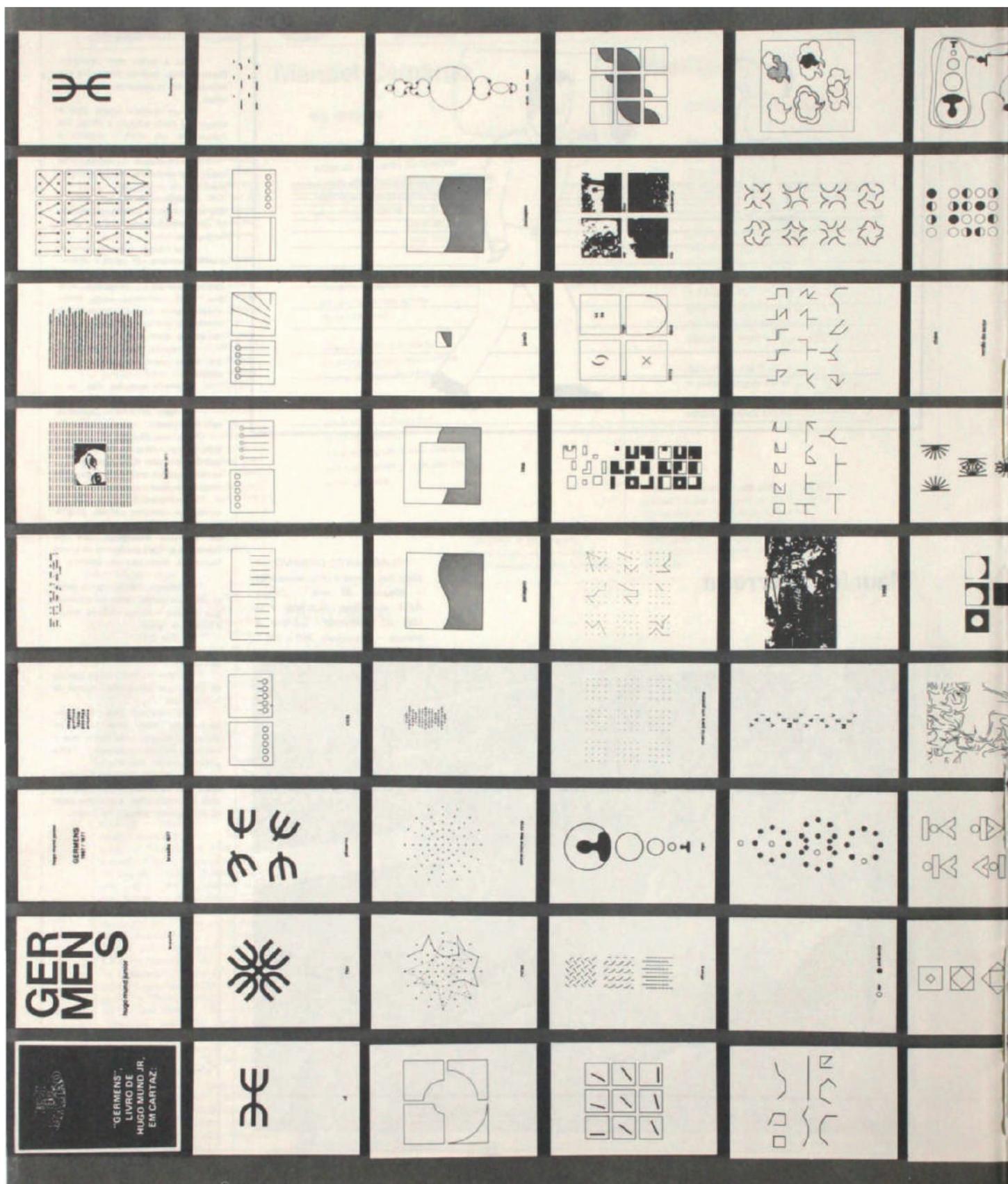


Figs. 217 a 219 - Registro de poemas visuais de livro *Germens*. 1977. Fonte: Acervo Documental MASC pasta de Hugo Mund Júnior.

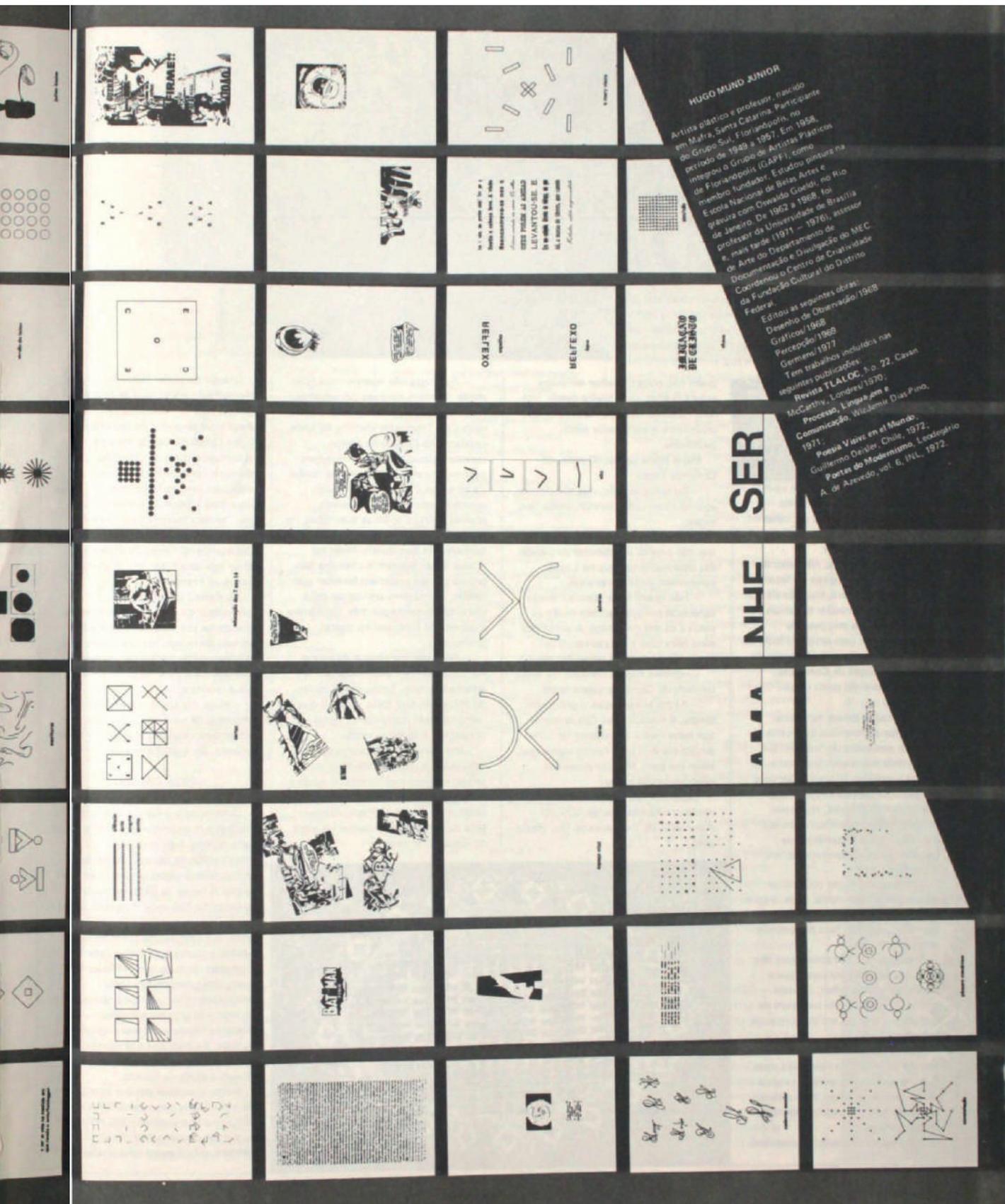


Guerra e Paz — poema gráfico de Hugo Mond Jr.

ANEXO 6 - POEMAS VISUAIS. 1968 – 1988



Figs. 220 e 221 - Mund Júnior, Hugo. Páginas do livro *Germens*, 1977. Jornal Boi de Mamão, nº00, nov., 1979. Na capa diz *Hugo Mund Júnior inteirinho*. Fonte: Biblioteca Pública de Santa Catarina. Disponível em: <<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/boidemam%C3%A3o/BOI197900nov.pdf>>



**HUGO MUND JUNIOR**

Artista plástico e professor, nascido em Matra, Santa Catarina. Participante do Grupo Sul, Florianópolis, no período de 1949 a 1957. Em 1958, integrou o grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis (GAPP), como membro fundador. Estudos pintura na gráfica com Oswaldo Goeldi, no Rio de Janeiro. De 1962 a 1968, foi professor da Universidade de Brasília e, mais tarde (1971 - 1976), assessor de Arte do Departamento de Documentação e Divulgação do MEC, Coordenador e Centro de Criatividade da Fundação Cultural do Distrito Federal.

Editou as seguintes obras:  
 Desenho de Observação/1968  
 Gráfico/1968  
 Percepção/1969  
 Gêneros/1977  
 Tem trabalhos incluídos nas seguintes publicações:  
 Revista TLALOC, n.º 22, Casa de McCarthy, Londres/1970;  
 Processo, Longa jom e Comunicação, Willemia Dias/Pino, 1971;  
 Poesia Viva en el Mundo, Guillermo Dekler, Chile, 1972;  
 Poetas do Modernismo, Leandrognio A. de Azevedo, vol. 6, IRL, 1972.

SEU PAPEL NÃO É O DE UM  
 RECONHECIDO POR SI MESMO  
 MAS PORQUE É O QUE  
 LEVANTOU-SE E  
 DE SEU PAPEL É QUE SE  
 FAZ O PAPEL DE SEU PAPEL

MELFEYO

JERONIMO  
 BEZERRA

SER

NIFE

AMA

15



ANEXO 6 - POEMAS VISUAIS. 1968 – 1988

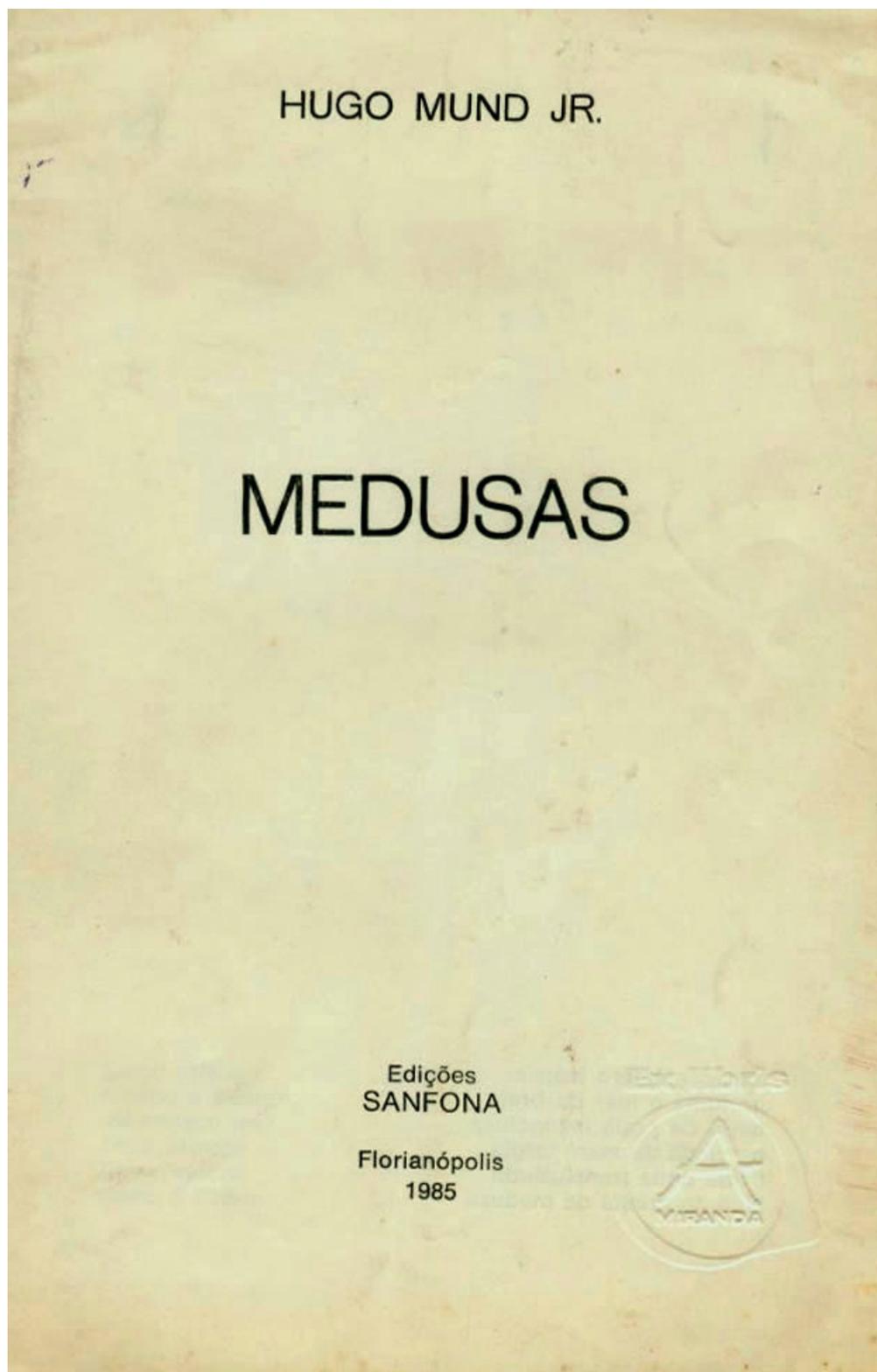


Fig. 222 - Folha de rosto de livro não encontrado de Mund. *Medusas*, 1985. Fonte: Site de Antônio Miranda com a seguinte referência: MUND JR., Hugo. *Medusas*. Florianópolis: Edições Sanfona, 1985. 8 p. sanfonadas 14 x 21,5 cm. Biblioteca de Antônio Miranda. Disponível em: <[http://www.antoniomiranda.com.br/Iberoamerica/brasil/hugo\\_mund\\_junior.html](http://www.antoniomiranda.com.br/Iberoamerica/brasil/hugo_mund_junior.html)>

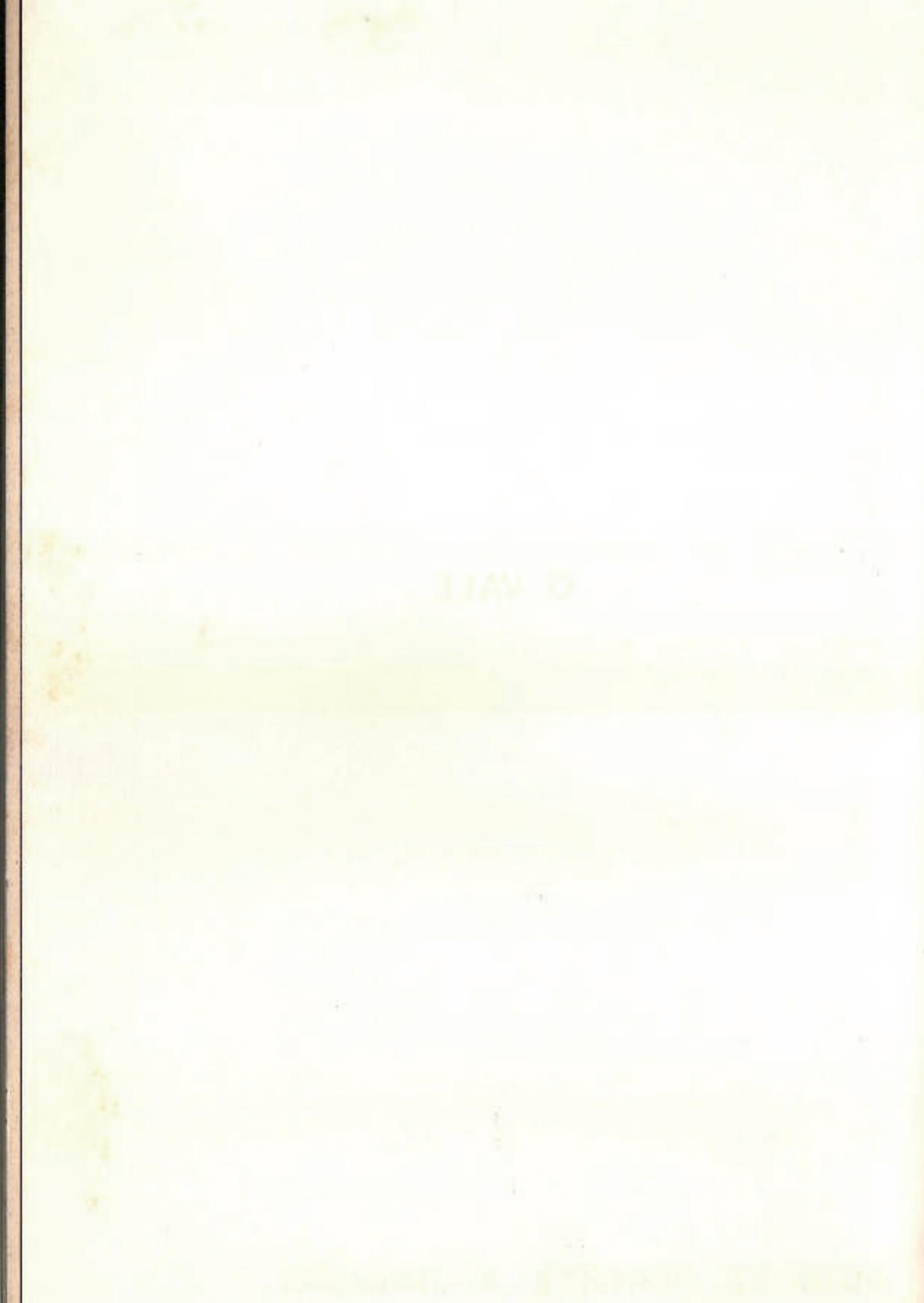


ANEXO 6 - POEMAS VISUAIS. 1968 – 1988



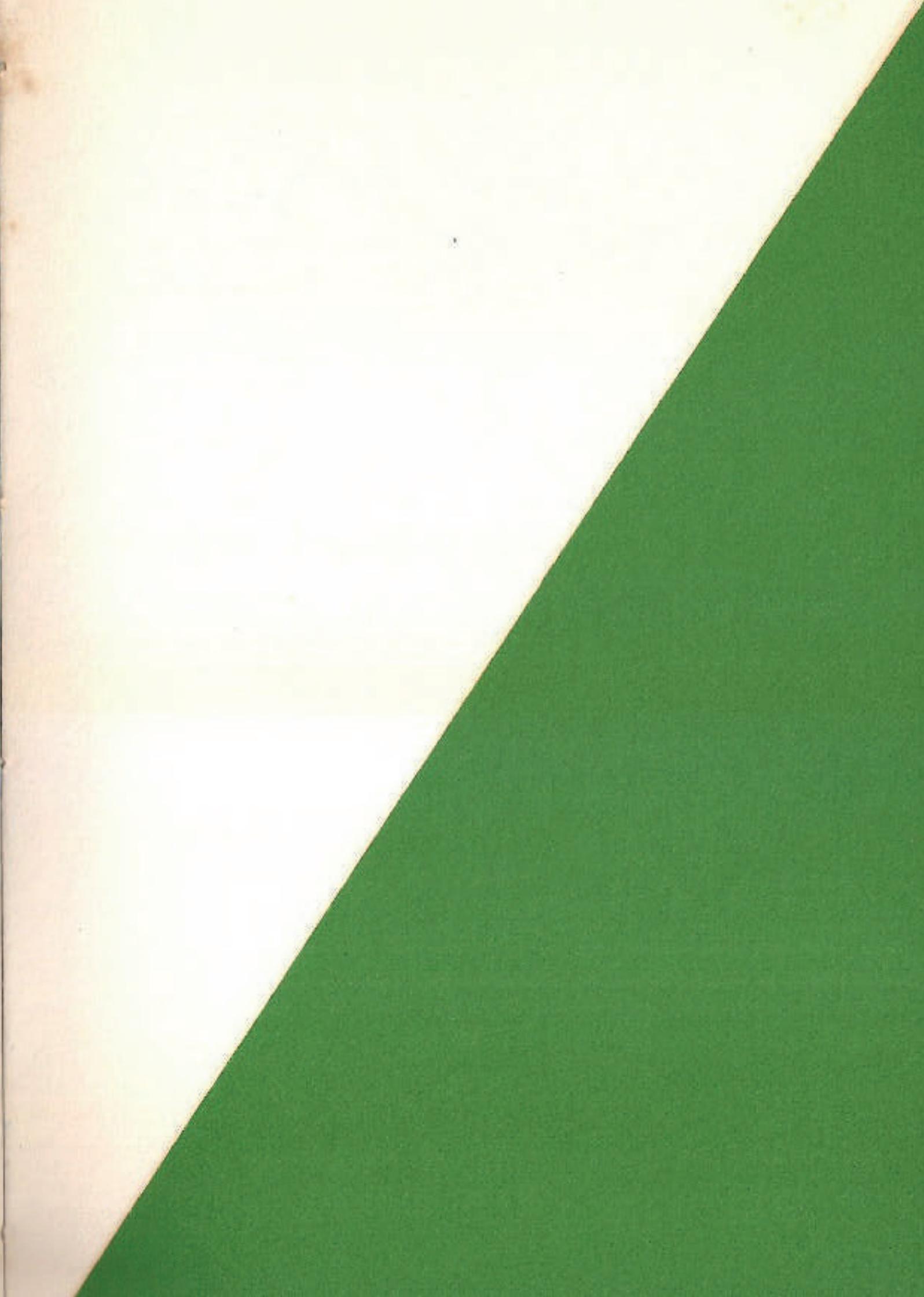
Fig. 223 – Mund Júnior, Hugo. Capa do livro *Palavra e Cor*. 1988. Edição do autor. Impresso em serigrafia por Ricardo Maes Varela em maio de 1988. Florianópolis/SC. Exemplar nº 56/300. Com dedicatória a Aldo Nunes. Fonte: Biblioteca Central UDESC. Doação de Aldo Nunes nov. 2004. Foto do autor.

Figs. 224 a 239 – Mund Júnior, Hugo. Páginas do livro *Palavra e Cor*. 1988. Exemplar nº 56/300. Fonte: Biblioteca Central UDESC. Foto do autor.



**O VALE**





E. O. BASSARO

**E O PÁSSARO**





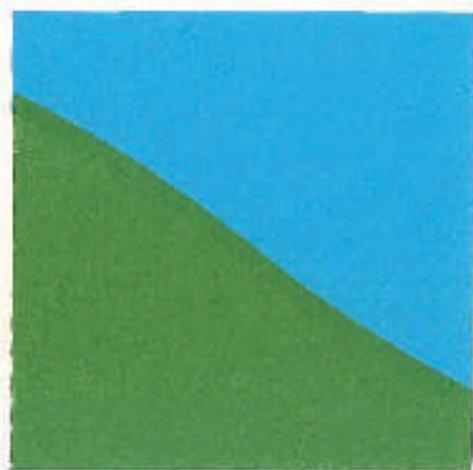
**PAISAGEM**



**CASA**



**JANELA**



**PAISAGEM**



**ANEXO 6 - POEMAS VISUAIS. 1968 – 1988**

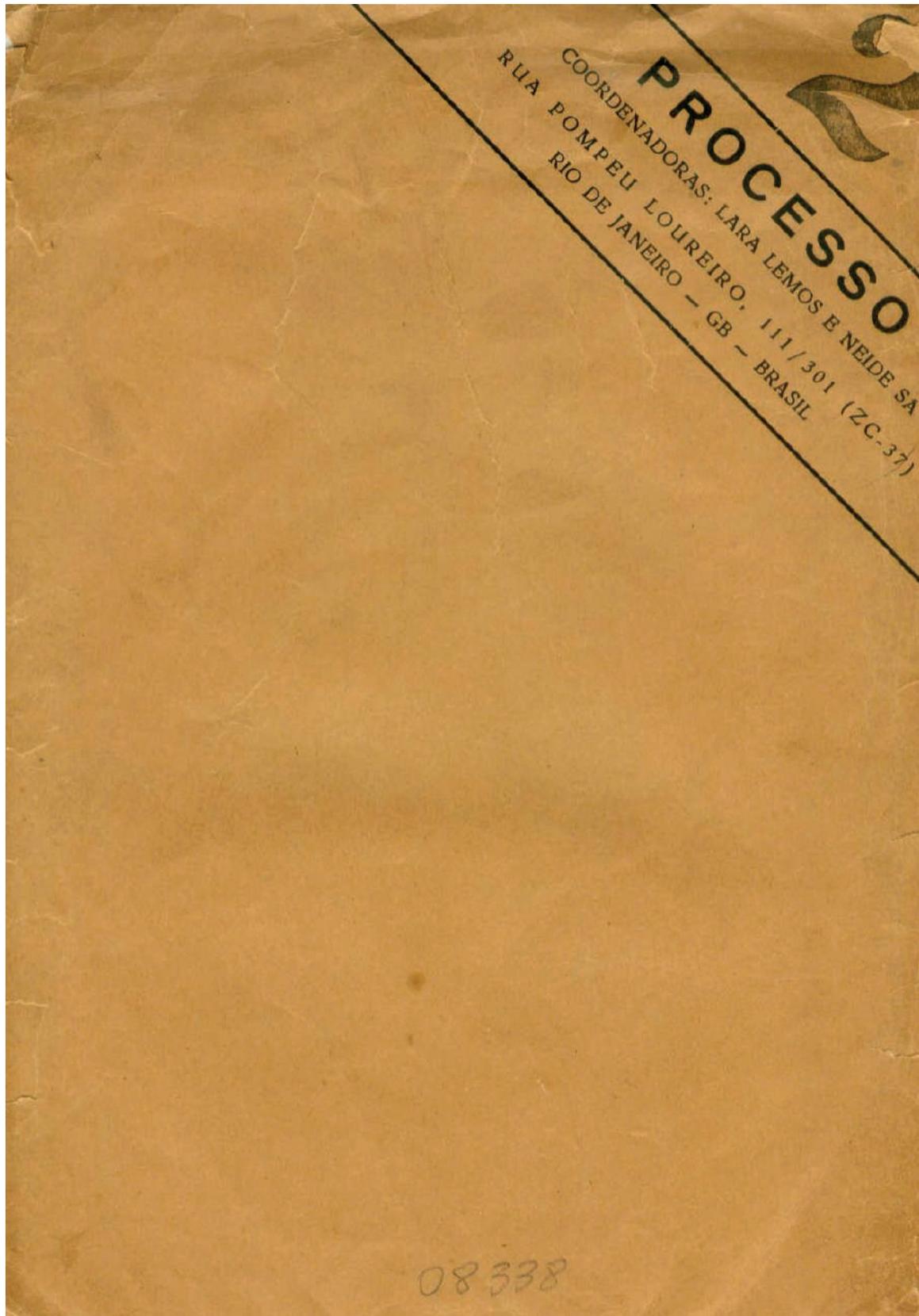
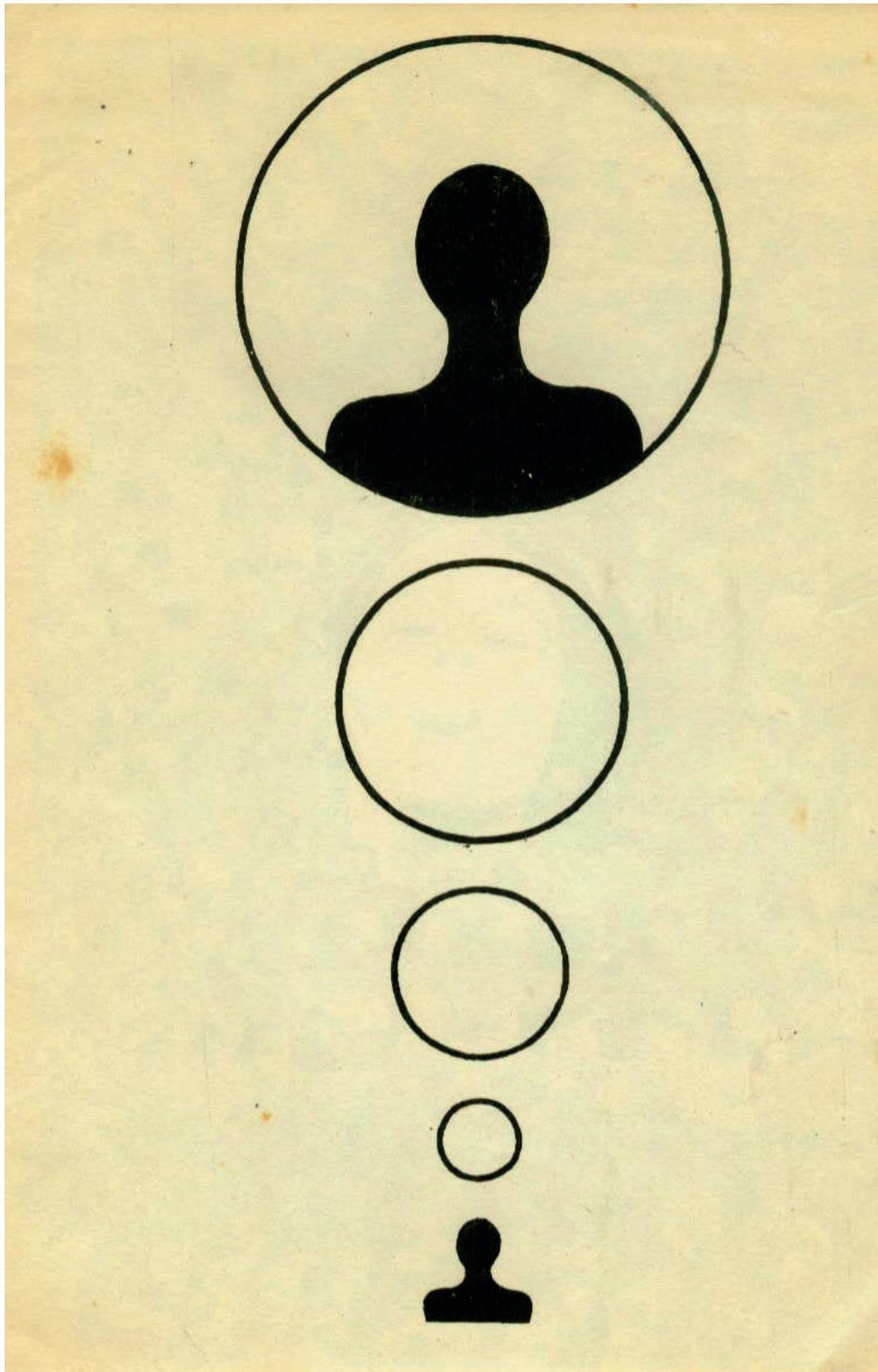


Fig. 240 – *Processo 2*. Coordenadoras: Lara Lemos e Neide Sá. Rio de Janeiro: 1969. Peças soltas no envelope, criadas por Hugo Mund Júnior, José de Arimathéa Soares Carvalho, Pedro Bertolino. Poema processo. Fonte: Biblioteca Antônio Miranda. Em: < [http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_visual/processo\\_1969.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_visual/processo_1969.html) >

ANEXO 6 - POEMAS VISUAIS. 1968 – 1988



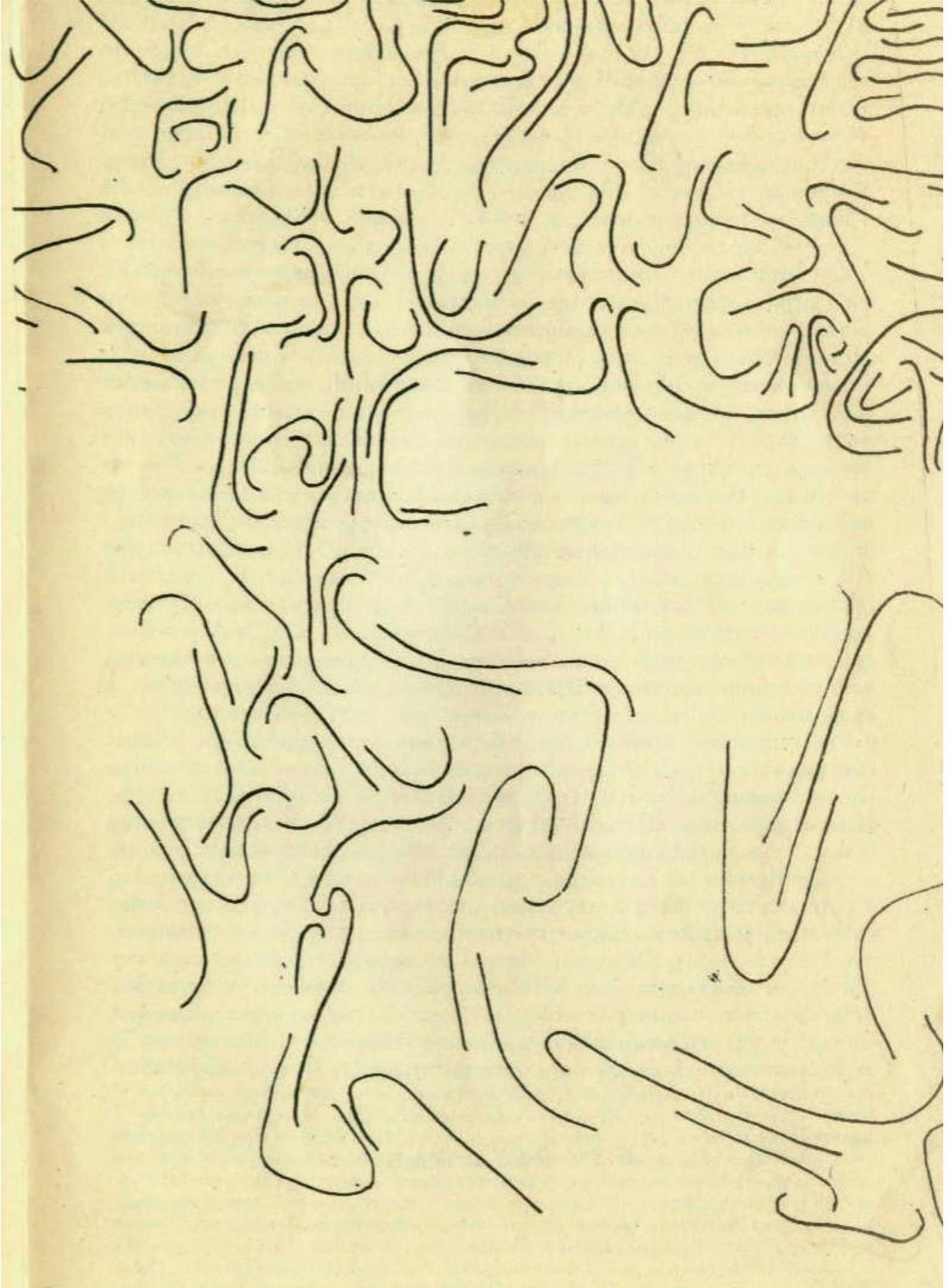
Figs. 241 e 242 – Mund Júnior, Hugo. Poema visual. *Ego*. Em publicação *Processo 2* coordenado por Lara Lemos e Neide Sá. Rio de Janeiro. 1969. Peças soltas no envelope. Imagem de livro *Germens*, 1977. Fonte: Biblioteca Antônio Miranda. Em: < [http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_visual/processo\\_1969.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_visual/processo_1969.html) >

EGO





ANEXO 6 - POEMAS VISUAIS. 1968 – 1988



Figs. 243 e 244 – Mund Júnior, Hugo. Poema visual. *Escrituras*. Em publicação *Processo 2* coordenado por Lara Lemos e Neide Sá. Rio de Janeiro. 1969. Peças soltas no envelope. Imagem de livro *Germens*, 1977. Fonte: Biblioteca Antônio Miranda. Em: < [http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_visual/processo\\_1969.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_visual/processo_1969.html) >

ESCRITURAS





ANEXO 6 - POEMAS VISUAIS. 1968 – 1988

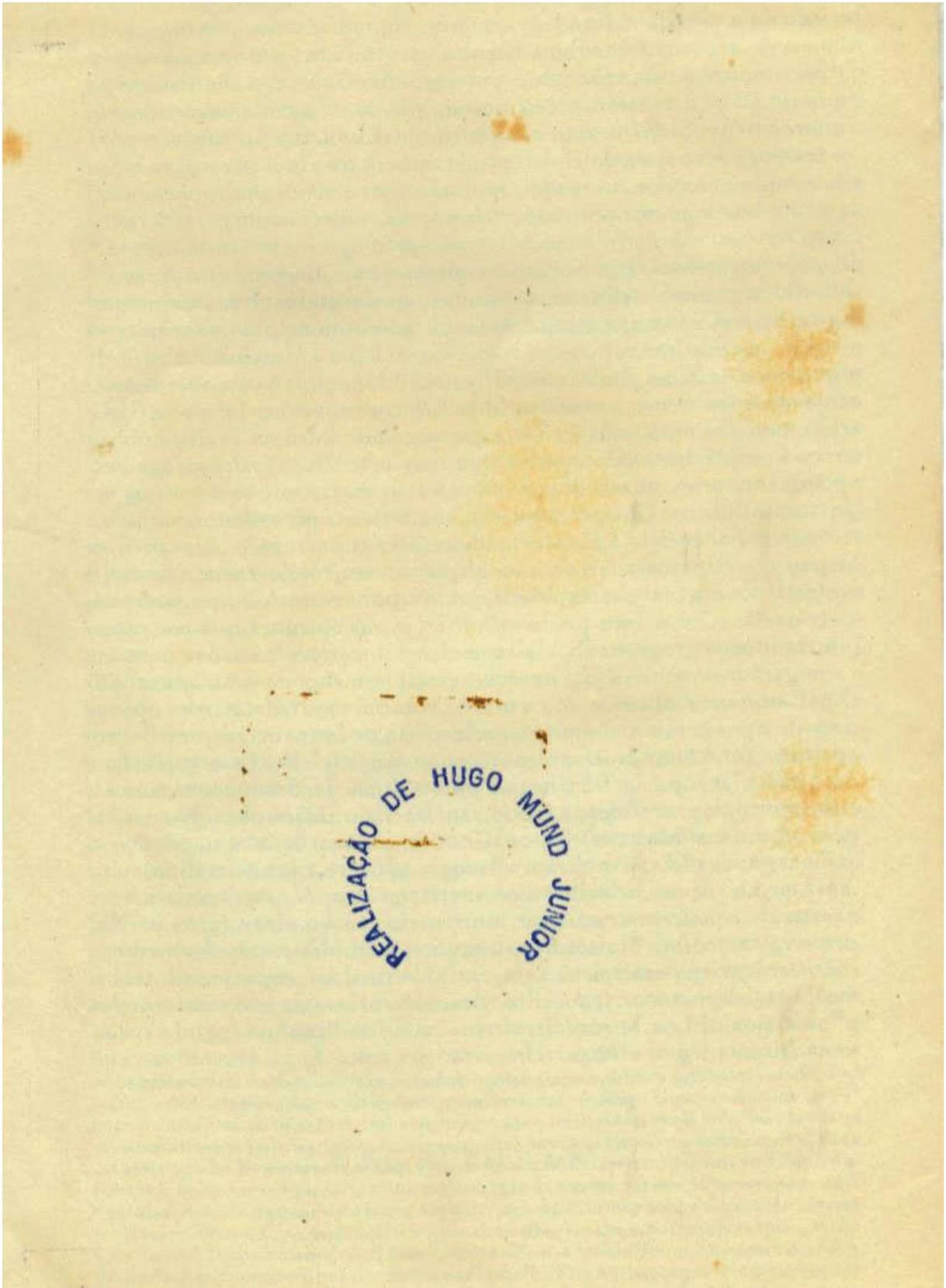


Fig. 245 – Mund Júnior. Carimbo. *Realização de Hugo Mund Júnior*. Em publicação *Processo 2* coordenado por Lara Lemos e Neide Sá. Rio de Janeiro, 1969. Peças soltas no envelope. Fonte: Biblioteca Antônio Miranda. Em: < [http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_visual/processo\\_1969.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_visual/processo_1969.html) >



**ANEXO 7 – FORMAS ÚLTIMAS 1993 – 1998**

ANEXO 7 – FORMAS ÚLTIMAS 1993 – 1998

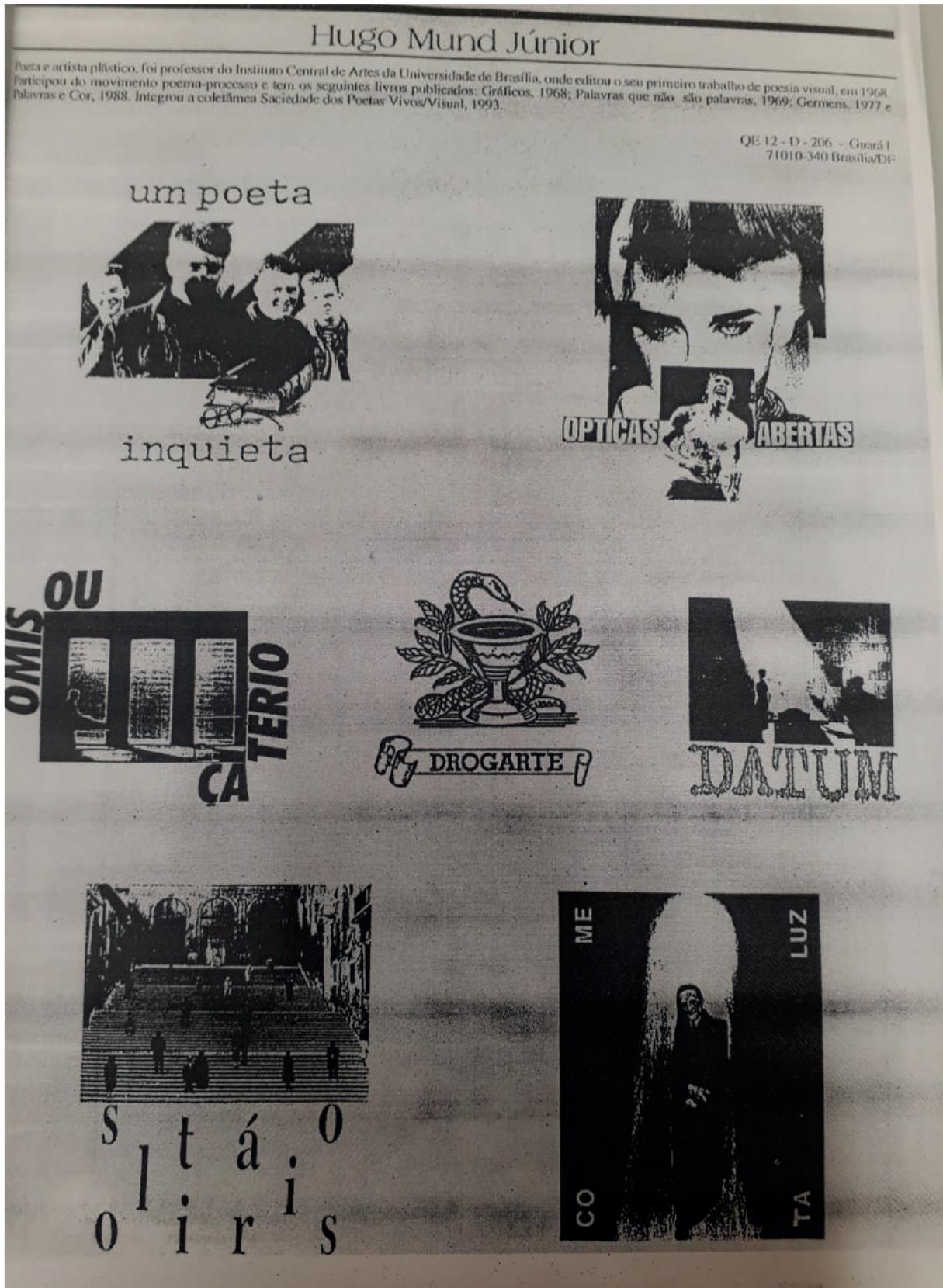


Fig. 246 - Imagens e currículo resumido de Mund até 1993. Procedência desconhecida, há endereço em Brasília no c.s.d. Fonte: Acervo Documental MASC pasta de Hugo Mund Júnior.

ANEXO 7 – FORMAS ÚLTIMAS 1993 – 1998



Fig. 247 - Mund Júnior, Hugo. Poema visual. *Limites do olho*. Jornal Ô Catarina, nº3, jun., 1993. Membro do conselho editorial do jornal. Esta edição contém entrevista de Mund por Joca Wolff, pág. 16. Fonte: <<http://www.cultura.sc.gov.br/publicacoes/ocatarina/edicoes/1356-jornal-o-catarina-n-03/file>>

ANEXO 7 – FORMAS ÚLTIMAS 1993 – 1998



Fig. 248 - Mund Júnior, Hugo. Poema visual. *Contato*. Jornal Ô Catarina nº16, jan./fev. 1996. Imagem publicada em blog on-line de Antônio Miranda. Fonte: <<http://www.cultura.sc.gov.br/publicacoes/ocatarina/edicoes/1369-jornal-o-catarina-n-16/file>>

ANEXO 7 – FORMAS ÚLTIMAS 1993 – 1998

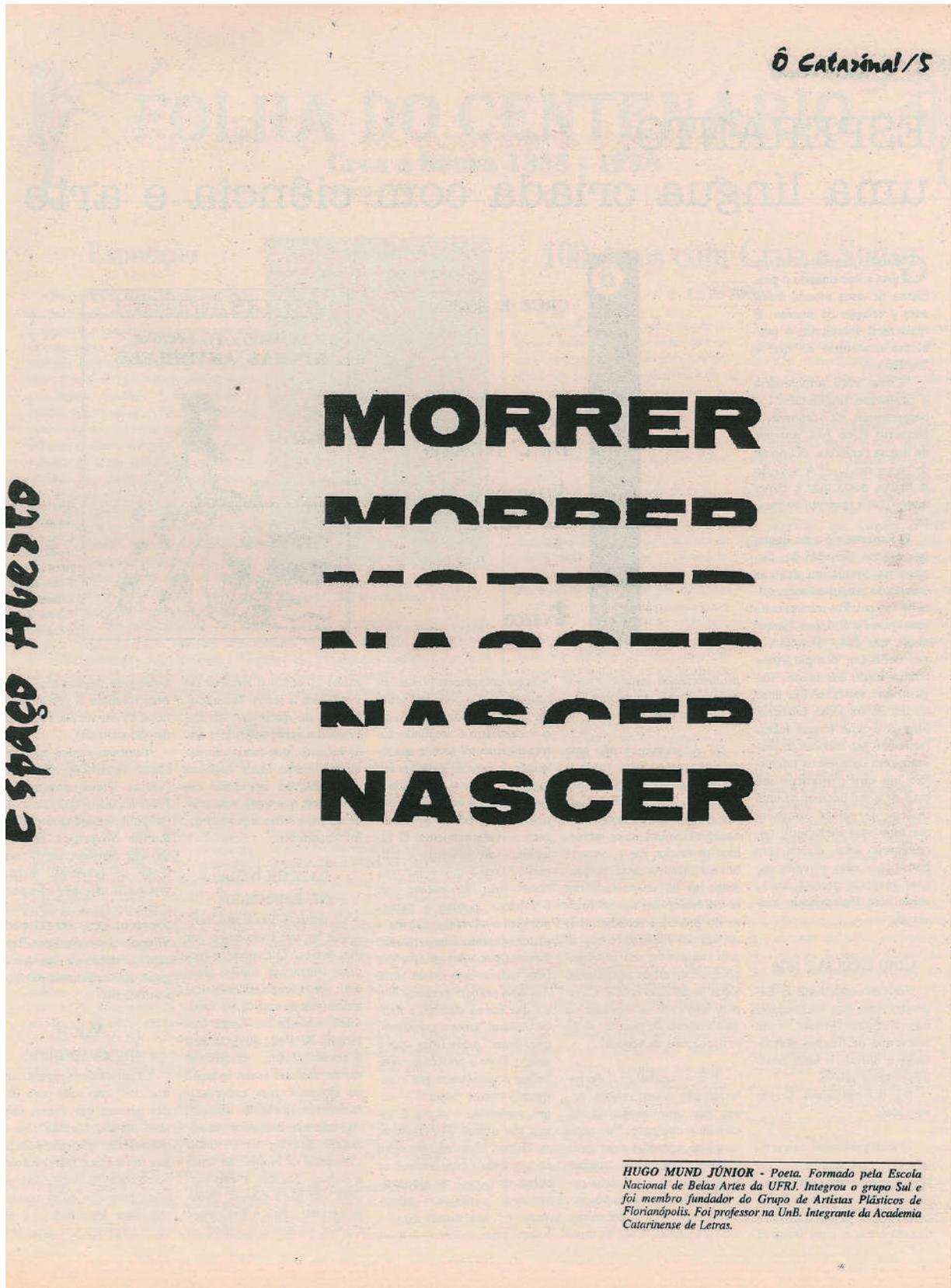


Fig. 249 - Mund Júnior, Hugo. Poema visual. *Morrer nascer*. Jornal Ô Catarina nº29, maio/jun. 1998. Publicado também em Bortolin (2010) na letra H do inventário. Fonte: <<http://www.cultura.sc.gov.br/publicacoes/ocatarina/edicoes/1382-jornal-o-catarina-n-29/file>>

ANEXO 7 – FORMAS ÚLTIMAS 1993 – 1998



Fig. 250 - Mund Júnior, Hugo. Poema visual. *Falar ouvir*. Jornal Ô Catarina nº32, nov./dez. 1998. Mund não é citado como colaborador. Fonte: <<http://www.cultura.sc.gov.br/publicacoes/ocatarina/edicoes/1385-jornal-o-catarina-n-32/file>>

**ANEXO 8 - TEXTOS ASSINADOS**

## ANEXO 8 - TEXTOS ASSINADOS

### Minha experiência em gravura

Comecei a me interessar pela gravura (linóleo) motivado pelo trabalho desenvolvido na década de 50 junto aos Clubes de Gravura, tanto o de Porto Alegre quanto, posteriormente, o do Rio de Janeiro.

No início, tive oportunidade de trabalhar no ateliê de Vasco Prado, em Porto Alegre, e numa fazenda em Santa Maria com Carlos Scliar, Glauco Rodrigues e outros. No Rio de Janeiro, integrei o Clube de Gravura, onde Newton Cavalcanti também <sup>se</sup> iniciava <sup>na</sup> sua <sup>vida</sup> ~~profissional~~ <sup>profissional</sup> de gravador.

Com o ingresso no Ateliê Livre de Gravura, aberto sob orientação de Oswaldo Goeldi na Escola Nacional de Belas Artes, entrei em contato com a xilogravura e, em particular, com a gravação em madeira de veio. Goeldi, não só proporcionou <sup>uma</sup> um melhor entendimento dos processos de gravação, como também ampliou <sup>os</sup> os horizontes ~~de~~ <sup>da</sup> ~~nossa~~ percepção plástica, equilibrando o rigor do corte com o vigor da expressão.

Por volta de 1958 retornei à Florianópolis, demorando-me na Ilha por uns dois anos, trabalhando com desenho (aguada, nanquim) e xilogravura. Foi então que, juntamente com Silveira de Sousa, fundamos as Edições do Livro de Arte, publicações de caráter artesanal ~~em~~ <sup>em</sup> que se integravam texto e ilustração. As ilustrações ~~eram~~ <sup>eram</sup> impressas diretamente do taco, junto com o texto, utilizando o processo tipográfico.

Nessa época apareceu na Ilha, vindo do Rio Grande do Sul, o gravador Trindade Leal que aqui ficou por uns tempos. Foi quando Iaponan Soares interessou-se pela gravura, produzindo <sup>algumas</sup> ~~algumas~~ <sup>peças</sup> ~~peças~~ com excelente resultado.

Voltando ao Rio, em 1961, fui convidado por Augusto Rodrigues para ensinar xilo na Escolinha de Arte do Brasil, uma experiência gratificante e de fundamental importância para minhas ~~atividades~~ <sup>atividades</sup> ~~posteriores~~ como professor. Na mesma ocasião, orientava o ateliê de xilo no Centro Educacional de Niterói.

Em 1962, no entanto, recebi um convite para trabalhar na Universidade de Brasília onde minhas ocupações artísticas <sup>eram</sup> ~~eram~~ passar por radical transformação.

Fig. 251 – *Minha experiência em gravura*. Relato atribuído a Hugo Mund Júnior. N/D. Fotocópia de texto datilografado com interferências a mão. Origem desconhecida. Fonte: Acervo MASC, pasta Hugo Mund Jr.

## ANEXO 8 - TEXTOS ASSINADOS

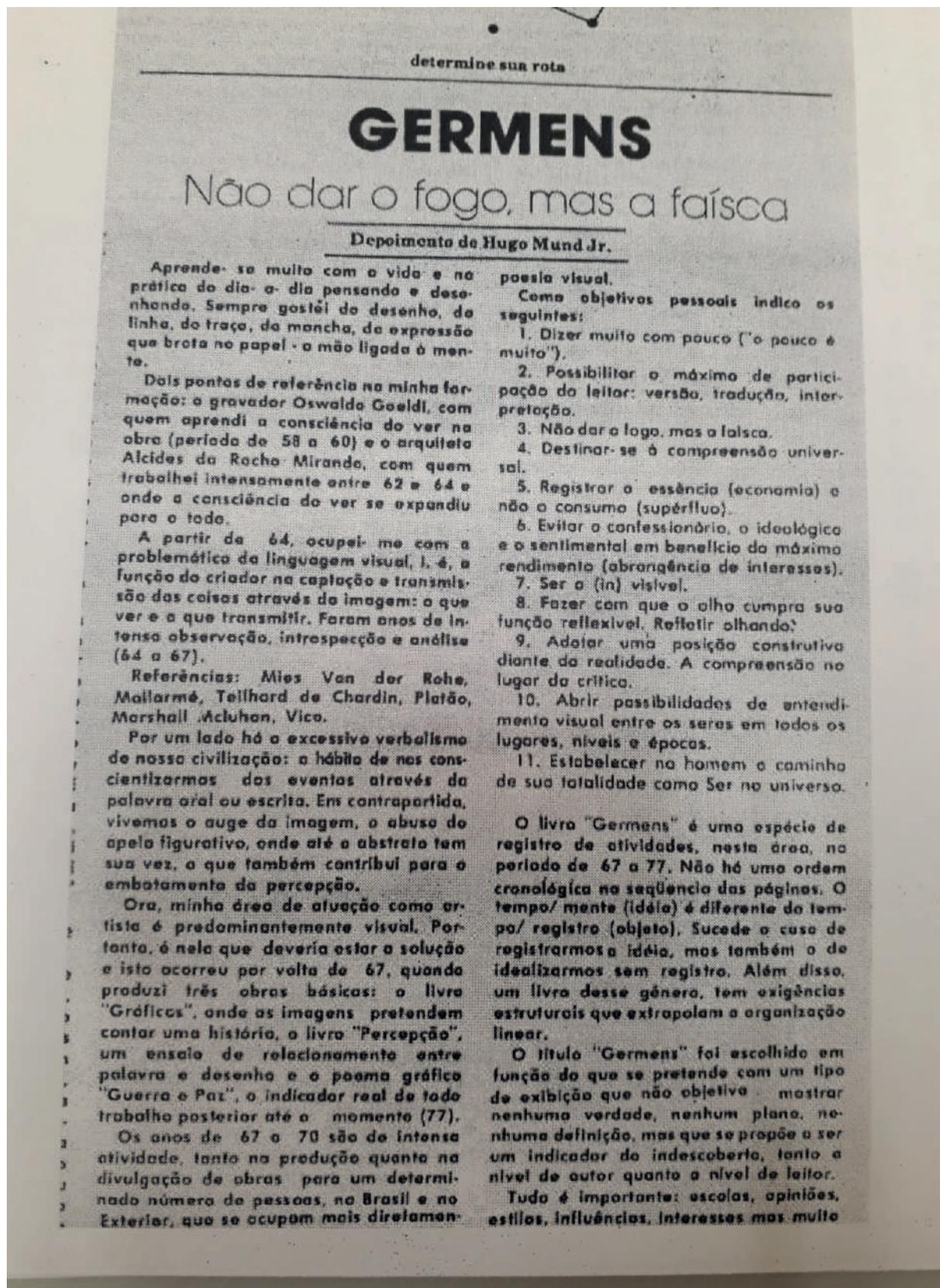
### CENTRO DE CRIATIVIDADE DE BRASÍLIA

#### Princípios básicos

1. Utilizar-se da criatividade como meio para que o indivíduo faça por si próprio suas descobertas naquilo que mais lhe interessar.
2. Cumprida esta etapa, canalizar as atividades para os seguintes setores, de acordo com os interesses individuais acima determinados:
  - a. Pesquisa / criação pura  
Traço, cor, espaço, volume, palavra, som, movimento
  - b. Projeto / protótipo  
Modelos para reprodução
  - c. Criação aplicada / manufatura  
Reprodução em série
3. Adotar, paralelamente, o meio, nascido da experiência descrita nos itens 1 e 2, como estimulador didático que possibilite o perfeito entrosamento entre as áreas de atuação, na seguinte ordem:
  - 1º Supervisores
  - 2º Monitores
  - 3º Frequentadores
  - 4º Núcleos Ocupacionais  
Centros Culturais  
Escolas
4. Estabelecer, no método de trabalho a ser desenvolvido, uma economia de meios que permita que as soluções sejam facilmente aplicáveis, tanto a nível de indivíduo quanto a nível de comunidade.

Fig. 252 – Centro de criatividade de Brasília. Fotocópia de documento datilografado. N/D. Fonte: Acervo MASC, pasta Hugo Mund Jr.

## ANEXO 8 - TEXTOS ASSINADOS



determine sua rota

# GERMENS

## Não dar o fogo, mas a faísca

Depoimento de Hugo Mund Jr.

1 Aprende-se muito com a vida e na  
2 prática do dia-a-dia pensando e dese-  
3 nhando. Sempre gostei do desenho, da  
4 linha, do traço, da mancha, da expressão  
5 que brota no papel - a mão ligada à men-  
6 te.

7 Dois pontos de referência na minha for-  
8 mação: o gravador Oswaldo Goeldi, com  
9 quem aprendi a consciência do ver na  
10 obra (período de 58 a 60) e o arquiteto  
11 Alcides da Rocha Miranda, com quem  
12 trabalhei intensamente entre 62 e 64 e  
onde a consciência do ver se expandiu  
para o todo.

1 A partir de 64, ocupei-me com a  
2 problemática da linguagem visual, i. é, a  
3 função do criador na captação e transmi-  
4 são das coisas através da imagem: o que  
5 ver e o que transmitir. Foram anos de in-  
6 tenso observação, introspecção e análise  
7 (64 a 67).

8 Referências: Mies Van der Rohe,  
9 Mailarmé, Tellhard de Chardin, Platão,  
10 Marshall McLuhan, Vico.

1 Por um lado há o excessivo verbalismo  
2 de nossa civilização: o hábito de nos con-  
3 scientizarmos das eventos através da  
4 palavra oral ou escrita. Em contrapartida,  
5 vivemos o auge da imagem, o abuso do  
6 apelo figurativo, onde até o abstrato tem  
7 sua vez, o que também contribui para o  
8 embotamento da percepção.

9 Ora, minha área de atuação como ar-  
10 tista é predominantemente visual. Por-  
11 tanto, é nela que deveria estar a solução  
12 e isto ocorreu por volta de 67, quando  
13 produzi três obras básicas: o livro  
14 "Gráficas", onde as imagens pretendem  
15 contar uma história, o livro "Percepção",  
16 um ensaio de relacionamento entre  
17 palavra e desenho e o poema gráfico  
18 "Guerra e Paz", o indicador real de todo  
19 trabalho posterior até o momento (77).

2 Os anos de 67 a 70 são de intensa  
3 atividade, tanto na produção quanto na  
4 divulgação de obras para um determi-  
5 nado número de pessoas, no Brasil e no  
6 Exterior, que se ocupam mais diretamen-

7 poesia visual.

8 Como objetivos pessoais indico os  
9 seguintes:

1. Dizer muito com pouco ('o pouco é  
muito').
2. Possibilitar o máximo de partici-  
pação do leitor: versão, tradução, inter-  
pretação.
3. Não dar o fogo, mas a faísca.
4. Destinar-se à compreensão univer-  
sal.
5. Registrar a essência (economia) e  
não o consumo (supérfluo).
6. Evitar o confessional, o ideológico  
e o sentimental em benefício do máximo  
rendimento (abrandamento de interesses).
7. Ser o (in) visível.
8. Fazer com que o olho cumpra sua  
função reflexível. Refletir olhando.
9. Adotar uma posição construtiva  
diante da realidade. A compreensão no  
lugar da crítica.
10. Abrir possibilidades de entendi-  
mento visual entre os seres em todos os  
lugares, níveis e épocas.
11. Estabelecer no homem o caminho  
de sua totalidade como Ser no universo.

1 O livro "Germens" é uma espécie de  
2 registro de atividades, nesta área, no  
3 período de 67 a 77. Não há uma ordem  
4 cronológica na sequência das páginas. O  
5 tempo/mente (idéia) é diferente do tem-  
6 po/registro (objeto). Sucede o caso de  
7 registrarmos a idéia, mas também o do  
8 idealizarmos sem registro. Além disso,  
9 um livro desse gênero, tem exigências  
10 estruturais que extrapolam a organização  
11 linear.

2 O título "Germens" foi escolhido em  
3 função do que se pretende com um tipo  
4 de exibição que não objetiva mostrar  
5 nenhuma verdade, nenhum plano, nen-  
6 hum definição, mas que se propõe a ser  
7 um indicador do indescoberto, tanto a  
8 nível de autor quanto a nível de leitor.

9 Tudo é importante: escolas, opiniões,  
10 estilos, influências, interesses mas muito

Fig. 253 - *Germens: não dar o fogo, mas a faísca*. Fotocópia de jornal desconhecido com depoimento de Hugo Mund Jr. Documento incompleto. N/D. Fonte: Acervo MASC, pasta Hugo Mund Jr.

## ANEXO 8 - TEXTOS ASSINADOS

ALIANÇA FRANCESA DE BRASÍLIA

DESENHOS  
de  
LUIZ CARLOS DE FARIAS  
FRANCA

de 19 a 28 de abril

Passage: 19 de abril  
às 20:30 hs.

Hall da Aliança Francesa  
Av. W4 Sul EQ. 708/907

Horário: todos os dias de  
8 às 12 hs.  
14 às 22:30



Criação e metamorfose, tanto no ser do criador quanto em sua obra. Nada é estático ou definitivo e se as coisas adquirem forma é para logo se transformarem.

O mundo é uma dinâmica sempre em expectativa, onde o homem se situa como espectador de seu próprio amanhecer.

Luis Carlos: desenhos. A transitoriedade das formas evidencia-se na geração do ovo, no aflorar da semente que tudo indica, mas nada impõe: eis o grande ser gerando tesouros que são distribuídos com a generosidade da condição cósmica. Galaxias flexíveis, plantas intestinais, nervuras leguminosas. Degener/essência: no se desfazer, a coisa apresenta outra nascência.

Luis Carlos está descobrindo que o segredo da arte é mais um sugerir que explicar. Seus desenhos de agora são resolvidos de modo a permitir que a imaginação complete certos traços apenas indicados. Há uma maior interpenetração das formas no espaço, com a conseqüente abertura para outras dimensões. O volume da cor se integra no plano do papel e o universo assim constituido reflete a criação no que tem de infinito, multiforme e impessoal.

Hugo Mund Junior

Fig. 254 – Mund Júnior, Hugo. Texto em convite de exposição *Desenhos* de Luis Carlos Farias. Aliança Francesa de Brasília. N/D. Fonte: Acervo MASC, pasta Hugo Mund Jr.

## ANEXO 8 - TEXTOS ASSINADOS

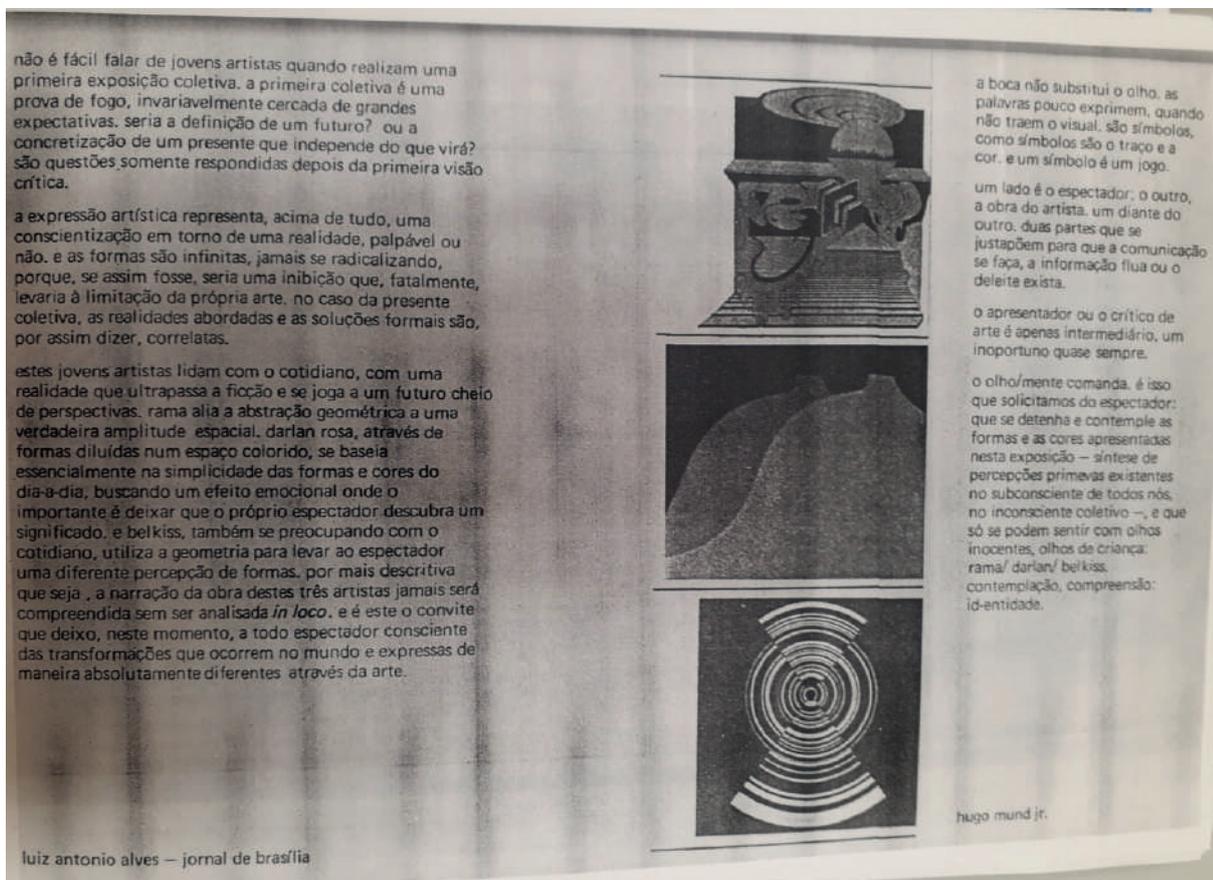
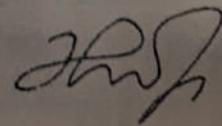


Fig. 255 – Fotocópia de jornal de Brasília. N/D. Assinado por Luiz Antônio Alves e Hugo Mund Jr. Fonte: Arquivo MASC, pasta Hugo Mund Jr.

## ANEXO 8 - TEXTOS ASSINADOS

### VECCHIETTI / VIGNETTE

**A** arte da decoração, que se vale do desenho e da cor como a arte da pintura e a arte da gravura, perde-se na origem dos tempos quando o Homem começou a expressar-se através de imagens, afirmando sua capacidade inventiva nos vasos gregos, nos frisos góticos, nas paredes persas e nas iluminuras medievais, onde o mundo da flora e da fauna serve de pretexto para os devaneios da mente de configuração ora grotesca, ora lírica, ora terrífica, a geometria cruzando-se com o orgânico, a reta com a curva. Com o advento da imprensa, surge a vinheta, pequeno desenho ou gravura que serve para ornamentar o título de um livro, o começo ou o fim dos capítulos, e que representava primitivamente as folhas da videira. Os trabalhos deste álbum resultam da feliz junção do friso ornamental com a vinheta, executados com a mestria resultante de um profundo conhecimento da arte da tapeçaria, onde Vecchietti se afirma como um dos mais autênticos criadores em nosso país. As vinhetas de Vecchietti funcionam como um referencial gráfico de suas tapeçarias. Nelas ficam visíveis a simplicidade e a pureza das estruturas de seus tapetes, seu caráter de origem popular aliado à mais alta elaboração pictórica, um raro exemplo de arte onde o artesanato é a chave mestra da criação.



Hugo Mund Júnior

Fig. 256 – Mund Júnior, Hugo. Texto em convite de exposição *Vinhetas* de Paulo Vecchietti. MASC, 1993. Mostra *O artista Vecchietti em coleção* em cartaz no MASC a partir de 6 de jul. de 2019. Curadoria de Clara Fernandes e expografia de Juliana Crispe. Fonte: Acervo MASC, pasta Hugo Mund Jr.

## ANEXO 8 - TEXTOS ASSINADOS

Brasília, 28 de setembro de 1978.

Prezado Aldo

Estamos enviando anexo o "curriculum vitae" atualizado,  
conforme solicitado.

Um grande abraço do amigo *Mund*

Hugo Mund Junior  
SQS 103 b/D Ap. 510  
Brasília - D. F.  
70342

*rec. 02.10.78*  
*Aldo*

Fig. 257 – Carta de Mund a Aldo Nunes. Brasília, 28 de setembro de 1978. Datilografada, carimbada e ass. Contém ass. de recebimento de Aldo Nunes. Fonte: Acervo MASC, pasta Hugo Mund Jr.

## **ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS**

## ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS

### **d'aquém e d'além mar** **Hugo Mund Filho: um valor novo**

As realizações de um homem são dele até certo limite. Não pelo fato de que o homem é resultante de sua estrutura psíco-biológica e de um sistema social. Mas porque, ultrapassando fronteiras pessoais, suas obras passam a pertencer mais amplamente à sociedade. Torna-se então um homem público, um homem que não pertence mais somente a ele próprio. Já é um patrimônio coletivo, já é um orgulho de todos, e todos sentem nele um pouco deles mesmos.

Chegar-se a tal condição é questão complicada. Trata-se de um processo em que são indispensáveis alguns fatores essenciais. O primeiro é a capacidade realizadora

do indivíduo, o segundo é o tempo, o terceiro reside no grau de valorização dado pela sociedade. Quanto mais culta e mais entusiasta é uma comunidade, representada por autoridades públicas e pelo povo em geral, maior possibilidade existirá na aprovação de obras de valor incontestável. Nas artes, na ação social, na ciência, na técnica, enfim, em quaisquer que sejam as formas de manifestação humana, o valor do indivíduo pode ser, ou não, reconhecido em tempo mínimo. Nem sempre uma comunidade se encontra ao par das realizações dos indivíduos que nela integram, permanecendo tais personalidades quase à margem dos fatos, recolhidas na humildade característica de grandes realizadores, e, operando com a necessária tranquilidade, e, realizando, frequentemente, algo que mais tarde poderá enriquecer o cabedal de conquistas da comunidade. E, ao contrário, poderá ocorrer que, indivíduos destituídos de valor real, porém maneirados, restejantes e infiltrantes, consigam "êxitos" surpreendentes, enquanto que os dotados de potencial criador são, pela ausência de envaidecimento que é inversamente proporcional ao alarde que fazem deles próprios, e pela frequente ausência de responsabilidade e competência de dirigentes da comunidade, relegados não raramente a plano apagado.

Diante então de semelhante possibilidade, emerge uma função importante a todos que, sincera e devidamente, policiam a vida cultural de um povo: a de tornar difundida as realizações dos indivíduos cujo valor não tenha sido suficientemente reconhecido, e pois, acelerar o processo de aprovação social. Por isto nos orgulhamos em aprovar, e dar justiça, a um valor novo, que, felizmente, já é reconheci-

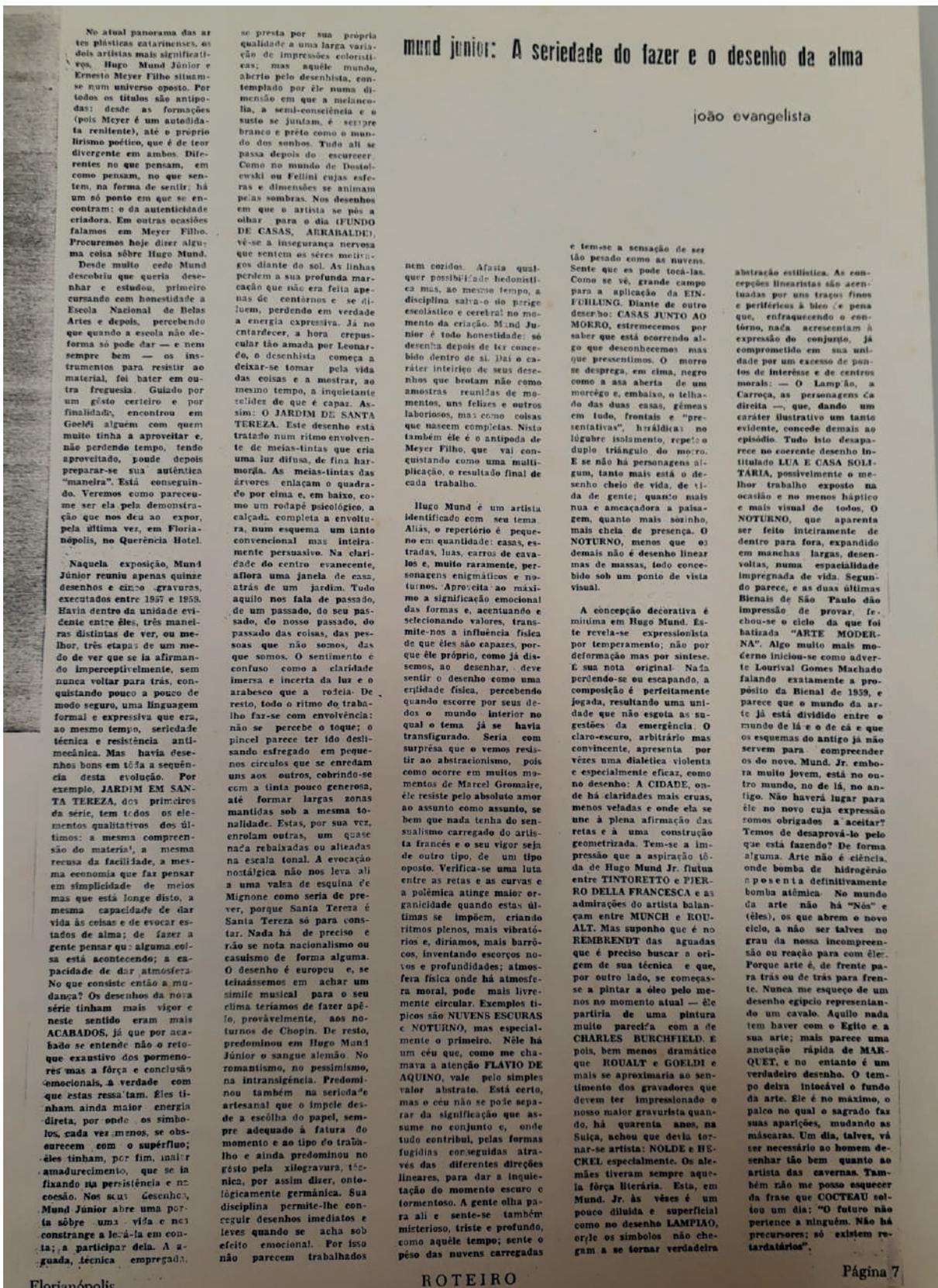
do na sociedade florianopolitana, mas que, nem por isso, nos impede de o vermos por outros ângulos. Refiro-me a Hugo Mund Filho. Quem, em suma é Hugo Mund Filho? As respostas variarão segundo a linha particular de apreciação de cada um. Dirão os críticos de arte: — "Já um artista, e mais algumas promessas"; Dirão os espíritos serenos e contemplativos: "Um jovem de respeito e responsabilidade". Dirão os amigos: — "Um companheiro"; Dirá o povo: "Um membro nosso, do qual orgulho"; Eu digo: "Um símbolo".

Um representante da nova geração catarinense que tem sabido romper as fronteiras das dificuldades e se introduzir no âmbito social. Um indivíduo como muitos que conheço, potencialmente ricos quanto à capacidade de realização, que apenas esperam o momento da aprovação social. Não pretendo enumerá-los, mas conheço muitos jovens que, cedo ou tarde, com ou sem dificuldades, se incorporarão à sociedade como forças de renovação. Mund Filho já venceu as primeiras etapas, não em função de protecionismos, mas em função de sua própria força, de seu talento, de sua disciplina de trabalho, e, isto é importante, em função do julgamento da sociedade catarinense, especialmente a florianopolitana, que sabe colocar, felizmente para ela, pesos de valor em obras que se afastam de futilidades. A aceitação de Mund Filho é um elogio à sociedade catarinense, é uma confirmação de que a sociedade espera premiar aqueles que realmente possuem qualidades. Mund Filho é um artista, mas, ao seu lado se encontram muitos outros valores, nas artes, na vida intelectual, na ciência, prontos a surgirem. E só abrirem determinadas portas.

Fernando Lago

Fig. 258 – Lago, Fernando. *D'aquém e d'além mar Hugo Mund Filho: um novo valor*. C.s.d. manuscrito out. 59.  
Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

## ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS



No atual panorama das artes plásticas carinenses, os dois artistas mais significativos, Hugo Mund Júnior e Ernesto Meyer Filho situam-se num universo oposto. Por todos os títulos são antipodas: desde as formações (pois Meyer é um autodidacta renitente), até o próprio lirismo poético, que é de teor divergente em ambos. Diferentes no que pensam, em como pensam, no que sentem, na forma de sentir, há um só ponto em que se encontram: o da autenticidade criadora. Em outras ocasiões falamos em Meyer Filho. Procuremos hoje dizer alguma coisa sobre Hugo Mund.

Desde muito cedo Mund descobriu que queria desenhar e estudou, primeiro cursando com honestidade a Escola Nacional de Belas Artes e depois, percebendo que quando a escola não deforma só pode dar — e nem sempre bem — os instrumentos para resistir ao material, foi bater em outra freguesia. Guiado por um gosto ceretiro e pur finalidade, encontrou em Goelá alguém com quem muito tinha a aproveitar e, não perdendo tempo, tendo aproveitado, pôde depois preparar-se sua autêntica "maneira". Está conseguindo. Veremos como pareceu-me ser ela pela demonstração que nos deu ao expor, pela última vez, em Florianópolis, no Quêrência Hotel.

Naquela exposição, Mund Júnior reuniu apenas quinze desenhos e cinco gravuras, executados entre 1957 e 1959. Havia dentro da unidade evidente entre eles, três maneiras distintas de ver, ou melhor, três etapas de um modo de ver que se ia afirmando imperceptivelmente, sem nunca voltar para trás, conquistando pouco a pouco de modo seguro, uma linguagem formal e expressiva que era, ao mesmo tempo, seriedade técnica e resistência anti-mecânica. Mas havia desenhos bons em si e a sequência desta evolução. Por exemplo, JARDIM EM SANTA TEREZA, dos primeiros da série, tem todos os elementos qualitativos dos últimos: a mesma compreensão do material, a mesma recusa da facilidade, a mesma economia que faz pensar em simplicidade de meios mas que está longe disto, a mesma capacidade de dar vida às coisas e de evocar estados de alma; de fazer a gente pensar que alguma coisa está acontecendo; a capacidade de dar atmosfera. No que consiste então a mudança? Os desenhos da nova série tinham mais vigor e neste sentido eram mais ACABADOS, já que por acabado se entende não o retico exaustivo dos pormenores mas a força e conclusão emocionais, a verdade com que estas ressa tam. Eles tinham ainda maior energia direta, por onde os símbolos, cada vez menos, se obscurecem com o superfluo; eles tinham, por fim, maior amadurecimento, que se ia fixando na persistência e no coesão. Nos seus desenhos, Mund Júnior abre uma porta sobre uma vida e nos constringe a lê-la em conta; a participar dela. A aguada, técnica empregada,

se presta por sua própria qualidade a uma larga variação de impressões colorísticas; mas aquele mundo, aberto pelo desenhista, contemplado por ele numa dimensão em que a melancolia, a semi-consciência e o susto se juntam, é sempre branco e preto como o mundo dos sonhos. Tudo ali se passa depois do escurecer. Como no mundo de Dostoiévski ou Fellini cujas esferas e dimensões se animam pelas sombras. Nos desenhos em que o artista se põe a olhar para o dia (FUNDO DE CASAS, AERBALDE), vê-se a insegurança nervosa que sentem os seres mortais quando diante do sol. As linhas perdem a sua profunda marcação que não era feita apenas de contornos e se diluem, perdendo em verdade a energia expressiva. Já no entardecer, a hora crepuscular tão amada por Leonardo, o desenhista começa a deixar-se tomar pela vida das coisas e a mostrar, ao mesmo tempo, a inquietante solidão de que é capaz. Assim: O JARDIM DE SANTA TEREZA. Este desenho está traçado num ritmo envolvente de meias-linhas que cria uma luz difusa, de fina harmonia. As meias-linhas das árvores enlaçam o quadrado por cima e, em baixo, como um rolapé psicológico, a calçada, completa a envoltura, num esquema um tanto convencional mas inteiramente persuasivo. Na claridade do centro evanescente, aflora uma janela de casa, atrás de um jardim. Tudo aquilo nos fala de passado, de um passado, do seu passado, do nosso passado, do passado das coisas, das pessoas que não somos, das que somos. O sentimento é confuso como a claridade imersa e incerta da luz e o arabesco que a rodeia. De resto, todo o ritmo do trabalho faz-se com envoltura: não se percebe o toque; o pincel parece ter ido deslizando esfregado em pequenos círculos que se enredam uns aos outros, cobrindo-se com a tinta pouco generosa, até formar largas zonas mantidas sob a mesma tonalidade. Estas, por sua vez, enrolam outras, um quase nada rebalsadas ou alteadas na escala tonal. A evocação nostálgica não nos leva ali a uma valsa de esquina de Mignone como seria de prever, porque Santa Tereza é Santa Tereza só para constar. Nada há de preciso e raso se nota nacionalismo ou casuismo de forma alguma. O desenho é europeu e, se teimássemos em achar um símile musical para o seu clima teríamos de fazer apelo, provavelmente, aos noturnos de Chopin. De resto, predominou em Hugo Mund Júnior o sangue alemão. No romantismo, no pessimismo, na intransigência. Predominou também na seriedade artesanal que o impede de sair de escolha do papel, sempre adequado à futura do momento e ao tipo do trabalho e ainda predominou no gosto pela xilogravura, técnica, por assim dizer, ontologicamente germânica. Sua disciplina permite-lhe conseguir desenhos imediatos e leves quando se acha sob efeito emocional. Por isso não parecem trabalhos

### mund junior: A seriedade do fazer e o desenho da alma

João Evangelista

nem cozidos. Afasta qualquer possibilidade hedonística mas, ao mesmo tempo, a disciplina saíra-o do perigo escolástico e cerebral no momento da criação. Mund Júnior é toda honestidade; só desenha depois de ter concebido dentro de si. Já o caráter inteligência de seus desenhos que brotam não como amostras reunidas de momentos, uns felizes e outros laboriosos, mas como coisas que nascem completas. Nisto também é o resultado de Meyer Filho, que vai conquistando como uma multiplicação, o resultado final de cada trabalho.

Hugo Mund é um artista identificado com seu tema. Alias, o repertório é pequeno em quantidade: casas, estradas, luas, carros de cavalos e, muito raramente, personagens enigmáticos e noturnos. Aproveita ao máximo a significação emocional das formas e, acentuando e selecionando valores, transmite-nos a influência física que eles são capazes, porque é próprio, como já dissemos, ao desenhista, deve sentir o desenho como uma criação física, percebendo quando escorre por seus dedos o mundo interior no qual o tema já se havia transfigurado. Seria com surpresa que o vemos resistir ao abstracionismo, pois como ocorre em muitos momentos de Marcel Gromaire, ele resiste pelo absoluto amor ao assunto como assunto, se bem que nada tenha do sensualismo carregado do artista francês e o seu vigor seja de outro tipo, de um tipo oposto. Verifica-se uma luta entre as retas e as curvas e a polémica atinge maior organicidade quando estas últimas se impõem, criando ritmos plenos, mais vibratórios e, diríamos, mais bárbaros, inventando escorços novos e profundidades; atmosfera física onde há atmosfera moral, pode mais livremente circular. Exemplos típicos são NUVENS ESCURAS e NOTURNO, mas especialmente o primeiro. Não há um céu que, como me chamava a atenção FLAVIO DE AQUINO, vale pelo simples valor abstrato. Está certo, mas o céu não se pode separar da significação que assume no conjunto e, onde tudo contribui, pelas formas fugidas conseguidas através das diferentes direções lineares, para dar a inquietude do momento escuro e tormentoso. A gente olha para ali e sente-se também misterioso, triste e profundo, como aquele tempo, sente o peso das nuvens carregadas

e tem-se a sensação de ser tão pesado como as nuvens. Sente que es pode tocá-las. Como se vê, grande campo para a aplicação da EINFÜHLUNG. Diante de outro desenho: CASAS JUNTO AO MORRO, estremeçemos por saber que está ocorrendo algo que desconhecemos mas que pressentimos. O morro se despreza, em cima, negro como a asa aberta de um morcego e, embaixo, o telhado das duas casas, gêmeas em tudo, frontais e "presentativas", heráldica no lugubre isolamento, repetido duplo triângulo do morro. E se não há personagens algum, tanto mais está o desenho cheio de vida, de vida de gente; quando mais nua e ameaçadora a paisagem, quanto mais sozinho, mais cheia de presença. O NOTURNO, menos que os demais não é desenho linear mas de massas, todo concebido sob um ponto de vista visual.

A concepção decorativa é mínima em Hugo Mund. Este revela-se expressionista por temperamento, não por deformação mas por síntese. É sua nota original. Nada perde-se ou escapando, a composição é perfeitamente jogada, resultando uma unidade que não esgota as sugestões da emergência. O claro-escuro, arbitrário mas convincente, apresenta por vezes uma dialética violenta e especialmente eficaz, como no desenho: A CIDADE, onde há claridades mais cruas, menos veladas e onde ela se une à plena afirmação das retas e à uma construção geométrica. Tem-se a impressão que a aspiração 10-da de Hugo Mund Jr. flutua entre TINTORETTO e PIERRO DELLA FRANCESCA e as admirações do artista balançam entre MUNCH e ROUALT. Mas suponho que é no REMBRENDT das agnadas que é preciso buscar a origem de sua técnica e que, por outro lado, se começasse a pintar a óleo pelo menos no momento atual — ele partiria de uma pintura muito parecida com a de CHARLES BURCHFIELD. E, pois, bem menos dramático que ROUALT e GOELDI e mais se aproximaria ao sentimento dos gravadores que devem ter impressionado o nosso maior gravurista quando, há quarenta anos, na Suíça, achou que devia tornar-se artista: NOLDE e HECKEL especialmente. Os alemães tiveram sempre aquela força hierárca. Esta, em Mund Jr. às vezes é um pouco diluída e superficial como no desenho LAMPIÃO, onde os símbolos não chegam a se tornar verdadeira

abstração estilística. As concepções linearistas são acen-tuadas por uns traços finos e perifericos à beira da pena que, enfraquecendo o contorno, nada acrescentam à expressão do conjunto, já comprometido em sua unidade por um excesso de pontos de interesse e de centros morais: — O Lampião, a Carroça, as personagens da direita —, que, dando um caráter ilustrativo um tanto evidente, concede demais ao episódio. Tudo isto desaparece no coerente desenho intitulado LUA E CASA SOLITARIA, possivelmente o melhor trabalho exposto na ocasião e no menos háptico e mais visual de todos. O NOTURNO, que aparenta ser feito inteiramente de dentro para fora, expandido em manchas largas, desenvoltas, numa espacialidade impregnada de vida. Segundo parece, e as duas últimas Bienais de São Paulo dão impressão de provar, fechou-se o ciclo da que foi batizada "ARTE MODERNA". Algo muito mais moderno iniciou-se como advertiu Lourival Gomes Machado falando exatamente a propósito da Bienal de 1959, e parece que o mundo da arte já está dividido entre o mundo de lá e o de cá e que os esquemas do antigo já não servem para compreender os do novo. Mund Jr. embora muito jovem, está no outro mundo, no de lá, no outro. Não haverá lugar para ele no novo cuja expressão somos obrigados a aceitar? Temos de desaprová-lo pelo que está fazendo? De forma alguma. Arte não é ciência, onde bomba de hidrogênio e bomba atômica. No mundo da arte não há "nas" e "tões), os que abrem o novo ciclo, a não ser talvez no grau da nossa incompreensão ou reação para com eles. Porque arte é, de frente para trás ou de trás para frente. Nunca me esqueço de um desenho egípcio representando um cavalo. Aquilo nada tem haver com o Egito e a sua arte; mais parece uma anotação rápida de MARQUET, e no entanto é um verdadeiro desenho. O tempo deixa intocável o fundo da arte. Ele é no máximo, o palco no qual o sagrado faz suas aparições, mudando as máscaras. Um dia, talvez, vá ser necessário ao homem desenhista tão bem quanto ao artista das cavernas. Também não me posso esquecer da frase que COCTEAU soltou um dia: "O futuro não pertence a ninguém. Não há precursores; só existem retardatários".

Fig. 259 – Andrade Filho, João Evangelista. *Mund Júnior: a seriedade do fazer e o desenho da alma*. Florianópolis. Página 7. Comenta exposição de 1959. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

## ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS

O grande artista tem um compromisso com o seu destino, o que é banal em sua expressão, mas trágico, para quem o vive, no seu modo de acontecer. Todo grande artista tem um compromisso com a sua morte — anônima ou feérica, ela indica esse transe por onde o artista, essa besta do mundo, rende ao que o consome sua autenticidade e seu valor.

O grande artista escava — nada o detém à superfície do visto, a maior do que o seu invento, maior do que sobra de sua agonia, êsses traços, êsses pretos, êsses brancos, tudo o que êle fabrica e esculpe à imagem de sua agonia, não tem outro sentido senão o de reconduzi-lo à fatalidade de seu primeiro esquema. Quando o terror os move, é o luxo da fábula que o seu cheiro exhala: ardem vivos, à procura dessa instância íntima que é a sua estrutura, o esqueleto.

Goeldi, vivo, assistia esqueletos transitando em seus painéis noturnos. Esse outro grande, Marcelo Grassmann, despe forma de animais e constrói em desenho ou gravura, o instante agônico da revelação animal: o osso transsuda o seu luxo.

Artista, desde cedo Mund sentiu essa atração do segrêdo total. E mesmo suas coisas amenas, essas casas de Paratí, êsses céus de grandes nuvens sem sentido, essas casas de ocre ou terra de siena, mesmo êsses céus esvaziados de tormenta, apresentam do artista o seu problema eterno e insubstituível — o da falência. Digamos logo: falência da vida como Paraizo, falência da sorte como destino, falência do amor como razão. A par de sua violenta inspiração, sempre viril e de desconcertante honestidade, caminha um Mund sensível, terno e cheio de candura, cujo desenho atinge não raro a uma dramática perfeição.

É o técnico que o cãnduz — êste filósofo — e controla a evasão dêsse mundo submerso e antigo que pertence a vários Mundos mortos e de há muito sem identidade.

Tenho conhecido e convivido com muitos temperamentos de artista, sobretudo os unidos ao mistério das artes plásticas. Jamais nenhum no seu primeiro instante me impressionou tanto como poder e autenticidade e, sendo tanto para descarnados como eu, jamais foi tão pouco para êle mesmo — e de um modo tão lúcido e tão desesperado. Esse modo de se sentir esqueleto, com tôda a sua carnadura de vivo e de irremissível cõbatente

Lúcio Cardoso

Fig. 260 – Cardoso, Lúcio. S/T. Sem fonte. N/D. Hugo comenta em entrevista que Lúcio apresentou exposição sua. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

## ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS

2.º CADERNO

CORREIO BRASILENSE,

# Exposição de Hugo Mund

24-11-63

### Reportagem de Yvonne Jean

A Aliança Francesa e o Centro de Extensão Cultural da UNB convidam para a inauguração de 30 desenhos a carvão de Hugo Mund Junior, amanhã, às 21 horas, na sede da Aliança. Todos estes desenhos, de uma técnica bem própria, como sombras e claros de imensa e intensa variedade — toda a gama dos pretos e brancos aos quais o papel rugoso dá ainda relevo maior — todos estes desenhos são inspirados pelo nosso cerrado, as paisagens de Goiás, o Planalto, pelo quadro que passou a ser o nosso, com suas árvores retorcidas, sua solidão que uma flôr extraordinária repentinamente ilumina e vivifica como, na pluviosa e cinza Bélgica um único raio de sol dá todo seu intenso valor a um teto vermelho ou árvore verde, segrêdo que criou os maiores coloristas do mundo, os flamengos. Assim é que em nosso cerrado, a segura e a imensidão dão todo seu valor às manchas e manifestações da natureza escondida porém presente.

#### DE PARATI AO CERRADO

Mund já escolheu, em período anterior, a velha cidade de Parati como tema. A cidade que Djanira tanto pintou e amou que nela possui hoje uma Casa Grande; a cidade que Frank Schaeffer, que atualmente expõe entre nós, também exprimiu. Agora são os arredores de Brasília, a natureza que se descobre no Planalto, os campos que se humanizam à medida que nos aproximados de Goiás, que sentiu e exprimiu. "As coisas solitárias dispersas pela aurora, a noite as arrebanha desordenadamente, e certo, sem categoria que a luz separa, mas indiferentes, a casa, o cachorro, o sonho, o morto", como diz o poeta. Jair Gramacho no catálogo de apresentação, que alude ao "já conseguido palmilhar de léguas, funcionando no plano outro imprevisível da conquista, o da contemplação e compreensão do êrmo, versão material do tempo, êste, de uma só vez iluminado e negro, arquiteto de ruínas", imagem justa e forte em que, porém, as três últimas palavras nem sempre têm vez, pois a paisagem de imensidão e solidão ou a casinha isolada podem das ruínas de uma paisagem milenar apodrecida como os carvões surgidos das plantas milenares, transformar-se em nova vida e até mesmo esperanças. Principalmente quando é a casa seu centro. "Sua preocupação temática mais permanente é o casario, e um casario do interior, provinciano em sua simpleza rude", já escreveu Waldir Ayala ao noticiar a exposição da Biblioteca Nacional do Rio, há dois anos. "Sua paisagem, com êste casario limitado por um denso contêrnou roualtiano, nos entrega um drama consentido e conhecido sob a forma da mais absoluta ordem de composição. É uma paixão serenizada, filtrada, única forma de nos penetrar para uma afinidade sempre surprendente... cria volumes

que insinuam uma dimensão em profundidade..." e isto também vale para todo êste interior de Goiás.

SANTA CATARINA, RIO, BRASILIA

Qual o currículo do atual assistente do setor de desenho do Instituto Central de Arte da UNB? Nasceu em Santa Catarina, em paisagens que são o oposto daqueles que hoje interpreta. Estudou pintura na Escola de Belas Artes e gravura com o nosso grande e inesquecível Osvaldo Goeldi. Foi êle que, sem dúvida, deu-lhe esta bela e infinita visão dos brancos e pretos vivos e infinitos e profundos. Expôs individualmente pela primeira vez no Rio, em 1959, na Galeria Macunaíma. Realizou inúmeras capas de livros e ilustrações de livros.

#### CENÁRIO DE UM CONTO

Tenho um à minha frente. Um livro infantil, o romântico e ingênuo "Pequeno Lord", da pequena coleção Madrigal, de Lúcia Benedetti. Nas ilustrações — estas coloridas — Mund captou a ingenuidade e fantasia de uma história amena e quando ilustra a frase "Cedric foi na carruagem ver sua mãe", por exemplo, as poucas grandes árvores do campo inglês, a carruagem de outros tempos, o menino, formam o conjunto que em vez de afastar aproxima mais ainda do sonho de uma história da carochinha e na pintura, os três planos, a limpeza de linhas

e côres, formam um cenário com toda a vida do teatro e da natureza que o interpenetram. E aqui a palavra "roualtiano" se impõe novamente, prelúdio aos carvões como os que agora vamos ver.

#### O CARVÃO E AS RAIZES DE GOIÁS

E em toda a modéstia de uma ilustração de livro infantil, compreendemos as palavras de João Evangelista sobre Mund Junior num artigo chamado "a seriedade do fazer e o desenho da alma": "Tem-se a impressão que a aspiração toda de Hugo Mund Jr. flutua entre Tintoretto e Pierro della Francesca e as admirações do artista balançam entre Munch e Roualt. Mas suponho que é no Rembrandt das aguadas que é preciso buscar a origem de sua técnica..." Isto para dizer de maneira muitíssimo simplificada a origem de um caminho que Goeldi ajudou a melhor definir, que tanto se apurou desde os heróicos tempos da revista "Sul", expressão dos jovens artistas catarinenses — entre êle Mund — em luta contra um meio tradicional e em busca de novas soluções que agora com sua interpretação do interior de Goiás firma-se e personaliza-se a se identificar com esta nossa paisagem estranha e até mesmo hostil para quem não penetrou suas oásis e luz e humanidade. O carvão, que parece arrancado às suas próprias raízes, admiravelmente o define.

Fig. 261 – Jean, Yvonne. *Exposição de Hugo Mund*. Correio Brasiliense. C.s.e. manuscrito 24/11/63. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

## ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS

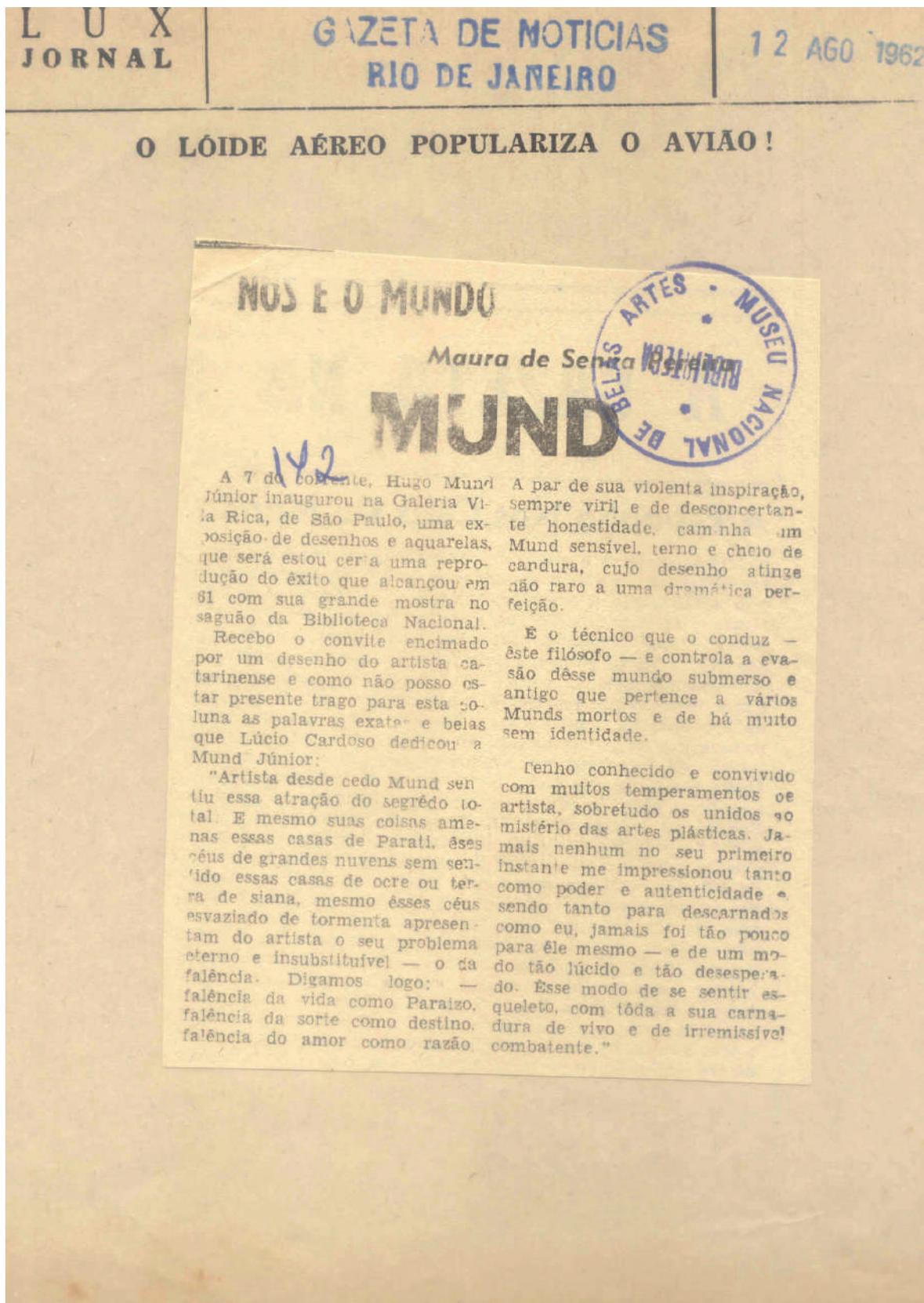


Fig. 262 – Pereira, Maura de Senna. *Mund*. Gazeta de Notícias/RJ, 12 de ago. 1962. Fonte: Acervo documental MNBA, pasta Hugo Mund Júnior.

## ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS

LUX JORNAL	Diário de São Paulo São Paulo	12 AGT 1962
---------------	-------------------------------------	-------------

# ARTES PLÁSTICAS

## UM DESENHISTA

QUIRINO DA SILVA

Para a crítica improvisada, encontram expostos e fran-  
queados ao público na Galeria  
Hugo Mund Junior — que se Vila Rica, à rua Barão de Ita-  
petingua — não devem ter  
nenhuma importância. Entu-  
siasta do informal, tudo o que  
Hugo Mund Junior ali expõe  
se distancia da "sensibilida-  
de" dessa crítica facciosa.

Apesar de ser muito moço,  
Mund não se deixou seduzir  
pelas facilidades que envol-  
vem, prendem e animam os  
atuais chamados artistas de  
vanguarda. Os tais que já co-  
meçaram louvados e pre-  
miados.

Mund desenha como fala —  
fala como desenha. Suas li-  
nhas, às vezes, emaranhadas,  
até — se quiserem — títu-  
beantes, correm, livres, sem  
atropelo, nervosas, para al-  
cançar o ponto alto da expres-  
são gráfica. Há momentos de  
indecisão nos quais o moço  
desenhador parece perder-se  
dentro do seu próprio mun-  
do. O mundo de Hugo Mund,  
por vezes povoado de miste-  
rios, detem-se quase que em  
gestos declamatorios.

São folhas brancas nas  
quais o artista traçou a sua  
própria história, impulsiona-  
do pela emotividade que se  
contém e se expande em sua  
alma.

Hugo Mund ainda tropeça  
nas deficiências artesanais.  
Falta-lhe — e não poderia  
deixar de faltar — a seguran-  
ça do conhecimento do ofício.  
São tropeços naturais de um  
desenhista moço que, entre-  
tanto, evidencia os melhores  
dotes artísticos em sua obra.

O reporter que assina esta  
nota, ao visitar a exposição  
de Hugo Mund, dele recolheu  
esta declaração, que exprime  
o que o desenho representa  
em sua vida:

"O desenho para mim re-  
presenta um movimento sutil  
da alma que a mão transmite  
ao papel, qualquer coisa sus-  
pensa e decisiva, profunda-  
mente espiritual.

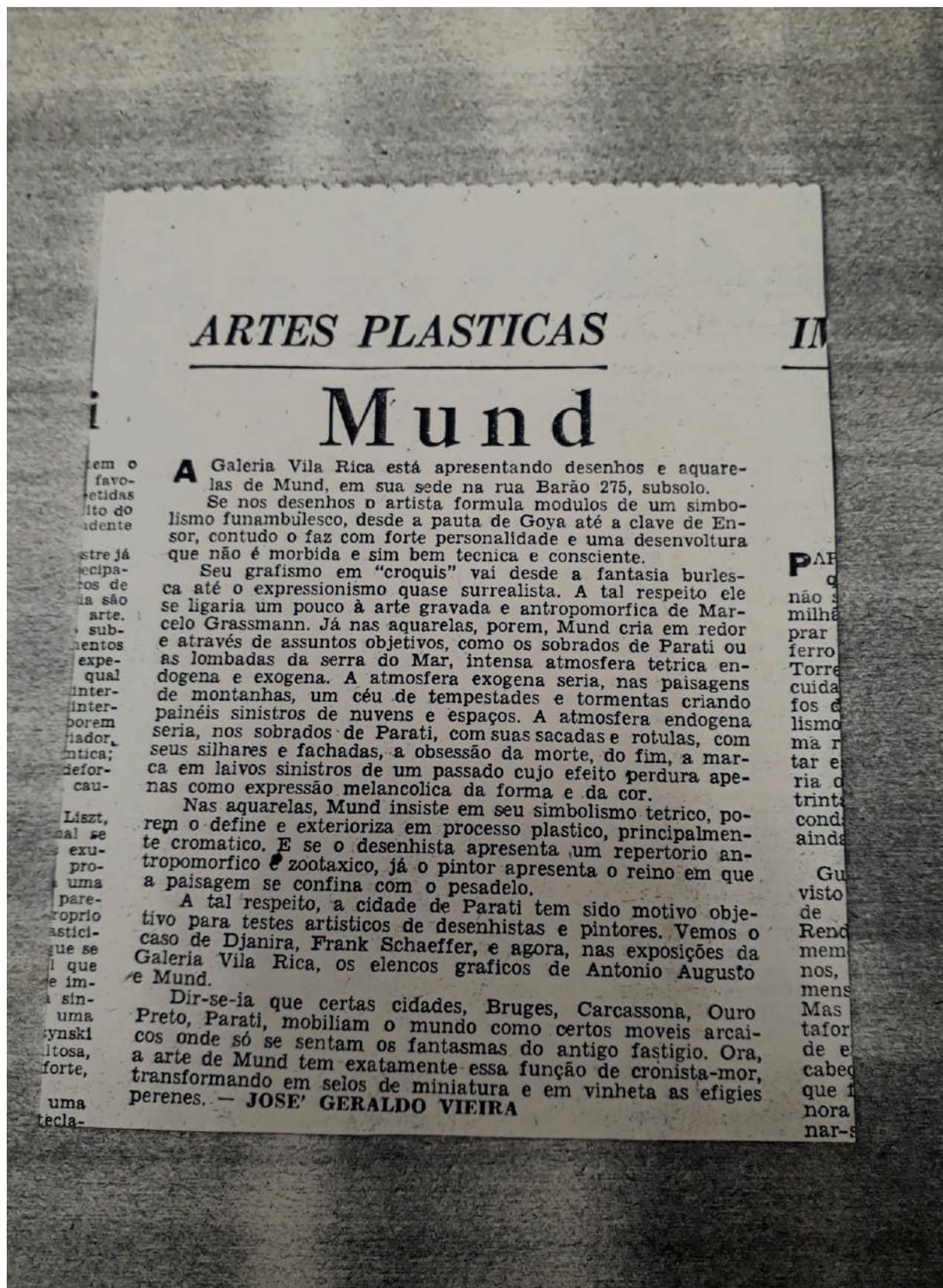
Nessa hora, absorvido na  
inconstância dos sonhos, sin-  
to melhor o desenho.

Estou voltado para dentro  
de mim mesmo e no meu in-  
terior encontro muita coisa a



Fig. 263 – Silva, Quirino da. *Um desenhista*. Diário de São Paulo, 12 de ago. 1962. Fonte: Acervo documental MNBA, pasta Hugo Mund Júnior.

## ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS



### ARTES PLASTICAS

## Mund

**A** Galeria Vila Rica está apresentando desenhos e aquarelas de Mund, em sua sede na rua Barão 275, subsolo.

Se nos desenhos o artista formula módulos de um simbolismo funambulesco, desde a pauta de Goya até a clave de Ensor, contudo o faz com forte personalidade e uma desenvoltura que não é morbida e sim bem técnica e consciente.

Seu grafismo em "croquis" vai desde a fantasia burlesca até o expressionismo quase surrealista. A tal respeito ele se ligaria um pouco à arte gravada e antropomorfica de Marcelo Grassmann. Já nas aquarelas, porém, Mund cria em redor e através de assuntos objetivos, como os sobrados de Parati ou as lombadas da serra do Mar, intensa atmosfera tetrica endogena e exogena. A atmosfera exogena seria, nas paisagens de montanhas, um céu de tempestades e tormentas criando painéis sinistros de nuvens e espaços. A atmosfera endogena seria, nos sobrados de Parati, com suas sacadas e rotulas, com seus silhares e fachadas, a obsessão da morte, do fim, a marca em laivos sinistros de um passado cujo efeito perdura apenas como expressão melancolica da forma e da cor.

Nas aquarelas, Mund insiste em seu simbolismo tetrico, porém o define e exterioriza em processo plastico, principalmente cromatico. E se o desenhista apresenta um repertorio antropomorfico e zootaxico, já o pintor apresenta o reino em que a paisagem se confina com o pesadelo.

A tal respeito, a cidade de Parati tem sido motivo objetivo para testes artisticos de desenhistas e pintores. Vemos o caso de Djanira, Frank Schaeffer, e agora, nas exposições da Galeria Vila Rica, os elencos graficos de Antonio Augusto e Mund.

Dir-se-ia que certas cidades, Bruges, Carcassona, Ouro Preto, Parati, mobiliam o mundo como certos moveis arcaicos onde só se sentam os fantasmas do antigo fastigio. Ora, a arte de Mund tem exatamente essa função de cronista-mor, transformando em selos de miniatura e em vinheta as efigies perenes. — JOSE' GERALDO VIEIRA

IM

PAR

q  
não s  
milhã  
prar  
ferro  
Torre  
cuida  
fos d  
lismo  
ma r  
tar e  
ria o  
trinta  
cond  
ainda

Gu  
visto  
de  
Rend  
mem  
nos,  
mens  
Mas  
tafor  
de e  
cabeç  
que f  
nora  
nar-s

Fig. 264 – Vieira, José Geraldo. *Mund*. Comenta exposição de Mund em SP, 1962. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

## ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS

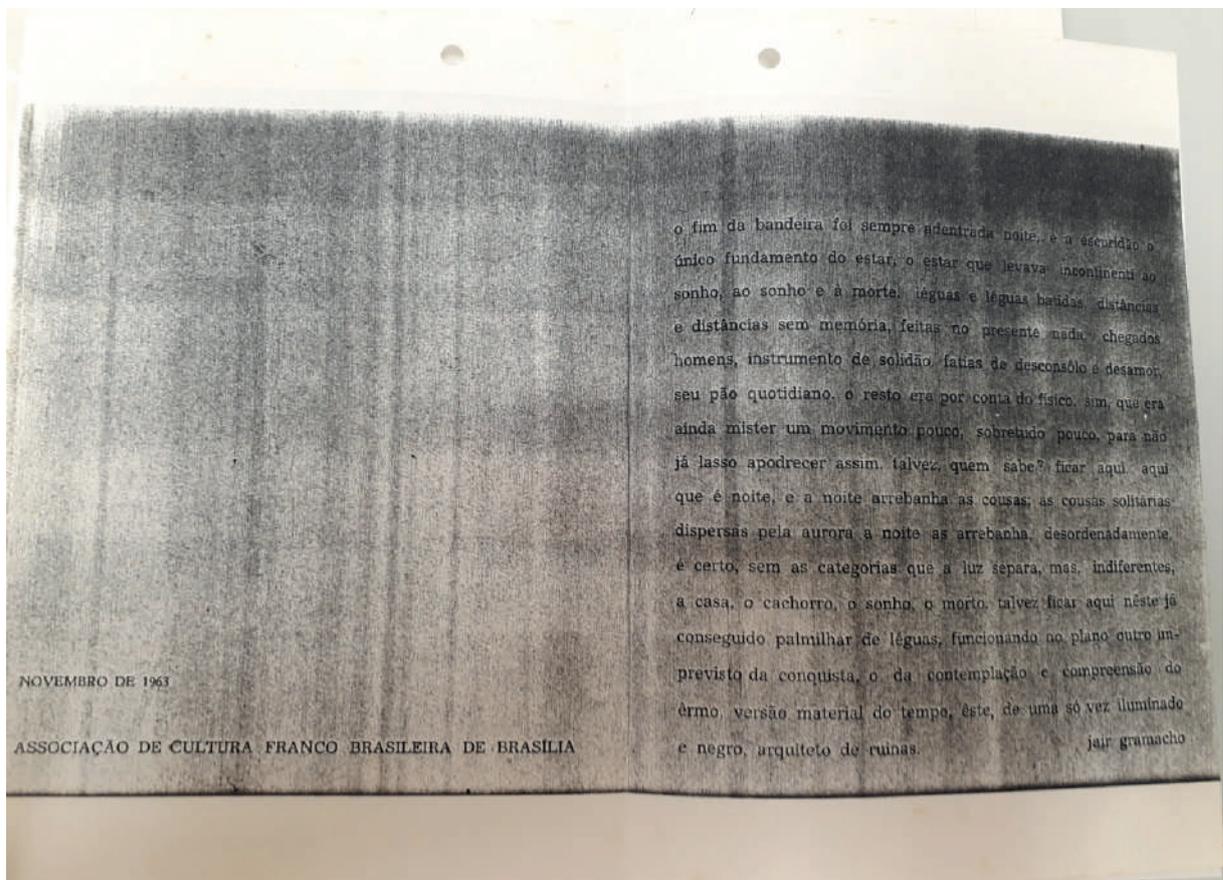


Fig. 265 – Gramacho, Jair. *Desenhos de Mund*. Convite de exposição na Aliança Francesa de Brasília. 1963.  
Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

## ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS

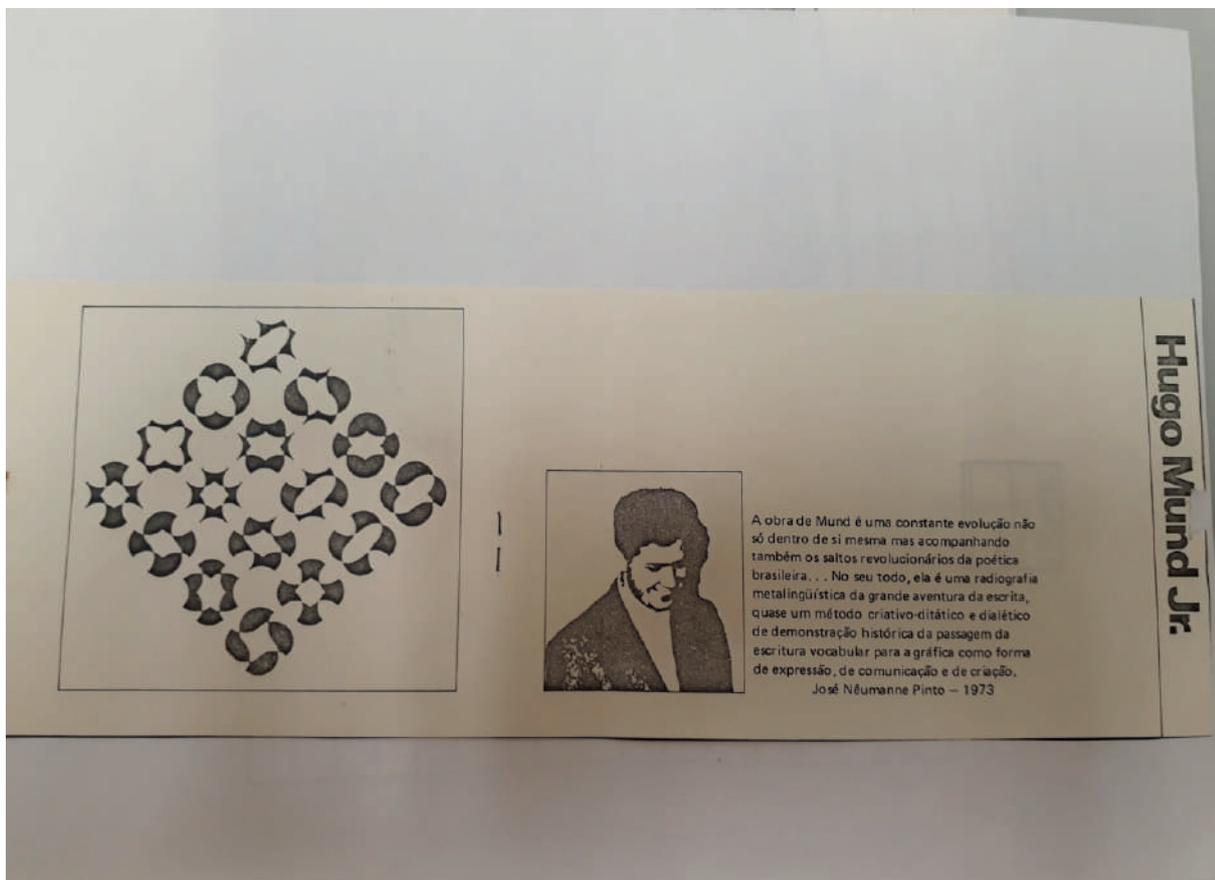


Fig. 266 – Pinto, José Nêumanne. *Hugo Mund Júnior*. 1973. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

## ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS

Esta série de desenhos de MUND no planalto goiano representa bem o encontro de um artista com a própria personalidade. Nêles podemos ver a transposição da experiência adquirida em velhas cidades numa síntese da visão exterior e da contemplação mais íntima. Seu espaço e seus personagens estão desligados de qualquer idéia de tempo. As imagens se afastam do transitório à sombra de postes e fios de névoa de carvão e se fundem com a bruma branca de papel. Cavalos alados sem asas galopam acima do Sol. Moças deitadas no Ar. Homens de pé na solidão sêca. Retângulos de portas e janelas vazias. Linguagem gráfica. Linguagem que faz ver coisas que são invisíveis. Quando o desenho se afasta do descritivo, do pitoresco e caminha para a plástica pura as palavras faladas ou escritas ficam pobres para o descrever ou interpretar. Não devemos dizer aqui mais nada, senão:

**OLHEM ATENTAMENTE OS DESENHOS EXPOSTOS!**

Alcides da Rocha Miranda

Fig. 267 – Miranda, Alcides da Rocha. *Desenhos de Mund*. Convite de exposição na Galeria Verseau/RJ, 1964.  
Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

## ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS

HUGO MUND JR - nasceu em Mafra, SC, em 1933.

Desenhista, gravador, pintor, programador visual, poeta e professor. Reside em Brasília. Concluiu curso de pintura na antiga Escola Nacional de Belas Artes da Universidade do Rio de Janeiro (1957), especializando-se em gravura com Osvaldo Goeldi (1956/58).

É um artista plástico que se dedicou às artes gráficas e dessa experiência resultou a sua trajetória até o poema visual, revelando-se como uma importante contribuição à nova poética brasileira.

Aprofundou-se na investigação da palavra, na sua decomposição e associação às imagens gráficas e procurou uma solução criativa, onde aquelas imagens pudessem falar mais do que a própria palavra, chegando, dessa forma, ao poema visual que estabelece ampla abertura em torno da linguagem.

Fig. 268 – S/A. Currículo e comentário datilografado. N/D. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

## ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS



Fig. 269 – S/A. *Destaque: Hugo Mund Júnior*. Florianópolis, 15 de outubro de 1978. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

## ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS

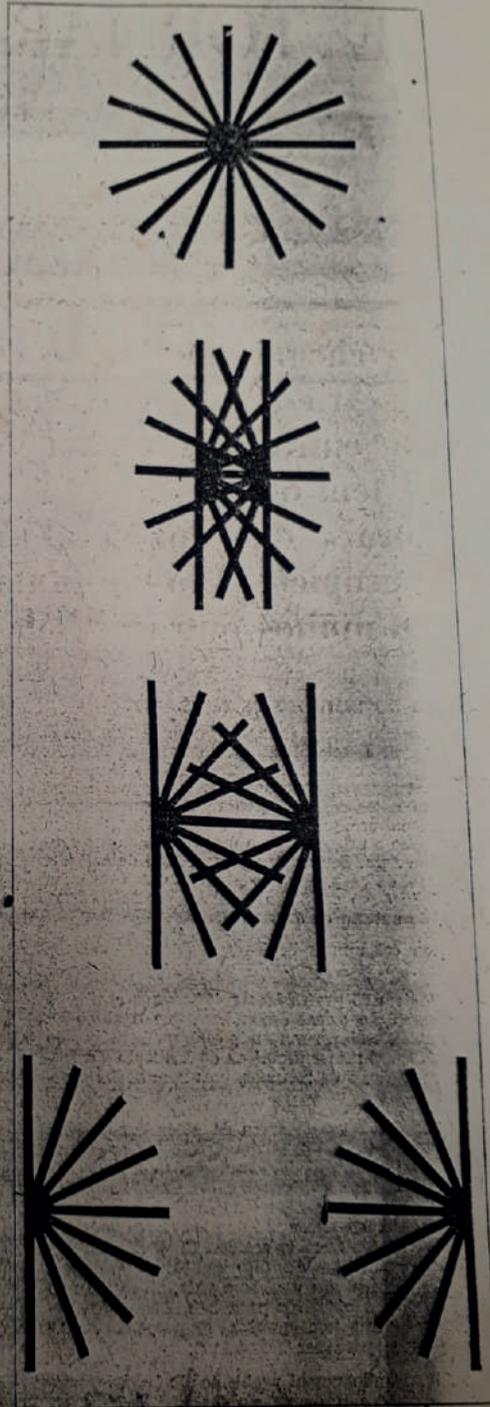
PÁGINA 2 □ JORNAL DO BRASIL □ RIO DE JANEIRO □ QUINTA-FEIRA, 27 DE JUNHO  
1967

### ARTES PLÁSTICAS | WALMIR AYALA POEMA GRÁFICO

Entre os nomes inexplicavelmente ausentes, no movimento jovem das artes plásticas brasileiras, está o de Hugo Mund Jr. Há muito tempo o conhecemos, então desenhista de rara qualidade, concentrado, modesto e pertinaz. Depois foi engolido por Brasília e nunca mais se ouviu falar dele. De repente começam a me chegar notícias, cartas, livros, um S.O.S. tranqüilo que nos reanima: está vivo, trabalha, e trabalha bem, como sempre. Vejamos sua primeira carta: "Mesmo sem lhe dar notícias (ou você saber por outros) minha produção tem sido considerável (apesar dos anos estanques) e de um modo geral experimenta um sentido novo. Não nos libertamos daquilo que a parte incógnita do ser exige: arte, amor, ar. Uns acreditam que morri, outros que enlouqueci, mas nunca estive tão nascente, tão lógico, tão bem. (...) Recebeste *Gráficos*?"

Sim, eu havia recebido *Gráficos*, um belo livro composto de "uma série de imagens encadeadas, uma conduzindo à outra, em seqüência que se pode dizer cinética, sugerindo ao espectador a possibilidade de compor uma mensagem". Um livro de poemas gráficos, sem uma palavra, emocionante e móvel. Hugo Mund Jr., sem a pretensão de outros movimentos fascistas que rasgam livros para dizer que a palavra não tem mais sentido, montou seu laboratório particular e é impossível negar que acrescentou algo ao mundo vasto e infinito da poesia, com aqueles recursos que são e foram sempre os de sua vocação e fatalidade. Os recursos gráficos. Confesso que a mensagem de seu livro *Gráficos* não me ficou muito clara, apesar da emoção que nos dá o simples contato visual, a sensação de ritmo e integração de suas proposições. Já o mesmo não aconteceu com o poema *Guerra e Paz*, poema gráfico que publicamos ilustrando este artigo. Aí a coisa está clara: aquele ultrapassar do ódio que se chama amor. A simplificação do impacto da mensagem, a forma direta de ser atingidos por ela, a linguagem dinâmica e irrefutável, criam uma nova participação que, se não tem a riqueza que o poema pode ter com palavras, tem pelo menos a verdade essencial que a maioria dos poemas pretende ter e não consegue. Hugo Mund Jr. depois de um desenho minucioso, goeldiano, denso de drama e solidão, assume a geometria gráfica para ser poeta. Num tempo em que as palavras realmente se desgastaram (vide a crise e ausência da poesia) é saudável a sugestão de artistas como Hugo Mund Jr., que chegam para formular caminhos, para propor conjugações.

Hugo Mund Jr., nasceu em Mafra, Santa Catarina. Fêz parte do grupo Revista Sul, movimento de vanguarda em Florianópolis. Estudou pintura e desenho na Escola Nacional de Belas-Artes e gravura com Osvaldo Goeldi. No Rio de Janeiro trabalhou em ilustrações e artes gráficas. Foi professor de xilogravura na Escolinha de Arte do Brasil e no Centro Educacional de Niterói. De 1957 a 1961 participou do Salão Nacional de Arte Moderna e em 1959 da Bienal de São Paulo. Professor do Instituto Central de Artes da Universidade de Brasília desde 1962. Atualmente se dedicando à Comunicação Visual, publicando poemas gráficos no Suplemento Cultural do *Correio Brasiliense*. Editou *Gráficos*, poema em linguagem visual. Expôs recentemente no Hotel Nacional de Brasília, pintura didática acessível ao entendimento a partir da criança.



Guerra e Paz — poema gráfico de Hugo Mund Jr.

Fig. 270 – Ayala, Walmir. *Poema gráfico*. Caderno de artes plásticas do Jornal do Brasil em 27 de junho de 1967. Contém poema gráfico *Guerra e Paz*. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

## ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS

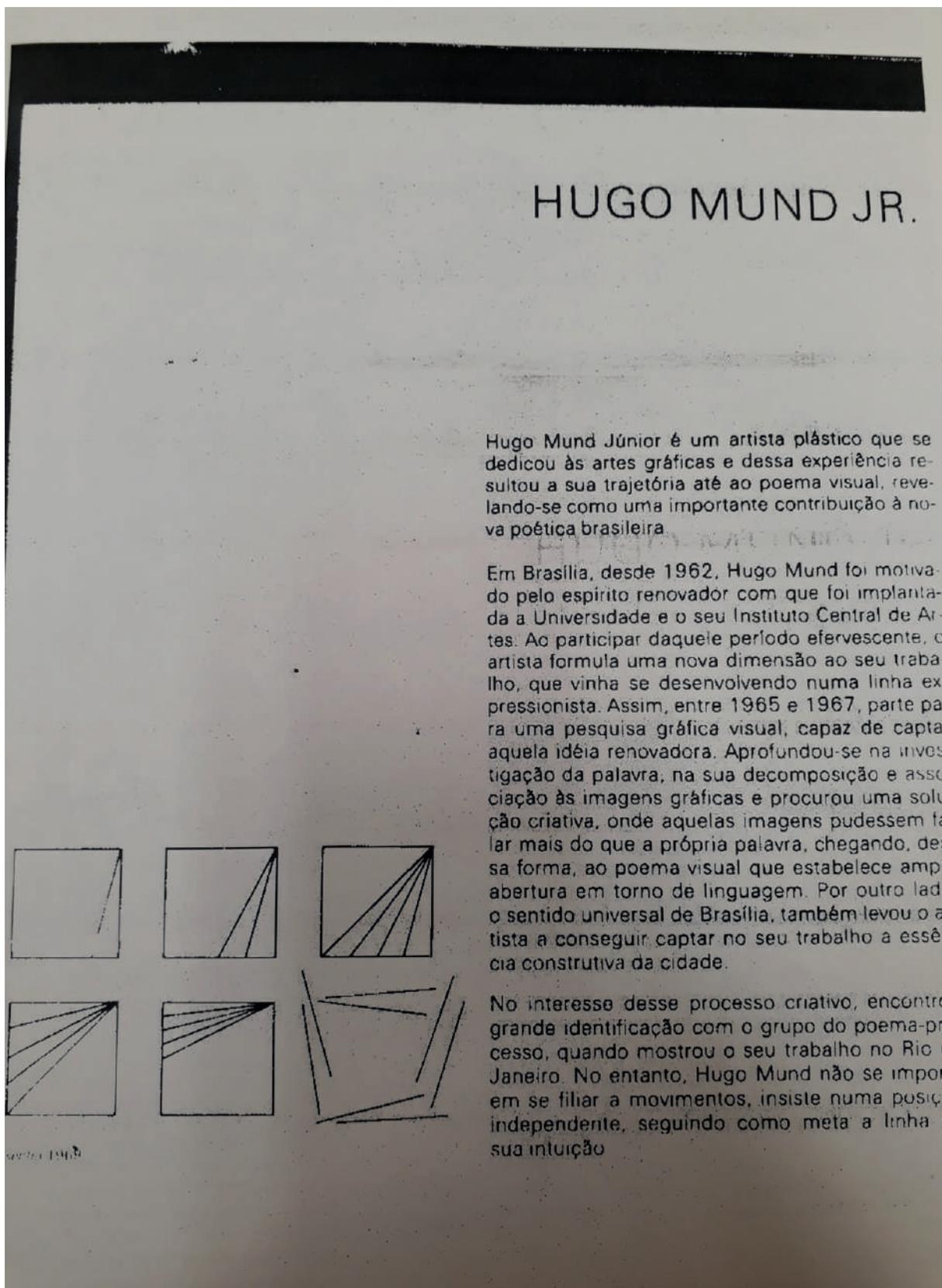


Fig. 271 – S/A. *Hugo Mund Jr.* N/D. Origem desconhecida. Contém imagem de livro *Germens*, 1977. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

## ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS

Hugo Mund Junior, Brasil

sin título

Mund, nasce em Mafra, Santa Catarina, em 1933. Professor em la Universidade de Brasília.

Em 1967 comienza a publicar sus primeros proyectos visuales en periódicos. Tiene dos libros: "Gráficos", 1968 y "Palavras que não são palavras", 1969.

Se incluye a continuación un texto teórico del autor:

*os processos de informação dentro da poética tendem ao máximo de abertura e indefinição. os materiais de poema são os materiais da vida. o poema penetra domínios onde o próprio sistema de registro - opção de suporte - constitui sua estrutura. daí a importância do SINAL na vanguarda que se faz veículo do momento biológico.*

Fig. 272 – S/A. Hugo Mund Júnior, Brasil. N/D. Legenda para trabalho S/T. Em espanhol, origem desconhecida. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

## ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS

hugo mund jr. 1970

my personal view on poetry is an evolutive one: experiment in progress and as far as possible different disciplines in fusion. so i put in practice the dadaistic rule that there is no nobility in the world of the words and no limits in the world of creation.

though my poetry is now visual and phonetic, i'm not afraid to find mimetic results, because words have sometimes an inner face that they hide and that i like to discover. That is what i call « the verbal face ». so there is not only place for typographical (orthodox-concrete) but also for graphical poetry (imaginative-concrete). besides, since the wars in asia and the may-revolution in paris (1968) i felt the need to widen the esthetical information with a greater world conscience, not to create a special engaged poetry, but in order to make people more aware of absurdity, danger, responsibility and love. a lot of my visual poems and the most of my sound-texts go that way.

hugo mund jr. 1970

Fig. 273 – Mund Júnior, Hugo. 1970. Relato em primeira pessoa sobre processo de criação. Origem desconhecida. Em inglês. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

## ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS

25. 3. 69  
Correio Braziliense,

# Literatura



François-René de Chateaubriand

AS NÃO-PALAVRAS DE MUND - A propósito do livro de Hugo Mund Jr., PALAVRAS QUE NÃO SÃO PALAVRAS, recentemente lançado pela Ebrasa - Editora de Brasília S/A, assim se manifestou o escritor José Edson Gomes: "Seria muito fácil dizer tratar-se de um livro esquemático. De resto, aliás, seria uma tolice tão grande quanto qualquer outra afirmação sobre o livro - feita assim com

uma palavra no sentido de defini-lo, enquadrando-o: porque Hugo Mund Jr. ultrapassou não sómente todo o esquematismo (identificador dos limites auto-procurados, limitação não arbitrária) como toda e qualquer identificação com aquilo que se vem fazendo em arte no país. Não é uma torre estranha e isolada nem um pretensioso, claro. Mas sua inquietude, quase se poderia dizer seu desespero do imitativo, fizeram-no atingir uma pureza de expressão tanto verdadeira na poesia, como no desenho ou na pintura (a palavra aí tem um sentido puro, específico, que não comporta uma definição imediata, assim no correr da fala). Como exemplo disto, veja-se a sua famosa representação gráfica - Guerra e Paz, que esteve presente em muitos lugares de Brasília e do país, uma sugestão do ofertório bipartido, com suas partes agudas para o interior, enfilelar de lanças em riste, então, que se aproximando para a luta se ultrapassam gerando um sol; nem romantismo e nem símbolo religioso, mas a utilização de veículos

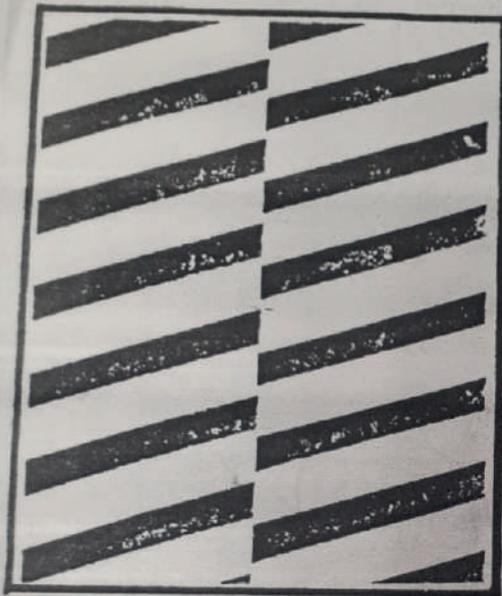
simbólicos conhecidos, alterados em estilo, mas conservando a mesma carga e significados essenciais. E o livro PALAVRAS QUE NÃO SÃO PALAVRAS conserva esta mesma pureza de expressão o que é sua força e são suas leis. A palavra solta ou a palavra relacionada, descondicionando-se de suas significações primeiras, básicas e usuais, para ressurgir nova, tranquila, múltipla. Palavras que não são palavras; as mesmas, as antigas. Mas adaptadas ao sentido do homem e de sua época. Vivas, dinâmicas: Novamente puras".

Fig. 274 – S/A. *As não-palavras de Mund*. Caderno Literatura do Correio Braziliense, 25 de março de 1969.  
Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

## ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS

### O CORTE SEMIÓTICO EM HUGO MUND

Bianor Paulino da Costa



**PALAVRA E COR** de Hugo Mund Júnior, impresso em serigrafia, em Santa Catarina (1988), é um livro de poemas transparentes e ao mesmo tempo objeto tátil visual, salientando as premissas eco(onto)lógico da linguagem/viagem imagética e o desencadeamento estrutural do espaço vazio semiótico das páginas. Todos estes elementos temáticos se constituem e se relacionam num fluxo re fluxo entre si: as heterogeneidades contextuais eco(onto)lógicas formam a homogeneidade da linguagem objeto textual tátil visual: o corte semiótico. A transparência se emerge na medida em que tocamos oticamente às suas páginas: há um reflexo inerente ao avesso de cada uma, que por sua vez se transpõe à página seguinte, e assim por diante, surgindo sempre um novo tema em cada bloco, abordado por indiciamento de palavras e imagens gráficas em desdobramento processual e semiótico. Exemplo: os dois meios-círculos (amarelo e azul) iniciais que se encaixam na página imediata, representados linguisticamente por duas palavras-cores (SOL-

A MARGEM - NATAL - RN - AGOSTO 93

vermelho/TERRA-verde) simbolizadas por dois círculos que sustentam, por sua vez, a iconização dos signos-cores. Ambos os símbolos indiciam e iconizam a FECUNDAÇÃO do planeta terra pelos reflexos implícitos dos raios solares, motivados explicitamente pela cor verde da palavra TERRA que nos conduz a uma intersecção dos círculos em oposição-equilíbrio: aí, sim, nasce o efeito metalinguístico e eco(onto)lógico do homem/mundo/linguagem: os paradoxos sígnicos e imagéticos se desdobram na própria existência sígnica única: surge o círculo eco(onto)lógico: VER-DE/VIDA que se prolifera na MUNDIVIVÊNCIA do texto.

E, assim, neste jogo de signo/imagem gráfica se sucede a leitura da viagem/linguagem de Hugo Mund que se deixa inserir nos labirintos teóricos do poema-processo: desencadeamento de estruturas. Nesta trajetória, Vegetação, Jardim, Alimento, Caminho, Pássaro, Casa e etc, são símbolos tipo-ontológicos representativos da heterogeneidade temática da topologia gráfica onde se definem os impulsos para o desencadeamento das possibilidades verossimilhantes do corte espacial da página: o espaço vazio é superado pelo corte do branco: podemos, a nível de visão semiótica, cortá-lo em vários pontos do livro, como também dispensar as palavras, criando-se novos signos não verbais simultaneamente.

É neste contexto de leitura que se gera a criatividade poética tátil visual huguiana. Tátil porque contexto e texto, excluindo o suporte morto, se tornam uma homogeneidade de significante/significado: fisicamente se denota o semântico/semiótico do objeto-livro, pela descartabilidade dos poemas em função da versão/leitor-corte crítico, isto dentro da probabilidade metalinguística do eco(onto)lógico da linguagem do ser humano criador.

**PALAVRA E COR** é fruto direto da nova linguagem em processo tecnocosmológico da anti-literatura do século XXI, no qual o poeta tradicional desaparece e se desponta o designer, contribuindo com a (re)invenção semiótica da arte-objeto físico descartável, elaborada tecnologicamente com o saca sinal da percepção anarka.

Fig. 275 – Costa, Bianor Paulino da. *O corte semiótico em Hugo Mund*. C.i.e. manuscrito *A Margem – Natal – RN – agosto 93*. Contém imagem de *Palavra e Cor*. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

## ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS

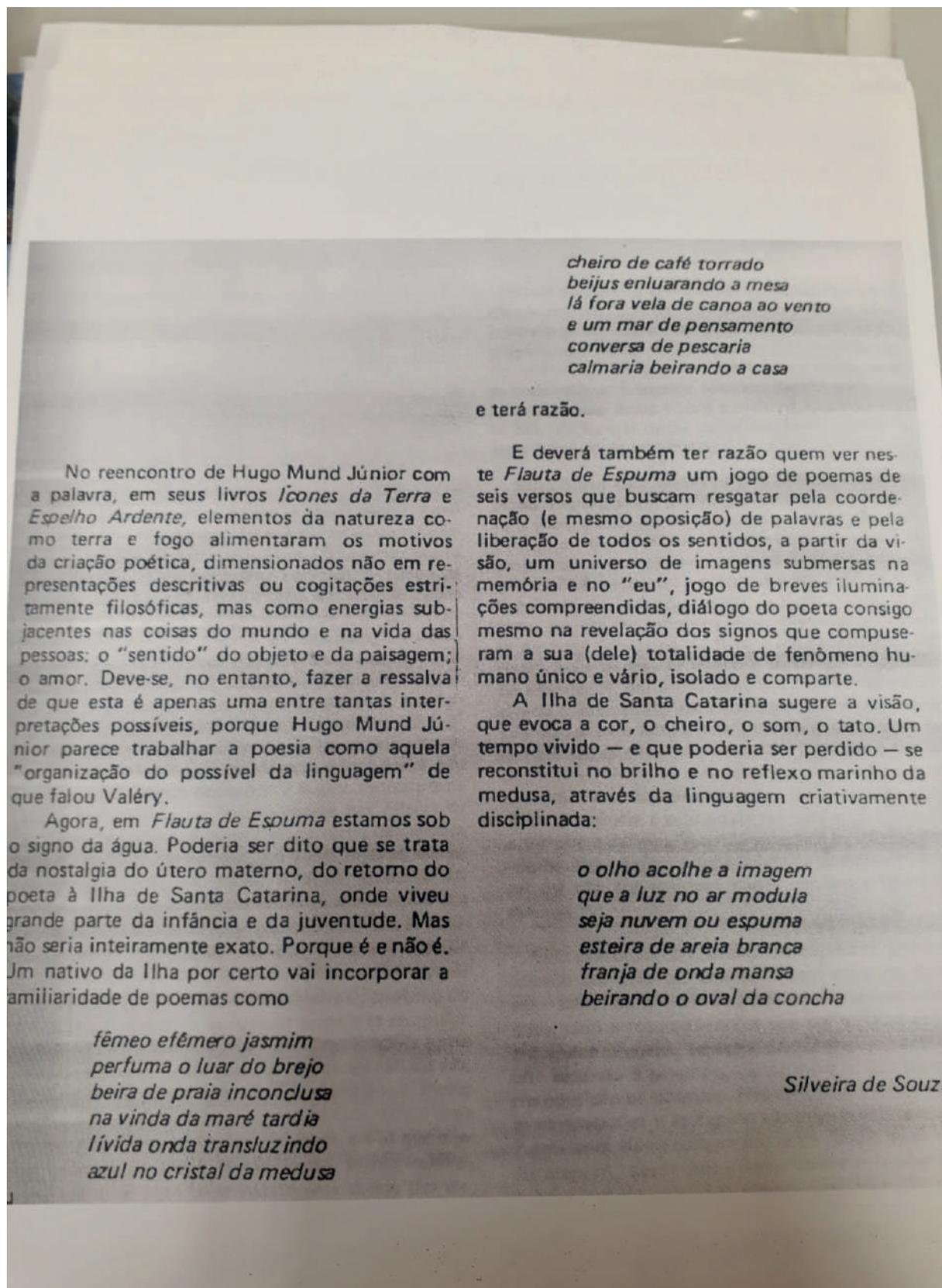
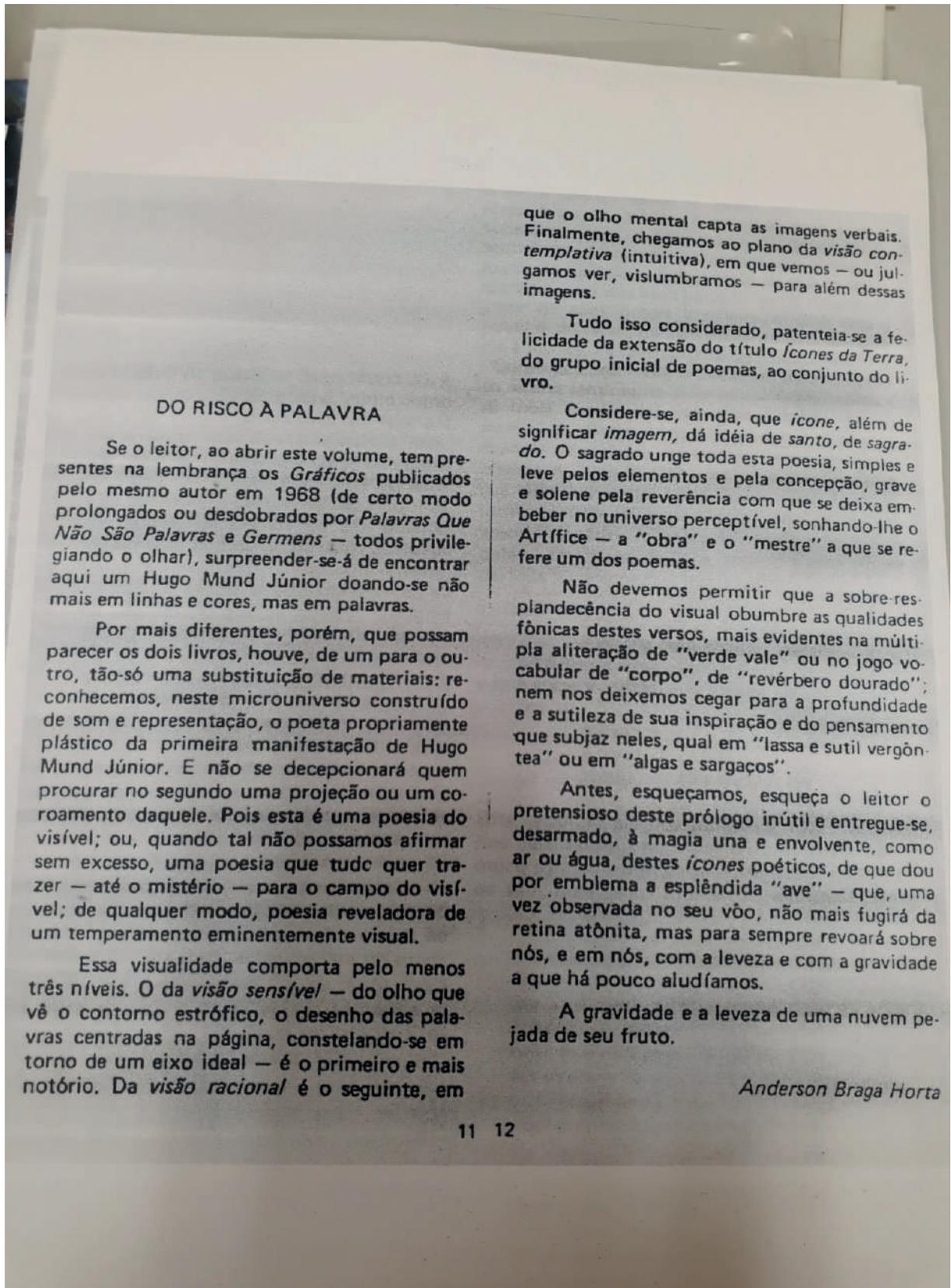


Fig. 276 – Souza, Silveira. Apresentação de livro *Flauta de Espuma*. 1986. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

## ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS



### DO RISCO À PALAVRA

Se o leitor, ao abrir este volume, tem presentes na lembrança os *Gráficos* publicados pelo mesmo autor em 1968 (de certo modo prolongados ou desdobrados por *Palavras Que Não São Palavras* e *Germens* — todos privilegiando o olhar), surpreender-se-á de encontrar aqui um Hugo Mund Júnior doando-se não mais em linhas e cores, mas em palavras.

Por mais diferentes, porém, que possam parecer os dois livros, houve, de um para o outro, tão-só uma substituição de materiais: reconhecemos, neste microuniverso construído de som e representação, o poeta propriamente plástico da primeira manifestação de Hugo Mund Júnior. E não se decepcionará quem procurar no segundo uma projeção ou um coroamento daquele. Pois esta é uma poesia do visível; ou, quando tal não possamos afirmar sem excesso, uma poesia que tudo quer trazer — até o mistério — para o campo do visível; de qualquer modo, poesia reveladora de um temperamento eminentemente visual.

Essa visualidade comporta pelo menos três níveis. O da *visão sensível* — do olho que vê o contorno estrófico, o desenho das palavras centradas na página, constelando-se em torno de um eixo ideal — é o primeiro e mais notório. Da *visão racional* é o seguinte, em

que o olho mental capta as imagens verbais. Finalmente, chegamos ao plano da *visão contemplativa* (intuitiva), em que vemos — ou julgamos ver, vislumbramos — para além dessas imagens.

Tudo isso considerado, patenteia-se a felicidade da extensão do título *Ícones da Terra*, do grupo inicial de poemas, ao conjunto do livro.

Considere-se, ainda, que *ícone*, além de significar *imagem*, dá idéia de *santo*, de *sagrado*. O sagrado unge toda esta poesia, simples e leve pelos elementos e pela concepção, grave e solene pela reverência com que se deixa embeber no universo perceptível, sonhando-lhe o Artífice — a "obra" e o "mestre" a que se refere um dos poemas.

Não devemos permitir que a sobre-resplandecência do visual obumbre as qualidades fônicas destes versos, mais evidentes na múltipla aliteração de "verde vale" ou no jogo vocabular de "corpo", de "revérbero dourado"; nem nos deixemos cegar para a profundidade e a sutileza de sua inspiração e do pensamento que subjaz neles, qual em "lissa e sutil vergõntea" ou em "algas e sargaços".

Antes, esqueçamos, esqueça o leitor o pretensioso deste prólogo inútil e entregue-se, desarmado, à magia una e envolvente, como ar ou água, destes *ícones* poéticos, de que dou por emblema a esplêndida "ave" — que, uma vez observada no seu vôo, não mais fugirá da retina atônita, mas para sempre revoará sobre nós, e em nós, com a leveza e com a gravidade a que há pouco aludíamos.

A gravidade e a leveza de uma nuvem pejada de seu fruto.

Anderson Braga Horta

Fig. 277 – Horta, Anderson Braga. *Do risco à palavra*. Prólogo de livro *Ícones da Terra*, 1985. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

## ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS

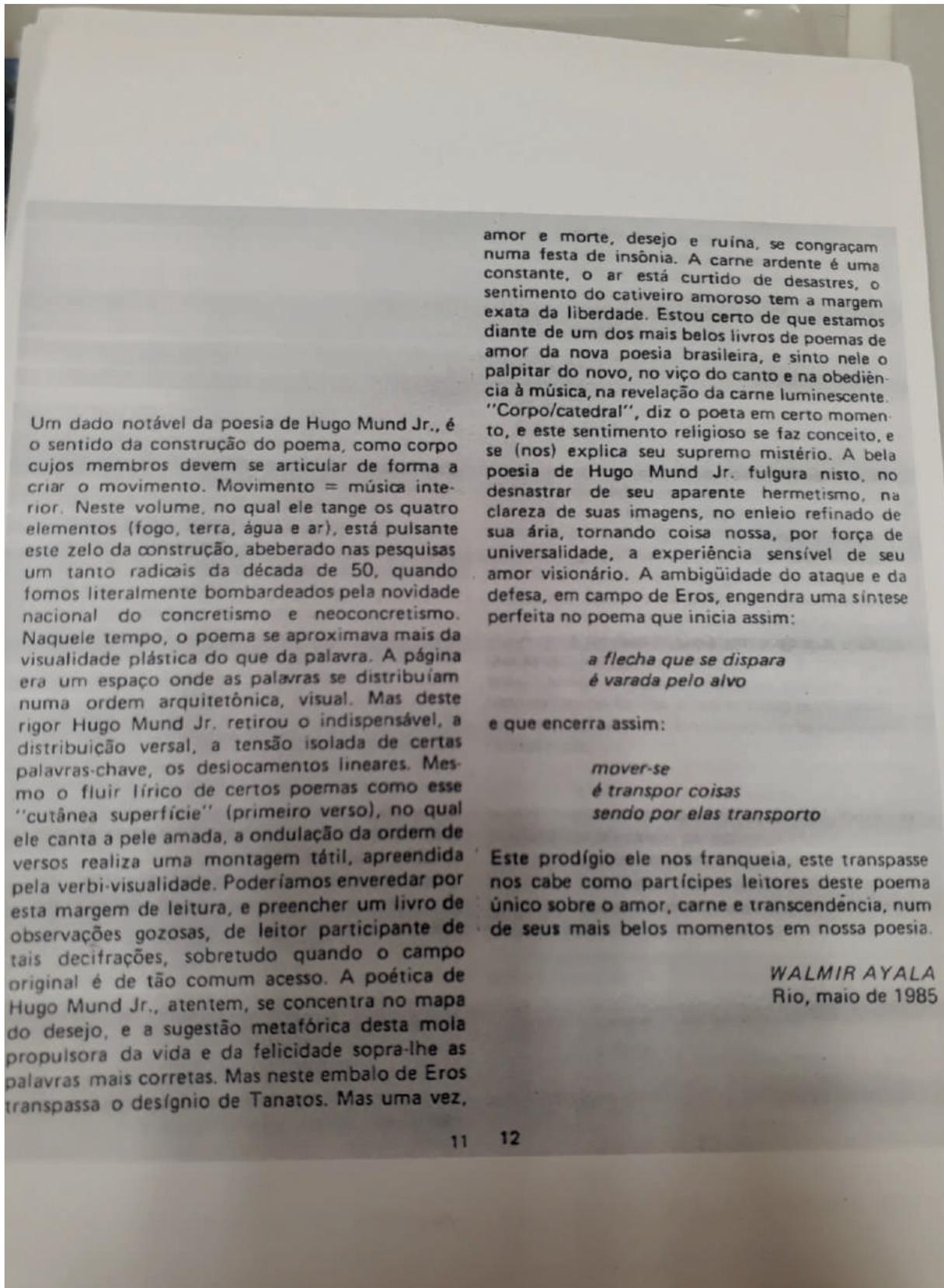


Fig. 278 – Ayala, Walmir. *Apresentação de livro Espelho Ardente*. 1985. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

## ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS

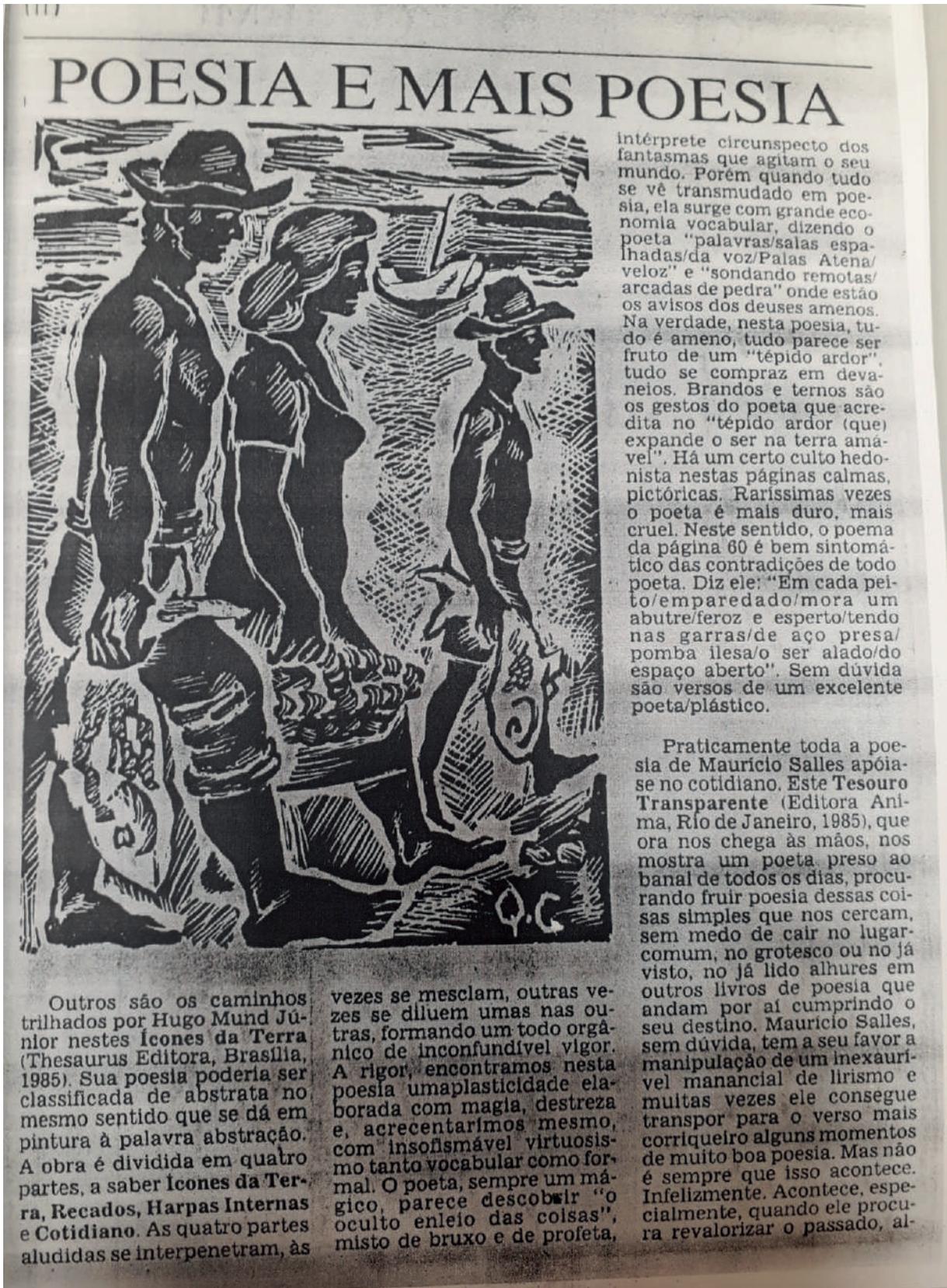


Fig. 279 – S/A. *Poesia e mais poesia*. Origem desconhecida. N/D. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

## ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS

FUNDAÇÃO CATAPINENSE DE CULTURA  
MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA

JORNAL:	SEÇÃO:	PAG.:
CIDADE:	ESTADO:	DATA:
ASSUNTO:		

QUARTA-FEIRA, 9 DE DEZEMBRO DE 1992 *VARIEDADES*

▼ CANTOS POÉTICOS

# Versos clássicos de Hugo Mund

**Talento**



*Poeta lança novo livro, Cômica Província, pela coleção Ipsis Litteris com mudanças estéticas no estilo já consagrado*

O poeta Hugo Mund Júnior, na opinião do também poeta e editor Alcides Buss, "é seguramente um dos melhores da geração contemporânea brasileira". Premiado diversas vezes nacionalmente, Mund premia agora seus leitores com a publicação de mais um livro. *Cômica Província*, 142 páginas, editado pela UFSC, integra a coleção Ipsis Litteris, e será lançado amanhã, às 18 horas, no Palácio Cruz e Sousa.

Este livro apresenta uma linguagem diferente dos primeiros lançados pelo autor, cuja característica era a poesia visual, uma influência das artes plásticas, área em que Mund também atua. *Cômica Província* tem versos mais clássicos, não é tão visual como os anteriores. "Com este livro, Mund se insere numa linha poética que se caracteriza pela precisão e densidade", analisa Buss.

Para o editor, a precisão e densidade faz com que o poema de Mund seja carregado de significado. "É um tipo de poesia que incorpora toda a tradição poética modernista, mas que traz a marca pessoal muito distinta do autor, sua vivência de artista plástico". Ele continua contando que Mund é um poeta exigente, que não se contenta com o verso fácil, utiliza a palavra certa no lugar certo.

A característica da boa poesia é ter paciência no lê-la. "A poesia de Mund exige paciência e tolerância do leitor, que deve ler usando a sua intuição e não ter a preocupação de ter entendido tudo", completa Buss.

Para a escritora Almeida Fischer, "Mund figura com destaque no grupo de grandes poetas de Brasília, um bom ou talvez até melhor que os velhos centros culturais do País".

## Um currículo cheio de realizações por todo o País

Hugo Mund Júnior é natural da cidade de Mafra (SC), mas sua formação foi no Rio de Janeiro, onde estudou na Escola Nacional de Belas Artes da UFRJ, em 1957. Em Florianópolis, participou do Grupo Sul, movimento que introduziu o modernismo na Ilha e foi um dos fundadores do Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis. Em Brasília, lecionou de 1962 a 1968 na UnB e, novamente, de 1988 a 1991, retornando à Ilha depois.

Um dos prêmios que Mund recebeu foi o Prêmio Nacional Cidade de Belo Horizonte pelo livro de poesia *Véspera do Coração*, uma co-edição da FCC (Fundação Catarinense de Cultura) e Massao Ohno, São Paulo, 1986. Com *Cômica Província*, o escritor chega ao seu 12º livro, sem contar a participação em antologias. *Gráficos; Palavras que não são palavras; Ícones da terra; Medusas; Espelho ardente; Flauta de espuma e Exercício em branco* são alguns livros publicados por editores de Brasília. Em Florianópolis, Mund editou *Vozes do Juramento*, pela Noa em 1989, e participou da antologia editada pela Lunardelli Presente poesia em Santa Catarina, em

ARQUIVO DC

cas de forma em textos com características clássicas na obra

Fig. 280 – S/A. *Versos clássicos de Hugo Mund*. Caderno Variedades do Diário Catarinense, 9 de dez. de 1992. Contém retrato. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

## ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS

Jornal: Sta. Catarina  
Data: 10/12/87  
Página: 20  
Coluna: Variedade

### Lindolf Bell

## Rubens Oestroem, Hugo Mund Júnior, hoje. Coletiva de Natal a partir de sábado

Fernando Cocciaralli, no Inap; Marcos Lontra Costa, crítico; Ivô Mesquita, crítico; Marcelo Nietzsche, artista plástico; José Alberto Nemer, artista plástico; Leila Telles, coordenadora do Inap; Harry Laus, diretor do Masc e Lygia Roussenq Neves, da Fundação Catarinense de Cultura, visitaram, ontem, exposições e ateliers de artistas de Blumenau. Embora rápida passagem, trata-se do mais eficiente esforço para mostrar a qualidade contemporânea da arte da cidade. Por este esforço, que partiu da nova visão da cultura em âmbito estadual, cabe indagar, uma vez mais: quando Blumenau terá um museu de arte?

**R**ubens Oestroem e Hugo Mund Júnior, têm na viagem, em busca de sobrevivência na identidade crítica, alguns dados em comum.

O poeta Mund Júnior, durante muitos anos ausente do Estado, viveu muito tempo em Brasília, participou de movimentos importantes, procurando manifestar-se sem falsas aparências, para atingir paisagens além do horizonte do próprio nariz.

Esta necessidade de ampliar o próprio horizonte, levou Rubens Oestroem, o pintor surgido nos anos setenta em Blumenau, em busca de um conhecimento impossível de ter na cidade e no Estado por falta absoluta de museus e escolas de arte.

Apesar da confirmação do talento e o sucesso ascendente de exposição em exposição, Oestroem não titubeou em submeter-se a provas de iniciação, certo de um avanço pelo contato com mestres consagrados na Europa (Alemanha), buscando a legitimidade da vocação na ampliação do conhecimento.



Poeta Hugo Mund Júnior.

O poeta retornou a Florianópolis. O pintor voltou às raízes.

Embora permaneçam, os mesmos, a experiência modificou-os, acrescentando-lhes aos impulsos criativos, o sofrimento da abertura e, à espontaneidade do talento o esforço para equilibrá-lo.

Foi uma forma de avançar. Foi, igualmente, uma forma de recuar. Mas recuar para dar saltos maiores,



Óleo sítela, Rubens Oestroem.



res, aprender o voo escondido, para não desaprender o movimento da vida, cuja matéria se dissolve e se refaz no mesmo instante.

É como a respiração do homem. A imagem é o das marés. A celebração, chamada-se borboleta, metamor-

fose.

Oestroem e Mund, estarão juntos hoje, na Galeria Açú-Açú. Corporocor se denomina a exposição de pinturas e desenhos; Enigmas & Emblemas, o livro de poemas, capaz de atestar o mistério da alma humana.

Fig. 281 – Bell, Lindolf. *Rubens Oestroem, Hugo Mund Júnior, hoje*. Coluna Variedade Jornal de Santa Catarina, 10 de dez. 1987. Contém retrato. Lindolf Bell erra o título do livro lançado. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

## ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS

**L**iteratura DC 22.11.87



a morte é  
cotidianamente  
endurecer-se  
porém sem ternura  
Renato Tapado



Tu me chegaste  
e eu te recolhi.  
foi doce  
foi noturno  
foi estranho.  
Miriam Portela



Filho meu, eleva na luz rebelde  
o suicídio alegre de todas as sombras  
Hugo Mund Júnior

### Todo espaço aos poetas

Reunindo talentos de escolas e procedências diversas, a coleção *Ipsis Litteris* traça um panorama da atual literatura catarinense

A coleção *Ipsis Litteris* da Editora da UFSC - em co-edição com a Fundação Catarinense de Cultura - vem reafirmar a idéia de que a parte mais significativa da produção literária catarinense, no momento, continua centrada na poesia. Em seus três títulos de estréia, lançados na última Feira do Livro, reúne o cacife de Hugo Mund Júnior (*Grifos e Emblemas*), o quase ineditismo de Renato Tapado (*Poemas para quem caminha*), e a força feminina de Miriam Portela (*O Continente Possuído*).

Mund, um catarinense de Mafra, teria a seu favor, não bastasse o prestígio já conquistado junto à crítica com várias obras publicadas, o mérito de ter participado do legendário Grupo Sul, que introduziu as noções do modernismo na Ilha - é verdade que com uns bons anos de atraso, lá pela década de 50. Quanto a Renato Tapado, é uma das esperanças mais promissoras das letras catarinenses. Para usar uma metáfora de mau poeta, é um raio de luz sobre a profusão de empreatadas poéticas artificiais e mediócras que surgem a todo momento.

Tapado é um gaúcho radicado na Ilha há mais de uma década, o que significa que já viveu quase metade de sua vida por aqui. Coisa que o torna catarinense por usucapião. Estudante de

Letras, venceu o prêmio Luís Delfino - 87, promovido pela FCC, onde Mund também foi premlado. Além disso, participou da excelente antologia *Partilhas*, lançada este ano com mais quatro poetas.

Já Miriam Portela seguiu o caminho inverso. Florianopolitana, mora desde 1973 em São Paulo, onde é jornalista. Em 85 ela participou do concurso literário *Mulheres entre Linhas*, em São Paulo, ganhando uma menção honrosa.

Segundo o poeta e professor da UFSC Alcides Buss, coordenador da coleção, esta é destinada a obras de ficção, poesia e teatro de autores catarinenses. O objetivo principal é criar mais espaço para a produção literária e estimular outras iniciativas do gênero.

Fig. 282 – S/A. *Todo espaço aos poetas*. Caderno Literatura Diário Catarinense, 22 de nov. de 1987. Contém retrato. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

# ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS



Fig. 283 – Wolff, Joca. *E agora, qual será o futuro do museu em 88?* Leitura e lazer. Jornal O Estado, 27 e 28 de dez. de 1987. Contém retrato. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS



ARTE

Rompendo novamente com o marasmo

Oito artistas que há 30 anos deram uma nova dinâmica à arte na Capital voltam a se encontrar

Fábio Brüggemann

Florianópolis — Há trinta anos nove artistas — média de 26 anos — resolveram romper com o marasmo plástico-cultural da velha Desterra. A cidade em bem comportada e consumia, a nível de arte plástica, quadros de Aldo Beck, Martinho de Haro, Nilo Dias e um table de Acary Margarida, todos representantes de uma estética passadista, mas que agradava a pequena, provinciana e burguesa Desterra. Eram eles, Hugo Mund Júnior, Aldo Nunes, Hassis, Brognoli, Tercio Gama, Vechietti, Rodrigo de Haro, Dimas Rosa e Meyer Filho.

Tudo começou com uma exposição, a dobradinha, com Hassis e Meyer Filho, no Instituto Brasil Estados Unidos. Isto foi em 1957. Neste dia todos os nove se conheceram e acertaram que deveriam romper esteticamente com o que estava sendo feito até hoje, influenciados pelo modernismo de 22, que chegou aqui, como sempre, com atraso, além de tentar ocupar espaço, dominado pelos "velhos". No início do ano seguinte, precisamente no dia 30 de janeiro de 1958, os nove artistas fizeram uma coletiva, a primeira em toda a história da cidade.

Não é de esperar que a sociedade não rejeitou. Afinal, novidades demoram a se instalar, e geralmente só são reconhecidas quando já não são mais novidades. Um dos componentes, não lembro qual, porque falavam todos ao mesmo tempo, disse que "malucos" era o adjetivo mais leve que eles recebiam por parte dos velhos consumidores de arte. Nenhum quadro foi vendido, mas é unânime, na opinião de críticos e dos próprios artistas, que esta exposição coletiva foi um dos fatos mais importantes da arte plástica catarinense.

Desde a primeira exposição o grupo se reuniu poucas vezes. É interessante notar que eles não possuem nenhuma identidade estética, filosófica, política ou psicológica, como disse Rodrigo de Haro: "É um grupo casual". Casuais sim; acrescentando-se ainda, como papel principal dos nove artistas, a vontade de divulgar a boa arte, de qualidade. Uma das características principais é que o grupo é aberto. Nunca yetou acesso de membro e foi responsável ainda pela aquisição de gente importante hoje para a cultura catarinense: como exemplo, Franklin Cascaes, que até então era um professor desconhecido, que foi homenageado pela primeira vez pelo GAPF neste mesmo Grupo de Artistas Plástico de Florianópolis.

Em 1959 aconteceu o segundo salão anual. Ai onde apareceram Franklin Cascaes, João Evangelista e Jair Platt. Em 1960 aconteceu outra coletiva no Ibeu. No ano seguinte no 1º Salão de Arte Moderna de Blumenau e na Galeria Bau, em Florianópolis. Em 1965 outra coletiva na Faculdade de Direito de Florianópolis e em 1978 uma retrospectiva: 20 anos depois, na Assembleia Legislativa.

O reencontro

É agora, passados 30 anos, o reencontro, numa sala apertada no Masc, lá estão oito deles, faltando apenas Dimas Rosa. E que este encontro era uma coletiva para a Exposição retrospectiva: 30 anos do Grupo, que abriu quinta-feira no Masc, às 21 horas. Esta exposição mostra alguns quadros que foram expostos em 1958 e o que cada artista faz hoje. Na saleta todos queriam dizer como começaram, mas também parecem que não davam muita importância: assim como nunca tiveram uma unidade mínima de pensamento, não seria agora que seriam organizados. Os garotos revolucionários da época não demonstram de maneira alguma academicismo ou mesmo resquícios de que estão chegando aos sessenta. Contrário: falam muito, discutem e parecem prontos a começar de novo. Afinal, foram os únicos artistas, mesmo passando trinta anos, que mexeram de alguma forma com a cidade.

Hassis disse que o que não mudou é o apoio do governo: já na época não existia. Aldo Nunes (não tenho bem certeza) disse que o manifesto era a própria obra. Não lembro também quem disse que a sociedade os chamavam até de "comunistas". Deles todos apenas dois são profissionais, vivem do que vendem. Vechietti e Rodrigo de Haro. Aldo Nunes e Hugo Mund Júnior são professores e vivem de alguma forma de arte: da arte que ensinam. Aldo Nunes é ainda restaurador.

Alguém, no meio da conversa, soltou: "O grupo continua unido como nunca foi". Rodrigo disse que a comunidade não teve competência para assimilar o trabalho deles. Ainda não tem. Nestas trinta anos, entre exposições e tempos sem se ver, muitas histórias rolaram. Numa exposição comemorativa Meyer Filho levou, na Alfândega, um galo e uma galinha que alimentou até o final da exposição. Noutra alguém colocou um punhado de milho sob os quadros dele; e noutra ele mesmo fez isto.

Comentou-se também que uma ocasião quiseram filmar os quadros dos artistas de cabeça para baixo, insinuando incompreensão. Depois as molduras: ninguém aceitava que um quadro não tivesse moldura. Meyer Filho disse que as opeçosas compravam um quadro pelo valor da moldura. Hugo Mund disse que eram capazes de tirar a tela e ficar com a moldura.

Brognoli, num ato de saudosismo ou ceticismo, disse que talvez (ele acredita) esta seja a última exposição. Meyer e outros não concordam; e o homem dos galos disse ainda que eles deveriam expor fora daqui; como se estivessem cansados da incompetência do público. Por último, depois de alguém ter chamado para as fotos, alguém comentou: "Se alguém morrer ninguém mais entra". O espírito anti-acadêmico persiste nestes jovens artistas. Longa vida ao GAPF.



Hugo Mund Júnior



Tercio Gama

Além da retrospectiva do GAPF outra exposição faz parte de Ciclo de Maio do Masc. A exposição tem o título de "Pintura Catarinense Recente", e envolve 34 artistas das mais diversas tendências, com obras atuais, no sentido temporal, embora nem sempre atuais quanto a concepção.

São obras datadas de 1980 e 1982 que permitem concluir-se valeu a pena a lição de contemporaneidade dada pelo GAPF em 1958.

Journal: A NOTÍCIA  
 Data: 6/5/89  
 Página: 19

Fig. 284 – Brüggemann, Fábio. Rompendo novamente com o marasmo. A Notícia, 6 de maio de 1989. Contém retrato. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

## ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS



Fig. 285 – Moraes, Maria Helena de. *Fim do amadorismo*. Caderno Artes. Diário Catarinense. N/D. Contém retrato. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

## ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS

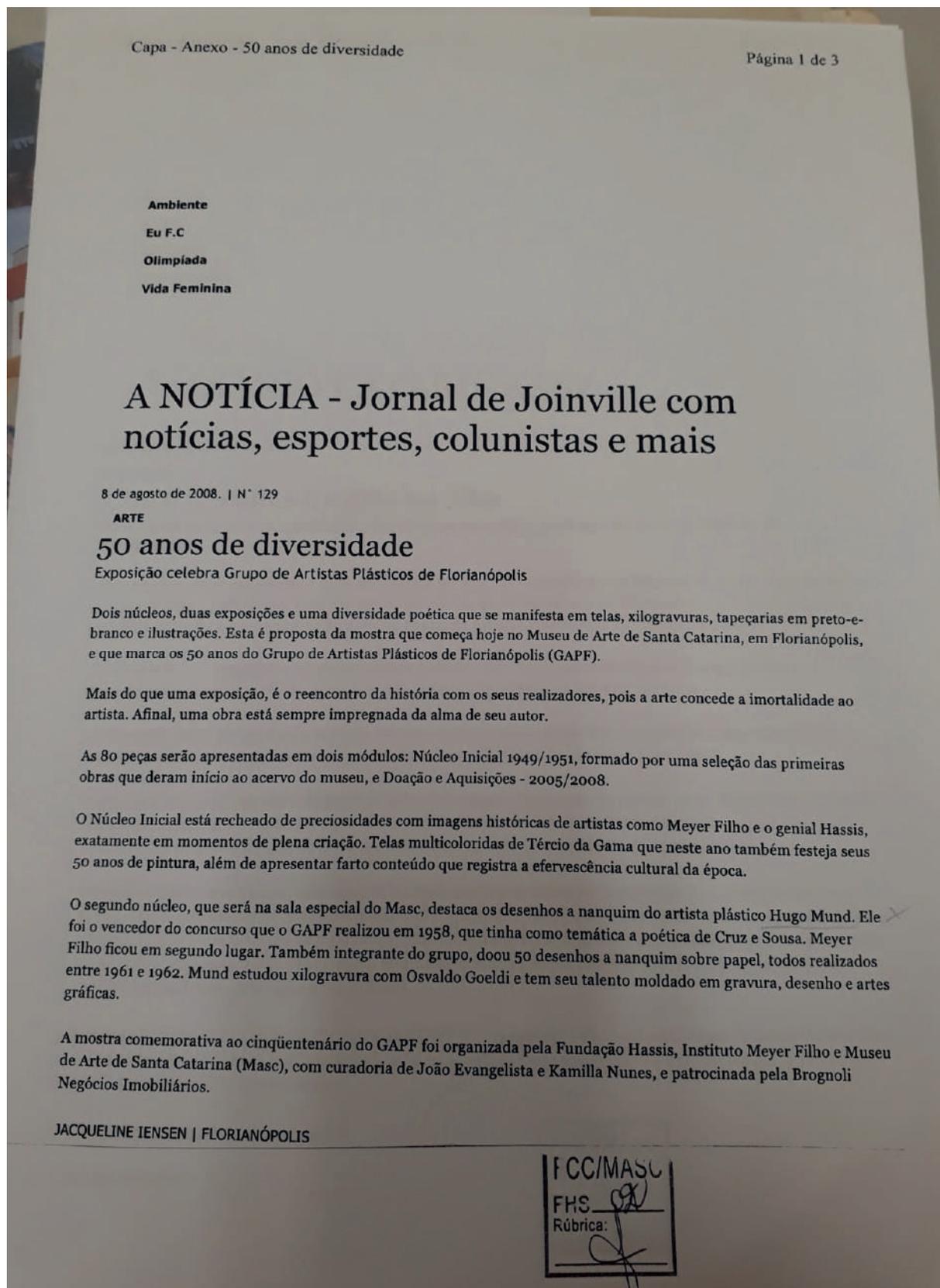


Fig. 286 – Iensen, Jacqueline. *50 anos de diversidade*. A Notícia, 8 de ago. de 2008. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

## ANEXO 9 – CRÍTICAS IMPRESSAS

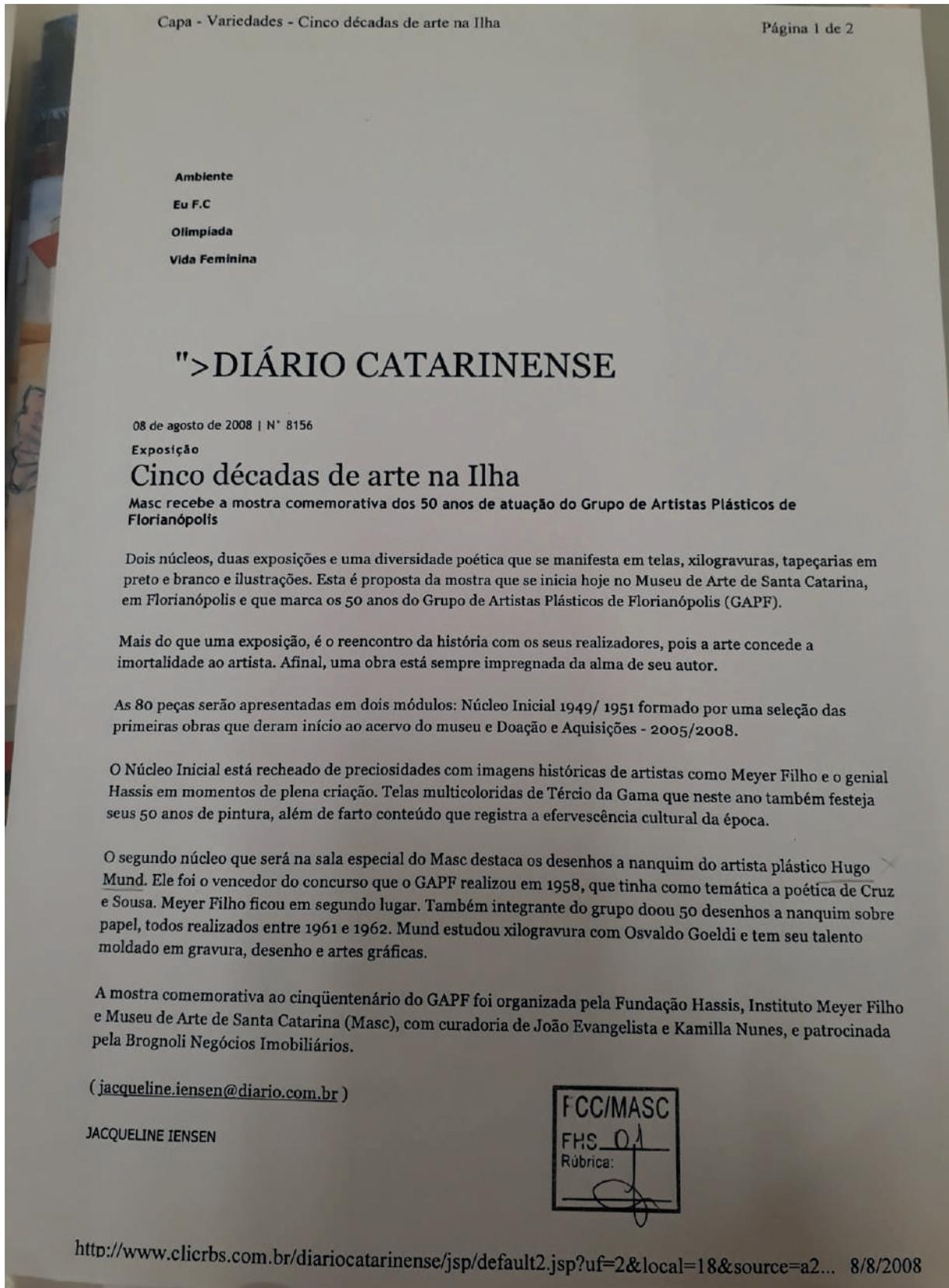


Fig. 287 – Iensen, Jacqueline. *Cinco décadas de arte na Ilha*. Diário Catarinense, 8 de ago. de 2008. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.



## **ANEXO 10 – DOCUMENTOS**



## ANEXO 10 – DOCUMENTOS

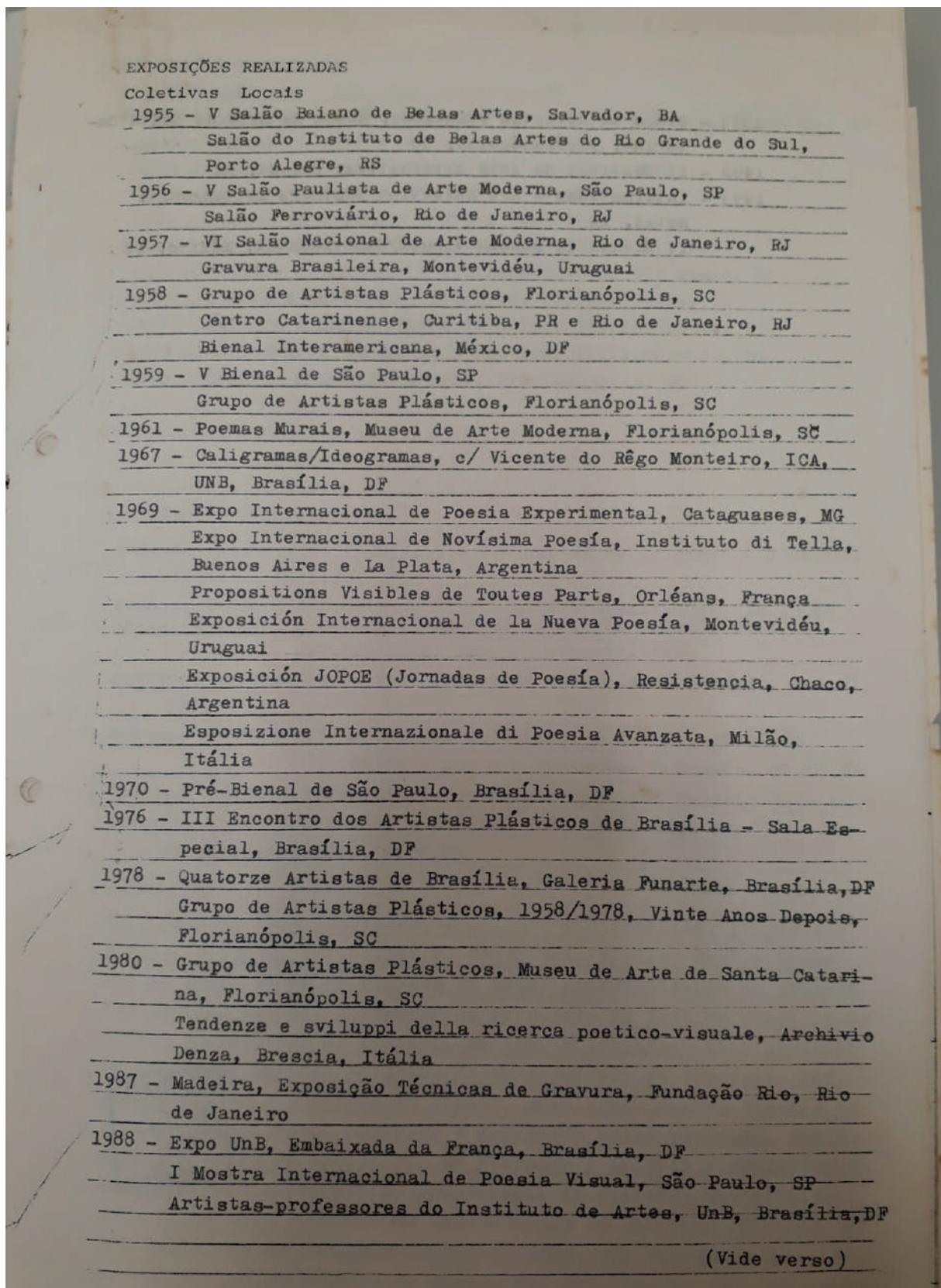


Fig. 289 – Página de currículo datilografado com dados até 1993. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Jr.

## ANEXO 10 – DOCUMENTOS

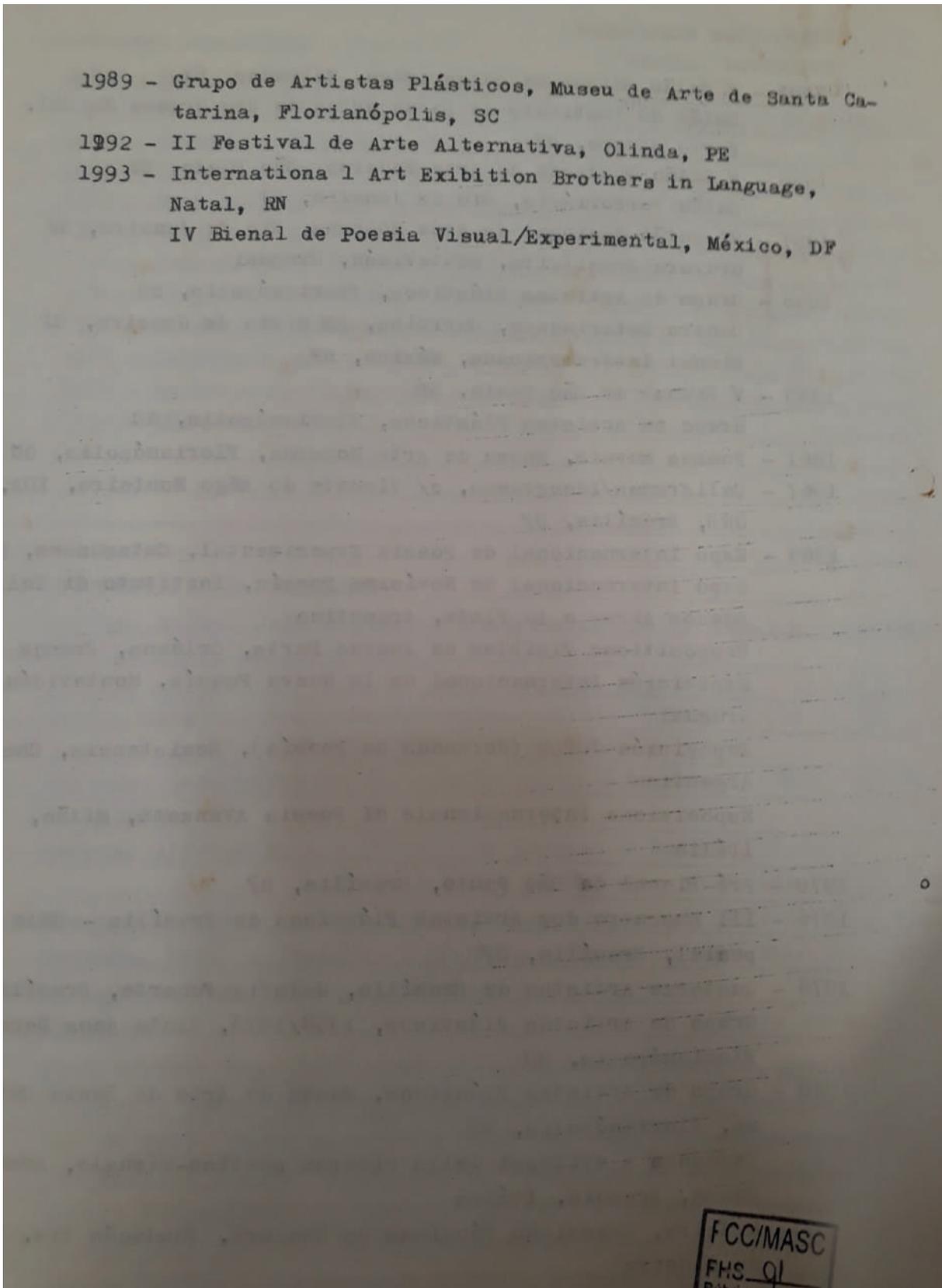


Fig. 290 – Página de currículo datilografado com dados até 1993. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Jr.

## ANEXO 10 – DOCUMENTOS

### TRABALHOS PUBLICADOS

- 1968 - Gráficos - ICA, UnB, Brasília, DF
- 1969 - Palavras que não são palavras - Editora Ebrasa, Brasília, DF
- 1977 - Germens - Edição do autor, Brasília, DF
- 1985 - Ícones da terra - Thesaurus, Brasília, DF
- 1985 - Espelho ardente - Thesaurus, Brasília, DF
- 1986 - Flauta de espuma - Lavras, Brasília, DF
- 1986 - Exercício em branco - Thesaurus, Brasília, DF
- 1986 - Véspera do coração - FCC/Massao Ohno, São Paulo, SP
- 1987 - Grifos & emblemas - FCC/UFSC, Florianópolis, SC
- 1988 - Palavra e cor - Edição do autor, Florianópolis, SC
- 1989 - As vozes do juramento - Noa-Noa, Florianópolis, SC
- 1992 - Cômica província - UFSC, Florianópolis, SC

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anrêde Filho, João Evangelista - A seriedade do fazer e o desenho da alma. Roteiro, 1959
- Araújo, Celso - A poesia da fogo. Correio Braziliense, 30.10.85
- Ayala, Walmir - A mínima linguagem. Jornal do Brasil, 24.12.68  
- Apresentação: Espelho ardente, 1985
- Azevedo, Leodegário A. de - Poetas do modernismo. INL/MEC, vol.VI, 1972
- Bessow, Alfredo R. - A procura da poesia. O Estado, 16.03.86  
- Entre o mar e a montanha. O Estado, 06.07.86
- Cardoso, Lúcio - Apresentação/catálogo/exposição Galeria Vila Rica
- Catalão, Tetê - Germens, a poésis gráfica de Hugo Mund Jr. Correio Braziliense, 14.08.77

### OBSERVAÇÕES

(vide verso)

Mund Júnior, Hugo (Mafra, SÉ, 1933). Artista plástico, projetista gráfico e poeta. Participou do Grupo Sul, Fpolis. Membro fundador do GAPF. Curso de pintura na ENBA; especialização em gravura com Oswaldo Goeldi. Professor da Escolinha de Arte do Brasil e do Centro Educacional de Niterói. Em 1962 é convidado para lecionar no Instituto Central de Artes da Universidade de Brasília. Dedicou-se também à comunicação visual, publicando poemas visuais no Correio Braziliense. Integrou o movimento poema-processo. Foi assessor de artes do Ministério de Educação e Cultura e consultor da Codeplan para o Projeto de sinalização do Distrito Federal. Em 1977 estruturou o Centro de Criatividade da Fundação Cultural do DF. Residindo em Fpolis a partir de 1986, foi designado para reestruturar as atividades de ensino das Oficinas de Arte do MASC. Respondeu pela direção do MASC de dezembro/87 a março/88.

Fig. 290 – Página de currículo datilografado com dados até 1993. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Jr.

## ANEXO 10 – DOCUMENTOS

- Dantas, Nataniel. - Os Ícones, por Mund - Última Hora, 28.05.85
- Figueiredo, Aline - Artes plásticas no centro-oeste. Ed. UFMT, 1980
- Fischer, Almeida - Imagens refletidas. O Estado de São Paulo, 27.04.86
- Hugo Mund Júnior/Véspera do coração. Colóquio/Letras, Fund. Calouste Gulbenkian/Lisboa, nº 97, maio/junho, 1987
- Gramacho, Jair - Apresentação/catálogo/exposição Aliança Francesa
- Horta, Anderson Braga - Prólogo: Ícones da terra, 1985
- Jean, Yvonne - Exposição de Hugo Mund. Correio Braziliense, 24.11.63
- Junkes, Lauro - O telúrico eo erótico. A Notícia, 08.06.86
- Poeta dos elementos. Supl. Literário do Minas Gerais, 11.04.87
- Lago, Paulo - Um valor novo, A Gazeta, 1959
- Mendonça, Antônio Sérgio & Sá, Álvaro. - Poesia de vanguarda no Brasil, Ed. Vozes, 1983
- Miccolis, Leila & Faustino, Urhacy - Sociedade dos poetas vivos, vol.5, Ed. Blocos, 1993
- Naud, José Santiago - Apresentação: Exercício em branco, 1986
- Miranda, Alcides Rocha - Apresentação/catálogo/exposição Galeria Verseau
- Pino, Wladimir Dias - Processo, linguagem e comunicação. Ed. Vozes, 1971
- Pinto, José Nêumanne - O historiador da grafia. Rev. Vozes, nº 10, 1973
- Poniz, Denis - Antologija konkretne in vizual poezige. Knjizica kondor, Iugoslávia, 1978
- Sabino, Léa Leal - Grupo Sul: o modernismo em Santa Catarina, Ed. FCC, 1981
- Sachet, Celestino - A literatura catarinense. Ed. Lunardelli, 1986
- Silva, Maria Teresa - Ícones da terra, a poesia de Hugo. Rev. Tema, maio 1985
- Souza, Silveira de - Apresentação: Flauta de espuma, 1986
- Tapado, Renato - Uma poética do embate. A Notícia, 10.10.95
- Vieira, José Geraldo - Mund. O Estado de São paulo, 1962

Fig. 292 – Página de currículo datilografado com dados até 1993. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Jr.

## ANEXO 10 – DOCUMENTOS

INDIVIDUAIS — LOCAIS E DATAS

Anexar comprovantes

1958 - Galeria Cocaco, Curitiba, PR

1959 - Hotel Querência, Florianópolis, SC

Galeria Macunaíma, Rio de Janeiro, RJ

1961 - Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ

1962 - Galeria Vila Rica, São Paulo, SP

1963 - Aliança Francesa, Brasília, DF

1964 - Galeria Verseau, Rio de Janeiro, RJ

1968 - Hotel Nacional, Brasília, DF

1969 - Museu Histórico e Pedagógico Amador Bueno da Veiga, Rio Claro, SP

PREMIAÇÕES

1985 - IV Centenário da Paraíba

1986 - Cidade de Belo Horizonte

1986 - Guararapes (menção especial)

1987 - Luiz Delfino

Fig. 293 – Página de currículo datilografado com dados até 1993. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Jr.

## ANEXO 10 – DOCUMENTOS

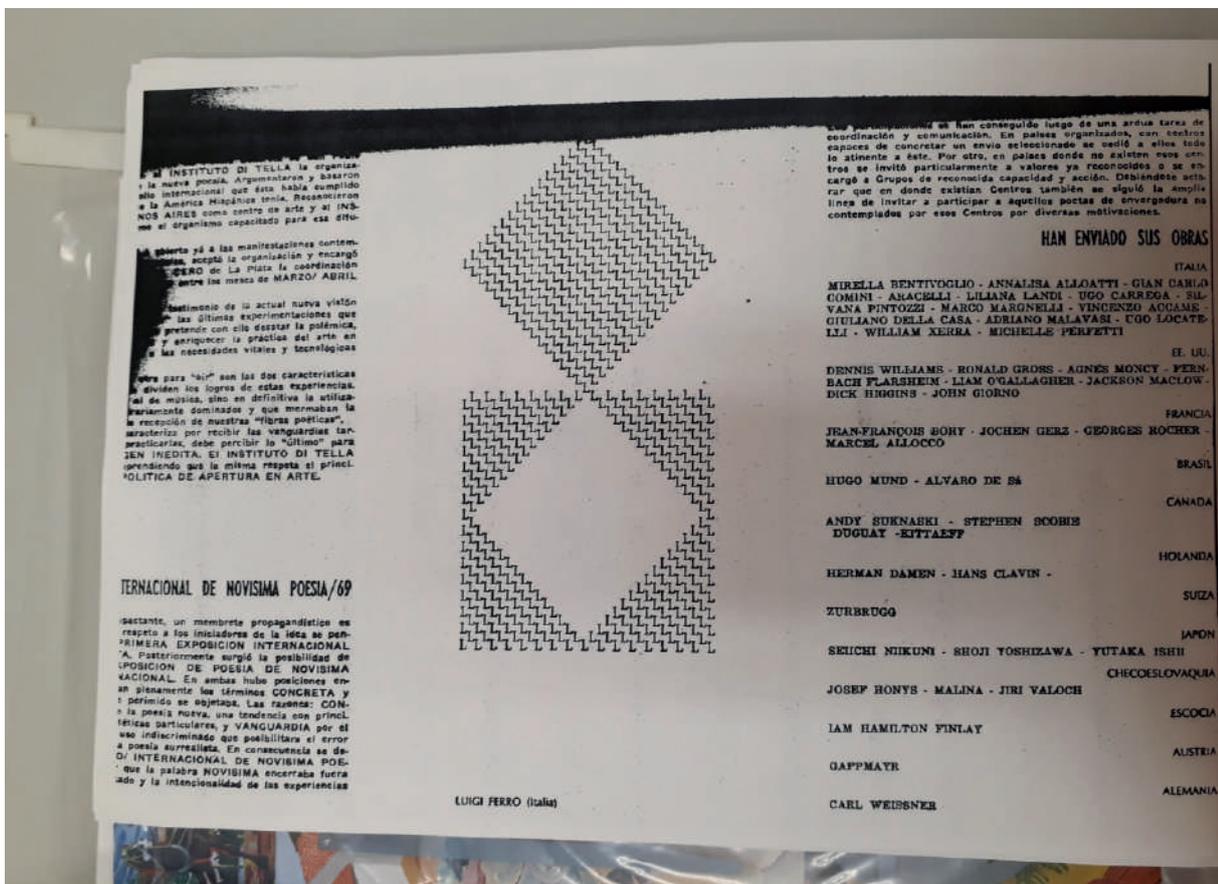


Fig. 294 – Fotocópia de exposição *Internacional de Novissima Poesia/69*. Itália. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Jr.

## ANEXO 10 – DOCUMENTOS

O Governo do Estado de Santa Catarina, através da Secretaria de Turismo, Cultura e Esporte e da Fundação Catarinense de Cultura, convida para a exposição do Ciclo de Agosto de 2008 do Museu de Arte de Santa Catarina

**Momentos do Acervo:**  
Núcleo Inicial - 1949 / 1951  
**Doações e Aquisições - 2005 / 2008**  
(Destaque Hugo Mund Jr. - Desenhos)

Abertura: 08 de agosto de 2008, às 19h30min.  
Visitação: 09 de agosto a 07 de setembro, das 13 às 21h, de terça a domingo.  
Local: Museu de Arte de Santa Catarina

Foto: Marcelo Henrique Martins

**ciberarte**  
Cultura e Arte em Rede  
CULTURARETE 2007

ASSOCIAÇÃO AMIGOS DO  
MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA

**MASC**  
MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA

**FCC**  
Fundação Catarinense de Cultura

SECRETARIA DE ESTADO DE TURISMO,  
CULTURA E ESPORTE

SANTA CATARINA

Av. Irineu Bornhausen, 5600 - CEP-88025-202 - Florianópolis - SC - Fone: (48) 3953-2323 - masc@fcc.sc.gov.br - www.masc.org.br

Fig. 295 – Convite de exposição *Momentos do Acervo: núcleo inicial – 1949/1951*. 2008. Destaque Hugo Mund Jr. Desenhos. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Jr.

## ANEXO 10 – DOCUMENTOS

00136

Universidade de Brasília

DAD - SEÇÃO DE PROTOCOLO E ARQUIVO

### TERMO DE TRANSCRIÇÃO DE DADOS

CERTIFICO que são os seguintes os dados constantes do documento microfilmado após este termo: "ATO DA REITORIA Nº 87/66. O REITOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, usando da atribuição que lhe confere o art. 46, ítem V, do Estatuto desta Universidade, e tendo em vista a proposta do Instituto Central de Artes, fundamentada no art. 76, parágrafo único, RESOLVE: Admitir o professor Hugo Mund Junior, no cargo de Assistente, em regime de tempo integral, a partir de 15 de março de 1966. Brasília, 11 de março de 1966. PROF. LAERTE RAMOS DE CARVALHO - REITOR." E, por ser verdade, eu, José Silvino Filho, Supervisor da Seção de Protocolo e Arquivo, firmo o presente.

Em, 12 de fevereiro de 1979.

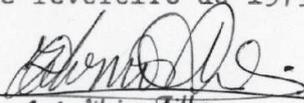
  
José Silvino Filho  
Supervisor SPA-FUB

Fig. 296 – Termo de transcrição de dados. Reitoria UNB. 12 de fev. de 1979. Fonte: Arquivo online UNB.

ANEXO 10 – DOCUMENTOS

00137

ATO DA REITORIA Nº 87

O REITOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA,  
usando da atribuição que lhe confere o art. 46, item V, do Estatuto desta Universidade, e tendo em vista a proposta do Instituto Central de Artes, fundamentada no art. 76, parágrafo único,

RESOLVE:

Admitir o professor Hugo Mund Junior,  
no cargo de Assistente, em regime de tempo integral, a partir de 15 de março de 1966.

Brasília, 11 de março de 1966.

Original assinado por

PROF. LAERTE RAMOS DE CARVALHO  
REITOR

Fig. 297 – UNB. Ato da Reitoria nº87, UNB. 11 de mar. de 1966. Fonte: Arquivo online UNB.

ANEXO 10 – DOCUMENTOS

0  
A  
B  
C  
D  
E  
F  
G

ATO DA REITORIA Nº 442

O REITOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA,

usando das atribuições que lhe confere o art. 46, item V, do Estatuto desta Universidade, e tendo em vista a proposta do Instituto Central de Artes,

RESOLVE:

Designar o Professor Hugo Mund Júnior para exercer a função de Professor Colaborador junto ao Departamento de Expressão e Representação do Instituto Central de Artes, em regime de tempo integral (TI-40), com salário mensal de Cr\$685.000 (Seiscentos e oitenta e cinco mil cruzeiros), a contar de 1º de setembro de 1966.

Brasília, 21 de agosto de 1966

Original assinado por

PROF. LAERTE RAMOS DE CARVALHO  
REITOR

ANEXO 10 – DOCUMENTOS

000760

Universidade de Brasília

Instituto Central de Artes



ATO DA REITORIA Nº 25/67

O Reitor da Universidade de Brasília, usando de suas atribuições estatutárias,

**RESOLVE:**

conceder ao Professor Colaborador, TI-40, HUGO MUND JÚNIOR, em exercício no Instituto Central de Artes, que está sujeito ao regime de dedicação exclusiva, a complementação salarial equivalente a 50% dos seus vencimentos básicos a que se refere o ítem 2 da Instrução nº 22/66.

Brasília, 14 de janeiro de 1967

Original assinado por

**PROF. LAERTE RAMOS DE CARVALHO**  
REITOR

Fig. 299 - UNB. Ato da Reitoria nº25. 14 de jan. de 1967. Fonte: Arquivo online UNB.

ANEXO 10 – DOCUMENTOS

02001

ATO DA REITORIA Nº 338/68

O Reitor da Universidade de Brasília, usando das atribuições que lhe confere o Estatuto desta Universidade e tendo em vista o expediente protocolado sob o nº 886/68, resolve conceder licença, sem vencimentos, ao Professor HUGO MUND JUNIOR, Professor Colaborador do Instituto Central de Artes, pelo prazo de seis meses, a partir de 13 de março de 1968.

Brasília, 30 de março de 1968

  
Professor CAIO BENJAMIN DIAS  
Reitor

ANEXO 10 – DOCUMENTOS

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA  
COORDENAÇÃO DE EDUCAÇÃO MÉDIA

ORDEM DE SERVIÇO DE 16 DE DEZEMBRO DE 1970.

O COORDENADOR DE EDUCAÇÃO MÉDIA, da  
Secretaria de Educação e Cultura do Distri-  
to Federal, usando das atribuições que lhe  
são conferidas pelo Decreto "N" nº 481, de  
14 de janeiro de 1966.

RESOLVE:

Elogiar HUGO MUND JUNIOR, Supervisor de  
Disciplina

pela valiosa colaboração, zelo e dedicação com que desem-  
penhou suas funções, durante o período em que exerci, as  
funções de Coordenador de Educação Média, da Secretaria de  
Educação e Cultura do Distrito Federal.

Brasília, 16 de dezembro de 1970.

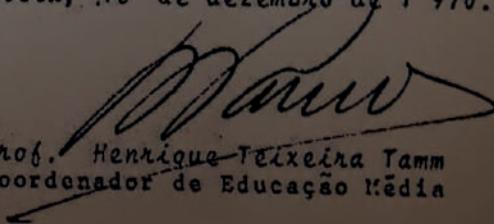
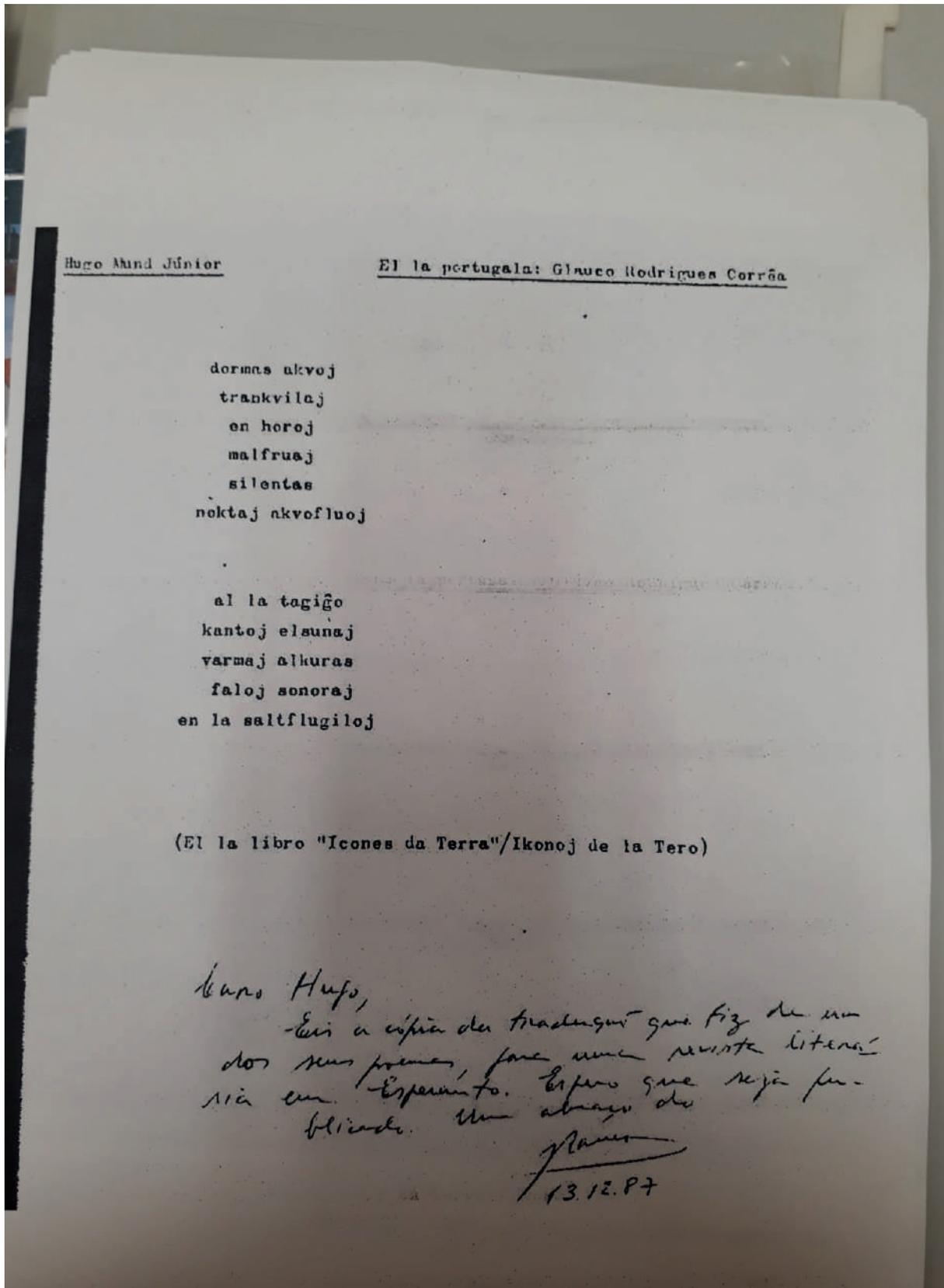
  
Prof. Henrique Teixeira Tamm  
Coordenador de Educação Média

Fig. 301 – Governo do DF, Secretaria de Educação e Cultura, Coordenação de Educação Média. Resolve elogiar Hugo Mund Júnior. 16 de dez. de 1970. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

ANEXO 10 – DOCUMENTOS



Hugo Mund Júnior

El la portugala: Glaucio Rodrigues Corrêa

dormas akvoj  
trankvilaj  
en horoj  
malfruj  
silentas  
noktaj akvofluj

al la tagiĝo  
kantoj elsunaj  
varmaj alkuras  
faloj sonoraj  
en la saltflugiloj

(El la libro "Icones da Terra"/Ikonoj de la Tero)

Caro Hugo,

-Eis a copia da traducao que fiz de um dos seus poemas, para uma revista literaria em Esperanto. Espero que seja publicada. Um abraço do

Glaucio  
13.12.87

Fig. 302 – Carta de Augusto Rodrigues Correa à Hugo Mund. 13 de dez. de 1987. Contém poema de Mund traduzido à Esperanto. Fonte: Acervo documental do MASC, pasta Hugo Mund Júnior.

**APÊNDICE A - CRONOLOGIA DE HUGO MUND JÚNIOR. 1932-2019**

## 1932

O pai, Hugo Mund, engenheiro geógrafo, é nomeado inspetor de terras e colonização.

O Estado de Florianópolis. Santa Catarina, 5 jan.

A mãe, Elita Coiroló Alvareza, residente em Tubarão/SC, noivou em 30 de abril com Hugo Mund inspetor de terras. Os familiares de Elita convidam para o casamento.

O Estado de Florianópolis. Santa Catarina, 9 maio.

## 1933

Nasce Hugo Mund Júnior em 24 de dezembro na cidade de Mafra/SC. Filho de Elita Coiroló Garcia, descendente de Uruguaaios, e de Hugo Mund, descendente de Alemães. Irmão de Clive Mund, Rosedali Mund e Josefina Mund.

Junkes, 1997.

**1941**

Inicia o estudo primário no Grupo Escolar  
Duque de Caxias na cidade de Mafra/SC.

Junkes, 1997.

**1944**

A família Mund muda-se para Florianópolis.

Junkes, 1997.

**1945**

Inicia, no Colégio Catarinense, a primeira série ginásial na turma suplementar C.

Fotografia no acervo do Colégio Catarinense.

**1946**

Cursa a segunda série ginásial na turma C do Colégio Catarinense e passa a estudar com João Paulo Silveira de Souza.

Fotografia no acervo do Colégio Catarinense.

**1947**

Em agosto, no jornal O Colegial, órgão do Colégio Catarinense, Hugo Mund Júnior aparece como segundo lugar nas notas da terceira série ginasial, na turma C, com mais quatro alunos.

O Colegial. Florianópolis, ago.

**1948**

Término do curso ginasial do Colégio Catarinense.

O Estado de Florianópolis. Santa Catarina, 25 nov.

## 1949

Participa da criação e edição, com Silveira de Souza, do *Jornal Oasis*.

Bruchard, 2002; Lehmkuhl, 1996.

Na página literária desenho *Ternura* de Hugo Mund Júnior em texto *Novamente Goethe e os novos* de Élio Balltaedt, ao lado de Salim Miguel em *Uma explicação*.

O Estado de Florianópolis. Santa Catarina, 30 out;

Anexo 1.

A Revista Sul nº10 de dez. apresenta a peça *O Louco* de autoria de Mund.

Anexo 2.

## 1950

A turma da 2ª série do curso científico do Colégio Catarinense inclui Mund como integrante em registro fotográfico.

Acervo do Colégio Catarinense.

Quirino Campofiorito escreve sobre as dificuldades dos jovens da Revista Sul, a notícia aparece em O Estado/SC. É informado que a prefeitura doou exemplar nº12 ao jornal. Prefeito Adalberto Carvalho.

O Jornal. Rio de Janeiro, 3 jan.

Desenho de Mund em texto *Reminiscências* de Archibaldo Cabral Neves na Revista Sul nº12 de out.

Anexo 1.

## 1951

---

Ilustra a capa do livro *A ponte* de Antônio Paladino pelas Edições Sul nº11.

Anexo 1.

Desenho na Revista Sul nº13 de abr. Nesta edição, é informado que os ensaios estão adiantados para a peça *É proibido suicidar-se na primavera* de A. Casona, com direção de Armando Carreirão e cenário de Hugo Mund Jr. Mund fica com a cenografia da peça do TECAM.

Anexo 1; O Estado de Florianópolis. Santa Catarina, 8 jun.

Desenhos *Mercado público Florianópolis* e outro sem título na Revista Sul nº14 de ago. Esta revista informa que em 13 de julho a peça *O louco* de Mund foi encenada no TAC, juntamente com *O urso* de A. Tchekhov, na qual Mund criou o cenário.

Anexo 1.

Mund e Silveira de Souza *há muito vem contribuindo inteligentemente para a formação de uma mentalidade estudantil mais elevada, através do interessante jornal de arte Oasis, e, agora, usando o teatro como veículo deste trabalho. [...] com mais alguns, estava formado o Grupo dos Estudantes de Teatro do Colégio Estadual Dias Velho. Convite para a peça O urso e O louco.*

O Estado de Florianópolis. Santa Catarina, 18 jul.;

Anexo 2.

## 1952

Mund presta o serviço militar no 14º B.C.

Junkes, 1997.

Desenho *Terra* de Mund na Revista Sul nº15 publicada em mar.

Anexo 1.

Desenho *sem título* na Revista Sul nº16 publicada em jun.

Anexo 1.

Capa da Revista Sul nº17 de out. com desenho *sobre um tema da cerâmica popular catarinense* e também, uma *experiência em linoleogravura*. Nesta edição aparece como membro da redação da revista.

Anexo 1 e 4.

Capa da Revista Sul nº18 de dez. com desenho *A construção*. Membro da redação. Publicado nesta edição, conto do livro *Contistas Novos de SC*, denominado *No bar e café “expresso”*.

Anexo 1 e 3.

## 1953

Inicia o curso de pintura na Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro.

Anexo 10.

Hernani Donato conta que o livro *A ponte* de Antônio Paladino é lançado pelo Grupo Sul e Mund ilustrou a capa.

Correio Paulistano. São Paulo, 14 mar.

Redator das edições nº19 (maio), nº20 (agosto) e nº21 (dezembro) da Revista Sul.

## 1954

Redator da edição nº22 (julho) da Revista Sul.

Grupo Sul lança recentemente a coletânea *Contistas Novos de Santa Catarina*, onde Mund participa e Nereu Corrêa escreve prefácio.

Suplemento Letras e Artes. Rio de Janeiro, 6 jul.

Crítica de Reinaldo Dias sobre o livro *Contistas Novos* e menciona Mund.

Última Hora. Rio de Janeiro, 25 set.

Aparece com desenho sem título, linoleogravura, e como redator na Revista Sul nº23 de dez.

Anexo 1 e 4.

É sorteado para viagem de estudos na turma de 2º ano. O diretório acadêmico da ENBA convida os sorteados a comparecerem para confirmar a viagem. Não encontramos dados sobre viagem.

Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 12 dez.

## 1955

Participa do 5º Salão Baiano de Belas Artes ocorrido em Salvador/BA.

Anexo 10.

Participa do Salão do Instituto de Belas Artes do RS ocorrido em Porto Alegre/RS.

Anexo 10.

Linoleogravura *Recanto de Estância*, e redator na Revista Sul nº24 de maio.

Anexo 4.

Assume como 1º secretário o Clube de Gravura do Rio de Janeiro. Conforme Revista Sul nº25, o clube foi criado em 1952.

Inscrito para concurso de habilitação para pintura na ENBA. Outro jornal diz que é professorado em desenho e prova será dia 9 de mar. Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 6 mar. É aprovado.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 5 mar; Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 13 mar.

Xilogravura sem título, e redator na Revista Sul nº25 de ago.

Anexo 4.

---

Homero Silveira escreve *Vocação Heróica* e fala sobre a imaturidade dos artistas catarinenses que são muito jovens. *Salim e Sassi estão em bom caminho.*

O Jornal. Rio de Janeiro, 19 jun.

Participa como membro da delegação carioca do Congresso da Organização Nacional dos Estudantes de Arte (ONEA) ocorrido em Belo Horizonte. Demais membros são: Paulo Campos, Leizer Goldman, Maurício Salgueiro e Júlio Vieira da Silva.

Imprensa Popular. Rio de Janeiro, 22 jul.

Mauro Motta divulga o livro *Contistas novos de Santa Catarina* com 13 contistas.

Diário do Pernambuco. Pernambuco, 26 jun.;

Folha de São Paulo de 11 de abr.

Participa de exposição coletiva organizada pelo Clube de Gravura do RJ, ocorrida em 21 de novembro a 1 de dezembro. Dentre outros artistas, está Mund e Iberê Camargo. A mostra privilegiou artistas da então Capital. Informa-se que é a terceira mostra do Clube, sendo que a primeira, de gravuras de artistas gaúchos e a outra de artistas mexicanos.

Imprensa Popular. Rio de Janeiro, 8 dez.

Quirino Campofiorito comenta exposição do Clube de Gravura e menciona a importância de Iberê Camargo e Geza Heller. Menciona que os 8 alunos, no qual Mund figura, não dão sossego aos professores e vem fazendo o seu melhor.

O Jornal. Rio de Janeiro, 26 nov.

Assina moção organizada por Paulo Werneck, Honório Peçanha e Chlau Deveza em apoio à Juscelino Kubitschek, Cândido. Portinari e Adir Botelho estão na lista.

Diário Carioca. Rio de Janeiro, 23 nov.

---

## 1956

Inicia o estudo da gravura na ENBA/RJ como estagiário do ateliê livre coordenado por Oswaldo Goeldi.

Anexo 10.

Xilogravuras *Abandonados e Pescadores de cajú* na Revista Sul nº26 publicada em fev. Última vez como redator.

Participa do 5º Salão Paulista de Arte Moderna em São Paulo/SP.

Anexo 10.

Reprodução de xilogravura *Pescadores de caju*.

O Jornal. Rio de Janeiro, 26 fev.

Xilogravura *Menino dormindo* na Revista Sul nº27 publicada em maio. Aparece no editorial como ilustrador.

Assina manifesto dos Jornalistas Cariocas em prol da concessão de anistia aos jornalistas presos em caráter político desde 1945.

Imprensa Popular. Rio de Janeiro, 17 maio.

Domingos Carvalho da Silva comenta os *contistas novos de SC* e menciona Salim Miguel e Mund como *senhores de uma consciência literária de nível bem mais alto*.

Correio Paulistano. São Paulo, 1 jul.

Há 2 gravuras de Hugo Mund Jr., estudante da ENBA, na Revista Mundo Estudantil nº6/7 organizada pela União Internacional dos Estudantes.

Imprensa Popular. Rio de Janeiro, 2 ago.

Participante do Salão Ferroviário no Rio de Janeiro/RJ. Conforme jornal 222 trabalhos concorreramaoprêmio doSalãodeiniciativa do Ministério da Viação. De acordo com o verbete, será inaugurado com a presença do Presidente Juscelino Kubitschek e o júri foi composto por Portinari, Niomar Muniz Sodré, Santa Rosa, Henrique Cavalleiro e Wolfgang Pfeiffer. Dos participantes estava Fayga Ostrower, Mário Zanini e Georgina de Albuquerque, dentre outros. É resalta presença do Presidente da República e do Ministro da Viação Lúcio Meira. A Noite.

Rio de Janeiro, 24 set; Imprensa Popular. Rio de Janeiro, 25 set.

## 1957

Quirino Campofiorito informa que está aberto a exposição de Gravura dos 19 alunos de Oswaldo Goeldi, e Mund está incluso. Ocorre no diretório acadêmico da ENBA. Concomitantemente no MAM/RJ, há retrospectiva de Goeldi.

O Jornal. Rio de Janeiro, 30 out.

Xilogravura *Sob o caramanchão* na Revista Sul nº28 publicada em dezembro. Mencionado como ilustrador.

Anexo 4.

Xilogravura *Sob o caramanchão* é reproduzida ao lado do texto *Estudos Sociais* de Gilberto Freyre. Em 28 de julho, a mesma imagem é publicada acima do texto de Gilberto Freyre *A igreja e seus padres*.

O Jornal. Rio de Janeiro 20 jan. O Jornal. Rio de Janeiro 28 jul.; Anexo 4.

Conclui o curso de Pintura na ENBA/RJ com registro no MEC nº711 de 22/02/1960.

Anexo 10.

Participa do 6º Salão Nacional de Arte Moderna no Rio de Janeiro/RJ como inscrito, mas não aparece na lista de nomes dos expositores. O júri foi composto por Oswaldo Goeldi, Aníbal Machado e Frank Schaeffer. Lygia Pape recebeu prêmio aquisição de gravura. Maria Ignez escreve que Mund estava inscrito nas artes gráficas com *Composição*. Uma semana depois ocorre *Inauguração* e é dito que Mund concorre na categoria Pintura e Desenho e Artes Gráficas.

Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 16 maio.;  
Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, 8 maio.

Xilogravura *Sob o caramanchão* é reproduzida ao lado de texto de Moacir de Albuquerque sobre Eça de Queirós.

Diário do Pernambuco. Pernambuco, 4 ago.

Participa de coletiva *Gravura Brasileira* em Montevideu/URU. Conforme a Enciclopédia Itaú Cultural a exposição *Grabados Brasileños* ocorreu no Instituto Cultural Uruguaio-Brasileiro e os premiados foram: Carlos Scliar, Iberê Camargo, Marcelo Grassmann e Oswaldo Goeldi. Jayme Maurício escreve *Êxito da gravura brasileira em Montevideu* Com sala especial Fayga Ostrower e Marcelo Grassmann, continha 242 trabalhos de 45 artistas, e Fayga fez conferência. O embaixador brasileiro Berenguer César comentou sobre a gravura. Em outro veículo, abaixo, informa-se mudança de sede da Escolinha de Artes do Brasil.

Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 12 set.; Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 24 set.

Chamada Salão “*Para Todos*” de gravura e desenho informa os selecionados para a mostra *Para Todos*, e Mund, assim como Lygia Pape, Newton Cavalcanti, Trindade Leal, estão entre os vários selecionados. O verbete pede aos artistas não selecionados, retirarem seus trabalhos com Vera Tormenta na redação de *Para Todos* na Avenida Rio Branco. Outro jornal informa a inauguração e diz que o projeto foi idealizado por Jorge Amado, contou com a presença de Fayga e ocorreu no MEC/RJ.

Última Hora. Rio de Janeiro, 21 out.; Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 22 out.; Diário de Notícias.

Rio de Janeiro, 23 out.

Xilogravura *Casa* e desenho *Pescadores* na Revista Sul nº30 publicada em dez. Mencionado como ilustrador. Esta é a última edição da Revista Sul.

Anexo 4.

---

## 1958

Retorna a Florianópolis e permanece até 1961. Cria juntamente com Silveira de Souza, seu colega de escola, a editora Edições do Livro de Arte.

Junkes, 1997.

Hugo Mund Jr. recebe o primeiro prêmio no 1º Salão do Grupo dos Artistas Plástico de Florianópolis (GAPF), ocorrido em janeiro, com a xilogravura *Barco Encalhado*.

Lehmkuhl, 1996.

Vem a público a lista de nomes para a Bienal do México e Mund está listado na categoria gravadores. Outro jornal informa solicita aos participantes da Bienal do México, o envio até a ENBA, de dois trabalhos e suas descrições, aos cuidados de Quirino Campofiorito.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 18 jan.; Imprensa Popular. Rio de Janeiro, 27 fev.

Participa de exposição no pátio do Instituto de Educação e Colégio Dias Velho de 25 de janeiro a 10 de fevereiro, com artistas florianopolitanos.

O Estado de Florianópolis. Santa Catarina, 15 fev.

Antonio Bento noticia *Os brasileiros na bienal mexicana*.

Diário Carioca. Rio de Janeiro, 11 fev.

A 1ª Bienal Interamericana do México ocorre neste ano. Segundo a Enciclopédia Itaú Cultural ocorreu de 6 de junho a 20 de agosto e os artistas brasileiros foram: Aluísio Carvão, Anna Letycia, Carlos Scliar, Darel, Déia de Campos Lemos, Edith Behring, Elisa Martins da Silveira, Emeric Marcier, Fayga Ostrower, Frank Schaeffer, Geza Heller, Glenio Bianchetti, Guignard, Henrique Cavalleiro, Hugo Mund Júnior, Iberê Camargo, João José Costa, Karl Plattner, Lygia Clark, Lygia Pape, Marcelo Grassmann, Mário Carneiro, Mario Cravo Júnior, Poty Lazzarotto, Quaglia, Renina Katz, Rossini Perez, Sylvia de Leon Chalreo, Teresa Nicolao, Vera Mindlin.

Anexo 10.

119 artistas foram aceitos para o 7º Salão Nacional de Arte Moderna. Mund participa com ilustrações de Cruz e Sousa.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 11 jun.; Anexo 4.

Início do mensário cultural *Roteiro*, dirigido por Silveira de Souza, redação de Ilmar Carvalho e Francisco José Pereira. Salim Miguel aparece como secretário. O jornalista elogia o projeto gráfico que está a cargo de Hugo Mund Júnior e O. C. Malheiros. Outro jornal informa que o mensário catarinense chama-se *Litoral* com homenagem ao Governador Jorge Lacerda. E logo lançará livro de C. Ronald. Redatores Paschoal Apóstolo e Nicanor Apóstolo. Como redatores artísticos nomes do Grupo Sul.

O Estado de Florianópolis. Santa Catarina 5 ago.;  
Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 7 set.; O Jornal.  
Rio de Janeiro, 21 set.

É lançado pela Edições do Livro de Arte, *Sonetos da Noite*. Obra inaugural da editora com seleção de poemas de Cruz e Sousa por Silveira de Souza e xilogravuras para cada poema de Hugo Mund Jr. Impresso na gráfica Grajaú/RJ com tiragem de 240 exemplares numerados e assinados por Mund.

Anexo 4.

Luiz Santa Cruz, na Gazetilha Literária afirma que foi lançado *Sonetos da noite* por um dos poucos clubes de livros de luxo no Brasil. *Edição artisticamente muito bem apresentada.*

Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, 24 set.

Reproduzido desenho *Castelo* de Mund.

Diário do Paraná. Paraná, 19 out.; Anexo 4.

No Paraná, é lançado *Sonetos da Noite*, e Mund aparece em foto com jornalista, que reforça seu reconhecimento na gravura como *um figurativista com tendência expressionista*. É dito que irá participar da 1ª Bienal do México com dois trabalhos com 20 gravadores brasileiros. A notícia informa que Mund retornará a Florianópolis para abrir um curso de gravura com patrocínio da Diretoria de Cultura.

Diário do Paraná. Paraná, 15 nov.; Anexo 4.

Crítica de Quirino Campofiorito sobre *Sonetos da Noite*. Escreve *Xilos de Hugo Mund Jr.* e diz que o livro *é sem dúvidas, uma atração para os colecionadores de edições artísticas.*

O Jornal. Rio de Janeiro, 31 out.; O Estado de  
Florianópolis, 8 de nov.

## 1959

Doralécio Soares, comenta a exposição do GAPF, e destaca que *Hugo Mund que cursa a nossa Escola Nacional de Belas Artes e trouxe para essa exposição uma série de belas e valiosas gravuras.*

O Estado de Florianópolis. Santa Catarina, 11 fev.

Na Semana Catarinense, ocorre em 24 de nov. na Galeria Villa Rica, em Copacabana/RJ lançamento do livro *Sonetos da Noite*. Rua Barata Ribeiro.

Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 12 nov.; O Estado de Florianópolis. Santa Catarina, 30 nov.

Ocorre no Paraná exposição do GAPF e informa que Mund já expôs no Paraná. GAPF expõe no Centro Catarinense em Curitiba, Galeria Cocaco. Pedro Paulo Vecchietti, informa que a Cocaco é do pintor Manoel Furtado. A mostra decorre das festividades da Semana Catarinense, de 28 de novembro a 1 de dezembro, noticiada como agradecimento.

Diário do Paraná. Paraná, 30 nov.; Anexo 10.

Diário do Paraná, cuja data não confere com BN, aparece fotografia de inauguração de exposição individual *Gravuras e Desenhos* de Mund, onde figura com a atriz Celme Silva e Rosnel Bond e Manoel Furtado.

Anexo 4.

Mund recebeu medalha em concurso de pintura da ENBA em 1958, com outros estudantes. Um jornal diz que a medalha foi de Ouro, outros dois afirmam ser de Prata.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 4 jan.; O Jornal. Rio de Janeiro, 1 mar.; O Globo. Rio de Janeiro, 8 jan.

Resultado do concurso de cartazes da campanha florestal da Sede Florestal de SC. Hassis recebe os 3 prêmios, enquanto o artista Trindade Leal e Hugo Mund Júnior não são contemplados.

O Estado de Florianópolis. Santa Catarina, 6 jan.

Participa e recebe prêmio na 2ª Exposição do GAPF e o júri João Evangelista Andrade e Flávio de Aquino), *achou por bem, dividir o prêmio instituído pela prefeitura entre Meyer Filho e Hugo Mund Jr.* Mário Barata, em outro jornal, diz que o Salão ocorreu de 28 de fevereiro a 20 de março. Único salão com inscrições abertas aos artistas *barrigas verdes*.

O Estado de Florianópolis. Santa Catarina, 13 mar.; Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 22 fev.

Flávio de Aquino escreve *Artistas de Florianópolis* e comenta o cenário do MAMF. Destaca Mund e Meyer Fº na premiação no 2º Salão do GAPF.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 8 mar.

A Edições do Livro de Arte, segundo notícia, coordenada por Mund e Rosa Pessoa, pretende lançar livro de poesia de Rosa Pessoa *Mesa Posta e, O vigia e a cidade* com contos e crônicas de Silveira de Souza. Em outubro, é dito que sairá também, o livro de poesias *Vigia* de Pedro de Garcia. um mês depois afirma que é livro de estreia de Pedro de Garcia. Não encontramos *Mesa Posta* nem o livro de Pedro Garcia.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 21 ago.; 13 out.; 27 nov.

O livro *Mesa Posta* de Rosa Pessoa, será lançado pela Edições do Livro de Arte, e conta com dez poemas e ilustrações de Hugo Mund Jr. com tiragem de 240 exemplares.

O Globo. Rio de Janeiro, 14 abr.

Participou da 5ª Bienal de São Paulo de 21 de setembro a 31 de dezembro com as xilogravuras *Casas velhas e Cocheiros*. O júri de seleção foi composto por Alfredo Volpi, Ernesto Wolf, Fayga Ostrower.

Anexo 4; Acervo Bienal de SP.

Realiza exposição individual *Gravuras e Desenhos* no Hotel Querência em Florianópolis. Zury Machado menciona *Cerâmicas de Pomerode* de Paulo Vecchietti com Mund e a inauguração contou com número grande de convidados. Em 6 de outubro Zuri Machado informa que *Continua em sérias discussões o desaparecimento da gravura "o gato", do desenhista Hugo Mund Jr.* Em 8 de outubro Zuri escreve *O gato deu show, mas continua no seu lugar de destaque, na movimentada exposição do gravador Hugo Mund Júnior, nos salões do Querência Palace.*

O Estado de Florianópolis. Santa Catarina, 25 set.; 4 out.; 6 out.; 8 out.; Anexo 4.

João Evangelista Andrade Filho escreve *Da impossibilidade de ser diabólico* e escreve sobre o GAPF, Hugo e Meyer Fº.

O Estado de Florianópolis. Santa Catarina, 11 de out.; Anexo 4.

Hugo Mund é mencionado em festa de celebração a Menotti Del Picchia, ocorrida em São Paulo, com mais 70 pessoas do RJ.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 11 nov.

É noticiado que a Edições do Livro de Arte acaba de editar livro de estreia de Pedro de Garcia chamado *Viagem Norte*. Não encontramos dados sobre o possível livro.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 27 nov.

Quirino Campofiorito reproduz desenho em carvão de Mund, e convida para mostra *Desenhos de Mund* que ocorrerá na Galeria Macunaíma. Destaca que foi aluno de pintura de Henrique Cavalleiro e de gravura com Oswaldo Goeldi.

O Jornal. Rio de Janeiro, 27 nov.; Anexo 4.

Zury Machado informa que Mund está com exposição na Galeria Macunaíma no Rio de Janeiro. Outro jornal diz eram desenhos de Mund e lançamento ocorreu dia 3. Vera Pacheco Jordão reproduz desenho de Mund e convida para a exposição.

O Estado de Florianópolis, 16 nov.; Diário da Noite. Rio de Janeiro, 4 dez.; O Globo. Rio de Janeiro, 3 dez.

Em matéria de Antônio Olinto há menção de que o escritor Cícero Costa de Brasília, pretende publicar pela Edições do Livro de Arte, em edição ilustrada por Hugo Mund Jr. com tiragem de 240 exemplares. Não encontramos dados sobre este livro.

O Globo. Rio de Janeiro, 28 dez.

---

## 1960

Lançamento do livro *O vigia e a cidade* de Silveira de Souza. Hugo Mund editou e criou 11 ilustrações impressas em xilogravura. Publicação da editora Edições do Livro de Arte com tiragem de 300 exemplares assinadas por Mund. Disponível nas livrarias, e em junho foi lançado no RJ.

O Estado de Florianópolis. Santa Catarina, 31 mar.; 26 de jun.; Anexo 4.

Mund doa obra para exposição no MAM/RJ e leilão beneficente organizado pelo Correio da Manhã. A arrecadação será repassada às mais de centenas vítimas das obras na barragem de Orós, rio Jaguaribe no Ceará. Participam: Palatnik, Di Cavalcanti, Portinari, Volpi, Grasmann, Goeldi, Edith Behring, Fayga, Lygia Clark, Sanson Flexor, Iberê, Hugo Mund (desenho) e outros.

Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 12 abr.; 17 abr.

Participa de mostra *Poesia Mural* na Galeria Pinguim que também é livraria, e *O Vigia e a cidade* de Silveira de Souza será lançado na Galeria Macunaíma no mesmo dia 17.

O Jornal. Rio de Janeiro, 7 jun.

A vernissage dia 17 na Galeria Pinguim de uma exposição de poesia mural, de Walmir Ayala, Rodrigo de Haro e Pedro Garcia. Ilustradas por Hugo Mund, Carlos Scliar, Rodrigo de Haro, Heitor Coutinho e Farnese. Esta exposição recebeu o título de “*Nouvelle Vague*”.

Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, 9 jun.

Jair Platt, Hassis, Tércio da Gama e Hugo Mund, estão fazendo sucesso com uma exposição de pinturas em Curitiba.

O Estado de Florianópolis. Santa Catarina, 23 jun.

Ocorre queda de avião da Real Transportes, voo 435 de Brasília a Belo Horizonte em 24 de junho no Rio de Janeiro e nome de Hugo Mund é citado como um dos mortos.

O Estado de Florianópolis. Santa Catarina, 26 jun.; Diário do Paraná. Paraná, 26 jun.; O Repórter. Minas Gerais, 25 jun.; Diário de Natal. Rio Grande do Norte, 27 jun.; Diário da Noite. Rio de Janeiro, 26 e 27 jun.; Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 28 jun.; Jornal do Dia. Rio Grande do Sul, 10 jul.

Hildebrando Giudice esclarece em *Mund não morreu, mas Ney sim*, que o nome Hugo Mund noticiado era do pai do gravador, e que Mund pai, desfez-se da passagem. No entanto, Ney Fontes Gonçalves, arquiteto, morre no acidente.

Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, 1 jul.

*Escritores em Galerias* por Walmir Ayala, comenta sobre Lúcio Cardoso, Rodrigo de Haro e fala de exposição que Mund está participando.

Diário Carioca. Rio de Janeiro, 3 jul.

Recebe prêmio de gravura no Salão dos Alunos da ENBA na sala do diretório acadêmico, conforme o jornal Tribuna da Imprensa, periódico homenageado na mostra. O júri foi Abelardo Zaluar, José Roberto Teixeira Leite e Vera Tormenta, o prêmio de Hugo Mund foi doação da Livraria Agir. Cláudio Tumminelli e Maria do Carmo Dias receberam prêmios em dinheiro.

Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, 27 set.

Doralécio Soares noticia exposição do GAPF no Instituto Brasil-Estados Unidos no 6º andar do edifício Zahia em Florianópolis. Comenta que Mund é *renomado, falta-lhe produção*.

O Estado de Florianópolis. Santa Catarina, 18 out.

Lúcia Benedetti conta como foi a produção dos livros infantis lançados na Livraria Leonardo Da Vinci a ser lançado dia 17. Informa que os ilustradores foram felizes pois Aluísio Magessi *deu ao seu traço um leve toque poético, e as vezes, humorístico. Hugo Mund à suas aquarelas uns lances de melancolia*.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 16 nov.

A coleção *Madrigal* de livros infantis, vendida em caixa com vários exemplares, organizados pela escritora Lúcia Benedetti com auxílio de Marita Lima e R. Magalhães Jr., contou com ilustrações de Aluísio Magessi e Hugo Mund. Os livros no parágrafo acima, estão listados no verbete *Coleção Madrigal*.

Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, 21 nov.

O 15º Salão de Belas Artes de Belo Horizonte, organizado pela prefeitura e Museu de Arte. Mund se inscreveu na categoria de Desenho, mas não foi premiado. Júri composto por: Jacques do Prado Brandão, Sílvio Vasconcelos, Sanson Flexor e José Joaquim Carneiro de Mendonça. Noticiado por autor F. G.

Diário Carioca. Rio de Janeiro, 9 dez.; Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 21 dez.

## 1961

Segundo a Revista do Livro/RJ da BN, há referência de que Mund ilustrou *O pequeno Lord Fauntleroy* de Frances Burnett em adaptação de Marita Lima; e também ilustrou *A tempestade* de Shakespeare em adaptação de R. Magalhães Jr.

---

Retorna ao Rio de Janeiro, leciona xilogravura na Escolinha de Artes do Brasil e no Centro Educacional de Niterói. Em documento datilografado no MASC, Mund recebeu o convite de Augusto Rodrigues para ensinar na Escolinha de Artes do Rio e orientava o ateliê em Niterói.

Junkes, 1997.; Anexo 10.

Cria o projeto gráfico e a capa para o livro *As Viagens* de Braga Montenegro, pela editora Gavião.

Diário da Noite. Rio de Janeiro, 21 jan.

Rolmes Barbosa informa que Hugo ilustrou a capa do livro *Veias Desatadas* de Nataniel Dantas pela editora José Olympio, via Prêmio Fábio Prado.

Suplemento Literário. O Estado de São Paulo, 11 mar.

É divulgada que *Sonetos da Noite e O vigia e a cidade* da Edições do Livro de Arte, participam do 2º Festival do Escritor, promovido pela Associação Brasileira de Escritores, realizado no Shopping Center Copacabana/RJ. Nota de Salim Miguel.

O Estado de Florianópolis. Santa Catarina, 6 jun.;  
Última Hora. Rio de Janeiro, 15 jul.

---

Lope da Silva, informa que Mund expôs *Desenhos e Aquarelas* no saguão da Biblioteca Nacional de 21 de junho a 8 de julho, há um convite no MASC. Quirino Campofiorito em chamada, diz que os trabalhos da mostra são *inspirados em trechos coloniais do litoral fluminense*.

Vida Carioca. Rio de Janeiro, jul.; O Jornal. Rio de Janeiro, 2 jul.; Anexo 4.

Reportagem de Augusto Rodrigues, é informado que em Washington/DC ocorre mostra com pinturas, desenhos e gravuras dos alunos da Escolinha de Artes do Brasil com a FAAP-SP. A Escolinha completa 13 anos de atuação e, desde sua criação, passa por problemas financeiros.

Última Hora. Rio de Janeiro, 15 jul.

Cria a capa do livro *Caçador de Borboletas* de Santos Moraes, pela editora Pongetti, com ilustrações da gravadora Anna Letycia. Será lançado em set.

Última Hora. Rio de Janeiro, 17 ago.

A Escolinha de Artes do Brasil (EAB) convoca alunos para os cursos de gravura em metal com Orlando da Silva e gravura em madeira com Hugo Mund Jr. O endereço da EAB é Avenida Marechal Câmara 314, 4ª andar.

O Diário Carioca. Rio de Janeiro, 15 set.

O currículo de Mund registra mostra *Poemas Murais* no MAMF.

Anexo 10.

---

## 1962

---

Muda-se para Brasília/DF. É convidado a lecionar no Instituto Central de Artes da Universidade de Brasília.

Junks, 1997.; Anexo 10.

Será inaugurado uma exposição na ENBA com pinturas, desenhos e gravuras, e a mostra ocorrerá em Londres na Casa Brasil como exposição permanente. Os artistas participantes são: Ivan Serpa, Ivan de Moraes, Diva Rolla, Leonello Berti, Edelweiss, Augusto Moniz Bandeira e Hugo Mund.

Última Hora. Rio de Janeiro, 2 maio.

A *Exposição Permanente de Arte Brasileira em Londres*. Mund é mencionado e é dito que a mostra ocorre no MNBA e segue para Londres.

O Globo. Rio de Janeiro, 4 maio.

Yvonne Jean escreve que há integração de artesanato à arquitetura da UnB, e menciona fala de Zanine. Segundo ela, Zanine e Mund, receberam auxílio de Alex Feirano para integrar as atividades à grade. Ferreira Gullar, no mesmo dia, escreve sobre os trabalhos da Escolinha de Artes do Brasil e Mund é citado como professor.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 17 maio.;

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 17 maio.

Exposição individual *Desenhos e Aquarelas* na Galeria Vila Rica, São Paulo, em 7 de agosto na Rua Barão de Itapetininga nº275. Há verbete de Maura de Senna e convida para visitar a exposição, afirma que não poderá ir e reproduz texto de Lúcio Cardoso sobre Mund. Quirino da Silva escreve crítica *Um desenhista*, e reproduz quatro desenhos.

Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 12 ago.; Diário de São Paulo. São Paulo, 12 ago.; Anexo 4 e 9.

Lançamento do livro *País de Rosamor* da escritora Maura de Senna Pereira, com ilustrações em xilogravura e edição de Hugo Mund pela editora Edições do Livro de Arte. Valdemir Cavalcanti escreve que a autora reflete sua sensibilidade no livro.

O Jornal. Rio de Janeiro, 2 set.; Anexo 4.

---

## 1963

---

Segue como professor de xilogravura e desenho na UnB com Athos Bulcão, Ester Joffily, Marília Rodrigues e Glênio Bianchetti. Possivelmente a convite de Alcides da Rocha Miranda, diretor do ICA-UnB.

O Jornal. Rio de Janeiro, 14 ago.; Seminário Docomomo, 2016.

Ilustra livro *Carmel* de Paim da Luz pela editora Leitura S. A.

Anexo 4.

Yvonne Jean informa que inicia em set. o curso de extensão Desenho de Observação na UnB, com Hugo Mund Jr.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 15 ago.; Anexo 5.

Participa na comissão de seleção do concurso de desenhos infantis, com Alfredo Ceschiatti, Athos Bulcão, Glênio Bianchetti, Leo Dexheimer e Maria José Costa Souza.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 13 out.

Exposição individual *Desenhos de Mund* na Aliança Cultural Franco Brasileira de Brasília em novembro deste ano, com texto de Jair Gramacho. Em parceria da Aliança Francesa com o Centro de Extensão Cultural da UnB. Yvonne Jean informa que são 30 desenhos em carvão. José Santiago Naud avisa no mesmo veículo. Convite por Antônio Bento no Rio. Harry Laus escreve e reproduz desenho em carvão.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 24 nov.; 30 nov.; Diário Carioca. Rio de Janeiro, 3 dez.; Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 4 dez.; Anexo 4.

## 1964

Walmir Ayala publica *De andarilho a professor: Hugo Mund Jr.* e reproduz desenho *Casa*.

Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, 8 jan.

Desembargador Hugo Auler adquiriu para o Tribunal de Justiça em Brasília obras de: Marcier, Scliar, Quirino Campofiorito, Athos Bulcão, Ana Letycia, Bianchetti, Rossini Perez, Maria Luiza Leão, Ester Joffily, Di Cavalcanti e 2 desenhos de *Paisagem de Goiás Velho* de Hugo Mund Jr. O verbete lista os visitantes Antônio Bandeira, Rubem Braga, Burle Max, Maria Helena Brandão e a embaixatriz Ligia de Freitas entre outros.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 18 mar.

Harry Laus informa da mostra, descreve as exposições individuais de Mund e reproduz um desenho em carvão.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 10 jul.

A exposição individual com desenhos do interior de Goiás ocorre na Galeria Verseau no Rio de Janeiro, com texto de Alcides da Rocha Miranda. Liliane Lacerda de Menezes estará amanhã na Galeria Verseau *apresentando os trabalhos do desenhista Hugo Mund Júnior*. É informado que Liliane é a proprietária da galeria e que à inaugura com 16 trabalhos de Hugo Mund Jr.

O Diário Carioca. Rio de Janeiro, 19 e 22 jul.;

Anexo 4.

A Galeria Verseau localizada na Avenida Copacabana nº1133, apresentou um *novo desenhista, chamado Hugo Mund, e ainda trabalhos de Athos Bulcão, José Nolasco, Heitor Coutinho, Farnese de Andrade, Ceschiatti, Ferdy, Carlos Scliar, Zezé, Newton Cavalcanti, Francisco Brennand, Antonio Bandeira e muitos outros*.

Última Hora. Rio de Janeiro, 23 jul.; Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 8 ago.

Quirino Campofiorito escreve sobre o *professorado de desenho* e reproduz desenho em carvão na Galeria Verseau.

O Jornal. Rio de Janeiro 26 jul.

## 1965

---

Peter escreve que Mund vendeu 11 trabalhos dos expostos na Galeria Verseau e o senador Lino de Sá Pereira adquiriu um.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 4 ago.

Vera Pacheco Brandão escreve breve crítica.

O Globo. Rio de Janeiro, 4 ago.

---

Aberta as inscrições da turma de Desenho de Observação de Hugo Mund Jr. e informa que haverá entrevista prévia do docente com todos os candidatos. Três aulas semanais a iniciar em 12 de abril.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 5 mar.;  
Anexo 5.

Membros do GAPF, incluído Mund, expõe no Salão Nobre da Faculdade de Direito em Florianópolis, ocorre recital de poesia concomitantemente.

O Estado de Florianópolis. Santa Catarina, 9 set.

É publicado lista de professores e instrutores demissionários na UnB, Mund é listado como assistente, a partir desta data, *em função da demissão de colegas, levada a efeito pela Reitoria em 18 de outubro de 1965*. Foram 15 professores demitidos, a reitoria e a União dos Estudantes manifestase em outro jornal.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 19 out.; O  
Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 19 out.

## 1966

Conforme Ato da Reitoria nº87, Laerte Ramos de Carvalho, reitor da UnB resolver em 11 de março admitir Hugo Mund Júnior ao cargo de professor assistente do Instituto Central de Artes, em tempo integral a partir de 15 de março.

Anexo 10.

Em Ato da Reitoria nº442 assinado em 25 de agosto, Laerte Ramos de Carvalho, designa ao professor Hugo Mund Júnior para exercer a função de professor colaborador no ICA-UnB em regime de tempo integral a partir de 1 de setembro.

Anexo 10.

O poeta português Eudoro Augusto realizou na UnB em 1963, uma exposição de poemas ilustrados por Hugo Mund Jr.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 21 out

## 1967

Em Ato da Reitoria nº 25 de Janeiro, o Reitor da UnB Laerte Ramos de Carvalho concede ao professor colaborador Hugo Mund Júnior, a complementação salarial equivalente a 50% de seus vencimentos básicos.

Anexo 10.

Participa, com Vicente do Rego Monteiro, da exposição *Caligramas e Ideogramas* no Instituto Central de Artes da UnB. Conforme Arnaldo Paz a exposição encerra neste dia.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 31 ago.

Segundo jornal, o Instituto Central de Artes, em Lisboa, abriu uma exposição de poemas visuais e caligramas de Hugo Mund, Vicente do Rego Monteiro e Édson Régis. Frederico de Moraes escreve que o ICA da UnB *lançou em agosto os poemas visuais de Hugo Mund Jr., e também o “poema-Édson Régis-caligramas”, de Vicente do Rego Monteiro.*

Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 8 set.; Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 5 out.

## 1968

É publicado o plano do curso Desenho de Observação, escrito por Mund, no Caderno Cultural coordenado por Hugo Auler e Olívio Tavares de Araújo. Na mesma edição é reproduzido ilustração abaixo de tradução de Abgar Renault.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 11 nov.;  
Anexo 5 e 6.

---

É publicado 10 poemas gráficos de Mund em sequência numerada.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 15 jan.;  
Anexo 6; Germens, 1977.

Poema visual de Mund ilustra poema de Alphonsus Guimarães Filho.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 27 jan.;  
Anexo 6.

Jornal informa sobre aluno fraudulento que cursou Desenho de Observação, Plástica e Xilogravura, mas, não frequentou as aulas e tem notas médias, encaminhadas por Hugo Mund professor Titular da UnB.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 8 mar.

Poema gráfico *Voo* publicado em jornal.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 9 mar.;  
Germens, 1977.

Conforme Ato da Reitoria nº338, o reitor da UnB Caio Benjamin Dias, concede licença, sem vencimentos, ao professor em exercício Hugo Mund Júnior, pelo prazo de seis meses, a partir de 13 de março de 1968.

Anexo 10.

Publica, em edição do autor, o livro *Gráficos* no Instituto Central de Artes da UnB. *Trata-se de uma experiência destinada a provocar a participação do espectador na obra cujos gráficos são lançados, através das respectivas páginas, como sugestões em forma de signos plásticos.* O jornal reproduz a introdução do livro escrita em português, inglês e francês.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 20 abr.;  
Gráficos, 1968.; Anexo 6.

Poemas gráficos *Homem, rã, flor e pássaro* são reproduzidos em jornal. Serão publicados no livro *Germens* em 1977. As imagens, aparentam veios de matriz de xilogravura, diferente de como está no livro.

Jornal do Commercio. Amazonas, 28 abr.; Anexo 6.; *Germens*, 1977.

Exposição individual de pintura no Hotel Nacional em Brasília e conta com o músico Guilherme Magalhães Vaz. A exposição ocorrerá de 15 a 24 do mês corrente, e menciona o livro *Gráficos*, recém publicado. Os poemas gráficos são publicados no Caderno Cultural do jornal. É destacado ainda, que as pinturas, seguem a linha do que ele vem produzindo e é *uma pintura didática e acessível ao entendimento geral, a partir da criança,*

*pois procura representar fatos através de signos.*

Correio Braziliense. Distrito Federal, 10 maio.;  
Anexo 6.

Ari Cunha escreve que a Gráfica da UnB tem impresso bons livros e que recebeu e leu *Gráficos* de Hugo Mund Jr. *Confesso que nunca encontrei coisa tão original. É um dicionário, de gosto, uma cachoeira de imaginações, uma flor de perfeição e um cristal de idéia. Formidável.*

Correio Braziliense. Distrito Federal, 12 maio.;  
Anexo 6.; Gráficos, 1968.

Jornal comenta sobre a exposição no Hotel Nacional e o livro *Gráficos*, além de reproduzir imagem com a legenda: *'love me please love me' quadro que constará da exposição de Hugo Mund Júnior no Hotel Nacional.* Sobre *Gráficos*, a nota informa que o poeta francês Jean François Bory, da revista *Approches*, diz: *É um livro esplêndido e no gênero do que buscamos realizar no grupo "Approches".*

Correio Braziliense. Distrito Federal, 14 maio.

Vera Pedrosa publica fotografia de Hugo Mund com trabalho *Abertura* ao fundo e escreve sobre a exposição no Hotel Nacional. Afirmo que recebeu o livro *Gráficos: poema em linguagem visual, é uma experiência silenciosa, de boa qualidade técnica, com um desenvolvimento temporal* e comenta que Mund solicitou o endereço da editora do livro *Kinetic*, do crítico e curador inglês Guy Brett. Vera, filha de Mário Pedrosa, era embaixadora neste período.

Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 19 maio.

Na ocasião do encerramento da exposição no Hotel Nacional, foi redigido uma análise dos trabalhos.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 14 e 24 de maio.; Anexo 6.

Frederico de Moraes informa sobre a exposição no Hotel Nacional e afirma que Mund *vem publicando seus poemas gráficos no suplemento literário do Correio Braziliense*.

Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 25 maio.

Walmir Ayala publica crítica ao livro *Gráficos*.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 27 jun.

Frederico de Moraes escreve *Poema no Aterro: ato coletivo* organizado pelo grupo poema processo. Em 13 de agosto *Poema no Aterro: Filme e livro*, e cita Mund como membro do grupo poema processo com Álvaro de Sá, Neide Sá, Wladimir Dias-Pino, Márcio Sampaio e Moacir Cirne.

Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 26 jul. e 13 ago.

Vera Pedrosa publica *Poesia Visual* contendo as imagens *homem, flor, rã, pássaros*. Que será publicado em *Germens*, 1977. Comenta onde o trabalho foi bem acolhido.

Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 16 ago.

Simón Alberto Consalvi, então presidente do Instituto Cultural e Belas Artes da Venezuela, esteve no Brasil, acompanhado do Diplomata Paulo Dionísio, visitou a UnB e conversou com Glênio Bianchetti, Hugo Mund e Vicente do Rego Monteiro. O verbete destaca que Simón mostrou-se impressionado com o que viu em Brasília.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 24 set.

---

Gean Maria Bittencourt escreve que: *Pelo Ministro da Educação e Cultura e D. Ema Negrão de Lima será inaugurada, hoje, às 21 horas, no Museu Histórico Nacional, a exposição Gravura Brasileira* e contém 150 expositores. Hugo está entre esses. Conforme verbete, a mostra foi organizada por Francisco Bezerra, repórter do jornal.

O Globo. Rio de Janeiro, 20 nov.

Organiza com Ézio Pires e José Edson Gomes convocatória e exposição poema-processo, a ocorrer em 30 de novembro no Salão do Slaviero. Em outra data, é dito que participam artistas de 18 estados e ocorre na TV-Brasília. Conforme o jornal, na semana seguinte, a mostra ocorrerá nos bares da cidade, e haverá debate, na emissora no dia 14 de dezembro.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 30 nov e 11 dez.

É publicado reportagem sobre mostra *Gravura Brasileira* e Hugo Mund é citado como aluno de Goeldi, e, assim como Adir Botelho, Gilvan Samico e Newton Cavalcanti, dão continuidade ao trabalho de seu professor.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 7 dez.

Walmir Ayala escreve artigo *A mínima linguagem*, e comenta trabalho de Mund.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 24 dez.

---

Cotado para edição de artes de livro, pelo editor Julio Pacello. Outros cotados são Ivan Serpa, Mira Schendel e Otávio Araújo. Não encontramos se o livro foi editado.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 8 jan.

Participa, dentre 88 selecionados de 378 inscritos, no Salão de Verão no MAM/RJ promovido pelo Jornal do Brasil. Júri composto por Walmir Ayala, Madalena Archa, Vera Pedrosa, Carmem Portinho e Elida Mangabeira.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 12 jan.

O Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF) convida para cursos. São eles: Teoria da Comunicação com W. Flusser; Comunicação e Filosofia com Roberto de Paulo Leste; Estruturas na Filosofia Contemporânea com Fernando A. Campos; Sistemas em Direito com Tércio S. Ferras; Pintura e Comunicação Visual com Samson Flexor; Música como Comunicação Auditiva por José da Veiga Oliveira; e por último Aspectos Estruturais da Comunicação Visual e Poesia ministrado por Hugo Mund Jr. Conforme a nota, inicia em 24 de março e dura 1 semestre.

Veja. São Paulo, 13 mar.

Publica pela editora Ebrasa o livro *Palavras que não são palavras* em Brasília. Valdemir Cavalcanti noticia como *em tentativa para exprimir poesia através de gráficos, palavras e desenhos*.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 25 mar.; O Jornal. Rio de Janeiro, 23 abr.

Walmir Ayala escreve sobre o livro. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 15 abr.

Moacir Cirne e Wladimir Dias Pino dizem que, como a poesia concreta, o poema processo volta-se ao problema da estrutura. Mund é citado.

Jornal do Commercio. Amazonas, 15 jun.

Catarinenses expõe na Galeria Tijuca. Jair Platt, Hassis, Mund e Tércio da Gama.

Última Hora. Paraná, 21 jun.

Walmir Ayala escreve *Cultura Visual* e comenta livro de Ziraldo. No texto diz que é preciso conhecer o trabalho de Mund.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 3 set.

Paulo Soares Koehler utiliza poema visual de Mund em um filme denominado *Ciclo*, e informa que a imagem dá movimento ao filme. Noutro jornal, nota de carta do leitor sobre reportagem acerca de obra de Hugo Mund. O leitor foi Paulo S. Hoehler, que queria contato para elaborar um filme de curta metragem sobre a obra que viu no jornal. Walmir Ayala responde que tem endereço de Brasília, mas Hugo estava em SP, portanto, aos leitores, entrar em contato caso saibam de Mund. Sai outra nota que o artista está em Rio Claro/SP lecionando.

Diário do Paraná. Paraná, 3 out.; Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 11 jun. e 4 jul.

Participa da exposição *La Nueva Poesia* na Galeria U, organizado por OVUM 10, de 8 a 21 de julho. Conforme convite, a exposição ocorreu também na Sala de Estudantes da Faculdade de Humanidades e Ciências de 12 a 22 de agosto. Jornal informa que Clemente Padín organiza a mostra no Uruguai e Dailor Varela organiza mostra de Poema/Processo em Natal/RN.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 1 jul.

Exposição individual *Projetos Visuais* no Museu Histórico e Pedagógico Amador B. da Veiga, na Avenida 2 nº572, Rio Claro/SP. Próximo a Campinas/SP. Datado de outubro deste ano. Foi noticiada por Frederico de Moraes.

Anexo 6.; Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 27 de out.

*Poema-processo tem conferência no MAM/RJ* e Hugo Mund está na lista.

Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 16 e 18 nov.

Participa de coletiva Internacional de *Poesia Experimental* em Cataguases/MG.

Anexo 10.

Participa de Internacional de *Novíssima Poesia* do Instituto Torcuato Di Tella em Buenos Aires e La Plata na Argentina. Participam da mostra Álvaro de Sá e também Dick Higgins precursor do *Fluxus*.

Anexo 10.

Participa de *Propositions Visibles de Toutes Parts* em Orleans na França.

Anexo 10.

Participa da mostra *JOPOE (jornadas de poesia)*, em Chaco na Argentina, no currículo há a expressão resistência.

Anexo 10.

## 1970

Participa da exposição *Internazionale di Poesia Avanzata* em Milão na Itália.

Anexo 10.

Walmir Ayala escreve *A música de câmara das artes plásticas*, sobre gravura, e afirma que Mund, Newton Cavalcanti e Samico foram influenciados pela atmosfera de Goeldi.

Revista Shell, 1969.

Walmir Ayala diz que o MAM/SP inaugurou, em *suas novas instalações*, o 2º Panorama da Arte Atual Brasileira. Ayala indicou nomes a Paulo de Almeida. Mund é listado e também: Eduardo Sued, Farnese de Andrade, Franz Weissmann, José Maria, Lívio Abramo, Lúcio Cardoso, Regina Katz e outros.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 16 jan.

Cria a capa para o livro *Joaninha* de Ciro Carvalho Leite pela editora Encontro de Brasília S/A.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 11 jun.

Participa da Pré-Bienal de São Paulo em Brasília. Seu nome aparece na lista do Itaú Cultural, assim como Hassis, Eli Heil. Vicente do Rego Monteiro teve sala especial em Goiás. Hugo Auler divulga a lista dos representantes de Brasília e Mund aparece com *Projeto gráfico I, II, IV e V*, conforme Júri do 1ª Encontro dos Artistas Plásticos de Brasília.

Anexo 10.; Correio Braziliense. Distrito Federal, 24 jun.

Participa da exposição coletiva do 1º Encontro dos Artistas Plásticos de Brasília ocorrida no Palácio Buriti. As obras formam a representação do DF para a Pré-Bienal de SP.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 27 jun.

Hugo Auler informa que Mund participa de mostra coletiva dia 11 de set. organizado pela Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa. Em ocasião do novo Diretor Regional do Conselho Britânico Sr. John W. N. Will. Corresponde ao 1º Encontro dos artistas de Brasília.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 9 set.

Cria a capa do livro *Subdesenvolvimento* de Gunnar Myrdal, economista sueco, pela Editora de Brasília, com tradução de Rosinethe Monteiro Soares.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 9 set.;  
Capítulo 2.3.; Germens, 1977.

Participa de exposição coletiva na Brescia, Itália, *La poesia degli anni 70: collezione internazionale di poesia visiva* no Museu Del Castello de 13 de setembro a 10 de outubro.

La poesia degli anni 70, 1970.

Walmir Ayala escreve sobre Rubem Valentim e comenta que recebeu de Mund o livro de poesia *antidiscursiva e idealmente ingênua*.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 2 nov.

Walmir Ayala informa que Mund participa da *Expo Teto*, promovido pela galeria do Banco da Lavoura de Minas Gerais aberta até 8 de janeiro de 1971. A mostra sugere compra de obra de arte como presente de Natal. Participaram também: Mary Ann Pedrosa, Guima, Vitor Décio Gehard, Cibele Varela, Antônio Mala, Nelo Nunes e José de Dome.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 4 dez.

Henrique Teixeira Tamm resolve elogiar Hugo Mund Jr., supervisor de disciplina, pela valiosa colaboração, zelo e dedicação que desempenhou suas funções. Henrique assina como coordenador de educação média da Secretaria de Educação e Cultura do Distrito Federal.

Anexo 10.

---

## 1971

É publicado ordem do então Ministro da Educação e Cultura, Jarbas Passarinho, para formar força tarefa para confecção das publicações do MEC, e Hugo Mund e Walmir Ayala são cotados.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 24 jan.

Exposição coletiva 2ª Barriga Verde na Galeria Açú Açú em Blumenau. Conforme Walmir Ayala a galeria foi criada por Roy Keller.

Diário do Paraná. Paraná, 10 out.; Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 26 jan. 1971.

*Mec fará uma revista moderna.* Notícia sobre o caderno *Cultura* com programação gráfica de Mund. que comenta sua intenção: *150 páginas de textos, fotos, ilustrações e muito espaço em branco. Ele diz querer despertar no leitor a vontade de ler.*

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 21 fev.

Será lançado as revistas *Cultura* (com 150 páginas e 4 cores), *Educação* (150 páginas e 2 cores) e *Legislação e Administração* (250 páginas e duas cores) do MEC. Com tiragem de 10 mil exemplares e colaboração dos escritores Pereira Lima e Ricardo Alfredo Cintra de Barros, pretende-se lançar também no exterior, *constituindo um dos grandes lançamentos editoriais brasileiros de 1971.* Mund e Walmir Ayala estão entre os editores.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 17 mar.

Anchieta Fernandes escreve sobre a 1ª Exposição Norte Riograndense de Histórias de Quadrinhos. A nota menciona Mund em sala ao lado de Bosco Lopes (RN), Álvaro de Sá (RJ), Dailor Varela (SP) e Falves da Silva (RN).

Diário de Natal. Rio Grande do Norte, 15 maio.

Walmir Ayala informa que Mund e um fotógrafo do MEC estarão em SP para criar matéria sobre a 11ª Bienal de SP.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 21 set.

Cria a capa para o livro *Antologia dos Poetas de Brasília* de Joanyr de Oliveira.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 25 set.

Integra comissão como membro do Júri de seleção de obras da 1ª Feira Universitária de Artes ocorrida na UnB. Os outros membros são Hugo Auler, o procurador Carlos Fernandes Matias e o estudante M. Cunha.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 27 nov.

Anchieta Fernandes publica *Poema processo: 4 anos (e o algo a mais do GRUPEHQ)*. Destaca a mostra comentada anteriormente que *comprovam a vanguarda nos recursos/linguagem das histórias de quadrinhos*.

O Poti. Rio Grande do Norte, 19 dez.

Participa de mostra coletiva no Uruguai, exposição *Ovum 10, exhaustiva de la nueva poesia* promovido pela Galeria U, de 7 de fevereiro a 5 de abril, a capa do convite contém imagem de Clemente Padín, comentado por Cristina Freire.

Ovum 10, 1972.

Jornal de Limeira/SP informa que a Revista Cultura do MEC, agora em cores, está disponível na Diretoria de Documentação do MEC, e Mund é membro responsável.

Letras da Província. São Paulo, abr.

Hugo foi membro da comissão de seleção do setor de Artes da 3ª FACIBRA - Feira de Artes e Ciências de Brasília. Integram o júri também Yolanda Marcelina Marin e Charles Meyer.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 21 out.

Até o momento o MEC lançou três exemplares da revista Cultura e dois da revista Educação, e que, Mund é membro responsável com outros nomes. A nota afirma que há consultoria do contista Heráclito Salles.

Diário de Pernambuco. Pernambuco, 26 out.

## 1973

Nataniel Dantas escreve sobre o falecimento do arquiteto Gregori Warchavchik, e destaca que Gregori frequentava a residência de Mund.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 4 ago. 1972.

José Nêumanne Pinto escreve sobre Mund. Contém um poema visual e uma foto do artista.

Anexo 9.

Nataniel Dantas publica *O macrobiótico Hugo Mund Jr.* e discorre sobre a crise da carne e os conselhos que Mund ofertou-o.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 23 jan.

Frederico de Moraes escreve que ocorreu na Universidade de Porto Rico em Mayaguez, por organização de Julio Plaza, uma exposição denominada *Criação*. Os brasileiros participantes foram: Augusto de Campos, Luis Paulo Baravelo, Bárrio, Dilene Campos, Edgar Braga, Eduardo Ângelo, Claudio Ferlauto, Flamarion, Frederico Moraes, Hugo Mund Jr., Maria do Carmo Seco, Regina Silveira e Valdemar Cordeiro. Frederico destaca que Júlio morou por tempo em RJ e que os materiais da mostra foram reunidos em livro.

Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 27 jan.

É citado como participante do 8º Encontro Nacional dos Escritores ocorrido no Palácio Buriti/DF.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 23 out.

Roberto Moura escreve *Poema Processo, Poesia Praxis e Poesia Underground*.

O Jornal. Rio de Janeiro, 26 out.

## 1974

Mund participa com dois trabalhos, e mais 20 artistas de Brasília, da exposição de arte decorrente da Copa Laser/74.

Correio Braziliense. Distrito Federal, N/D.

Uma nota diz que Hugo Mund foi na 3ª Bienal Internacional do Livro/SP como representante do Departamento de Documentação e Divulgação do MEC. A pedidos de Mozart B. Benquerer.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 26 jun.

Reportagem *Poema-processo e sua nova presença* menciona Mund.

O Poti. Rio Grande do Norte, 18 ago.

Hugo Auler escreve sobre o eixo Rio/SP de arte, discute nomes em Brasília e inclui Mund ao lado de Athos Bulcão e Rubem Valentim. Em 1975 ele escreve sobre o trabalho dos professores.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 26 jun. e 21 dez.; 18 fev. 1975.

## 1975

Há relato e retrato de Mund em jornal, em ocasião de sua passagem a Mestre da Ordem de Rosacruz em Brasília, sucedendo Autus Plautus.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 21 mar.

Marco Aurélio de Alcântara informa que SC vive *intensa atividade artística*, e, há exposição coletiva na Galeria Açú Açú em Blumenau com participação de Mund e outros catarinenses.

Diário de Pernambuco. Pernambuco, 8 jun.

## 1976

Participa do 3º Encontro dos Artistas Plásticos de Brasília. Frederico Morais noticia, e lista Mund como integrante. Frederico descreve o contexto artístico da capital.

O Globo. Rio de Janeiro, 12 ago.

## 1977

Publica, com edição do autor, o livro com poemas visuais *Germens* em Brasília, impresso na Gráfica Brasil Central, e apresenta texto de Walmir Ayala na contracapa. São estudos de 1967 até 1977 e envolve *imagens, gráficos, textos, poemas, projetos*.

Anexo 6.

Convidado a estruturar o Centro de Criatividade da Fundação Cultural do DF. Chamada *Arte como atitude* explica as atividades da FCDF em celebração a semana da pátria. São elas: percepção visual, artes plásticas, imagem e movimento, fotografia e cinema, expressão cênica e oficina do corpo.

Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, 6 set.; Jornal do Commercio. Amazonas, 11 set.

Frederico de Morais comenta o livro *Germens*, e outros assuntos, em *Arte depois da pop: é permitido pintar* na coluna de artes plásticas.

O Globo. Rio de Janeiro, 31, out.

Joaquim Branco escreve sobre *Germens*, de Hugo, e *Vôo sem pássaros* de Ricardo Rodrigues Marques. Verbetes *Vóos experimentais*.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 3 dez.

## 1978

A revista Tabu, reproduz poemas gráficos de Mund. Editoração de Joaquim Branco. Assinada por Dailor Varela pela Totem Edições.

Tabu nº6, dez.; Anexo 6.

É diretor do Centro de Criatividade da Fundação Cultural do Distrito Federal e Ruy Pereira da Silva é o Diretor Executivo. A FCDF abre dia 12, curso com Israel Pedrosa chamado A Cor, da pré-história aos nossos dias. O autor lançou o livro *História da Cor*.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 19 fev.

Participa da exposição coletiva *14 artistas de Brasília* na galeria recém inaugurada da Funarte/DF. A enciclopédia Itaú Cultural menciona que Athos Bulcão e Glênio Bianchetti participaram. Roberto Pontual escreve *Descontentes, mas resistentes* sobre Athos Bulcão e comenta que a galeria leva o nome de Oswaldo Goeldi.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 4 set.

Hugo Mund Jr. envia correspondência a Aldo Nunes em 28 de setembro com currículo atualizado em anexo conforme solicitado, com carimbo de endereço em Brasília. Aldo Nunes assina recebimento em 2 de outubro.

Anexo 10.

Exposição coletiva ocorrida em Joinville denominada *Artistas de Florianópolis aplaudindo Joinville*. Hugo participa.

Diário do Paraná. Paraná, 14 out.

## 1979

Jornal publica um poema visual *Silêncio, Sono, Enigma, Sonho* extraído de exemplar da Revista *Tabu*.

Correio do Sul. Minas Gerais, 31 out.; *Germens*,  
1977.

Exposição coletiva comemorativa dos 20 do GAPF no MASC.

Anexo 10.

---

Hugo Auler escreve *O desenho brasileiro hoje/79* e menciona Mund.

Jornal do Commercio. Amazonas, 10 jan.

Em novembro o Jornal Boi de Mamão nº00 publica o livro *Germens, 1977, inteirinho*, conforme menção na capa. Em duas páginas do jornal, há todas as páginas do livro do artista. No currículo do artista, diz que publicou na revista *Tlaloc* editada por Cavan McCarthy.

Anexo 6.

## 1980

---

O jornal Boi de Mamão, com Especial para Cruz e Sousa, apresenta todos os poemas e gravuras do livro *Sonetos da Noite*, 1958, editado por Mund e Silveira de Sousa.

anexo 4

Participa de mostra coletiva *Expoema 80*, 1ª Exposição de Poemas Visuais, inaugurada na Inelivro, Biblioteca Estadual Celso Kelly em 29 de agosto a 10 de setembro. Mostra organizada por Nadir Ferreira Mendonça cujos artistas principais são: Daniel Santiago, Wladimir Dias Pino, Álvaro de Sá, Joaquim Branco, Ronaldo Werneck, Hugo Mund Jr., Neide Sá, Moacyr Cirne, Aristides Klalke, Anchieta Fernandes, Lygia Pape e Herculano Villas Boas. Catálogo de Nadiá Ferreira Mendonça e programação visual de Neide Dias de Sá.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 28 ago.

Jornal de Limeira/SP informa que Mund criou vinhetas para livro *A Driade e os Dardos* de Maura de Senna, juntamente com Quirino Campofiorito, com capa de Ely Braga. Em 1978 Carlos Braga Mueller na Estante Catarinense menciona que é um bonito livro.

Letras da Província. Letras da Província. São Paulo, set.; Blumenau em Cadernos. Santa Catarina.

Exposição coletiva GAPF *Os nove da ilha* no Museu de Arte de Joinville. Conforme verbete, o MAJ estava sob direção de Harry Laus e a mostra celebrou 22 ano do GAPF.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 24 nov.

Hugo Mund Jr. participa como membro do júri de premiação do 13º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

Folha. São Paulo, 25 nov.

Roberto Pontual apresenta crítica ao livro *Artes Plásticas no Centro-Oeste* de Aline Figueiredo na qual Hugo Mund Jr. consta como um dos integrantes analisados no teor de Brasília, juntamente com Rubem Valentim, Glênio Bianchetti, Athos Bulcão, Luiz Áquila da Rocha Miranda, Solange Escosteguy e Minnie Sardinha.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro.

Participou da mostra *Tendenze e sviluppi della ricerca poetico-visuale* no Archivio Denza, Brescia na Itália.

Anexo 10.

---

## 1981

Jornal informa lançamento de uma edição com obras completas de Cruz e Sousa, organizado pela FCC, com ilustrações de 15 artistas catarinense, e Mund é um dos citados.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 19 maio.; Anexo 4.

## 1985

Lança o livro *Medusas* pela Edições Sanfona em Florianópolis. Enéas Athanázio divulga na página 245 que contém *sete pequenos poemas* de Mund, e destaca que Flávio José Cardozo e Silveira de Souza também lançaram com a Edições Sanfona.

Miranda, 2008.; Blumenau em Cadernos. Santa Catarina.

Publica o livro de poemas escritos *Ícones da Terra* com prólogo de Anderson Braga Horta e orelhas de Omar Brasil. Editora Thesaurus de Brasília.

Publicou *Espelho Ardente* com apresentação de Walmir Ayala e orelha do editor Victor Alegria. Editora Thesaurus de Brasília.

Enéas Athanázio divulga *Ícones da Terra*. Em 1986 afirma que o lançamento foi no salão nobre da Assembléia Legislativa de SC.

Blumenau em Cadernos. Santa Catarina.

Recebe o prêmio literário *IV Centenário da Paraíba* com o livro escrito, ainda não publicado, *Véspera do Coração*.

Junkes, 1997.; Anexo 10.

## 1986

---

Muda-se para Florianópolis. É convidado a reestruturar as atividades de ensino das Oficinas de Arte do MASC no Centro Integrado de Cultura.

Junkes, 1997.; Bortolin, 2010.; Anexo 10.

O poema *As partes do dia*, ainda não publicado, recebe prêmio Cidade de Belo Horizonte. É publicado como parte *Cósmica Província* em 1992.

Anexo 10.

Almeida Fischer escreve sobre o *Espelho Ardente* no texto *Imagens refletidas*.

Estado de São Paulo. São Paulo, 27 abr.

Publica o livro *Flauta de Espuma* com apresentação de Silveira de Souza pela editora Lavras de Brasília.

Publica o livro *Exercício em Branco*, com estudo introdutório por José Santiago Naud, pela Editora Thesaurus de Brasília.

*Exercício em Branco* foi o livro da semana.

Jornal dos Sports. Rio de Janeiro, 22 jun.

O poema *alvorecer do encanto* de *Véspera do Coração* é reproduzido após texto de Segismundo Spina denominado *Gregório de Matos, o “boca de brasa”*.

O Estado de São Paulo. São Paulo, 15 nov.

Jornal apresenta todos os autores publicados em 1986 e Mund é listado.

O Estado de São Paulo. São Paulo, 27 dez.

Publica *Véspera do Coração*, livro premiado em 1985, cuja impressão concluiu-se em 15 de outubro, aprovado pelo Conselho Estadual de Cultura/SC, em sessão plenária de 23 de julho, aos cuidados da Fundação Catarinense de Cultura e Massao Ohno Editor, com tiragem de 1000 exemplares.

---

## 1987

Participa de mostra *Madeira*, exposição de técnicas de gravura na Fundação Rio/RJ.

Anexo 10.

Recebe o Prêmio Estadual de Poesia Luiz Delfino com o livro de poemas escritos *Grifos e Emblemas*, publicado pela editora da UFSC em parceria com a FCC em Florianópolis. O livro conta com orelha de Alcides Buss. Salim Miguel era Diretor Executivo da Editora da UFSC.

Após saída de Harry Laus da administração do MASC, Mund assume o cargo em dezembro. Isto por ser técnico das Oficinas de Arte com Onor Filomeno.

Poema *Flauta de Espuma* é reproduzido na Revista Nacional.

Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, ed. nº468.

## 1988

Deixa a administração do MASC em março deste ano.

Anexo 10.

Em maio, publica o livro com poemas visuais *Palavra e Cor*, com edição do autor e impressão em serigrafia de Ricardo Maes Varela. Impresso nas Oficinas de Arte, em Florianópolis, com 300 exemplares assinados e numerados.

Anexo 6.

Em 18 de abril é relançado na Biblioteca Pública Estadual o livro *Sonetos da Noite* em promoção da FCC. Outro jornal diz que a publicação homenageia o centenário da Abolição e 90 anos de falecimento de Cruz e Sousa.

Blumenau em Cadernos. Santa Catarina.; O Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 9 abr.

Em concurso para alterar o Hino Nacional, organizado pelo compositor e maestro Jorge Antunes, de 53 inscritos, 12 foram selecionados para exposição de cartazes da nova proposta, em 30 de maio na UnB. Os artistas são: Reynaldo Jardim, Soiter, Anderson Braga Horta, Luiz Turiba, Clóvis Sena, Antônio Roberval Miketene, Angelo Davila, Xico Chaves, Zé Miguel, Antônio Acevedo Fernandes Filho, Pedro Paulo Lomba e Hugo Mund Jr.

Jornal do Commercio. Amazonas, 4 maio.

Enéas Athanázio informa que a Associação Profissional de Escritores de Santa Catarina (AESC) promoveu na Assembleia Legislativa do Estado a 1ª Noite da Literatura Catarinense e homenageia os escritores destaques de 86/87 que foram Flávio José Cardozo, Glauco Rodrigues Corrêa, Hugo Mund Júnior, Lauro Junkes, Silveira de Souza, Urda A. Klueger e José Gomes Neto. Mund também lançou livro, sem ser mencionado qual.

Blumenau em Cadernos. Santa Catarina.

A revista Ciência e Cultura/SP da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência nº6 informa que, com base na Emenda Constitucional nº26 de 28 de novembro de 1985, a UnB anistiou 51 professores afastados durante o regime militar, e isto inclui Hugo Mund Júnior. A serem reintegrados a partir de 1º de março deste ano. Nas páginas 616-617.

O Fluminense. Rio de Janeiro, 20 fev.

Participa da 1ª Mostra Internacional de Poesia Visual em São Paulo/SP.

Anexo 10.

Participa da mostra Expo UnB, na embaixada da França em Brasília.

Anexo 10.

Participa da mostra *Artistas Professores* do Instituto Central de Artes da UnB em Brasília.

Anexo 10.

---

## 1989

Publica o livro de poemas escritos *As vozes do Juramento* pela editora Noa Noa, impresso manualmente por Cléber Teixeira em Florianópolis. O livro contém ilustrações de Rodrigo de Haro e foram impressos 500 exemplares.

O Boletim da Comissão Catarinense de Folclore nº41 e nº42 em 1990 menciona que em 12 de outubro deste ano as cadeiras da Academia Catarinense de Letras de número 33 (patrono Renato Barbosa) e 6 (patrono Vieira da Rosa) foram preenchidas. Na primeira, a convite de Lauro Junkes, assumiu Silveira de Souza (33) e na segunda, chamada por Walmir Ayala, foi empossada por Hugo Mund Jr. O ato foi saudado pelo acadêmico Professor Rodrigues Correa. A presidência da ACL estava com Paschoal Apóstolo Pítsica. Noticiado também em jornal.

Blumenau em Cadernos. Santa Catarina. out.

Participa da mostra do GAPF ocorrida no MASC. Fábio Bruggemann escreve sobre o reencontro de 8 membros do GAPF após 30 anos da primeira mostra.

A Notícia. Santa Catarina, 6 maio.

## 1990

Jornal da FCC apresenta poemas de Maura de Senna com as gravuras de Mund editadas em 1962.

Cultura. Santa Catarina.

## 1991

Ocorre no Departamento de Língua e Literatura Vernácula da UFSC o Seminário *Sociedade e Literatura em Santa Catarina*, coordenado por Alcides Buss, e Mund esteve presente. Foram abordados os seguintes temas: Sociedade e Modernismo; O Grupo Sul; História e Ficção; O Espaço Catarinense na Narrativa Ficcional; Presença do Cotidiano - a Crônica; e Linguagem e Poesia.

Blumenau em Cadernos. Santa Catarina.

## 1992

Em 10 de dezembro Mund lança o livro de poemas escritos *Cósmica Província* no auditório do Palácio Cruz e Sousa. A obra contém poemas de 1986 até 1991 e foi impresso em julho pela Editora da UFSC ao comando de Alcides Buss em Florianópolis/SC. Último livro lançado por Hugo Mund Jr.

Blumenau em Cadernos. Santa Catarina.

Participa do 2º Festival de Arte Alternativa de Olinda/PE.

Anexo 10.

## 1993

---

É membro do conselho editorial de suplemento cultural, e o poema visual de 1992, *Limites do Olho* é publicado. Há entrevista com Mund realizada por Joca Wolff.

Ô Catarina nº3, jun.; Anexo 7.

O livro *Cósmica Província* é divulgado na coluna de Carlos Menezes. É membro do conselho editorial do Suplemento Cultural Ô Catarina nas edições: nº2 (abril), nº3 (junho), nº4 (julho), nº5 (agosto), nº6 (outubro), nº7 (novembro), nº8 (dezembro). Participam também Silveira de Souza e Beto Westphal.

O Globo. Rio de Janeiro, 9 fev.

Participa da 4ª Bienal Internacional de Poesia Visual e Experimental na Cidade do México, não encontramos dados e ano do evento.

Anexo 10.

É membro da comissão de seleção de poesia para o 1º Concurso Literário Sinergia, que resultou em uma coletânea de Conto e Poesia. Lauro Junkes, Maria Helena Camargo Régis foram os outros membros de seleção. Concurso promovido pelo Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis.

Blumenau em Cadernos. Santa Catarina.

Participa da mostra Internacional *Art Exhibition Brothers in Language* ocorrida em Natal/RN.

Anexo 10.

Blumenau em Cadernos reproduz uma publicação do Correio do Piauí com relato de Francisco Miguel de Moura, da Academia Piauiense de Letras, onde ele informa que conheceu Mund e que ele envia suas publicações em troca das dele.

*Cósmica Província* de Mund é citado na Revista Poesia Sempre/RJ nº2 enquanto ficha catalográfica. Ferreira Gullar é membro do conselho editorial.

Bianor Paulino da Costa escreve *O corte semiótico* em Hugo Mund. Reproduz imagem de *Palavra e Cor*. Referência manuscrita no documento do MASC.

A Margem. Rio Grande do Norte, ago.

---

## 1994

Integra, como membro do conselho editorial, o Suplemento Cultural Ô Catarina nas edições: nº9 (abril), nº10 (maio), nº11 (outubro). Participam também Silveira de Souza e Beto Westphal.

## 1995

Integra conselho editorial do Suplemento Cultural Ô Catarina na edição nº12 (março). Há poema *Casulo* e biografia resumida com foto. Participam também Silveira de Souza e Beto Westphal.

Concede entrevista ao professor italiano Giovanni Ricciardi. Editada em livro pela editora Unisul em 2009.

Participa com Clemente Padin, Durvalino Filho, Geraldo Magela e outros do Suplemento *Poezine* de literatura experimental nº11 em julho de 1995. Editado por Avelino de Araújo e capa de Paulo Bruscky, conforme encontrado em site de leilão Espaço Sebo nas Canelas, artes e livros.

**1996**

Colabora com o poema visual *Contato*.  
Não está no conselho editorial.

Ô Catarina nº16, jan.; Anexo 7.

**1997**

Especial Grupo Sul, reproduz *Pescadores* em fac-símile de revista de 1957. É mencionado em texto com Hassis. Não participa como colaborador nem como conselho.

Ô Catarina nº23.

## 1998

É mencionado em texto sobre livro de Antônio Hohlfeldt em Suplemento Cultural. Citado em outra edição, sobre a *Sonetos da Noite*.

Ô Catarina nº 27, jan.; Ô Catarina nº 28, mar.

O poema visual *Morrer Nascer* de Hugo Mund é reproduzido. Citado como colaborador.

Ô Catarina nº29, maio.; Anexo 7.

Silveira de Sousa menciona Mund e reproduz gravura de *Sonetos da Noite*.

Ô Catarina nº30, jul.; Anexo 4.

O poema visual *Falar Ouvir* (em Libras) é reproduzido em suplemento cultural. Mund não é citado como colaborador no editorial.

Ô Catarina nº32, nov.; Anexo 7.

Enéas Athanázio escreve em 1988 que comprou o livro *Sonetos da Noite* na Livraria Anita Garibaldi.

Blumenau em Cadernos. Santa Catarina. N/D.

## 2001

Especial de gravura catarinense traz biografia e gravura de *Sonetos da Noite*.

Ô Catarina nº46 maio.; Anexo 4.

O *Indicador catarinense das artes plásticas*, deste ano, em versão impressa, traz *Morrer Nascer* na página da letra H.

Bortolin, 2001.; Anexo 7.

**2002**

Edição especial à Guido Wilmar Sassi, trás lista *os melhores para reler* no setor poesia catarinense, elaborada por Guido. Mund está listado.

Ô Catarina n°53, set.

**2003**

Última aparição como colaborador de Ô Catarina, na edição n°56, com poema *Paraíso*. Poema encontrado em coleção *Aromas e Olhares*, não publicado em livro.

Junkes, 1997.

**2004**

Aviso da Academia Brasiliense de Letras (ABL), informando vaga na cadeira nº18, cujo patrono foi Cláudio Manoel da Costa. Abgar Renault faleceu e ocupava a cadeira, e o aviso informa a perempção da eleição de Hugo Mund Jr.

Correio Braziliense. Distrito Federal, 23 e 24 mar.

**2008**

Encontra-se convite da exposição *Momentos do Acervo do MASC*, ocorrido em 8 de agosto com destaque para a doação de desenhos de Hugo Mund Júnior. Curadoria de João Evangelista e Kamilla Nunes.

Anexo 4 e 10.

**2009**

O professor Giovanni Ricciardi publica o livro *Biografia e criação literária Volume 7: entrevistas com escritores do sul do Brasil*, pela editora Unisul de Palhoça/SC, e neste exemplar contém entrevista com Hugo Mund Júnior, datada de 1995.

**2010**

Aletea Hoffmeister Mattes publica o artigo *Cidades Oníricas de Hugo Mund Jr .* no livro *Academicismo e Modernismo em Santa Catarina*. Organizado por Rosângela Cherem e Sandra Makowiecky, publicação da UDESC.

## 2014

Mini biografia, retrato e reprodução de desenho S/T de 1961, Xilogravura *Jardim e Composição* do acervo MASC, no livro *Construtores das Artes Visuais: cinco séculos de arte em Santa Catarina V. 2*. editado por Tarcísio Mattos em Florianópolis. Editora Tempo Editorial.

Anexo 4 e 6.; Mattos, 2014.

## 2016

Em 1 de junho até 25 de julho, permanece em cartaz a mostra *História da Poesia Visual Brasileira*, no MAMAM/PE, com curadoria de Paulo e Yuri Bruscky. Sabe-se que o livro *Germens*, 1977 está incluso na exposição.

Anexo 6.

Telma Scherer publica artigo *Os olhos tristes da casa, os olhos meigos do boi: Uma leitura de quatro obras do modernismo brasileiro pertencentes ao acervo do MASC* e inclui Mund. Na revista digital DAPesquisa, v.11, n.16.

**2017**

A xilogravura *Sobrado*, 1957. esteve em cartaz na exposição *Paisagens no acervo do MASC*, em 2017.

Anexo 4.

**2018**

Clarissa Santos Silva publica artigo na revista digital DAPesquisa, v. 13, n. 20, com o título *Pés e cansaços: imagens e memórias na obra Descanso, de Hugo Mund Jr.*

## 2019

---

Ocorre de 31 de maio à 6 de outubro no SESC/SP, unidade Bom Retiro a mostra *História da Poesia Visual Brasileira*, em versão compacta, a partir do acervo de Paulo Bruscky. Contém o livro *Germens*, 1977.

Anexo 6.

